

## **DADOS BIOGRÁFICOS**

1861 - 21 de novembro: Nasce na antiga Destêrro, atual Florianópolis.

João da Cruz e Sousa. Negro sem mescla, seu pai e sua mãe conheceram a agrura da escravidão, tendo ele mesmo nascido escravo. Não entanto uni proverbial acontecimento desde o berço resguardou a obra futura do poeta, pois nasceu no lar de senhores brancos sem progênie e de coração generoso. O Marechal-de-Campo Guilherme Xavier de Sousa e sua esposa receberam-no como a um próprio filho e como a unê filho o criaram e educaram.

1882-1889 - Com Virgílio Várzea dirigiu o jornal abolicionista Tribuna Popular. A hostilidade dos brancos impeliu-o a deixar o torrão natal. Correu o Brasil de norte a sul como secretário e ponto de uma companhia dramática.

1885 - De colaboração com Virgílio Várzea publica um volume intitulado Tropos e Fantasias, seu poema de estréia.

1886 - Vai ao Rio Grande do Sul, onde é recebido triunfalmente.

1888 - Aparece de passagem no Rio, conhece alguns amigos brancos. Entre eles Nestor Vitor, que tanto fez pela sua glória. Entra ao mesmo tempo em contato com os corifeus do simbolismo europeu.

- Instável nos empregos, não conseguiu mesmo firmar-se na imprensa. O melhor que teve foi o de arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil com Cr\$ 250,00 mensais.

- Casa-se com unia senhora de raça negra. Deste casamento lhe vieram quatro filhos.

- Morrem-lhe pai e mãe e dois filhos. A esposa por algum tempo esteve louca. João da Cruz e Sousa e sua família são duramente atingidos pela miséria.

- Apesar disso, amparado por um grupo de amigos brancos, consegue continuar a trabalhar e em 1893 publica os livros Missal e Broquéis, o primeiro em prosa, o segundo em verso e com eles inspira deslumbramento e respeito.

- Nos anos posteriores criou toda a fascinante matéria de livros que só posteriormente apareceriam.

1897 - Patentea-se-lhe tuberculose violenta. Conduzido para a cidade de Sítio

(Minas Gerais), para unia tentativa de cura, aí falece a 19 de março de 1898. Veio o cadáver, ainda fora do esquife, para o Rio, num vagão de cavalos. Patrocínio manda a suas expensas fazer um enterro condigno.

## *APRESENTAÇÃO*

O movimento simbolista brasileiro, de que foi Cruz e Sousa a figura central, irrompeu, por assim dizer, do seio mesmo da inquietação desencadeada no país pela revolução de 93. Pelo menos foi este um de seus mais decisivos fatores. Houve outros, naturalmente: os de ordem climática e os de ordem cultural. A revolução referida, deflagrada pela Marinha de Guerra contra o governo presidido pelo Marechal Floriano Peixoto, ofereceu, nos Estados de Santa Catarina e Paraná, sangrentos episódios e algumas cenas vandálicas, infiltrando de melancolia o espírito da juventude nas regiões aludidas. Também o clima frio e as brumas ibernais desses lugares favoreceram a condensação do movimento renovador: o Simbolismo brasileiro partiu de Paraná e Santa Catarina, propagando-se a todo o país, mas, principalmente, às terras frescas do Rio Grande do Sul e de Minas, para atingir seu fulgor maior no Rio de Janeiro, ao tempo, como ainda hoje, ponto de convergência das mais ardentes vocações poéticas da província. O fator cultural se concretizou na vinda para o Brasil de livros de poemas de simbolistas belgas e franceses por intermédio de Medeiros e Albuquerque, João Itiberê da Cunha e outros. A situação histórica, pois, sobre a qual se desdobrou o movimento renovador foi a das lutas oriundas do traumatismo da implantação do novo regime político, o qual já tivera origem noutra mais grave traumatismo: o da abolição da escravatura, o qual saneou o ambiente moral da jovem pátria, mas produziu abalo econômico tremendo. Consolidada a República, ao de Floriano Peixoto sucederam os governos de Prudente de Moraes (1894-1898), Campos Sales (1898-1902), Rodrigues Alves (1902-1906), Afonso Pena (1906-1909), etc., que promoveram a restauração financeira, a reconstrução da metrópole federal, o reerguimento das energias produtivas, lançando a nação na eufórica esperança de grandeza futura em que veio encontrar o primeiro centenário da independência. A morte de Afonso Pena, quando Presidente da República em 1909, marca o fim do Simbolismo e o início do movimento sincretista de nossa poesia. Desde 98 desaparecera Cruz e

Sousa. Porém figuras primaciais do movimento, como Alphonsus de Guimarães, Emiliano Pernetá, Nestor Victor, Silveira Neto e outras sobreviveram longamente, atravessando o movimento sincretista e penetrando, algumas delas, no âmbito histórico do movimento modernista iniciado em 1922.

E sincretistas e modernistas fundamente tocados de simbolismo ainda hoje existem.

*ESTUDO CRITICO* - Fato extremamente curioso e, aliás, de sentido profundo, é que filho de raça negra sem mescla, embora nascido no Brasil, venha sendo atribuída, por analistas de claro discernimento, incontestemente primazia a Cruz e Sousa entre quantos em nossa pátria cantaram.

Sem dúvida, o canto em que mais fundamente pulsasse nossa alma de povo, com suas angústias, suas alegrias, seus sonhos peculiares, devera ser esperado da boca de um poeta de complexa mestiçagem, - se fosse verdade a preponderância dos fatores étnicos na condensação do milagre poético.

Pelo menos *a priori* seríamos levados a pensar que nosso canto total não poderia nascer de lábios que significassem uma só das muitas origens de nosso turbilhonário psiquismo rácico.

Ora o desmentido a essa conclusão apriorística, dá-no-lo exatamente Cruz e Sousa. O fenômeno é de interesse tanto mais positivo quanto serve a fazer-nos penetrar um pouco mais a verdadeira essência da poesia.

O ponto de partida do surto em beleza e dor do poeta negro foi, é evidente, o drama de sua cor. De início, toda a sua problemática se encerra nos estreitos limites desse drama. 1; o negro ferido pelo desprezo do branco, e hostilizado, esmagado pelo orgulho do branco, impelido pelo branco a uma vida de aflição e miséria, e, no entanto, tomado de insofreável paixão pelo branco, pela mulher branca, sobretudo, que ergue os primeiros dolorosos clamores da poesia de Cruz, e procede às misteriosas transmutações que lhe transformam o mundo numa fulguração imensa, e inatingível, de gloriosas brancuras.

Acontece, porém, que a alma humana é um dom virginal de Deus a cada ser que surge para a grande aventura da vida. Nesse dom, como nos sugere

Sciacca, nessa substância diferente algo se contém da infinitude divina, algo que é segura ponte de passagem entre o efêmero e o eterno. E, assim, um toque mínimo de pura terrenalidade, como, no caso, foi em Cruz e Sousa, aquele drama referido, pode distender-se em repercussões de infinita ressonância. No poeta de *Faróis*, a dor de ser negro e desprezado rebentou de certo ponto em diante em sofrimento metafísico, em puro clamor humano, em dor de "ser".

E eis por que sua voz, cristalizando-se em ritmos e músicas e sentidos de acuidade e originalidade impressionantes, pode dar corpo, não apenas ao nosso mais íntimo soluço de povo diferenciado, como também ao que em nosso espírito palpita de transcendente universalidade.

Não são apenas críticos patricios que chegam a tal afirmação audaciosa. Mais veementemente do que eles nesse mesmo sentido já se manifestaram penas ilustres de críticos estrangeiros. Roger Bastide, por exemplo, ou Ventura Garcia Calderon. Ou Juan Más y Pi ou Julio Noé. Bastide situa Cruz e Sousa ao lado de Mallarmé e Stefan George, vendo neles a tríade suprema do movimento simbolista universal, e dando visível preeminência nessa tríade ao poeta dos *últimos Sonetos*.

Os outros críticos citados dizem de Cruz e Sousa que ele é um dos maiores poetas do mundo em qualquer tempo e lugar.

n de fecundidade enorme contemplar-se e meditar-se na ascensão do estro de Cruz e Sousa nas direções indicadas.

Pondo de parte os poemas iniciais publicados ainda em Santa Catarina, e que não passam de simples aprendizagem, assim como os volumes de prosa do poeta, consideremos apenas os volumes dos poemas dados a lume no Rio, alguns postumamente: *Broquéis*, *Faróis*, *últimos Sonetos*, *grosso modo*. Em *Broquéis* é, substancialmente, a dor de ser negro que se exprime; em *Faróis*, a dor de ser homem, o que já representa, com relação a *Broquéis*, um ponto muito mais alto na escalada; em *últimos Sonetos*, a dor, mas também a alegria e a glória de ser espírito, de comungar com o eterno, e herdicamente sobrevoar os abismos e as sombras da pobre terrenalidade. Claro que se trata de simples esquematização, para efeitos didáticos.

*Broquéis*, de fato, não obstante a surpresa total que suscitou pela sua audácia expressional renovadora, ao tempo em que apareceu, é ainda todo ele uma procura, não apenas da expressão definitiva, mas do definitivo sentimento do mundo, que só mais tarde atingiria o poeta.

Ali é patente a luta do simbolista por exigência incoercível das próprias ânsias com o parnasiano por *habitus* da aprendizagem de começo. Poema a poema, vemos Cruz alçar-se em tremendas arrancadas, para fora do plasma do parnaso, erguendo mãos crispadas na direção das formas novas, dos ritmos irrelatados, dos símbolos essenciais. Ora, fundo e forma, substância e expressão, conteúdo e estilo não são realidades diferentes. Forma é fundo aparecendo. E não simples revestimento do fundo, ou conteúdo, ou substância. De sorte que êsse violento erguimento do ser inteiro de Cruz para as formas virgíneas significava exatamente o violento erguimento do ser inteiro de Cruz para idealizações, desejos, anelos que estavam muito além da simples dor de ser negro.

Não exemplificaremos com citações esta página exegética porque são superabundantes os exemplos no texto antológico do presente volume.

A verdade irrecusável é que, não obstante figurem em *Broquéis* poemas que prenunciam as fases mais altas e finais da poesia de Cruz, há um salto do volume citado para o intitulado *Faróis*. Agora é um mar de ondas beethovenianos que deparamos. O narcisismo do livro anterior - narcisismo que em Antero de Quental ou Leopardi, para citar apenas dois casos, nunca desapareceu - em *Faróis* se atenua até o máximo limite. Surge ainda, neste outro livro, um poema como "Meu Filho", ou os poemas dirigidos à esposa doente, nos quais o poeta se contempla a si mesmo como o indivíduo, ou seja, como negro desprezado, gemendo ao amargor de tal sina. Mas quase todo o resto é cântico de mar, do ondeante profundo, inquieto mar humano que canta só por ser mar e porque sobre ele se arqueiam as estrelas distantes.

Há outro salto de *Faróis* para os *Últimos Sonetos*. Neste chegamos a uma esfera derradeira da vertiginosa ascensão. A queixa antiga transfigurou-se em

heroicidade, em espírito de renúncia, em contemplação de uma espécie de mundo das idéias eternas, em sabedoria, em ânimo de apostolado, muitas vezes em convívio com o pensamento de Deus. Como advertimos antes, deixamos a demonstração destas teses para as notas de pé de página, com que comentamos os poemas da presente antologia.

Para pôr em relêvo mais vivo a feição de singularidade da problemática de Cruz e Sousa e, portanto, a feição de originalidade da forma cruz-e-sousiana, usemos de um pequeno e fecundo artifício.

Ponhamos o poeta negro em paralelo com Augusto dos Anjos e Antero de Quental. Os três cantores são irmãos no sentido de que, em nosso idioma, foram os que mais alto se alçaram na poesia da angústia metafísica.

Altero viveu, acima de tudo, o seu problema individual. esse problema era o da impossibilidade de conciliação de seu temperamento religioso e até místico com as filosofias negativistas que esposou por imposição das circunstâncias. Inteligência aberta para a especulação filosófica, recebeu direta e conscientemente o impacto de tais filosofias, que explicitamente aparecem nos seus poemas nada herméticos, solicitando-lhe em sofreguidão feminina a aceitação difícil. Daí os acentos de angústia metafísica, os quais fundidos a sua mágoa de irrealização pessoal, produzem todo o tumulto de beleza de sua poemática. Em Altero, todavia, as filosofias negativistas entravam apenas como aquisição intelectual, contra as quais se batia seu pendor místico incoercível. Eis o motivo por que ficou Antero preso nas malhas de um narcisismo invencível, malgrado o trágico impulso de seu sofrimento verdadeiro. Para exprimir esse *processus* doloroso, não precisou Antero de fundas inovações expressiolais, bastando-lhe o sentido lógico dos vocábulos para encarnação total de suas vivências mais íntimas.

Em Augusto dos Anjos, o fenômeno é diverso. Dando por título a seu livro o próprio nome "Eu", como que sugere um narcisismo mais denso que o de Altero. Mas os poemas outra coisa é que dizem. Augusto recebeu também o impacto de filosofias direta ou indiretamente negativistas de seu tempo. Mas não as recebeu como elemento estranho, inassimilável, à maneira de Altero. E, sim,

como substância de vida e de verdade, capaz de fecundar e soerguer o espírito, apesar de seu efeito corrosivo sobre as esperanças infinitas do homem. Augusto, em matéria de filosofia, foi, sobretudo, um evolucionista haeckeliano. O ingenuo materialismo evolucionista de Haeckel, nascido das especulações de Spencer e Darwin, é, na história da filosofia, tanque raso vedado a mergulhos de filósofos genuínos. Mas na alma do poeta produziu maravilhamento. A perspectiva de uma indefinida evolução da realidade, a partir de ínfimo plasma elemental e produzindo na caminhada infinita, gradativamente, dos mais simples para os mais complexos, todos os seres e todas as formas, mas deixando pelo caminho energias de ser que não chegaram a realização - fez-se no poeta imagem, metáfora símbolo, vivência pura, em suma: substância de beleza, e de beleza nova na poesia do mundo, razão pela qual, aparecendo em forma, havia de apresentar-se forçosamente com feição impressentida. Repare-se bem: Augusto dos Anjos não tinha a exprimir, como Antero, certos dados filosóficos, contra os quais, aliás, a alma profunda de Antero reagia. Tinha, sim, a condensar em expressão as fulgurantes vivências em que, no seu mistério interior, se haviam transformado os postulados do evolucionismo haeckeliano. Por isto mesmo, pôde servir-se dos vocábulos com seu sentido lógico apenas, mas dos vocábulos próprios à tecnologia daquele evolucionismo, e da biologia geral, retemperados, revirginados ao toque de sua sensibilidade de poeta, mas sem que precisasse proceder a nenhuma secreta alquimia vocabular para com eles produzir poesia. Em Cruz e Sousa não descobrimos, nem a interferência de postulados filosóficos inassimiláveis ao temperamento do poeta, como em Antero, nem a interferência de postulados dessa ordem dos quais o poeta fizesse substância de vida e de beleza como acontece em Augusto. No Poeta Negro o que vamos descobrir é uma ansiedade total do espírito como espírito, isto é, de partícula de eternidade perdida no seio do efêmero, como diria talvez Sciacca e por isto mesmo ascendendo, por força de um tropismo das origens, do seio do efêmero para o eterno. Vê-se que há uma espécie de platonismo ou platonismo inconsciente na arrancada para a altura do poeta de *Faróis*.

Mas esta é uma face do problema que não nos cabe aprofundar agora. O

que nos interessa no caso é que não pôde, não poderia tal ansiedade, - que subiu da simples angústia de ser negro a um sentido de largo apostolado humano, e, depois, a um anelo místico de fusão com o ser absoluto, - transfundir-se em forma se não à custa de uma reelaboração dos vocábulos, capaz de transformá-los em instrumentos de sortilégio e magia. A expressão de Cruz e Sousa é transfigurada e transfigurante, porque forma é fundo aparecendo, e fundo na poesia de Cruz é a sugerida transsubstanciação de humildes motivos de indivíduo em transcendentais intuições ou visões do que está para além de toda a contingência. E, de certa maneira, a realização do êxtase plotiniano, ou seja, um retorno do espírito, do seio da matéria escura, para o esplendor indizível, do Uno.

Não há espaço nesta pequena introdução crítica para uma eficiente análise estilística da poesia de Cruz e Sousa. O problema da expressão em Cruz e Sousa é excessivamente complexo. Aliás, não cremos que em poetas desta natureza e deste porte se possa fecundamente separar expressão de conteúdo. Mesmo porque, já o dissemos antes, "forma" é "fundo" *aparecendo*. Talvez a demonstração total desta tese audaciosa pudesse fazer-se de maneira exaustiva em estudo longo e minucioso da obra do Poeta Negro.

Como simples indicação das múltiplas direções que deveria tal estudo seguir, submeteremos a um pequeno trabalho de vivisseção uma das Criações maiores de Cruz: o soneto "Sorriso Interior" que figura à pág. 86 deste opúsculo.

Começa o poeta: "O ser que é ser..." Esta é uma das "vãs tautologias" incriminadas a Cruz e Sousa pelos seus detratores da crítica naturalista. Repetições dessa ordem, realmente freqüentes no Poeta Negro, entendiam-nas tais detratores como resíduos do *tam-tam* africano nas mais ocultas veias do poeta. Ora as repetições de Cruz e Sousa, a não ser para entendimentos medíocres, não são nem tautológicas, nem residuais no sentido indicado. São, isto sim, notações fortes de graus de significação. São simplesmente superlativos de carácter bíblico. A expressão "o ser que é ser" está na Bíblia e

nos teólogos, significando o ser substancial de Deus. O poeta não a emprega nesse plano teológico, mas em plano puramente humano, como equivalente à expressão "o homem que é homem" da linguagem comum. Esse homem em plenitude de virilidade moral e espiritual, em plenitude de dignidade interior, e "que jamais vacila", é exatamente o que "nas guerras imortais entra sem susto". E diáfano o sentido da metáfora contida no segundo verso do soneto. As "guerras imortais" só podem ser as que interessam o destino total do espírito : as guerras contra a impureza sob todos os seus aspectos: a luxúria, a covardia, a deslealdade, a inautenticidade, a concupiscência. Não é, porém, o simples contexto que nos esclarece tal sentido. 2, principalmente, a estrutura rítmica e sonora do verso referido. A explosão de sílabas claras nas palavras "guerras" e "imortais" - a claridade do é aberto fortalecida pela gutural que com ele se compõe, e a claridade do a do segundo vocábulo galvanizado pelo t que se lhe ajunta, - essa explosão sonora, fundindo-se ao sentido vocabular, e reforçando tal sentido extremamente, é que nos ergue à compreensão total do que estava no sentimento do poeta. Tanto mais que a subitânea iluminação se produz sobre o fundo neutro constituído pelo final do verso anterior ("vacila") e pelo restante do segundo verso ("entra sem susto").

E assim procede esse homem, segundo o poeta, porque dispõe de profundas reservas interiores: "o grande amor, a grande fé tranqüila", que lhe são, reparai, como um "brasão augusto". O mesmo instinto criador que levou o poeta naquele segundo verso a jungir o adjetivo "imortais" ao substantivo "guerras", disso tirando os efeitos sonoros aludidos, que soerguem a significação vocabular, levou-o a jungir o nome "brasão" ao qualificativo "augusto", com o que obteve novo prodigioso efeito, digamos, de iluminação sonora. Agora os timbres não são mais de clarins e tambores como em "guerras imortais". Mas, sim, de nobres arcadas de graves violoncelos. "Brasão augusto" é brasão real, é brasão heróico, são só pelo sentido de dicionário dos vocábulos, mas, sobretudo, pelos bordões que vibram nas palavras. E eis como à sombra da metáfora admirável, também nos aparece em transfiguração o sentido das

expressões que constituem o último verso do quarteto: "o grande amor a grande fé tranqüila".

No primeiro verso do segundo quarteto há fogos de alquimia verbal que precisam ser notados. "Abismos carnaís" e "triste argila" são construções heteróclitas, - que por isto mesmo ferem de pronto nossa sensibilidade, - de substantivo concreto com adjetivo abstrato: carnaís **ai** tem a acepção moral.

Acontece ainda que se a explosão sonora de "carnaís" dá profundidade mais lóbrega aos abismos, os *ii* de "triste" e "argila", fundindo-se um no outro, frios, inermes, dão a um só tempo mais frieza e inércia à palavra "argila" e mais pobreza e tristeza ao adjetivo "triste".

Estamos explorando sentidos, sonoridade e ritmos vocabulares. Estamos, pois, em plena análise estilística. Como, porém, dissociar essa análise estilística da análise de conteúdo, se são esses mesmos sentidos, sonoridades e ritmos vocabulares que nos dão o sentimento do poeta em carne viva, surpreendido no seu flagrante momento de gênese na alma do Poeta Negro? Cruz e Sousa não escreveu "abismos carnaís" apenas para não repetir expressão vulgar, como seria "sorvedouros do pecado", por exemplo, mas sim porque, para o seu sentimento doloroso do mundo, "os sorvedouros do pecado" eram realmente "abismos carnaís", ou seja, algo de, a um só tempo, sem fundo e tenebroso e, no entanto, fremente de sangue, de nervos, de vida viva. E não escreveu "triste argila" apenas para evitar expressão corriqueira, como seria, verbi *gratia*, "barro humano". Mas, sim, porque para ele o nosso barro humano era de fato inerte, frio, humilde como argila, triste argila encolhida sob o gelo daqueles frígidos *ii*.

Para que levar adiante a análise?

Quisemos apenas sugerir a dificuldade do problema...

*Texto de Tasso da Silveira.*

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**BROQUÉIS**  
*Cruz e Sousa*

Seigneur, mon Dieu! acordez-moi  
la grace de produire quelques  
beaux vers qui me prouvent  
à moi-même que je ne suis pas le  
dernier des hommes, que je  
ne suis pas inferieur à ceux que  
je méprise.

Baudelaire

Índice

ANTÍFONA

SIDERAÇÕES

LÉSBIA

MÚMIA

EM SONHOS...

LUBRICIDADE

MONJA

CRISTO DE BRONZE

CLAMANDO...

BRAÇOS

REGINA COELI

SONHO BRANCO

CANÇÃO DA FORMOSURA

TORRE DE OURO

CARNAL E MÍSTICO

A DOR

ENCARNAÇÃO

SONHADOR  
NOIVA DA AGONIA

LUA

SATÃ

BELEZA MORTA

AFRA

PRIMEIRA COMUNHÃO

JUDIA

VELHAS TRISTEZAS

VISÃO DA MORTE

DEUSA SERENA

TULIPA REAL

APARIÇÃO

VESPERAL

DANÇA DO VENTRE

FOEDERIS ARCA

TUBERCULOSA

FLOR DO MAR

DILACERAÇÕES

REGENERADA

SENTIMENTOS CARNAIS

CRISTAIS

SINFONIAS DO OCASO

REBELADO

MÚSICA MISTERIOSA...

SERPENTE DE CABELOS

POST-MORTEM

ALDA

ACROBATA DA DOR

ANGELUS...

LEMBRANÇAS APAGADAS

SUPREMO DESEJO

SONATA

MAJESTADE CAÍDA

INCENSOS

LUZ DOLOROSA...

TORTURA ETERNA

ANTÍFONA

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras  
De luars, de neves, de neblinas!...  
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...  
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,  
De Virgens e de Santas vaporosas...  
Brilhos errantes, mádidas frescuras  
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,  
Harmonias da Cor e do Perfume...  
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,  
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,  
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...  
Dormências de volúpicos venenos  
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,  
Inefáveis, edênicos, aéreos,  
Fecundai o Mistério destes versos  
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades  
Que fuljam, que na Estrofe se levantem  
E as emoções, todas as castidades  
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros  
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...  
Que brilhe a correção dos alabastros  
Sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça  
De carnes de mulher, delicadezas...  
Todo esse eflúvio que por ondas passa  
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões álacres,  
Desejos, vibrações, ânsias, alentos,  
Fulvas vitórias, triunfamentos acres,  
Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas  
De amores vãos, tantálicos, doentios...  
Fundas vermelhidões de velhas chagas  
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,

Nos turbilhões quiméricos do Sonho,  
 Passe, cantando, ante o perfil medonho  
 E o tropel cabalístico da Morte...

índice

## SIDERAÇÕES

Para as Estrelas de cristais gelados  
 As ânsias e os desejos vão subindo,  
 Galgando azuis e siderais noivados  
 De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Num cortejo de cânticos alados  
 Os arcanjos, as cítaras ferindo,  
 Passam, das vestes nos troféus prateados,  
 As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turíbulos de neve  
 Claro incenso aromal, límpido e leve,  
 Ondas nevoentas de Visões levanta...

E as ânsias e os desejos infinitos  
 Vão com os arcanjos formulando ritos  
 Da Eternidade que nos Astros canta...

índice

## LÉSBIA

Cróton selvagem, tinhorão lascivo,  
 Planta mortal, carnívora, sangrenta,  
 Da tua carne báquica rebenta  
 A vermelha explosão de um sangue vivo.

Nesse lábio mordente e convulsivo,  
 Ri, ri risadas de expressão violenta

O Amor, trágico e triste, e passa, lenta,  
A morte, o espasmo gélido, aflitivo...

Lésbia nervosa, fascinante e doente,  
Cruel e demoníaca serpente  
Das flamejantes atrações do gozo.

Dos teus seios acídulos, amargos,  
Fluem capros aromas e os letargos,  
Os ópios de um luar tuberculoso...

índice

## MÚMIA

Múmia de sangue e lama e terra e treva,  
Podridão feita deusa de granito,  
Que surges dos mistérios do Infinito  
Amamentada na lascívia de Eva.

Tua boca voraz se farta e ceva  
Na carne e espalhas o terror maldito,  
O grito humano, o doloroso grito  
Que um vento estranho para os limbos leva.

Báratros, criptas, dédalos atrozes  
Escancaram-se aos tétricos, ferozes  
Uivos tremendos com luxúria e cio...

Ris a punhais de frígidos sarcasmos  
E deve dar congélidos espasmos  
O teu beijo de pedra horrendo e frio!...

índice

## EM SONHOS...

Nos Santos óleos do luar, floria  
 Teu corpo ideal, com o resplendor da Helade...  
 E em toda a etérea, branda claridade  
 Como que erravam fluidos de harmonia...

As Águias imortais da Fantasia  
 Deram-te as asas e a serenidade  
 Para galgar, subir à Imensidade  
 Onde o clarão de tantos sóis radia.

Do espaço pelos lípidos velinos  
 Os Astros vieram claros, cristalinos,  
 Com chamas, vibrações, do alto, cantando...

Dos santos óleos do luar envolto  
 Teu corpo era o Astro nas esferas solto,  
 Mais Sóis e mais Estrelas fecundando!

## índice

## LUBRICIDADE

Quisera ser a serpe venenosa  
 Que dá-te medo e dá-te pesadelos  
 Para envolver-me, ó Flor maravilhosa,  
 Nos flavos turbilhões dos teus cabelos.

Quisera ser a serpe veludosa  
 Para, enroscada em múltiplos novelos,  
 Saltar-te aos seios de fluidez cheirosa  
 E babujá-los e depois mordê-los...

Talvez que o sangue impuro e flamejante  
 Do teu lânguido corpo de bacante,  
 Da langue ondulação de águas do Reno

Estranhamente se purificasse...

Pois que um veneno de áspide vorace  
Deve ser morto com igual veneno...

### índice

#### MONJA

Ó Lua, Lua triste, amargurada,  
Fantasma de brancuras vaporosas,  
A tua névea luz ciliciada  
Faz murcheecer e congelar as rosas.

Nas flóridas searas ondulosas,  
Cuja folhagem brilha fosforeada,  
Passam sombras angélicas, nivasas,  
Lua, Monja da cela constelada.

Filtros dormentes dão aos lagos quietos,  
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,  
Que vão pelo ar, noctâmbulos, pairando...

Então, ó Monja branca dos espaços,  
Parece que abres para mim os braços,  
Fria, de joelhos, trêmula, rezando...

### índice

#### CRISTO DE BRONZE

Ó Cristos de ouro, de marfim, de prata,  
Cristos ideais, serenos, luminosos,  
Ensangüentados Cristos dolorosos  
Cuja cabeça a Dor e a Luz retrata.

Ó Cristos de altivez intemerata,  
Ó Cristos de metais estrepitosos

Que gritam como os tigres venenosos  
Do desejo carnal que enerva e mata.

Cristos de pedra, de madeira e barro...  
Ó Cristo humano, estético, bizarro,  
Amortalhado nas fatais injúrias...

Na rija cruz aspérrima pregado  
Canta o Cristo de bronze do Pecado,  
Ri o Cristo de bronze das luxúrias!...

### índice

#### CLAMANDO...

Bárbaros vãos, dementes e terríveis  
Bonzos tremendos de ferrenho aspecto,  
Ah! deste ser todo o clarão secreto  
Jamais pôde inflamar-vos, Impassíveis!

Tantas guerras bizarras e incoercíveis  
No tempo e tanto, tanto imenso afeto,  
São para vós menos que um verme e inseto  
Na corrente vital pouco sensíveis.

No entanto nessas guerras mais bizarras  
De sol, clarins e rútilas fanfarras,  
Nessas radiantes e profundas guerras...

As minhas carnes se dilaceraram  
E vão, das llusões que flamejaram,  
Com o próprio sangue fecundando as terras...

### índice

#### BRAÇOS

Braços nervosos, brancas opulências,  
 Brumais brancuras, fúlgidas brancuras,  
 Alvuras castas, virginais alvuras,  
 Lactescências das raras lactescências.

As fascinantes, mórbidas dormências  
 Dos teus abraços de letais flexuras,  
 Produzem sensações de agres torturas,  
 Dos desejos as mornas florescências.

Braços nervosos, tentadoras serpes  
 Que prendem, tetanizam como os herpes,  
 Dos delírios na trêmula coorte...

Pompa de carnes tépidas e flóreas,  
 Braços de estranhas correções marmóreas,  
 Abertos para o Amor e para a Morte!

## índice

### REGINA COELI

Ó Virgem branca, Estrela dos altares,  
 Ó Rosa pulcra dos Rosais polares!

Branca, do alvor das âmbulas sagradas  
 E das níveas camélias regeladas.

Das brancuras de seda sem desmaios  
 E da lua de linho em nimbo e raios.

Regina Coeli das sidéreas flores,  
 Hóstia da Extrema-Unção de tantas dores.

Ave de prata e azul, Ave dos astros...  
 Santelmo aceso, a cintilar nos mastros...

Gôndola etérea de onde o Sonho emerge...  
Água Lustral que o meu Pecado asperge.

Bandolim do luar, Campo de giesta,  
Igreja matinal gorjeando em festa.

Aroma, Cor e Som das Ladainhas  
De Maio e Vinha verde dentre as vinhas.

Dá-me, através de cânticos, de rezas,  
O Bem, que almas acerbadas torna ilesas.

O Vinho d'ouro, ideal, que purifica  
Das seivas juvenis a força rica.

Ah! faz surgir, que brote e que floresça  
A Vinha d'ouro e o vinho resplandeça.

Pela Graça imortal dos teus Reinados  
Que a Vinha os frutos desabroche iriados.

Que frutos, flores, essa Vinha brote  
Do céu sob o estrelado chamalote.

Que a luxúria poreje de áureos cachos  
E eu um vinho de sol beba aos riachos.

Virgem, Regina, Eucaristia, Coeli,  
Vinho é o clarão que ao teu Amor impele.

Que desabrocha ensangüentadas rosas  
Dentro das naturezas luminosas.

Ó Regina do Mar! Coeli! Regina!  
Ó Lâmpada das naves do Infinito!  
Todo o Mistério azul desta Surdina  
Vem d'estranhos Missais de um novo Rito!...

## índice

## SONHO BRANCO

De linho e rosas brancas vais vestido,  
 Sonho virgem que cantas no meu peito!...  
 És do Luar o claro deus eleito,  
 Das estrelas puríssimas nascido.

Por caminho aromal, enflorescido,  
 Alvo, sereno, límpido, direito,  
 Segues, radiante, no esplendor perfeito,  
 No perfeito esplendor indefinido...

As aves sonorizam-te o caminho...  
 E as vestes frescas, do mais puro linho  
 E as rosas brancas dão-te um ar nevado...

No entanto, Ó Sonho branco de quermesse!  
 Nessa alegria em que tu vais, parece  
 Que vais infantilmente amortalhado!

## índice

## CANÇÃO DA FORMOSURA

Vinho de sol ideal canta e cintila  
 Nos teus olhos, cintila e aos lábios desce,  
 Desce a boca cheirosa e a empurpurece,  
 Cintila e canta após dentre a pupila.

Sobe, cantando, à limpidez tranqüila  
 Da tu'alma estrelada e resplandece,  
 Canta de novo e na doirada messe  
 Do teu amor se perpetua e trila...

Canta e te alaga e se derrama e alaga...  
 Num rio de ouro, iriante, se propaga  
 Na tua carne alabastrina e pura.

Cintila e canta, na canção das cores,  
 Na harmonia dos astros sonhadores,  
 A Canção imortal da Formosura!

## índice

### TORRE DE OURO

Desta torre desfraldam-se altaneiras,  
 Por sóis de céus imensos broqueladas,  
 Bandeiras reais, do azul das madrugada  
 E do íris flamejante das poncheiras.

As torres de outras regiões primeiras  
 No Amor, nas Glórias vãs arrebatadas,  
 Não elevam mais alto, desfraldadas,  
 Bravas, triunfantes, imortais bandeiras.

São pavilhões das hostes fugitivas,  
 Das guerras acres, sanguinárias, vivas,  
 Da luta que os Espíritos ufana.

Estandartes heróicos, palpitanes,  
 Vendo em marcha passar aniquilantes  
 As torvas catapultas do Nirvana!

## índice

### CARNAL E MÍSTICO

Pelas regiões tenuíssimas da bruma  
 Vagam as Virgens e as Estrelas raras...  
 Como que o leve aroma das searas  
 Todo o horizonte em derredor perfuma.

Numa evaporação de branca espuma  
 Vão diluindo as perspectivas claras...  
 Com brilhos crus e fúlgidos de tiaras  
 As Estrelas apagam-se uma a uma.

E então, na treva, em místicas dormências,  
 Desfila, com sidéreas lactescências,  
 Das Virgens o sonâmbulo cortejo...

Ó Formas vagas, nebulosidades!  
 Essência das eternas virgindades!  
 Ó intensas quimeras do Desejo...

## índice

### A DOR

Torva Babel das lágrimas, dos gritos,  
 Dos soluços, dos ais, dos longos brados,  
 A Dor galgou os mundos ignorados,  
 Os mais remotos, vagos infinitos.

Lembrando as religiões, lembrando os ritos,  
 Avassalara os povos condenados,  
 Pela treva, no horror, desesperados,  
 Na convulsão de Tântalos aflitos.

Por buzinas e trompas assoprando  
 As gerações vão todas proclamando  
 A grande Dor aos frígidos espaços...

E assim parecem, pelos tempos mudos,  
 Raças de Prometeus titânios, rudos,  
 Brutos e colossais, torcendo os braços!

## índice

## ENCARNAÇÃO

Carnais, sejam carnis tantos desejos,  
 Carnais, sejam carnis tantos anseios,  
 Palpitações e frêmitos e enleios,  
 Das harpas da emoção tantos arpejos...

Sonhos, que vão, por trêmulos adejos,  
 À noite, ao luar, intumescer os seios  
 Lácteos, de finos e azulados veios  
 De virgindade, de pudor, de pejos...

Sejam carnis todos os sonhos brumos  
 De estranhos, vagos, estrelados rumos  
 Onde as Visões do amor dormem geladas...

Sonhos, palpitações, desejos e ânsias  
 Formem, com claridades e fragrâncias,  
 A encarnação das lívidas Amadas!

## índice

## SONHADOR

Por sóis, por belos sóis alvissareiros,  
 Nos troféus do teu Sonho irás cantando,  
 As púrpuras romanas arrastando,  
 Engrinaldado de imortais loureiros.

Nobre guerreiro audaz entre os guerreiros,  
 Das Idéias as lanças sopesando,  
 Verás, a pouco e pouco, desfilando  
 Todos os teus desejos condoreiros...

Imaculado, sobre o lodo imundo,  
 Há de subir, com as vivas castidades,  
 Das tuas glórias o clarão profundo.

Há de subir, além de eternidades,  
 Diante do torvo crocitar do mundo,  
 Para o branco Sacrário das Saudades!

### índice

#### NOIVA DA AGONIA

Trêmula e só, de um tûmulo surgindo,  
 Aparição dos ermos desolados,  
 Trazes na face os frios tons magoados  
 De quem anda por tûmulos dormindo...

A alta cabeça no esplendor, cingindo  
 Cabelos de reflexos irisados,  
 Por entre auréolas de clarões prateados,  
 Lembras o aspecto de um luar diluindo...

Não és, no entanto, a torva Morte horrenda,  
 Atra, sinistra, gélida, tremenda,  
 Que as avalanches da Ilusão governa...

Mas ah! és da Agonia a Noiva triste  
 Que os longos braços lívidos abriste  
 Para abraçar-me para a Vida eterna!

### índice

#### LUA

Clâmides frescas, de brancuras frias,

Finíssimas dalmáticas de neve  
 Vestem as longas árvores sombrias,  
 Surgindo a Lua nebulosa e leve...

Névoas e névoas frígidas ondulam...  
 Alagam lácteos e fulgentes rios  
 Que na enluarda refração tremulam  
 Dentre fosforescências, calafrios...

E ondulam névoas, cetinosas rendas  
 De virginais, de prônubas alvuras...  
 Vagam baladas e visões e lendas  
 No flórido noivado das Alturas...

E fria, fluente, frouxa claridade  
 Flutua como as brumas de um letargo...  
 E erra no espaço, em toda a imensidade,  
 Um sonho doente, cilicioso, amargo...

Da vastidão dos páramos serenos,  
 Das siderais abóbadas cerúleas  
 Cai a luz em antífonas, em trenos,  
 Em misticismos, orações e dúlias...

E entre os marfins e as pratas diluídas  
 Dos lânguidos clarões tristes e enfermos,  
 Com grinaldas de roxas margaridas  
 Vagam as Virgens de cismares ermos...

Cabelos torrenciais e dolorosos  
 Bóiam nas ondas dos etéreos gelos.  
 E os corpos passam níveos, luminosos,  
 Nas ondas do luar e dos cabelos...

Vagam sombras gentis de mortas, vagam  
 Em grandes procissões, em grandes alas,  
 Dentre as auréolas, os clarões que alagam,  
 Opulências de pérolas e opalas.

E a Lua vai clorótica fulgindo  
 Nos seus alperces etereais e brancos,  
 A luz gelada e pálida diluindo  
 Das serranias pelos largos flancos...

Ó Lua das magnólias e dos lírios!  
 Geleira sideral entre as geleiras!  
 Tens a tristeza mórbida dos círios  
 E a lividez da chama das poncheiras!

Quando ressorges, quando brilhas e amas,  
 Quando de luzes a amplidão constelas,  
 Com os fulgores glaciais que tu derramas  
 Dás febre e frio, dás nevrose, gelas...

A tua dor cristalizou-se outrora  
 Na dor profunda mais dilacerada  
 E das dores estranhas, ó Astro, agora,  
 És a suprema Dor cristalizada!...

#### índice

#### SATÃ

Capro e revel, com os fabulosos cornos  
 Na fronte real de rei dos reis vetustos,  
 Com bizarros e lúbricos contornos,  
 Ei-lo Satã dentre os Satãs augustos.

Por verdes e por báquicos adornos  
 Vai c'roado de pâmpanos venustos  
 O deus pagão dos Vinhos acres, mornos,  
 Deus triunfador dos triunfadores justos.

Arcangélico e audaz, nos sóis radiantes,  
 A púrpura das glórias flamejantes,  
 Alarga as asas de relevos bravos...

O Sonho agita-lhe a imortal cabeça...  
 E solta aos sóis e estranha e ondeada e espessa  
 Canta-lhe a juba dos cabelos flavos!

## índice

## BELEZA MORTA

De leve, louro e enlanguescido helianto  
 Tens a flórea dolência con tristada...  
 Há no teu riso amargo um certo encanto  
 De antiga formosura destronada.

No corpo, de um letárgico quebranto,  
 Corpo de essência fina, delicada,  
 Sente-se ainda o harmonioso canto  
 Da carne virginal, clara e rosada.

Sente-se o canto errante, as harmonias  
 Quase apagadas, vagas, fugidias  
 E uns restos de clarão de Estrela acesa...

Como que ainda os derradeiros haustos  
 De opulências, de pompas e de faustos,  
 As relíquias saudosas da beleza.

## índice

## AFRA

Ressurges dos mistérios da luxúria,  
 Afra, tentada pelos verdes pomos,  
 Entre os silfos magnéticos e os gnomos  
 Maravilhosos da paixão purpúrea.

Carne explosiva em pólvoras e fúria  
 De desejos pagãos, por entre assomos  
 Da virgindade - casquinantes momos  
 Rindo da carne já votada à incúria.

Votada cedo ao lânguido abandono,  
Aos mórbidos delíquios como ao sono,  
Do gozo haurindo os venenosos sucos.

Sonho-te a deusa das lascivas pompas,  
A proclamar, impávida, por trompas,  
Amores mais estéreis que os eunucos!

índice

### PRIMEIRA COMUNHÃO

Grinaldas e véus brancos, véus de neve,  
Véus e grinaldas purificadores,  
Vão as Flores carnaís, as alvas Flores  
Do Sentimento delicado e leve.

Um luar de pudor, sereno e breve,  
De ignotos e de prônubos pudores,  
Erra nos pulcros virginais brancos  
Por onde o Amor parábolas descreve...

Luzes claras e augustas, luzes claras  
Douram dos templos as sagradas aras,  
Na comunhão das néveas hóstias frias...

Quando seios pubentes estremecem,  
Silfos de sonhos de volúpia crescem,  
Ondulantes, em formas alvadias...

índice

### JUDIA

Ah! Judia! Judia impenitente!  
De erma e de turva região sombria

De areia fulva, bárbara, inclemente,  
 Numa desolação, chegaste um dia...

Través o céu mais tórrido, mais quente,  
 Onde a luz mais flamívoma radia,  
 A voz dos teus, nostálgica, plangente,  
 Vibrou, chorou, clamou por ti, Judia!

Ave de melancólicos mistérios,  
 Ruflaste as asas por Azuis siderios,  
 Ébria dos vícios célebres que salvam...

Para alguns corações que ainda te buscam  
 És como os sóis que rútilos coruscam  
 E a torva terra do deserto escalvam!

índice

## VELHAS TRISTEZAS

Diluências de luz, velhas tristezas  
 Das almas que morreram para a luta!  
 Sois as sombras amadas de belezas  
 Hoje mais frias do que a pedra bruta.

Murmúrios incógnitos de gruta  
 Onde o Mar canta os salmos e as rudezas  
 De obscuras religiões - voz impoluta  
 De todas as titânicas grandezas.

Passai, lembrando as sensações antigas,  
 Paixões que foram já dóceis amigas,  
 Na luz de eternos sóis glorificadas.

Alegrias de há tempos! E hoje e agora,  
 Velhas tristezas que se vão embora  
 No poente da Saudade amortalhadas!...

## VISÃO DA MORTE

Olhos voltados para mim e abertos  
 Os braços brancos, os nervosos braços,  
 Vens d'espacos estranhos, dos espacos  
 Infinitos, intérminos, desertos...

Do teu perfil os tímidos, incertos  
 Traços indefinidos, vagos traços  
 Deixam, da luz nos ouros e nos aços,  
 Outra luz de que os céus ficam cobertos.

Deixam nos céus uma outra luz mortuária,  
 Uma outra luz de lívidos martírios,  
 De agonias, de mágoa funerária...

E causas febre e horror, frio, delírios,  
 Ó Noiva do Sepulcro, solitária,  
 Branca e sinistra no clarão dos círios!

## DEUSA SERENA

Espiritualizante Formosura  
 Gerada nas Estrelas impassíveis,  
 Deusa de formas bíblicas, flexíveis,  
 Dos eflúvios da graça e da ternura.

Açucena dos vales da Escritura,  
 Da alvura das magnólias marcesáveis,  
 Branca Via-Láctea das indefiníveis  
 Brancuras, fonte da imortal brancura.

Não veio, é certo, dos paus da terra  
 Tanta beleza que o teu corpo encerra,

Tanta luz de luar e paz saudosa...

Vem das constelações, do Azul do Oriente,  
Para triunfar maravilhosamente  
Da beleza mortal e dolorosa!

### TULIPA REAL

Carne opulenta, majestosa, fina,  
Do sol gerada nos febris carinhos,  
Há músicas, há cânticos, há vinhos  
Na tua estranha boca sulferina.

A forma delicada e alabastrina  
Do teu corpo de lípidos arminhos  
Tem a frescura virginal dos linhos  
E da neve polar e cristalina.

Deslumbramento de luxúria e gozo,  
Vem dessa carne o travo aciduloso  
De um fruto aberto aos tropicais mormaços.

Teu coração lembra a orgia dos triclinios...  
E os reis dormem bizarros e sanguíneos  
Na seda branca e pulcra dos teus braços.

### APARIÇÃO

Por uma estrada de astros e perfumes  
A Santa Virgem veio ter comigo:  
Doiravam-lhe o cabelo claros lumes  
Do sacrossanto resplendor antigo.

Dos olhos divinais no doce abrigo  
 Não tinha laivos de Paixões e ciúmes:  
 Domadora do Mal e do perigo  
 Da montanha da Fé galgara os cumes.

Vestida na alva excelsa dos Profetas  
 Falou na ideal resignação de Ascetas,  
 Que a febre dos desejos aquebranta.

No entanto os olhos d'Ela vacilavam,  
 Pelo mistério, pela dor flutuavam,  
 Vagos e tristes, apesar de Santa!

### índice

#### VESPERAL

Tardes de ouro para harpas dedilhadas  
     Por sacras solenidades  
 De catedrais em pompa, iluminadas  
     Com rituais majestades.

Tardes para quebrantos e surdinas  
     E salmos virgens e cantos  
 De vozes celestiais, de vozes finas  
     De surdinas e quebrantos...

Quando através de altas vidraçarias  
     De estilos góticos, graves,  
 O sol, no poente, abre tapeçarias,  
     Resplandecendo nas naves...

Tardes augustas, bíblicas, serenas,  
     Com silêncio de ascetérios  
 E aromas leves, castos, de açucenas  
     Nos claros ares sidéreos...

Tardes de campos repousados, quietos,  
     Nos longes emocionantes...

De rebanhos saudosos, de secretos  
Desejos vagos, errantes...

Ó Tardes de Beethoven, de sonatas,  
De um sentimento aéreo e velho...  
Tardes da antiga limpidez das pratas,  
De Epístolas do Evangelho!...

índice

### DANÇA DO VENTRE

Torva, febril, torcicolosamente,  
Numa espiral de elétricos volteios,  
Na cabeça, nos olhos e nos seios  
Fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!  
Que convulsões, que lúbricos anseios,  
Quanta volúpia e quantos bamboleios,  
Que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo  
Como reptil abjeto sobre o lodo,  
Espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme  
De um verme estranho, colossal, enorme,  
Do demônio sangrento da luxúria!

índice

### FOEDERIS ARCA

Visão que a luz dos Astros louros trazes,

Papoula real tecida de neblinas  
Leves, etéreas, vaporosas, finas,  
Com aromas de lírios e lilazes.

Brancura virgem do cristal das frases,  
Neve serena das regiões alpinas,  
Willis juncal de mãos alabastrinas,  
De fugitivas correções vivazes.

Floresces no meu Verso como o trigo,  
O trigo de ouro dentre o sol floresce  
E és a suprema Religião que eu sigo...

O Missal dos Missais, que resplandece,  
A igreja soberana que eu bendigo  
E onde murmuro a solitária prece!...

## índice

### TUBERCULOSA

Alta, a frescura da magnólia fresca,  
Da cor nupcial da flor da laranjeira,  
Doces tons d'ouro de mulher tudesca  
Na veludosa e flava cabeleira.

Raro perfil de mármore exatos,  
Os olhos de astros vivos que flamejam,  
Davam-lhe o aspecto excêntrico dos cactus  
E esse alado das pombas, quando adejam...

Radiava nela a incomparável messe  
Da saúde brotando vigorosa,  
Como o sol que entre névoas resplandece,  
Por entre a fina pele cor-de-rosa.

Era assim luminosa e delicada,  
Tão nobre sempre de beleza e graça  
Que recordava pompas de alvorada,

Sonoridades de cristais de taça.

Mas, pouco a pouco, a ideal delicadeza  
Daquele corpo virginal e fino,  
Sacrário da mais límpida beleza,  
Perdeu a graça e o brilho diamantino.

Tísica e branca, esbelta, frígida e alta  
E fraca e magra e transparente e esguia,  
Tem agora a feição de ave pernalta,  
De um pássaro alvo de aparência fria.

Mãos líricas e diáfanas, de neve,  
Rosto onde um sonho aéreo e polar flutua,  
Ela apresenta a fluidez, a leve  
Ondulação da vaporosa lua.

Entre vidraças, como numa estufa,  
No inverno glacial de vento e chuva  
Que sobre as telhas tamborila e rufa,  
Vejo-a, talhada em nitidez de luva...

E faz lembrar uma esquisita planta  
De profundos pomares fabulosos  
Ou a angélica imagem de uma Santa  
Dentre a auréola de nimbos religiosos.

A enfermidade vai-lhe, palmo a palmo,  
Ganhando o corpo, como num terreno...  
E com prelúdios místicos de salmo  
Cai-lhe a vida em crepúsculo sereno.

Jamais há de ela ter a cor saudável  
Para que a carne do seu corpo goze,  
Que o que tinha esse corpo de infável  
Cristalizou-se na tuberculose.

Foge ao mundo fatal, arbusto débil,  
Monja magoada dos estranhos ritos,  
Ó trêmula harpa soluçante, flébil,  
Ó soluçante, flébil eucaliptos...

## índice

## FLOR DO MAR

És da origem do mar, vens do secreto,  
Do estranho mar espumoso e frio  
Que põe rede de sonhos ao navio  
E o deixa balouçar, na vaga, inquieto.

Possuis do mar o deslumbrante afeto,  
As dormências nervosas e o sombrio  
E torvo aspecto aterrador, bravio  
Das ondas no atro e proceloso aspecto.

Num fundo ideal de púrpuras e rosas  
Surges das águas mucilaginosas  
Como a lua entre a névoa dos espaços...

Trazes na carne o eflorecer das vinhas,  
Auroras, virgens músicas marinhas,  
Acres aromas de algas e sargaços...

## índice

## DILACERAÇÕES

Ó carnes que eu amei sangrentamente,  
Ó volúpias letais e dolorosas,  
Essências de heliotropos e de rosas  
De essência morna, tropical, dolente...

Carnes virgens e tépidas do Oriente  
Do Sonho e das Estrelas fabulosas,  
Carnes acerbadas e maravilhosas,  
Tentadoras do sol intensamente...

Passei, dilaceradas pelos zelos,  
 Através dos profundos pesadelos  
 Que me apunhalam de mortais horrores...

Passai, passai, desfeitas em tormentos,  
 Em lágrimas, em prantos, em lamentos,  
 Em ais, em luto, em convulsões, em dores...

## índice

### REGENERADA

De mãos postas, à luz de frouxos círios  
 Rezas para as Estrelas do Infinito,  
 Para os Azuis dos siderais Empíreos  
 Das Orações o doloroso rito.

Todos os mais recônditos martírios,  
 As angústias mortais, teu lábio aflito  
 Soluça, em preces de luar e lírios,  
 Num trêmulo de frases inaudito.

Olhos, braços e lábios, mãos e seios,  
 Presos d'estranhos, místicos enleios,  
 Já nas Mágoas estão divinizados.

Mas no teu vulto ideal e penitente  
 Parece haver todo o calor veemente  
 Da febre antiga de gentis Pecados.

## índice

### SENTIMENTOS CARNAIS

Sentimentos carnaís, esses que agitam

Todo o teu ser e o tornam convulsivo...  
Sentimentos indômitos que gritam  
Na febre intensa de um desejo altivo.

Ânsias mortais, angústias que palpitam,  
Vãs dilacerações de um sonho esquivo,  
Perdido, errante, pelos céus, que fitam  
Do alto, nas almas, o tormento vivo.

Vãs dilacerações de um Sonho estranho,  
Errante, como ovelhas de um rebanho,  
Na noite de hóstias de astros constelada...

Errante, errante, ao turbilhão dos ventos,  
Sentimentos carnis, vãos sentimentos  
De chama pelos tempos apagada...

## índice

### CRISTAIS

Mais claro e fino do que as finas pratas  
O som da tua voz deliciava...  
Na dolência velada das sonatas  
Como um perfume a tudo perfumava.

Era um som feito luz, eram volatas  
Em lânguida espiral que iluminava,  
Branças sonoridades de cascatas...  
Tanta harmonia melancolizava.

Filtros sutis de melodias, de ondas  
De cantos volutuosos como rondas  
De silfos leves, sensuais, lascivos...

Como que anseios invisíveis, mudos,  
Da brancura das sedas e veludos,  
Das virgindades, dos pudores vivos.

## índice

## SINFONIAS DO OCASO

Musselinosas como brumas diurnas  
 Descem do acaso as sombras harmoniosas,  
 Sombras veladas e musselinosas  
 Para as profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas,  
 Os céus resplendem de sidéreas rosas,  
 Da Lua e das Estrelas majestosas  
 Iluminando a escuridão das furnas.

Ah! por estes sinfônicos ocasos  
 A terra exala aromas de áureos vasos,  
 Incensos de turíbulos divinos.

Os plenilúnios mórbidos vaporam...  
 E como que no Azul plangem e choram  
 Cítaras, harpas, bandolins, violinos...

## índice

## REBELADO

Ri tua face um riso acerbo e doente,  
 Que fere, ao mesmo tempo que contrista...  
 Riso de ateu e riso de budista  
 Gelado no Nirvana impenitente.

Flor de sangue, talvez, e flor dolente  
 De uma paixão espiritual de artista,  
 Flor de Pecado sentimentalista  
 Sangrando em riso desdenhosamente.

Da alma sombria de tranqüilo asceta  
 Bebeste, entanto, a morbidez secreta  
 Que a febre das insânias adormece.

Mas no teu lábio convulsivo e mudo  
 Mesmo até riem, com desdêns de tudo,  
 As sílabas simbólicas da Prece!

índice

### MÚSICA MISTERIOSA...

Tenda de Estrelas níveas, refulgentes,  
 Que abris a doce luz de lampadários,  
 As harmonias dos Estradivarius  
 Erram da Lua nos clarões dormentes...

Pelos raios fluídicos, diluentes  
 Dos Astros, pelos trêmulos velários,  
 Cantam Sonhos de místicos templários,  
 De ermitões e de ascetas reverentes...

Cânticos vagos, infinitos, aéreos  
 Fluir parecem dos Azuis etéreos,  
 Dentre os nevoeiros do luar fluindo...

E vai, de Estrela à Estrela, à luz da Lua,  
 Na láctea claridade que flutua,  
 A surdina das lágrimas subindo...

índice

### SERPENTE DE CABELOS

A tua trança negra e desmanchada

Por sobre o corpo nu, torso inteiriço,  
Claro, radiante de esplendor e viço,  
Ah! lembra a noite de astros apagada.

Luxúria deslumbrante e aveludada  
Através desse mármore maciço  
Da carne, o meu olhar nela espreguiço  
Felinamente, nessa trança ondeada.

E fico absorto, num torpor de coma,  
Na sensação narcótica do aroma,  
Dentre a vertigem túbida dos zelos.

És a origem do Mal, és a nervosa  
Serpente tentadora e tenebrosa,  
Tenebrosa serpente de cabelos!...

## índice

### POST-MORTEM

Quando do amor das Formas inefáveis  
No teu sangue apagar-se a imensa chama,  
Quando os brilhos estranhos e variáveis  
Esmorecerem nos troféus da Fama.

Quando as níveas Estrelas invioláveis,  
Doce velário que um luar derrama,  
Nas clareiras azuis ilimitáveis  
Clamarem tudo o que o teu Verso clama.

Já terás para os báratros descido,  
Nos cilícios da Morte revestido,  
Pés e faces e mãos e olhos gelados...

Mas os teus Sonhos e Visões e Poemas  
Pelo alto ficarão de eras supremas  
Nos relevos do Sol eternizados!

## índice

## ALDA

Alva, do alvor das límpidas geleiras,  
 Desta ressumbra candidez de aromas...  
 Parece andar em nichos e redomas  
 De Virgens medievais que foram freiras.

Alta, feita no talhe das palmeiras,  
 A coma de ouro, com o cetim das comas,  
 Branco esplendor de faces e de pomas,  
 Lembra ter asas e asas condoreiras.

Pássaros, astros, cânticos, incensos  
 Formam-lhe auréolas, sóis, nimbos imensos  
 Em torno à carne virginal e rara.

Alda faz meditar nas monjas alvas,  
 Salvas do Vício e do Pecado salvas,  
 Amortalhadas na pureza clara.

## índice

## ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,  
 Como um palhaço, que desengonçado,  
 Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado  
 De uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,  
 Agita os guizos, e convulsionado  
 Salta, gavroche, salta clown, varado  
 Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!  
 Vamos! retesa os músculos, retesa  
 Nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,  
 Afogado em teu sangue estuoso e quente,  
 Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

## índice

### ANGELUS...

Ah! lilases de Ângelus harmoniosos,  
 Neblinas vesperais, crepusculares,  
 Guslas gementes, bandolins saudosos,  
 Plangências magoadíssimas dos ares...

Serenidades etereais d'incensos,  
 De salmos evangélicos, sagrados,  
 Saltérios, harpas dos Azuis imensos,  
 Névoas de céus espiritualizados.

Ângelus fluidos, de luar dormente,  
 Diafaneidades e melancolias...  
 Silêncio vago, bíblico, pungente  
 De todas as profundas liturgias.

É nas horas dos Ângelus, nas horas  
 Do claro-escuro emocional aéreo,  
 Que surges, Flor do Sol, entre as sonoras  
 Ondulações e brumas do Mistério.

Surges, talvez, do fundo de umas eras  
 De doloroso e turvo labirinto,  
 Quando se esgota o vinho das Quimeras  
 E os venenos românticos do absinto.

Apareces por sonhos neblinantes  
 Com requintes de graça e nervosismos,

Fulgores flavos de festins flamantes,  
Como a Estrela Polar dos Simbolismos.

Num enlevo supremo eu sinto, absorto,  
Os teus maravilhosos e esquisitos  
Tons siderais de um astro rubro e morto,  
Apagado nos brilhos infinitos.

O teu perfil todo o meu ser esmalta  
Numa auréola imortal de formosuras  
E parece que rútilo ressalta  
De góticos missais de iluminuras.

Ressalta com a dolência das Imagens,  
Sem a forma vital, a forma viva,  
Com os segredos da Lua nas paisagens  
E a mesma palidez meditativa.

Nos êxtases dos místicos os braços  
Abro, tentado de carnal beleza...  
E cuido ver, na bruma dos espaços,  
De mãos postas, a orar, Santa Teresa!...

## índice

### LEMBRANÇAS APAGADAS

Outros, mais do que o meu, finos olfatos,  
Sintam aquele aroma estranho e belo  
Que tu, ó Lírio lânguido, singelo,  
Guardaste nos teus íntimos recatos.

Que outros se lembrem dos sutis e exatos  
Traços, que hoje não lembro e não revelo  
E se recordem, com profundo anelo,  
Da tua voz de siderais contatos...

Mas eu, para lembrar mortos encantos,  
Rosas murchas de graças e quebrantos,

Linhas, perfil e tanta dor saudosa.

Tanto martírio, tanta mágoa e pena,  
Precisaria de uma luz serena,  
De uma luz imortal maravilhosa!...

índice

## SUPREMO DESEJO

Eternas, imortais origens vivas  
Da Luz, do Aroma, segredantes vozes  
Do mar e luas de contemplativas,  
Vagas visões volúpicas, velozes...

Aladas alegrias sugestivas  
De asa radiante e branca de albornozes,  
Tribos gloriosas, fúlgidas, altivas,  
De condores e de águias e albatrozes...

Espiritualizai nos Astros louros,  
Do sol entre os clarões imorredouros  
Toda esta dor que na minh'alma clama...

Quero vê-la subir, ficar cantando  
Na chama das Estrelas, dardejando  
Nas luminosas sensações da chama.

índice

## SONATA

I  
Do imenso Mar maravilhoso, amargos,  
Marulhosos murmurem compungentes

Cânticos virgens de emoções latentes,  
Do sol nos mornos, mórbidos letargos...

## II

Canções, leves canções de gondoleiros,  
Canções do Amor, nostálgicas baladas,  
Cantai com o Mar, com as ondas esverdeadas,  
De lânguidos e trêmulos nevoeiros!

## III

Tritões marinhos, belos deuses rudes,  
Divindades dos tártaros abismos,  
Vibrai, com os verdes e acres eletrismos  
Das vagas, flautas e harpas e alaúdes!

## IV

Ó Mar supremo, de fragrância crua,  
De pomposas e de ásperas realezas,  
Cantai, cantai os tédios e as tristezas  
Que erram nas frias solidões da Lua...

## índice

## MAJESTADE CAÍDA

Esse cornóide deus funambulesco  
Em torno ao qual as Potestades rugem,  
Lembra os trovões, que tétricos estrugem,  
No riso alvar de truão carnavalesco.

De ironias o momo picaresco  
Abre-lhe a boca e uns dentes de ferrugem,  
Verdes gengivas de ácida salsugem  
Mostra e parece um Sátiro dantesco.

Mas ninguém nota as cóleras horríveis,  
Os chascos, os sarcasmos impassíveis  
Dessa estranha e tremenda Majestade.

Do torvo deus hediondo, atroz, nefando,  
 Senil, que embora, rindo, está chorando  
 Os Noivados em flor da Mocidade!

índice

## INCENSOS

Dentre o chorar dos trêmulos violinos,  
 Por entre os sons dos órgãos soluçantes  
 Sobem nas catedrais os neblinantes  
 Incensos vagos, que recordam hinos...

Rolos d'incensos alvadios, finos  
 E transparentes, fúlgidos, radiantes,  
 Que elevam-se aos espaços, ondulantes,  
 Em Quimeras e Sonhos diamantinos.

Relembrando turíbulos de prata  
 Incensos aromáticos desata  
 Teu corpo ebúrneo, de sedosos flancos.

Claros incensos imortais que exalam,  
 Que lânguidas e límpidas trescalam  
 As luas virgens dos teus seios brancos.

índice

## LUZ DOLOROSA...

Fulgem da Luz os Viáticos serenos,  
 Brancas Extrema-Unções dos hostiários:  
 As Estrelas dos límpidos Sacrários.  
 A nívea Lua sobre a paz dos fenos.

Há prelúdios e cânticos e trenos  
 Tristes, nos ares ermos, solitários...  
 E nos brilhos da Luz, vagos e vários,  
 Há dor, há luto, há convulsões, venenos...

Estranhas sensações maravilhosas  
 Percorrem pelos cálices das rosas,  
 Sensações sepulcrais de larvas frias...

Como que ocultas áspides flexíveis  
 Mordem da Luz os germens invisíveis  
 Com o tóxico das cóleras sombrias...

índice

#### TORTURA ETERNA

Impotência cruel, ó vã tortura!  
 Ó Força inútil, ansiedade humana!  
 Ó círculos dantescos da loucura!  
 Ó luta, ó luta secular, insana!

Que tu não possas, Alma soberana,  
 Perpetuamente refulgir na Altura,  
 Na Aleluia da Luz, na clara Hosana  
 Do Sol, cantar, imortalmente pura.

Que tu não possas, Sentimento ardente,  
 Viver, vibrar nos brilhos do ar fremente,  
 Por entre as chamas, os clarões supernos.

Ó Sons intraduzíveis, Formas, Cores!...  
 Ah! que eu não possa eternizar as dores  
 Nos bronzes e nos mármoreos eternos!

índice

## **Faróis, de Cruz e Sousa**

### **Fonte:**

Cruz e Sousa, Poesia Completa, org. de Zahidé Muzart, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística  
<<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **FARÓIS Cruz e Sousa**

### Índice

RECOLTA DE ESTRELAS

RECORDA!

CANÇÃO DO BÊBADO

A FLOR DO DIABO

AS ESTRELAS

PANDEMONIUM

ENVELHECER

FLORES DA LUA

TÉDIO

LÍRIO ASTRAL

SEM ESPERANÇA

CAVEIRA

RÉQUIEM DO SOL

ESQUECIMENTO

VIOLÕES QUE CHORAM...

OLHOS DO SONHO

ENCLAUSURADA

MÚSICA DA MORTE...

MONJA NEGRA

INEXORÁVEL

RÉQUIEM

VISÃO

PRESSAGO

RESSURREIÇÃO

ENLEVO

PIEDOSA

AUSÊNCIA MISTERIOSA

MEU FILHO

VISÃO GUIADORA

LITANIA DOS POBRES

SPLEEN DE DEUSES

DIVINA

CABELOS

OLHOS

BOCA

SEIOS

MÃOS

PÉS

CORPO

CANÇÃO NEGRA

A IRONIA DOS VERMES

INÊS

HUMILDADE SECRETA

FLOR PERIGOSA

METEMPSICOSE

OS MONGES

TRISTEZA DO INFINITO

LUAR DE LÁGRIMAS

ÉBRIOS E CEGOS

RECOLTA DE ESTRELAS

(1 out. 1895)

A Tibúrcio de Freitas

Filho meu, de nome escrito  
Da minh'alma no Infinito.

Escrito a estrelas e sangue  
No farol da lua langue...

Das tuas asas serenas  
Faz manto para estas penes.

Dá-me a esmola de um carinho  
Como a luz de um claro vinho.

Com tua mão pequenina  
Caminhos em flor me ensina.

Com teu riso fresco e suave  
Oh! Dá-me do encanto a chave.

Do teu florão de Inocência  
Dá-me as roses da Clemência.

Como outro Jesus bambino,  
Esclarece-me o Destino.

Traz luz ao mundano pego  
Onde sigo, mudo e cego...

Com teus enleios e graça  
Nos meus cuidados perpassa.

Este peito acende, inflama  
Na mais sacrossanta chama.

Faz brotar nevados lírios  
Das cruzeiras dos meus mártírios.

Dá-me um sol de estranho brilho,  
Flor das lágrimas, meu filho.

Rebento triste, orvalhado

Com tanto pranto chorado.

Filho das ânsias, das ânsias,  
Das misteriosas fragrâncias,

Filho de aromas secretos  
E de desejos inquietos.

De suspiros anelantes  
E impaciências clamantes.

Filho meu, tesouro mago  
De todo esse afeto vago...

Filho meu, torre mais alta  
De onde o meu amor se exalta.

Ânfora azul, de onde o incenso  
dos sonhos se eleva denso.

Constelação flamejada  
De toda esta vida ansiada.

Crisol onde lento, lento  
Purifico o Sentimento.

Íris curioso onde giro  
E alucinado deliro.

Signo dos signos extremos  
Destes tormentos supremos.

Orbita de astros onde paio  
E em febre de luz desvairo.

Vertigem, vertigem viva  
Da paixão mais convulsiva.

Traz-me unção, traz-me concórdia  
E paz e misericórdia.

Do teu sorriso a frescura  
Rios de ouro abra, na Altura.

Abra, acenda labaredas,  
Iluminando-me as quedas.

Flor noturna da luxúria  
Brotada de haste purpúrea.

Dos teus olhos dadivosos  
Escorram óleos preciosos...

Óleos cândidos, dos mundos  
Maravilhosos, profundos.

Óleos virgens se derramem  
E o meu viver embalsamem.

Embalsamem de eloqüentes,  
Celestes dons prefulgentes.

Para que eu possa com calma  
Erguer os castelos da alma.

Para que eu durma tranqüilo  
Lá no sepulcral Sigilo.

Ó meu Filho, ó meu eleito  
Deslumbramento perfeito.

Traz novo esplendor ao facho  
Com que altos Mistérios acho

Meu Filho, frágil e terno,  
Socorre-me do atro Inferno.

Onde vibram gládios duros  
Por ergástulos escuros.

E cruzam flamíneas, fortes,  
Negras vidas, negras mortes.

Onde tecem Satanases  
Sete círculos vorazes...

índice

RECORDA!

Quando a onda dos desejos inquietantes,  
Que do peito transborda,  
Morrer, enfim, nas amplitudes distantes,  
Recorda-te, recorda...

Revive dessa música já finda  
Que nas estrelas dorme.  
Volta-te ao mundo sedutor ainda  
Da ilusão multiforme!

Volta, recorda eternamente, volta  
Aos faróis da Esperança,  
Do Sonho estranho as grandes asas solta  
À celeste Bonança.

Recorda mágoas, lágrimas e risos  
E soluços e anseios...  
Revive dos nevoeiros indecisos  
E dos vãos devaneios.

Revive! Goza! Desolado, embora,  
Sorrindo e soluçando,  
Erguendo os véus de já passada aurora,  
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu íntimo recato  
Numa estrela perdida  
E cada coração intemerato  
Tem na estrela uma vida.

Aplica o ouvido a correnteza fria  
Dos golfões da matéria  
E recorda de que lama sombria  
E composta a miséria.

Recorda! Sonha! Nas estrelas erra,  
Beduíno do Espaço  
Aos sonhos brancos, que não são da Terra,  
Dá, sorrindo, o teu braço...

Dá o teu braço, pelos céus sorrindo  
E recordando parte  
E hás de entender os claros céus, sentindo  
Que andas a recordar-te.

Bate a porta dos Astros solitários  
Dos eternos Fulgores,  
Em busca desses mortos visionários,  
Almas de sonhadores.

Ah! volta a infância dos primeiros beijos,  
Dos momentos sidéreos,  
Volta a sede dos últimos desejos,  
Dos primeiros mistérios!

Ah! volta aos desenganos primitivos,  
Volta a essência dos anos,  
Volta aos espectros tristemente vivos,  
Ah! volta aos desenganos!

Volta aos serenos, flúridos oásis,  
Volta aos hinos profundos,  
Volta as eflorescências dos Lilazes,  
Volta, volta a esses mundos!

Fique na Sombra e no Silêncio d'alma

Todo o teu ser dolente,  
Para tranqüilo, com ternura e calma,  
Recordar docemente...

Na Sombra então e no Silêncio denso,  
Como em mágicas plagas,  
Faz acender o alampadário imenso  
Das recordações vagas...

Pousa a cabeça, meigamente pousa  
Nesse agosto Quebranto  
E nem da Terra a mais ligeira cousa  
Te desperte do Encanto.

Para o Amor, para a Dor e para o Sonho  
Nas Esferas transborda...  
E entre um soluço e um segredo risonho  
Recorda-te, recorda...

índice

## CANÇÃO DO BÊBADO

Na lama e na noite triste  
Aquele bêbado ri!  
Tu'alma velha onde existe?  
Quem se recorda de ti?

Por onde andam teus gemidos,  
Os teus noctâmbulos ais?  
Entre os bêbados perdidos  
Quem sabe do teu -- jamais?

Por que é que ficas à lua  
Contemplativo, a vagar?  
Onde a tua noiva nua  
Foi tão depressa a enterrar?

Que flores de graça doente  
Tua fronte vem florir  
Que ficas amargamente  
Bêbado, bêbado a rir?

Que vês tu nessas jornadas?  
Onde está o teu jardim  
E o teu palácio de fadas,  
Meu sonâmbulo arlequim?

De onde trazes essa bruma,  
Toda essa névoa glacial  
De flor de lânguida espuma,  
Regada de óleo mortal?

Que solução extravagante,  
Que negro, soturno fel  
Põe no teu ser doudejante  
A confusão da Babel?

Ah! das lágrimas insanas  
Que ao vinho misturas bem,  
Que de visões sobre-humanas  
Tu'alma e teus olhos tem!

Boca abismada de vinho,  
Olhos de pranto a correr,  
Bendito seja o carinho  
Que já te faça morrer!

Sim! Bendita a cova estreita  
Mais larga que o mundo vão,  
Que possa conter direita  
A noite do teu caixão!

índice

## A FLOR DO DIABO

Branca e floral como um jasmim-do-Cabo  
Maravilhosa ressurgiu um dia  
A fatal Criação do fulvo Diabo,  
Eleita do pecado e da Harmonia.

Mais do que tudo tinha um ar funesto,  
Embora tão radiante e fabulosa.  
Havia sutilezas no seu gesto  
De recordar uma serpente airosa.

Branca, surgindo das vermelhas chamas  
Do Inferno inquisitor, corrupto e langue,  
Ela lembrava, Flor de excelsas famas,  
A Via-Láctea sobre um mar de sangue.

Foi num momento de saudade e tédio,  
De grande tédio e singular Saudade,  
Que o Diabo, já das culpas sem remédio,  
Para formar a egrégia majestade,

Gerou, da poeira quente das areias  
Das praias infinitas do Desejo,  
Essa langue sereia das sereias,  
Desencantada com o calor de um beijo.

Sobre galpões de sonho os seus palácios  
Tinham bizarros e galhardos luxos.  
Mais grave de eloqüência que os Horácios,  
Vivia a vida dos perfeitos bruxos.

Sono e preguiça, mais preguiça e sono,  
Luxúrias de nababo e mais luxúrias,  
Moles coxins de lânguido abandono  
Por entre estranhas florações purpúreas.

Às vezes, sob o luar, nos rios mortos,  
Na vaga ondulação dos lagos frios,  
Boiavam diabos de chavelhos tortos,  
E de vultos macabros, fugidios.

A lua dava sensações inquietas  
As paisagens avérricas em torno  
E alguns demônios com perfis de ascetas  
Dormiam no luar um sono morno...

Foi por horas de Cisma, horas etéreas  
De magia secreta e triste, quando  
Nas lagoas letíficas, sidéreas,  
O cadáver da lua vai boiando...

Foi numa dessas noites taciturnas  
Que o velho Diabo, sábio dentre os sábios,  
Desencantado o seu poder das furnas,  
Com o riso augusto a flamejar nos lábios,

Formou a flor de encantos esquisitos

E de essências esdrúxulas e finas,  
Pondo nela oscilantes infinitos  
De vaidades e graças femininas.

E deu-lhe a quint'essência dos aromas,  
Sonoras harpas de alma, extravagancias,  
Pureza hostial e púbere de pomas,  
Toda a melancolia das distancias...

Para haver mais requinte e haver mais viva,  
Doce beleza e original carícia,  
Deu-lhe uns toques ligeiros de ave esquiva  
E uma auréola secreta de malícia.

Mas hoje o Diabo já senil, já fôssil,  
Da sua Criação desiludido,  
Perdida a antiga ingenuidade dócil,  
Chora um pranto noturno de Vencido.

Como do fundo de vitrais, de frescos  
De góticas capelas isoladas,  
Chora e sonha com mundos pitorescos,  
Na nostalgia das Regiões Sonhadas.

#### índice

#### AS ESTRELAS

Lá, nas celestes regiões distantes,  
No fundo melancólico da Esfera,  
Nos caminhos da eterna Primavera  
Do amor, eis as estrelas palpitantes.

Quantos mistérios andarão errantes,  
Quantas almas em busca da Quimera,  
Lá, das estrelas nessa paz austera  
Soluçarão, nos altos céus radiantes.

Finas flores de pérolas e prata,  
Das estrelas serenas se desata  
Toda a caudal das ilusões insanas.

Quem sabe, pelos tempos esquecidos,

Se as estrelas não são os ais perdidos  
Das primitivas legiões humanas?!

índice

PANDEMONIUM  
A Maurício Jubim

Em fundo de tristeza e de agonia  
O teu perfil passa-me noite e dia.

Aflito, aflito, amargamente aflito,  
Num gesto estranho que parece um grito.

E ondula e ondula e palpitando vaga,  
Como profunda, como velha chaga.

E paira sobre ergástulos e abismos  
Que abrem as bocas cheias de exorcismos.

Com os olhos vessos, a flutuar de esguelha,  
Segue-te atrás uma visão vermelha.

Uma visão gerada do teu sangue  
Quando no Horror te debateste exangue,

Uma visão que é tua sombra pura  
rodando na mais trágica tortura.

A sombra dos supremos sofrimentos  
Que te abalaram como negros ventos.

E a sombra as tuas voltas acompanha  
Sangrenta, horrível, assombrosa, estranha.

E o teu perfil no vácuo perpassando  
Vê rubros caracteres flamejando.

Vê rubros caracteres singulares  
De todos os festins de Baltazares.

Por toda a parte escrito em fogo eterno:  
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!

E os emissários espectrais das mortes  
Abrindo as grandes asas flamifortes...

E o teu perfil oscila, treme, ondula,  
Pelos abismos eternos circula...

Circula e vai gemendo e vai gemendo  
E suspirando outro suspiro horrendo.

E a sombra rubra que te vai seguindo  
Também parece ir soluçando e rindo.

Ir soluçando, de um soluço cavo  
Que dos venenos traz o torvo travo.

Ir soluçando e rindo entre vorazes  
Satanismos diabólicos, mordazes.

E eu já nem sei se é realidade ou sonho  
Do teu perfil o divagar medonho.

Não sei se é sonho ou realidade todo  
Esse acordar de chamas e de lodo.

Tal é a poeira extrema confundida  
Da morte a raios de ouro de outra Vida.

Tais são as convulsões do último arranco  
Presas a um sonho celestial e branco.

Tais são os vagos círculos inquietos  
Dos teus giros de lágrimas secretos.

Mas, de repente, eis que te reconheço,  
Sinto da tua vida o amargo preço.

Eis que te reconheço escravizada,  
Divina Mãe, na Dor acorrentada.

Que reconheço a tua boca presa  
Pela mordação de uma sede acesa

Presa, fechada pela atroz mordação  
Dos fundos desesperos da Desgraça.

Eis que lembro os teus olhos visionários  
Cheios do fel de bárbaros Calvários.

E o teu perfil asas abrir parece  
Para outra Luz onde ninguém padece...

Com doçuras feéricas e meigas  
De Satãs juvenis, ao luar, nas veigas.

E o teu perfil forma um saudoso vulto  
Como de Santa sem altar, sem culto.

Forma um vulto saudoso e peregrino  
De força que voltou ao seu destino.

De ser humano que sofrendo tanto  
Purificou-se nos Azuis do Encanto.

Subiu, subiu e mergulhou sozinho,  
Desamparado, no fetal caminho.

Que lá chegou transfigurado e aéreo,  
Com os aromas das flores do Mistério.

Que lá chegou e as mortas portas mudas  
Fez abalar de imprecações agudas...

E vai e vai o teu perfil ansioso,  
De ondulações fantásticas, brumoso.

E vai perdido e vai perdido, errante,  
Trêmulo, triste, vaporoso, ondeante.

Vai suspirando, num suspiro vivo  
Que palpita nas sombras incisivo...

Um suspiro profundo, tão profundo  
Que arrasta em si toda a paixão do mundo.

Suspiro de martírio, de ansiedade,  
De alívio, de mistério, de saudade.

Suspiro imenso, aterrador e que erra  
Por tudo e tudo eternamente aterra...

O pandemonium de suspiros soltos  
Dos condenados corações revoltos.

Suspiro dos suspiros ansiados  
Que rasgam peitos de dilacerados.

E mudo e pasmo e compungido e absorto,  
Vendo o teu lento e doloroso giro,  
Fico a cismar qual é o rio morto  
Onde vai divagar esse suspiro.

#### índice

#### ENVELHECER

Flor de indolência, fina e melindrosa,  
Cativante sereia da esperança,  
Cedo tiveste a crença dolorosa  
De quanto a vida é velha e como cansa...

Na lânguida, na morna morbidez  
Do teu amargo e triste celibato,  
Tu te fechaste para a Natureza  
Como a lua no célico recato.

No fundo delicado dos teus seios  
Foste esconder os sentimentos vagos,  
E todos os dolentes devaneios  
Das estrelas sonhando a flor dos lagos.

Todas as altas celas de ouro e prata

De teu claustro de Virgem sem afeto  
Fecharam sobre tu'alma timorata  
Austeras portas, com fragor secreto.

No entanto, havia no teu corpo ondeante  
As delícias sutis de um céu fugace...  
E era talvez o encanto mais picante  
A graça aldeã do teu nariz rapace.

Teus olhos tinham certa magoa nobre  
E certo fundo de doirado abismo  
E a malícia que logo se descobre  
Em olhos de felino narcotismo.

Mas na boca trazias todo o oculto  
Toque sombrio de ironia grave...  
E como que as belezas do teu vulto  
Abriam asas peregrinas de ave.

Tinhas na boca esse elixir ardente  
Da volúpia mortal dos gozos e essa  
Chama de boca, feita unicamente  
Para no gozo envelhecer depressa.

E envelheceste tanto, muito cedo,  
Sumiu-se tão depressa o teu encanto,  
Foi tão falaz o sedutor segredo  
Do teu carnal e lânguido quebranto!

Envelheceste para os vãos idílios,  
Para os estranhos estremecimentos,  
Para os brilhos iriantes dos teus cílios  
E para os sepulcrais esquecimentos.

Envelheceste para os vãos amores,  
E para os olhos, para as mãos que abrias  
Como dois talismãs de brancas flores  
E de leves e doces harmonias...

Presas, sem ar, sem sol, crepusculada  
No celibato que não tem perfume  
De todo envelheceste abandonada,  
Já como um ser que não provoca ciúme.

Envelhecer é reduzir a vida  
A sentimentos de tristeza austera,  
Enclausurá-la numa grave ermida

De luto e de silêncio sem quimera.

E envelhecer na juventude flórea,  
Do celibato emurchecido lírio  
E ficar sob os pálios da ilusória  
Melancolia, como a luz de um círio...

Envelhecer assim, virgem e forte,  
E cerrar contra o mundo a rósea porta  
Do Amor e apenas esperar a Morte,  
A alma já muda, há muito tempo morta.

Envelheces de tédio, de cansaço,  
D'ilusões e de cismas e de penes,  
Como envelhece no celeste espaço  
O turbilhão das estrelas serenas.

O Amor os corações fez interditos  
Ao teu magoado coração cativo  
E apagou-te os sublimes infinitos  
Do seu clarão fecundador e vivo.

Hoje envelheces na clausura imensa,  
Dentro de um sonho pálido feneces.  
Tua beleza veste névoa densa,  
Em surdinas e sombras envelheces.

De pranto e luar, num desolado misto,  
Cai a noite na tua puberdade  
E como a Rediviva do Imprevisto,  
Erras e sonhas pela Eternidade!

índice

FLORES DA LUA

Brancuras imortais da Lua Nova  
Frios de nostalgia e sonolência...  
Sonhos brancos da Lua e viva essência  
Dos fantasmas noctívagos da Cova.

Da noite a tarda e taciturna trova  
Soluça, numa tremula dormência...

Na mais branda, mais leve florescência  
Tudo em Visões e Imagens se renova.

Mistérios virginais dormem no Espaço,  
Dormem o sono das profundas seivas,  
Monótono, infinito, estranho e lasso...

E das Origens na luxúria forte  
Abrem nos astros, nas sidéreas leivas  
Flores amargas do palor da Morte.

## índice

### TÉDIO

Vala comum de corpos que apodrecem,  
E esverdeada gangrene  
Cobrindo vastidões que fosforescem  
Sobre a esfera terrena.

Bocejo torvo de desejos turvos,  
Languescente bocejo  
De velhos diabos de chavelhos curvos  
Rugindo de desejo.

Sangue coalhado, congelado, frio,  
Espasmado nas veias...  
Pesadelo sinistro de algum rio  
De sinistras sereias...

Alma sem rumo, a modorrar de sono,  
Mole, túrbida, lassa...  
Monotonias lúbricas de um mono  
Dançando numa praça...

Mudas epilepsias, mudas, mudas,  
Mudas epilepsias,  
Masturbações mentais, fundas, agudas,  
Negras nevrostenias.

Flores sangrentas do soturno vício  
Que as almas queima e morde...  
Música estranha de fetal suplício,

Vago, mórbido acorde...

Noite cerrada para o Pensamento  
Nebuloso degredo  
Onde em cavo clangor surdo do vento  
Rouco pragueja o medo.

Plaga vencida por tremendas pragas,  
Devorada por pestes,  
Esboroadada pelas rubras chagas  
Dos incêndios celestes.

Sabor de sangue, Lágrimas e terra  
Revolvida de fresco,  
Guerra sombria dos sentidos, guerra,  
Tantalismo dantesco.

Silêncio carregado e fundo e denso  
Como um poço secreto,  
Dobre pesado, carrilhão imenso  
Do segredo inquieto...

Florescência do Mal, hediondo parto  
Tenebroso do crime,  
Pandemonium feral de ventre farto  
Do Nirvana sublime.

Delírio contorcido, convulsivo  
De felinas serpentes,  
No silamento e no mover lascivo  
Das caudas e dos dentes.

Porco lúgubre, lúbrico, trevoso  
Do tábido pecado,  
Fuçando colossal, formidoloso  
Nos lodos do passado.

Ritmos de forças e de graças mortas,  
Melancólico exílio,  
Difusão de um mistério que abre portas  
Para um secreto idílio...

Ócio das almas ou requinte delas,  
Quint'essências, velhices  
De luas de nevroses amarelas,  
Venenosas meiguices.

Insônia morna e doente dos Espaços,  
Letargia funérea,  
Vermes, abutres a correr pedaços  
Da carne deletéria.

Um misto de saudade e de tortura,  
De lama, de Ódio e de asco,  
Carnaval infernal da Sepultura,  
Risada do carrasco.

Ó tédio amargo, ó tédio dos suspiros,  
Ó tédio d'ansiedades!  
Quanta vez eu não subo nos teus giros  
Fundas eternidades!

Quanta vez envolvido do teu luto  
Nos sudários profundos  
Eu, calado, a tremer, ao longe, escuto  
Desmoronarem mundos!

Os teus soluços, todo o grande pranto,  
Taciturnos gemidos,  
Fazem gerar flores de amargo encanto  
Nos corações doridos.

Tédio! que pões nas almas olvidadas  
Ondulações de abismo  
E sombras vesgas, lívidas, paradas,  
No mais feroz mutismo!

Tédio do Réquiem do Universo inteiro,  
Morbus negro, nefando,  
Sentimento fatal e derradeiro  
Das estrelas gelando...

O Tédio! Rei da Morte! Rei boêmio!  
Ó Fantasma enfadonho!  
És o sol negro, o criador, o gêmeo,  
Velho irmão do meu sonho!

índice

LÍRIO ASTRAL

Lírio astral, ó lírio branco  
Ó lírio astral,  
No meu derradeiro arranco  
Sê cordial!

Perfuma de graça leve  
O meu final  
Com o doce perfume breve,  
Ó lírio astral!

Dá-me esse óleo sacrossanto  
Toda a caudal  
Do óleo casto do teu pranto,  
Ó lírio astral!

Traz-me o alívio dos alívios,  
Ó virginal,  
Ó lírio dos lírios niveos,  
Ó Lírio astral!

Dentre as sonatas da lua  
Celestial,  
Lírio, vem, Lírio, flutua,  
Ó Lírio astral!

Dos raios das noites de ouro,  
Do Roseiral,  
Do constelado tesouro,  
Ó lírio astral!

Desprende o fino perfume  
Eterea  
E vem do celeste fume,  
Ó lírio astral!

Da maviosa suavidade  
Do céu floral  
Traz a meiga claridade,  
Ó lírio astral!

Que bendita e sempre pura  
E divinal  
Seja-me a tua frescura,  
Ó lírio astral!

Que ela, enfim, me transfigure,  
Na hora fatal  
E os meus sentidos apure,  
Ó lírio astral!

Que tudo que me é avaro  
De luz vital,  
Nessa hora se tome claro,  
Ó lírio astral!

Que portas de astros, rasgadas  
Num céu lírial,  
Eu veja desassombradas,  
Ó lírio astral!

Que eu possa, tranqüilo, vê-las,  
Limpo do mal,  
Essas mil portas de estrelas  
Ó lírio astral!

E penetrar nelas, calmo,  
Na paz mortal,  
Como um davidico salmo,  
O lírio astral!

Vento velho que soluça  
Meu Sonho ideal,  
No Infinito se debruça,  
Ó lírio astral!

Por isso, lá, no Momento,  
Na hora fetal,  
Perfuma esse velho vento  
Ó lírio astral!

Traz a graça do Infinito,  
Graça imortal,  
Ao velho Sonho proscrito,  
Ó lírio astral!

Adoça-me o derradeiro  
Sonho feral  
O lírio do astral Cruzeiro  
Ó lírio astral!

Se, o Lírio, ó doce Lírio  
De luz boreal

Na morte o meu claro círio,  
Ó lírio astral!

Perfuma, Lírio, perfume,  
Na hora glacial,  
Meu Sonho de Sol, de Bruma,  
Ó lírio astral!

Que eu suba na tua essência  
Sacramental  
Para a excelsa Transcendência,  
Ó lírio astral!

E lá, nas Messes divinas,  
Paire, eternal,  
Nas Esferas cristalinas,  
Ó lírio astral!

índice

## SEM ESPERANÇA

Ó cândidos fantasmas da Esperança,  
Meigos espectros do meu vão Destino,  
Volvei a mim nas leves ondas do Hino  
Sacramental de Bem-aventurança.

Nas veredas da vida a alma não cansa  
De vos buscar pelo Vergel divino  
Do céu sempre estrelado e diamantino  
Onde toda a alma no Perdão descansa.

Na volúpia da dor que me transporta,  
Que este meu ser transfunde nos Espaços,  
Sinto-te longe, ó Esperança morta.

E em vão alongo os vacilantes passos  
À procura febril da tua porta,  
Da ventura celeste dos teus braços.

índice

## CAVEIRA

I

Olhos que foram olhos, dois buracos  
Agora, fundos, no ondular da poeira...  
Nem negros, nem azuis e nem opacos.  
Caveira!

II

Nariz de linhas, correções audazes,  
De expressão aquilina e feiticeira,  
Onde os olfatos virginais, falazes?!  
Caveira! Caveira!!

III

Boca de dentes límpidos e finos,  
De curve leve, original, ligeira,  
Que é feito dos teus risos cristalinos?!  
Caveira! Caveira!! Caveira!!!

índice

## RÉQUIEM DO SOL

Águia triste do Tédio, sol cansado,  
Velho guerreiro das batalhas fortes!  
Das ilusões as trêmulas coortes  
Buscam a luz do teu clarão magoado...

A tremenda avalanche do Passado  
Que arrebatou tantos milhões de mortes  
Passa em tropel de trágicos Mavortes  
Sobre o teu coração ensangüentado...

Do alto dominas vastidões supremas  
Águia do Tédio presa nas algemas  
Da Legenda imortal que tudo engelha...

Mas lá, na Eternidade, de onde habitas,  
Vagam finas tristezas infinitas,  
Todo o mistério da beleza velha!

## índice

### ESQUECIMENTO

Ó Estrelas tranqüilas, esquecidas  
No seio das Esferas,  
Velhos bilhões de lágrimas, de vidas,  
Refulgentes Quimeras.

Astros que recordais infâncias de ouro,  
Castidades serenas,  
Irradiações de mágico tesouro,  
Aromas de açucenas.

Rosas de luz do céu resplandecente  
Ó Estrelas divinas,  
Sereias brancas da região do Oriente  
Ó Visões peregrinas!

Aves de ninhos de frouxéis de prata  
Que cantais no Infinito  
As Letras da Canção intemerata  
Do Mistério bendito.

Turíbulos de graça e encantamento  
Das sidérias umbelas,  
Desvendai-me as Mansões do Esquecimento  
Radiantes sentinelas.

Dizei que palidez de mortos lírios  
Há por estas estradas  
E se terminam todos os martírios  
Nas brumas encantadas.

Se nessas brumas encantadas choram  
Os anseios da Terra,  
Se os lírios mortos que há por lá se auroram  
De púrpuras de guerra.

Se as que há por cá titânicas cegueiras,  
Atordoadas vitórias  
Embebedam os seres nas poncheiras  
E no gozo das glórias!

O céu é o berço das estrelas brancas  
Que dormem de cansaço...  
E das almas olímpicas e francas  
O ridente regaço...

Só ele sabe, o claro céu tranqüilo  
Dos grandes resplendores,  
Qual é das almas o eternal sigilo,  
Qual o cunho das cores.

Só ele sabe, o céu das quint'essências,  
O Esquecimento ignoto  
Que tudo envolve nas letais diluências  
De um ocaso remoto...

O Esquecimento é flor, sutil, celeste,  
De palidez risonha.  
A alma das coisas languemente veste  
De um véu, como quem sonha.

Tudo no esquecimento se adelgaça...  
E nas zonas de tudo  
Na candura de tudo, extremo, passa  
Certo mistério mudo.

Como que o coração fica cantando  
Porque, trêmulo, esquece,  
Vivendo a vida de quem vai sonhando  
E no sonho estremece...

Como que o coração fica sorrindo  
De um modo grave e triste,  
Languidamente a meditar, sentindo  
Que o esquecimento existe.

Sentindo que um encanto etéreo e mago,  
Mas um lívido encanto,  
Põe nos semblantes um luar mais vago,  
Enche tudo de pranto.

Que um concerto de suplicas de magoa,  
De martírios secretos,  
Vai os olhos tornando rasos d'água  
E turvando os objetos...

Que um soluço cruel, desesperado  
Na garganta rebenta...  
Enquanto o Esquecimento alucinado  
Move a sombra nevoenta!

O rio roxo e triste, Ó rio morto,  
O rio roxo, amargo...  
Rio de vãs melancolias de Horto  
Caídas do céu largo!

Rio do esquecimento tenebroso,  
Amargamente frio,  
Amargamente sepulcral, lutuoso,  
Amargamente rio!

Quanta dor nessas ondas que tu levas,  
Nessas ondas que arrastas,  
Quanto suplício nessas tuas trevas,  
Quantas lágrimas castas!

Ó meu verso, ó meu verso, ó meu orgulho,  
Meu tormento e meu vinho,  
Minha sagrada embriaguez e arrulho  
De aves formando ninho.

Verso que me acompanhas no Perigo  
Como lança preclara,  
Que este peito defende do inimigo  
Por estrada tão rara!

O meu verso, ó meu verso soluçante,  
Meu segredo e meu guia,  
Tem dó de mim lá no supremo instante  
Da suprema agonia.

Não te esqueças de mim, meu verso insano,  
Meu verso solitário,  
Minha terra, meu céu, meu vasto oceano,  
Meu templo, meu sacrário.

Embora o esquecimento vão dissolva  
Tudo, sempre, no mundo,  
Verso! que ao menos o meu ser se envolva  
No teu amor profundo!

Esquecer e andar entre destroços  
Que além se multiplicam,

Sem reparar na lividez dos ossos  
Nem nas cinzas que ficam...

É caminhar por entre pesadelos,  
Sonâmbulo perfeito,  
Coberto de nevoeiros e de gelos,  
Com certa ânsia no peito.

Esquecer é não ter lágrimas puras,  
Nem asas para beijos  
Que voem procurando sepulturas  
E queixas e desejos!

Esquecimento! eclipse de horas mortas.  
Relógio mudo, incerto,  
Casa vazia... de cerradas portas,  
Grande vácuo, deserto.

Cinza que cai nas almas, que as consome,  
Que apaga toda a flama,  
Infinito crepúsculo sem nome,  
Voz morta a voz que a chama.

Harpa da noite, irmã do Imponderável,  
De sons languens e enfermos,  
Que Deus com o seu mistério formidável  
Faz calar pelos ermos.

Solidão de uma plaga extrema e nua,  
Onde trágica e densa  
Chora seus lírios virginiais a lua  
Lividamente imensa.

Silêncio dos silêncios sugestivos,  
Grito sem eco, eterno  
Sudário dos Azuis contemplativos,  
Florescência do Inferno.

Esquecimento! Fluido estranho, de ânsias,  
De negra majestade,  
Soluço nebuloso das Distancias  
Enchendo a Eternidade!

VIOLÕES QUE CHORAM...  
(jan. 1897)

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,  
Soluços ao luar, choros ao vento...  
Tristes perfís, os mais vagos contornos,  
Bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,  
Noites da solidão, noites remotas  
Que nos azuis da Fantasia bordo,  
Vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações a luz da lua,  
Anseio dos momentos mais saudosos,  
Quando lá choram na deserta rua  
As cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão soluçando,  
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,  
E vão dilacerando e deliciando,  
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,  
Dedos Nervosos e ágeis que percorrem  
Cordas e um mundo de dolências geram,  
Gemidos, prantos, que no espaço morrem...

E sons soturnos, suspiradas magoas,  
Mágoas amargas e melancolias,  
No sussurro monótono das águas,  
Noturnamente, entre ramagens frias.

Vozes veladas, veludosas vozes,  
Volúpias dos violões, vozes veladas,  
Vagam nos velhos vórtices velozes  
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Tudo nas cordas dos violões ecoa  
E vibra e se contorce no ar, convulso...  
Tudo na noite, tudo clama e voa  
Sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos  
São ilhas de degredo atroz, funéreo,

Para onde vão, fatigadas do sonho  
Almas que se abismaram no mistério.

Sons perdidos, nostálgicos, secretos,  
Finas, diluídas, vaporosas brumas,  
Longo desolamento dos inquietos  
Navios a vagar a flor de espumas.

Oh! languidez, languidez infinita,  
Nebulosas de sons e de queixumes,  
Vibrado coração de ânsia esquisita  
E de gritos felinos de ciúmes!

Que encantos acres nos vadios rotos  
Quando em toscos violões, por lentas horas,  
Vibram, com a graça virgem dos garotos,  
Um concerto de lágrimas sonoras!

Quando uma voz, em trêmulos, incerta,  
Palpitando no espaço, ondula, ondeia,  
E o canto sobe para a flor deserta  
Soturna e singular da lua cheia.

Quando as estrelas mágicas florescem,  
E no silêncio astral da Imensidade  
Por lagos encantados adormecem  
As pálidas ninféias da Saudade!

Como me emبالa toda essa pungência,  
Essas lacerações como me embalam,  
Como abrem asas brancas de clemência  
As harmonias dos Violões que falam!

Que graça ideal, amargamente triste,  
Nos lânguidos bordões plangendo passa...  
Quanta melancolia de anjo existe  
Nas visões melodiosas dessa graça.

Que céu, que inferno, que profundo inferno,  
Que ouros, que azuis, que lágrimas, que risos,  
Quanto magoado sentimento eterno  
Nesses ritmos trêmulos e indecisos...

Que anelos sexuais de monjas belas  
Nas ciliciadas carnes tentadoras,  
Vagando no recôndito das celas,  
Por entre as ânsias dilaceradoras...

Quanta plebéia castidade obscura  
Vegetando e morrendo sobre a lama,  
Proliferando sobre a lama impura,  
Como em perpétuos turbilhões de chama.

Que procissão sinistra de caveiras,  
De espectros, pelas sombras mortas, mudas.  
Que montanhas de dor, que cordilheiras  
De agonias aspérrimas e agudas.

Véus neblinosos, longos véus de viúvas  
Enclausuradas nos ferais desterros  
Errando aos sóis, aos vendavais e às chuvas,  
Sob abóbadas lúgubres de enterros;

Velhinhas quedas e velinhos quedos  
Cegas, cegos, velhinhas e velinhos  
Sepulcros vivos de senis segredos,  
Eternamente a caminhar sozinhos;

E na expressão de quem se vai sorrindo,  
Com as mãos bem juntas e com os pés bem juntos  
E um lenço preto o queixo comprimindo,  
Passam todos os lívidos defuntos...

E como que há histéricos espasmos  
na mão que esses violões agita, largos...  
E o som sombrio é feito de sarcasmos  
E de Sonambulismos e letargos.

Fantasmas de galés de anos profundos  
Na prisão celular atormentados,  
Sentindo nos violões os velhos mundos  
Da lembrança fiel de áureos passados;

Meigos perfis de tísicos dolentes  
Que eu vi dentre os vilões errar gemendo,  
Prostituídos de outrora, nas serpentes  
Dos vícios infernais desfalecendo;

Tipos intonsos, esgrouviados, tortos,  
Das luas tardas sob o beijo níveo,  
Para os enterros dos seus sonhos mortos  
Nas queixas dos violões buscando alívio;

Corpos frágeis, quebrados, doloridos,  
Frouxos, dormentes, adormidos, langues  
Na degenerescência dos vencidos  
De toda a geração, todos os sangues;

Marinheiros que o mar tornou mais fortes,  
Como que feitos de um poder extremo  
Para vencer a convulsão das mortes,  
Dos temporais o temporal supremo;

Veteranos de todas as campanhas,  
Enrugados por fundas cicatrizes,  
Procuram nos violões horas estranhas,  
Vagos aromas, cândidos, felizes.

Ébrios antigos, vagabundos velhos,  
Torvos despojos da miséria humana,  
Têm nos violões secretos Evangelhos,  
Toda a Bíblia fatal da dor insana.

Enxovalhados, tábidos palhaços  
De carapuças, máscaras e gestos  
Lentos e lassos, lúbricos, devassos,  
Lembrando a florescência dos incestos;

Todas as ironias suspirantes  
Que ondulam no ridículo das vidas,  
Caricaturas tétricas e errantes  
Dos malditos, dos réus, dos suicidas;

Toda essa labiríntica nevrose  
Das virgens nos românticos enleios;  
Os ocasos do Amor, toda a clorose  
Que ocultamente lhes lacera os seios;

Toda a mórbida música plebéia  
De requebros de faunos e ondas lascivas;  
A langue, mole e morna melopéia  
Das valsas alanceadas, convulsivas;

Tudo isso, num grotesco desconforme,  
Em ais de dor, em contorsões de açoites,  
Revive nos violões, acorda e dorme  
Através do luar das meias noites!

OLHOS DO SONHO  
(jan. 1897)

Certa noite soturna, solitária,  
Vi uns olhos estranhos que surgiam  
Do fundo horror da terra funerária  
Onde as visões sonâmbulas dormiam...

Nunca da terra neste leito raso  
Com meus olhos mortais, alucinados...  
Nunca tais olhos divisei acaso  
Outros olhos eu vi transfigurados.

A luz que os revestia e alimentava  
Tinha o fulgor das ardentias vagas,  
Um demônio noctâmbulo espiava  
De dentro deles como de ígneas plagas.

E os olhos caminhavam pela treva  
Maravilhosos e fosforescentes...  
Enquanto eu ia como um ser que leva  
Pesadelos fantásticos, trementes.

Na treva só os olhos, muito abertos,  
Seguiam para mim com majestade,  
Um sentimento de cruéis desertos  
Me apunhalava com atrocidade.

Só os olhos eu via, só os olhos  
Nas cavernas da treva destacando:  
Faróis de augúrio nos ferais escolhos,  
Sempre, tenazes, para mim olhando...

Sempre tenazes para mim, tenazes,  
Sem pavor e sem medo, resolutos,  
Olhos de tigres e chacais vorazes  
No instante dos assaltos mais astutos.

Só os olhos eu via! -- o corpo todo  
Se confundia com o negror em volta...  
Ó alucinações fundas do lodo  
Carnal, surgindo em tenebrosa escolta!

E os olhos me seguiam sem descanso,  
Suma perseguição de atras voragens,  
Nos narcotismos dos venenos mansos,  
Como dois mudos e sinistros pajens.

E nessa noite, em todo meu percurso,  
Nas voltas vagas, vãs e vacilantes  
Do meu caminho, esses dois olhos de urso  
Lá estavam tenazes e constantes.

Lá estavam eles, fixamente eles,  
Quietos, tranqüilos, calmos e medonhos...  
Ah! quem jamais penetrará naqueles  
Olhos estranhos dos eternos sonhos!

índice

## ENCLAUSURADA

Ó Monja dos estranhos sacrifícios,  
Meu amor imortal, Ave de garras  
E asas gloriosas, triunfais, bizarras,  
Alquebradas ao peso dos cilícios.

Reclusa flor que os mais revéis flagícios  
Abalaram com as trágicas fanfarras,  
Quando em formas exóticas de jarras  
Teu corpo tinha a embriaguez dos vícios.

Para onde foste, ó graça das mulheres,  
Graça viçosa dos vergéis de Ceres  
Sem que o meu pensamento te persiga?!

Por onde eternamente enclausuraste  
Aquela ideal delicadeza de haste,  
De esbelta e fina ateniense antiga?!

índice

## MÚSICA DA MORTE...

A musica da Morte, a nebulosa,  
Estranha, imensa musica sombria,  
Passa a tremer pela minh'alma e fria  
Gela, fica a tremer, maravilhosa...

Onda nervosa e atroz, onda nervosa,  
Letes sinistro e torvo da agonia,  
Recresce a lancinante sinfonia,  
Sobe, numa volúpia dolorosa...

Sobe, recresce, tumultuando e amarga,  
Tremenda, absurda, imponderada e larga,  
De pavores e trevas alucina...

E alucinando e em trevas delirando,  
Como um Ópio letal, vertiginando,  
Os meus nervos, letárgica, fascina...

índice

## MONJA NEGRA

É teu esse espaço, e teu todo o Infinito  
Transcendente Visão das lágrimas nascida,  
Bendito o teu sentir, para sempre bendito  
Todo o teu divagar na Esfera indefinida!

Através de teu luto as estrelas meditam  
Maravilhosamente e vaporosamente;  
Como olhos celestiais dos Arcanjos nos fitam  
Lá do fundo negror do teu luto plangente.

Almas sem rumo já, corações sem destino  
Vão em busca de ti, por vastidões incertas...  
E no teu sonho astral, mago e luciferino,  
Encontram para o amor grandes portas abertas.

Cândida Flor que aroma e tudo purifica,  
Trazes sempre contigo as sutis virgindades  
E uma caudal preciosa, interminável, rica,  
De raras sugestões e curiosidades.

As belezas do mito, as grinaldas de louro,  
Os priscos ouropéis, os símbolos já vagos,  
Tudo forma o painel de um velho fundo de ouro  
De onde surges enfim como as visões dos lagos.

Certa graça cristã, certo excelso abandono  
De Deusa que emigrou de regiões de outrora,  
Certo aéreo sentir de esquecimento e outono,  
Trazem-te as emoções de quem medita e chora.

És o imenso crisol, és o crisol profundo  
Onde se cristalizam todas as belezas,  
És o néctar da Fé, de que eu melhor me inundo.  
Ó néctar divinal das místicas purezas.

Ó Monja soluçante! Ó Monja soluçante,  
Ó Monja do Perdão, da paz e da clemência,  
Leva para bem longe este Desejo errante,  
Desta febre letal toda secreta essência.

Nos teus golfos de Além, nos lagos taciturnos,  
Nos pélagos sem fim, vorazes e medonhos,  
Abafa para sempre os soluços noturnos,  
E as dilacerações dos formidáveis Sonhos!

Não sei que Anjo fatal, que Satã fugitivo,  
Que gênios infernais, magnéticos, sombrios,  
Deram-te as amplidões e o sentimento vivo  
Do mistério com todos os seus calafrios...

A lua vem te dar mais trágica amargura,  
E mais desolação e mais melancolia,  
E as estrelas, do céu na Eucaristia pura,  
Têm a mágoa velada da Virgem Maria.

Ah! Noite original, noite desconsolada  
Monja da solidão, espiritual e augusta,  
Onde fica o teu reino, a região vedada,  
A região secreta, a região vetusta?!

Almas dos que não tem o Refúgio supremo  
De altas contemplações, dos mais altos mistérios,  
Vinde sentir da Noite o Isolamento extremo,  
Os fluidos imortais, angelicais, etéreos.

Vinde ver como são mais castos e mais belos,

Mais puros que os do dia os noturnos vapores:  
Por toda a parte no ar levantam-se castelos  
E nos parques do céu há quermesses de amores.

Volúpias, seduções, encantos feiticeiros  
Andam a embalsamar teu seio tenebroso  
E as águias da Ilusão, de vôos altaneiros,  
Crivam de asas triunfais o horizonte onduloso.

Cavaleiros do Ideal, de erguida lança em riste,  
Sonham, a percorrer teus velhos Paços cavos...  
E esse nobre esplendor de majestade triste  
Recebe outros lauréis mais bizarros e bravos.

Convulsivas paixões, convulsivas nevroses,  
Recordações senis nos teus aspectos vagam,  
Mil alucinações, mortas apoteoses  
E mil filtros sutis que mornamente embriagam.

O grande Monja negra e transfiguradora,  
Magia sem igual dos paramos eternos,  
Quem assim te criou, selvagem Sonhadora,  
Da carícia de céus e do negror d'infernos?

Quem auréolas te deu assim miraculosas  
E todo o estranho assombro e todo o estranho medo,  
Quem pôs na tua treva ondulações nervosas,  
E mudez e silêncio e sombras e segredo?

Mas ah! quanto consolo andar errando, errando,  
Perdido no teu Bem, perdido nos teus braços,  
Nos noivados da Morte andar além sonhando,  
Na unção sacramental dos teus negros Espaços!

Que glorioso troféu andar assim perdido  
Na larga vastidão do mudo firmamento,  
Na noite virginal ocultamente unguido,  
Nas transfigurações do humano sentimento!

Faz descer sobre mim os brandos véus da calma,  
Sinfonia da Dor, ó Sinfonia muda,  
Voz de todo o meu Sonho, ó noiva da minh'alma,  
Fantasma inspirador das Religiões de Buda.

O negra Monja triste, ó grande Soberana,  
Tentadora Visão que me seduzes tanto,  
Abençoa meu ser no teu doce Nirvana,

No teu Sepulcro ideal de desolado encanto!

Hóstia negra e feral da comunhão dos mortos,  
Noite criadora, mãe dos gnomos, dos vampiros,  
Passageira senil dos encantados portos,  
Ó cego sem bordão da torre dos suspiros...

Abençoa meu ser, unge-o dos óleos castos,  
Enche-o de turbilhões de sonâmbulas aves,  
Para eu me difundir nos teus Sacrários vastos,  
Para me consolar com os teus Silêncios graves.

índice

## INEXORÁVEL

Ó meu Amor, que já morreste,  
Ó meu Amor, que morta estas!  
Lá nessa cova a que desceste,  
Ó meu Amor, que já morreste,  
Ah! nunca mais floresceras?!

Ao teu esquelido esqueleto,  
Que tinha outrora de uma flor  
A graça e o encanto do amuleto;  
Ao teu esquelido esqueleto  
Não voltará novo esplendor?!

E ah! o teu crânio sem cabelos,  
Sinistro, seco, estéril, nu...  
(Belas madeixas dos meus zelos!)  
E ah! o teu crânio sem cabelos  
Há de ficar como estás tu?!

O teu nariz de asa redonda,  
De linhas límpidas, sutis  
Oh! há de ser na lama hedionda  
O teu nariz de asa redonda  
Comido pelos vermes vis?!

Os teus dois olhos -- dois encantos --  
De tudo, enfim, maravilhar,  
Sacrário augusto dos teus prantos,  
Os teus dois olhos -- dois encantos --

Em dois buracos vão ficar?!

A tua boca perfumosa  
O céu do néctar sensual  
Tão casta, fresca e luminosa,  
A tua boca perfumosa  
Vai ter o cancro sepulcral?!

As tuas mãos de nívea seda,  
De veias cândidas e azuis  
Vão se extinguir na noite trega  
As tuas mãos de nívea seda,  
Lá nesses lúgubres paus?!

As tuas tentadoras pomas  
Cheias de um magnífico elixir  
De quentes, cálidos aromas  
As tuas tentadoras pomas  
Ah! nunca mais hão de florir?!

A essência virgem da beleza,  
O gesto, o andar, o sol da voz  
Que Iluminava de pureza,  
A essência virgem da beleza  
Tudo acabou no horror atroz?!

Na funda treva dessa cova,  
Na inexorável podridão  
Já te apagaste, Estrela nova,  
Na funda treva dessa cova  
Na negra Transfiguração!

índice

## RÉQUIEM

Como os salmos dos Evangelhos celestiais,  
Os sonhos que eu amei hão de acabar,  
Quando o meu corpo, trêmulo, dos velhos  
Nos gelados outonos penetrar.

O rosto encarquilhado e as mãos já frias,  
Engelhadas, convulsas, a tremer,  
Apenas viverei das nostalgias

Que fazem para sempre envelhecer.

Por meus olhos sem brilho e fatigados  
Como sombras de outrora, passarão  
As ilusões de uns olhos constelados  
Que da Vida dourarão-me a Ilusão.

Mas tudo, enfim, as bocas perfumosas,  
O mar, o campo e tudo quanto amei,  
As auroras, o sol, pássaros, rosas,  
Tudo rirá do estado a que cheguei.

Do brilho das estrelas cristalinas  
Virá um riso irônico de dor,  
E da minh'alma subirão neblinas,  
Incensos vagos, cânticos de amor.

Por toda parte o amargo escárnio fundo,  
Sem já mais nada para mim florir,  
As risadas vandálicas do mundo  
Secos desdêns por toda a parte a rir.

Que hão de ser vãos esforços da memória  
Para lembrar os tempos virginais,  
As rugas da matéria transitória  
Hão de lá estar como a dizer: -- jamais!

E hei de subir transfigurado e lento  
Altas montanhas cheias de visões,  
Onde gelaram, num luar, nevoento,  
Tantos e solitários corações.

Recordarei as íntimas ternuras,  
De seres raros, porém mortos já,  
E de mim, do que fui, pelas torturas  
Deste viver pouco me lembrará.

O mundo clamará sinistramente  
Daquele que a velhice alquebra e alui...  
Mas ah! por mais que clame toda a gente  
Nunca dirá o que de certo eu fui.

E os dias frios e ermos da Existência  
Cairão num crepúsculo mortal,  
Na soluçante, mística plangência  
Dos órgãos de uma estranha catedral.

Para me ungir no derradeiro e ansioso  
Olhar que a extrema comoção traduz,  
Sob o celeste pálio majestoso  
Hão de passar os Viáticos da luz.

índice

## VISÃO

Noiva de Satanás, Arte maldita,  
Mago Fruto letal e proibido,  
Sonâmbula do Além, do Indefinido  
Das profundas paixões, Dor infinita.

Astro sombrio, luz amarga e aflita,  
Das Ilusões tantálico gemido,  
Virgem da Noite, do luar dorido,  
Com toda a tua Dor oh! sê bendita!

Seja bendito esse clarão eterno  
De sol, de sangue, de veneno e inferno,  
De guerra e amor e ocasos de saudade...

Sejam benditas, imortalizadas  
As almas castamente amortalhadas  
Na tua estranha e branca Majestade!

índice

## PRESSAGO

Nas águas daquele lago  
Dormita a sombra de lago...

Um véu de luar funéreo  
Cobre tudo de mistério...

Há um lívido abandono

Do luar no estranho sono.

Transfiguração enorme  
Encobre o luar que dorme...

Dá meia-noite na ermida,  
Como o último ai de uma vida.

São badaladas nevoentas,  
Sonolentas, sonolentas...

Do céu no estrelado luxo  
Passa o fantasma de um bruxo.

No mar tenebroso e tetro  
Vaga de um naufrago o espectro.

Como fantásticos signos,  
Erram demônios malignos.

Na brancura das ossadas  
Gemem as almas penadas

Lobisomens, feiticeiras  
Gargalham no luar das eiras.

Os vultos dos enforcados  
Uivam nos ventos irados.

Os sinos das torres frias  
Soluçam hipocondrias.

Luxúrias de virgens mortas  
Das tumbas rasgam as portas.

Andam torvos pesadelos  
Arrepiando os cabelos.

Coalha nos lodos abjetos  
O sangue roxo dos fetos.

Há rios maus, amarelos

De presságio de flagelos.

Das vesgas concupiscências  
Saem vis fosforescências.

Os remorsos contorcidos  
Mordem os ares pungidos.

A alma cobarde de Judas  
Recebe expressões comudas.

Negras aves de rapina  
Mostram a garra assassina.

Sob o céu que nos oprime  
Languescem formas de crime.

Com os mais sinistros furores,  
Saem gemidos das flores.

Caveiras! Que horror medonho!  
Parecem visões de um sonho!

A morte com Sancho Panca,  
Grotesca e trágica dança.

E como um símbolo eterno,  
Ritmos dos Ritmos do inferno.

No lago morto, ondulando,  
Dentre o luar noctivagando,

O corvo hediondo crocita  
Da sombra d'Iago maldita!

índice

RESSURREIÇÃO

Alma! Que tu não chores e não gemas,  
Teu amor voltou agora.  
Ei-lo que chega das mansões extremas,  
Lá onde a loucura mora!

Veio mesmo mais belo e estranho, acaso,  
Desses lívidos países,  
Mágica flor a rebentar de um vaso  
Com prodigiosas raízes.

Veio transfigurada e mais formosa  
Essa ingênua natureza,  
Mais ágil, mais delgada, mais nervosa,  
Das essências da Beleza.

Certo neblinamento de saudade  
Mórbida envolve-a de leve...  
E essa diluente espiritualidade  
Certos mistérios descreve.

O meu Amor voltou de aéreas curvas,  
Das paragens mais funestas...  
Veio de percorrer torvas e turvas  
E funambulescas festas.

As festas turvas e funambulescas  
Da exótica Fantasia,  
Por plagas cabalísticas, dantescas,  
De estranha selvageria.

Onde carrascos de tremendo aspecto  
Como astros monstros circulam  
E as meigas almas de sonhar inquieto  
Barbaramente estrangulam.

Ele andou pelas plagas da loucura,  
O meu Amor abençoado,  
Banhado na poesia da Ternura,  
No meu Afeto banhado.

Andou! Mas afinal de tudo veio  
Mais transfigurado e belo,  
Repousar no meu seio o próprio seio  
Que eu de lágrimas estréio.

De lágrimas de encanto e ardentes beijos,  
Para matar, triunfante,

A sede ideal de místico desejo  
De quando ele andou errante.

E lágrimas, que enfim, caem ainda  
Com os mais acres dos sabores  
E se transformam (maravilha infinda!)  
Em maravilhas de flores!

Ah! que feliz um coração que escuta  
As origens de que é feito!  
E que não é nenhuma pedra bruta  
Mumificada no peito!

Ah! que feliz um coração que sente  
Ah! tudo vivendo intenso  
No mais profundo borbulhar latente  
Do seu fundo foco imenso!

Sim! eu agora posso ter deveras  
Ironias sacrossantas...  
Posso os braços te abrir, Luz das esferas,  
Que das trevas te levantas.

Posso mesmo já rir de tudo, tudo  
Que me devora e me oprime.  
Voltou-me o antigo sentimento mudo  
Do teu olhar que redime.

Já não te sinto morta na minh'alma  
Como em câmara mortuária,  
Naquela estranha e tenebrosa calma  
De solidão funerária.

Já não te sinto mais embalsamada  
No meu carinho profundo,  
Nas mortalhas da Graça amortalhada,  
Como ave voando do mundo.

Não! não te sinto mortalmente envolta  
Na névoa que tudo encerra...  
Doce espectro do pó, da poeira solta  
Deflorada pela terra.

Não sinto mais o teu sorrir macabro  
De desdenhosa caveira.  
Agora o coração e os olhos abro  
Para a Natureza inteira!

Negros pavores sepulcrais e frios  
Além morreram com o vento...  
Ah! como estou desafogado em rios  
De rejuvenescimento!

Deus existe no esplendor d'algum Sonho,  
Lá em alguma estrela esquiva.  
Só ele escuta o soluçar medonho  
E torna a Dor menos viva.

Ah! foi com Deus que tu chegaste, é certo,  
Com a sua graça espontânea  
Que emigraste das plagas do Deserto  
Nu, sem sombra e sol, da Insânia!

No entanto como que volúpias vagas  
Desses horrores amargos,  
Talvez recordação daquelas plagas  
Dão-te esquisitos letargos...

Porém tu, afinal, ressuscitaste  
E tudo em mim ressuscita.  
E o meu Amor, que repurificaste,  
Canta na paz infinita!

## índice

### ENLEVO

Da doçura da Noite, da doçura  
De um tenro coração que vem sorrindo,  
Seus segredos recônditos abrindo  
Pela primeira vez, a luz mais pura.

Da doçura celeste, da ternura  
De um Bem consolador que vai fugindo  
Pelos extremos do horizonte infindo,  
Deixando-nos somente a Desventura.

Da doçura inocente, imaculada  
De uma carícia virginal da Infância,  
Nessa de rosas fresca madrugada.

Era assim tua cândida fragrância,  
Arcanjo ideal de auréola delicada,  
Visão consoladora da Distância...

## índice

PIEDOSA  
A Nestor Vitor

Não sei por que, magoada Flor sem glória,  
A tua voz de trêmula meiguice  
Desperta em mim a mocidade flórea  
De sentimentos que não tem velhice.

Guslas de um céu remotamente mudo  
Gemem plangentes nessa voz que voa  
E através dela, abençoando tudo,  
Um luar de perdões desabotoa.

Vejo-te então sublimemente triste  
E excelsa e doce, num anseio lento,  
Vagando como um ser que não existe,  
Transfigurada pelo Sofrimento.

Mas, não sei como, vejo-te por brumas,  
Além da de ouro constelada Porta,  
Na ondulação das lívidas espumas,  
Morta, já morta, muito morta, morta...

E sinto logo esse supremo e sábio  
Travo da dor, se morta te antevejo,  
Essa macabra contração de lábio  
Que morde e tantaliza o meu desejo.

Fico sempre a cismar, se tu morresses  
Que angustia fina me laceraria,  
Que músicas de céus saudosos, desses  
Céus infinitos sobre mim fluiria...

Que anjos brancos soberbos, deslumbrantes,  
Resplandecentes nos broqueis das vestes,  
Claros e altos voariam flamejantes

Para buscar-te, dos Azuis Celestes.

Sim! Sim! Pois então tanta e atroz fadiga,  
Tanta e tamanha dor convulsa e cega  
Há de ficar sem doce luz amiga,  
Da lágrima dos céus, que tudo rega?!

As batalhas cruéis do sacrificio,  
As transfigurações dos teus calvários,  
Essas virtudes, rolarão com o vício  
Pelos mesmos abismos tumultuários?!

Toda a obscura pureza dos teus feitos,  
A tua alma mais simples do que a água,  
Essa bondade, todos os eleitos  
Sentimentos que tens de flor da Mágoa;

Nada se salvará jamais, mais nada  
Se salvará, no instante derradeiro?!  
Ó interrogação desesperada,  
Errante, errante pelo mundo inteiro!

Nada se salvará da essência viva  
Que tudo purifica e refloresce;  
De tanta fé, de tanta luz altiva  
De tanta abnegação, de tanta prece?!

Nada se salvará, piedosa e pobre  
Flor desdenhada pelo Mal ufano,  
Só o meu coração e verso nobre  
Hão de abrigar-te do desprezo humano.

Na transcendência do teu ser, tão alta,  
Vejo dos céus como que os dons, a esmola,  
O indefinido que de ti ressalta  
Me prende, me arrebatava e me consola.

E sinto que a tua alma desprendida  
Do terrestre, do negro labirinto  
Melhor há de adorar-me na outra  
Vida Melhor sentindo tudo quanto eu sinto.

Porque não é por sentimento vago,  
Nem por simples e vã literatura,  
Nem por caprichos de um estilo mago  
Que sinto tanto a tua essência pura.

Não é por transitória veleidade  
E para que o mundo reconheça,  
Que sinto a tua cândida Piedade,  
As auréolas de Luz dessa cabeça.

Não é para que o mundo te proclame  
Maravilha das mártires, das santas  
Que eu digo sempre ao meu Amor que te ame  
Mesmo através de tantas ânsias, tantas.

Nem é também para que o mundo creia  
Na humilde limpidez da tua alma justa,  
Que o mundo, vil e vão, desdenha e odeia  
Toda a humildade, toda a crença augusta.

Mas sinto porque te amo e te acompanho  
Pelas montanhas de onde sóis saudosos  
Clarões e sombras de um mistério estranho  
Espalham, como adeuses carinhosos.

Sinto que te acompanho, que te sigo  
Tranquilo, calmo desses vãos rumores  
E que tu vais embalada comigo,  
Na mesma rede de carinho e dores.

Sinto os segredos do teu corpo amado,  
Toda a graça floral, a graça breve,  
Todo o composto lânguido, alquebrado  
Do teu perfil de áureo crescente leve.

Sinto-te as linhas imortais do flanco,  
E as ondas vaporosas dos teus passos  
E todo o sonho castamente branco  
Da volúpia celeste desses braços.

Sinto a muda expressão da tua boca  
Feita num doce e doloroso corte  
De beijo dado na veemência louca  
Dos céus do gozo entre o estertor da morte.

Sinto-te as nobres mãos afagadoras,  
Riquezas raras de um valor secreto  
E mãos cujas carícias redentoras  
São as carícias do supremo Afeto.

Sinto os teus olhos fluidos, de onde emerge

Uma graça, uma paz, tamanho encanto,  
Tão brando e triste, que a minha alma asperge  
Em suavíssimos bálsamos de pranto.

Uns olhos tão etéreos, tão profundos,  
De tanta e tão sutil delicadeza  
Que parecem viver lá n'outros mundos,  
Longe da contingente Natureza.

Olhos que sempre no tremendo choque  
Dos sofrimentos íntimos, latentes,  
Tem esse toque amigo, o velho toque  
Original das lágrimas ardentes.

Ah! só eu vejo e sinto esse desvelo  
Que transfigura e faz o teu martírio,  
O sentimento amargurado e belo  
Que e já, talvez, quase mortal delírio...

Sinto que a mesma chama nos abraça,  
Que um perfume eternal, casto, esquisito,  
Circula e vive com divina graça  
Dentro do nosso trêmulo Infinito.

E tudo quanto me sensibiliza,  
Fere, magoa, dilacera, punge,  
Tudo no teu olhar se cristaliza,  
No teu olhar, no teu olhar que unge.

Sinto por ti o mais febril e intenso  
Carinho quase louco, doentio...  
Carinho singular, curioso, imenso,  
Que deixa na alma um resplendor sombrio.

E e de tal forma esse carinho raro,  
De tal encanto e tão sagrada essência,  
De tal Piedade e tal Perdão preclaro,  
Que canta na estrelada Refulgência.

Ah! nunca saberás quanto exotismo  
De sentimento me alanceia e pulsa,  
Vibra violinos de sonambulismo  
Nest'alma ora serena, ora convulsa!

Tens luz de lua e tens gorjeios de ave  
No mundo virginal dos meus sentidos,  
E és sonho, sombra de Angelus suave

Nos nossos mútuos e comuns gemidos.

E sonho, sombra de Angelus, tão brandos,  
Imortalmente tão indefiníveis  
Que todos os terrores execrandos  
Cobrem-se para nós de íris sensíveis.

É assim que eu te sinto, erma, sozinha,  
Frágil, piedosa, nos singelos brilhos  
Erguendo aos braços, nobremente minha,  
Os dolentes troféus dos nossos filhos.

Erguendo-os como cálices amargos  
De um vinho ideal de já mortas quimeras,  
Para além destes céus mudos e largos  
Na ampla misericórdia das Esferas!

índice

#### AUSÊNCIA MISTERIOSA

Uma hora só que o teu perfil se afasta,  
Um instante sequer, um só minuto  
Desta casa que amo -- vago luto  
Envolve logo esta morada casta.

Tua presença delicada basta  
Para tudo tornar claro e impoluto...  
Na tua ausência, da Saudade escuto  
O pranto que me prende e que me arrasta...

Secretas e sutis melancolias  
Recuadas na Noite dos meus dias  
Vêm para mim, lentas, se aproximando.

E em toda casa, nos objetos, erra  
Um sentimento que não é da Terra  
E que eu mudo e sozinho vou sonhando...

índice

## MEU FILHO

Ah! quanto sentimento! ah! quanto sentimento!  
Sob a guarda piedosa e muda das Esferas  
Dorme, calmo, embalado pela voz do vento,  
Frágil e pequenino e tenro como as heras.

Ao mesmo tempo suave e ao mesmo tempo estranho  
O aspecto do meu filho assim meigo dormindo...  
Vem dele tal frescura e tal sonho tamanho  
Que eu nem mesmo já sei tudo que vou sentindo.

Minh'alma fica presa e se debate ansiosa,  
Em vão soluça e clama, eternamente presa  
No segredo fatal dessa flor caprichosa,  
Do meu filho, a dormir, na paz da Natureza.

Minh'alma se debate e vai gemendo aflita  
No fundo turbilhão de grandes ânsias mudas:  
Que esse tão pobre ser, de ternura infinita,  
Mais tarde irá tragar os venenos de Judas!

Dar-lhe eu beijos, apenas, dar-lhe, apenas, beijos,  
Carinhos dar-lhe sempre, efêmeros, aéreos,  
O que vale tudo isso para outros desejos,  
O que vale tudo isso para outros mistérios?!

De sua doce mãe que em prantos o abençoa  
Com o mais profundo amor, arcangelicamente,  
De sua doce mãe, tão límpida, tão boa,  
O que vale esse amor, todo esse amor veemente?!

O longo sacrifício extremo que ela faça,  
As vigílias sem nome, as orações sem termo,  
Quando as garras cruéis e horríveis da Desgraça  
De sadio que ele é, fazem-no fraco e enfermo?!

Tudo isso, ah! Tudo isso, ah! quanto vale tudo isso  
Se outras preocupações mais fundas me laceram,  
Se a graça de seu riso e a graça do seu viço  
São as flores mortais que meu tormento geram?!

Por que tantas prisões, por que tantas cadeias  
Quando a alma quer voar nos paramos liberta?  
Ah! Céus! Quem me revela essas Origens cheias

De tanto desespero e tanta luz incerta!

Quem me revela, pois, todo o tesouro imenso  
Desse imenso Aspirar tio entranhado, extremo!  
Quem descobre, afinal, as causas do que eu penso,  
As causas do que eu sofro, as causas do que eu gemo!

Pois então hei de ter um afeto profundo,  
Um grande sentimento, um sentimento insano  
E hei de vê-lo rolar, nos turbilhões do mundo,  
Para a vala comum do eterno Desengano?!

Pois esse filho meu que ali no berço dorme,  
Ele mesmo tão casto e tão sereno e doce  
Vem para ser na Vida o vão fantasma enorme  
Das dilacerações que eu na minh'alma trouxe?!

Ah! Vida! Vida! Vida! Incendiada tragédia,  
Transfigurado Horror, Sonho transfigurado,  
Macabras contorções de lúgubre comédia  
Que um cérebro de louco houvesse imaginado!

Meu filho que eu adoro e cubro de carinhos,  
Que do mundo vilão ternamente defendo,  
Há de mais tarde errar por tremedais e espinhos  
Sem que o possa acudir no suplicio tremendo.

Que eu vagarei por fim nos mundos invisíveis,  
Nas diluentes visões dos largos Infinitos,  
Sem nunca mais ouvir os clamores horríveis,  
A mágoa dos seus ais e os ecos dos seus gritos.

Vendo-o no berço assim, sinto muda agonia,  
Um misto de ansiedade, um misto de tortura.  
Subo e paio dos céus na estrelada harmonia  
E desço e entro do Inferno a fuma hórrida, escura.

E sinto sede intensa e intensa febre, tanto,  
Tanto Azul, tanto abismo atroz que me deslumbra.  
Velha saudade ideal, monja de amargo Encanto,  
Desce por sobre mim sua estranha penumbra.

Tu não sabes, jamais, tu nada sabes, filho,  
Do tormentoso Horror, tu nada sabes, nada...  
O teu caminho é claro, é matinal de brilho,  
Não conheces a sombra e os golpes da emboscada.

Nesse ambiente de amor onde dormes teu sono  
Não sentes nem sequer o mais ligeiro espectro...  
Mas, ah! eu vejo bem, sinistra, sobre o trono,  
A Dor, a eterna Dor, agitando o seu cetro!

índice

## VISÃO GUIADORA

Ó alma silenciosa e compassiva  
Que conversas com os Anjos da Tristeza,  
Ó delicada e lânguida beleza  
Nas cadeias das lágrimas cativa.

Frágil, nervosa timidez lasciva,  
Graça magoada, doce sutileza  
De sombra e luz e da delicadeza  
Dolorosa de música aflitiva.

Alma de acerbo, amargurado exílio,  
Perdida pelos céus num vago idílio  
Com as almas e visões dos desolados.

Ó tu que és boa e porque és boa és bela,  
Da Fé e da Esperança eterna estrela  
Todo o caminho dos desamparados.

índice

## LITANIA DOS POBRES

Os miseráveis, os rotos  
São as flores dos esgotos.

São espectros implacáveis  
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas

Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários  
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,  
Cegos, a tatear nas portas.

Procurando o céu, aflitos  
E varando o céu de gritos.

Faróis a noite apagados  
Por ventos desesperados.

Inúteis, cansados braços  
Pedindo amor aos Espaços.

Mãos inquietas, estendidas  
Ao vão deserto das vidas.

Figuras que o Santo Ofício  
Condena a feroz suplício.

Arcas soltas ao nevoento  
Dilúvio do Esquecimento.

Perdidas na correnteza  
Das culpas da Natureza.

Ó pobres! Soluços feitos  
Dos pecados imperfeitos!

Arrancadas amarguras  
Do fundo das sepulturas.

Imagens dos deletérios,  
Imponderáveis mistérios.

Bandeiras rotas, sem nome,  
Das barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas

Das sangrentas barricadas.

Fantasma vãos, sibilinos  
Da caverna dos Destinos!

O pobres! o vosso bando  
É tremendo, é formidando!

Ele já marcha crescendo,  
O vosso bando tremendo...

Ele marcha por colinas,  
Por montes e por campinas.

Nos areiais e nas serras  
Em hostes como as de guerras.

Cerradas legiões estranhas  
A subir, descer montanhas.

Como avalanches terríveis  
Enchendo plagas incríveis.

Atravessa já os mares,  
Com aspectos singulares.

Perde-se além nas distâncias  
A caravana das ânsias.

Perde-se além na poeira,  
Das Esferas na cegueira.

Vai enchendo o estranho mundo  
Com o seu soluçar profundo.

Como torres formidandas  
De torturas miserandas.

E de tal forma no imenso  
Mundo ele se torna denso.

E de tal forma se arrasta

Por toda a região mais vasta.

E de tal forma um encanto  
Secreto vos veste tanto.

E de tal forma já cresce  
O bando, que em vós parece.

Ó Pobres de ocultas chagas  
Lá das mais longínquas plagas!

Parece que em vós há sonho  
E o vosso bando é risonho.

Que através das rotas vestes  
Trazeis delícias celestes.

Que as vossas bocas, de um vinho  
Prelibam todo o carinho...

Que os vossos olhos sombrios  
Trazem raros amávios.

Que as vossas almas trevosas  
Vêm cheias de odor das rosas.

De torpores, d'indolências  
E graças e quint'essências.

Que já livres de martírios  
Vêm festonadas de lírios.

Vem nimbadas de magia,  
De morna melancolia!

Que essas flageladas almas  
Reverdecem como palmas.

Balanceadas no letargo  
Dos sopros que vem do largo...

Radiantes d'ilusionismos,

Segredos, orientalismos.

Que como em águas de lagos  
Bóiam nelas cisnes vagos...

Que essas cabeças errantes  
Trazem louros verdejantes.

E a languidez fugitiva  
De alguma esperança viva.

Que trazeis magos aspeitos  
E o vosso bando é de eleitos.

Que vestes a pompa ardente  
Do velho Sonho dolente.

Que por entre os estertores  
Sois uns belos sonhadores.

índice

## SPLEEN DE DEUSES

Oh! Dá-me o teu sinistro Inferno  
Dos desesperos tétricos, violentos,  
Onde rugem e bramem como os ventos  
Anátemas da Dor, no fogo eterno...

Dá-me o teu fascinante, o teu falerno  
Dos falernos das lágrimas sangrentos  
Vinhos profundos, venenosos, lentos  
Matando o gozo nesse horror do Averno.

Assim o Deus dos Páramos clamava  
Ao Demônio soturno, e o rebelado,  
Capricórnio Satã, ao Deus bradava.

Se és Deus-e já de mim tens triunfado,  
Para lavar o Mal do Inferno e a bava  
Dá-me o tédio senil do céu fechado...

índice

DIVINA

Eu não busco saber o inevitável  
Das espirais da tua vi matéria.  
Não quero cogitar da paz funérea  
Que envolve todo o ser inconsolável.

Bem sei que no teu círculo maleável  
De vida transitória e mágoa seria  
Há manchas dessa orgânica miséria  
Do mundo contingente , imponderável .

Mas o que eu amo no teu ser obscuro  
E o evangélico mistério puro  
Do sacrifício que te torna heroína.

São certos raios da tu'alma ansiosa  
E certa luz misericordiosa,  
E certa auréola que te fez divina!

índice

CABELOS

I  
Cabelos! Quantas sensações ao vê-los!  
Cabelos negros, do esplendor sombrio,  
Por onde corre o fluido vago e frio  
Dos brumosos e longos pesadelos...

Sonhos, mistérios, ansiedades, zelos,  
Tudo que lembra as convulsões de um rio  
Passa na noite cálida, no estio  
Da noite tropical dos teus cabelos.

Passa através dos teus cabelos quentes,

Pela chama dos beijos inclementes,  
Das dolências fatais, da nostalgia...

Auréola negra, majestosa, ondeada,  
Alma da treva, densa e perfumada,  
Lânguida Noite da melancolia!

## índice

### OLHOS

II  
A Grécia d'Arte, a estranha claridade  
D'aquela Grécia de beleza e graça,  
Passa, cantando, vai cantando e passa  
Dos teus olhos na eterna castidade.

Toda a serena e altiva heroicidade  
Que foi dos gregos a imortal couraça,  
Aquele encanto e resplendor de raça  
Constelada de antiga majestade,

Da Atenas flórea toda o viço louro,  
E as rosas e os mirtais e as pompas d'ouro,  
Odisséias e deuses e galeras...

Na sonolência de uma lua aziaga,  
Tudo em saudade nos teus olhos vaga,  
Canta melancolias de outras eras!...

## índice

### BOCA

III  
Boca viçosa, de perfume a lírio,  
Da límpida frescura da nevada,  
Boca de pompa grega, purpureada,  
Da majestade de um damasco assírio.

Boca para deleites e delírio  
Da volúpia carnal e alucinada,  
Boca de Arcanjo, tentadora e arqueada,  
Tentando Arcanjos na amplidão do Empírio,

Boca de Ofélia morta sobre o lago,  
Dentre a auréola de luz do sonho vago  
E os faunos leves do luar inquietos...

Estranha boca virginal, cheirosa,  
Boca de mirra e incensos, milagrosa  
Nos filtros e nos tóxicos secretos...

#### índice

### SEIOS

IV  
Magnólias tropicais, frutos cheirosos  
Das árvores do Mal fascinadoras,  
Das negras mancenilhas tentadoras,  
Dos vagos narcotismos venenosos.

Oásis brancos e miraculosos  
Das frementes volúpias pecadoras  
Nas paragens fatais, aterradoras  
Do Tédio, nos desertos tenebrosos...

Seios de aroma embriagador e langue,  
Da aurora de ouro do esplendor do sangue,  
A alma de sensações tantalizando.

Ó seios virginais, tálamos vivos  
Onde do amor nos êxtases lascivos  
Velhos faunos febris dormem sonhando...

#### índice

### MÃOS

V

Ó Mãos ebúrneas, Mãos de claros veios,  
Esquisitas tulipas delicadas,  
Lânguidas Mãos sutis e abandonadas,  
Finas e brancas, no esplendor dos seios.

Mãos etéricas, diáfanas, de enleios,  
De eflúvios e de graças perfumadas,  
Relíquias imortais de eras sagradas  
De amigos templos de relíquias cheios.

Mãos onde vagam todos os segredos,  
Onde dos ciúmes tenebrosos, tredos,  
Circula o sangue apaixonado e forte.

Mãos que eu amei, no féretro medonho  
Frias, já murchas, na fluidez do Sonho,  
Nos mistérios simbólicos da Morte!

índice

PÉS

VI

Lívidos, frios, de sinistro aspecto,  
Como os pés de Jesus, rotos em chaga,  
Inteiriçados, dentre a auréola vaga  
Do mistério sagrado de um afeto.

Pés que o fluido magnético, secreto  
Da morte maculou de estranha e maga  
Sensação esquisita que propaga  
Um frio n'alma, doloroso e inquieto...

Pés que bocas febris e apaixonadas  
Purificaram, quentes, inflamadas,  
Com o beijo dos adeuses soluçantes.

Pés que já no caixão, enrijecidos,  
Aterrorantemente indefinidos  
Geram fascinações dilacerantes!

índice

CORPO

VII

Pompas e pompas, pompas soberanas  
Majestade serena da escultura  
A chama da suprema formosura,  
A opulência das púrpuras romanas.

As formas imortais, claras e ufanas,  
Da graça grega, da beleza pura,  
Resplendem na arcangélica brancura  
Desse teu corpo de emoções profanas.

Cantam as infinitas nostalgias,  
Os mistérios do Amor, melancolias,  
Todo o perfume de eras apagadas...

E as águias da paixão, brancas, radiantes,  
Voam, revoam, de asas palpitantes,  
No esplendor do teu corpo arrebatadas!

índice

CANÇÃO NEGRA

A Nestor Vitor

Ó boca em tromba retorcida  
Cuspindo injúrias para o Céu,  
Aberta e pútrida ferida  
Em tudo pondo igual labéu.

Ó boca em chamas, boca em chamas,  
Da mais sinistra e negra voz,  
Que clamas, clamas, clamas, clamas,  
Num cataclismo estranho, atroz.

Ó boca em chagas, boca em chagas,

Somente anátemas a rir,  
De tantas pragas, tantas pragas  
Em catadupas a rugir.

Ó bocas de uivos e pedradas,  
Visão histérica do Mal,  
Cortando como mil facadas  
Dum golpe só, transcendental.

Sublime boca sem pecado,  
Cuspindo embora a lama e o pus,  
Tudo a deixar transfigurado,  
O lodo a transformar em luz.

Boca de ventos inclemente  
De universais revoluções,  
Alevantando as hostes quentes,  
Os sanguinários batalhões.

Abençoada a canção velha  
Que os lábios teus cantam assim  
Na tua face que se engelha,  
Da cor de lívido marfim.

Parece a fuma do Castigo  
Jorrando pragas na canção,  
A tua boca de mendigo,  
Tão tosco como o teu bordão.

Boca fatal de torvos trenos!  
Da onipotência do bom Deus,  
Louvados sejam tais venenos,  
Purificantes como os teus!

Tudo precisa um ferro em brasa  
Para este mundo transformar...  
Nos teus Anátemas põe asa  
E vai no mundo praguejar!

Ó boca ideal de rudes trovas,  
Do mais sangrento resplendor,  
Vai reflorir todas as covas,  
O facho a erguer da luz do Amor.

Nas vãs misérias deste mundo  
Dos exorcismos cospe o fel...  
Que as tuas pragas rasguem fundo

O coração desta Babel.

Mendigo estranho! Em toda a parte  
Vai com teus gritos, com teus ais,  
Como o simbólico estandarte  
Das tredas convulsões mortais!

Resume todos esses travos  
Que a terra fazem languescer.  
Das mãos e pés arranca os cravos  
Das cruces mil de cada Ser.

A terra é mãe! -- mas ébria e louca  
Tem germens bons e germens vis...  
Bendita seja a negra boca  
Que tão malditas coisas diz!

#### índice

#### A IRONIA DOS VERMES

Eu imagino que és uma princesa  
Morta na flor da castidade branca...  
Que teu cortejo sepulcral arranca  
Por tanta pompa espasmos de surpresa.

Que tu vais por um coche conduzida,  
Por esquadrões flamívomos guardada,  
Como carnal e virgem madrugada,  
Bela das belas, sem mais sol, sem vida.

Que da Corte os luzidos Dignitários  
Com seus aspectos marciais, bizarros,  
Seguem-te após nos fagulhantes, carros  
E a excelsa cauda dos cortejos vários.

Que a tropa toda forma nos caminhos  
Por onde irás passar indiferente;  
Que há no semblante vão de toda a gente  
Curiosidades que parecem vinhos.

Que os potentes canhões roucos atroam  
O espaço claro de uma tarde suave,

E que tu vais, Lírio dos lírios e ave  
Do Amor, por entre os sons que te coroam.

Que nas flores, nas sedas, nos veludos,  
E nos cristais do fêretro radiante  
Nos damascos do Oriente, na faiscante  
Onda de tudo há longos prantos mudos.

Que do silêncio azul da imensidade,  
Do perdão infinito dos Espaços  
Tudo te dá os beijos e os abraços  
Do seu adeus a tua Majestade.

Que de todas as coisas como Verbo  
De saudades sem termo e de amargura,  
Sai um adeus a tua formosura,  
Num desolado sentimento acerbo.

Que o teu corpo de luz, teu corpo amado,  
Envolto em finas e cheirosas vestes,  
Sob o carinho das Mansões celestes  
Ficará pela Morte encarcerado.

Que o teu séquito é tal, tal a coorte,  
Tal o sol dos brasões, por toda a parte,  
Que em vez da horrenda Morte suplantar-te  
Crê-se que és tu que suplantaste a Morte.

Mas dos faustos mortais a regia trompa,  
Os grandes ouropéis, a real Quermesse,  
Ah! tudo, tudo proclamar parece  
Que hás de afinal apodrecer com pompa.

Como que foram feitos de luxúria  
E gozo ideal teus funerais luxuosos  
Para que os vermes, pouco escrupulosos,  
Não te devorem com plebéia fúria.

Para que eles ao menos vendo as belas  
Magnificências do teu corpo exausto  
Mordam-te com cuidados e cautelas  
Para o teu corpo apodrecer com fausto.

Para que possa apodrecer nas frias  
Geleiras sepulcrais d'esquecimentos,  
Nos mais augustos apodrecimentos,  
Entre constelações e pedrarias.

Mas ah! quanta ironia atroz, funérea,  
Imaginária e cândida Princesa:  
És igual a uma simples camponesa  
Nos apodrecimentos da Matéria!

## índice

### INÊS

Tem teu nome a estranha graça  
De uma galga verde, estranha.  
Certo langor te adelgaça,  
Certo encanto te acompanha.

És velada, quebradiça  
Como teu nome é velado.  
Certa flor curiosa viça  
No teu corpo edenizado.

Chamam-te a Inês dos quebrantos,  
A galga verde, a felina,  
Amaranto de amarantos,  
Das franzinas a franzina.

Teus olhos, langues aquários  
Adormentados de cisma,  
Vivem mudos, solitários  
Como uma treva que abisma.

Tua boca, vivo cravo  
Sangüíneo, púrpuro, ardente,  
De certa forma tem travo  
Embora veladamente.

És lírio de velho outono,  
Meiga Inês, e de tal sorte  
Que já vives no abandono,  
Meio enevoadada da morte.

Teu beijo, do rosmaninho  
Tem o sainete amargoso...  
Lembra a saudade de um vinho

Secreto, mas venenoso.

Por um mistério indizível  
Não te é dado amar na terra.  
Vem de longe o Indefinível  
Que os teus silêncios encerra!

Deus fechou-te a sete chaves  
O coração lá no fundo...  
Mas deu-te as asas das aves  
Para irradiares no mundo.

índice

## HUMILDADE SECRETA

Fico parado, em êxtase suspenso,  
Às vezes, quando vou considerando  
Na humildade simpática, no brando  
Mistério simples do teu ser imenso.

Tudo o que aspiro, tudo quanto penso  
D'estrelas que andam dentro em mim cantando,  
Ah! tudo ao teu fenômeno vai dando  
Um céu de azul mais carregado e denso.

De onde não sei tanta simplicidade,  
Tanta secreta e límpida humildade  
Vem ao teu ser como os encantos raros.

Nos teus olhos tu alma transparece...  
E de tal sorte que o bom Deus parece  
Viver sonhando nos teus olhos claros.

índice

## FLOR PERIGOSA

Ah! quem, trêmulo e pálido, medita

No teu perfil de áspide triste, triste,  
Não sabe em quanto abismo essa infinita  
Tristeza amarga singular consiste.

Tens todo o encanto de uma flor, o encanto  
Secreto de uma flor de vago aroma...  
Mas não sei que de morno e de quebranto  
Vem, lasso e langue, dessa negra coma.

És das origens mais desconhecidas,  
De uma longínqua e nebulosa infância.  
A visão das visões indefinidas,  
De atra, sinistra mórbida elegância.

Como flor, entretanto, és bem amarga!  
Pólens celestes o teu ser inundam,  
Mas ninguém sabe a onda nervosa e larga  
Dos insetos mortais que te circundam.

Quem teu aroma de mulher aspira  
Fica entre ânsias de túmulo fechado...  
Sente vertigens de vulcão, delira  
E morre, sutilmente envenenado.

Teu olhar de fulgências e de treva,  
Onde as volúpias a pecar se ajustam,  
Guarda um mistério que envilece e eleva,  
Causa delíquios e emoções que assustam.

És flor, mas como flor és perigosa,  
Do mais sombrio e tétrico perigo...  
Fenômenos fatais de luz ansiosa  
Vão pelas noites segredar contigo.

Vão segredar que és feia e que és estranha  
Sendo feia, mas sendo extravagante,  
De enorme, de esquisita, de tamanha  
Influência de eclipse radiante...

Sei! não nasceste sob a luz que ondeia  
Na beleza e nos astros da saúde;  
Mas sendo assim, morbidamente feia,  
O teu ser feia torna-se virtude.

És feia e doente, surges desse misto,  
Da exótica, da insana, da funesta  
Auréola ideal dos martírios de Cristo

Naquela Dor absurdamente mesta.

Vens de lá, vens de lá -- fundos remotos  
Adelgaçando como os véus de um rio...  
Abrindo do magoado e velho lótus  
Do sentimento, todo o sol doentio...

Mas quem quiser saber o quanto encerra  
Teu ser, de mais profundo e mais nevoento,  
Venha aspirar-te no teu vaso -- a Terra --  
Ó perigosa flor do esquecimento!

índice

## METEMPSICOSE

Agora, já que apodreceu a argila  
Do teu corpo divino e sacrossanto;  
Que embalsamaram de magoado pranto  
A tua carne, na mudez tranqüila,

Agora, que nos Céus, talvez, se asila  
Aquele graça e luminoso encanto  
De virginal e pálido amaranço  
Entre a Harmonia que nos Céus desfila.

Que da morte o estupor macabro e feio  
Congelou as magnólias do teu seio,  
Por entre catalépticas visões...

Surge, Bela das Belas, na Beleza  
Do transcendentalismo da Pureza,  
Nas brancas, imortais Ressurreições!

índice

## OS MONGES

Montanhas e montanhas e montanhas

Ei-los que vão galgando.  
As sombras vãs das figuras estranhas  
Na Terra projetando.

Habitam nas mansões do Imponderável  
Esses graves ascetas;  
Ocultando, talvez, no Inconsolável  
Amarguras inquietas.

Como os reis Magos, trazem lá do Oriente  
As alfaías preciosas,  
Mas alfaías, surpreendentemente,  
As mais miraculosas.

Nem incensos, nem mirras e nem ouros,  
Nem mirras nem incensos,  
Outros mais raros, mágicos tesouros  
Sobre todos, imensos.

Pelos longínquos, sáfáros caminhos  
Que vivem percorrendo,  
A Dor, como atros, venenosos vinhos,  
Os vai deliquescendo.

São os monges sombrios, solitários,  
Como esses vagos rios  
Que passam nas florestas tumultuários,  
Solitários, sombrios.

São monges das florestas encantadas,  
Dos ignotos tumultos,  
Almas na Terra desassossegadas,  
Desconsolados vultos.

São os monges da Graça e do Mistério,  
Faróis da Eternidade  
Iluminando todo o Azul sidéreo  
Da sagrada Saudade.

-- Onde e quando acharão o seu descanso  
Eles que há tanto vagam?  
Em que dia terão esse remanso  
Os seus pés que se chagam?

Quando caminham nas Regiões nevoentas,  
Da lua nos quebrantos,  
As suas sombras vagarosas, lentas

Ganham certos encantos...

Ficam nimbados pela luz da lua  
Os seus perfis tristonhos...  
Sob a dolência peregrina e crua  
Dos tantálicos sonhos.

As Ilusões são seus mantos sangüíneos  
De símbolos de dores,  
De signos, de solenes vaticínios,  
De nirvânicas flores.

Benditos monges imortais, benditos  
Que etéreas harpas tangem!  
Que rasgam d'alto a baixo os Infinitos,  
Infinitos abrangem.

Deixai-os ir com os seus troféus bizarros  
De humano Sentimento,  
Arrebatados pelos ígneos carros  
Do augusto Pensamento.

Que os leve a graça das errantes almas,  
-- Grandes asas de tudo --  
Entre as Hosanas, o verdor das palmas,  
Entre o Mistério mudo!

Não importa saber que rumo trazem  
Nem se é longo esse rumo...  
Eles no Indefinido se comprazem,  
São dele a chama e o fumo.

Deixai-os ir pela Amplidão a fora,  
Nos Silêncios da esfera,  
Nos esplendores da eternal Aurora  
Coroados de Quimera!

Deixai-os ir pela Amplidão, deixai-os,  
No segredo profundo,  
Por entre fluidos de celestes raios  
Transfigurando o mundo.

Que só os astros do Azul cintilam  
Pela sidérea rede  
Saibam que os monges, lívidos, desfilam  
Devorados de sede...

Que ninguém mais possa saber as ânsias  
Nem sentir a Dolência  
Que vindo das incógnitas Distancias  
E dos monges a essência!

Monges, ó monges da divina Graça,  
Lá da graça divina,  
Deu-vos o Amor toda a imortal couraça  
Dessa Fé que alucina.

No meio de anjos que vos-abençoam  
Corações estremecem...  
E tudo eternamente vos perdoam  
Os que não vos esquecem.

Toda a misericórdia dos espaços  
Vos oscule, surpresa...  
E abri, serenos, largamente, os braços  
A toda a Natureza!

índice

## TRISTEZA DO INFINITO

Anda em mim, soturnamente,  
Uma tristeza ociosa  
Sem objetivo, latente,  
Vaga, indecisa, medrosa.

Como ave torva e sem rumo,  
Ondula, vagueia, oscila  
E sobe em nuvens de fumo  
E na minh'alma se asila.

Uma tristeza que eu, mudo,  
Fico nela meditando  
E meditando, por tudo  
E em toda a parte sonhando.

Tristeza de não sei donde,  
De não sei quando nem como...  
Flor mortal, que dentro esconde  
Sementes de um mago pomo.

Dessas tristezas incertas,  
Esparsas, indefinidas...  
Como almas vagas, desertas  
No rumo eterno das vidas.

Tristeza sem causa forte,  
Diversa de outras tristezas,  
Nem da vida nem da morte  
Gerada nas correntezas...

Tristeza de outros espaços,  
De outros céus, de outras esferas,  
De outros lípidos abraços,  
De outras castas primaveras.

Dessas tristezas que vagam  
Com volúpias tão sombrias  
Que as nossas almas alagam  
De estranhas melancolias.

Dessas tristezas sem fundo,  
Sem origens prolongadas,  
Sem saudades deste mundo,  
Sem noites, sem alvoradas.

Que principiam no sonho  
E acabam na Realidade,  
Através do mar tristonho  
Desta absurda Imensidade.

Certa tristeza indizível,  
Abstrata, como se fosse  
A grande alma do Sensível  
Magoada, mística, doce.

Ah! tristeza imponderável,  
Abismo, mistério aflito,  
Torturante, formidável...  
Ah! tristeza do Infinito!

## LUAR DE LÁGRIMAS

I

Nos estrelados, límpidos caminhos  
Dos Céus, que um luar criva de prata e de ouro,  
Abrem-se róseos e cheirosos ninhos,  
E há muitas messes do bom trigo louro.

Os astros cantam meigas cavatinas,  
E na frescura as almas claras gozam  
Alvoradas eternal, cristalinas,  
E os Dons supremos, divinais esposam.

Lá, a florescência dos Desejos  
Tem sempre um novo e original perfume,  
Tudo rejuvenesce dentre harpejos  
E dentre palmas verdes se resume.

As próprias mocidades e as infâncias  
Das coisas tem um esplendor infindo  
E as imortalidades e as distancias

Estão sempre florindo e re florindo.  
Tudo aí se consola e transfigura  
Num Relicário de viver perfeito,  
E em cada uma alma peregrina e pura  
Alvora o sentimento mais eleito.

Tudo aí vive e sonha o imaculado  
Sonho esquisito e azul das quint'essências,  
Tudo é sutil e cândido, estrelado,  
Embalsamado de eternals essências.

Lá as Horas são águias, voam, voam  
Com grandes asas resplandecedoras...  
E harpas augustas finamente soam  
As Aleluias glorificadoras.

Forasteiros de todos os matizes  
Sentem ali felicidades castas  
E os que essas libações gozam felizes  
Deixam da terra as vastidões nefastas.

Anjos excelsos e contemplativos,  
Soberbos e solenes, soberanos,  
Com aspectos grandiloquos, altivos,  
Sonham sorrindo, angelicais e ufanos.

Lá não existe a convulsão da Vida  
Nem os tremendos, trágicos abrolhos.  
Há por tudo a doçura indefinida  
Dos azuis melancólicos de uns olhos.

Véus brancos de Visões resplandecentes  
Miraculosamente se adelgaçam...  
E recordando essas Visões diluentes  
Dolências beethovínicas perpassam.

Há magos e arcangélicos poderes  
Para que as existências se transformem...  
E os mais egrégios e completos seres  
Sonos sagrados, impolutos dormem...

E lá que vagam, que plangentes erram,  
Lá que devem vagar, decerto, flóreas,  
Puras, as Almas que eu perdi, que encerram  
O meu Amor nas Urnas ilusórias.

Hosanas de perdão e de bondade  
De celestial misericórdia santa  
Abençoam toda essa claridade  
Que na harmonia das Esferas canta.

Preces ardentes como ardentes sarças  
Sobem no meio das divinas messes.  
Lembra o vôo das pombas e das garças  
A leve ondulação de tantas preces.

E quem penetra nesse ideal Domínio,  
Por entre os raios das estrelas belas,  
Todo o celeste e singular escrínio,  
Todo o escrínio das lágrimas vê nelas.

E absorto, penetrando os Céus tão calmos,  
Céus de constelações que maravilham,  
Não sabe, acaso, se com os brilhos almos,  
São estrelas ou lágrimas que brilham.

Mas ah! das Almas esse azul letargo,  
Esse eterno, imortal Isolamento,  
Tudo se envolve num luar amargo  
De Saudade, de Dor, de Esquecimento!

Tudo se envolve nas neblinas densas  
De outras recordações, de outras lembranças,  
No doce luar das lágrimas imensas  
Das mais inconsoláveis esperanças.

II  
Ó mortos meus, ó desabados mortos!  
Chego de viajar todos os portos.

Volto de ver inóspitas paragens,  
As mais profundas regiões selvagens.

Andei errando por funestas tendas  
Onde das almas escutei as lendas.

E tornei a voltar por uma estrada  
Erma, na solidão, abandonada.

Caminhos maus, atalhos infinitos  
Por onde só ouvi ânsias e gritos.

por toda a parte a rir o incêndio e a peste  
Debaixo da Ilusão do Azul celeste.

Era também luar, luar lutuoso  
Pelas estradas onde errei saudoso...

Era também luar, o luar das penas,  
Brando luar das Ilusões terrenas.

Era um luar de triste morbidez  
Amortalhando toda a natureza.

E eu em vão busquei, Mortos queridos,  
Por entre os meus tristíssimos gemidos.

Em vão pedi os filtros dos segredos  
Da vossa morte, a voz dos arvoredos.

Em vão fui perguntar ao Mar que e cego  
A lei do Mar do Sonho onde navego.

Ao Mar que e cego, que não vê quem morre

Nas suas ondas, onde o sol escorre...

Em vão fui perguntar ao Mar antigo  
Qual era o vosso desolado abrigo.

Em vão vos procurei cheio de chagas,  
Por estradas insólitas e vagas.

Em vão andei mil noites por desertos,  
Com passos, espectrais, dúbios, incertos.

Em vão clamei pelo luar a fora,  
Pelos ocasos, pelo albor da aurora.

Em vão corri nos areiais terríveis  
E por curvas de montes impassíveis.

Só um luar, só um luar de morte  
Vagava igual a mim, com a mesma sorte.

Só um luar sempre calado e dútil,  
Para a minha aflição, acerbo e inútil.

Um luar de silêncio formidável  
Sempre me acompanhando, impenetrável.

Só um luar de mortos e de mortas  
Para sempre a fechar-me as vossas portas.

E eu, já purgado dos terrestres  
Crimes, Sem achar nunca essas portas sublimes.

Sempre fechado a chave de mistério  
O vosso exílio pelo Azul sidéreo.

Só um luar de trêmulos martírios  
A iluminar-me com clarões de círios.

Só um luar de desespero horrendo  
Ah! sempre me pungindo e me vencendo.

Só um luar de lágrimas sem termos

Sempre me perseguindo pelos ermos.

E eu caminhando cheio de abandono  
Sem atingir o vosso claro trono.

Sozinho para longe caminhando  
Sem o vosso carinho venerando.

Percorrendo o deserto mais sombrio  
E de abandono a tiritar de frio...

Ó Sombras meigas, ó Refúgios ternos  
Ah! como penetrei tantos Infernos!

Como eu descí sem vós negras escarpas,  
A Almas do meu ser, Ó Almas de harpas!

Como senti todo esse abismo ignaro  
Sem nenhuma de vós por meu amparo.

Sem a benção gozar, serena e doce,  
Que o vosso Ser aos meus cuidados trouxe.

Sem ter ao pé de mim o astral cruzeiro  
Do vosso grande amor alvissareiro.

Por isso, ó sombras, sombras impolutas,  
Eu ando a perguntar as formas brutas.

E ao vento e ao mar e aos temporais que ululam  
Onde é que esses perfis se crepusculam.

Caminho, a perguntar, em vão, a tudo,  
E só vejo um luar soturno e mudo.

Só contemplo um luar de sacrifícios,  
De angústias, de tormentas, de cilícios.

E sem ninguém, ninguém que me responda  
Tudo a minh'alma nos abismos sonda.

Tudo, sedenta, quer saber, sedenta

Na febre da Ilusão que mais aumenta.

Tudo, mas tudo quer saber, não cessa  
De perscrutar e a perscrutar começa.

De novo sobe e desce escadarias  
D'estrelas, de mistérios, de harmonias.

Sobe e não cansa, sobe sempre, austera,  
Pelas escadarias da Quimera.

Volta, circula, abrindo as asas volta  
E os vôos de águia nas Estrelas solta.

Cada vez mais os vôos no alto apruma  
Para as etéreas amplidões da Bruma.

E tanta força na ascensão desprende  
Da envergadura, a proporção que ascende...

Tamanho impulso, colossal, tamanho  
Ganha na Altura, no Esplendor estranho.

Tanto os esforços em subir concentra,  
Em tantas zonas de Prodígios entra.

Nas duas asas tal vigor supremo  
Leva, através de todo o Azul extremo,

Que parece cem águias de atrás garras  
Com asas gigantescas e bizarras.

Cem águias soberanas, poderosas  
Levantando as cabeças fabulosas.

E voa, voa, voa, voa imersa  
Na grande luz dos Paramos dispersa.

E voa, voa, voa, voa, voa  
Nas Esferas sem fim perdida a toa.

Ate que exausta da fadiga e sonho

Nessa vertigem, nesse errar medonho.

Ate que tonta de abranger Espaços,  
Da Luz nos fulgidíssimos abraços.

Depois de voar a tão sutis Encantos,  
Vendo que as Ilusões a abandonaram,  
Chora o luar das lágrimas, os prantos  
Que pelos Astros se cristalizaram!

índice

## ÉBRIOS E CEGOS

Fim de tarde sombria.  
Torvo e pressago todo o céu nevoento.  
Densamente chovia.  
Na estrada o lodo e pelo espaço o vento.

Monótonos gemidos  
Do vento, mornos, lânguidos, sensíveis:  
Plangentes ais perdidos  
De solitários seres invisíveis...

Dois secretos mendigos  
Vinham, bambos, os dois, de braço dado,  
Como estranhos amigos  
Que se houvessem nos tempos encontrado.

Parecia que a bruma  
Crepuscular os envolvia, absortos  
Numa visão, nalguma  
Visão fatal de vivos ou de mortos.

E de ambos o andar lasso  
Tinha talvez algum sonambulismo,  
Como através do espaço  
Duas sombras volteando num abismo.

Era tateante, vago  
De ambos o andar, aquele andar tateante  
De ondulação de lago,  
Tardo, arrastado, trêmulo, oscilante.

E tardo, lento, tardo,  
Mais tardo cada vez, mais vagaroso,  
No torvo aspecto pardo  
Da tarde, mais o andar era brumoso.

Bamboleando no lodo,  
Como que juntos resvalando aéreos,  
Todo o mistério, todo  
Se desvendava desses dois mistérios:

Ambos ébrios e cegos,  
No caos da embriaguez e da cegueira,  
Vinham cruzando pegos  
De braço dado, a sua vida inteira.

Ninguém diria, entanto,  
O sentimento trágico, tremendo,  
A convulsão de pranto  
Que aquelas almas iam turvescendo.

Ninguém sabia, certos,  
Quantos os desesperos mais agudos  
Dos mendigos desertos,  
Ébrios e cegos, caminhando mudos.

Ninguém lembrava as ânsias  
Daqueles dois estados meio gêmeos,  
Presos nas inconstâncias  
De sofrimentos quase que boêmios.

Ninguém diria nunca,  
Ébrios e cegos, todos dois tateando,  
A que atroz espelunca  
Tinham, sem vista, ido beber, bambeando.

Que negro álcool profundo  
Turvou-lhes a cabeça e que sudário  
Mais pesado que o mundo  
Pôs-lhes nos olhos tal horror mortuário.

E em tudo, em tudo aquilo,  
Naqueles sentimentos tão estranhos.  
De tamanho sigilo,  
Como esses entes vis eram tamanhos!

Que tão fundas cavernas,  
Aquelas duas dores enjaularam,  
Miseráveis e eternas  
Nos horríveis destinos que as geraram.

Que medonho mar largo,  
Sem lei, sem rumo, sem visão, sem norte,  
Que absurdo tédio amargo  
De almas que apostam duelar com a morte!

Nas suas naturezas,  
Entre si tão opostas, tão diversas,  
Monstruosas grandezas  
Medravam, já unidas, já dispersas.

Onde a noite acabava  
Da cegueira feral de atros espasmos,  
A embriaguez começava  
Rasgada de ridículos sarcasmos.

E bêbadas, sem vista,  
Na mais que trovejante tempestade,  
Caminhando a conquista  
Do desdém das esmolos sem piedade,

Lá iam, juntas, bambas,  
-- acorrentadas convulsões atrozes --,  
Ambas as vidas, ambas  
Já meio alucinadas e ferozes.

E entre a chuva e entre a lama  
E soluços e lágrimas secretas,  
Presas na mesma trama,  
Turvas, flutuavam, trêmulas, inquietas.

Mas ah! torpe matéria!  
Se as atritassem, como pedras brutas,  
Que chispas de miséria  
Romperiam de tais almas corruptas!

Tão grande, tanta treva,  
Tão terrível, tão trágica, tão triste,  
Os sentidos subleva,  
Cava outro horror, fora do horror que existe.

Pois do sinistro sonho  
Da embriaguez e da cegueira enorme,

Erguia-se, medonho,  
Da loucura o fantasma desconforme.

índice

**Missal, de Cruz e Sousa**

**Fonte:**

CRUZ E SOUSA, João da. PÉREZ, José (org.). Missal, Evocações. In: *Cruz e Sousa: Prosa*. 2 ed. São Paulo : Cultura, 1945. v. 2. pp.5-126. (Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, Os mestres da língua, 14).

**Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

**Texto-base digitalizado por:**

Luiz Abel Silva

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

**MISSAL  
Cruz e Souza**

**ORAÇÃO AO SOL**

Sol, rei astral, deus dos sidérios Azues, que fazes cantar de luz os prados verdes, cantar as águas! Sol imortal, pagão, que simbolizas a Vida, a Fecundidade! Luminoso sangue original que alimentas o pulmão da Terra, o seio virgem da Natureza! Lá do alto zimbório catedralesco de onde refulge e triunfas, ouve esta Oração que te consagro neste branco Missal da excelsa Religião da Arte, esmaltado no marfim ebúrneo das iluminuras do Pensamento.

Permite-me que um instante repouse na calma das Idéias, concentre culturalmente o Espírito, como no recolhido silêncio das igrejas góticas, e deixe lá fora, no rumor do mundo, o tropel infernal dos homens ferozmente rugindo e bramando sob a cerrada metralha acesa das formidandas paixões sangrentas.

Concede, Sol, que os manipanços não possam grotescamente, chatos e rombos, com grimaces e gestos ignóbeis, imperar sobre mim; e que nem mesmo os Papas, que têm à cabeça as veneráveis orelhas e os chavelhos da Infalibilidade, para aqui não venham com solene aspecto abençoador babar sobre estas páginas os clássicos latins pulverulentos, as teorias abstrusas, as regras fósseis, os princípios batráquios, as leis de Crítica-megatério.

E faz igualmente, Sultão dos espaços, com que os argumentos duros, broncos, tortos, não sejam arremessados à larga contra o meu cérebro como incisivas pedradas fortes.

Livra-me tu, Luz eterna, desses argumentos coléricos, atrabiliários, como que feitos à maneira das armas bárbaras, terríveis, para matar javalis e leões nas selvas africanas.

Dá que eu não ouça jamais, nunca mais! A miraculosa caixa de música dos discursos formidáveis! E que eu ria, ria – ria simbolicamente, infinitamente, até o riso alastrar, derramar-se, dispersar-se enfim pelo Universo e subir, aos fluidos do ar, para lá no foco enorme onde vives, Astro, onde ardes, Sol, dando então assim mais brilho à tua chama, mais intensidade ao teu clarão.

Pelo cintilar de teus raios pelas ondas fulvas, flavas, ó Espírito da Irradiação! Pelos empurpamentos das auroras, pela clorose virgem das estepes da Lua, pela clara serenidade das Estrelas, brancas e castas noviças geradas do teu fulgor, faculta-se a Graça real, o magnificante poder de rir – rir e amar, perpetuamente rir... perpetuamente amar...

Ó radiante orientalista do firmamento! Supremo artista grego das formas indeléveis e prefulgentes da Luz! pelo exotismo asiático desses deslumbramentos, pelos majestosos cerimoniais da basílica celeste a que tu presides, que esta Oração vá, suba e penetre os etéreos passos esplendorosos e lá para sempre viver, se eternize através das forças firmes, num álaire, cantante, de clarim proclamador e guerreiro.

## DOLÊNCIAS

Tu, na emoção desse encanto doloroso e acerbo da Arte, te sentirás, um dia, velho, fatigado, como um peregrino que percorreu ansiosamente todas as vias-sacras torturantes e perigosas.

Essa maravilhosa seiva de pensamentos, toda essa púrpura espiritual, as vivas forças impetuosas do teu sangue, agindo poderosamente no cérebro, irão aos poucos, momento a momento, desaparecendo, num brilho esmaecido, vago, o brilho branco e virgem das estrelas glaciais.

A tu'alma será condenada à solidão e silêncio, como certas formosuras claustrais de monjas que brumalmente aparecem por entre as celas, deixando no espírito de quem as vê, quase que o mistério de um religioso esplendor...

E, já assim emudecido e gelado para as nobres sensações do Amor, ficarás então como se estivesses morto – sem cabelos, sem dentes, sem nariz, sem olhos – sem nenhuma dessas expressões físicas que tornam os seres humanos harmoniosamente perfeitos.

Em vão te recordarás da doçura de mãos aveludadas e brancas, da amorosa diafaneidade de uns olhos claros...

As tuas Iedos, as tuas Lésbias e as tuas Aldas, fluidamente te passarão na memória, alvas e frias...

Pó infinitamente tratar de idéias como de astros prodigiosos, sonhaste com os opulentos, doirados prestígios da Glória; pensaste na Elevação, como na solenidade augusta das montanhas.

Mas, velho já, lembrarás um sol apagado, cuja forma material poderá persistir talvez ainda e cuja chama fecundadora e ardente se extinguirá para sempre...

Não crer em nada, não sentir nada, não pensar nada, será tua filosofia da senilidade. E, neste estado do ser, mais cruel que Budismo, deixarás, como disse Heine, que a morte vá enfim tapar-te a boca com um punhado de terra...

No entanto, pela tua retina cansada, desfilará tudo o que tu outrora amaste com intensidade: os ocasos, de verberações de metal sobre o mar e sobre o rio. Os finos frios radiantes, de azul resplandecente. A Lua, como estranha rosa branca, perfumando o ar, derramando lactescências luminosas nos campos alfombrados. Os navios, as escunas e os hiates, todas as embarcações admiráveis, que fazem sonhar, balouçando nas ondas, em relevos nítidos, em gravuras esmaltadas ao fundo dos horizontes.

Tudo o que pensaste, o que trabalhaste pela Forma, com nervos e com sangue; tudo o que te deixou despedaçado, na amargura da luta com o estilo e com a frase, cantará grandioso, solene, como os Salmos de Salomão.

Com essa natureza mística, quase religiosa, que possues, o Mundo te parecerá uma catedral vastíssima, colossal, de bilhões e bilhões de torres de cristal, de safira, de rubim, de ametista, de onix, de topásio e d'esmeralda.

E, à hora longínqua de profundo luar glacial e imóvel, de cada uma dessas torres sugira um espectro branco dos teus sonhos, como uma ronda fantástica, e os sinos plangentes vibrarão ao mesmo tempo, com tristezas noturnas e lancinantes, por todo o sepulcramento de teus Ideais.

E tu, velho, embora, na torre verde d'esmeralda, ficarás egrégio, vencedor, imortal, eterno, só e sereno, ao alto, sob as estrelas eternas.

## OCASO NO MAR

Num fulgor d'ouro velho o sol tranqüilamente desce para o ocaso, no limite extremo do mar, d'águas calmas, serenas, dum espesso verde pesado, glauco, num tom de bronze.

No céu, de um desmaiado azul, ainda claro, há uma doce suavidade astral e religiosa.

Às derradeiras cintilações doiradas do nobre Astro do dia, os navios, com o maravilhoso aspecto das mastreações, na quietação das ondas, parecem estar em êxtase na tarde.

Num esmalte de gravura, os mastros, com as vergas altas lembrando, na distância, esguios caracteres de música, pautam o fundo do horizonte límpido.

Os navios, assim armados, com a mastreação, as vergas dispostas por essa forma, estão como a fazer-se de vela, prontos a arrancar do porto.

Um ritmo indefinível, como a errante etereal expressão das forças originais e virgens, inefavelmente desce, na tarde que finda, por entre a nitidez já indecisa dos mastros...

Em pouco as sombras densas envolvem gradativamente o horizonte em torno, a vastidão das vagas.

Começa, então, no alto e profundo firmamento silencioso, o brilho frio e fino, aristocrático das estrelas.

Surgindo através de tufos escuros de folhagem, além, nos cimos montanhosos, uma lua amarela, de face chara de chim, verte um óleo luminoso e dormiente em toda a amplidão da paisagem.

## SOB AS NAVES

Àquela hora, meio tarde no dia, não sei que compunção evangélica me assaltou, me invadiu a alma, que eu penetrei no templo iluminado.

Altas naves sombrias pela névoa crepuscular da tarde, já em tons violáceos, abriram-se aos meus olhos, numa solene paz mística.

No alto do altar-mor vinha uma austera eloquência da Religião, da Fé Católica, de Rito Romano.

Velas amareladas e frias, de chama nobre e ardente, elevavam-se em tucheiros cinzelados, numa luz oscilante, trêmula às vezes por alguma momentânea aragem, com almas na indecisão de viver.

Na capela do Santíssimo, rutilante de caros brocados e doiraduras custosas, de fulgentes pratarias, de tons azulados e brancos de jarras esbeltas, uma lâmpada fulgurava, toda em esmalte de prata, por entre meia-tinta aveludada da hora, através do silêncio eucarístico, monástico da capela.

Uma serenidade de força divinal, de majestade tranqüila, enchia o templo de um grande ar panteísta.

Nos altares laterais, os santos, histerismos mumificados, no imortal resplendor das coisas abstratas, dos impulsos misteriosos que alucinam e por vezes fazem vacilar a matéria, tinham dolorosas e fortes expressões de luxúria.

Eu sentia, sob aquelas rígidas carnes mortificadas, frêmito vivo do sangue envenenado e demoníaco do pecado.

E, de repente, não sei por que profana, tentadora sugestão, vi nitidamente Nossa Senhora descer aos poucos do altar, branca e muda, arrastando o manto estrelado, e, vindo anelante para mim, de braços abertos, dar-me, com os olhos claros de azul, profundos e celtas, infinitas, inefáveis promessas...

Ah! naturalmente eu sonhara acordado, porque Tu, durante este meu sonambulismo de sátiro lascivo, subitamente entraste, trêfega, com vivacidade de pássaro, no templo iluminado; e eu então logo senti que os lindos olhos claros de azul que virginalmente se encaminharam para os meus, na ardência de um desejo, eram, por certo, os teus olhos, sempre meigos, sempre amorosos, ó luz, ó sol, ó esplendor dos meus olhos!

## PAISAGEM

Na colina da vila trepada no alto agrupam-se as casarias. Há sol. E na frente das casas caiadas de branco a luz vibra nervosamente, fazendo tremer a vista sob a crua irradiação da soalheira, como sob os flamantes bicos vertiginosos do gás da ribalta; enquanto que nas casas pintadas de amarelo e de vermelho quebra-se a forte intensidade da luz.

Nestas ubérrimas regiões agricultáveis, de loiras messes de produto, amanha-se a terra para a plantação da cana, da mandioca e do milho — do milho que nasce e cresce as com suas folhas compridas, flexíveis e largas como lustrosas, acetinadas fitas verdes.

E vê-se agora, na grande extensão do campo, entre a verdura fremente de sol, a gente da lavoura, aplicada ao arado, ao alvião e à enxada, — homens, mulheres e crianças, com os trajes da labuta, trabalhando e cantando queixas passadas que ecoam no ar tranqüilo, emprestando a essas paragens o pinturesco tom da vida de um desenho quente e colorido de leque chinês.

Mais abaixo da roça, além de uma estreita ponte de pau a pique, que se atravessa a um de fundo, está o mar, fulgurante, profundamente calmo e liso, espelhando o céu, e cortado, às vezes docemente por canoas a vela e a remo de voga que seguem para o mar grosso, ou por canoas a remo de pá que vão e voltam da pesca, cheias de peixe fresco que salta dentro, prateado e luzente, ainda vivo, com olhos vidrados de madrepérola, as guelras rubras e as barbatanas membranosas palpitando, no último anseio de se moverem na água.

Ao lado direito da lavoura estão os engenhos de açúcar, de farinha e de arroz, com seu ar rústico, emadeirados de novo, no aspecto simples dessa vida rude de trabalho nos campos.

Ao lado esquerdo há uma vasta eira de sólida argamassa de cimento romano, mandada fazer pelo proprietário desses terrenos campestres e férteis, na qual se põe a secar, se debulham e limpam os cereais, pelo tempo das eiras, no outono, e onde os pequenos lavradores daqueles arredores brincam o Tempo Será, de cabeça nua ao fresco dos lares serenos que espalham grandes silêncios soturnos e misteriosos nas brancas estradas dos sítios.

Quem anda por ali, nas estações primaveris goza do panorama ridente da vila, refrescado de auras leves e puras, que vêm do mar; da resina que exalam as árvores à noite, salubrizando a atmosfera e dando às verdejantes campinas a frescura e a nitidez de uma gouache encantadora.

E, quem for artista, e quiser percorrer ao longo da costa, até a uma gruta de pedras brancas, que ali há, formando um vulto agachado ou ao longo da paisagem toda, nos descampados; ou ao comprido dos atalhos marginados de ervas agrestes e tufo de espinheiros abrindo em flor, ou ao direito do chão claro, arenoso e úmido das praias, há de sentir as mais pitorescas e vivas comoções da Natureza.

De manhã, o gado que desce os vales, lento e dócil, aspirando a temperatura azotada, seguido pelo tropeiro que canta alegre no seu cavalo; os leiteiros, que vêm de longe, que passam para a cidade com o leite dentro de latas bojudas colocadas em paus que eles atravessam no ombro direito; as graciosas raparigas da roça, que levam a apascentar o rebanho das cabras monteses que saltam barrancos e carcavões, alígeras, lépidas, com os seus pequenos chifres pontudos, a Mefistófeles; os carros de boi, que chiam devagar, morosamente, na poesia de seu campestre ritmo simpático, atulhados de lenha e de cana rosa e guiados pelo campônio que vai na frente, munido de vara-pau, rosto grave e sóbrio, governando os benignos animais com a velha técnica arrastada e tremida na aspereza da voz — abençoada técnica que já vem lá dos seus antepassados e que os seus queridos filhos e netos, depois, mais tarde, quando ele fechar os olhos, terão de a receber também, intacta sempre a mesma, saturada do íntimo perfume intenso do passado, como uma herança eterna.

À tarde, o gado que volta para abeberar-se, de arejar no campo, ao suave ocaso do dia, quando tintas multicores se esbatem no fundo dos espaços côncavos; os leiteiros que voltam com a fêria arranjada, pitando, ou, de cigarro atrás da orelha, assobiando meigas cantigas que aprenderam na infância e que se fundem à melancólica, à dolência da loira luz que morre — quando, do cimo da encosta, após a última badalada saudosa do Ângelus, apagam-se os esboços e os contornos dos horizontes, caindo então sobre a terra a neblina cinzenta do crepúsculo...

## ASTRO FRIO

Por entre celas místicas, silenciosas, lá te foste emudecer para sempre, ó harmonioso e célebre pássaro do canto, nos pesados claustros.

Cor de rosa e de ouro na iluminada sala dos teatros, trinava para o alto inefavelmente, e, agora, não sei por que tormentosa paixão que te desolou um dia, ficaste infinitivamente reclusa, sob os fuscos tetos de um convento, como uma rara rosa opulenta numa estufa triste, fugindo ao sol dos prados.

Fria e muda estarás, talvez, a estas horas, ajoelhada na capela de um Cristo glacial de marfim sagrado — branca, mais glacial e de mais branco marfim do que esse Cristo, com as néveas mãos de cera e face também de cera macerada pelos jejuns e pelos cilícios, dentro de sombrias vestes talares.

E, assim muda e assim fria, perpassarás como a sombra de um vivo afeto ou de um profundo sentimento artístico, ao frouxo clarão de âmbar das lâmpadas lavoradas.

O teu alado perfil, as tuas linhas suaves, serão, no religioso crepúsculo da capela, como que a recordação do aroma, da luz, do som que tu para a Arte foste.

Nos olhos, apenas uma centelha, uma leve faísca evidenciará o passado esplendor, o encanto que eles tiveram, quando amaram, cá fora no mundo, com as violências do desejo, com os ímpetos frenéticos, vertiginosos da carne.

E os corações que te adoraram, que te ouviram outrora os incomparáveis gorjeios da garganta, que te sentiram a carnação formosa palpitando sob a vitória dos aplausos, ficarão saudosos e perplexos ao ver-te agora assim para sempre enclausurada, para sempre gelada aos fulgores e sensações do mundo, mergulhada, enfim, na necrópole de um convento, como um astro através de frígidas e espessas camadas de neve...

## BÊBADO

Torvo, trêmulo e triste na noite, esse bêbado que eu via constantemente à porta dos cafés e dos teatros, parava em frente do cais deserto, na alta, profunda hora solitária.

Espadaúdo, de grande estatura, ombros fortes como um cossaco, costumava sempre bater a cidade em marchas vertiginosas, na andadura bamba dos ébrios, indo pernoitar depois ali, perto das vagas, amigas eternas de sua nevrose..

Um luar baço, enevoadado, de quando em quando brilhava, abria, rasgando as nuvens, num clarão que iluminava amplas fachas do céu de um tom esverdeado, como folhagens tenras e frescas laçadas pela chuva.

O Mar tinha uma estranha solenidade, imóvel nas suas águas, com uma larga refulgência metálica sobre o dorso.

Da paz branca e luminosa da lua caía, na vastidão infinita das ondas, um silêncio impenetrável.

E tudo, em torno, naquela imensidade de céu e mar, era a mudez, a solidão da lua...

Junto ao cais, olhando as vagas repousadas, a taciturna figura do bêbado destacava em silhouette sombria. E ele gesticulava e falava, movia os braços, proferia palavras ásperas e confusas, como os tartamudos. Eu via-lhe as mãos, todo o corpo invadido por um convulsivo temos, que não era, de certo, a desoladora e enregelada doença da senilidade.

O seu aspecto, ao mesmo tempo piedoso e feroz, traduzia a expressão terrível que deixa o bronze inflamado da Dor calcinando naturezas nervosas e violentas.

Trôpego, espectral, fazia pensar, pela corpulência, na massa formidanda de um desses ursos melancólicos, caminhando aos boléus, como que numa bruma de pesadelo...

Os seus grandes olhos d'árabe, muito perturbados pelo álcool, tinham o brilho amargo de um rio de águas turvas e tristes.

Era talvez um desses seres nebulosos, gerados do sangue aventureiro e venenoso de uma bailarina e de um judeu, sem episódios pitorescos, frescos e picantes de alegria e saúde.

Um desses seres tenebrosos, quase sinistros, a quem faltou um pouco de graça, um pouco de ironia e riso para florir e iluminar a vida.

Alma sem humor — essa força fina e fria, radiante, que deu a Henri Heine tanta majestade.

No entanto, quanto mais eu observava esse fascinado alcoólico, pasmando instintivamente, na confusão neblinosa da embriagues, para as ondas adormecidas na noite, mais meditava e sentia as profundas visões de sonâmbulo que lhe vagavam no cérebro as saudades e nostalgias.

Porque o álcool, pondo uma névoa no entendimento, apaga, desfaz a ação presente das idéias e fã-las recuar ao passado, levantando e fazendo viver, trazendo à flor do espírito, indecisamente, embora, as perspectivas, as impressões e sensações do passado.

Nos límpidos espaços nem um movimento, um frêmito leve de aragem perturbava a harmoniosa tranqüilidade da noite clara, por entre os finos rendilhados prateados das estrelas.

Mais amplo, mais vasto e sereno ainda, o silêncio descia, pesava na natureza, sobre os telhados, que pareciam, agrupados, aglomerados nos infindáveis renque das casas, enormes dorsos escuros de montanhas, de elefantes., de dromedários.

Sobrepujando, avassalando tudo, com expressões misteriosas de Idade Média, as elevadas torres das igrejas, como vigias colossais de granito, erectas para o firmamento na luminosa sonoridade do luar, tinham a nitidez dos desenhos.

E a luz do astro noturno e branco, da Verônica do Azul, congelada de mágoas, envolvia a face atormentada do bêbado como num longo sudário de piedades eternas...

## SABOR

Os ingleses, fidalgo entendimento de artista, para significar - o melhor - dizem na sua nobre língua de prata: *the best*...

O que os ingleses chamam *the best* é finamente o que eu quero exprimir com a palavra — sabor — que, para a requintada espiritualidade, marca alto na Arte — filtrada, purificada pela exigência, pelo excentrismo da Arte.

Após a delícia frugal de um *lunch* de frutas silvestres e claros vinhos, numa colina engrinaldada de rosas, quando o sol sob nuvens aparece e desaparece, numa confortante meia-sombra de luz, não é apenas o gozo das frutas e dos vinhos que te fica saboreando no paladar.

O aseado aspecto do dia levemente frio, agulhante nas carnes, o ouro novo do sol em cima, a cor bizarra, correta do verde luxuoso, o gelo fresco e cristalino nas taças sonoras espumantes de líquidos vaporosos, e o viçoso encanto de formosas mulheres, indo em bocas de aurora e dentes de neve. — toda essa impressionante, alegre palheta de pintura à água, aflora num esplendor de gozo a que tu bem podes chamar o raro sabor das coisas.

A clarividência na atitude dos perfis que a essa hora pintalgam a paisagem de colorido variado, o aroma que de tudo vem e que de tudo sobe para a serenidade azul, o ritmo simpático do momento, a lassitude branda de nervos, que engolfa as idéias numa larga felicidade amável — como em amplos coxins de arminho — todas essas preciosas maneiras e pitorescos estilos que dão *linha*, grande tom ao viver, fazem, enfim, que de tudo se experimente um radiante, aguçado sabor.

Não basta, pois, o paladar. Esse, apenas, materializa. Não é, portanto, suficiente, que se sinta o sabor na boca, que o examine, que se o depure, que se o saiba distinguir com acuidade, com atilamento. É necessário, indispensável que, por um natural desenvolvimento estético, se intelectualiza o sabor, se percebe que ele se manifesta na abstração do pensamento.

Por fim, as palavras, como têm colorido e som, têm do mesmo modo, sabor.

O cinzelador mental, que lavora períodos, faceta, diamantiza a frase; a mão orgulhosa e polida que, na escrita, burila astros, fidalgo entendimento de artista, deve ter um fino deleite, um sabor educado, quando, na riqueza da concepção e da Forma, a palavra brota, floresce da origem mais virginal e resplende, canta, sonoriza em cristais a prosa.

Para a profundidade, a singularidade de todo o complexo da Natureza, o artista que sente claro, entende claro, pensa claro, saboreia claro.

## LENDA DOS CAMPOS

Por uma doirada tarde azul, em que os rios, após as chuvas torrenciais, sonorizam cristalinaamente os bosques, os camponeses de uma vila risonha, numa unção bíblica, conduziam ao tranqüilo cemitério florido o loiro cadáver branco de uma virgem noiva, morta de amor, tão bela e tão nova, umedejada no fêretro, como se tivesse acabado de nascer da rosada luz da manhã.

Infantil ainda, viera outrora da Alemanha através de castelos feudais, de montanhas alpestres, de árvores velhas e enevoadas...

E, então, desde o dia de sua morte, uma lenda espalhou-se, como a dos Niebelugen, em todas aquelas cabeças ingênuas, rudes e humildes.

Ela era a deusa fantástica, a visão encantada dos antigos palácios medievais de vidraçaria gótica, onde as rainhas mortas apareciam brancas ao luar, à flor dos lagos e rios, suspirando toda a tragédia histórica dos convulsivos amores passados, que os ventos de hoje como que ainda melancolicamente repetem...

Era a monja das aldeias dos castelos feudais, graves e solenes, cheios de névoas alemãs, atravessados de fantasmas que fazem mover alvas e longas clâmides de linho no ar neutralizado da meia-noite...

E, por altas horas, em certos dias, ao luar, a imaginação apreensiva dos homens e mulheres do campo, via uma virgem loira, de ignoto aspecto de ondina mágica, surgir do solo em exalações fosforescentes, o coração traspassado de flechas inflamadas, arrastando soturnamente pela areia luminosa uma vasta túnica branca, os cabelos de sol soltos para trás, candidamente pálida, cantando a canção sonâmbula do túmulo e desfolhando grandes grinaldas de flores de laranjeiras, cujas frescas e néveas pétalas cheirosas redemoinhavam, agitadas por um vento frio — pelo vento gelado e soluçante da Morte.

## NOTAMBULISMO

Enquanto, fora, na noite, gralha, grasna e grulha o Carnaval em fúria, vai, Mergulhador, rindo para o espaço a tua aguda risada acerba.

Os luminosos lírios das estrelas desabrocharam já nos faustosos brocados do Firmamento, como que para ritmar em claras árias de luz a tua torva risada triste.

Apavora-te o Sol flamejante, eterno, na altura infinita. Não queres a aflitiva evidência do sol, que tudo põe num relevo brusco, que pinta as chagas de vermelho, faz sangrar as dores, perpetuar em bronze o remorso.

Amas a sombra, que esbate os aspectos claros, esfumina os longes, turva e quebra a linha dos corpos.

Queres a noite, longas trevas amargas que confundam máscaras hediondas de Gwimplaines com faces loiras de deusas.

Noite igualmente deliciosa e dilacerante que te anule para os sentimentos humanos, que te disperse no vácuo, dissolva imortalmente o espírito num som, num aroma, num brilho.

Noite, enfim, que seja o vasto manto sem astros que tu arrastes pelo mundo a fora, perdido no movimento supremo da Natureza, como um misterioso braço de rio que, através de fundas selvas escuras, vai, por estranhas regiões, sombriamente morrer no Mar...

A noite tem, para a tua delicada sensibilidade, o majestoso poder de apagar-te dos olhos esses sinistros animais terríveis que babujam ao sol e desfilam, diante de ti, na truculenta marcha cerrada de pesadas massas formidandas.

Enquanto, pois, lá fora, o Carnaval em fúria gralha, grasna e grulha, num repique macabro de guizos jogralescos, uivando uma língua convulsiva e exótica de duendes e notâmbulas bruxas walpurgianas, prende-te, ó deus do Tédio, Mergulhador dos Mediterrâneos da Arte! Às imensas asas da fria águia negra das multidões — a noite — e ri, ri! Sob as claras árias da luz das Estrelas, a tua venenosa risada em fel e em sangue...

## NAVIOS

Praia clara, em faixa espelhada ao sol, de fina areia úmida e miúda de cômodo.

Brancuras de luz da manhã prateiam as águas quietas, e, à tarde, coloridos vivos de acaso as matizam de tintas rútilas, flavas, como uma palheta de íris.

Navios balanceados num ritmo leve flutuam nas vítreas ondas virgens, com o inefável aspecto nas longas viagens, dos climas consoladores e meigos, sob a candente chama dos trópicos ou sob a fulguração das neves do Pólo.

Alguns deles, na alegre perspectiva marinha, rizam matinalmente as velas e parte — mares afora — visões aquáticas de panos, mastros e vergas, sob o líquido trilho esmaltado das espumas, em busca, longe, de ignotos destinos.

À tarde, no poente vermelho, flamante, dum rubro clarão d'incêndio, os navios ganham suntuosas decorações sobre as vagas.

O brilho sangrento do ocaso, reverberando na água, dá-lhes uma refulgência de fornalha acesa, de bronze inflamado, dentre cintilações de aço polido.

Os navios como que vivem, se espiritualizam nesta auréola, neste esplendor feérico de sangue luminoso que o ocaso derrama.

E mais decorativos são esses aspectos, mais novos e fantasiosos efeitos recebem as afinadas mastreações dos navios, donde parece fluir para o alto uma fluida e fina harmonia, quando, após o esmaecer da luz, a Via-Láctea resplende como um solto colar de diamantes e a Lua surge opaca, embaciada, num tom de marfim velho.

## EMOÇÃO

Não sei que estranho *frisson* nervoso percorre-me às vezes a espinha, me eletriza e sensibiliza todo como se meu corpo fosse um harmonioso teclado de cristal vibrando as sonoridades mais delicadas.

Um ombro aveludado e trescalante a frescura aromática, que pelo meu ombro levemente roce na rua, num encontro fortuito, produz-me um estado tal de volúpia, dá-me tão longa, larga volúpia, que me vejo por entre incensos, festivamente paramentado como o sacerdote que ergue o cálix acima da cabeça, ao alto do Altar-Mor dos templos doirados, sentindo que um aluvião de almas crentes o adora de joelhos.

A mão fina, ideal, calçada em luva clara, de formosa mulher que por entre a multidão aparece e desaparece, como uma estrela por entre nuvens, bem vezes, também, me alvoroça e agita o sangue.

E sigo, radiante, triunfal, rei, essa nobre mão enluvada, à qual eu em vão pediria o ouro, a riqueza afetuosa de um gesto carinhoso — a essa delicada mão avara e milionária que, para mais avara tornar-se ainda, se fora esconder na maciez elegante da luva fresca, vivendo dentro dela afagada, confortada, palpitando talvez por encontrar a mão feliz que vibrará de amor ao seu contato.

Então, assim, a emoção que desperta todos os meus sentidos, no curioso giro que faço com o pensamento acompanhando a feminina mão fidalga, não é uma emoção de indiferença, por certo, mas uma emoção de despeito.

Estranhamente, como força hercúlea que me prendesse à terra, chamando-se à iniludível Realidade, desço das inauditas, siderais, regiões a que subira.

Vejo-me logo, então, profundamente vencido no tempo, e, no meu rosto, à maneira dos fundos sulcos que as charruas abrem nos campos, imprevistas rugas se evidenciam, como se eu tivesse de repente envelhecido um ano.

Da Dor poucas vezes sinto só o que ela tem de selvagem, de rugidora.

Emoções delicadas, sutis, que me doem também fundo na alma, porque me melancolizam, deixam-me um ritmo de música, uma afinada dolência de suavíssimos violinos, e que por fim delicia.

É como se alguém vibrasse de brando as cordas de um instrumento e ele, trêmula, amorosamente, ficasse a gemer no mais meigo, no mais doce dos dedilhados acordes...

A emoção é que me faz amar os eucaliptus altos, afilados, retorcidos convulsamente, como a dor dum gigante.

É ainda essa mesma emoção que me faz perceber e ouvir o misterioso som dos metais: o claro riso diamantino da Prata e o trovejante rumor do bronze.

O que o mundo chama fatalidade, negras e assoberbantes catástrofes, como um incêndio, não posso bem com nitidez que emoção me causa.

Realmente, num incêndio, todas aquelas chamas são maravilhosas!

Não sei que raro, que estupendo Rembrandt veio de surpresa encharcar de um rubro violento, sanguinolento e flamejante, todo aquele belo edifício que, há pouco, era um rendilhado palácio ou uma igreja gótica, um Louvre em Pompas ou um faiscante chalet d'esmalte.

E não sei até como essas chamas formando miríades de fantasmagorias, ilusionismos, entre os quais às vezes perpassa a deliciosa cor azulada, aveludada, de poncheiras colossais, não devoraram tudo logo a um tempo!

Têm sido, talvez, benévolas, piedosas demais as chamas, porque há já bastante horas que o fogo alastrou, minou, rastejou, como um verme de incêndio, pelos alicerces do edifício e só agora que os trovejamentos desabem, as paredes caem, como se fossem de cera, milhares de fogozinhos correm eletricamente como microscópicos insetos luminosos pelo luxuoso papel das paredes, enquanto todo o resto da madeira estala e range , num crac-crac seco, caindo desmantelada como os mastros e vergas de um navio que afunda na fúria dos aceanos, sob o rijo estourar das tormentas.

Alucinação, nevropatia, embora, eu não sei bem, na verdade, se um incêndio me apavora ou me delicia, - o que sei é que intimamente me sobre-excita.

Também o Mar, a emoção que experimento ao vê-lo, verde, amplo, espelhado, dá-me uma saúde virgem, uma força virgem.

Sinto o gozo repousante de sondá-lo, de descer à imensa profunda necrópole gelada onde uma florescência de algas vegeta; e, ao mesmo tempo, diante do Mar, sinto o peito alanceado de incomparável saudade de países vistos através do caleidoscópio da imaginação, dos sonhos fantasiosos – países lindos e felizes , floridos trechos de terra, ilhas tranqüilas, províncias loiras, simples, de caça e pesca, donde a sombra amorosa da pa benfazeja fosse como uma sombra doce, protetora, de árvore velha, e onde, enfim, a Lua tudo imaculasse numa frescura salutar de pão alvo ...

A emoção, a sensibilidade em mim, quase sempre desperta uma meditativa amargura, uma grande e mística dolência do passado, que enevoa tudo – como o indefinido mistério perfumado dessas soberbas mulheres de Versailles, carnações fidalgas e perfeitas que estremeceram de luxúria e apaixonadamente amaram pelos velhos parques abandonados, rojando sobre as areias sonoras das alamedas a cauda astral das vestes de Deusas.

## OS CÂNTICOS

No templo branco que os mármoreos augustos e as cinzeluras doiradas esmaltam e solenizam com resplandência, dentre a profusão suntuosa das luzes, suavíssimas vozes cantam.

Coros edênicos inefavelmente desprendem-se de gargantas límpidas, em finas pratas de som, que parecem dar ainda mais brancura e sonoridade à vastidão do templo sonoro.

E as vozes sobem claras, cantantes, luminosas como astros.

Cristos aristocráticos de marfim lavrado como fidalgos e desfalecidos príncipes medievos apaixonados, emudecem diante dos Cânticos, da grande exalção de amor que se desprendem das vozes em fios subtilíssimos de voluptuosa harmonia.

O seu sangue delicado, ricamente trabalhado em rubim, mais vivo, mais luminoso e vermelho fulge ao clarão das velas.

Dir-se-ia que esse rubim de sangue palpita, aceso mais intensamente no colorido rubro da luxúria dos Cânticos. Que despertam, ciliciando, todas as virgindades da Carne.

Fortes, violentas rajadas de sons perpassam convulsamente nos violoncelos, enquanto que as vozes se elevam, sobem, num veemente desejo, quase impuras, maculadas quase, numa intenção de nudez.

E, através das volúpias das sedas e damascos pesados que ornamentam o templo, das luzes adormecedoras, dos perturbadores incensos, da opulência festiva dos paramentos dos altares e dos sacerdotes, das egrégias músicas sacras, sente-se impressionativamente pairar em tudo a volúpia maior – a volúpia branca dos Cânticos.

## FULGORES DA NOITE

Desce um desses crepúsculos violáceos em que parece errar no espaço a enevoadada música das casuarinas ...

Envolvem gradativamente a imensidade os veludos negros da Noite.

Num céu frio d'inverno, que umas mais frias estrelas esmaltam pouco a pouco, começa prodigiosamente a surgir a Lua, alta e misteriosa, lembrando baladas.

Dias d'ouro, ricos e raros, resplandeceram já com o sol na luxúria verde da folhagem.

E agora, o luar, que veste as noites de noivas, desdobra suntuosamente as suas tules delicadas e os seus luxuosos cetins brancos, imaculados.

Fecundam-se os grandes campos, quietos na nívea luz da Lua, no clarão que dela jorra, dormente e doce.

E os animais que repousam na amplidão dos vistosos gramados, gozam tranquilos um sono brando, acariciador, como que produzido pela amorfinada claridade da Lua límpida e profunda.

As águas, as frescas águas das fontes e rios, as largas águas dos mares serenamente adormecem, num esplendor cristalino

Apenas uma surdina leve que sai delas, como um leve ressonar, lhes denuncia, no silêncio claro da noite, a antureza sonora.

E enquanto a rumorosa paisagem, todos os frementes impulsos do dia calam-se, em redor, na noite, a lua e as estrelas amorosas acordam e brilham, num recolhimento de Santuário, todas de branco, como virgens para a primeira comunhão.

## PSICOLOGIA DO FEIO

*Peters*, esse humorismo ao mesmo tempo alucinante e alado; o pessimismo paradoxal de Alphonse Karr e Gustavo Groz, tão semelhantes nas linhas gerais; todo aquele pungente, doloroso, estranho *Livro de Lázaro*, de Henri Heine, tudo isso, fundido numa cristalização de lágrimas e sangue, como a flamejante e espiritualizada epopéia do Amor, exprimiria bem, talvez, a noite de tua psicologia negra, ó soturno, ó triste, ó desolado Feio.

Tu vens exata e diretamente do Darwin, da forma ancestral comum dos seres organizados: eu te vejo bem as saliências craneanas do Orango, o gesto lascivo, o ar animal e rapace do símio.

As tuas feições, duras, secas, quase imobilizadas em pedra, puxadas, arrepanhadas num momo, como a confluência interior dos desesperos e das torturas, abrem-se rebeladamente num sarcasmo, ao qual às vezes uma gesticulação epiléptica, nevrótica, clownesca, faz impetuosa brotar a gargalhada das turbas, enquanto a tua voz coaxa e grasna, numa deprecação de morte, com ásperas e absurdas variabilidades ventríloquas de tons.

O teu horror não é deplorável só, não causa só piedade – mas é um obsceno horror – e as abas compridas e esfrangalhadas duma veste que te fica em rugas, em pregas encolhidas na largura neste teu corpo esquelético, e que parece a mortalha dalgum hirto cadáver que houvessem desenterrado – as esquisitas abas desta veste, sob o chicote elétrico do vento, alçam-se em vôo, deblateram para trás de ti, ansiosas, aflitas, puxando-te, num arrebatamento histórico, como se fossem fúrias tremendas que te quisessem arrojarem pelos ares, num delírio de darem-te a morte.

Outras vezes, porém, lembram as asas de um grande morcego monstro, imensas e membranosas, causando asco nauseante e enchendo tudo duma sinistra treva lugubremente cortada de arrepios e esvoaçamentos medonhos.

Árvores frondentes e undiflavadas de sol, onde os pássaros cantem; rios gorgolejantes de cristais sonoros; vivos e iluminados vegetais em flor; campos verdes, afogados na verdura tenra, como estofos de veludos e sedas rutilosas e orientais, não são já para a tua alegria, recuada agora no fundo das nostálgicas neblinas da torturante desilusão de seres Feio.

Os perpétuos gelos do Volga e do Neva para sempre rolam, em densas camadas, sobre o teu coração; e, aí, tudo o que dele se aproxima, outros corações que te buscam, outros afetos que te procuram, perdem todo o calor, resfriam logo, inteiramente ficam gelados já diante da tangibilidade gwinplinesca da tua fealdade.

Só eu, numa suprema hora de spleen, de esgotamento de forças psíquicas, em que me falte extensamente o humor – essa bondade hilariante do Espírito – te idolatro e procuro, ó lascivo Feio! que da luxúria pantagruélica dos vermes devoras na treva os sonhos – porque não os podes alimentar, nem ver florir, nem crescer! Sem que a diabólica verdade flagrante esteja a rir de teu amor e a pintar picarescamente caricaturas na quase apagada perspectiva da tua existência.

Só as artísticas sensibilidades nervosas, vibráteis, quase feminis, podem amar-te; enquanto que as individualidades ocas, estéreis, áridas, duras, sem vibração sensacional, sem cor, sem luz, sem som e sem aroma, fugirão para sempre de ti como à repelência asquerosa de um putrefato.

Entretanto, eu gosto de ti, ó Feio! porque és a escapelante ironia da Formosura, a sombra aurora da Carne, o luto da matéria doirada ao sol, a cal fulgurante da sátira sobre a ostentosa podridão da beleza pintada. Gosto de ti porque negas a infalível, a absoluta correção das Formas perfeitas e consagradas, conquanto tenhas também, na tua hediondez, toda a correção perfeita – como o sapo, coaxando cá embaixo na lodosa argila, tem, no entanto, a repelente correção própria do sapo; – como a estrela, fulgindo, lá, em cima, no precioso Azul, tem a serena e etérea correção própria d'estrela.

Por uma espécie apenas de schopenhaurismo é que eu adoro-te, ó feio! e queria bem rolar contigo nesse Nirvana de dúvida até à suprema aniquilação da morte, vendo surgir, como de lagos de quimeras, em estalagmites de neve, diante de mim, sombrios e álgidos, pesadelos de mulheres amadas; pálidas Ofélias, Margaridas loiras, Julietas tormentadas, visões, enfim, como nas tragédias de Mcbeth ou a nevoenta Visão germânica do Graal.

Numa seda negra d'Arte, vestidos de negro, à semelhança desse trágico Hamlet da Dinamarca, iríamos os dois, através dos largos e profundos cemitérios silenciosos, consultar as rígidas caveiras das virginais Ilusões que se foram, e que, à nossa aproximação, sorririam, talvez, felizes, como se lhes levássemos a palpitante matéria animada de nossos corpos para cobrir, fazer viver as suas galvanizadas carcaças frias.

Mas ah! eu quisera bem, por vezes, também, ter o rude materialismo analítico de Buchener, que, certamente, não sentiria por ti, ó Feio! esta extravagante, excêntrica, singular influência mórbida que nas funções de meu cérebro vem, contudo, como doença amarga, um tédio amarelo e pesado de chim que o ópio estuporou e enervou.

Não houvesse dentro em mim, através das Iliadas do Amor, das Bacanais do Sonho, um sentimento melancólico ao qual o pensamento dá uma expressão de enfermidade psicológica, e eu não arrastaria a tua sombra, não andaria preso ao teu esqueleto, ó soturno, ó triste, ó desolado Feio!

## VITALIZAÇÃO

Há uma irradiação larga e opulentíssima nos ares.

Esbraseamento do sol do fim da tarde dá fortes verberações quentes à paisagem, que resplandece, e de cuja vegetação estuante de calor parecem rebentar as raízes túmidas de seiva, como veias imensas latejando de sangue oxigenado e vivo.

Nessa elaboração enorme da Terra que procria e fecunda, na gestação desses mundos que, como astros, gravitam talvez em cada grão de areia, pululando e vibrando, a Natureza é como uma grande força animada e palpitante, dando entendimento e sentimento à Matéria e fazendo estacar a vida no profundo ocaso da Morte.

E, daí a pouco, a Lua, através das matas do vale, anelante e álgida, surgirá, rasgará d'alto as nuvens do céu, acordando os aromas adormecidos, cristalizada, vagarosa e tristemente, como uma dor que gelou...

## GLORIA IN EXCELSIS

Num recolhimento sugestivo, como se o meu espírito estivesse longinquamente a orar n'alguma velha abadia, penetrei na catedral em festa.

Não sei que de nevoento, vago, dolente e nostálgico me invadira de repente e por tal forma, que eu fui, como que sonambulamente, à solenidade.

Todo o templo, ornamentado, resplandecia, numa imponência, numa augusta suntuosidade, a que o grande esplendor das luzes dava majestades romanas.

A onda humana, compacta, densa, murmurava, numa compunção.

Alvuras e incenso envolviam, como que em brumas imaculadas, em flocos matinais de neblina, o vasto recinto da igreja.

Lustres imensos pendiam pomposamente da abóbada branca, numa infinidade de pingentes que tinham e cintilavam, como polidas, facetadas lâminas metálicas, num brilho molhado.

Do coro, para o alto, os instrumentos de corda choravam, salmodiavam, num crescendo de notas, através do vivos metais sonoros.

Eram excelsos, eram egrégios aqueles sons sacros, religiosos, que subiam pelas naves, à maneira que os incensos subiam.

No peito, como numa urna de cristal, o coração batia-me, anelante, na ânsia, na vertigem de vê-la por entre todo aquele confuso e amplo borboletar de cabeças.

E, quando houve um alegre e diamantino tilintar de campas e o sacerdote elevou no cálix o Vinho Sagrado, o coração, como estranho pássaro de sol, fugiu-me do peito, num alvoroço arrebatado, maravilhado na grande luz do templo, em busca dos olhos dela, que, de repente, me fitaram, longos, negros e veludosos, quando, por entre néveas névoas d'incenso, o *Gloria in Excelsis*, exalçando os Evangelhos, triunfava nas vozes e levantava um festivo rumor no templo.

E foi, para meu coração lancinado de amor, como se Ela, naquele instante, me trouxesse toda essa Glória luminosa nos olhos.

## PÁGINA FLAGRANTE

Inflamados de sol, como pássaros no esplendor da aurora, partiam Ambos a digressões singulares, por manhãs alegres, da alegria impulsiva e bizarra das Hallalis de caça.

Uma virginal exalação de leite, um aroma finíssimo de lilás e rosa errava pelos prados são e férteis, na grande luz alastrante e germinadora da primavera.

Na franqueza heróica da força que a expansão vigorescente da Natureza lhes infiltrava, experimentavam Ambos uma sensação aguda de espiritualidade, um eletrismo de idéias, que os agitava, dava-lhes intensa vibratilidade, uma embriaguez fascinante de acre aticismo mental, por entre os radiantes orientalismos de luz.

E eles partiam nervosamente, alvoroçados, finos, fulgurantes, como sobre a impressão da alta e convulsionante música wagneriana.

De uma abundante e luxuriosa vegetação psíquica, enclausurados na Arte, como numa cela, lá iam sempre nessas continuadas *batidas*, nesses verdadeiros assaltos ao Ideal, num fausto de Império romano, arrebatados pela grande borboleta iriante, fugidia e fascinadora da Arte.

Vinham, então, os livres exames, os amplos golpes de Crítica, ao fundo e ao largo, através dos turbilhões luminosos do sol.

Quase feroz, cheio de bárbaros venenos e ao mesmo tempo untuoso como os inquisidores, um deles fazia vagamente lembrar a urze das montanhas áridas, sobre a qual, entretanto, O Azul canta de dia os hinos claros do sol e à noite a luminosa barcarola da lua e das estrelas.

O outro, recordava, também, por sua exótica natureza, perpetuamente envolta numa bruma de mistério, um Cristo célebre de Gabriel Max, corpulento, viril, de aspecto igualmente aterrador e piedoso, que vi uma vez numa galeria...

Organizações dúbias, obscuras, de acridão agreste, que representam, na ordem animal, o que representa, para as camélias e para as rosas, o cróton.

E aquelas duas almas, intelectualmente impulsionadas, abriam-se em chamas altas, aos deslumbramentos de sua estesia.

As idéias fugiam, cabriolavam, penetravam todo o arcabouço do assunto, tomavam formas, aspectos estranhos, macabros; e era tal a intensidade, a veemência com que brotavam do cérebro, que pareciam viver, radiar, ter cor, vibrar.

A verve esfusiava, mentalizada pela Análise, pela Abstração e pela Síntese; sátiras frias, cortantes como rijos e aguçados cutelos, espetavam capras a carne tenra, viçosa, próspera, de S. Majestade Imbecil; e, para supremamente assinalar todas as surpresas e elevações do Entendimento, uma psicologia rubra, flamante, sangrava, sangrava em jorro, torrencialmente sangrava.

E eram *boutades* maravilhosas, a *charge* leve, pitoresca, ferreteando, zumbindo sobre os homens circunspectos, que passavam, o andar solene, ritmado, em cadência, como na marcha das procissões.

E Ambos riram, riram, numa risada sonora e forte, como se festins cintilantes, bacanaís, triclínios, todas as vermelhas orgias do Espírito, lhes cristalinamente no riso.

De repente, como uma pausa repousadora nesse crepitante incêndio de *verve*, penetravam sutilmente com delicadezas extremas, nos pensamentos mais curiosos, mais sugestivos, nos amargos dolorimentos e pungências latentes da Arte.

Diziam coisas aladas, quase fluídas, que determinavam a abstração do ser que os animava e floria; tinham essa percepção, esse entendimento profundo, tanto luar como o sol, que explica, mais ainda do que o que se perpetua em fragrância num livro, a poderosa força criadora, a ductilidade, a emoção e a contensão nervosa de raras naturezas artísticas.

Refletiam que certo modo de colocar, de por as mãos, de certas mulheres, lhes fazia longamente considerar, meditar nas monjas...

Pensavam que no mundo há naturezas tão excêntricas e nebulosas que, pelas condições complexas em que se encontravam na vida, precisariam de uma filosofia nova, original, para determiná-las. Eram como que existências eriçadas de abetos alpestres, carnes que se rasgavam, se despedaçavam...

As rosa, pareciam-lhes belezas opulentas, pomposas, da Inglaterra...

E todo o universo estava agora tão atrozmente perseguido por tédios mortais, que os homens já naturalmente falavam em morrer, como quem fala em viajar ou em rir...

Quanto à Arte, queriam que a expressão, que a frase vivesse, brilhasse, sonora e colorida, como um órgão perfeito. Que tudo o que disseram ficasse imperecível, eterno, perpetuado no Espaço e no Tempo, com os sons que os circundavam, a cor, a luz, o aroma que os atraía.

As palavras deveriam ser, para se eternizarem, cravadas no ar límpido, como num forte cristal de rocha.

Era a ânsia dos requintes supremos, a exigência das formas castas, que os fascinava, que os seduzia, tentava, como nudez formosa de mulher virginal. Tudo, enfim, na Arte, deveria ficar luminoso e harmonioso, como um cantar d'astros.

E lá caminhavam, inquietos, vertiginosos, no esplendor matinal, que os alagava e fecundava, como um prodigioso rio de ouro e diamantes, terras maravilhosas e produtivas.

Iam à conquista das Origens verdes, das puras águas brancas da Originalidade, dentre o vibrante alarido de cristal dos seus temperamentos austrais, ardentes e sangrentos.

Como orquestrações largas, sinfonias vivas de emoções e idéias, rompiam dia a dia nessas *batidas* frementes, numa transcendência de princípios e sentimentalidades – talvez no íntimo dolorosos, lancinados pelo *Miserere* das Ilusões elevadas.

E, muitas vezes, já alta madrugada, sob o sereno e suave adormecer das estrelas alvoraais, não era sem uma derradeira Apóstrofe à soberana Chatice que essas duas existências chamejantes se separavam, num grande clarão espiritual de afetos.

Então, um deles, numa aclamação, num gesto singular e profético, arrojava, além, para os séculos, esta *charge* infernal, suprema:

— A divina Estupidez, a onipresente Imbecilidade ficaria eterna, ao alto, junto às nuvens, sobre uma estranha Babel de milhões de degraus de bronze, como num trono colossal, bufando e roncando, a dominar as imensidades, fantásticamente, onipotentemente, guardada por cem mil esquadrões ferozes, monstruosos e formidáveis, de hipopótamos e búfalos!...

## TINTAS MARINHAS

Mar manso, pelo fim da tarde.

O ouro fulvo dos horizontes no ocaso a pouco e pouco esmaece.

Pela manhã chovera, mas antes do pôr do sol o dia levantara e as perspectivas úmidas e frescas embeberem-se agora no eflúvio salutar das marés.

No espaço há uma grande acumulação de nuvens áureas e róseas de um forte colorido de silforama.

Para além, da outra banda do mar, a faixa larga e prateada da praia, em curvas, coleando, está de uma extrema doçura e nitidez inefável. A retina mal pode apanhá-la.

Os olhos pestanejam, nas infinitas vertigens e nos prismas visuais sutis e cambiantes de míope, diante do encanto dos tons de luz leve, rarefeita, espiritualizante e fina, como um tecido tenuíssimo.

Há em toda a marinha um aspecto amável, uma suavidade de aquarela *d'après nature*, quase êxtase.

Dá um esplêndido efeito à visão ótica e um revigoramento humorado às faculdades artísticas, este belo trecho sadio e agradável de vagas, em cuja superfície a luz frouxa da tarde se encarrega, com as suas pinceladas de fantasista, de fazer as mais extravagantes e rendilhadas decorações.

O mar, aquietado, sereno, está de um verde glauco ativo e salgado, convidando a viajar, e, sobre ele, navios balouçantes, embarcações, soltas como aves, de delicadas formas artísticas, com afinidades abstratas de certas linhas fugidias de um perfil de mulher, conservam, então, como lenços de adeuses, as suas velas brancas estendidas, os seus panos a secar da chuva da manhã.

Balançam-se um pouco, numa cadência harmônica, num ritmo musical, com os altos mastros erguidos para o céu em posição de vigia.

E, assim, com os mastros e as velas, na aglomeração das adriças e dos cabos, os navios fazem vagamente lembrar, na calma da tarde, enormes e estranhas plantas de ornamentação.

Ao fundo, na recortada e esfuminhada linha das montanhas, uma queimada faz evoluir para os ares o seu azulado penacho de fumo.

E, no meio da pitoresca delícia da marinha alegre e lavada, de um acre sabor de azote, uma ou outra gaivota esvoaça, além num vôo incisivo, rápido, ou pousa junto aos líquens ou junto às algas, mergulhando e roçando na vítrea vaga a nevada plumagem de arminho.

Então, de toda a paisagem, larga, aberta, revigorativa e cheia de uma grande ar primitivo de virilidade, vem um sopro intenso, confortador e pagão de Heroísmo e de Mocidade, fazendo inflar o peito, e um sentimento anelante e virgem de pesca, no bravo Mar Alto, entre tropicalismos primaverais de sóis sangrentos e de dias azuis, sobre as rasgadas ondas mormurejosas.

## ESMERALDA

No fundo verde da tela avulta em claro uma Cabeça macilenta, dolorosa, como que envolta num albornoz branco.

Toques da mesma cor garça põe-lhe leves nuances nos cabelos, nos olhos cismativos, anelantes, que têm a expressão de um desejo nômade.

Desse cromatismo de tons verdes, idealizou o artista o nome de sua viva cabeça imaginária – que parece uma dessas fisionomias raras que só naturezas especiais sabem distinguir e amar, uma dessas cabeças de mulheres singulares que a dolência da paixão enervante calcinou e turvou de dores.

Do golpe rubro da boca escapa-lhe um sentimento de amargor, que a travoriza e acidula, como se um acre veneno ardente lhe estivesse sangrando os lábios.

E essa boca, assim em golpe rubro, purpurejada por um vinho secreto de ilusão antiga, destacando álcere no palor do rosto frio, como que excita aos beijos, turbilhões de beijos como de chamuscas...

E descendo da boca aos seios alvos de lua, a imaginação vai fantasiosamente compondo todo o corpo de Esmeralda e despindo-o, à proporção que o vai compondo, despindo-o e gozando a carne cor de papoula.

E, as tintas, na tela, vivendo de impressionabilidade artística que um pincel de mão original e nervosa lhes infiltrou, como que exprimem, no colorido e no ideal da contemplativa Cabeça, a emoção vaga, aérea, de alguma formosa e amada Esmeralda virgem, perdida e morta dentre as verdes pedrarias do Mar solene...

## FIDALGO

Pé esguio, fino, à Metistófele, para galgar, não já a Roma pomposa e purpúrea, enflorada em glória; nem mesmo já a Grécia estóica, de ouro e de mármore; mas para supremamente galgar as regiões infinitas e virgens da deslumbrante Originalidade.

Colorido de graça, madrigalesco e maravilhoso, a luva negra vestindo a mão real de loiro e fantasioso Excentrista, a face meditadora e branca voltada para as Estrelas, donde surgiriam as leis transcendentais da Arte, penetrarias os pórticos suntuosos de palácios d'esmeralda e safira, subindo por escadarias de prata e pérola.

E, prodigiosamente, em sedas e ouros de luz, aí te perpetuaras nos Azues imortais da Eternidade, onde o Espírito deve ter, não a claridade coruscante e clarinetante do Sol, mas o brilho de paz, de incomparável repouso são da Lua solene e sonolenta.

A tua Obra, vasta e fecundadora, seria então singularmente traçada em panos mais largos que os de tendas do deserto e mais alvos ainda do que as neves imaculadas.

Com um fio d'astro cinzelarias, darias esmaltes indelévels e marchetarias idéias, como um tecido d'estrelas, lírios e siderais.

E, para que a correção inteira, a harmonia perfeita irradiasse na Obra, em luz mais clara, um pássaro estranho, cor de brasa, branco, azul, conforme o tom do teu Ideal, cantaria, gorjearia em ruflagens d'asa ao alto de tua nobre cabeça fidalga, como que para te ritmar as idéias.

E tu, como um deus mítico, afinarias pelo ritmo inefável do canto os pensamentos delicados da grande Obra, até produzires nela a harmonia, a cor, o aroma.

Músicas excelsas e tristes, como uma combinação de roxo e azul profundo, dariam frêmitos, vibrações às tuas páginas, que ficariam vivendo com o Som, perpetuamente.

Bonzos, Manitus, não gralhariam e grasnariam jamais em torno de teu ser abstrato e tranqüilo, feito para florir, cantar e resplandecer.

Como as pérolas guardadas em cofres do Oriente, envoltas em areia do Mar Vermelho, para não perderem o raro esplendor, a tua Obra, coroada pelas rosas triunfais da Originalidade, ficaria afinal, ó Fidalgo da Arte! envolta nos mistérios do Sol, egregiamente cantando e chamejando, na helênica resplandecência da Forma.

## ANGELUS

O sol em sangue alastra, mancha prodigiosamente o luxuoso e largo damasco do Firmamento.

Opulentos, riquíssimos esplendores de púrpuras luminosas dão uma glória sideral à tarde.

E, pela sugestão cultural, quase religiosa da hora, os deslumbrantes efeitos escarlates do grande astro que desce, d'envolta com doiramentos faustosos, fazem lembrar a magnificência romana, a ritual majestade dos Papas, um festivo desfilar católico de bispos e cardeais, através dos resplandecentes vitrais do Vaticano, com os báculos e as mitras altas, sob os pálios auri-lavrados.

Embalsamam a tarde aromas frescos, são, purificadores, como que emanados da saúde, das virgindades eternas.

Um ar olímpico, talvez o sopro vital dos mares verdes e gregos, eterifica harmoniosamente a curva das montanhas, ao longe, contorna-as, recorta-as, dá-lhes a nitidez, o esmalte do aço.

Como a Natureza, neste esmaecer do dia, tem mocidades imortais e como que as forças, as origens fecundas da terra, desabrochem em rosas.

O rubente esplendor solar gradativamente smorza numa cor de rosa leve, de veludosa suavidade.

Serenamente, lentamente, uma pulverização neblinosa desce das amplidões infinitas...

Névoas crepusculares envolvem afinal a imensidade, no recolhimento, na paz dos ascetérios.

Os campos, as terras da lavoura, a vegetação dos vales e das colinas adormecem além, repousam num fluido notambulismo...

Por estradas agrestes pacificadas na bruma, uma voz de mulher, dispersa no silêncio, clara e sonora, canta amorosamente para as estrelas que afloram rútilas e mudas.

Canta para as estrelas! e parece que a sua voz, errante na vastidão infinita, vai inundando do mesmo perfume original que a alma viçosa e branda os vegetais exala na Noite...

## NÚBIA

Amar essa núbia – vê-la entre véus translúcidos e florentes grinaldas, Noiva exitante, ansiosa, trêmula, tê-la nos braços como num tálamo puro, por entre epitalâmios: sentir-lhe a chama dos beijos, boca contra boca, nervosamente – certo que é, para um sentimento d'Arte, amar espiritualmente e carnalmente amar.

Beleza prodigiosa de olhos como pérolas negras refulgindo no tenebroso cetim do rosto fino; lábios mádidos, tintos e solferinos; dentes de esmalte claro; busto delicado, airoso, talhado em relevo de bronze florentino, a Núbia lembra, esquisita e rara, esse lindo âmbar negro, azeviche da Islândia.

O seu sangue quente, aceso em púrpuras de luxúria, através da pele sombria e veludosa, recorda avermelhamentos de aurora dentre uma penumbra de noite, como o deslumbramento boreal das regiões polares...

No entanto, amar essa carne deliciosa de Núbia, ansiar por possuí-la, não constitui jamais sensação exótica, excentricidade, fetichismo, aspiração de um ideal abstruso e triste, gozo efêmero, afinal, das naturezas amorfas e doentias.

Senti-la, como um desejo que domina e arrasta, querê-la no afeto, para fecundá-lo e flori-lo, como uma semente d'ouro germinando em terreno fértil, é querer possuí-la para a Arte, tê-la como uma página viva, veemente, de paixão humana, vibrando e cantando o amor impulsivo e franco, natural, espontâneo, como a obra d'arte deve vibrar e cantar espontaneamente.

Crescida, desenvolva aos poucos no meio culto, entre relações de simpatia inteligente e harmônica, sob um sol saudável de cuidados, de apuro de pratos e de maneiras, que tornou mais leve e penetrante, iluminando, o seu cérebro simples, de ignorância ingênua, a Núbia abriu em flor de carícia, alvorou com a doce meiguice dos tipos galantes e preclaros de mulher e recebeu também, em linhas de conjunto, do mesmo meio onde desabrochou, essa suavidade e graça núbil que é todo o encanto vaporoso, aéreo, do ser feminino.

No seu rosto oval, de uma penugem sedosa de fruto sazonado, há, por vezes, certa expressão de melancolia, de cisma dolorosa, que punge e contrista; o tênue, já quase apagado raio errante de uma lembrança vaga, – como se Ela de repente parasse na existência e se sentisse no vácuo, perdida, e só nos caminhos desolados, desertos, de onde veio outrora, sem leito, e em lágrimas a caravana gemente de sua raça...

Então, nesses momentos em que um dolorimento secreto, misterioso, a conturba e magoa, Ela parece serena divindade aureolada de martírios, macerada de prantos; e é talvez bem pequeno, bem frágil todo o amor do mundo para proteger, para amparar, como numa redoma sagrada de Misericórdia, essa humilde criatura que o fatalismo das forças fenomenais da Natureza condenou à indiferença gelada e à desdenhosa ironia das castas poderosas e cultas.

Assim, adorá-la em compunção afetiva, trazê-la no coração como relíquia rara num relicário estranho, claro é que não significa banal emoção transitória, que o rude desdém da análise fria pode, apenas com um golpe brusco, extinguir para sempre.

Essa emoção, esse amor cada vez mais profundo e espiritualizante, penetra impetuoso no sangue como a luz e o ar, deliciando e ao mesmo tempo afligindo como a Idéia e Forma igualmente deliciam e afligem...

E, nem mesmo, no fundo íntimo de qualquer ser tocado de uma intuição maravilhosa da origem terrestre da felicidade, podem resplandecer, mais do que na Núbia, as belezas de neve da Escócia e da Irlanda ou as formosuras originais da Armênia e da Circássia.

Tudo ela possui de luminoso e perfeito, como a noite possui as Estrelas e a Lua, visto e sentido tudo através da harmonia espiritual, da alta compreensão requintada e subjetiva de quem a ama e deseja.

A sua alma, de forma singela e branca de hóstia, tem ritmos de bondade infinita, meigas, claridades brandas e consoladoras de piedade e enternecimento, e a sua voz sonorizada, com a vivacidade nervosa e o alado timbre argentino, claro e fresco, de um gorgear cristal de pássaro, derrama por toda a parte a música emocionante, sugestiva e curiosa, de violino afinado...

E nenhum peito dedicado de nobre dama medieval nobiliárquica será mais gentil e delicado que o seu peito, donde jorra, com firmeza e força, em onda original, talvez manado dessa simplicidade de obscuridade, um inefável sentimento verdadeiro e virgem como o tenro broto verde dos arbustos.

Ela é a Núbria-Noiva, singular e formosa, amada com religioso fervor artístico, com a fé suprema, a unção ritual dos evangeliários do Pensamento; e todo esse feminino ser preciosos brota agora em exuberâncias de afeto, em pompa germinal de extremos lascivos, floresce em rosas juvenis e polínicas de puberdade, abertas sexualmente nos seios pundonorosos e pulcros...

## SOM

Trago todas as vibrações da rua, por um dia de sol, quando uma elétrica corrente de movimento circula no ar...

Mas, de todas as vibrações recolhidas, só me ficou, vivendo a música do som no ouvido deliciado, a canção da tua voz, que eu no ouvido guardo, para sempre conservo, como um diamante dentro de um relicário de ouro.

Cá está, cá a sinto harmonizar, alastrar em som o meu corpo, todo, como flexuosa serpente ideal, a tua clara voz de filtro luminoso, magnética, dormente como um ópio...

Muitas vezes, por noite em que as estrelas marchetam o céu, tenho pulsado à sensação de notas errantes, de vagos sons que as aragens trazem.

As fundas melancolias que as estrelas e a noite fazem descer pelo meu ser, da amplidão silenciosa do firmamento, dão-me à alma abstratas suavidades, vaporosos fluidos, sinfonias solenes, misticismos, ondas imensas de inaudita sonoridade.

E, calado, na majestade sombria da Natureza, como num religioso recolhimento de cela, vou ouvindo, esparsos na vastidão, smorzando nos longes, entre redondos tufos escuros de folhagem, onde se oculta alguma luxuosa existência de mulher, inebriantes sons de peregrinas vozes ou de invisíveis instrumentos.

E os sons chegam, vêm até mim, na estrelada tranqüilidade da noite, frescos e finos, como através de rios claros que nevassem ou de vagas embaladoras que o frio luar prateasse.

E eu penso, então, nessas simpáticas, corretas atitudes e expressões da música.

Vejo, na nitidez de cristal do pensamento, a harpa, sonora asa de ouro, com as cordas tensas, dedilhadas por brancas mãos aristocráticas que arrancam dela frêmitos, soluçantes dolências, plangências incomparáveis.

Escuto a pompa, a imponência sonorizante de um órgão de catedral, quando, pelas altas naves, sobem rolos alvos de incenso, e, o sol, fora, com as flechas dos raios constela de astros microscópicos as polidas e góticas vidraçarias.

Ou, pressinto ainda, num fidalgo salão do tom, onde os perfis ostentam valorosidades de linhas duais e a luva impera galantemente, a assinalada elegância dos concertos da graça, quando os violinos, zurzinando notas que esvoaçam do arco resinado às cordas retesadas, zumbindo e ruflamente prendendo-se à voz que resplende, triunfa na sala, sonorizando-a e iluminando-a mais que os fúlgidos lustres e os candelabros facetados, como se, da garganta de quem cantasse, a aurora alvorecesse e vibrasse.

E cuido logo ver uma mulher – alta, beleza grega, formas esculturais primorosamente cinzeladas.

A cabeça, de uma discreta severidade de deusa, pousa-lhe no rico, abundante torso inteiriço do corpo forte.

Há uns meigos tons loiros no aveludado cabelo que, por entre a luz, mais loiro e aveludado brilha.

De pé, erecta, o perfil nitidamente marcado, no meio da cauda astral da veste de seda rara, ela desprende, evolva a voz da garganta de aço novo e esta espiral de voz revoluteia no salão, fica algum tempo aquecendo e sonorizando o ar.

Como um astro, essa voz flameja, palpita e gira na iluminada órbita da sala cheia da multidão que a escuta, e, como um astro, cai, fulgurando, semelhante a exalações meteóricas, no fundo do meu ser como num golfo...

Nobrememente, pela cadência do canto, o corpo da imaginária mulher tem certas flexões delicadas e eletrismos de gata voluptuosa, e o seio, fremente da melodia que o emociona, se afervora e pulsa.

E a voz ala-se, ala-se, gorjeada, arrulhante, trinada, ave de luz harmoniosa que ela enfim solta do aviário do peito.

Todos esses dulçurosíssimos efeitos musicais me impressionam singularmente, distribuindo por mim a mais aguda vitalidade mental, que me tensibiliza os nervos da atenção, como se todo eu me achasse sob uma atmosfera salutar e tonificante.

Ou, então, cobrem-me também de opulências de gloriosas soberanias, as vivas forças orquestrais, onde perpassam ruídos largos de floresta, clarins, inefáveis misteriosas melodias de pássaros.

Mas, do som, da música, não me exalça, não me enleva só o ritmo leve, educado, que deixa uma suavidade acariciando, bafejando o ouvido como um perfume bafeja, acaricia, o olfato.

Ficam nos sentidos, nos nervos, calafrios sutis, ligeiros narcotismos, pequeninas vibrações que, não sei de que rútila chama, parecem faiscar...

E começo, após um engolfamento de sons profundos, a ter penetrabilidades intensas, estranhas emoções que me despertam infinita série de fatos já gelados no tempo, como passadas fases de lua.

Evidenciam-se-me idéias, impressões, sugestões curiosas, certos obscuros estados mórbidos da alma, que em vão a espiritualidade humana tenta transplantar para os livros, mas que só o ritmo aviventa, levanta aos poucos da nebulosa das existências, como um sol sempre amado, mas já antigo, já velho, remotamente apagado nos sentimentos...

## A GATA

De neve, de uma maciez de arminho e lactescência de neve, de uma nervosidade frenética, era luxuosa, principesca, de certo, essa orgulhosa gata.

As esmeraldas de seus olhos claros fosforeavam sensualmente, eletricamente, quando alguém, no conforto da casa, lhe acarinhava de manso o dorso, o focinho tenro, polposo, espigilhado de prateados fios sutis; e, no seu lindo pêlo cetinoso e alvo, como numa fresca e virginal epiderme de mulher aristocrática, perpassava um *frisson* de ternura, um estremecimento, como se em toda ela vibrasse alguma brisa de espiritual e amoroso.

E era então fidalga nas sensações, no ronronar apaixonado, ao luar, sob o cintilante cristal das estrelas, pelas caladas vastidões da noite, ou, nas horas de sesta, nos quentes, enlanguescedores mormaços, preguiçosa e fatigada, anelando o repouso, numa onda de gozo e volúpia, enroscada, serpenteada, torcicolosa e convulsa, como um organismo suave e débil que um vivo azougue eletriza e agita.

Talvez fosse a alma de uma vaporosa rainha que ali vivesse nesse precioso animal, alguma misteriosa visão polar dentro daquele feltro branco, daquela pelúcia rica, daqueles focos eslavos; algum sonho, enfim, errante, vago, perdido nesse nobre exemplar felino de formas lascivas, flexuosas e delicadas.

As vezes, mesmo, ela errava, como a nômade que perde a rota da caravana pelos desertos escaldados de sol, em busca de alimento; e os seus olhos, penetrantes no verde úmido e agudo das luminosas pupilas, mais até fantasiosa a tornavam e mais nevoeiro davam à sua lenda de fadas.

E assim, arminho girante, que as quatro veludas patas faziam fidalgamente caminhar, miando histérica, era como uma sonâmbula idealizada e amante que soluçava e gemia implorativamente a sua dor, através dos aposentos, na indiferença de quase todos.

Um dia, porém, uma doce mão feminina e perfumada quis tê-la junto de si e elevou-a consigo para a tepidez e a pompa das alcovas cheirosas, vivendo com ela ao colo, passando-lhe os íntimos alvoroços de seu sangue de Virgem – como se a gata fosse um profundo seio de afagos a que ela confiasse todos os seus mistérios e segredos de Noiva ainda presa no claustro cerrado, como as monjas normandas, da carne inquietante e alucinadora.

Agora, com a formosa seda do pêlo vibrando à carícia, alta e feliz a cabeça artística, vive nesse colo impoluto, em sonhos deliciosos e gozos infinitos de orientalista, o belo exemplar felino, voluptuoso e dolente como a lua embalada e cismando, imaculadamente, no seio azul das esferas.

## DIAS TRISTES

Apesar do sol, que imensa tristeza para certos seres, que dias tristes, esses, de uma melancolia e dolorosa névoa...

Os ruídos todos, o esplendor da luz, convergindo em foco para o coração, deslumbram, fascinam de modo tal e tão e tão profundamente, que o abatem, infiltrando-lhe essa tristeza infinita que não se define e que está, como um fundo de morbidez, nas almas contemplativas e nômade, que vão armar a sua tenda nas desconhecidas e longínquas paragens abstratas do Pensamento.

Dias triste, muita vez, os dias de sol.

Mergulhado o espírito na onda profunda de desejos irresistíveis, como numa intensa e luxuriosa paixão, os aspectos que se lhe manifestam na Natureza são amargos, atravessados dessa pungência aflitiva, dessa magoante desolação e atormentadora ironia que há na essência de todas as coisas e idéias.

E, como o pensar dá uma grande tristeza, põe no cérebro uma incomparável tortura, o Pensamento, à evidência da luz, da alegria do sol, deixa-se possuir de um nervosismo triste, de um meio luar turvo e trágico de impressões agudas, dilacerantes.

Os dias tristes, para raras naturezas intelectuais, são quase sempre os dias triunfantemente alegres, sonorizados de pássaros, quando há uma alta irradiação no ar, um repouso, uma paz feliz em toda a vegetação e que o sol, numa vitória astral, vai, como um deus pagão, em festins de luz...

Como que filtros de dolorimento partem de todas essas luminosidades, todo esse fulgor solar verte uma nostalgia cruciante, que fere e fende o peito, incisivamente, como as flechas letalmente envenenadas dos hindus.

Quanto a mim, amargamente sinto esses dias tristes.

À larga luz de um templo vasto, na suntuosidade de uma festa católica, quando pela infinidade de rutilantes lustres acesos há facetas de estrelas, íris fulgurantes e pelos doiramentos dos altares borboleteiam faíscas, acendem-se chamas nas velas amareladas, e vozes flébeis, numa compunção religiosa, sobem para as naves com a vaporosidade dos brancos incensos, dentre músicas festivas, – um angustioso anseio me insufla, me enche infinitamente o peito.

E, batido de uma pungência, vibrado de uma recordação, alanceado por uma idéia, subitamente para logo, toda a aparente radiação de alegria foge e eu me vejo então dentro dos meus dias tristes em que alguém, dos longos do Passado, acena-me, ou com um lenço amoroso, para as recônditas e virgens emoções do coração, ou com uma bandeira de combate, para as impulsivas faculdades do cérebro.

Se um riso me aflora aos lábios, nervosamente, se uma verve satânica os inflama; se uma esfuziante sátira os eletriza, é ainda assim uma maneira de ser triste, apunhalante sarcasmo às tempestades mentais que se dão por dentro, – humorismo doente, que para se convencer de que é alegre e de que é são, flori em rosas de riso, abre em Via Láctea de riso.

O esplendor das salas iluminadas, na abundância de cristais e flores, entre auroras de mulheres e luxuosas roupagens, dá-me também, a pouco e pouco, um abatimento, um afrouxamento aos nervos e daí nasce-me logo, como uma tentaculosa planta negra e de morte, essa indescritível tristeza, que é a feição ingênita de tudo, que cobre tudo como que de uma neblina crepuscular sensibilizante...

Assim também, ao almoço, pelas claras manhãs, quando a toalha branca da mesa, as flores das jarras, o pão, o vinho, atitude correta das pessoas, a limpidez simpática da hora, fazem lembrar resplandecências, alvuras claras, paramentações de altar para a evangélica celebração da Missa, um sentimento de inexplicável tristeza me invade, nascido de toda essa disposição harmoniosa de objetos e de pessoas. E, abstratamente, como num nebuloso sonho, durante toda a alimentação desenrola-se lenta, vagarosa e fluida no meu ser, uma surdina oceânica que parece estar, na plangência de sons abafados, lembrando todas as abundantes fontes de afeto que para mim já para sempre secaram, todos os astros prodigiosos de enternecedor carinho que para mim já eternamente se apagaram.

Mas esses dias tristes, as horas, os momentos desses nevoeiros d'alma, tão densos, tão cerrados, nascem apenas de uma Visão que se adora, que nos abre infavelmente os braços, que o espírito ama no seu recolhimento, na sua cela sombria e muda! essa Visão seráfica, nervosa histórica, ideal – a Santa Teresa mística da Arte.

## PAISAGEM DE LUAR

Na nitidez do ar frio, de finas vibrações de cristal, as estrelas crepitam...

Há um rendilhamento, uma lavoragem de pedrarias claras, em fios sutis de cintilações palpitantes, na alva estrada esmaltada da Via-Láctea.

Uma serenidade de maio adormecido entre frouxéis de verdura cai do veludo do firmamento, torna a noite mais solitária e profunda.

O Mar, pontilhado dos astros, faísca, fosforesce e rutila, agitando o dorso Glauco.

E, de leve, de manso, um clarão branco, lânguido, lívido vem subindo dos montes, escorrendo fluido nas folhagens, que prateiam-se logo, como se fabuloso artista invisível as prateasse e as polisse.

A lua cheia transborda em rio de neve na paisagem, e, no mar, há pouco apenas fagulhante da iriação das estrelas, a lua jorra do alto.

Por ele afora, pelo vasto mar espelhado, pequenas embarcações se destacam agora, alígeras, lépidas, à pesca da noite, velas brancas serenas, sob a constelação dos espaços.

A água repercute, na amorosa solidão do luar, a barcarola sonora dos pescadores, que, de entre a glacial amplidão da água, mais fresca e sonora, vibra.

Um aspecto de natureza, verde, virgem, que repousa, estende-se nos longes, desce aos prados, sobe às montanhas e infinitamente espalha-se nas mudas praias alvejantes.

E, à proporção que a lua mais vai subindo o páramo, à proporção que ela mais galga a altura, mais as pequenas embarcações de pesca avançam nas vagas resplandecentes, com as asas das velas abertas à salitrosa emanção marinha.

Com o brilho fúlgido, aceso, d'esmeralda facetada, uma estrela parece peregrinamente acompanhar de perto a lua, num ritmo harmonioso...

Perfumes salutareis, tonificantes eflúvios exalam-se da frescura nova, imaculada dos campos, como dum viçoso e casto florir de magnólias, na volúpia da natureza adormecida numa alvura de linhos, dentre opulências de Noivados.

## ARTISTA SACRO

Na catedral, com toda pompa e liturgia, celebra-se a Semana Santa.

Pela Ressurreição, às quatro horas da manhã, há na igreja um ar vago de alvorada, em amarelo cidrento, trazida da rua pela larga e polida vidraçaria que se conserva alerta – ar menos vago, contudo, do que a névoa que turva fora os aspectos, em virtude dos lustres acesos, da variada profusão de luzes e da gala sagrada que enche de resplandecências e solenidades toda a extensa Nave onde os devotos católicos murmurejam num crescendo de mar tormentoso e cavado...

O Altar-Mor está vistosamente ornado, deslumbrante, viçando de flores colocadas em jarras azues e doiradas, numa frescura e colorido cromático de jardim, rodeado de grandes tocheiros arabescados que faíscam, flamejam com chamas ensangüentadas e amarelas.

Em cima, até onde os olhos sobem mais, num trono de luzes, entre uma pesada cortina de damasco vermelho, de tons profundos, caída para os lados em pregas longas e largas, vê-se o Cristo, na alegoria de Redivivo, com a chaga simbólica no flanco direito, tendo numa das mãos um ramo verde.

Nos altares laterais os Santos, como que ainda mostram possuir a auréola triunfal da Aleluia, sorrindo seraficamente, quer os mártires, quer os gloriosos.

Pelo teto abobadado, dentre as melífluas harmonias, as melancólicas sonoridades dos violinos, das flautas, dos violoncelos e do órgão pianíssimo, ecoam majestosas as vozes que irrompem do coro, beatíficas no *Kirie Eleison*.

Os sacerdotes, festivamente paramentados, com as suas casulas custosas, relampejantes, bordadas a flores de ouro, em alto relevo; de estolas rutilantes e franjadas pendidas no braço ou com as sobrepelizes alvas e rendadas destacando forte na batina preta, curvam-se genuflexos diante do Altar-Mor, erguendo-se após com mesuras graves e medidas, enquanto os acólitos, ao fundo, em linha e reverentes, fazem balançar, cadenciada e ritmamente, turíbulos lavorados, de onde se exalam espiralados incensos...

E o Cerimonial prossegue, na minudência exata, escrupulosa, do Rito romano.

Mas, nas suntuosidades da festa, ressalta de magnificências, esmaltadamente, um esbelto sacerdote novo e formoso talhado em estátua branca, e que ergue no meio das outras vozes, a sua clara voz sonora cheia de unção religiosa como de um sentimento, amoroso e carnal.

Chagado há pouco de Roma é essa a primeira cerimônia de mais estilo em que toma parte com o seu tipo amável, doce e misericordioso, amantíssimo, de São Luiz Gonzaga.

A sua linda cabeça suave, direita, correta, através da vaporosidade incensal, domina pela saúde e pela mocidade, que resplende no rosto liso, escanhado, onde os olhos brilham com raios místicos...

O seu porte ornamental, que apreze afirmar o poder de uma força divina, conserva-se aprumado, erecto; e, quando a voz se lhe desprende untuosa dos lábios, como que ele paira num esplendor espiritual, vaga num nimbo etéreo, cercado por alas de querubins inefáveis e de arcanjos de asas fulgentes...

De toda essa pessoa clerical como que vêm fluidos magnéticos, que fascinam e prendem certos olhares juvenis femininos, que a seguem, que a buscam em todas as direções, em todos os movimentos, sofregamente, deliciados da sua prodigiosa figura que ali naquele recinto sagrado tão imperiosamente e tão alto se destaca, como que revestida de poderes celestes.

E o sacerdote instintivamente percebe os êxtases, os enlevos que desperta nas mulheres belas, porque então dá mais nitidez às mesuras, requinta nas curvaturas solenes, fica mais excelso e egrégio ainda, deixando escapar com brandura um sorriso paradisíaco, que é talvez a promessa sacrossanta dos dons maravilhosos, das graças, do Perdão infinito que a sua onipotência consegue.

Nas suas mãos aristocráticas, delicadas e níveas como hóstia, sente-se quando ele as eleva no ritmo do Cerimonial, um ligeiro estremecimento amoroso que o embaraça, fazendo com que logo, para apagar essa impressão pecadora, exagere o Rito, afetadamente.

Os olhares femininos, deslumbrados pelo êxito daquelas maneiras evangélicas, não deixam jamais de seguir o airoso sacerdote, as linhas harmoniosas da sua figura, o seu másculo vigor de deus viril e vitorioso, como seguem, no circo, os movimentos ágeis, dúcteis, e a plástica, firme e forte, dos corpos cinzelados acrobatas célebres e atraentes...

Realmente, na sua carne, que os incensos perfumam, circula o sangue em labaredas de instintos sexuais e a sua cabeça primaveril, que a Arte da religião abençoou em Roma, tem o encanto, a fascinação diabólica, satânica, da venenosa Serpe bíblica.

Mas, o decorativo apóstolo, resplandecendo nas vestes talaes, imponente, magistral, faz simbolicamente lembrar, assim venerado pelas mulheres, com fervor beatífico, um Sultão em palácio, no Bosforó, como Abdul-Azid, amado por odaliscas e sultanas.

De vez em quanto, no templo, passam fios etéreos de harmonias de instrumentos e cânticos, que ondulam, que flutuam no ar...

E o Eclesiástico, numa volúpia sacra, com toda essa Arte ritual de símbolos, de missais, de eucaristias, de pálios, de pedras de ara, de corporais, de âmbulas de santos óleos, de chamalotes, lavrados e damascos, íris, lhamas de prata e ouro, recebe a opulência, o brilho feérico, o luminoso esplendor de um astro.

De lá, do seu sólio real de aparatosos efeitos, entre sedas, chamas e pedrarias, ele rege, com renomes episcopais, solene e sereno, a sinfonia das eternas Dúlias.

É o ateniense das formas católica-romanas, triunfando no idealismo de um gótico, de um medieval, através de cinzeluras de templos, com refulgências siderais de constelado...

Casto cenobita, recluso nas celas do Cristianismo, ficará, talvez, para sempre com enlanguescimento histórico, na muda contemplação das cismadoras imagens líricas dos hagiólogos.

Ou, batido da realidade carnais, sentindo a avidez das paixões terrestres, verá passar, ante os olhos mortificados na marmórea veneração de Jesus, à luz de círios ou de lâmpadas, violentamente, a visão cor-de-rosa das virgens vitais – fina, transparente epiderme da gaze auroral das papoulas.

Então, dirá decerto ao mundo, extasiado por essas vivas expressões carnais que o transfiguram e humanizam, todos os mistérios, todos os inauditos clarões da Eternidade, que Ele, Artista Sacro, transcendentalmente conhece, lendo sempre, para dar mais abstração ao Miraculoso, os arcaicos latins apocalípticos e antifônicos...

## VISÕES

Num brilho cintilante de tiara persa a Via-Láctea encurva-se do alto por sobre mim, nas alvas flores cristalinas das suas estrelas.

Encurvas-se sobre mim na pompa negra da noite densa, vagamente lembrando o luminoso esplendor de uns olhos dentre a pompa negra de aromados cabelos.

Como em arejados pátios claros de castelos renanos por que desfilassem visões germânicas, wills enamoradas e vaporosas, sílfides serenas e encantadoras, ao luar das baladas, década estrela frígida, branca, desfila, vai desfilandando nas rutilantes esferas uma Ilusão, um Sonho e cada Sonho e cada Ilusão se corporifica, toma consistência dos nervos e cinzelada escultura de linhas, e eis então aí fascinadoras, deslumbrantes mulheres avassalando o firmamento como ampla Via-Láctea de corpos ondulantes e níveos...

---

Ah! mulher que eu procuro e deseja da tenda nômade da Arte, peregrina e fugidia sereia! que as harmonias deliciosas da tua carne não sejam misteriosas para mim como a Via-Láctea, a cujas estrelas, que representam cada uma Ilusão e um Sonho, está infinitamente presa, num amoroso eletrismo, esta alma ardente, alanceada e nervosa...

## A JANELA

Dava para o mar a larga janela verde, em frente às águas também verdes e turbilhonante às vezes, outras limpidamente quietas, num remanso de golfo sereno.

Velas saudosas de navios, enfunadas ao impulso das correntes aéreas; mastreações caprichosas e confusas, misteriosamente interrogando o céu; os montes ao fundo, formando panoramas álcres com seus cabeços azulados e colossais, e a grandeza olímpica das ondas fechadas pela natureza numa extensa área do terreno: tudo gozava e sentia além viver a janela; e, ao longo de indefinida barra dos horizontes esfuminhados, a linha vaga, melancolizada, das imensas distâncias intermináveis.

Dum lado e doutro da janela, subindo-a, galopando-a festivamente em caracóis negligentes, a expansão, a nevrose de folhagens trepidantes que busca em ânsias o ar...

Rosas vermelhas e rosas jaldes alastravam numa primaveril e casta alegria radiosa de Via-Láctea, o quadrado verde da janela, enquanto amorosamente um jasmineiro florido, entrelaçado às rosas, com flores alvas e cheirosas desabrochadas em forma de pequeninas estrelas, punha um encanto romântico e noival de janela de Julieta na larga janela verde que dava para o mar.

E as embarcações, os iates, os navios, os paquetes paravam no mar dormente, lá iam todos afora, – ambulância marinha, dorsos de tritões ferozes e soturnos, vogando na superfície das ondas...

Iam talvez perto: a países meridionais, sob céus elegantes e azues, ou – mundo adentro – às eternas neves glaciais das geleiras do pólo: às regiões setentrionais das flamejantes auroras boreais: a Islândia, a Lapônia, a Noruega, Poe entre as frias e brancas estalactites fulgurantes da lua...

Em frente à janela, eram terrenos desapropriados e planos, que um rente folhede luxuriante cobria.

Depois era o mar, sempre o mar, todos os dias, a toda hora, a todo instante, cortando, no entanto, com a monotonia do seu aspecto, a agreste monotonia daqueles sítios suaves.

Mas, contudo isso, o mar nenhuma monotonia parecia inspirar, porque dava à janela, àquele original recanto, àquele desconhecido retiro isolado, aberto na parede como o nicho de uma Santa, à recordação de todo o vasto ruído atordoante e culto da vida de longe: os rumorosos cais frementes, as movimentadas cidades alegres, os grandes portos febris da efervescente efusão cosmopolita de mil exemplares de povos.

Pela manhã, aparecia à janela, como um lindo sol feminino, uma bela mulher, forte, alta, loira, de flavos cabelos talhados dum golpe numa quente e perfumosa massa de luz e de sangue, clara da epiderme macia e clara nos rendados vestidos em fofos e folhos que lhe afogavam soberbamente a garanta bourbônica, arrematados por fitas de azul leve e doce, graciosamente enlaçarotadas sobre o sedoso colo oválico.

E logo seus olhos azues como as fitas, da mesma meiga frescura e candidez de hóstia transparente, pareciam adejar, voar, como dois pássaros inquietos e deslumbrados, pela amplidão das vagas verdes e vivas, como se ambos quisessem nelas colher alguma certeza ou derramar alguma esperança.

E o seu perfil, sob o sol, alvorecido na janela, lavado nas frescas essências salitrosas que emanavam do mar, tinha florescimentos, resplandecências, um vivo fulgor d'ouro novo, derramando no ambiente eflúvios de magnólia.

Às vezes ela deixava-se ficar por mais tempo à janela – e era então ali uma deliciosa e cristalina ária de trinados, de matutinos gorjeios de pequenas aves que por entre a viçosa verdura da janela esvoaçavam em ruflos e contentamentos d'asa, em palpitações elétricas de plumagem, cantando para o espaço todo esse sonoro amor infinito dos pássaros que a sua estreita laringe metálica tão maravilhosamente sabe desfolhar em notas, como se essa mulher loira fosse a corporificação da própria aurora que raiasse doirada no acanhado horizonte enquadrado na florida janela verde.

E ficava ali constantemente a olhar, a ver o mar, talvez na esperança de algum sonho de afeto que de repente lhe surgisse e cuja enamorada lembrança lhe vibrasse o coração anelante, fazendo dolentemente o seu colo arfar, agitar-se numa onda nervosa de convulsão e alvoroço, inflado desse tormentoso e vago desejo irresistível do amor, que um dia vertiginou o mundo, e que, quanto mais afastado se está de quem se adora, mais fundo, mais entranhado fere e martiriza.

Pelas noites, quando o hostiário das estrelas abria a sua rendilhada cintilação de prata nos sidérios espaços calmos, ou as finíssimas gazes lácteas da lua flutuavam, velando tudo, ela, virgem noiva, branca e muda como a lua, por lá ficava ainda a viajar na gôndola da imaginação e fantasiosa saudade que a emocionava, através do mar, ao encontro sonhado do seu afeto querido.

E, tonta, magnetizada, narcotizada na emoliente volúpia da lua, na quente exalação dos aspectos, lá adormecidamente ficava a amar, presa na fluida teia luminosa das estrelas e da lua...

---

Agora um muro enriquecido e alto que o musgo e o limo maciamente vestem de um veludoso verde escuro de tapeçaria, veio para sempre obstar a ampla vista azotada e alegre do edificante panorama do Mar.

Para além, como um gigantesco protesto que a pedra opusesse às jubilosas, triunfantes, águas marinhas, o vai, longo e impenetrável, estendido em pano ríspido de parede socavada e cerrada, que tudo do mar avaramente encobre – levantado da terra como um brusco e bronco biombo de terra à livre expansão da luz.

Austeros homens egoístas, no intuito de edificar, apropriaram-se dos terrenos e para ali ergueram, dividindo-os, semelhante à rija muralha d'imperecível fortaleza, esse imenso muro empedernido, rochoso, como que feito de um só bloco inteiro de calcárea matéria rude.

Então, sem a perspectiva da alacridade vitoriosa e bizarra das ondas, sem aquela vastidão consoladora, salutar, das águas salgadas, e sem a visão branca dessa mulher, vive agora quase sempre fechada, triste e fria a reluzente vidraça clara eternamente descida, na meia sombra crepuscular da persiana, a idealizada janela verde – a florescente janela que abria, como um desejo vago, para o Mar infinito...

## UMBRA

Volto da rua.  
Noite glacial e melancólica.  
Não há nem a mais leve nitidez de aspectos, porque nem a lua, nem as estrelas, ao menos fulgem no firmamento.  
Há apenas uma noite escura, cerrada, que lembra o mistério.  
Faz frio...  
Cai uma chuva miúda e persistente, como fina prata fosca moída e esfarelada do alto...  
À turva luz oscilante dos lampiões de petróleo, em linha, dando à noite lúgubres pavores de enterros, vêm-se fundas e extensas valas cavadas de fresco, onde alguns homens ásperos, rudes, com o tom soturno dos mineiros, andam colocando largos tubos de barro para o encanamento das águas da cidade.  
A terra, em torno dos formidáveis ventres abertos, revolta e calcárea, com imensa quantidade de pedras brutas sobrepostas, dá idéia da derrocada de terrenos abalados por bruscas convulsões subterrâneas.  
Instintivamente, diante dessas enormes bocas escancaradas na treva, ali, na rigidez do solo, sentindo na espinha dorsal, como uma tecla elétrica onde se calca de repente a mão, um desconhecido tremor nervoso, que impressiona e gela, pensa-se fatalmente na morte...

## MODOS DE SER

Com uma nobre emoção da Arte dizia Balzac que faltariam sempre cordas à lira de uma alma que nunca tivesse visto o Mar.  
Na verdade, sem o mar, sem esse organismo vivo, movimentado, vibrante, as perspectivas como que são indecisas, vagas, a retina pouco se desenvolve e educa sem essa larga vastidão das ondas, de onde parece subir, nascer para o alto, como uma luz original, todo o sentimento indutivo das coisas.  
Diante do Mar, à sua influência vital, que é a influência da força, do vigor do pensamento, as faculdades de cada um recebem impressões estéticas muito consideráveis, ampliando o seu modo de ser, dando-lhe a sugestão das latitudes geográficas, correspondentes também, para um espírito de indução e dedução fina e atilada, à amplidão das idéias.  
Gozar o Mar é viver, sentir a eflorescência da carne, crer n'algum poder forte e épico que nos encoraje, dê ao pulso e ao cérebro essa poderosa segurança de existir que levanta sobre rijos alicerces os princípios e crenças de cada homem.  
Do mar vem essa emanção virginal, salutar, que traz o impulso às ações, o vigor nobre à vontade, dando a todo o organismo uma função especial, uma atividade própria, uma determinação expressivista da Natureza.  
Os efeitos maravilhosos que a *visão* recebe do mar, como uma máquina fotográfica recebe nitidamente as fisionomias, desenvolvem-se nos temperamentos artísticos em impressões, em *nuances*, em colorações, em estilo, em linhas, em sutilezas de percepção, em ductilidade, em fiorituras de imagens, em abundantes floras de imaginação, tão múltiplas e luminosas quantas são as infinidades de ilhas verdes de algas e de sargaços que o Mar contém em seu seio.  
Ele infiltra nos órgãos emocionais e pensantes todo um exuberante eletrismo nervoso, todo um fluido de luz e originalidade, uma essência, um germe rico e novo de graça e fantasia alada.  
Fica numa saudável impressão e frescura radiante de caça e pesca, numa alegria de sol undiflavando rouparias brancas e finas.

---

Serenidade de Campo e Mar é esta em que estou agora.  
Campo fértil, verde, como se agora mesmo brotasse, em flor, da terra.  
Nas manhãs claras, de grande majestade de sol, pelos domingos, a missa da capela branca convida a digressar entre árvores, sob o festivo e claro repique do sino.

E, por estar no campo, numa extensão de relva, de verdurosas alfombras, lembro-me vivamente dos campos das paradas, ao sol, num espelhar faiscante de baionetas, rutilar de fardas e triunfal desfraldamento de bandeiras, quando, imensas, pesadas massas marciais, na evolução de um corpo disciplinar, agitam-se, num tinnir e cintilar de metais, como enorme serpente de coruscantes escamas.

Com o espírito livre, em asa aberta, eu procuro arrancar das vozes mudas, inexprimíveis da Natureza, significações.

Campo e Mar estendem-se até longe, ao infinito horizonte, fulgurando às luxuosíssimas sedas do sol.

Elevados cômodos de areias alvas, ao longo das praias, conservam a aparência de grandes dorsos de elefantes brancos deitados.

Então, um ritmo me sobe da alma ao cérebro para me afinar os pensamentos em aspectos felizes, luminosos, como quando os alemães, fumando cachimbo e bebendo cerveja, por entre uma leve névoa ideal de fumo e álcool, mentalmente produzem filosofias...

Como essas raças finas e loiras a que nada mareia a pureza clara da carne civilizada, a idéia da Arte surge-me, alvoresce-me no espírito, diante das ondas, sideral, imaculada, como uma doce monja vestida de linho branco e virgem.

Estranhos, misteriosos, na magia dos feiticeiros caldeus, com o pensamento cristalizado na Forma, sinto que me ferem o cérebro, pesando fundo sobre ele, os nevropatas de agudez psíquica, mórbida, doentia, os psicólogos tenebrosos que como Huysmans, vibram num eletrismo histérico, numa dança macabra, satânica, num *delirium tremens* de sensações.

Ninfomaniacos mentais, como que sob a impressão de um sono de morfina ou de ópio, numa alucinação ou fascinação de hipnotizados, a alma deles flutua, desce sombriamente lá abaixo, ao antro negro da Terra, ou sobe lá acima, à infinita mudez do céu, como que em busca, sinistros e luminosos, revoltados Moisés de uma Bíblia nova, em busca de saber qual a doença que dá a morte...

Sentem-se-lhes isso na tortura da prosa, no funambulesco cabriolar do estilo, na acre violência das palavras, abertas umas em chagas e escorrendo sangue, outras brancas como Noivas amadas derramando lágrimas astrais...

E, dentre esse exalar de vida espiritual dolorosa, rompem coros de catedrais entoados por veladas, místicas vozes freiráticas; ouvem-se Missas negras e abrem-se, num ritual cristão, para a contemplação dos augures e dos símbolos, os medievos Hagiólogos.

## NO FAÉTON

Na manhã fria, fresca de maio, por uma rua arreada, um noble esplendor de mulher iluminou-me e surpreendeu-me os olhos.

Numa elegância de pelúcias claras, o seu perfil delicado, um *biscuit* d'arte, surgiu em flor no faéton, alta a estatura, com a graça educada de amazona *espiègle*.

Nos amplos claros de aspecto arejado de *gare*, sob o espaço vibrante, sonoro como uma grande cúpula de cristal, o faéton girava, de manso, na doce flexão das rodas leves, como se girasse sobre macias relvas de veludo.

Os cavalos normandos, lustrosos no cetim do pêlo, davam a correção, o tom das carruagens de molas flexíveis, suaves, das envernizadas caleches aristocráticas de luxo, cujos claros e polidos metais dos eixos cintilam.

Com uma *linha* fidalga ela manobrava as rédeas, nuns volteios audazes e galantes, a mão fremente, agitada, convulsa pelo ferir matinal do frio no sangue novo de gazela, com a orgulhosa atitude das *ecuyères*.

Algumas atenções paravam diante desse feminino deslumbramento desabrochado ao sol em aromas e formosuras.

No ar nítido, azul, fino do dia, duma limpidez deliciosa, o seu esbelto porte nervoso vinha erecto, num alto-relevo, destacando forte no fundo luminoso, transparente da manhã, como que cortado, talhado numa lâmina de vidro.

## RITOS

A luz lirial da Lua abre tu'alma, artista, como um solar antigo.

Sob a neve luminosa do grande astro noctâmbulo, as visões que um dia amaste aparecerão agora.

Ah! A tu'alma é um antigo solar, onde mulheres prodigiosas, enfloradas de beleza, peles finas, transparentes, de delicadeza de porcelana, passaram.

És um solar antigo...

Tens o ar enevoado do crepúsculo de melancolia que há nos velhos solares.

Alguma coisa de nostálgico, de evocativo, como vagos sons plangentes, à noite, ou à hora do *Ángelus*, na solidão dos campos levanta e acorda a tu'alma.

Teu coração é o Sagrado Viático, mais puro e branco que as claras hóstias.

De que fundo de civilização, de que ramo de raça, de que região viestes assim, numa original sensação de nervos, palpitante, convulso como o mar e como o mar sereno e também como o mar profundo e grande?!

Pelas tuas idéias, pelos teus olhos fatigados de ver e perceber de perto o incoercível mundo, passam as alegrias, as lágrimas, o intenso viver de muitas gerações.

Tu representas bem todas elas, és a essência espiritual de infinitas camadas humanas, o luminoso requinte dessas gerações que findaram e que não foram mais do que simples moléculas para formar o teu estranho, poderoso organismo de artista.

Sofreram, gozaram e pensaram – para que tu sobre elas fizesses nascer, surgir o mundo virgem das tuas impressões e idéias. E é por isso, artista, que abres tu'alma, como um solar antigo, à luz lírial da Lua – apaixonada sultana que vaga à noite, que vigia e vela pela Religiões incomparáveis do Pensamento, seguida do fulgurante cortejo das estrelas odaliscas...

## MULHERES

Magnólias de aroma lépido, finos astros, que elas sejam, olhos faiscantes, como águas dormentes de delicioso Danúbio que a luz sonoriza e doira, humildes e imperiosas, ninguém jamais saberá o mistério que as envolve...

Amar e gozar as nebulosas mulheres, mergulhar, engolfar a alma infinitamente, infavelmente, em repouso, como num harmonioso luar, sem sobressaltos e ansiedades, na alma enevoada que elas ocultam sempre, só é dados às naturezas vulgares, que amam com a carne, que amam com o sangue apenas, no ímpeto brutal de todos os instintos, com a luxúria viva da carne, que fazia, desde os romanos, a carne viçosa e rica.

Os que a amam e gozam sensualmente, à lei da sexualidade, não lhes ouvem a vaporosa música embriagante do vinho dos encantos da voz e do sorriso; não lhes sentem o perfume delicado de úmidas bocas purpúreas, de níveos colos cor de camélia, de volumosos seios macios como a alava plumagem fresca de um pássaro real; não lhes percebem o amoroso ansiar de etéreas cintilações d'estrela nos olhos indagadores, que atravessam, costumam passar em visão, pesados de luz, com um brilho aceso e fagulhante de preciosas e raras pedrarias, as geladas noites brumosas do ciúme...

Para esses, que só as possuem sexualmente, elas trazem um deleite, um atrativo, como no Oriente o fumo, que dá prazeres insubstituíveis, voluptuosas graças de viver, atila e acende a imaginação, faz abrir e flamejar, incomparavelmente, de todos os pontos do mundo, os mais inauditos sóis do Espírito...

Esses, ainda outros ou todos, poderão decerto inundar-se no esplendor da beleza das mulheres, fruir delas toda a fremente carícia, possui-las, dominá-las sem hesitação e embaraços estranhos.

Para todas elas não terão sombrias torcicolosidades de serpentes, anseios, anelos indecifráveis, enigmas tremendos, que nos deixam deslumbrados, extáticos, na mais intrincada rede de perplexidade.

Elas serão para todos o eterno feminino, leve, simples, fácil a conquista, fácil a vitória, tendo para os homens os arrastamentos prontos de um animal que se abandona à lubricidade.

Ninguém saberá ver nas mulheres esse complicado segredo de nervos, que ora se patenteia claro penetrável e que ora mais se condensa, se intensifica de obscuridade, torturando, aflagindo, vago, abstrato como a dor e por isso ainda mais terrível, mais esmagador e frio...

Só um ser, consubstanciado de todas as angústias, de todas as incertezas e dilaceramentos do espírito, um ser contemplativo, amargurado pelas análises, ferido sempre pela observação, pelas idéias que sangram e vivem perpetuamente a martirizá-lo, para seu gosto excêntrico e único, só esse ser as compreenderá, mudo e solene, encerrado na solidão dos seus pensamentos, como um missionário, alheio às exterioridades dos corpos delas, às linhas, ou só as amando por sentimento estético e analisando continuamente, sondando, perscrutando o feminino organismo dúbio.

Só a psicologia desse ser, que é o artista, saberá ver fundo o delicado ser das mulheres e penetrar nas sutilezas, nas direções variadíssimas e múltiplas que toma o seu espírito, à maneira das aves que voam alto, sem rumo, além, indefinidas na distância...

Esse poderá querê-las muito, adorá-las com outra chama sagrada; mas nunca as poderá amar carnalmente, friamente com os nervos – porque aparecerá sempre o analista sufocando o afeto espontâneo que não se delimita nem regulariza, o entendimento artístico, que ama a Forma, destruindo o fator humano que fecunda a carne, que perpetua a Espécie.

Quanto mais elas forem complexas, segredantes, tanto mais a análise se manifestará mais arguta, mais penetrante, de um modo experimental, nu, amplo; e as mulheres, afinal, ficarão diante do artista, como documentos palpantes de uma dada natureza, provas flagrantes de paixões veementes, de desejos, de vontades, de uma infinidade de atributos e qualidades radicalizadas na alma feminina e que o pensamento do artista investiga, conhece, põe para fora, à toda a luz, como se expusesse, na presença do mundo, explicando a função de cada um, os milhares de glóbulos de sangue que circulam no organismo humano.

A dor de tudo isso, porém, a pungitiva dor de tudo, é que o artista não pode, assim como todos, espontaneamente amar.

Ele ama um golpe de luz, um olhar, a fascinação de uns cabelos quentes, a polpa virgem de uns seios, a graça idealizante e alada de um sorriso, o talho vermelho de uns talhos frescos, o tom das elegâncias fidalgas dessas Flores escarlates das Babéis de ouro, que passam na corrente das civilizações e na febre, no delírio dos luxos fortes.

Vendo para dentro de si, como para o fundo de um mar prodigioso, ele domina com o olhar perscrutante, inquieto, que apanha de pronto as situações, a maravilhosa ductilidade das mulheres, vendo também perfeita e singularmente o que se dá dentro delas, as suas inquietudes, as suas paciências, os seus receios, os seus caprichos inesperados, as suas volubilidades doentes e curiosas, as suas resoluções bruscas, os seus ímpetos de leoa, os seus enternecimentos ingênuos e monocórdios, os seus momentos horríveis de crises hiper-histéricas, sem causa determinada, sem assinalamentos de origem, mas assoberbantes, convulsos e que de repente cessam como vieram, para tornarem ainda, mais desabridos e persistentes.

As mulheres, para o artista, para e estesia exigente, requintada, são apenas um elemento de sugestão estética amoldável às necessidades artísticas do sugestionado. Elas falam, abrem-se mesmo ao amor em rosas fecundas de sinceridade, dizem os ardores apaixonados, as recônditas sensações, a vida íntima dos eu afeto; mas o artista as ouvirá, como artista que é, a frio, simulando interesse, formando já, mentalmente, com as palavras delas, com essa confissão franca, pura e sentida, embora, verdadeiras páginas de emoção e estilo.

E, no entanto, ele as quererá amar muito, eternamente e sem reservas, abrir-lhes os braços ao amor, com todas as forças másculas, vigorosas e livres de homem, com a firmeza mais casta dos carinhos e das ternuras, estremecendo-as, idolatrando-as.

Mas, um ligeiro contato apenas, um leve roçar de lábios, um abraço desfalecido, murcho, algumas frases balbuciadas materialmente, ao acaso – e aí estará de novo o mentalizado, o espiritual, descendo a investigações, medindo cada gesto e cada olhar, inquieto, aflito com a expressão de um toque de luz numa trança de cabelos, que ele quer levar para a sua Obra ou preocupado com o fino Sèvres que fulgurou uma noite em certo *boudoir*, faiscando centelhas d'astro.

Contudo, quando esse luminoso torturado as vê descendo ou subindo os átrios claros de palácios festivos, altas Walquírias de neve nas pompas orgulhosas das sedas que roçagam, como que fica preso, magnetizado por aqueles aromas fluidos, vivendo na auréola majestosa do clarão que elas de si desprendem; e então, como na cauda constelada e rojante, os fulgores sedosos levam aspirações, sonhos que ficam errantes e que quereriam talvez subir ou descer, opulentamente, como as deusas resplandecentes, os mesmos festivos palácio de átrios claros.

Entretanto, não é aí o amor, o sentimento que se manifesta ainda na alma artística; não é uma expansão afetiva – mas uma verdadeira expressão d'arte, um desejo de posse, que logo invade as naturezas dominadoras, altivas, onde as idéias predominam, atuando, fatais e intensas, nos fenômenos da Vida, os mais elementares ainda.

O que excita o artista, seja nos átrios claros de palácios ou em toda a parte, é simplesmente a Forma, é toda essa roupagem deslumbrante que faz as mulheres parecerem auroras boreais; o que lhe incita a pensar nelas, a desejá-las, é a plástica olímpica, o onipresente esplendor das curvas cinzeladas, os mármore coríntios, o alabastro dos corpos flóreos. . O que o surpreende, deixa atraído e fascinado é o ar gelado da carne alva das loiras, que delicias, o ardente sol tropical da carne tentadora das morenas, que cheiram a sândalo e matas.

Amar as mulheres, profundamente, com simplicidade, com singeleza, sem cuidados latentes de observá-las a toda hora, com os mínimos detalhes, linha por linha, traço por traço, sem essa preocupação doente que as exigências provocam, não é para a concentração, para a contenção nervosa dos falangiários da Arte, que, de todas as coisas, querem arrancar o germe de que necessitam, o pólen que lhes é mister para a fecundação de sua Obra.

A linguagem feminina, algumas fiorituras das frases passageiras constituem, de certo modo, um tecido primoroso, os fios delicadíssimos com que a Arte contextura, urde a tecelagem da Forma.

Mas o desolado psicologista do Pensamento não as pode amar com intensidade e despreendimento espirituais, sem as querer observar sempre, desataviá-las das plumagens garridas e ver-lhes, à luz, o que elas sentem e pensam de nebuloso...

Por isso é que muito naturalmente, por intuição própria, elas percebem que não poderão jamais amar os artistas, tendo até para eles uma repulsão como que instintiva e sendo mesmo indiferentes às suas solicitações mais veementes e calorosas.

Vendo-se a cada instante o objeto das interpretações deles, reveladas através de seus pensamentos tão recatados como os seus seios, os pudores dos seus corpos angélicos, em tantas páginas dilacerantes e impiedosas, as mulheres não buscam sistematicamente os artistas para amar, feridas nos seus orgulhos melindrosos, nas suas vaidades excessivas e principescas, nas suas finas susceptibilidades de formosos seres triunfantes e inacessíveis.

Só raramente, por singularidade, uma ou outra mulher ama o artista, quando já acaso existe nela qualquer corrente de simpatia mental, qualquer relação de afinidade que estabeleça entre ambos uma claridade e harmonia de sentimentos mais ou menos congêneres, equilibrados.

## PERSPECTIVAS

Naquela alvejante planura de areias salitrosas, onde o mar espumeja; naquela fulgurante extensão de praias brancas, indizíveis de pitoresco, felizes os olhos que se demoram, com o carinho, o afeto das coisas, a gozar as riquezas, o encanto, a imponência imortal dos aspectos.

Nas manhãs, céus louçãos, de um leve ar azul, azotado, fresco, pacificam o porto, adoçam os horizontes, inefavelmente.

Ocasos opulentos, feéricos, imprimem às tardes a mais suntuosa e serena majestade.

No mar, ao largo, entram e saem navios de alto bordo, numa infinita beleza de excêntricas formas requintadas, em caprichosos estilos diversos, mastreações aparatosas, parecendo enormes aparelhos estranhos para maravilhosamente arrancarem do fundo das ondas o misterioso deus das algas, da lenda secular e virgem dos hirsutos tritões verdes.

Marinheiros terrosos e fuscos, como que sujos a betume; outros loiros, flamejantes do sol, do ouro cantante da pele, dão à paisagem sã, revigoradora e larga, tons álares e acres.

Das vagas, como exóticos monstros marinhos, as rubras e arredondadas cabeças das bóias, aqui e além, emergem.

Os mastros avultam, enchem prodigiosamente o mar supremo, sob a flava cintilação do dia; e, assim firmes, apumados ao alto, ao firmamento, parecem tochas imensas para a celebração do *Te Deum* sideral dos astros, nos templos pagãos dos navios.

À noite, peregrinadoras estrelas, em claras chamas sagradas, no espaço ardem.

Uma lua virginal, aureolada de branco, irrompe fria e magoada, com um ar antigo e desolante de histerismo atormentado, como as freiras que envelhecem nos claustros.;

Hálitos, vivos estremecimentos elétricos, passam, perpassam no dorso Glauco das ondas que o luar então alastra...

Mas, o que mais enternecidamente enleva e perturba até as lágrimas, num sentimento intenso, de recôndita vibração, é um simples lenço, um adeus febril vertiginoso, em ânsia, que ali fica às vezes a palpitar ao sol, infinitamente, na emoção de uma alma, para a vela que vai já além confusa na distância, desaparecendo, perdida nos longes esfuminhados, infinitamente, infinitamente...

## CAMPAGNARDE

O dia abriu um explosão d'oiro, dum oiros inflamado de forja, trescalando perfumes, cheirando acremente à terra.

Tu, gárrula vivandeira dos prados, que ao primeiro rumor sonoro do teu coração amoroso, como ao alegre rufo bizarro dum tambor de guerra ou à esfuziante vibração matinal de uma trompa de caça, toda estremeces e fremes, voltas agora púrpura dos campos onde te fecundaste, desabrochaste e floriste logo em papoula.

E voltas mais púbere, mais virtual, mais mulher, porque sorveste o leite o leite virginal e sadio aos abundantes seios da Natureza.

Quando para lá foste, o teu corpo frágil, tênue, traspassado do azulado enraizamento arterial das veias, era quase diáfano, transparente, vitrescível quase, através do qual bem facilmente a aurora coaria os seus flavos raios rútilos, como através de um delicado e aromático filó finíssimo, cor-de-rosa e translúcido.

Além disso, quando para lá foste, eras infantil ainda, ainda a ave implume, e entrarias daí por diante, como por uma zona de sol, nesse luxurioso período genesiaco da mulher, quando suas formas se ampliam, se completam e perdem essa volatilidade aérea, o borboletismo, essa tonalidade vaporosa da primitiva graça, para irem aos poucos adquirindo opulências, exuberante vigor germinativo no sangue que as alimenta, enlabareda e fecunda, arredonda e turgescer triunfais e alucinantes no colo as duas polposas saliência carnudas, das quais, em busca da instintiva subsistência, pende, mais tarde, como astros no firmamento, o encanto virgem dos filhos.

Mas, agora que de lá chegas, vens florescente como a vinha verde, dum sabor de uva branca, inundada do palpitante pólen doirado da antera dos vegetais, das emanações revigorativas da planturosa paisagem. Trazes a

carne emadurecida, sazoadada em fruto, exalando essências de campos, sutilíssimos eflúvios de vergéis, alastrada de brilhos quentes, de elétricas faíscas narcotizantes, como se o teu imaculado torso inteiriço irrompesse, brotasse do noivado da Natureza no mesmo veemente e original impulso das árvores e dos rios.

Perfeito, soberbamente rico e raro, Campagnarde! esse humor campestre, esse alagamento e deslumbramento de luz com que regressas da Vida, do seio livre da grande amplidão da saúde, onde tudo, afinal, são concentradas forças, pujanças novas para o sangue, renascimento para a carne.

Ninguém, por certo, calcula, a ninguém sugere, por certo, a alta realidade do quanto é salutar e é nobre e supremo bem que lá se goza nos campos e como o corpo abalado pelos inevitáveis golpes da matéria falível, resiste o espírito, o fluido nervoso, dando à existência o equilíbrio sereno.

Nenhum pincel colorista, nenhuma entranhada emoção ou visão impressionista d'arte, nenhuma perceptibilidade acústica de músico, poderá bem com exatidão apanhar a cor, o sentimento, a errante, dispersa harmonia que se eterifica na liberdade dos campos e que assim te penetrou pelo coração e pelos olhos, primorosamente enflorecendo e viçando no teu corpo de graça, lírial e formoso.

Abres a veludosa e cerejada boca e os teus esmaltados dentes rutilam – lisos e claros – enrijados nos ares puros, nas frescas águas correntes, nos frutos castos e doces. Falas, e atua voz, em músicas, desfolha notas de canção feliz da tu'alma; e a tua voz pelo espaço voa, voa, voa de eco em eco, infinitamente, inefavelmente, parecendo então reproduzir o teu nome, Campagnarde! Campagnarde! e eternamente desdobrá-lo, arremessá-lo ao longe, por colinas e vales derramá-lo, Campagnarde! Campagnarde!

## RITMOS DA NOITE

Lá fora a noite é estrelada e quente.

Chego da rua. A vida ferve ainda nos cafés com intensidade. No Londres, uns imbecis doirados de popularidade fácil saudaram-me, e, nessa saudação, senti o ar episcopal das proteções baratas que os conselheiros costumam dar aos jovens esperançosos.

Eu percebi o conselherismo e tive uma careta, uma *grimace* diabólica de ironia...

Oh! Oh! infinitamente incomparáveis os caríssimos imbecis doirados de popularidade fácil...

---

No meu quarto, entro, enfim, agitado, da rua, com mil idéias, com mil impressões e dúvidas e fundamente considero, tenho tão estranhos monólogos mentais, que quase que me alucinam.

A luz da vela, em torno à sombra do quarto, põe uma claridade velada, penumbrada, quase morta.

Um retrato de Daudet, pendurado à parede, parece ter para mim uma piedade no seu fino perfil de Cristo alemão.

Ah! por que será que na hora dos estrangulamentos supremos, quando a Dor nos alanceia e torna velhos, os objetos têm todos, para nós, uma feição singularmente diversa da que têm sempre – ou sinistra, ou agressiva, ou piedosa?

Por que será que nas longas noites desolação, quando uma ventania de desespero sopra por trompas de bronze do nosso peito, todas as coisas desfalecem aos nossos olhos, as perspectivas se anulam, os astros loiros se apagam e a própria luz de uma lamparina ou de uma vela projeta claridade dúbia, que antes punge, que antes apunhala e dói, do que alumina!?

O coração cerra-se-nos de uma névoa triste, e, como um solitário monge, põe-se a balbuciar não sei para que mundos distantes, orações indefinidas, *kiries* eternos e nostálgicos, de um nebuloso sentimentalismo, que estão no fundo de todos os seres espirituais.

São fluidos íntimos, virginais, da alma, que sobem para o desconhecido; são incensos inefáveis de que está cheio o turíbulo do nosso amor e que, nos lancinantes momentos em que se desmorona para nós alguma força nobre, alguma força edificante, partem candidamente para as regiões do Ideal, país jamais descoberto e que só o pensamento logrou conhecer...

Vão lá saber qual é a tecla sombria que vibra o nosso organismo em certas horas, qual é a corda que pulsa, quais os nervos que se agitam!

Por uma impressionabilidade indizível, por um *toque* no orgulho, por uma mancha no cetim branco da Arte, lá fica uma nobre cabeça doente, sob a febre das nevroses, sentindo eboluir o sangue em chama e sentindo até que o cronômetro regular do pulso alterou a marcha das vibrações...

Tudo o que nos vem às idéias são princípios de demolição, de destruição, armados das rijas couraças e das agudas lanças da sua inevitabilidade.

O mundo surge-nos logo como uma formidável floresta dos tempos primitivos e só tremendos animais de uma colossal corpulência urram e bufam sanguinolentos.

E a noite, que verte fel no espírito, arrebatando-o não sei para que inferno de agitações, não sei para que tercetos do Dante, ainda mais pedras de chumbo arroja sobre o florido arbusto da Crença, cujas flores luminosas já a indiferença humana calcou a pés, ou a ruidosa, jogralesca multidão dos cafés desdenhosamente cuspiu em cima.

E, nessas batalhas, batalhas vivas, acres, onde o coração está eternamente a sangrar, a sangrar; nesses rudes combates, ao mesmo tempo tão puros e fidalgos, a carne é o menos que fica ferido, os músculos são o menos que se perde, os nervos o menos que se atrofia.

O que se perde de todo é a alta penetração da Vida, do Mundo e dos Homens, para terrivelmente se adquirir uma doença amarga, aguda e dilacerante, que se constitui das frias e tortuosas análises e que se chama – Psicologia.

## SUGESTÃO

Tu, quem quer que sejas, obscuro para muitos, embora, tens um grande espírito sugestivo.

Os jornais andam cantando a tua verve flamante, pertences a uma seita de princípios transcendentais.

Na tua terra os cretinos gritam, vociferam.

Não sabem o que tu escreves. Não entendem aquilo... Palavras, palavras, dizem.

Tu tens, porém, uma tal orientação, uma tão profunda firmeza artística, que não te abalas com a vozeria que se levanta. Pelo contrário! À bateria de frases ríspidas, que te assestam, rompe do teu cérebro a bateria viva das idéias. Não recuas, escreves.

Tudo quanto a imaginação pode criar de imprevisto, original, surpreendente, vais arrancar à nevrose da composição, encrustar, como pedrarias, na escrita cinzelada, cujo estilo apuras e aprimoras com verdadeira êxtase de uma devotada seita religiosa.

E, apesar das frases que te dirigem, cercam-te apoteoses. E isso, conquanto simules o contrário, sempre te desvanece.

Então, para que o teu esplendor seja maior e mais completo, andas a preparar um livro de estilo nobre e que, segundo pensas nas horas de nervosismo psíquico, há de fazer sucumbir no lodo da banalidade a turba triunfante dos imbecis.

E assim, com a tua elevação mental e disciplina, julgas-te profundamente feliz. Não trocarias o teu espírito pela ostentação e pompas do mundo. Ah! se tu tens a pompa das idéias!

O cocheiro mais agalado e galante, guiando o mais elegante coupé tirado por éguas de raça, de amplas ancas carnudas e luzidias, cheias de nervosidades, de altivezes bourbônicas, com um fino sentimento mulhêr nas linhas, tudo isso, Artista, não vale a página mais simples, mais frouxa, sem mesmo maior ornamentação de estilo, que tu, por acaso, escrevas.

Nem tu trocarias todo o veio virgem do ouro do mundo pelo livro que daí a meses deve entrar para o prelo.

Os reclamos soam pelos jornais, como clarins. Andam já longe. Caminham. Chega já ao domínio de todos a notícia. Há ansiedade. Espera-se a obra. Vai aparecer, brevemente, cintilante, a duas cores, em tipos Elzevires, vistosos e claros, com o teu retrato, papel *satín*, nas lustrosas vitrinas, acendendo um clarão em torno do teu nome, como um facho de fama.

Mas, um dia, vais ao teatro, um acaso, por exemplo. Sentas-te na poltrona junto à orquestra. Num intervalo suas demasiadamente. Estás abafado do calor da noite tórrida. Precisas de ar, de refrigerantes. Um sorvete, um gelado.

E, seguro de teu vigor de mocidade, da tua saúde e do radiante rubor do teu rosto, que é admirado na rumorosa cidade onde habitas, tomas, sem o maior receio, o gelado que te trazem.

Daí sentes-te logo como que atordoado.

Não estás bem. Calafrios agudos percorrem-te a espinha. Vertigens cálidas figam-te a cabeça. Ardem-te os olhos e se umedecem sob a luz flagrante e crua da ribalta; mesmo o gás te dá mais febre; parece que te estalam as fontes, latejando fortemente – e tu não podes mais ficar, nem um instante sequer, na vasta sala iluminada e cheia de multidão matizada que formiga e aplaude.

Então, um de teus amigos te conduz à casa, já abatido e quase sem voz; e, mais tarde, passados dias, corre a dolorosa notícia, – ó amargurado Espírito moderno! – de que morreste de uma pneumonia aguda...

E após a tua morte ainda se haveria de contentar o teu merecimento. Muitos diriam:

— Também não deixou um livro que significasse a sua individualidade.

E outros responderiam:

— Mas deixou escritos nos jornais.

— Ora, jornais! jornais são papéis avulsos, vivem o curto espaço de um minuto ou de um segundo e, muitas vezes, até sem os lermos, com os mais resplandecentes pensamentos contidos em suas colunas, os

deitamos pela janela fora... Um livro sintetiza qualquer individualidade. Não se pode acreditar, portanto, não há documentos que atestem, criticamente, o valor intelectual desse escritor que morreu...

Daí então, só no preciso decurso de tempo para o teu cadáver apodrecer na soberana indiferença da terra, aparece o teu livro, aquele mesmo onde tanto trabalhaste, que fecundaste de idéias, onde tanto derramaste o vivo poder de teu cérebro, onde consumiste uma porção de sangue e de nervos, assinado, e com outro título, por uma vulgaridade batráquia, na qual toda a gente acredita, e, oh!! comparando-a contigo, acha-a mais superior, extraordinária, sem igual até.

E tu, lá embaixo, ficarás, na frialdade da terra, sem nunca teres vencido! com ironia dessa glória de néscio a rir de ti, perpetuamente, à chuva, aos vendavais e ao sol, do alto da tua cova!

## SOFIA

Foi na sala branca, de leves listrões d'ouro, que eu a vi interpretar um dia ao piano Mendelsohn, Schumann, as fugas de Bach, as sinfonias de Beethoven.

Tinha um nome bíblico, lembrando palmeiras e cisternas: chamava-se Sofia.

Era alta, de uma brancura de hóstia, como certas aves esguias que os aviários conservam e que aí vivem num grande ar dolente de nostalgia de selvas, de matas cerradas, de sombrios bosques.

Nervosa, de um desdém fidalgo de fria flor dos gelos polares, e triste, traía a Arte aquele altivo aspecto, a orgulhosa cabeça erecta em frente às partituras, que os seus olhos garços liam e que os seus dedos rosados e aristocráticos executavam com perfeição, com claro entendimento nas teclas.

E de todo esse nobre ser delicado, de todo esse perfil de imagem de jaspe, irradiava uma harmonia vaga, melancólica, uma auréola de pungitiva amargura, mais desoladas que as sinfonias de Beethoven, como se todas aquelas músicas excelsas tivessem sido inspiradas nela.

---

Ó aromas, sutilíssimas essências dos finos frascos facetados do luxuoso boudoir dessa musical Magnólia; aromas vaporosos, maravilhosos perfumes que incensais, à noite, de volúpia, a sua alcova, como as purpurinas bocas das rosas, falai a linguagem alada que as vozes humanas não podem falar e dizei os murmúrios estranhos dos sentimentos imperceptíveis, imaculados, que alvoroçam a alma ansiosa dessa sonhadora Sofia.

Só os aromas, só as essências terão os eflúvios castos, os fluidos luars de expressão, o ritmo inefável para contar que latentes palpitações traz Ela no sangue, que chama d'astro lhe inflama o peito, quando volta triste dos concertos egrégios e vai enclausurar-se na alcova, – muda, muda, talvez sob a névoa de lágrimas, na comovente concentração dos que morrem amando...

## MANHÃ D'ESTIO

O Azul hoje amanheceu numa melodiosa canção, duma consoladora carícia veludosa de arminho, duma doce e suavíssima frescura de maçã rosada – brunido, reluzente, como um raro bronze florentino finíssimo, vivamente cheirando a violetas, a jasmims e a rosas machucadas.

Na cristalina sonoridade do côncavo páramo aberto há uma etérea música que passa em fios sutilíssimos de luz e de aroma pela sua transparência diamantina e velada, como um líquido radioso e fragrante através duma primorosa safira.

E o canto de um pássaro, que além atravessa o céu é mais brando, é mais tenro, então, mais harmonioso e sereno, prende, emociona e arrebatava mais porque vai cheio desta ambiente fluidez matinal, desta vaporosa e delicada tonalidade aérea, deste fino sentimento amoroso de impoluto noivado dos elementos naturais animados, destes, enfim, deliciosos tons alegres que dão um rico sabor à terra, uma vibração luminosa aos aspectos e um mais meigo encanto imaculado aos frutos que pendem das árvores e às flores que coloram, dulcificam tudo com a graça, a inefável candidez de sorrisos.

Os arvoredos recortam nitidamente no ar as suas ramagens intensas, cujo verde orvalho cintila, e as palmeiras, que mais de perto avisto, altas, sobrepujando os outros arvoredos, como a afirmação soberana do poder germinativo, aprumam-se, firmes, desdobrando no alto as suas verdejantes plumas que tremeluzem nas arfantes aragens.

Na pradaria florida os gorjeios crescem, trinados festivamente cortam o espaço, vôos, rumores d'asas, claros e argentinos ruídos frescos de rios, chiantes carros dormentes de lavouras tomando o vermelho e risonho atalho murmuroso dos campos relvosos, entre a implorativa plangência mugidora dos tardos bois melancólicos;

movimentos agrícolas de enxadas, de sachos e arados, todos os instrumentos e aparelhos rurais, cavando, mondando, preparando a terra para as culturas, avigorando-a e adubando-a, dando-lhe a larga força nutriente aos germes para que ela opere e produza, farte infinitamente a todos de sazonadas colheitas.

E toda essa orquestração da Natureza e do trabalho, todas essas impetuosas, palpitantes correntes da Vida, encham o ar de alvoroço, de alarido, duma religiosa bênção panteísta e de um cântico enlevador que desce consolativamente sobre as coisas – como se toda a seiva, vegetal e humana, estivesse na gestação poderosa, da fecunda elaboração de mundos virgens e novos.

Nós, Artistas, que dissipamos toda a nossa mais bela e opulenta porção de glóbulos rubros para arrancar à Natureza a sua latente verdade; que nos embevecemos na contemplação, no misticismo do céu; que de tudo ansiamos pelas recônditas, encantadas origens; que tanta vez nos mergulhamos no azedume e na inclemente maresia do tédio, achando a vida gasta, acabada, falazes e mentidos os seus lantejoulados, fascinantes enlevos, trememos de comoção, ficamos extasiados quando essas perspectivas se nos antolham assim d'esplendor, trazendo ainda à nossa desvirilizada e já quase decadente estrutura moral um pouco de alento, heroísmo e força, de sagrada virtude de pensamento e gloriosa envergadura espiritual para a luta, hauridos a plenos sorvos nos abundantes mananciais de luz, na soberba caudal imensa da Natureza fecunda e generosa.

Porque só a Natureza, germinalmente só ela, nos sabe dar à alma e ao corpo esta nobre saúde, estas estóicas atitudes épicas; porque só ela nos comunica os seus emotivos impressionismos, nos penetra os seus evangélicos, pensativos silêncios e recolhimentos alpestres, tão empiricamente transvasados no neblinoso luar dos Sonhos e tão relicariamente votados ao culto como os santuários; só é dela que vem a crença robusta que nos põe no peito como que afiadas lâminas de espada para destruímos bizarros as mil venenosas cabeças da formidável serpente da Dúvida; só ela nos veste dessa flamante irradiação de aurora da qual emergimos vitoriosos, no fluido ouro resplandecente da aurora da Vida; e só ela, enfim, nos lava do mal, nos purifica como a salitrosa salsugem do Mar glauco nas salutares e matinais travessias d'alacridade picante, quando se volta das ondas numa eflorescência pagã de Tritão marinho, no luminoso frescor primaveril e sonoro dum viçoso ramo silvestre ruflante de revoadas de coleiros e gaturamos cantando.

Um clarim, uma trompa de caça que por aqui vibrasse, como numa pastoral da idade média, nesta formosa manhã perfumada, apanharia, tomaria destes murmúrios todos, pelo fenômeno acústico da recepção e transladação dos sons, como em placas fonográficas, todos os profundos e vagos ecos e os levaria então para longe – derramando-os, espalhando-os em cada placidez sedentária de sítio, em cada remanso bonançoso de campo, fazendo renascer a brava cultura ingênita das terras, palpitar o rijo pulmão d'aço do movimento incessante, pulsar, latejar vinculativamente as artérias da fecundidade e circular em todo o sangue oxigenado, ardoroso e produtivo que gera e fortalece tudo e que não é mais do que o Sol eletricamente entranhado nas mais profundas raízes de tudo.

## APARIÇÃO DA NOITE

Fria aparição da meia-noite, o Luar seja contigo!

Tu vens da neve, das algidezes cruas da neve; e eu não sei bem se é a neve que te faz frio ou se és tu que fazes fria a neve.

Há, contudo, em ti, algum calor, que não é inteiramente a vida, mas que suaviza os punhalantes regelos da neve; que não é o sol da tua carne, a chama do teu corpo, mas um quente raio d'estrela, a estrela de teu olhar aceso como velas místicas no recolhido e sagrado santuário de uma Capela.

O luar seja contigo, seja contigo o luar emoliente e lascivo, este luar equatorial que não é dia nem noite, mas uma doce penumbra velada do sol do teu sorriso – como se sobre o sol do teu sorriso, para dulcificar a intensidade do foco da sua luz, quando tu eras astro inflamado, que ardias, força latente, matéria animada e pulsante, se houvesse colocado um transparente *abat-jour* verde, branco, azulado e amarelado, conforme é, às vezes, a refração luminosa da Lua.

Mas tu deveras aparecer-me, fria Visão da meia-noite, dentro de uma redoma de cristal, por entre um resplendor de lágrimas, para eu então poder assim crer no teu encanto, no teu mistério de meia-noite.

No entanto, aqui me aparece, metida em pelas de Astrakan, melancólica, pálida, vaporosa, livorescida quase, como aquelas belezas apagadas e tristes que vêm dos frígidos ares desolados do Norte.

Porque tu acabas de vir da Rússia agora, das fulgurantes estepes, da ostentação militar do Tzar de ferro, ouvindo os clamores da dinamite.

Vens das hirtas margens do Neva para os coruscantes fogos tropicais das terras da América. E chegas ainda virginal e pubescente para a irradiação angélica do Vêu, para o simbolismo cândido da Grinalda de flores de laranjeira, para a bênção serena e perfumada do Noivado.

Chegas a tempo...

E se queres um noivo, se andas em busca de um noivo, aí tens, pois, o Luar, frio como essa natureza fria, e alvo, lirialmente alvo, como tu.

Aí tens o Luar...

Envolve-se à sua clâmide de linho, mergulha-te nos seus flocos de prata, ó meiga Eslava triste, meu desmaiado amor e heliotrópio branco dos sonhos, que aqui vieste findar eternamente a vida nessa nostálgica doença nervosa de melancolia que trouxeste do teu país polar, muito longe nos gelos, e que até te dá já a névoa densa, a espessa nuvem dolorosa das ilusões que se transformam em nuvens.

Vens para sempre extinguir-se sob esses tórridos mormaços, nessa doença histórica de que ninguém na tua pátria pôde de certo determinar a pudentíssima origem, e que não é mais, nada mais é, talvez do que a doença do clima, do spleen das tardes, das exaustas paisagens sem seiva; as displicências amargas à hora dos longos ocasos taciturnos, quando adormecidamente as campinas e as planícies incultas nevam e o horizonte é uma trespassante angústia crepuscular que desola...

Aí tens o Luar...

Cobre-te nessa musselina fúlgida, veste essa finíssima gaze diáfana...

Abre os primorosos olhos de Madona, castíssimos, chorosos e macerados, e absorve pelos cílios todo esse nosso fluido e luxuoso azul; e fecha depois esses teus primorosos olhos também azues...

Sorri ainda uma vez, como num supremo frêmito final de ave ferida no peito; agita amorosamente, languescidamente, numa poeirada d'ouro, como na última noite de beijos da remota paixão que se foi, a loira e divina cabeça astral, leonina e doirada; tem um derradeiro estremecimento convulsivo e sonoro de cordas d'harpa em todo o níveo corpo; cerra à música celeste, eucarística da voz para sempre os lábios, e, assim, nesse láteo nimbo seráfico da Lua, fica em êxtase, na doce, na infinita quimera misteriosa da Morte, numa leve graça idealizante e alada de vôo etéreo de querubins, como quem está dormindo ou como o sol que emperdeniu e gelou...

Fria Aparição da meia-noite, o Luar seja contigo!

## ESTESIA ESLAVA

Como os embriagados de kava da Polinésia vou tartamudeando e soluçando sob as paixões, ó águia, Águia Germânica, imperiosa e doirada!

Uma estranha harmonia de “Dança macabra” de Saint-Saens me entorpece e invade em lágrimas negras de notas.

Todo o meu pensar e sentir estacou de súbito agora, como um nervoso cavalo da Arábia a que se refreia o bridão, diante da tua plumagem d'ouro da tua envergadura d'asa valente, – ó águia! doirada Águia humana e Germânica, que tudo de mim para sempre levas, Esperanças e Sonhos, impetuosamente arrebatado no alto, ao impulso fremente das tuas garras alpinas.

E eu fico em ânsias no vácuo, num vago anelar indefinido, como as aspirações do perfume que quer ser luz...

Mas um pedaço de horizonte ao longe marcando as infinitas distâncias e uma língua de terra aprumada em monte, tornam-me tangível o sentimento da realidade; e, então, claramente vejo e sinto, desiludido das Coisas, dos Homens e do Mundo, que o que eu supunha embriagamento, arrebatamento de amor nas tuas asas, ó loira Águia Germânica! – nada mais foi que o sonambulismo dum sonho à beira de rios marginados de resinoso aloendros em flor, na dolência da Lua nebulosa e fria, à alta paz do Azul, sob as pestanejantes estrelas rutilantemente acesas...

## TÍSICA

Lânguida e loira, tinha, na verdade, um ruidoso e festivo acordar de canários.

Quando o dia vem triunfalmente cantando por todas as gargantas de oiro dos pássaros, perfumado por todos os prados de rosas, rumorejando por todos os sonoros veios cristalinos de fontes, ela erguia-se também do leite, cantando, numa alegria comunicativa que iluminava tudo e ia para o piano soluçar no teclado, lindas barcarolas e valsas.

Quanta vez eu ouvi, e quantas outras a vi no rés do chão que enfrentava a minha morada, sempre com um vermelho esmaecido, manchado, em ambas as faces.

Como era feliz, e que ruidoso e festivo acordar de canários tinha Ela!

---

Chegou, afinal, o inverno.

A emigração das andorinhas começa em vôos incisivos, que frisa o espaço translúcido de ruflagens d'asas...

Os grandes frios pedem as grandes capas de lã para as mulheres, os confortáveis regalos de pelúcia, as luvas, que agasalham, que protegem as mãos, os *pardessus* e os largos fichus para a cabeça.

Desprende-se já do éter as fortes lestadas de vento e chuva, destruidoras e rijas, arrepiando e convulsionadamente contorcendo os galhos das árvores, que amarelecem.

Amanhece-se tiritando sob o fulgurante ar frígido das geadas, que nevam os plácidos campos.

E, lá, à cima das serras altas, nas desprotegidas cabanas onde a miséria habita, tiritam também de frio e desamparadamente morrem, com uma chama azul no olhar vítreo, as loiras e morenas virgens tísicas que na estação passada levaram a trabalhar nos rudes amanhos da lavoura e a mourejar nas longas vigílias amargurosas da agulha.

---

A tísica! a tísica! Essa doença simbolicamente dolorosa e triste, que devasta os lares como os cortantes invernos devastam as searas! Doença artística e desolada, que dá um aspecto eminentemente romântico a todas as mulheres, como àquela violeta de Parma, flor dolente e venenosa do Amor, essa Margarida Gautier, roxo lírio inefável de melancolia plantado à margem de lagos furta-cores de quimera, e que a mais abrasadora paixão, a febre mais intensa, o tufão ardente de um fundo e desvairado sentimento para sempre emurcheceu e desfolhou!

Doença amarga! que soturnamente devorando os pulmões, põe em redor de quem a sofre um magoado impressionismo de saudade e uma névoa gelada de sepulcro...

E as virgens que morrem dessa doença tão atormentadora e serena ao mesmo tempo, levam para o túmulo, na crispação dos lábios entreabertos e violáceos, como derradeira e a mais pungente ironia da Dor, o desmaiado sorriso da última esperança, do último sonho, da última ilusão que tiveram sobre a Terra.

---

Há muitos dias já não a vejo, a lânguida Loira.

Não sei porque, mas a sua ausência inquieta-me.

Eu quisera sempre vê-la, como dantes, pálida, lânguida e loira, com um vermelho esmaecido, manchado, em ambas as faces.

Porém, ela não aparece, não vai, como então, sentar-se ao piano, no luminoso purpurear das manhãs, fazendo soluçar no teclado lindas barcarolas e valsas. E isso punge-me n'alma de tal modo que eu procuro saber o que é feito dela e dizem-me que adoeceu.

— Adoeceu! E de que?

— Está tísica. O médico diz que não durará muito.

— Tísica! Tão moça e tão bela! E que ar festivo tinha ela. Como cantava! Que sonoridade de voz! E tudo isso agora acabar, morrer...

---

É certo, aflitivamente certo o que me disseram. Ela vai morrer!

Vejo-a continuamente de uma palidez clorótica, os olhos de um brilho cru, agudo, que faz febre; as orelhas diáfanas, muito despegadas do crâneo; o nariz cada vez mais afilado e desfalecido; toda ela de uma amarelada transparência de morte, de uma magreza hirta, como essas santas mártires do cilício que vivem nos claustros fechados e austeros de pedra, olhando entre grades para céus fuscus, com olhos cheios dos fluidos místicos do Panteísmo, e que parecem subir, através de nimbos, além, às empíreas regiões dos excelsos arcanjos alvos de luz...

Vejo-a constantemente, através de vidraças, sem brilho de vida quase, como um astro vespéral prestes a apagar para sempre todo o seu clarão diamantino e virgem.

E, no entanto, nos intervalos lúcidos da doença, que lhe abrem no peito, às Esperanças, como um esplendor de força nova, de vigorosa saúde, o piano vibra de quando em quando, sob as suas mãos febris, trêmulas, nervosas e cadavéricas, alguma melodia triste de casuarinas gementes, um desvairamento histérico de lágrimas, a fina música nostálgica no fim de tudo – talvez essa suspirante serenata de Schubert, cujo ritmo saudoso tão profundamente nos invade a alma e a entristece e no qual parece haver gritos e soluços de amor entrecortados pela agonia torturante da Morte...

## ORAÇÃO AO MAR

Ó mar! Estranho Leviatã verde! Formidável pássaro selvagem, que levas nas tuas asas imensas, através do mundo, turbilhões de pérolas e turbilhões de músicas!

Órgão maravilhoso de todos os nostalgismos, de todas as plangências e dolências...

Mar! Mar azul! Mar de ouro! Mar glacial!

Mar das luas trágicas e das luas serenas, meigas como castas adolescentes! Mar dos sóis purpúreos, sangrentos, dos nababescos ocasos rubros! No teu seio virgem, de onde se originam as correntes cristalinas da Originalidade, de onde procedem os rios largos e claros do supremo vigor, eu quero guardar, vivos, palpitações, estes Pensamentos, como tu guardas os corais e as algas.

Nessa frescura iodada, nesse acre e ácido salitre vivificante, eles se perpetuarão, sem mácula, à saúde das tuas águas mucilaginosas onde se geram prodígios como de uma luz imortal fecundadora.

Nos mistérios verdes das tuas ondas, dentre os profundos e amargos Salmos luteranos que elas cantam eternamente, estes pensamentos acerbos viverão para sempre, à augusta solenidade dos astros resplandecentes e mudos.

Rogo-te, ó Mar suntuoso e supremo! para que conserves no íntimo da tu'alma heróica e ateniense toda esta dolorosa Via-Láctea de sensações e idéias, estas emoções e formas evangélicas, religiosas, estas rosas exóticas, de aromas tristes, colhidas com enternecido afeto nas infinitas idéias do Ideal, para perfumar e florir, num Abril e Maio perpétuos, as aras imaculadas da Arte.

Em nenhuma outra região, Mar triunfal! ficarão estes pensamentos melhor guardados do que no fundo das tuas vagas cheias de primorosas relíquias de corações gelados, de noivas pulcras, angélicas, mortas no derradeiro espasmo frio das paixões enervantes...

Lá, nessas ignotas e argentadas areias, estas páginas se eternizarão, sempre puras, sempre brancas, sempre inacessíveis a mãos brutais e poluídas, que as manchem, a olhos sem entendimento, indiferentes e desdenhosos, que as vejam, a espíritos sem harmonia e claridade, que as leiam...

Pelas tuas alegrias radiantes e garças; pelas alacridades salgadas, picantes, primaveris e elétricas que os matinais esplendores derramam, alastram sobre o teu dorso, em pompas; pelas confusas e mefistofélicas orquestrações das borrascas; pelo epiléptico chicotear, pelas vergastantes nevroses dos ventos colossais, que te revolvem; pelas nostálgicas sinfonias que violinam e choram nas harpas das cordoalhas dos Navios, ó Mar! guarda nos recônditos Sacrários d'esmeralda as idéias que este Missal encerra, dá-o, pelas noites, a ler, a meditadoras Estrelas, á emoção do Ângelus espiritualizados e, majestosamente, envolve-o, deixa que Ele repose, calmo, sereno, por entre as raras púrpuras olímpicas dos teus ocasos...

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**ÚLTIMOS SONETOS**  
*Cruz e Souza*

**PIEIDADE**

O coração de todo o ser humano  
foi concebido para ter piedade,  
para olhar e sentir com caridade,  
ficar mais doce o eterno desengano.

Para da vida em cada rude oceano  
arrojar, através da imensidade,  
tábuas de salvação, de suavidade,  
de consolo e de afeto soberano.

Sim! Que não ter um coração profundo  
é os olhos fechar à dor do mundo,  
ficar inútil nos amargos trilhos.

É como se o meu ser compadecido  
não tivesse um soluço comovido  
para sentir e para amar meus filhos!

**CAMINHO DA GLÓRIA**

Este caminho cor-de-rosa e é de ouro,  
estranhos roseirais nele florescem,  
folhas augustas, nobres reverdecem  
de acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro  
pelo qual tantas almas estremeçam:  
é por aqui que tantas almas descem  
ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,  
que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,  
neste celeste, límpido caminho

Os seres virginais que vêm da Terra,  
ensangüentados da tremenda guerra,  
embebedados do sinistro vinho.

### **PRESA DO ÓDIO**

Da tu'alma a funda galeria  
descendo às vezes, eu às vezes sinto  
que como o mais feroz lobo faminto  
teu ódio baixo de alcatéia espia.

Do desespero a noite cava e fria,  
de boêmias vis o pérfido absinto  
pôs no teu ser um negro labirinto,  
desencadeou sinistra ventania.

Desencadeou a ventania rouca,  
surda, tremenda, desvairada, louca,  
que a tu'alma abalou de lado a lado.

Que te inflamou de cóleras supremas  
e deixou-te nas trágicas algemas  
do teu ódio sangrento acorrentado!

### **ALUCINAÇÃO**

Ó solidão do Mar, ó amargor das vagas,  
ondas em convulsões, ondas em rebeldia,  
desespero do Mar, furiosa ventania,  
boca em fel dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas do sol, ensangüentadas chagas  
de ocasos purpúreos de atroz melancolia,  
luas tristes, fatais, da atra mudez sombria  
De trágica ruína em vastidões pressagas.

Para onde tudo vai, para onde tudo voa,  
sumido, confundido, esboroadado, à toa,  
no caos tremendo e nu dos tempos a rolar?

Que Nirvana genial há de engolir tudo isto,

mundos de Inferno e Céu, de Judas e de Cristo,  
luas, chagas do sol e turbilhões do Mar?!

### **VIDA OBSCURA**

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,  
ó ser humilde entre os humildes seres.  
Embriagado, tonto dos prazeres,  
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro  
a vida presa a trágicos deveres  
e chegaste ao saber de altos saberes  
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,  
magoado, oculto e aterrador, secreto,  
que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos  
sei que cruz infernal prendeu-te os braços  
e o teu suspiro como foi profundo!

### **CONCILIAÇÃO**

Se essa angústia de amar te crucifica,  
não és da Dor um simples fugitivo:  
ela marcou-te com o sinete vivo  
da sua estranha majestade rica.

És sempre o Assinalado ideal que fica  
sorrindo e contemplando o céu altivo;  
dos Compassivos és o Compassivo,  
na Transfiguração que glorifica.

Nunca mais de tremer terás direito...  
Da Natureza todo o Amor perfeito  
adorarás, venerarás contrito.

Ah! Basta encher, eternamente basta  
encher, encher toda esta Esfera vasta  
da convulsão do teu soluço aflito!

### **GLÓRIA!**

Florescimentos e florescimentos!  
Glória às estrelas, glória às aves, glória  
à natureza! Que a minh'alma flórea  
em mais flores flori de sentimentos.

Glória ao Deus invisível dos nevoentos  
espaços! glória à lua merencória,  
glória à esfera dos sonhos, à ilusória  
esfera dos profundos pensamentos.

Glória ao céu, glória à terra, glória ao mundo!  
todo o meu ser é roseiral fecundo  
de grandes rosas de divino brilho.

Almas que floresceis no Amor eterno!  
vinde gozar comigo este falerno,  
esta emoção de ver nascer um filho!

#### **A PERFEIÇÃO**

A perfeição é a celeste ciência  
da cristalização de almos encantos,  
de abandonar os mórbidos quebrantos  
e viver de uma oculta flolescência.

Noss'alma fica da clarividência  
dos astros e dos anjos e dos santos,  
fica lavada na lustral dos prantos,  
é dos prantos divina e pura essência.

Noss'alma fica como o ser que às lutas  
as mãos conserva limpas, impolutas,  
sem as manchas do sangue mau da guerra.

A Perfeição é a alma estar sonhando  
em soluços, soluços, soluçando  
as agonias que encontrou na Terra!

#### **MADONA DA TRISTEZA**

Quando te escuto e te olho reverente  
e sinto a tua graça triste e bela  
de ave medrosa, tímida, singela,  
fico a cismar enternecidamente.

Tua voz, teu olhar, teu ar dolente  
toda a delicadeza ideal revela

e de sonhos e lágrimas estrela  
o meu ser comovido e penitente.

Com que mágoa te adoro e te contemplo,  
ó da Piedade soberano exemplo,  
flor divina e secreta da Beleza!

Os meus soluços enchem os espaços,  
quando te aperto nos estreitos braços,  
solitária madona da Tristeza!

#### **DE ALMA EM ALMA**

Tu andas de alma em alma errando, errando,  
como de santuário em santuário.  
És o secreto místico templário  
as almas, em silêncio, contemplando.

Não sei que de harpas há em ti vibrando,  
que sons de peregrino estradivário  
que lembras reverências de sacrário  
e de vozes celestes murmurando.

Mas sei que de alma em alma andas perdido,  
atrás de um belo mundo indefinido  
de Silêncio, de Amor, de Maravilha.

Vai! Sonhador das nobres reverências!  
A alma da Fé tem dessas florescências,  
mesmo da Morte ressuscita e brilha!

#### **IRONIA DE LÁGRIMAS**

Junto da morte que floresce a Vida!  
Andamos rindo junto à sepultura.  
A boca aberta, escancarada, escura  
da cova é como flor apodrecida.

A Morte lembra a estranha Margarida  
do nosso corpo, Fausto sem ventura...  
ela anda em torno a toda a criatura  
numa dança macabra indefinida.

Vem revestida em suas negras sedas  
e a marteladas lúgubres e tredas  
das Ilusões o eterno esquife prega.

E adeus caminhos vãos, mundos risonhos!  
Lá vem a loba que devora os sonhos,  
faminta, absconsa, imponderada, cega!

### **O GRANDE MOMENTO**

Inicia-te, enfim, Alma imprevista,  
entra no seio dos Iniciados.  
Esperam-te de luz maravilhados  
os Dons que vão te consagrar Artista.

Toda uma Esfera te deslumbra a vista,  
os ativos sentidos requintados.  
Céus e mais céus e céus transfigurados  
abrem-te as portas da imortal Conquista.

Eis o grande Momento prodigioso  
para entrares sereno e majestoso  
num mundo estranho d'esplendor sidéreo.

Borboleta de sol, surge da lesma...  
oh! vai, entra na posse de ti mesma,  
quebra os selos augustos do Mistério!

### **PRODÍGIO!**

Como o Rei Lear não sentes a tormenta  
que te desaba na fatal cabeça!  
(Que o céu d'estrelas todo resplandeça.)  
A tua alma, na Dor, mais nobre aumenta.

A Desventura mais sanguinolenta  
sobre os teus ombros impiedosa desça,  
seja a treva mais funda e mais espessa,  
Todo o teu ser em músicas rebenta.

Em músicas e em flores infinitas  
de aromas e de formas esquisitas  
e de um mistério singular, nevoento...

Ah! só da Dor o alto farol supremo,  
consegue iluminar, de extremo a extremo,  
o estranho mar genial do Sentimento!

### **COGITAÇÃO**

Ah! mas então tudo será baldado?!  
Tudo desfeito e tudo consumido?!  
No Ergástulo d'ergástulos perdido  
tanto desejo e sonho soluçado?!

Tudo se abismará desesperado,  
do desespero do Viver batido,  
na convulsão de um único Gemido  
nas entranhas da Terra concentrado?!

Nas espirais tremendas dos suspiros  
a alma congelará nos grandes giros,  
rastejará e rugirá rolando?!

Ou, entre estranhas sensações sombrias,  
melancolias e melancolias,  
no eixo da alma de Hamlet irá girando ?!

#### **GRANDEZA OCULTA**

Estes vão para as guerras inclementes,  
os absurdos heróis sanguinolentos,  
alvorçados, tontos e sedentos  
do clamor e dos ecos estridentes.

Aqueles para os frívolos e ardentes  
prazeres de acres inebriamentos:  
vinhos, mulheres, arrebatamentos  
de luxúrias carnavais, impenitentes.

Mas Tu, que na alma a imensidade fechas,  
que abriste com teu Gênio fundas brechas  
no mundo vil onde a maldade exulta,

ó delicado espírito de Lendas!  
fica nas tuas Graças estupendas,  
no sentimento da grandeza oculta!

#### **VOZ FUGITIVA**

Às vezes na tu'alma, que adormece  
tanto e tão fundo, alguma voz escuto  
de timbre emocional, claro, impoluto  
que uma voz bem amiga me parece.

E fico mudo a ouvi-la, como a prece

de um meigo coração que está de luto  
e livre, já, de todo o mal corrupto,  
mesmo as afrontas mais cruéis esquece.

Mas outras vezes, sempre em vão, procuro  
dessa voz singular o timbre puro,  
as essências do céu maravilhosas.

Procuro ansioso, inquieto, alvoroçado,  
mas tudo na tu'alma está calado,  
no silêncio fatal das nebulosas.

### **QUANDO SERÁ?!**

Quando será que tantas almas duras  
em tudo, já libertas, já lavadas  
nas águas imortais, iluminadas  
do sol do Amor, hão de ficar bem puras?

Quando será que as lípidas frescuras  
dos claros raios de ondas estreladas  
dos céus do Bem, hão de deixar clareadas  
almas vis, almas vãs, almas escuras?

Quando será que toda a vasta Esfera,  
toda esta constelada e azul Quimera,  
todo este firmamento estranho e mudo,

tudo que nos abraças e nos esmaga,  
quando será que uma resposta vaga,  
mas tremenda, hão de dar de tudo, tudo?!

### **IMORTAL ATITUDE**

Abre os olhos à Vida e fica mudo!  
Oh! Basta crer indefinidamente  
para ficar iluminado tudo  
de uma luz imortal e transcendente.

Crer é sentir, como secreto escudo,  
a alma risonha, lúcida, vidente...  
E abandonar o sujo deus cornudo,  
o sátiro da Carne impenitente.

Abandonar os lânguidos rugidos,  
o infinito gemido dos gemidos  
que vai no lodo a carne chafurdando.

Erguer os olhos, levantar os braços  
Para o eterno Silêncio dos Espaços  
E no Silêncio emudecer olhando.

### **LIVRE**

Livre! Ser livre da matéria escrava,  
arrancar os grilhões que nos flagelam  
e livre penetrar nos Dons que selam  
a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.

Livre da humana, da terrestre bava  
dos corações daninhos que regelam,  
quando os nossos sentidos se rebelam  
contra a Infâmia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,  
mais junto à Natureza e mais seguro  
do seu Amor, de todas as justiças.

Livre! para sentir a Natureza,  
para gozar, na universal Grandeza,  
Fecundas e arcangélicas preguiças.

### **CÁRCERE DAS ALMAS**

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
soluçando nas trevas, entre as grades  
do calabouço olhando imensidades,  
mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
quando a alma entre grilhões as liberdades  
sonha e sonhando, as imortalidades  
rasga no etéreo Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
nas prisões colossais e abandonadas,  
da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!

**SUPREMO VERBO**

— Vai, Peregrino do caminho santo,  
faz da tu'alma lâmpada do cego,  
iluminando, pego sobre pego,  
as invisíveis amplidões do Pranto.

Ei-lo, do Amor o cálix sacrossanto!  
Bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrego...  
És o filho leal, que eu não renego,  
que defendo nas dobras do meu manto.

Assim ao Poeta a Natureza fala!  
enquanto ele estremece ao escutá-la,  
transfigurado de emoção, sorrindo...

Sorrindo a céus que vão se desvendando,  
a mundos que se vão multiplicando,  
a portas de ouro que se vão abrindo!

**VÃO ARREBATAMENTO**

Partes um dia das Curiosidades  
do teu ser singular, partes em busca  
de almas irmãs, cujo esplendor ofusca  
as celestes, divinas claridades.

Rasgas terras e céus, imensidades,  
dos perigos da Vida a vaga brusca,  
queima-te o sol que na Amplidão corusca  
e consola-te a lua das saudades.

Andas por toda a parte, em toda a parte  
a sedução das almas a falar-te,  
como da Terra luminosos marcos.

E a sorrir e a gemer e soluçando  
ah! sempre em busca de almas vais andando  
mas em vez delas encontrando charcos!

**BENDITAS CADEIAS!**

Quando vou pela Luz arrebatado,  
escravo dos mais puros sentimentos,  
levo secretos estremecimentos  
como quem entra em mágico Noivado.

Cerca-me o mundo mais transfigurado  
nesses sutis e cândidos momentos...  
Meus olhos, minha boca vão sedentos,  
De luz, todo o meu ser iluminado.

Fico feliz por me sentir escravo  
de um Encanto maior entre os Encantos,  
livre, na culpa, do mais leve travo.

De ver minh'alma com tais sonhos, tantos,  
e que por fim me purifico e lavo  
na água do mais consolador dos prantos!

### ÚNICO REMÉDIO

Como a chama que sobe e que se apaga,  
sobem as vidas a espiral do Inferno.  
O desespero é como o fogo eterno  
Que o campo quieto em convulsões alaga...

Tudo é veneno, tudo cardo e praga!  
e as almas que têm sede de falerno  
bebem apenas o licor moderno  
do tédio pessimista que as esmaga.

Mas a Caveira vem se aproximando,  
vem exótica e nua, vem dançando,  
no estrambotismo lúgubre vem vindo.

E tudo acaba então no horror insano  
— desespero do Inferno e tédio humano  
quando, d'esquelha, a Morte surge, rindo...

### FLORESCE

Floresce, vive para a Natureza,  
para o Amor imortal, largo e profundo.  
O Bem supremo de esquecer o mundo  
reside nessa límpida grandeza.

Floresce para a Fé, para a Beleza  
da Luz, que é como um vasto mar sem fundo,  
amplo, inflamado, mágico, fecundo,  
de ondas de resplendor e de pureza.

Andas em vão na Terra, apodrecendo

à toa pelas trevas, esquecendo,  
a Natureza e os seus aspectos calmos.

Diante da luz que a Natureza encerra  
andas a apodrecer por sobre a Terra,  
antes de apodrecer nos sete palmos!

### **DEUS DO MAL**

Espírito do Mal, ó deus perverso  
que tantas almas dúbias acalenta,  
veneno tentador na luz disperso  
que a própria luz e a própria sombra tentas;

Símbolo atroz das culpas do Universo,  
espelho fiel das convulsões violentas,  
do gasto coração no lodo imerso  
das tormentas vulcânicas, sangrentas;

Toda a tua sinistra trajetória  
tem um brilho de lágrima ilusória,  
as melodias mórbidas do Inferno...

És Mal, mas sendo Mal és soluçante,  
sem a graça divina e consolante,  
réprobo estranho do Perdão eterno!

### **A HARPA**

Prende, arrebatada, enleva, atrai, consola  
a harpa tangida por convulsos dedos,  
vivem nela mistérios e segredos,  
é "*berceuse*", é balada, é barcarola.

Harmonia nervosa que desola,  
vento noturno dentre os arvoredos  
a erguer fantasmas e secretos medos,  
nas suas cordas um soluço rola...

Tu'alma é como esta harpa peregrina,  
que tem sabor de música divina  
e só pelos eleitos é tangida.

Harpa dos céus que pelos céus murmura  
e que enche os céus da música mais pura,  
como de uma saudade indefinida.

### **ALMAS INDECISAS...**

Almas ansiosas, trêmulas, inquietas,  
fugitivas abelhas delicadas  
das colméias de luz das alvoradas,  
almas de melancólicos poetas.

Que dor fatal e que emoções secretas  
vos tornam sempre assim desconsoladas,  
na pungência de todas as espadas,  
na dolência de todos os ascetas?!

Nessa esfera em que andais, sempre indecisa,  
que tormento cruel vos nirvaniza,  
que agonias titânicas são essas?!

Por que não vindes, Almas imprevistas,  
para a missão das límpidas Conquistas  
e das augustas, imortais Promessas?!

### **ABRIGO CELESTE**

Estrela triste a refletir na lama,  
raio de luz a cintilar na poeira,  
tens a graça sutil e feiticeira,  
a doçura das curvas e da chama.

Do teu olhar um fluido se derrama  
de tão suave, cândida maneira  
que és a sagrada pomba alvissareira  
que para o Amor toda a minh'alma chama.

Meu ser anseia por teu doce apoio,  
nos outros seres só encontra joio,  
mas só no teu todo o divino trigo.

Sou como um cego sem bordão de arrimo  
que do teu ser, Tateando, me aproximo  
como de um céu de carinhoso abrigo.

### **MUDEZ PERVERSA**

Que mudez infernal teus lábios cerra  
que ficas vago, para mim olhando,  
na atitude da pedra, concentrando  
no entanto, n'alma, convulsões de guerra!

A mim tal fel essa mudez encerra,  
tais demônios revéis a estão forjando,  
que antes te visse morto, desabando  
sobre o teu corpo grossas pás de terra.

Não te quisera nesse atroz e sumo  
mutismo horrível que não gera nada,  
que não diz nada, não tem fundo e rumo.

Mutismo de tal dor desesperada,  
Que, quando o vou medir com o estranho prumo  
da alma, fico com a alma alucinada!

### **CORAÇÃO CONFIANTE**

O Coração que sente vai sozinho,  
arrebatado, sem pavor, sem medo...  
leva dentro de si raro segredo  
que lhe serve de guia no Caminho.

Vai no alvoroço, no celeste vinho  
da luz, os bosques acordando cedo,  
quando de cada trêmulo arvoredado  
parte o sonoro e matinal carinho.

E o Coração vai nobre e vai confiante,  
festivo como a flâmula radiante,  
agitada bizarra pelos ventos...

Vai palpitando, ardente, emocionado,  
o velho Coração arrebatado,  
preso por loucos arrebatamentos!

### **ESPÍRITO IMORTAL**

Espírito imortal que me fecundas  
com a chama dos viris entusiasmos,  
que transformas em gládios os sarcasmos  
para punir as multidões profundas!

Ó alma que transbordas, que me inundas  
de brilhos, de ecos, de emoções, de pasmos,  
e fazes acordar de atros marasmos  
minh' alma, em tédios por charnecas fundas.

Força genial e sacrossanta e augusta,  
divino Alerta para o Esquecimento,  
voz companheira, carinhosa e justa.

Tens minha Mão, num doce movimento,  
sobre essa Mão angélica e robusta,  
espírito imortal do Sentimento!

## **CRÊ**

Vê como a Dor te transcendentaliza!  
mas do fundo da Dor crê nobremente.  
Transfigura o teu ser na força crente  
que tudo torna belo e diviniza.

Que seja a Crença uma celeste brisa  
inflando as velas dos batéis do Oriente  
do teu Sonho supremo, onipotente,  
que nos astros do céu se cristaliza.

Tua alma e coração fiquem mais graves,  
iluminadas por carinhos suaves,  
na doçura imortal sorrindo e crendo...

Oh! Crê! Toda a alma humana necessita  
de uma Esfera de cânticos, bendita,  
para andar crendo e para andar gemendo!

## **ALMA FATIGADA**

Nem dormir nem morrer na fria Eternidade!  
mas repousar um pouco e repousar um tanto,  
os olhos enxugar das convulsões do pranto,  
enxugar e sentir a ideal serenidade.

A graça do consolo e da tranquilidade  
de um céu de carinhoso e perfumado encanto,  
mas sem nenhum carnal e mórbido quebranto,  
sem o tédio senil da vã perpetuidade.

Um sonho lirial d'estrelas desoladas,  
onde as almas febris, exaustas, fatigadas,  
possam se recordar e repousar tranqüilas!

Um descanso de Amor, de celestes miragens,  
onde eu goze outra luz de místicas paisagens

e nunca mais pressinta o remexer de argilas!

### **FLOR NIRVANIZADA**

Ó cegos corações, surdos ouvidos,  
bocas inúteis, sem clamor, fechadas,  
almas para os mistérios apagadas,  
sem segredos, sem eco e sem gemidos;

Consciências hirsutas de bandidos,  
vesgas, nefandas e desmanteladas,  
portas de ferro, com furor trancadas,  
dos ócios maus histéricos Vencidos.

Desenterrai-vos das sangrentas furnas  
sinistras, cabalísticas, noturnas,  
onde ruge o Pecado caudaloso...

Fazei da Dor, do triste Gozo humano,  
a Flor do Sentimento soberano,  
a Flor nirvanizada de outro Gozo!

### **FELIZ**

Ser de beleza, de melancolia,  
espírito de graça e de quebranto,  
Deus te bendiga o doloroso pranto,  
enxugue as tuas lágrimas um dia.

Se a tu'alma é d'estrela e d'harmonia,  
se o que vem dela tem divino encanto,  
Deus a proteja no sagrado manto,  
no céu, que é o vale azul da Nostalgia.

Deus a proteja na Felicidade  
do sonho, do mistério, da saudade,  
de cânticos, de aroma e luz ardente.

E sê feliz e sê feliz subindo,  
subindo, a Perfeição na alma sentindo  
florir e alvorecer libertamente!

### **CRUZADA NOVA**

Vamos saber das almas os segredos,

os círculos patéticos da Vida,  
dar-lhes a luz do Amor compadecida  
e defendê-las dos secretos medos.

Vamos fazer dos áridos rochedos  
manar a água lustral e apetecida,  
pelo ansioso coração bebida  
no silêncio e na sombra d'arvoredos.

Essas irmãs furtivas das estrelas,  
se não formos depressa defendê-las,  
morrerão sem encanto e sem carinho.

Paladinos da límpida Cruzada!  
conquistemos, sem lança e sem espada,  
as almas que encontrarmos no Caminho.

#### **O SONETO**

Nas formas voluptuosas o Soneto  
tem fascinante, cálida fragrância  
e as leves, languês curvas de elegância  
de extravagante e mórbido esqueleto.

A graça nobre e grave do quarteto  
recebe a original intolerância,  
toda a sutil, secreta extravagância  
que transborda terceto por terceto.

E como um singular polichinelo  
ondula, ondeia, curioso e belo,  
O Soneto, nas formas caprichosas.

As rimas dão-lhe a púrpura vetusta  
e na mais rara procissão augusta  
surge o sonho das almas dolorosas...

#### **FOGOS-FÁTUOS**

Há certas almas vãs, galvanizadas  
de emoção, de pureza, de bondade,  
que como toda a azul imensidade  
chegam a ser de súbito estreladas.

E ficam como que transfiguradas  
por momentos, na vaga suavidade

de quem se eleva com serenidade  
às risonhas, celestes madrugada.

Mas nada às vezes nelas corresponde  
ao Sonho e ninguém sabe mais por onde  
anda essa falsa e fugitiva chama...

É que no fundo, na secreta essência,  
essas almas de triste decadência  
são lama sempre e sempre serão lama.

#### **MUNDO INACESSÍVEL**

Tu'alma lembra um mundo inacessível  
onde só astros e águias vão pairando,  
onde se escuta, trágica, cantando,  
a sinfonia da Amplitude terrível!

Toda a alma que não seja alta e sensível,  
que asas não tenha para as ir vibrando,  
nessa Região secreta penetrando  
falece, morre, dum pavor incrível!

É preciso ter asas e ter garras  
para atingir aos ruídos de fanfarras  
do mundo da tu'alma augusta e forte.

É preciso subir ígneas montanhas  
e emudecer, entre visões estranhas,  
num sentimento mais sutil que a Morte!

#### **CONSOLO AMARGO**

Mortos e mortos, tudo vai passando,  
tudo pelos abismos se sumindo...  
enquanto sobre a Terra ficam rindo  
uns, e já outros, pálidos, chorando...

Todos vão trêmulos finalizando,  
para os gelados túmulos partindo,  
descendo ao tremedal eterno, infindo,  
mortos e mortos, num sinistro bando.

Tudo passa espectral e doloroso,  
pulverulentamente nebuloso  
como num sonho, num fatal letargo...

Mas a quem chora os mortos, entretanto,  
o Esquecimento vem e enxuga o pranto,  
e é esse apenas o consolo amargo!

### **VINHO NEGRO**

O vinho negro do imortal pecado  
envenenou nossas humanas veias  
como fascinações de atras sereias  
de um inferno sinistro e perfumado.

O sangue canta, o sol maravilhado  
do nosso corpo, em ondas fartas, cheias,  
como que quer rasgar essas cadeias  
em que a carne o retém acorrentado.

E o sangue chama o vinho negro e quente  
do pecado letal, impenitente,  
o vinho negro do pecado inquieto.

E tudo nesse vinho mais se apura,  
ganha outra graça, forma e formosura,  
grave beleza de esplendor secreto.

### **ETERNOS ATALAIAS**

Os sentimentos servem de atalaias  
para guiar as multidões errantes  
que caminham tremendo, vacilantes  
pelas desertas, infinitas praias...

Abrangendo da Terra as fundas raias,  
atingindo as esferas mais distantes,  
São como incensos, mirras odorantes,  
miraculosas, fúlgidas alfaias.

Tudo em que tocam logo transfiguram,  
encantam tudo, tudo em torno apuram,  
penetram, sem cessar, por toda a parte.

Alma por alma em toda a parte inflamam.  
e grandes, largos, imortais, derramam  
as melancólicas estrelas d'Arte!

### **PERANTE A MORTE**

Perante a Morte empalidece e treme,  
treme perante a Morte, empalidece.  
Coro-te de lágrimas, esquece  
o Mal cruel que nos abismos geme.

Ah! longe o Inferno que flameja e freme,  
longe a Paixão que só no horror floresce...  
a alma precisa de silêncio e prece,  
pois na prece e silêncio nada teme.

Silêncio e prece no fatal segredo,  
perante o pasmo do sombrio medo  
da Morte e os seus aspectos reverentes...

Silêncio para o desespero insano,  
o furor gigantesco e sobre-humano,  
a dor sinistra de ranger os dentes!

#### **O ASSINALADO**

Tu és o louco da imortal loucura,  
o louco da loucura mais suprema.  
A Terra é sempre a tua negra algema,  
prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,  
mas essa mesma Desventura extrema  
faz que tu'alma suplicando gema  
e rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado  
que povoas o mundo despovoado,  
de belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica  
toda a audácia dos nervos justifica  
os teus espasmos imortais de louco!

#### **ACIMA DE TUDO**

Da gota d'água de um carinho agreste  
geram-se os oceanos da Bondade.  
O coração que é livre e bom reveste  
tudo d'encanto e simples majestade.

Ascender para a Luz é ser celeste,  
novos astros sentir na imensidade

da alma e ficar nessa inconsútil veste  
da divina e serena claridade.

O que é consolador e o que é supremo  
Cada alma encontra no caminho extremo,  
quando atinge às estrelas da pureza.

É apenas trazer o Ser liberto  
de tudo e transformar cada deserto  
num sonho virginal da Natureza!

### **IMORTAL FALERNO**

Quando as Esferas da Ilusão transponho  
vejo sempre tu'alma — essa galera  
feitas das rosas brancas da Quimera,  
sempre a vagar no estranho mar do Sonho.

Nem aspecto nublado nem tristonho!  
Sempre uma doce e constelada Esfera,  
sempre uma voz clamando: — espera, espera,  
lá do fundo de um céu sempre risonho.

Sempre uma voz dos Ermos, das Distâncias!  
Sempre as longínquas, mágicas fragrâncias  
de um voz imortal, divina, pura...

E tua boca, sonhador eterno,  
sempre sequiosa desse azul falerno  
da Esperança do céu que te procura!

### **LUZ DA NATUREZA**

Luz que eu adoro, grande Luz que eu amo,  
movimento vital da Natureza,  
ensina-me os segredos da Beleza  
e de todas as vozes por quem chamo.

Mostra-me a Raça, o peregrino Ramo  
dos Fortes e dos Justos da Grandeza,  
ilumina e suaviza esta rudeza  
da vida humana, onde combato e clamo.

Desta minh'alma a solidão de prantos  
cerca com os teus leões de brava crença,  
defende com os teus gládios sacrossantos.

Dá-me enlevos, deslumbra-me, da imensa  
porta esferal, dos constelados mantos  
onde a Fé do meu Sonho se condensa!

#### **ASAS ABERTAS**

As asas da minh'alma estão abertas!  
Podes te agasalhar no meu Carinho,  
abrigar-te de frios no meu Ninho  
com as tuas asas trêmulas, incertas.

Tu'alma lembra vastidões desertas  
onde tudo é gelado e é só espinho.  
Mas na minh'alma encontrarás o Vinho  
e as graças todas do Conforto certas.

Vem! Há em mim o eterno Amor imenso  
que vai tudo florindo e fecundando  
e sobe aos céus como sagrado incenso.

Eis a minh'alma, as asas palpitando,  
como a saudade de agitado lenço  
o segredo dos longes procurando...

#### **VELHO**

Estás morto, estás velho, estás cansado!  
Como um sulco de lágrimas pungidas,  
ei-las, as rugas, as indefinidas  
noites do ser vencido e fatigado.

Envolve-te o crepúsculo gelado  
que vai soturno amortalhando as vidas  
ante o responso em músicas gemidas  
no fundo coração dilacerado.

A cabeça pendida de fadiga,  
sentes a morte taciturna e amiga  
que os teus nervosos círculos governa.

Estás velho, estás morto! Ó dor, delírio,  
alma despedaçada de martírio,  
ó desespero da Desgraça eterna!

#### **ETERNIDADE RETROSPECTIVA**

Eu me recordo de já ter vivido,  
mudo e só por olímpicas Esferas,  
onde era tudo velhas primaveras  
e tudo um vago aroma indefinido.

Fundas regiões do Pranto e do Gemido  
onde as almas mais graves, mais austeras  
erravam como trêmulas quimeras  
num sentimento estranho e comovido.

As estrelas, longínquas e veladas,  
recordavam violáceas madrugadas,  
um clarão muito leve de saudade.

Eu me recordo d'imaginativos  
luares líriais, contemplativos  
por onde eu já vivi na Eternidade!

#### ***ALMA MATER***

Alma da Dor, do Amor e da Bondade,  
alma purificada do Infinito,  
Perdão Santo de tudo o que é maldito,  
harpa consoladora da Saudade!

Das estrelas serena virgindade,  
caminho dos rosais do Azul bendito,  
alma sem um soluço e sem um grito,  
da alta Resignação, da alta Piedade!

Tu, que as profundas lágrimas estancas  
e sabes levantar Imagens brancas  
no silêncio e na sombra mais velada...

Derrama os lírios, os teus lírios castos,  
em Jordões imortais, vastos e vastos,  
no fundo da minh'alma lacerada!

#### **O CORAÇÃO**

O coração é a sagrada pira  
onde o mistério do sentir flameja.  
A vida da emoção ele a deseja  
como a harmonia as cordas de uma lira.

Um anjo meigo e cândido suspira

no coração e o purifica e beija...  
 e o que ele, o coração, aspira, almeja  
 é sonho que de lágrimas delira.

É sempre sonho e também é piedade,  
 doçura, compaixão e suavidade  
 e graça e bem, misericórdia pura.

Uma harmonia que dos anjos desce,  
 Que como estrela e flor e som floresce  
 maravilhando toda a criatura!

### **INVULNERÁVEL**

Quando dos carnavais da raça humana  
 forem caindo as máscaras grotescas  
 e as atitudes mais funambulescas  
 se desfizerem no feroz Nirvana;

Quando tudo ruir na febre insana,  
 nas vertigens bizarras, pitorescas  
 de um mundo de emoções carnavalescas  
 que ri da Fé profunda e soberana;

Vendo passar a lúgubre, funérea  
 galeria sinistra da Miséria,  
 com as máscaras do rosto descoladas,

Tu que és o deus, o deus invulnerável,  
 resiste a tudo e fica formidável,  
 no Silêncio das noites estreladas!

### **LÍRIO LUTUOSO**

Essência das essências delicadas,  
 meu perfumoso e tenebroso lírio,  
 oh! dá-me a glória de celeste Empíreo  
 da tu'alma nas sombras encantadas.

Subindo lento escadas por escadas,  
 nas espirais nervosas do Martírio,  
 das Ânrias, da Vertigem, do Delírio,  
 vou em busca de mágicas estradas.

Acompanha-me sempre o teu perfume,  
 lírio da Dor, que o Mal e o Bem resume,  
 estrela negra, tenebroso fruto.

Oh! dá-me a glória do teu ser nevoento  
para que eu possa haurir o sentimento  
das lágrimas acerbas do teu luto!

#### **A GRANDE SEDE**

Se tens sede de Paz e d'Esperança,  
se estás cego de Dor e de Pecado,  
valha-te o Amor, ó grande abandonado,  
sacia a sede com amor, descansa.

Ah! volta-te a esta zona fresca e mansa  
do Amor e ficarás desafogado,  
hás de ver tudo claro, iluminado  
da luz que uma alma que tem fé alcança.

O coração que é puro e que é contrito,  
se sabe ter doçura e ter dolência,  
revive nas estrelas do Infinito.

Revive, sim, fica imortal, na essência  
dos Anjos paira, não desprende um grito  
e fica, como os Anjos, na Existência.

#### ***DOMUS AUREA***

De bom amor e de bom fogo claro  
uma casa feliz se acaricia...  
basta-lhe luz e basta-lhe harmonia  
para ela não ficar ao desamparo.

O Sentimento, quando é nobre e raro,  
veste tudo de cândida poesia...  
um bem celestial dele irradia,  
um doce bem, que não é parco e avaro.

Um doce bem que se derrama em tudo,  
um segredo imortal, risonho e mudo,  
que nos leva debaixo da sua asa.

E os nossos olhos ficam rasos d'água  
quando, rebentos de uma oculta mágoa,  
são nossos filhos todo o céu da casa.

**UM SER**

Um ser na placidez da Luz habita,  
entre os mistérios inefáveis mora.  
Sente florir nas lágrimas que chora  
A alma serena, celestial, bendita.

Um ser pertence à música infinita  
das Esferas, pertence à luz sonora  
das estrelas do Azul e hora por hora  
na Natureza virginal palpita.

Um ser desdenha das fatais poeiras,  
dos miseráveis ouropéis mundanos  
e de todas as frívolas cegueiras...

Ele passa, atravessa entre os humanos,  
como a vida das vidas forasteiras  
fecundada nos próprios desenganos.

**O GRANDE SONHO**

Sonho profundo, ó Sonho doloroso,  
doloroso e profundo Sentimento!  
Vai, vai nas harpas trêmulas do vento  
chorar o teu mistério tenebroso.

Sobe dos astros ao clarão radioso,  
aos leves fluidos do luar nevoento,  
às urnas de cristal do firmamento,  
ó velho Sonho amargo e majestoso!

Sobe às estrelas rútilas e frias,  
brancas virginais eucaristias  
de onde uma luz de eterna paz escorre.

Nessa Amplidão das Amplidões austeras  
chora o Sonho profundo das Esferas  
que nas azuis Melancolias morre...

**CONDENAÇÃO FATAL**

Ó mundo, que és o exílio dos exílios,  
um monturo de fezes putrefato,  
onde o ser mais gentil, mais timorato  
dos seres vis circula nos concílios;

Onde de almas em pálidos idílios  
o lânguido perfume mais ingrato  
magoa tudo e é triste como o tato  
de um cego embalde levantando os cílios;

Mundo de peste, de sangrenta fúria  
e de flores leprosas da luxúria,  
de flores negras, infernais, medonhas;

Oh! como são sinistramente feios  
teus aspectos de fera, os teus meneios  
pantéricos, ó Mundo, que não sonhas!

#### **ALMA FERIDA**

Alma ferida pelas negras lanças  
da Desgraça, ferida do Destino,  
Alma, de que a amargura tece o hino  
sombrio das cruéis desesperanças;

Não desças, Alma feita das heranças  
da Dor, não desças do teu céu divino.  
Cintila como o espelho cristalino  
das sagradas, serenas esperanças.

Mesmo na Dor espera com clemência  
e sobe à sideral resplandecência,  
longe de um mundo que só tem peçonha.

Das ruínas de tudo ergue-te pura  
e eternamente, na suprema Altura,  
suspira, sofre, cisma, sente, sonha!

#### **ALMA SOLITÁRIA**

Ó Alma doce e triste e palpitante!  
que cítaras soluçam solitárias  
pelas Regiões longínquas, visionárias  
do teu Sonho secreto e fascinante!

Quantas zonas de luz purificante,  
quantos silêncios, quantas sombras várias  
de esferas imortais, imaginárias,  
falam contigo, ó Alma cativante!

que chama acende os teus faróis noturnos

e veste os teus mistérios taciturnos  
dos esplendores do arco de aliança?

Por que és assim, melancolicamente,  
como um arcanjo infante, adolescente,  
esquecido nos vales da Esperança?!

### **VISIONÁRIOS**

Armam batalhas pelo mundo adiante  
os que vagam no mundo visionários,  
abrindo as áureas portas de sacrários  
do Mistério soturno e palpitante.

O coração flameja a cada instante  
com brilho estranho, com fervores vários,  
sente a febre dos bons missionários  
da ardente catequese fecundante.

Os visionários vão buscar frescura  
de água celeste na cisterna pura  
da Esperança por horas nebulosas...

Buscam frescura, um outro novo encanto...  
E livres, belos através do pranto,  
falam baixo com as almas misteriosas!

### **DEMÔNIOS**

A língua vil, ignívoma, purpúrea  
dos pecados mortais bava e braveja,  
com os seres impoluídos mercadeja,  
mordendo-os fundo, injúria sobre injúria.

É um grito infernal de atroz luxúria,  
dor de danados, dor de Caos que almeja.  
A toda alma serena que viceja,  
só fúria, fúria, fúria, fúria, fúria!

São pecados mortais feitos hirsutos  
demônios maus que os venenosos frutos  
morderam com volúpia de quem ama...

Vermes da Inveja, a lesma verde e oleosa,  
anões da Dor torcida e cancerosa,  
abortos de almas a sangrar na lama!

### **ÓDIO SAGRADO**

Ó meu ódio, meu ódio majestoso,  
meu ódio santo e puro e benfazejo,  
unge-me a fronte com teu grande beijo,  
torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,  
orgulhoso com os seres sem Desejo,  
sem Bondade, sem Fé e sem lampejo  
de sol fecundador e carinhoso.

Ó meu ódio, meu lábaro bendito,  
de minh'alma agitado no infinito,  
através de outros lábaros sagrados.

Ódio são, ódio bom! sê meu escudo  
contra os vilões do Amor, que infamam tudo,  
das sete torres dos mortais Pecados!

### **EXORTAÇÃO**

Corpo crivado de sangrentas chagas,  
que atravessas o mundo soluçando,  
que as carnes vais ferindo e vais rasgando  
do fundo d'Ilusões velhas e vagas;

Grande isolado das terrestres plagas,  
que vives as Esferas contemplando,  
braços erguidos, olhar no ar, olhando  
a etérea chama das Conquistas magas;

Se é de silêncio e sombra passageira,  
de cinza, desengano e de poeira  
este mundo feroz que te condena;

Embora ansiosamente, amargamente  
revela tudo o que tu'alma sente,  
para ela então poder ficar serena!

### **BONDADE**

É a bondade que te faz formosa,  
que a alma te diviniza e transfigura;  
é a bondade, a rosa da ternura,  
que te perfuma com perfume à rosa.

Teu ser angelical de luz bondosa,  
verte em meu ser a mais sutil doçura,  
uma celeste, límpida frescura,  
um encanto, uma paz maravilhosa.

Eu afronto contigo os vampirismos,  
os corruptos e mórbidos abismos  
que em vão busquem tentar-me no Caminho.

Na suave, na doce claridade,  
no consolo de amor dessa bondade  
bebo a tu'alma como etéreo vinho.

#### **NA LUZ**

De soluço em soluço a alma gravita,  
de soluço em soluço a alma estremece,  
anseia, sonha, se recorda, esquece  
e no centro da Luz dorme contrita.

Dorme na paz sacramental, bendita,  
onde tudo mais puro resplandece,  
onde a Imortalidade refloresce  
em tudo, e tudo em cânticos palpita.

Sereia celestial entre as sereias,  
ela só quer despedaçar cadeias,  
de soluço em soluço, a alma nervosa.

Ela só quer despedaçar algemas  
e respirar nas Amplidões supremas,  
respirar, respirar na Luz radiosa.

#### **CAVADOR DO INFINITO**

Com a lâmpada do Sonho desce aflito  
e sobe aos mundos mais imponderáveis,  
vai abafando as queixas implacáveis,  
da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo escrito  
sente, em redor, nos astros inefáveis.  
Cava nas fundas eras insondáveis  
o cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava  
mais o Infinito se transforma em lava  
e o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho,  
e com seu vulto pálido e tristonho  
cava os abismos das eternas ânsias!

### **SANTOS ÓLEOS**

Cos santos óleos de que vens ungido  
podes andar no mundo sem receio.  
Quem veio para a Luz, por certo veio  
para ser valoroso e ser temido.

Que tudo é embalde, tudo em vão, perdido  
quando se traz esse divino anseio,  
esse doce transporte ou doce enleio  
que deixa tudo e tudo confundido.

A Alma que como a vela chega ao porto  
sente o melhor consolador conforto  
e a asa nas asas dos Arcanjos toca...

Os santos óleos são a luz guiadora  
que vigia por ti na pecadora  
terra e o teu mundo celestial evoca!

### **SORRISO INTERIOR**

O ser que é ser e que jamais vacila  
nas guerras imortais entra sem susto,  
leva consigo este brasão augusto  
do grande amor, da nobre fé tranqüila.

Os abismos carnis da triste argila  
ele os vence sem ânsias e sem custo...  
Fica sereno, num sorriso justo,  
enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza  
dão-lhe essa glória em frente à Natureza,  
esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...  
e para ironizar as próprias dores  
canta por entre as águas do Dilúvio!

**MEALHEIRO DE ALMAS**

Lá das colheitas do celeste trigo  
 Deus ainda escolhe a mais louçã colheita:  
 é a alma mais serena e mais perfeita  
 que ele destina conservar consigo.

Fica lá, livre, isenta de perigo,  
 tranqüila, pura, límpida, direita  
 a alma sagrada que resume a seita  
 dos que fazem do Amor eterno Abrigo.

Ele quer essas almas, os pães alvos  
 das aras celestiais, claros e salvos  
 da Terra, em busca das Esferas calmas.

Ele quer delas todo o amor primeiro  
 Para formar o cândido mealheiro  
 Que há de estrelar todo o Infinito de almas.

**ESPASMOS...**

Alma das gerações, alma lendária  
 que tens tanto de Hamlet, tanto de Ofélia,  
 a candidez da rórida camélia  
 e as lágrimas da Sede hereditária;

Alma dormente, tumultuosa, vária,  
 acorde de harpa misteriosa e célia,  
 virgindade selvagem de bromélia,  
 alma do Eleito, do Plebeu, do Pária;

És a chama do Amor, negro-vermelha,  
 de onde rompeu a fúlgida centelha  
 que a Flor de fogo fez gerar no Dante.

Com teus espasmos e delicadezas,  
 nervosas e secretas sutilezas,  
 enches todo este Abismo soluçante!

**EVOCAÇÃO**

Oh lua voluptuosa e tentadora,  
 ao mesmo tempo trágica e funesta,

Lua em fundo revolto de floresta  
e de sonho de vaga embaladora;

Langue visão mortal e sedutora,  
dos Vergéis siderais pálida giesta,  
divindade sutil da morna sesta,  
da lasciva paixão fascinadora;

Flor fria, flor algente, flor gelada  
do desconsolo e dos esquecimentos  
e do anseio, da febre atormentada;

Tu que soluças pelos céus nevoentos  
longo soluço mágico de fada,  
dá-me os teus doces acalentamentos!

#### **NO SEIO DA TERRA**

Do pélogo dos pélagos sombrios,  
Cá do seio da Terra olhando as vidas,  
escuto o murmurar de almas perdidas,  
como o secreto murmurar dos rios.

Trazem-me os ventos negros calafrios  
e os soluços das almas doloridas  
que têm sede das Terras prometidas  
e morrem como abutres erradios.

As ânsias sobem, as tremendas ânsias!  
velhices, mocidades e as infâncias  
humanas entre a Dor se despedaçam...

Mas sobre tantos convulsivos gritos,  
passam horas, espaços, infinitos,  
esferas, gerações, sonhando, passam!

#### **ANIMA MEA**

Ó minh'alma, ó minh'alma, ó meu Abrigo,  
meu sol e minha sombra peregrina,  
luz imortal que os mudos ilumina  
do velho Sonho, meu fiel Amigo;

Estrada ideal de São Tiago, antigo  
templo da minha Fé, casta e divina,  
de onde é que vem toda esta mágoa fina  
que é, no entanto, consolo e que eu bendigo?

De onde é que vem tanta esperança vaga,  
de onde vem tanto anseio que me alaga,  
tanta diluída e sempiterna mágoa?

Ah! de onde vem toda essa estranha essência  
de tanta misteriosa Transcendência,  
que estes olhos me deixam rasos de água?!

### **SEMPRE O SONHO**

Para encantar os círculos da Vida  
é ser tranqüilo, sonhador, confiante,  
sempre trazer o coração radiante  
como um rio e rosais junto de ermida.

Beber na vinha celestial, garrida  
das estrelas o vinho flamejante  
e caminhar vitorioso e ovante  
como um deus, com a cabeça enflorescida.

Sorrir, amar para alargar os mundos  
do Sentimento e para ter profundos  
momentos e momentos soberanos.

Para sentir em torno à terra ondeando  
um sonho, sempre um sonho além rolando  
vagas e vagas de imortais oceanos.

### **ASPIRAÇÃO SUPREMA**

Como os cegos e os nus pede um abrigo  
a alma que vive a tiritar de frio.  
Lembra um arbusto frágil e sombrio  
que necessita do bom sol amigo.

Tem ais de dor de trêmulo mendigo  
oscilante, sonâmbulo, erradio.  
É como um tênue, cristalino fio  
d'estrelas, como etéreo e louro trigo.

E a alma aspira o celestial orvalho,  
aspira o céu, o límpido agasalho,  
sonha, deseja e anseia a luz do Oriente...

Tudo ela inflama de um estranho beijo.  
E este Anseio, este Sonho, este Desejo

enche as Esferas soluçadamente.

### **INEFÁVEL!**

Nada há que me domine e que me vença  
quando a minh'alma mudamente acorda...  
Ela rebenta em flor, ela transborda  
nos alvoroços da emoção imensa.

Sou como um Réu de celestial Sentença,  
condenado do Amor, que se recorda  
do Amor e sempre no Silêncio borda  
d'estrelas todo o céu em que erra e pensa.

Claros, meus olhos tornam-se mais claros  
e tudo vejo dos encantos raros  
e de outras mais serenas madrugadas!

Todas as vozes que procuro e chamo  
ouço-as dentro de mim, porque eu as amo  
na minh'alma volteando arrebatadas!

### **SER DOS SERES**

No teu ser de silêncio e d'esperança  
a doce luz das Amplidões flameja.  
Ele sente, ele aspira, ele deseja  
A grande zona da imortal Bonança.

Pelos largos espaços se balança  
como a estrela infinita que dardeja,  
sempre isento da Treva que troveja  
o clamor inflamado da Vingança.

Por entre enlevos e deslumbramentos  
entre na Força astral dos sentimentos  
e do Poder nos mágicos poderes.

E traz, mau grado os íntimos cansaços,  
ânsias secretas para abrir os braços  
na generosa comunhão dos Seres!

### **SEXTA-FEIRA SANTA**

Lua absíntica, verde, feiticeira,  
pasmada como um vício monstruoso...

Um cão estranho fuça na esterqueira,  
uivando para o espaço fabuloso.

É esta a negra e santa Sexta-Feira!  
Cristo está morto, como um vil leproso,  
chagado e frio, na feroz cegueira  
da Morte, o sangue roxo e tenebroso.

A serpente do mal e do pecado  
um sinistro veneno esverdeado  
verte do Morto na mudez serena.

Mas da sagrada Redenção do Cristo,  
em vez do grande Amor, puro, imprevisto,  
brotam fosforescências de gangrena!

#### **SENTIMENTO ESQUISITO**

Ó céu estéril dos desesperados,  
forma impassível de cristal sidéreo,  
dos cemitérios velho cemitério  
onde dormem os astros delicados.

Pátria d'estrelas dos abandonados,  
casulo azul do anseio vago, aéreo,  
formidável muralha de mistério  
que deixa os corações desconsolados.

Céu imóvel milênios e milênios,  
tu que iluminas a visão dos Gênios  
E ergues das almas o sagrado acorde.

Céu estéril, absurdo, céu imoto,  
faz dormir no teu seio o Sonho ignoto,  
esta serpente que alucina e morde...

#### **CLAMOR SUPREMO**

Vem comigo por estas cordilheiras!  
põe teu manto e bordão e vem comigo,  
atravessa as montanhas sobranceiras  
e nada temas do mortal Perigo!

Sigamos para as guerras condoreiras!  
Vem, resoluto, que eu irei contigo.  
Dentre as águias e as chamas feiticeiras,

só tendo a Natureza por abrigo.

Rasga florestas, bebe o sangue todo  
da Terra e transfigura em astros lodo,  
o próprio lodo torna mais fecundo.

Basta trazer um coração perfeito,  
alma de eleito, Sentimento eleito  
para abalar de lado a lado o mundo!

#### **ANSIEDADE**

Esta ansiedade que nos enche o peito,  
enche o céu, enche o mar, fecunda a terra,  
ela os germens puríssimos encerra  
do Sentimento límpido, perfeito.

Em jorros cristalinos o direito,  
a paz vencendo as convulsões da guerra,  
a liberdade que abre as asas e erra  
pelos caminhos do Infinito eleito.

Tudo na mesma ansiedade gira,  
rola no Espaço, dentre a luz suspira  
e chora, chora, amargamente chora...

Tudo nos turbilhões da Imensidade  
se confunde na trágica ansiedade  
que almas, estrelas, amplidões devora.

#### **GRANDE AMOR**

Grande amor, grande amor, grande mistério  
que as nossas almas trêmulas enlaça...  
Céu que nos beija, céu que nos abraça  
num abismo de luz profundo e sério.

Eterno espasmo de um desejo etéreo  
e bálsamo dos bálsamos da graça,  
chama secreta que nas almas passa  
e deixa nelas um clarão sidéreo.

Cântico de anjos e de arcanjos vagos  
junto às águas sonâmbulas de lagos,  
sob as claras estrelas desprendido...

Selo perpétuo, puro e peregrino  
que prende as almas num igual destino,

num beijo fecundado num gemido.

### SILÊNCIOS

Largos Silêncios interpretativos,  
adoçados por funda nostalgia,  
balada de consolo e simpatia  
que os sentimentos meus torna cativos.

Harmonia de doces lenitivos,  
sombra, segredo, lágrima, harmonia  
da alma serena, da alma fugidia  
nos seus vagos espasmos sugestivos.

ó Silêncios! ó cândidos desmaios,  
vácuos fecundos de celestes raios  
de sonhos, no mais límpido cortejo...

Eu vos sinto os mistérios insondáveis,  
como de estranhos anjos inefáveis  
o glorioso esplendor de um grande beijo!

### A MORTE

Oh! que doce tristeza e que ternura  
no olhar ansioso, aflito dos que morrem...  
De que âncoras profundas se socorrem  
os que penetram nessa noite escura!

Da vida aos frios véus da sepultura  
vagos momentos trêmulos decorrem...  
E dos olhos as lágrimas escorrem  
como faróis da humana Desventura.

Descem então aos golfos congelados  
os que na terra vagam suspirando,  
com os velhos corações tantalizados.

Tudo negro e sinistro vai rolando  
báratro abaixo, aos ecos soluçados  
do vendaval da Morte ondeando, uivando...

### SÓ!

Muito embora as estrelas do Infinito  
lá de cima me acenem carinhosas

e desça das esferas luminosas  
a doce graça de um clarão bendito;

Embora o mar, como um revel proscrito,  
chame por mim nas vagas ondulosas  
e o vento venha em cóleras medrosas  
o meu destino proclamar num grito,

neste mundo tão trágico, tamanho,  
como eu me sinto fundamentalmente estranho  
e o amor e tudo para mim avaro...

Ah! como eu sinto compungidamente,  
por entre tanto horror indiferente,  
um frio sepulcral de desamparo!

#### **FRUTO ENVELHECIDO**

Do coração no envelhecido fruto  
é só desolação e é só tortura.  
O frio soluçante da amargura  
envolve o coração num fundo luto.

O fantasma da Dor pérfido e astuto  
caminha junto a toda a criatura.  
A alma por mais feliz e por mais pura  
tem de sofrer o esmagamento bruto.

É preciso humildade, é necessário  
fazer do coração branco sacrário  
e a hóstia elevar do Sentimento eterno.

Em tudo derramar o amor profundo,  
derramar o perdão no caos do mundo,  
sorrir ao céu e bendizer o Inferno!

#### **ÊXTASE BÚDICO**

Abre-me os braços, Solidão profunda,  
reverência do céu, solenidade  
dos astros, tenebrosa majestade,  
ó planetária comunhão fecunda!

Óleo da noite, sacrossanto, inunda  
todo o meu ser, dá-me essa castidade,  
as azuis florescências da saudade,

Graças das Graças imortais oriunda!

As estrelas cativas no teu seio  
dão-me um tocante e fugitivo enleio,  
embalam-me na luz consoladora!

Abre-me os braços, Solidão radiante,  
funda, fenomenal e soluçante,  
larga e búdica Noite Redentora!

### **TRIUNFO SUPREMO**

Quem anda pelas lágrimas perdido,  
Sonâmbulo dos trágicos flagelos,  
é quem deixou para sempre esquecido  
o mundo e os fúteis ouropéis mais belos!

É quem ficou no mundo redimido,  
expurgado dos vícios mais singelos  
e disse a tudo o adeus indefinido  
e desprende-se dos carnis anelos!

É quem entrou por todas as batalhas  
as mãos e os pés e o flanco ensangüentando,  
amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando  
e entre raios, pedradas e metralhas,  
ficou gemendo mas ficou sonhando!

### **ASSIM SEJA!**

Fecha os olhos e morre calmamente!  
Morre sereno do Dever cumprido!  
Nem o mais leve, nem um só gemido  
traia, sequer, o teu Sentir latente.

Morre com alma leal, clarividente,  
da Crença errando no Vergel florido  
e o Pensamento pelos céus brandido  
como um gládio soberbo e refulgente.

Vai abrindo sacrário por sacrário  
do teu Sonho no templo imaginário,  
na hora glacial da negra Morte imensa...

Morre com o teu Dever! Na alta confiança  
de quem triunfou e sabe quem descansa  
desdenhando de toda a Recompensa!

## **RENASCIMENTO**

A Alma não fica inteiramente morta!  
Vagas Ressurreições do Sentimento  
abrem já, devagar, porta por porta,  
os palácios reais do Encantamento!

Morrer! Findar! Desfalecer! que importa  
para o secreto e fundo movimento  
que a alma transporta, sublimiza e exorta,  
ao grande Bem do grande Pensamento!

Chamas novas e belas vão raiando,  
vão se acedendo os límpidos altares  
e as almas vão sorrindo e vão orando...

E pela curva dos longínquos ares  
ei-las que vêm, como o imprevisto bando  
dos albatrozes dos estranhos mares...

## **PACTO DE ALMAS**

**A Nestor Vítor**

**Por Devotamento e Admiração.**

**12/10/1897**

### **I**

#### **PARA SEMPRE!**

Ah! para sempre! para sempre! Agora  
não nos separaremos nem um dia...  
Nunca mais, nunca mais, nesta harmonia  
das nossas almas de divina aurora.

A voz do céu pode vibrar sonora  
ou do Inferno a sinistra sinfonia,  
que num fundo de astral melancolia  
minh'alma com a tu'alma goza e chora.

Para sempre está feito o augusto pacto!  
Cegos serenos do celeste tato,  
do Sonho envoltos na estrelada rede.

E perdidas, perdidas no Infinito  
as nossas almas, no Clarão bendito  
hão de enfim saciar toda esta sede...

## II

### LONGE DE TUDO

E livres, livres desta vã matéria,  
longe, nos claros astros peregrinos  
que havemos de encontrar os dons divinos  
e a grande paz, a grande paz sidérea.

Cá nesta humana e trágica miséria,  
nestes surdos abismos assassinos  
teremos de colher de atos destinos  
a flor apodrecida e deletéria.

O baixo mundo que troveja e brama  
só nos mostra a caveira e só a lama,  
ah! só a lama e movimentos lassos...

Mas as almas irmãs, almas perfeitas,  
hão de trocar, nas Regiões eleitas,  
largos, profundos, imortais abraços!

## III

### ALMA DAS ALMAS

Alma das almas, minha irmã gloriosa,  
divina irradiação do Sentimento,  
quando estarás no azul Deslumbramento,  
perto de mim, na grande Paz radiosa?!

Tu que és a lua da Mansão de rosa  
da Graça e do supremo Encantamento,  
o círio astral do augusto Pensamento  
velando eternamente a Fé chorosa;

Alma das almas, meu consolo amigo,  
seio celeste, sacrossanto abrigo,  
serena e constelada imensidade;

entre os teus beijos de etereal carícia,  
sorrindo e soluçando de delícia,  
quando te abraçarei na Eternidade?!

**FIM**

**MINSTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**A POESIA INTERMINÁVEL DE CRUZ E SOUSA**  
*João da Cruz e Sousa*

**JULIETA DOS SANTOS**

**A IDÉIA AO INFINITO**  
*À distinta e laureada atrizinha Julieta dos Santos*

*"...A fama de teu nome, a inveja  
não consome, o tempo não destrói!...  
Dr. Symphronio*

Era uma coluna de artistas!...  
Ao lado Tasso  
Medindo as múltiplas conquistas  
Co'as amplidões do espaço!...  
Seguia-se João Caetano  
Embuçado da glória no divinal arcano!...  
Depois Joaquim Augusto  
Altivo, sobranceiro, erguido o nobre busto.  
Depois Rachel, Favart,  
Fargueil, a espadanar  
Nas crispações homéricas da arte,  
Constelações azuis por toda a parte!  
E em suave ondulação os astros  
Iam de rastros  
Roubar mais luz às rúbidas auroras!...  
Quais precursoras  
Do mais ingente e mago dos assombros,  
Do orbe imenso nos calcáreos ombros,  
Rola um dilúvio, um grande mar de estrelas  
Que lançam chispas cambiantes, belas!...  
Há um estranho amalgamar de cousas  
Como os segredos funerais das lousas  
Ou o rebentar de artérias  
— Ou o esgarçar de brumas,  
Negras, cinéreas

— Ou o reverter de espumas,  
Nas longas praias  
Alvinitentes, mádidas, sem raias.  
Do brônzeo espaço,  
Das fibras d'aço  
Como que desloca-se um pedaço  
Que vai ruir com trépido sarcasmo  
Nas obumbradas regiões do pasmo...  
— O Invisível  
Geme uma música, lânguida, saudosa,  
Que vai sumir-se na entranha silenciosa  
Do impassível!  
— O Imutável  
— O Insondável  
La vão cair no seio do inciado.  
E o bosque irado  
A soletrar uns cânticos titânicos  
Lança nos crânios  
Aluvião de auras epopéias  
Tétricas idéias!...  
E o pensamento embrenha-se nos mares  
E vê colares  
De néveas pérolas, límpidas, nitentes  
E vê luzentes  
Conchas e búzios e corais, — ondinas  
Que peregrinas  
Aspásias são de lúcida beleza,  
De moles formas, desnudadas, brancas  
Sendo a primesa  
Dessas paragens hiemais e francas!...  
— Ou quais Frinés  
A quem aos pés  
O mundo em ânsias, reverente adora  
E chore e chora!...  
.....  
Mas a idéia o pensamento insano  
As asas bate em busca de outro arcano,  
E o manto rasga do horizonte eterno  
Vai ao superno  
Ao Criador, ao Menestrel dos mundos!  
E n'uns arroubos, rábidos, profundos  
Em luta infinda  
— Oh! quer ainda  
Quer escalar o templo do impossível,  
Bem como um raio abrasador, terrível!...  
Quer se fartar de maravilhas loucas,  
Quer ver as bocas  
Dos colossais Anteus da eternidade!...

Quer se fartar de luz e divindade  
E de saber,  
Depois jazer  
Nas invisíveis dobras do insondável,  
Bem como um verme, mísero, imprestável!...  
— Ou quer ousado  
Descortinar os crimes do passado  
E apalpar as gerações dos Gracos  
Dos Espartanos  
E dos Troianos  
E dos Romanos,  
Dos Sarracenos  
E dos Helenos,  
E esbarrar nesse montão de ossos  
Por esses fossos  
Tredos, medonhos, sepulcrais e frios  
Onde sombrios  
Andam espíritos de pavor, errantes  
E vacilantes  
Como a luzinha das argêntas lampas,  
Lentos e lentos através das campas!...  
.....  
Mas a idéia, o pensamento audaz  
Quer ainda mais!...  
Quer do ribombo do trovão pujante  
Já n'um esforço adamastório, tredo  
Embora a medo,  
— O atroz segredo  
Com que ele faz a terra palpitante!...  
E quer dos ventos  
Dos elementos  
Quer do mistério a solução! — Nas trevas  
Hórridas, sevas,  
A gargalhada  
Ríspida, negra irônica, pesada,  
Estruge enfim, da morte legendária,  
E a idéia vária  
Ainda n'isso ousando penetrar,  
Tenta sondar!...  
E em vão, em vão  
A mergulhar-se em tanta confusão  
Não mais compreende  
— O que saber pretende!...  
Assim, oh! gênio,  
Na ofuscadora auréola do proscênio  
Não sei se és astro, se és Esfinge ou mito,  
Se do infinito  
Possuis o encanto, os esplendores grandes,

Ou se dos Andes  
Águia tu és, ou és condor divino,  
— Ou és cometa de cuja cauda enorme  
É multiforme  
Só lágrimas de prata  
Ou mesmo se desata  
Um vagalhão de palmas, diamantino!!...  
Minh'alma oscila e até na frente sinto  
Medonho labirinto,  
Estúpida babel,  
E vou cair, revel  
No pélago sem fim dos nadas materiais!...  
E como os racionais  
Eu fico a ruminar ainda umas idéias  
De erguer-te, o novo Talma  
Um trono singular, mas feito de — Odisséias  
De brancas alvoradas,  
Olímpicas, nevadas,  
Dos êxtases magnéticos, nervosos de minh'alma!

#### SONETO

— Os Trópicos pulando as palmas batem...  
Em pé nas ondas — O Equador dá vivas!...

Ao estrídulo solene dos bravos! das platéias,  
Prosegues altaneira, oh! ídolo da arte!...  
— O sol pára o curso p'ra bem de admirar-te  
— O sol, o grande sol, o misto das idéias!...

A velha natureza escreve-te odisséias...  
A estrela, a nívea concha, o arbusto... em toda a parte  
Retumba a doce orquestra que ousa proclamar-te  
Assombro do ideal, em duplas melopéias!

Perpassam vagos sons na harpa do mistério  
Lá, quando no proscênio te ergues imperando  
— Oh! Íbis magistral do mundo azul — sidéreo!

Então da imensidade, audaz vem reboando  
De palmas o tufão, veloz, febril, aéreo  
Que cai dentro das almas e as vai arrebatando!...

**SONETO**

*À Julieta dos Santos*

Dizem que a arte é a clâmide de idéia  
A peregrina irradiação celeste,  
E d'isso a prova singular já deste  
Sorvendo d'ela a divinal sabéia!

Da “Georgeta” na feliz estréia,  
Asseverar-nos ainda mais vieste  
Que és um gênio, que te vais de preste  
Tornando o assombro de qualquer platéia!...

Sinto uns transportes fervorosos, ledos  
Quando nas cenas de sutis enredos  
Fulgem-te os olhos co'a expressão dos astros!...

E as turbas mudas, impassíveis, calmas  
Sentem mil mundos lhes crescer nas almas...  
Vão-te seguindo os luminosos rastros!...

**SONETO**

*À Julieta dos Santos*

Um dia Guttemberg c'o a alma aos céus suspensa,  
Pegou do escopro ingente e pôs-se a trabalhar!  
E fez do velho mundo um rútilo alcançar  
Ao mágico clangor de sua idéia imensa!

Rolou por todo o globo a luz da sacra imprensa!  
Ruiu o despotismo no pó, a esbravejar...  
Uniram-se n'um lago, o céu, a terra, o mar...  
Rasgou-se o manto atroz da horrível treva densa!...

Ergueram-se mil povos ao som das melopéias,  
Das grandes cavatinas olímpicas da arte!  
Raiou o novo sol das fúlgidas idéias!...

Porém, quem lança luz maior por toda a parte  
És tu, sublime atriz, ó misto de epopéias  
Que sabes no tablado subir, endeusar-te!...

SONETO

*À Julieta dos Santos*

É delicada, suave, vaporosa,  
A grande atriz, a singular feitura...  
É linda e alva como a neve pura,  
Débil, franzina, divinal, nervosa!...

E d'entre os lábios cetinais, de rosa  
Libram-se pérolas de nitente alvura...  
E doce aroma de sutil frescura  
Sai-lhe da leve compleição mimosa!...

Quando aparece no febril proscênio  
Bem como os mitos do passado, ingentes,  
Bem como um astro majestoso, helênio...

Sente-se n'alma as atrações potentes  
Que só se operam ao fulgor do gênio,  
Às rubras chispas ideais, ferventes!...

SONETO

*À Julieta dos Santos*

Imaginais um misto de alvoradas  
Assim com uns vagos longes de fálana,  
Ou mesmo uns *quês* suaves de açucena  
C'os magos prantos bons das madrugadas!...

Imaginais mil cousas encantadas...  
O tímido dulçor da tarde amena,  
As esquisitas graças de uma Helena,  
As vaporosas noites estreladas...

Que encontrareis então em JULIETA  
O tipo são, fiel da Georgeta  
Nos dois brilhantes, primorosos atos!...

E sentireis um fluido magnético  
Trêmulo, nervoso, mórbido, patético,  
Bem como a voz dos langues *psicattos*!...

**SONETO**

*À Julieta dos Santos*

Parece que nasceste, oh! pálida divina,  
Para seres o farol, a luz das puras almas!...  
Parece que ao estridor, ao frêmito das palmas  
Exalças-te feliz à plaga cristalina!...

Parece que se partem, angélica *Bambina*,  
Às campas glaciais dos Tassos e dos Talmas,  
Lá quando no tablado as turbas sempre calmas  
Transmutas em vulcão, em raio que fulmina!...

E quando majestosa, em lance sublimado  
Dardejas do olhar, olímpico, sagrado  
Mil chispas ideais, titânicas, ardentes!...

Então sente-se n'alma o trêmulo nervoso  
Que deve ter o mar, fantástico, espumoso  
Nos grossos vagalhões, indômitos, frementes!!...

**SONETO**

*À Julieta dos Santos*

Quando apareces, fica-se impassível  
E mudo e quedo, trêmulo, gelado!...  
Quer-se ficar com atenção, calado,  
Quer-se falar sem mesmo ser possível!

Anda-se c'o a alma n'um estado horrível  
O coração completamente ervado!...  
Quer-se dar palmas, mas sem ser notado,  
Quer-se gritar, n'uma explosão temível!...

Sobe-se e desce-se ao país das fadas,  
Vaga-se co'as nuvens das mansões doiradas  
Sob um esforço colossal, titânio!...

E as idéias galopando voam...  
Então lá dentro sem parar, ressoam  
As indomáveis convulsões do crânio!!...

**SONETO**

*À Julieta dos Santos*

Lágrimas da aurora, poemas cristalinos  
Que rebentais das cobras do mistério!  
Aves azuis do manto auri-sidéreo...  
Raios de luz, fantásticos, divinos!...

Astros diáfanos, brandos, opalinos,  
Brancas cecéns do Paraíso etéreo,  
Canto da tarde, límpido, aéreo,  
Harpa ideal, dos encantados hinos!...

Brisas suaves, virações amenas,  
Lírios do vale, roseirais do lago,  
Bandos errantes de sutis falenas!...

Vinde do arcano n'um potente afago  
Louvar o Gênio das mansões serenas,  
Esse Prodígio singular e mago!!...

**JULIETA DOS SANTOS**

*Tu passas rutilante em toda a parte  
Oh! sol de nossa pátria, oh! sol da arte!...  
Virgílio Várzea*

Quando eu te vi pela primeira vez no palco  
Avassalando as almas,  
N'um refferver de palmas,  
Cheia de vida e cândido lirismo!  
Senti na mente uns divinais tremores...  
E louco e louco,  
A pouco e pouco  
Vi rebentar o inferno cataclismo!...

Mil pensamentos galoparam, céleres  
Por minha frente  
E do horizonte  
Quis arrancar os astros diamantinos,  
Para arrojá-los a teus pés mimosos  
E arrebatado,  
Fanatizado  
Por entre um mar de cintilantes hinos!...

Esse teu busto, a genial cabeça  
Tão bem talhada  
E burilada  
Com o escopro límpido da arte,  
Tem umas puras fulgurações suaves  
E a tu'alma  
Ardente ou calma  
Os corações arrasta por toda a parte!...

A encarnação tu és das maravilhas,  
A doce aurora,  
Branda e sonora  
Das teatrais e lúcidas idéias!...  
Tens no olhar o filtro que arrebatava  
E és profética  
E magnética,  
Possuis na voz o som das melopéias!...

És a escolhida para as grandes lutas  
Esplendorosas  
E majestosas!...  
E sobre os débeis, delicados ombros,  
Bem como Homero a sua lira d'ouro,  
Resplandecente,  
Trazes pendente  
O Infinito enorme dos assombros!...

Quando apareces tudo ri e chora,  
Se endeusa, agita,  
Como que palpita  
N'uma explosão de férvidos louvores!  
E o potentado mais febril da terra  
Gagueja um bravo,  
E faz-se escravo  
O mais severo e nobre dos senhores!...

A Dejaset, uma Favart, Rachel,  
O João Caetano  
Como um arcano  
Imperscrutável, hórrido, terrível!...  
Quebram as louças sepulcrais e frias  
E te louvando  
Vão recuando...  
Dizem que é sonho, é mito, é impossível!

Oh! tu nasceste para suplantar, JULIETA  
Os grandes mundos,

Os mais profundos  
D'ess'arte bela, magistral, divina!...  
E esse olhar tão expressivo e terno  
Já eletriza  
E cauteriza...  
É como um raio que a corações fulmina!...

Que sol é este, vão bradando os pólos,  
Tão sobranceiro,  
Que o brasileiro  
O vasto império confundindo está?!...  
Venham teólogos, venham sábios... todos  
Venham troianos,  
Venham germanos,  
Venham os vultos da Caldéia, lá!...

Oh! resolvi o mais atroz problema,  
Fundo mistério,  
Alto, sidéreo  
Do gênio altivo na criança, ali!...  
Vamos, natura, rasga o véu dos medos,  
Dizei ó mares,  
Falai luares,  
Sombras dos bosques, respondi-me aqui!...

Astros da noite, tempestades, ventos  
Erguei as vozes,  
Falai velozes  
N'um som estranho, n'um clangor audaz!...  
E respondi-me e explicai ao orbe  
Se essa menina,  
Que nos fascina  
É um fenômeno ou outro tanto mais!...

Tudo emudece na natura imensa  
E desde os Andes,  
Dos cedros grandes  
Ao verme, à pedra, às amplidões do mar!...  
Tudo se oculta na invisível raia  
No espaço a bruma,  
No mar a espuma  
Vão-se esgarçando também, a se ocultar!...

Tudo emudece na natura imensa  
Quando na cena  
Surges serena  
Como a visão das noites infantis!  
Dos olhos vivos dos que são-te adeptos

Bem como prata  
Eis se desata  
A aluvião de lágrimas febris!...

É que tu tens esse poder superno  
Real, sublime  
Que até ao crime  
Faz arrastar o mísero mortal!  
É que tu és a embrionária horrível,  
Mística, ingente  
Que de repente  
Fazes de um ser estúpido animal!...

Tudo emudece na natura imensa  
Desde nos campos  
Os pirilampos  
Até as grimpas colossais do céu!...  
Tudo emudece e até eu JULIETA,  
Já delirante  
Vou vacilante  
Cair-te aos pés como um servil, um réu!...

## **(MUSAS DE TODOS OS TEMPOS)**

### **SONETO**

**(O desembarque de Julieta dos Santos)**

Chegou enfim, e o desembarque dela  
Causou-me logo uma impressão divina!  
É meiga, pura como sã bonina,  
Nos olhos vivos doce luz revela!

É graciosa, sacudida e bela,  
Não tem os gestos de qualquer menina:  
Parece um gênio que seduz, fascina,  
Tão atraente, singular é ela!

Chegou, enfim! eu murmurei contente!  
Fez-se em minh'alma purpurina aurora,  
O entusiasmo me brotou fervente!

Vimos-lhe apenas a construção sonora,

Vimos a larva, nada mais, somente  
Falta-nos ver a borboleta agora!

#### NA MAZURKA

Morava num palácio — estranha Babilônia  
De arcadas colossais, de impávidos zimbórios,  
Alcovas de damasco e torreões marmóreos,  
Volutas primorais de arquitetura jônia.

Assim, quando surgia em meio aos peristilos  
Descendo, qual mulher de Séfora, vaidosa,  
Envolta em ouropéis, em sedas, luxuosa,  
Cercavam-na do belo os místicos sigilos!

E quando nos saraus, assim como um rainúnculo,  
O lábio lhe tremia e o olhar, vivo carbúnculo,  
Vibrava nos salões, como uma adaga turca,

Ou como o sol em cheio e rubro sobre o Bósforo,  
— Nos crânios os Homens sentiam ter mais fósforo...  
Ao vê-la escultural no passo da Mazurka...

#### APÓS O NOIVADO

Em flácido divã ela resvala  
Na alcova — bem feliz, alegremente,  
E o fresco penteador alvinitente,  
De nardo e benjoim o aroma exala.

E o noivo todo amor, assim lhe fala,  
Por entre vibrações do olhar ardente:  
Pertences-me afinal, pomba dormente,  
Parece que a razão de gozo, estala.

Mas eis — corre-se então nívea cortina;  
E a plácida, a ideal, a branca lua  
Derrama nos vergéis a luz divina...

Depois... Oh! Musa audaz, ousada, e nua,  
Não rompas esse véu de gaze fina  
Que encerra um madrigal — Vamos... recua!...

### DORMINDO...

Pálida, bela, escultural, clorótica  
Sobre o divã suavíssimo deitada,  
Ela lembrava — a pálpebra cerrada —  
Uma ilusão esplêndida de ótica.

A peregrina carnação das formas,  
— O sensual e límpido contorno,  
Tinham esse *quê* de avérnico e de morno,  
Davam a Zola as mais corretas normas!...

Ela dormia como a Vênus casta  
E a negra coma aveludada e basta  
Lhe resvalava sobre o doce flanco...

Enquanto o luar — pela janela aberta —  
— Como uma vaga exclamação — incerta  
Entrava a flux — cascadeado — branco!!...

### CRENÇA

Filha do céu, a pura crença é isto  
Que eu vejo em ti, na vastidão das cousas,  
Nessa mudez castíssima das lousas,  
No belo rosto sonhador do Cristo.

A crença é tudo quanto tenho visto  
Nos olhos teus, quando a cabeça pousas  
Sobre o meu colo e que dizer não ousas  
Todo esse amor que eu venço e que conquisto.

A crença é ter os peregrinos olhos  
Abertos sempre aos ríspidos escolhos;  
Tê-los à frente de qualquer farol

E conservá-los, simplesmente acesos  
Como dois fachos — engastados, presos  
Nas radiações prismáticas do sol!

## ETERNO SONHO

*Quelle est donc cette femme?  
Je ne comprendra pas.  
Félix Arvers*

Talvez alguém estes meus versos lendo  
Não entenda que amor neles palpita,  
Nem que saudade trágica, infinita  
Por dentro deles sempre está vivendo.

Talvez que ela não fique percebendo  
A paixão que me enleva e que me agita,  
Como de uma alma dolorosa, aflita  
Que um sentimento vai desfalecendo.

E talvez que ela ao ler-me, com piedade,  
Diga, a sorrir, num pouco de amizade,  
Boa, gentil e carinhosa e franca:

— Ah! bem conheço o teu afeto triste...  
E se em minha alma o mesmo não existe,  
É que tens essa cor e é que eu sou branca!

## LIRIAL

Vens com uns tons de searas,  
De prados enflorescidos  
E trazes os coloridos  
Das frescas auroras claras.

E tens as nuances raras  
Dos bons prazeres servidos  
Nos rostos enlourecidos  
Das parisienses preclaras.

Chapéu das finas elites,  
De rosas e clematites,  
Chapéu Pierrette — entre o sol

Passando, esbelta e rosada,  
Pareces uma encantada  
Canção azul do Tirol.

## VANDA

Vanda! Vanda do amor, formosa Vanda,  
Macuama gentil, de aspecto triste,  
Deixa que o coração que tu poluíste  
Um dia, se abra e revivesça e expanda.

Nesse teu lábio sem calor onde anda  
A sombra vã de amores que sentiste  
Outrora, acende risos que não viste  
Nunca e as tristezas para longe manda.

Esquece a dor, a lúbrica serpente  
Que, embora esmaguem-lhe a cabeça ardente,  
Agita sempre a cauda venenosa.

Deixa pousar na seara dos teus dias  
A caravana irial das alegrias  
Como as abelhas pousam numa rosa.

## ÊXTASE

Quando vens para mim, abrindo os braços  
Numa carícia lânguida e quebrada,  
Sinto o esplendor de cantos de alvorada  
Na amorosa fremência dos teus passos.

Partindo os duros e terrestres laços,  
A alma tonta, em delírio, alvoroçada,  
Sobe dos astros a radiosa escada  
Atravessando a curva dos espaços.

Vens, enquanto que eu, perplexo d'espanto,  
Mal te posso abraçar, gozar-te o encanto  
Dos seios, dentre esses rendados folhos.

Nem um beijo te dou! abstrato e mudo  
Diante de ti, sinto-te, absorto em tudo,  
Uns rumores de pássaros nos olhos.

## CELESTE

Vi-te crescer! tu eras a criança  
Mais linda, mais gentil, mais delicada:  
Tinhas no rosto as cores da alvorada  
E o sol disperso pela loira trança.

Asas tinhas também, as da esperança...  
E de tal sorte eras sutil e alada  
Que parecias ave arrebatada  
Na luz do Espaço onde a razão descansa!

Depois, então, fizeste-te menina,  
Visão de amor, puríssima, divina,  
Perante a qual ainda hoje me ajoelho.

Cresceste mais! És bela e moça agora...  
Mas eu, que acompanhei toda essa aurora,  
Sinto bem quanto estou ficando velho.

## AMOR!...

*Oferecido à Ilma. Sra. D. Pêdra como prova de imensa  
amizade e profundo amor que lhe consagra*

Amor, meu anjo, é sagrada chama  
Que o peito inflama na voraz paixão,  
Amo-te muito eu t'ó juro ainda  
Deidade linda que não tem senão!

Virgem formosa, d'encantos bela,  
Gentil donzela, meu amor é teu.  
Vou consagrar-te mil afetos tantos  
Puros e santos qual também Romeu!

Flor entre as flores, a mais linda, altiva  
Qual sensitiva, só tu és, ó sim.  
Esses teus olhos sedutores, belos  
De mil anelos, me pedirão a mim.

Anjo, meu anjo, eu te adoro e amo.  
Por ti eu chamo nas horas de dor.  
Sem ti eu sofro; um sequer instante  
De ti perante só me dás valor.

Meu peito em ânsias só por ti suspira  
Como da lira a vibrante voz!  
Te vendo eu rio e senão gemendo  
Vou padecendo saudade atroz!

Amor ardente de meu coração  
Santa paixão em todo peito forte  
Eu hei de amar-te até mesmo a vida  
Deixar, querida, e abraçar a morte!

### **ROSA**

*A Moreira de Vasconcelos*

*Et, rose, elle a vécu ce que vivent les roses,  
l'espace d'un matin.*

**Malherbe**

Rosa — chamava-se a estrela  
Daquelas flóreas paragens;  
Era escutá-la e era vê-la  
Metida em brancas roupagens

Todas de pregas e tufos,  
De laçarotes e rendas,  
Ou mesmo ouvir-lhe os arrufos  
Ou surpreender-lhe as contendas

Nas lindas tardes radiadas  
Por cores de silforamas  
E sentir logo, inspiradas  
Do amor, as férvidas chamas.

Ela era um beijo fundido  
Ao cintilar de uma aurora,  
Um sonho eterno espargido  
Nos belos sonhos de Flora.

E tinha uns longes sublimes  
De grande força lasciva,  
A transudar, como uns crimes  
Do sangue, da carne altiva.

Contava tudo... mas tanto,  
Em turbilhões, em cascata,

Que recordava esse canto  
Uma garganta de prata.

E quando os poetas, rapazes,  
A viam passar, vibrante,  
Mostrando as curvas audazes,  
Do corpo todo radiante,

Diziam de entre os primores  
De estrofes mais dulçurosas:  
— Tu és a gêmea das flores,  
Das rosas, perfeitas rosas.

Convulsionado e sem regra  
O coração nos palpita;  
Andas alegre e se alegra  
A gente quando te fita.

Tens umas coisas estranhas  
Nas refrações da pureza...  
Umas finuras tamanhas...  
Uma sutil gentileza...

Ficas rosada se um tico  
Alguém te diz, de mais franco...  
Mas como fica tão rico,  
Tão belo o rubro no branco,

Nesse grácil e tão claro,  
Serenos e cândidos rostos  
Que é mesmo um céu puro e raro  
Das alvoradas de agosto.

Depressa cobre-te o pejo  
A face nova e adorada,  
De sorte que sem desejo  
És — Rosa e ficas rosada.

Dos risos colhes a messe  
E és doce como o conforto,  
És casta como uma prece  
Gemida ao lado de um morto.

Para que a dor não te obumbre  
A glória de flores junca  
Tua vida e, por isso, nunca  
Nas mágoas terás vislumbre.

Permita o bom sol que inunda  
De luz os bosques — permita  
Que sejas sempre fecunda  
De gozo e sempre bonita.

.....

Agora, quando alguém passa  
Por onde a estrela morava,  
Olhando pela vidraça  
Bem junto da qual bordava,

Repara um silêncio triste  
Na sala — em crepes envolta,  
Onde parece que existe  
Profunda lágrima solta.

E sente por dentro d'alma  
Aquela angústia que esmaga  
Bem como em noites sem calma  
A vaga esmaga outra vaga.

Apenas as flores lindas  
Que vendo Rosa morriam  
Com brejeirices infindas  
De invejas que renasciam,

Sem mais inúteis ciúmes,  
Abrem os frescos pistilos,  
Jogando aos céus, em perfumes,  
Os seus melhores sigilos.

.....

No entanto à luz soberana  
Do amor desfilam as rimas  
Dos poetas — como um hosana  
A quem já goza outros climas.

Rosa — chama-se a estrela  
Daquelas flóreas paragens;  
Era escutá-la e era vê-la  
Metida em brancas roupagens,

Para exclamar: — Dentro dela  
Existe a fibra gloriosa...  
Ninguém viu coisa mais bela  
Nem Rosa... tão bela rosa!...

## FRÊMITOS

### *I*

Ó pombas luminosas  
Que passais neste mundo eternamente  
Só a cantar os madrigais de rosas,  
Atravessados de um luar veemente,  
Inundados de estrelas e esplendores,  
De carinhos, de bênçãos e de amores.

### *II*

Ó virgens peregrinas,  
De meigo olhar banhado de esperanças,  
Que perfumais com lírios e boninas  
A aurora de cristal das louras tranças,  
Que atravessais constantemente a vida  
Do sol eterno, da visão florida.

### *III*

Amadas e felizes  
Gêmeas da luz das frescas alvoradas,  
Vós que trazeis nas almas as raízes  
Do que é são, do que é puro — ó vós amadas  
Prendas gentis do paternal tesouro,  
Iriados corações de fluidos de ouro.

### *IV*

É para vós que eu quero  
Engrinaldar de tropos e de rimas,  
Num doce verso artístico e sincero,  
Esgrimir com belíssimas esgrimas  
A estrofe e dar-lhe os golpes mais seguros  
Para que brilhe como uns astros puros.

### *V*

É só a vós, apenas,  
Que eu me dirijo, límpidas auroras,  
Que pelas tardes plácidas, serenas,  
Passais, galantes como ingênuas Floras,  
Coroadas de flor de laranjeira,  
Noivas, sorrindo à mocidade inteira.

### *VI*

Porque é de vós que deve,

De vós que o sonho eterno dulcifica,  
Partir o lume quando cai a neve,  
Surgir a crença poderosa e rica.  
Porque afinal, o que se chama crença,  
Senão o amor e a caridade imensa?

*VII*

Os tristes e os pequenos  
Em quem descansam brandamente os olhos,  
Esses humildes, rotos Nazarenos  
Que vivem, morrem suportando abrolhos,  
Senão nos grandes entes piedosos  
Que dão-lhes força aos transes dolorosos?

*VIII*

Oh, sim que a força eterna  
Parte dos corpos rijos da saúde,  
Perante a lei da vida que governa,  
O nobre, o rei, o proletário rude;  
Parte dos seres fartos de carinhos  
Como de paz e de alegria os ninhos.

*IX*

Eu peço para todos  
E peço a vós que sois as fortalezas  
Da esperança, da fé — a vós que os lodos  
Da miséria, do vício, das baixezas,  
Não denegriram essas consciências  
Castas e brancas como as inocências.

*X*

Nem se esperar devia  
Que eu tentasse bater a outras portas,  
Quando vós sois o exemplo de Maria;  
Não andais mudas, regeladas, mortas  
Pela noite voraz da sepultura  
E escutareis os dramas da amargura.

*XI*

Não julgueis que eu vos peça,  
Uma alvorada feita de um sorriso;  
A minh'alma garante e vos confessa  
Que se crê nas mansões do Paraíso,  
É porque vós reinais por sobre a terra  
E o Paraíso dentro em vós se encerra.

*XII*

A vós, a vós compete

A glória do dever — porque assim como  
A luz do sol na lua se reflete,  
Também das aflições no duro assomo,  
Da pobreza refletem-se nas almas,  
Vossas imagens, como auroras calmas.

*XIII*

Portanto, a mocidade  
Vossa, terá de ser de hoje em diante,  
Enquanto a esmagadora atrocidade  
Da peste — nos vorar d'istante a instante,  
Quem se há de encarregar desta manobra  
Do galeão da vida que sossobra.

*XIV*

E para isso, ó rainhas  
Da juventude — tendes as quermesses  
Que dão bons frutos assim como as vinhas;  
As *matinéés* de cânticos e preces,  
Os cintilantes, pródigos bazares  
Onde a luz salta extravasando em mares.

*XV*

Enquanto a mim, na arena  
Da heroicidade humana que consola,  
Oh, faz-me bem a vibração da pena,  
Pelo amor, pelo afago, pela esmola,  
Como um radiante e fúlgido estilhaço  
De sol febril no mármore do Espaço!

**ADALZIZA**

Tens um olhar cintilante,  
Tens uma voz dulçurosa,  
Tens um pisar fascinante,  
Tens um olhar cintilante  
Cheio de raios, faiscante  
Ó criatura formosa,  
Tens um olhar cintilante,  
Tens uma voz dulçurosa!...

## O BOTÃO DE ROSA

*A uma atriz*

O campo abrija o seio às expansões frementes  
Das árvores senis, dos galhos viridentes.

Caía a tarde fresca  
Loira, gentil, vivaz como a canção tudesca.  
A iluminada esfera  
Calma, profunda, azul como um sonhar de virgem,  
Dava um brilho-cetim às verdes folhas d'hera.  
No ar uma harmonia avigorada e casta,  
No crânio uma vertigem  
Duma idéia viril, duma eloqüência vasta.

Tardes formosíssimas,  
Ó grande livro aberto aos geniais artistas,  
Como tanto alargais as crenças panteístas,  
Como tanto esplendeis e como sois riquíssimas.

Quanta vitalidade indefinida, quanta,  
Na pequenina planta,  
No doce verde-mar dos trêmulos arbustos,  
Que misticismo, justos,  
Bebia a alma inteira ao devassar o arcano  
Das árvores titãs, das árvores fecundas  
Que tinham, como o oceano,  
Febris palpitações intérminas, profundas.

Esplêndidas paisagens,  
Opunhas o largo campo às vistas deslumbradas.  
As múrmuras ramagens,  
À luz serena e terna, à luz do sol — que espadas  
De fogo arremessava, em frêmitos nervosos,  
Pelo côncavo azul dos céus esplendorosos,  
Tinham falas de amor, segredos vacilantes  
Finos como os brilhantes.

A música das aves  
Cortava o éter calmo, em notas multiformes,  
Límpidas e graves  
Que estouravam no ar em convulsões enormes.  
Aqui e além um rio  
Serpejava na sombra, em meio de um rochedo  
Áspero e sombrio.  
O olhar perscrutador, o grande olhar, sem medo  
E o espírito mudo,  
Como um herói gigante avassalavam tudo...

Nuns madrigais risonhos  
Abria-se o país fantástico dos sonhos.  
Alavam-se os aromas  
Leais, inexauríveis  
Das largas e invisíveis  
Selváticas redomas.

A seiva rebentava  
Em ondas — irrompia  
Na doce e maviosa e plácida alegria  
De uma ave que cantava,  
Dos belos roseirais  
Que ostentavam a flux as rosas virginais.

E as jubilosas franças  
Dos arvoredos altos,  
Rígidos, atléticos,  
Derramavam no campo uns fluidos magnéticos  
Dumas vontades mansas.

A doce alacridade ia explosindo aos saltos.  
E toda a natureza  
Robusta de saúde e estrênuo de grandeza  
Libérrima e vital,  
Erguia-se pujante, audaz e redentora,  
No gérmen material da força criadora,  
Dentre a vida selvagem mística, animal...

Dos roseirais preciosos  
Nos renques primorosos,  
Numa linda roseira abria castamente,  
Como um sonho de luz numa cabeça ardente,  
O mais belo, o mais puro entre os botões de rosa.  
Tinha essa cor formosa,  
Tinha essa cor da aurora,  
Quando ensangüenta em rubro a vastidão sonora

Era um botão feliz  
Sorrindo para o Azul, zombando da matéria.  
Tinha o leve quebranto e a maciez etérea  
Que uma estrofe não diz.  
Das pétalas macias,  
Das pétalas sangüíneas,  
Doces como harmonias  
Brandas e velutíneas  
Uns perfumes sutis se espiralavam, raros,  
Pela mansão do Bem, pelos espaços claros.

Perfumes excelentes,  
Perfumes dos melhores,  
Perfumes bons de incógnitos Orientes.

Matéria, não deploras  
O viver natural dos vegetais alegres;  
Eles são mais ditosos  
Que os nababos e reis nos seus coxins pomposos;  
E por mais que tu regres  
Ó matéria fatal, a tua vida inteira,  
No rigor da higiene;  
E por mais que a maneira  
Do teu grande existir, desse existir — perene  
De ironias e pasmos,  
Explosões de sarcasmos  
Tu completes, matéria — ó humanidade ousada —  
Com a ciência altanada;  
E por mais que no século,  
Tu mergulhes a idéia, o prodigioso espéculo,  
Será sempre maior e exuberante e forte,  
Ó matéria fatal,  
Essa vida tão rica  
Que se corporifica  
Na valente coorte  
Do poder vegetal.

Era um botão feliz,  
Cuja roseira, impávida,  
Ébria de aromas bons, ébria de orgulhos — ávida  
De completa fragrância,  
Palpitava com ânsia  
Desde a própria raiz.

E entanto o sol tombara e triunfantemente  
Como um supremo Rubens,  
Jorrando à curvidade etérea do poente,  
O ouro e o escarlate, aprimorando as nuvens,  
Numa distribuição simpática de cores,  
De tintas e de luzes  
De galas e fulgores  
Rubros como o estourar dos fêrvidos obuses.

O cérebro em nevrose,  
No pasmo que precede a augusta apoteose  
De uma excelsa visão perfeitamente bela,  
De uma excelsa visão em lípidos dosséis,  
Exaltava o acabado artístico da Tela  
E o gosto dos pincéis.

Caíam da amplidão em névoas singulares  
Os pálidos crepúsculos.  
Os fúlgidos altares  
Do homem primitivo — a relva, o prado, o campo  
Onde ele ia buscar a força de uma crença  
Que então lhe iluminasse a alma escura e densa  
Morriam de clarões — os poderosos músculos  
Da fértil mãe de tudo — a natureza ingente —  
Deixavam de bater. — O olhar do pirilampo  
Oscilava, tremia — azul, fosforescente.

As sombras vinham, vinham  
Lembrando um batalhão d'espectros que caminham  
E a casta nitidez sintética das cousas  
Tomava a proporção das funerárias lousas.  
Completara-se então o mais extraordinário,  
O mais extravagante  
Dos fenômenos todos:  
A noite. — Enfim descera a treva do Calvário,  
A treva que envolveu o Cristo agonizante.

Coaxavam negras rãs nos charcos e nos lodos.  
A abóbada espaçosa, a física amplitude,  
Mostrava a profundez da angústia de ataúde  
De um operário pobre,  
Quando se escuta o dobre  
Amplíssimo e funéreo,  
Sinistro e compassado,  
Rolar pela mansão gloriosa do mistério,  
Assim com um soluço aflito, estrangulado.

Devia ser, devia  
Por uma noite assim,  
Como esta noite igual,  
Que derramou Maria  
A lágrima da dor, — que o célebre Caim  
Sentiu do crânio as convulsões do Mal.

Mas o botão de rosa,  
Traído pelo estranho zéfiro da sorte,  
Rolou como uma cisma  
Intensa e luminosa  
Ardente e jovial em que a razão se abisma  
E foi cair, cair no pélago da morte,  
Em um dos mais raivosos,  
Em um dos mais atrozes  
Rios impetuosos,

Cheios de surdas vozes,  
Sozinho, em desamparo, assim como um proscrito,  
Em meio à placidez  
Dos astros no infinito  
E à mesma irracional e fúnebre mudez.

Depois e além de tudo,  
Além do grave aspecto inteiramente mudo,  
Ao tempo que morria  
O cândido botão — em um dos tantos galhos  
Virentes da roseira — alegre no ar se abria  
Um outro que ostentava as pétalas sedosas,  
As pétalas graciosas de cores deliciosas,  
De cores ideais.

As auras musicais  
Passavam-lhe de leve,  
Nos tímidos rumores,  
De um ósculo mais breve

E dentre a exposição das delicadas flores,  
Das rosas — o botão  
Aberto ultimamente às cúpulas austeras,  
Às plagas da esperança, a irmã das primaveras,  
Pendido um quase nada, esbelto na roseira,  
Mostrava aquela unção,  
A ínclita maneira  
De quem se glorifica  
Subindo ao céu azul da majestade pura,  
Da eterna exuberância,  
Da fonte sempre rica,  
Da esplêndida fartura  
Da luz imaculada — a egrégia substância  
Que faz das almas claras  
Pela fecundidade olímpica do amor,  
Magníficas searas,  
De onde se difunde à vida sempiterna,  
À vida essencial, à lei que nos governa,  
À idéia varonil do poeta sonhador.

A arte especialmente, esse prodígio, atriz,  
Como o botão de rosa  
Tão meigo e tão feliz,  
Pode ser arrojada e brutalmente, ao pego,  
Na treva silenciosa,  
Onde o espírito vai, atordoado e cego,  
Cair, entre soluços,  
Como um colosso ideal tombado ao chão de braços,

Ou pode equilibrar-se em admirável base  
Estética e profunda,  
Assim, bem como o outro, a mais radiosa altura.

Deves sondá-la bem nesta segunda fase.  
Precisas para isso uma alma mais fecunda.  
Precisas de sentir a artística loucura...

### **[Ó ADALZIZA DOS SONHOS]**

Ó Adalziza dos sonhos;  
Estrela dos firmamentos  
Dos meus cantares risonhos,  
Ó Adalziza dos sonhos,  
Rasga esses véus enfadonhos  
Dos teus louros pensamentos,  
Ó Adalziza dos sonhos,  
Estrela dos firmamentos.

### **[ZULMIRA DOS MEUS AMORES]**

Zulmira dos meus amores,  
Zulmira das minhas cismas,  
Resplandece como as flores,  
Zulmira dos meus amores  
Abre os olhos sedutores  
Nos quais a minh'alma abismas,  
Zulmira dos meus amores,  
Zulmira das minhas cismas.

### **[DEIXAI QUE A MINH'ALMA ESCASSA]**

Deixai que a minh'alma escassa  
De luz — aos astros emigre  
Como gaivota que passa  
Deixai que a minh'alma escassa  
De amor — na plúmbea desgraça  
De atrozes garras de tigre,  
Deixai que a minh'alma escassa

De luz — aos astros emigre.

**[Ó CINTILANTE QUIQUIA]**

Ó cintilante Quiquia,  
Menina dos meus olhares,  
Flor azul da simpatia,  
Ó cintilante Quiquia,  
Rasga este céu da alegria  
Dos meus risonhos cantares,  
Ó cintilante Quiquia,  
Menina dos meus olhares.

**[OLHOS PRETOS, SONHADORES]**

Olhos pretos, sonhadores  
Ó celeste Carolina,  
Como são esmagadores  
Olhos pretos sonhadores,  
Como vibram dos amores  
A noss'alma cristalina,  
Olhos pretos, sonhadores,  
Ó celeste Carolina.

**[Ó FLORA, Ó NINFA DAS ROSAS]**

Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Ó frescura dos morangos,  
Abre as pupilas radiosas,  
Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Dá-me as estrelas formosas  
Do olhar repleto de tangos,  
Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Ó frescura dos morangos.

**[MORENA DOS OLHOS PRETOS]**

Morena dos olhos pretos  
Dos olhos pretos, morena,  
Escuta os vagos duetos  
Morena dos olhos pretos,  
Faremos ambos, tercetos,  
Com esta esfera serena,  
Morena dos olhos pretos,  
Dos olhos pretos, morena.

**[ALZIRA, ALZIRA, ALZIRA]**

Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
Estrela resplandecente,  
Resplandecente safira,  
Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
Às vibrações desta lira,  
Acorda do sono ardente,  
Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
Estrela resplandecente.

**[COMO UM CISNE, EST'ALMA FRISA]**

Como um cisne, est'alma frisa  
O mar de luz de teus olhos,  
Ó simpática Adalziza  
Como um cisne, est'alma frisa,  
Vagueia, paira, desliza  
Sem naufragar nos escolhos  
Como um cisne, est'alma frisa  
O mar de luz de teus olhos.

**FLORIPES**

Fazes lembrar as mouras dos castelos,  
As errantes visões abandonadas  
Que pelo alto das torres encantadas  
Suspiravam de trêmulos anelos.

Traços ligeiros, tímidos, singelos  
Acordam-te nas formas delicadas  
Saudades mortas de regiões sagradas,  
Carinhos, beijos, lágrimas, desvelos.

Um requinte de graça e fantasia  
Dá-te segredos de melancolia,  
Da Lua todo o lânguido abandono...

Desejos vagos, olvidadas queixas  
Vão morrer no calor dessas madeixas,  
Nas virgens florescências do teu sono.

#### (CAMPELINAS E OUTROS VERSOS)

##### CAMPELINAS

###### *I*

Camponesa, camponesa,  
Ah! quem contigo vivesse  
Dia e noite e amanhecesse  
Ao sol da tua beleza.

Quem livre, na natureza,  
Pelos campos se perdesse  
E apenas em ti só cresse  
E em nada mais, camponesa.

Quem contigo andasse à toa  
Nas margens duma lagoa,  
Por vergéis e por desertos,

Beijando-te o corpo airoso,  
Tão fresco e tão perfumoso,  
Cheirando a figos abertos.

###### *II*

De cabelos desmanchados,  
Tu, teus olhos luminosos  
Recordam-me uns saborosos  
E raros frutos de prados.

Assim negros e quebrados,  
Profundos, grandes, formosos,  
Contêm fluidos vaporosos  
São como campos mondados.

Quando soltas os cabelos  
Repletos de pesadelos  
E de perfumes de ervagens;

Teus olhos, flor das violetas,  
Lembram certas uvas pretas  
Metidas entre folhagens.

### *III*

As papoulas da saúde  
Trouxeram-te um ar mais novo,  
Ó bela filha do povo,  
Rosa aberta de virtude.

Do campo viçoso e rude  
Regressas, como um renovo,  
E eu ao ver-te, os olhos movo  
De um modo que nunca pude.

Bravo ao campo e bravo à seara  
Que deram-te a pele clara  
São rubores de alvorada.

Que esses teus beijos agora  
Tenham sabores de amora  
E de romã estalada.

### *IV*

Através das romãzeiras  
E dos pomares floridos  
Ouvem-se às vezes ruídos  
E bater d'asas ligeiras.

São as aves forasteiras  
Que dos seus ninhos queridos  
Vêm dar ali os gemidos  
Das ilusões passageiras.

Vêm sonhar leves quimeras,  
Idílios de primaveras,

Contar os risos e os males.

Vêm chorar um seio de ave  
Perdida pela suave  
Carícia verde dos vales.

V

De manhã tu vais ao gado  
A cantar entre as giestas,  
Com tuas graças modestas,  
Correndo e saltando o Prado.

E a veiga e o rio e o valado  
Que todos dormem às sextas  
Acordam-se ante as honestas  
Canções desse peito amado.

As aves nos ares gozam,  
Entre abraços se desposam,  
No mais amoroso enlace.

E as abelhas matutinas  
Que regressam das boninas  
Voam-te em torno da face.

VI

As uvas pretas em cachos  
Dão agora nas latadas...  
Que lindo tom de alvoradas<sup>1</sup>  
Na vinha, junto aos riachos.

Este ano arados e sachos  
Deixaram terras lavradas,  
À espera das inflamadas  
Ondas do sol, como fachos.

Veio o sol e fecundou-as,  
Deu-lhes vigor, enseivou-as,  
Tornou-as férteis de amor.

Eis que as vinhas rebentaram  
E as uvas amaduraram,  
Sanguíneas, com sol na cor.

<sup>1</sup> Na coleção de manuscritos existente na Fundação Biblioteca Nacional, encontramos uma variação deste verso:  
“Que linda cor de alvoradas”.

*VII*

Engrinaldada de rosas,  
Surge a manhã pitoresca...  
Que linda aquarela fresca  
Nas veigas deliciosas!

Que bom gosto e perfumosas  
Frutas traz, madrigalesca  
A rapariga tudesca  
Que vem das searas cheirosas!

Como os rios vão cantando,  
Em sons de prata, ondulando,  
Abaixo pelos marnéis!

Que carícia nas verduras,  
Que vigor pelas culturas,  
Que de ouro pelos vergéis!

*VIII*

Orgulho das raparigas,  
Encanto ideal dos rapazes,  
Acendes crenças vivazes  
Com tuas belas cantigas.

No louro ondear das espigas,  
Boca cheirosa a lilases,  
Carne em polpa de ananases  
Lembras baladas antigas.

Tens uns tons enevoados  
De castelos apagados  
Nas eras medievais.

Falta-te o pajem na ameia  
Dedilhando, à lua cheia,  
O bandolim dos seus ais!

*IX*

**NO CAMPO SANTO**

Morreste no campo um dia,  
Como uma flor desprezada.  
Clareava a madrugada

Azul, vaporosa e fria.

Sobre a agreste serrania,  
Numa ermida branqueada<sup>1</sup>  
Por uma manhã doirada  
Um sino repercutia.

Teu caixão, de camponesas  
E camponeses seguido,  
Desceu abaixo às devesas.

Ganhou o atalho comprido  
De casas em correntezas  
E entrou num campo florido.

<sup>1</sup> Na coleção de manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, este verso está: “Numa ermida branqueada.”

**(Campesinas: variações e acréscimos recolhidos nos  
manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional)**

*VIII*

Pelos vales e colinas  
Os bandos das pombas voam...  
E as latadas das boninas  
As rentes cercas coroam.

Entre o rumor das campinas  
Os carros de bois ressoam...  
E nas névoas matutinas  
Já os raios de sol coam.

Que aurora flor das auroras!  
Nas frescas águas sonoras  
Bóiam ilhas de verdura.

E na fita dos caminhos  
Onde trinam os passarinhos  
Vens vindo a rir, formosura.

*IX*

Foste à fonte buscar água  
E tinha secado a fonte...  
Pobre flor azul do monte  
Tiveste a primeira mágoa.

Porém se uma alma na frágua  
Das dores, sem horizonte,  
Queres ver, sentir defronte  
Dos olhos, manda, que eu trago-a.

Vou t'a levar à presença  
Para que vejas a imensa  
Mágoa atroz que a devorou.

E saibas, ó sol das flores,  
Que a fonte dos seus amores  
Eternamente secou.

*XII*

A pomba o vôo descerra  
Para além dos infinitos,  
Deixando todos os ritos  
Das religiões cá da terra.

Ganha o mar e ganha a serra  
Em busca de novos mitos  
Desses bíblicos Egípcios  
Da Fé, que vagueia e que erra...

Quem tem sede de carinhos  
Faz como pomba, procura  
Corações que sejam ninhos.

Vai em busca ventura,  
Da paz dispersa em caminhos  
Que vão dar à sepultura.

*XIII*

Fui aos morangos do prado  
E nunca os vi tão formosos...  
Que perfume delicado,  
Que cores, que tons preciosos.

Cor de sangue atravessado  
De acesos sóis radiosos  
Num rubro ocaso doirado,  
Por horizontes calmosos;

Através da luz da aurora  
Vivaz e fresca e sonora,  
Num resplendor nunca visto;

Pareceram-me umas gotas

De sangue das carnes rotas  
Das mãos e dos pés de Cristo.

*XVI*

Acordo de manhã cedo,  
Da luz aos doces carinhos...  
Que rosas pelos caminhos,  
Que rumor pelo arvoredos.

Para o azul radioso e ledos  
Sobe, de dentro dos ninhos,  
O canto dos passarinhos,  
Cheio de amor e segredo...

Dentre as moitas de verdura  
Voam as pombas nevadas,  
Imaculadas de alvura.

Pela margem das estradas  
Que penetrante frescura,  
Que femininas risadas!

*XV*

Os olhos das adoradas  
São como os campos festivos  
Cheios dos brilhos mais vivos  
Das alegres madrugadas.

Como as frescas alvoradas  
Há pelos campos estivos  
Lindos cantos expressivos  
De camponesas medradas;

Nos olhos das que adoramos  
Há aves cantando e ramos  
Noivados do nosso amor.

Perspectivas radiantes  
Só vistas pelos amantes  
De almas abertas em flor!

*XVI*

De manhã cedo os rebanhos  
Saltam, galgam montanhosos  
Alcantis esplendorosos,

Cheios de brilhos estranhos.

E quando após os amanhos  
Dos terrenos vigorosos  
Os lavradores sequiosos  
Regressam de afãs tamanhos;

Quando o sol no ocaso em chamas  
Veste as árvores de lhamas  
E luminosos veludos;

Entre as trêmulas guitarras  
Das nostálgicas cigarras  
Quedam-se os gados lanzudos.

### *XVII*

São tantas as sementeiras  
Como as estrelas são tantas...  
Ah! que virgens bebedeiras  
Vêm dos aromas das plantas.

Nas terras alvissareiras  
De novas colheitas santas,  
Que brotos de trepadeiras,  
Que vinhas quantas e quantas.

Como a seiva e o viço estoura  
Pelos campos da lavoura,  
Num frenesi de novilho...

Só tu, infecunda e triste,  
De gelo, nunca sentiste  
Os vivos germens de um filho!

### *XVIII*

Por estas manhãs sonoras  
Em tudo a luz vibra e salta  
E arroios, várzeas esmalta  
De deslumbrantes auroras.

São mais alegres as horas,  
Nem o humor às almas falta  
E de uma força mais alta  
Fecundam-se as virgens floras.

Os aspectos de verdura

Recebem formas serenas  
D'encantos e de frescura.

Ah! que ruflados de penas  
Na luz que canta na altura,  
Nas folhagens de açucenas!

(1889)

**(Outros versos)**

**AO AR LIVRE**  
*A Virgílio Várzea*

Tu trazes agora o peito  
Como essas urnas sagradas,  
Repleto de gargalhadas,  
Sonoro, bom, satisfeito.

Por dentro cantam assombros  
E causas esplendorosas  
Como latadas de rosas  
Dos muros entre os escombros.

Quando o ideal nos alaga,  
Embora as lutas do mundo,  
Levanta-se um sol fecundo  
Do peito em cada uma chaga.

Voltou-se a seiva de outrora,  
De outro, mais forte e destro,  
Iluminado maestro,  
Das harmonias da aurora.

Fulgurem por isso as musas,  
As belas musas, por isso...  
Voltou-te o passado viço,  
Foram-se as mágoas, confusas.

Agora, quando eu dirijo  
Meus passos, à tua porta,  
Sinto-te um bem que conforta,  
Vejo-te alegre e mais rijo.

Porque afinal pela vida  
Nem tudo se desmorona  
Quando se vaga na zona  
Da mocidade florida.

Gostas de ver pelos ramos  
Das verdes árvores novas,  
A chocalhar umas trovas,  
Coleiros e gaturamos.

Já podes bem comer frutas,  
Os teus simpáticos jambos,  
E ouvir alguns ditirambos  
Da natureza nas grutas.

Podes olhar as esferas,  
Com ar direito e seguro,  
De frente para o futuro,  
De lado para as quimeras.

Não tenhas cofres avaros  
De santos — na luz te afoga,  
E a alma arremessa e joga  
Por esses páramos claros.

Reúne os sonhos dispersos  
Como andorinhas vivaces  
E o colorido das faces  
Ao coberto dos versos.

Como uns lábaros vermelhos,  
Contente como os lilases,  
As crenças dos bons rapazes  
Tem prismas como os espelhos.

## NATUREZA

*Aos poetas*

Tudo por ti resplende e se constela,  
Tudo por ti, suavíssimo, flameja;  
És o pulmão da racional peleja,  
Sempre viril, consoladora e bela.

Teu coração de pérolas se estrela,  
E o bom falerno dás a quem deseja

Vigor, saúde à crença que floreja,  
Que as expansões do cérebro revela.

Toda essa luz que bebe-se de um hausto  
Nos livros são, todo esse enorme fausto  
Vem das verduras brandas que reluzem!

Esse da idéia esplêndido eletrismo,  
O forte, o grande, audaz psicologismo,  
Os organismos naturais produzem...

### NOS CAMPOS

Por entre campos de seara loura  
De alegre sol puríssimo batidos,  
Passam carros chiantes de lavoura  
E raparigas sãs, de coloridos  
Que a luz solar que as ilumina e doura  
Lembram pomares e jardins floridos,  
Por entre campos de seara loura.

A Natureza inteira reverdece  
Pelos montes e vales e colinas;  
E o luar que freme, anseia e resplandece,  
Movido por aragens vespertinas,  
Parece a alma dos tempos que floresce...  
Enquanto que por prados e campinas  
A Natureza inteira reverdece.

A paz das coisas desce sobre tudo!  
E no verde sereno d'espessuras,  
No doce e meigo e cândido veludo,  
Tremem cintilações como armaduras  
Ou como o aço brunido dum escudo;  
Enquanto que das límpidas alturas  
A paz das coisas desce sobre tudo!

A casa, a rude tenda construída,  
Onde habitam as mães e as crianças  
Promiscuamente, nessa mesma vida  
De perfume lirial das esperanças,  
Como é feliz, dos astros aquecida!  
Aquecida do Amor nas asas mansas  
A casa, a rude tenda construída.

As bocas impolutas e cheirosas  
Das raparigas, pródigas belezas  
De finos lábios púrpuros de rosas,  
Abrem, cheias de angélicas purezas,  
As cristalinas fontes murmurossas  
De risos, refrescando em correntezas  
As bocas impolutas e cheirosas.

Da vida aurora rica do seu sangue  
Flameja a carne em báquicas vertigens!  
E quem tiver uma epiderme exangue  
Para ficar com essas faces virgens,  
Para não ser mais pálida nem langue,  
Tem de beber das cálidas origens  
Da viva aurora rica do seu sangue.

Lindas ceifeiras percorrendo searas  
Nos campos, ó bizarras raparigas,  
Pelas manhãs e pelas tardes claras  
Vós desfolhais sorrisos e cantigas  
Que deixam ver as pérolas mais raras  
Dos dentes brancos, frescos como estrigas...  
Lindas ceifeiras percorrendo searas!

#### **A BORBOLETA AZUL**

No alegre sol de então  
De uma manhã de amor,  
A borboleta solta no fulgor  
Da luz, lembrava um leve coração.

Ia e vinha e a voar  
Gentil e trêfega, azul,  
Sonoramente a percorrer pelo ar,  
Como um silfo tenuíssimo e tãful.

Sobre os frescos rosais  
Pousava débil, sutil,  
Doirando tudo de um risonho abril  
Feito de beijos e de madrigais.

Que doce embriaguez  
O vôo assim seguir  
Da borboleta azul, correndo, a vir  
Do espaço pela Etérea candidez!

Fazendo, tal e qual,  
O mesmo giro assim,  
O mesmo vôo límpido, sem fim,  
Nos mundos virgens de qualquer ideal.

Ir como ela também  
Em busca das loucas  
E tropicais e fúlgidas manhãs  
Cheias de colibris e sol, além...

Ir com ela na luz  
De mundos através,  
Sem abrolhos nas mãos, cardos nos pés,  
Ó alma minha, que alegria a flux!...

No alegre sol de então  
De uma manhã de amor  
A borboleta solta no fulgor  
Da luz, lembrava um leve coração.

#### RENASCIMENTO

Canta ao sol como as cigarras  
A tua nova alegria.  
No Azul ressoam fanfarras  
Da grande vida sadia.

Alerta, um clarim de alerta  
Àquela antiga saúde:  
— À clara janela aberta  
Para o mar salgado e rude.

Que volte, ruidosa, agora,  
Como um pássaro marinho,  
A tua saúde, a aurora  
Do teu sangue, estranho vinho.

E como espiga madura  
Floresce outra vez à vida,  
Resplandece à formosura,  
Ó torre de ouro florida!

Quero-te em rosas festivas  
A polpa das carnes brancas.

E rindo-te às forças vivas  
Com rubras risadas francas.

Formosa, soberba e nua,  
Nesse olhar que tudo abrange,  
Na fronte um diadema, em lua  
Num talhe curvo de alfanje;

Vem! o sol é teu amante!  
Ah! vem mergulhar nos braços  
Do flavo sultão radiante  
Do harém azul dos espaços.

#### ABELHAS

Gotas de luz e perfume,  
Leves, tênues, delicadas,  
Acesas no doce lume  
De purpúreas alvoradas.

Pingos de ouro cristalinos  
Alados na esfera, ondeando,  
Dispersos por entre os hinos  
Da natureza vibrando.

Sorrisos aéreos, soltos,  
Flavas asas radiantes,  
Que levam consigo envoltos  
Da aurora os sóis fecundantes.

Da aurora que a primavera  
Faz cantar, brota no peito  
E floresce em folhas de hera  
O coração satisfeito.

Essa aurora produtiva  
Do amor soberano e eterno,  
Que é nas almas força viva  
E nas abelhas falerno.

Nas doudejantes abelhas  
Que dentre flores volitam  
E do sol entre as centelhas  
Resplendem, fulgem, palpitam.

Zumbem, fervem nas colméias  
E rumorejam no enxame  
Pelas flóridas aléias  
Onde um prado se derrame.

Assim mesmo pequeninas  
E quase invisíveis, quase,  
Com as suas asitas finas,  
De etérea de fluida gaze.

Ah! quanto são adoráveis  
Os favos que elas fabricam!  
Com que graças inefáveis  
Se geram, se multiplicam.

Nos afãs industriosos  
Que enlevo, que encanto vê-las  
Com seus corpos luminosos  
D'irriante brilho d'estrelas.

E nas ondas murmuradas  
Dos peregrinos adejos  
Vão dar ao lábio das rosas  
O mel doirado dos beijos.

### **BESOUROS...**

Marche, marche, marche a verve!  
Bandeiras, clarins, tambores,  
Marchar!

A poncheira ideal, que ferve,  
Sons, aromas, chamas, cores!  
Cantar!

Que este diabo vem, saudoso,  
Das profundezas do arcano,  
Viver!

O vinho maravilhoso  
Da forma raro e renano,  
Beber!

Vem beber o vinho iriado,  
O Falerno, claro e quente,

Haurir!

Num paladar requintado,  
Todo inflamado e fremente  
Sentir!

Que o sangue da verve vibre  
Raja, raja, raja, raja,  
Taful!

E a alma do sol se equilibre  
Para que mais sonhos haja  
No azul!...

Mas este diabo tão fino,  
Que de tudo dá o acorde  
Genial!

Este capróide genuíno,  
Verde, verde, morde, morde,  
Fatal.

#### **PAPOULA**

*A Oscar Rosas*

Assim loura és mais formosa  
Do que se fosses trigueira:  
Corpo de eflúvios de rosa  
Com esbeltez de palmeira.

Vestida de cor da aurora  
Leve dos fluidos da graça,  
És uma estrela sonora  
Que, em sonhos, pelo éter passa.

Resplandece em teu cabelo  
Um fulgor de sol dourado,  
Que só de senti-lo e vê-lo  
Fica tudo iluminado.

Do teu branco leque aberto  
Que lembra uma asa de garça,<sup>1</sup>  
Aspiro um perfume incerto,  
Talvez a tua alma esparsa.

Num resplendor de madona  
E altivez de corça arisca<sup>2</sup>  
Surges da luz entre a zona  
Com quebrantos de odalisca.

Que venha o duque normando  
De castelos escoceses  
Com seu ar bizarro e brando  
Amar-te os olhos ingleses.

E entre aromas e frescores  
E revoadas de abelhas,  
Como num campo de flores  
Que esse olhar vibre centelhas.

Que cantem na tua boca  
As alegrias radiadas,  
Numa ideal rajada louca  
De vôos de passaradas.

Que como os astros no espaço,  
Teu encanto resplandeça...  
Com pelúcias no regaço  
E asas de ave na cabeça.

E que os teus dois seios puros  
Que o amor fecundando beija  
Fiquem cheios e maduros  
Com dois bicos de cereja.

<sup>1</sup> Nos manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional este verso termina em “graça” ao invés de “garça”.

<sup>2</sup> Idem “a risca” ao invés de “arisca”.

#### NA VILA

Nos ervaçais vibrou o sol agora,  
Nas fitas verdes dos canaviais...  
Como rompesse loura e fresca a aurora  
Agora o sol vibrou nos ervaçais.

Murmurejam de alegres os caminhos  
Que até parecem, límpidos, cantar  
Na música melódica dos ninhos  
Que vai nos ares se cristalizar.

Floresce tudo, em toda parte flores  
Neste maio feliz, e tão feliz  
Que as plantas exuberam de vigores  
Desde a profunda, pródiga raiz.

Noivam as aves junto dos riachos  
No seu alado alvorecer de amor;  
E o coqueiral, com os amarelos cachos,  
Pompéia de riquíssimo verdor.

Fluem na sombra meigas fontes claras<sup>1</sup>  
Sob o frondente e vasto laranjal  
E para além magníficas searas  
Se estendem como um leito virginal.

Na serena paz vegetativa  
Faz docemente tudo adormecer  
Mas num sono de luz doirada e viva,  
Quase a dormência de quem vai morrer...

Ah! que o silêncio, a solidão dos ermos,  
Das agrestes paragens do sertão  
Se dão saúdes a espíritos enfermos  
Também supremas nostalgias dão!

A volúpia letal do meio-dia,  
Nas horas encalmadas, sob a luz,  
Dá duma campa a atroz melancolia  
Assinalada numa simples cruz.

Depois o campo na mudez da vila,  
Aquela eterna e soberana paz  
Da imensa vastidão sempre tranqüila  
Como que punge e que entristece mais!

<sup>1</sup> Nos manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional este verso está grafado: “Fluem na sombra as meigas fontes claras”.

#### **PLANGÊNCIA DA TARDE**

Quando do campo as prófugas ovelhas  
Voltam a tarde, lépidas, balando,  
Com elas o pastor volta cantando  
E fulge o ocaso em convulsões vermelhas.

Nos beirados das casas, sobre as telhas,  
Das andorinhas esvoaça o bando...  
E o mar, tranqüilo, fica cintilando  
Do sol que morre às últimas centelhas.

O azul dos montes vago na distância...  
No bosque, no ar, a cândida fragrância  
Dos aromas vitais que a tarde exala.

Às vezes, longe, solta, na esplanada,  
A ovelha errante, tonta e desgarrada,  
Perdida e triste pelos ermos bala ...

#### FRUTAS E FLORES<sup>1</sup>

Laranjas e morangos — quanto às frutas,  
Quanto às flores, porém, ah! quanto às flores,  
Trago-te dalias rubras, d'essas cores  
Das brilhantes auroras impolutas.

Venho de ouvir as misteriosas lutas  
Do mar chorando lágrimas de amores;  
Isto é, venho de estar entre os verdes  
De um sítio cheio de asperezas brutas,

Mas onde as almas — pássaros que voam —  
Vivem sorrindo às músicas que ecoam  
Dos campos livres na rural pobreza.

Trago-te frutas, flores, só apenas,  
Porque não pude, irmã das açucenas,  
Trazer-te o mar e toda a natureza!

<sup>1</sup> Nos manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional encontramos uma variação para o primeiro verso deste soneto no qual “goiabas” substitui “morangos”.

#### NO CAMPO

Acordo de manhã cedo  
Da luz aos doces carinhos:  
Que rosas pelos caminhos!  
Que rumor pelo arvoredo!

Para o azul radioso e ledó  
Sobe, de dentro dos ninhos,  
O canto dos passarinhos  
Cheio de amor e segredo.

Dentre moitas de verdura  
Voam as pombas nevadas,  
Imaculadas de alvura.

Pelas margens das estradas  
Que penetrante frescura  
Que femininas risadas!

### LUAR

Ao longo das louríssimas searas  
Caiu a noite taciturna e fria...  
Cessou no espaço a límpida harmonia  
Das infinitas perspectivas claras.

As estrelas no céu, puras e raras,  
Como um cristal que nítido radia,  
Abrem da noite na mudez sombria  
O cofre ideal de pedrarias caras.

Mas uma luz aos poucos vai subindo  
Como do largo mar ao firmamento — abrindo  
Largo clarão em flocos d'escumilha.

Vai subindo, subindo o firmamento!  
E branca e doce e nívea, lento e lento,  
A lua cheia pelos campos brilha...

### [ESTAS RISADAS LÍMPIDAS E FRESCAS]

Estas risadas límpidas e frescas  
Que Pan trauteia em cálamos maviosos  
Nesta amplidão dos campos verdurosos,  
Nestas paisagens flóreas, pitorescas;

Toda esta pompa e gala principescas

Destas searas, destes altanosos  
Montes e várzeas, prados vigorosos,  
Louros — talvez como as visões tudescas;

Este luxuoso e rico paramento,  
Feito de luz e de deslumbramento  
— Do grande altar da natureza imensa.

Aguarda o poeta sacerdote augusto,  
Para cantar no seu missal robusto,  
A nova Missa da razão que pensa...

### OS RISONHOS

Pastores e camponesas  
De rudes almas esquivas  
Passam entre as candidezas  
Das estrelas fugitivas.

Parece que nada os punge,  
Nada os punge e sobressalta.  
A lua que os campos unge  
No firmamento vai alta.

E eles passam sob a lua,  
De queixas desafogados,  
A cabeça livre e nua,  
Na florescência dos prados.

Seres meigos e singelos,  
Mulheres de lindo rosto,  
Lábios cálidos e belos,  
Do quente sabor do mosto.

Pastores de tez morena,  
Queimados ao sol adusto:  
Claridade bem serena  
No fundo do olhar bem justo.

Neles tudo é riso e festa,  
Neles tudo é festa e riso,  
Frescuras brandas de giesta  
E graças de Paraíso.

Simples, toscas e felizes,

Sem ter um laivo de mágoa:  
Almas das verdes raízes,  
Limpidez de gota d'água.

Neles tudo é paz de aldeia  
E ri com os risos mais frescos...  
O céu inteiro gorjeia  
Idílios madrigalescos.

Seduzido por miragens  
Caminha o bando risonho  
Dessas virentes paragens,  
Levado na asa de um sonho.

Nele tudo ri sem ânsia  
E com doçura secreta;  
E como uma nova infância  
Cantantemente irrequieta.

Encantos de mocidade,  
Saúde, fulgor, vigores,  
Dão-lhe a doce suavidade  
Maravilhosa das flores.

Os corações, fluorescentes,  
Vão nesses peitos cantando  
E rindo em festins ardentes  
E dentre os risos sonhando.

Ri na boca, ri nos olhos,  
Nas faces o bando, rindo  
O bom riso sem abrolhos,  
Que lembra um campo florindo.

Rindo em sonoras risadas,  
Rindo em frêmitos vivazes,  
Rindo em risos de alvoradas,  
Rindo em risos de lilases.

Os campos entontecidos  
Nos vinhos da lua clara  
Ficam bizarros, garridos,  
De vitalidade rara.

As águas claras das fontes  
Vibram lânguidas sonatas  
E as nuvens vestem os montes  
Das visões mais timoratas.

Na copa dos arvoredos,  
Nas orvalhadas verduras  
Há sonâmbulos segredos  
E murmuradas ternuras.

E o bando festivo passa  
Rindo, alegre, casto e suave,  
Iluminado de graça,  
Mais leve que um vôo de ave.

Podeis rir, almas ditosas,  
Almas novas como frutos  
De vinhas miraculosas  
De pomares impolutos.

Podeis rir, almas eleitas  
Que os anjos percebem tanto  
Lá das esferas perfeitas  
Nas harmonias do Encanto.

Almas brancas, Páscoas leves,  
Alvos pães de áureos altares,  
De mais candidez que as neves  
E a madrugada nos mares.

Almas sem sombras ferozes  
Nem espasmos delirantes.  
Eco das bíblicas vozes,  
Caminhos reverdejantes.

O vosso riso é bendito,  
Os vossos sonhos são castos,  
O estrelamento infinito  
De mundos claros e vastos.

Podeis rir, peitos ufanos,  
Belas almas feiticeiras,  
Vós tendes nos risos lhanos  
O trigo das vossas eiras.

A vossa vida é planície,  
Não tem declives funestos:  
Sois torres que a superfície  
Assenta nos dons modestos.

A vossa vida é bem rasa,  
Preso à terra o vosso esforço;

Nem mesmo um frêmito de asa  
Vos faz agitar o dorso...

Sois como plantas vencidas,  
Conquistadas pela terra,  
Dando à terra muitas vidas  
E tudo que a Vida encerra.

É do vosso sangue moço  
Que na terra se derrama,  
Que sobe o rubro alvoroço  
De ocasos de sóis em chama.

Manchas, ao certo, não tendes  
E nem trágico flagício,  
Almas isentas de duendes,  
Lavadas no Sacrifício.

Das pedras, nos vossos ombros,  
A rigidez não carrega.  
Em jardins tornam-se escombros  
E em luz a crença que é cega.

Desses perfis adoráveis,  
Na curva casta dos flancos  
Brotam viços inefáveis  
Dos florescimentos brancos.

Podeis rir! ó benfazeja  
Bondade de nobre essência.  
Deus vos chama e vos deseja  
Na estrelada florescência.

Um anjo vos acompanha  
Nessa estrada matutina  
E convosco a ideal montanha  
Sobe da graça divina.

O flagelo deste mundo,  
Nesses corações não pesa.  
Enquanto o Horror vai profundo  
Vossa alma tranqüila reza.

Contritos e de mãos postas,  
Humildemente de joelhos,  
O Demônio, pelas costas,  
Não vem vos dar maus conselhos.

Vós sois as sagradas reses  
Votadas ao azul Sacrário.  
Deus vos olha muitas vezes  
Com o seu olhar visionário.

Mas quando, como as estrelas,  
Adormecerdes um dia,  
Voando mais perto a vê-las  
Na Paragem fugidia.

Quando na excelsa Bonança  
Afinal adormecerdes,  
Nos olhos toda a esperança  
Levando dos prados verdes.

Quando lá fordes, subindo  
Para as límpidas Alturas,  
Profundamente dormindo,  
Em busca das almas puras.

Praza aos céus que nos caminhos  
Da eterna Glória, das palmas,  
Mais brancas que os claros linhos  
Possais encontrar as almas!

#### **IDEAL COMUM**

*Soneto escrito a quatro mãos*

*Escrito em colaboração com Oscar Rosas*

Dos cheirosos, silvestres ananases  
De casca rubra e polpa acidulosa,  
Tens na carne fremente, volutuosa,  
Os aromas recônditos, vivazes.

Lembras lírios, papoulas e lilases;  
A tua boca exala a trevo e a rosa,  
Resplande essa cabeça primorosa  
E o dia e a noite nos teus olhos trazes.

Astros, jardins, relâmpagos e luares  
Inundam-te os fantásticos cismares,  
Cheios de amor e estranhos calafrios;

E teus seios, olímpicos, morenos,  
Propinando-me trágicos venenos,

São como em brumas, solitários rios.

### **PÁSSARO MARINHO**

Manhã de maio, rosas pelo prado,  
Gorjeios, pelas matas verdurosas  
E a luz cantando o idílio de um noivado  
Por entre as matas e por entre as rosas.

Uma toilette matinal que o alado  
Corpo te enflora em graças vaporosas,  
Mergulhas, como um pássaro rosado,  
Nas cristalinas águas murmurosas.

Dás o bom dia ao Mar nesse mergulho  
E das águas salgadas ao marulho  
Sais, no esplendor dos límpidos espaços.

Trazes na carne um reflorir de vinhas,  
Auroras, virgens músicas marinhas,  
Acres aromas de algas e sargaços!

### **(SONETOS REUNIDOS)**

**[SENHOR DE NOBRE ALMA, TÃO]**  
*Oferecido e dedicado ao llmo. Sr.*  
*M. Bernardino A. Varela pelo autor*

*Vir bonus dicendi peritus laudandum est.*

Senhor de nobre alma, tão  
D'entre os sábios conhecido,  
De pais excelsos nascido,  
Aceitai a minha canção.

Probo pai, bom cidadão,  
Sois dos seres melhor ser  
Por saber tão profundo ter,  
Sois ilustre qual Catão.

Recebei esta prova mesquinha  
De penhor e de oração,  
Produto da pena minha.

Perdoai, mui digno varão,  
Se na mente eu pobre tinha  
Cometer-vos indiscrição.

**[DA MUNDANA LIDA, EIS QUE CANSADO]**

*Minha vida é um montão de ruínas  
em árido deserto um abismo de  
ais e de suspiros.*

Da mundana lida, eis que cansado,  
Co'a lira toda espedaçada,  
A alma de suspiros retalhada,  
Cumpre o infeliz seu triste fado.

Ai! que viver mais desgraçado!...  
Que sorte tão crua e desazada!...  
Quem assim tem a vida amargurada  
Antes já morrer, ser sepultado.

Só eu triste padeço feras dores,  
Imensas e de fel, sem terem fim,  
Envolto no véu dos dissabores.

Oh! Cristo eu não sei se só a mim  
Deste essa vida d'amargores,  
Pois que é demais sofrer-se assim!

**[DE MAYSEDER GENTIL O VULTO INGENTE]**

*Dieu a fait la mer, les oiseaux, les cieux, toute la nature  
enfin; mais  
les hommes ont découvert les sciences,  
les arts et les lettres qui les élèvent  
jusqu'à même Dieu.*

De Mayseder gentil o vulto ingente  
De Corelli, de Spohr e de Nardini,  
De Ole Bull supernal, de Veracini

Inspirados por Deus c'o plectro ardente;

Dessa lira febril, áurea, potente  
Do artista sem par, de Paganini;  
De Viotti dinal, do herói Tardini,  
De Lafont, de Baillot, Eck e Laurenti:

Sois rival feliz! e nesse crânio  
Há em jorros, oh céus! extravasando  
O ardor musical, o ardor titâneo...

Já bem cedo, veloz, ides galgando  
Lá da glória os degraus, o supedâneo  
Sobre um trono de luz rindo e cantando.

(24 dez. 1880)

**[MINH'ALMA ESTÁ AGORA PENETRANDO]**

*Por ocasião dos festejos em homenagem ao sexagésimo primeiro  
aniversário natalício do eloqüentíssimo tribuno sagrado,  
Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva*

*Há vultos tamanhos que não  
Cabendo no globo, vão quedos  
Mas solenes, refugiar-se na campa.  
D'ái embuçam-se n'um manto infinito  
De glórias?...*

Minh'alma está agora penetrando  
Lá na etérea plaga, cristalina!  
Que música meu Deus febril, divina  
Nos páramos azuis vai retumbando!

Além, d'áureo dossel se está rasgando  
Custosa, de primor, esmeraldina  
Diáfana, sutil, longa cortina  
Enquanto céus se vão duplando!

Em grande pedestal marmorizado  
De Paiva se divisa o busto enorme  
Soberbo como o sol, de luz c'roadado

De um lado o porvir — Antheu disforme  
Dos lábios faz soltar pujante brado  
Hosanas! não morreu! apenas dorme.

**[ROMPEU-SE O DENSO VÉU DO ATROZ MARASMO]**  
*Por ocasião da comemoração do sexagésimo primeiro  
aniversário natalício do ilustre pregador catarinense  
Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva*

Rompeu-se o denso véu do atroz marasmo  
E como por fatal, negro hebetismo  
De antro sepulcral, de fundo abismo  
O povo ressurgiu com entusiasmo!

O Zoilo mazorral se queda pasmo  
Supõe quimera ser, ser cataclismo  
Roga, já por dobrez, por ceticismo  
De néscio, vil truão solta o sarcasmo.

Perdão, Filho da Luz, minh'alma exora,  
Porém, a pátria diz, somente agora  
Os grilhões biparti de atroz moleza!

E ele, o nosso herói já redivivo  
De pé, sem se curvar, sereno, altivo  
Co'as raias do porvir mede a grandeza!

**[DEIXAI QUE DESTE ÁLBUM NA FOLHA DELICADA]**

*Embeberam-me a pena em fel!*  
*Antônio (Mendes Leal)*

Deixai que deste álbum na folha delicada  
Eu venha difundir meus rudes pensamentos  
Deixai que as pobres rimas, uns nadas poeirentos  
Eu possa transudar da mente entrenublada!...

Deixai que de minh'alma na fibra espedaçada  
Eu busque inda vibrar uns cantos tardos, lentos!...  
Bem cedo os vendavais, aspérrimos, cruentos  
Ai! Tudo arrojão à campa amargurada!

Porém qu'importa isso! dos mares desta vida  
Nos pávidos, estranhos, enormes escarcéus  
Se alguma coisa val, és tu, ó luz querida!...

Rasguemos do porvir os áditos, os véus!...  
Riamos sem cessar, embora em dor sentida!...  
Também as nuvens negras conglobam-se nos céus!

(5 dez. 1882)

**[ALÇANDO O LIVRO COLOSSAL, ARDENTE]**

A mocidade é a alavanca do  
templo da ciência, no futuro; só ela tem o direito de ser a força  
motriz dos fenômenos intelectuais  
das grandes revoluções do pensamento.

*Do Autor*

Alçando o livro colossal, ardente  
Traças no crânio um sulco luminoso,  
E vais seguindo o remontar garboso  
Do sol fagueiro lá no espaço ingente!

Ergues a fronte juvenil potente  
Já como herói ou lutador famoso  
E c'uma forma de pensar honroso  
Fazes-te esperança da brasílea gente!

Seis vezes astro de maior grandeza  
Enfim lá surges nos exames belos,  
Enfim triunfas na brilhante empresa!

Seis vezes quebras da ignorância os elos,  
Seis vezes vives com mais sã firmeza,  
Gemem seis vezes a louvar-te os prelos!...

(28 nov. 1882)

**O FINAL DO GUARANI**

Ceci — é a virgem loira das brancas harmonias,  
A doce-flor-azul dos sonhos cor-de-rosa,  
Peri — o índio ousado das bruscas fantasias,  
O tigre dos sertões — de alma luminosa.

Amam-se com o amor indômito e latente

Que nunca foi traçado nem pode ser descrito.  
Com esse amor selvagem que anda no infinito.  
E brinca nos juncais, — ao lado da serpente.

Porém... no lance extremo, o lance pavoroso,  
Assim por entre a morte e os tons de um puro gozo,  
Dos leques da palmeira à nota musical...

Vão ambos a sorrir, às águas arrojados,  
Mansos como a luz, tranqüilos, enlaçados  
E perdem-se na noite serena do ideal!...

(Santos, 15 jul. 1883)

### IDÉIA-MÃE

*Laborare dignus est  
operarius mercede sua.  
Aforismo latino*

Ergueis ousadamente o templo das idéias  
Assim como uns heróis, por sobre os vossos ombros  
E ides através de um negro mar d'escombros,  
Traçando pelo ar as loiras epopéias.

A luz tem para vós os filtros magnéticos  
Que andam pela flor e brincam pela estrela.  
E vós amais a luz, gostais sempre de vê-la  
Em amplo cintilar — nuns êxtases patéticos.

É esse o aspirar do séc'lo que deslumbra,  
Que rasga da ciência a tétrica penumbra  
E gera Vítor Hugo, Haeckel e Littré.

É esse o grande — Fiat — que rola no infinito!...  
É esse o palpitar, homérico e bendito,  
De todo o ser que vive, estuda, pensa e lê!...

### O SEU BONÉ *À atriz Adelina Castro*

É um boné ideal, de feltros e de plumas,

Que ela usa agora, assim como um turbante  
Turco, aveludado, doce como algumas  
Nuvens matinais que rolam no levante.

Lembro quando ao vê-lo a rubra Marselhesa,  
Lembro sensações e cousas de prodígio  
E penso que ele tem a máscula grandeza  
Desse sedutor, vital barrete frígio!...

Às vezes meu olhar medindo-lhe o contorno  
E a flácida plumagem que serve-lhe d'adorno,  
— Satânico, voraz, esplêndido de fé!

Exclama num idílio cândido e singelo,  
Por entre as convulsões artísticas do Belo; —  
Oh! tem coração e alma, esse boné!...

(Corte, out. 1883)

**[É UM PENSAR FLAMEJADOR, DARDÂNICO]**

*A Moreira de Vasconcelos*

Na luta dos impossíveis,  
do espírito e da matéria,  
tu és a água sidérea  
dos pensamentos terríveis!

*Do Autor*

É um pensar flamejador, dardânico  
Uma explosão de rápidas idéias,  
Que como um mar de estranhas odisséias  
Saem-lhe do crânio escultural, titânico!...

Parece haver um cataclismo enorme  
Lá dentro, em ânsia, a rebentar, frementel!...  
Parece haver a convulsão potente,  
Dos rubros astros num fragor disforme!...

Hão de ruir na transfusão dos mundos  
Os monumentos colossais, profundos,  
As cousas vãs da brasileira história!

Mas o seu vulto, sobre a luz alçado,  
Oh! há de erguer-se de arrebóis c'roado,  
Como Atalaia nos umbrais da glória!...

(Desterro, 13 jan. 1883)

### OISEAUX DE PASSAGE

Les rêves, les grands rêves que moi toujours adore,  
Les rêves couleur rose, les rêves éclatants;  
Ainsi que les colombes un autre ciel cherchants  
J'ai vu les ailes ouvertes, si belles que l'aurore.

Autour de la nature, autour de la profonde  
Et merveilleuse mère des fleurs, des harmonies,  
Les rêves éblouissants, remplis d'amour et vie,  
Trouvaient de l'espoir le plus doré des mondes.

Hélas!... — mais maintenant, par des chagrins, secrets,  
L'amour, les étoiles et tout ce qu'il nous est  
Chéri — le beau soleil, la lune et les nuages;

Tout fut plongé d'abord' plongé dans le mystère,  
Avec de mon coeur la douce lumière,  
Les rêves de mon âme — uns oiseaux de passage!...

### COLAR DE PÉROLAS

*Ao feliz consórcio dos estimáveis colegas,  
D. Jesuína Leal e Francisco de Castro*

A F'licidade é um colar de pérolas,  
Pérolas caras, de valor pujante,  
Belas estrofes de Petrarca e Dante,  
Mais cintilantes que as manhãs mais cérulas.

Para que enfim esse colar bendito,  
Perdure sempre, inteiramente egrégio,  
Como uma tela do pintor Correggio,  
Sem resvalar no lodaçal maldito;

Faz-se preciso umas paixões bem retas,  
Cheias de uns tons de muito sol — completas...  
Faz-se preciso que do amor na febre,

Nos grandes lances de vigor preclaro,

Desse colar esplendoroso e raro,  
Nem uma pérola, uma só se quebre!...

### SATANISMO

Não me olhes assim, branca Arethusa,  
Peregrina inspiração dos meus cantares;  
Não me deixes a razão vagar confusa  
Ao relâmpago ideal de teus olhares.

Não me olhes, oh! não, porquanto eu penso  
Envolvido no luar das minhas cismas,  
Que o olhar que me dardejas — doido, imenso  
Tem a rápida explosão dos aneurismas.

Não me olhes. Oh! não, que o próprio inferno  
Problemático, fatal, cálido, eterno,  
Nos teus olhos, mulher, se foi cravar!...

Não me olhes, oh! não, que m'entolece  
Tanta luz, tanto sol — e até parece  
Que tens músicas cruéis dentro do olhar!...

### METAMORFOSE

*A Carlos Ferreira*

O sol em fogo pelo ocaso explode  
Nesse estertor, que os crânios assoberba.  
Vivo, o clarão, nuns frocos exacerba  
Dos ideais a original nevrose.

Da natureza os anafis mouriscos  
Ante o cariz da atmosfera muda,  
Soam queixosos, numa nota aguda,  
Da luz que esvai-se aos derradeiros discos.

O pensamento que flameja e luta  
Nos ares rasga aprofundado sulco...  
A sombra desce nos lisins da gruta;

E a lua nova — a peregrina Onfale,  
Como em um plaustro luminoso, hiulco,

Surge através dos pinheirais do vale.

### AURÉOLA EQUATORIAL

*A Teodoro Souto*

Fundi em bronze a estrofe augusta dos prodígios,  
Poetas do Equador, artísticos Barnaves;  
Que o facho — Abolição — rasgando as nuvens graves  
De raios e bulções — triunfa nos litígios!

— O rei Mamoud, o Sol, vibrou p'raquelas bandas  
Do Norte — a grande luz — elétrico, explodindo,  
Assim como quem vai, intrépido, subindo  
À luz da idade nova — em claras propagandas.

— Os pássaros titãs nos seus conciliábulos,  
— Chilreiam, vão cantando em místicos vocábulos,  
Alargam-se os pulmões nevrálgicos das zonas;

Abri alas, abri! — Que em túnica de assombros,  
Irá passar por vós, com a Liberdade aos ombros,  
Como um colosso enorme o impávido Amazonas!

### [ANDA-ME A ALMA INTEIRA DE TAL SORTE]

Anda-me a alma inteira de tal sorte,  
Meus gozos, meu pesar, nos dela unidos  
Que os dela são também os meus sentidos,  
Que o meu é também dela o mesmo norte.

Unidos corpo a corpo — um elo forte  
Nos prende eternamente — e nos ouvidos  
Sentimos sons iguais. Vemos floridos  
Os sons do porvir, em azul coorte...

O mesmo diapasão musicaliza  
Os seres de nós dois — um sol irisa  
Os nossos corações — dá luz, constela...

Anda esta vida, espiritualizada  
Por este amor — anda-me assim — ligada  
A minha sombra com a sombra dela.

### NOIVA E TRISTE

Rola da luz do céu, solta e desfralda  
Sobre ti mesma o pavilhão das crenças,  
Constele o teu olhar essas imensas  
Vagas do amor que no teu peito escalda.

A primorosa e límpida grinalda  
Há de enflorar-te as amplidões extensas  
Do teu pesar — há de rasgar-te as densas  
Sombras — o véu sobre a luzente espalda...

Inda não ri esse teu lábio rubro  
Hoje — inda n'alma, nesse azul delubro  
Não fulge o brilho que as paixões enastra;

Mas, amanhã, no sorridor noivado,  
A vida triste por que tens passado,  
De madressilvas e jasmins se alastra.

### MÃE E FILHO

*Às mães desamparadas*

Jesus, meu filho, o encanto das crianças,  
Quando na cruz, de angústia espedaçado,  
Em sangue casto e límpido banhado,  
Manso, tão manso como as pombas mansas;

Embora as duras e afiadas lanças  
Com que os judeus, tinham, de lado a lado,  
Seu coração puríssimo varado,  
Inda no olhar raiavam-lhe esperanças.

Por isso, ó filho, ó meu amor — se a esmola  
De algum conforto essencial não rola  
Por nós — é força conduzir a cruz!...

Mas, volta ó filho, pesaroso e triste.  
Se a nossa vida só na dor consiste,  
Ah! minha mãe, por que morreu Jesus?...

## **SURDINAS**

*Às raparigas tristes*

Vais partir, vais partir que eu bem te vejo  
Na branca face os gélidos suores,  
Vais procurar as musicas melhores  
Do sol, da glória e do celeste beijo.

Dentro de ti as harpas do desejo  
Não vibram mais — embora que tu chores —  
Nem pelas tuas aflições maiores  
Se escuta um vago e enfraquecido arpejo...

Bem! vais partir, vais demandar esferas  
Amplas de luz, feitas de primaveras,  
Paisagens novas e amplidão florida...

Mas ao chegar-te a lágrima infinita,  
Lembra-te ainda, ó pálida bonita  
De que houve alguém que te adorou na vida.

## **IRRADIAÇÕES**

*Às crianças*

Qual da amplidão fantástica e serena  
À luz vermelha e rútila da aurora  
Cai, gota a gota, o orvalho que avigora  
A imaculada e cândida açucena.

Como na cruz, da triste Madalena  
Aos pés de Cristo, a lágrima sonora  
Caia, rolou, qual bálsamo que irrorra  
A negra mágoa, a indefinida pena...

Caia por vós, esplêndidas crianças  
Bando feliz de castas esperanças,  
Sonhos da estrela no infinito imersos;

Caia por vós, as músicas formosas,  
Como um dilúvio matinal de rosas,  
Todo o luar benéfico dos versos!

## AMBOS

Vão pela estrada, à margem dos caminhos  
Arenosos, compridos, salutareis,  
Por onde, à noite, os límpidos luareis  
Dão às verduras leves tons de arminhos.

Nuvens alegres como os alvos linhos  
Cortam a doce compridão dos ares,  
Dentre as canções e os tropos singulares  
Dos inefáveis, meigos passarinhos.

Do céu feliz na branda curvidade,  
A luz expande a inteira alacridade,  
O mais supremo e encantador afago.

E com o olhar vibrante de desejos  
Vão decifrando os trêmulos arpejos,  
E as reticências que produz o vago.

## OS DOIS

*Aos pobres*

— Minha mãe, minha mãe, quanta grandeza  
Nesses palácios, quanta majestade;  
Como essa gente há de viver, como há de  
Ser grande sempre na feliz riqueza.

Nem uma lágrima sequer — e à mesa  
Dentre as baixelas, dentre a imensidade  
Da prata e do ouro — a azul felicidade  
Dos bons manjares de ótima surpresa.

Nem um instante os olhos rasos d'água,  
Nem a ligeira oscilação da mágoa  
Na vida farta de prazer, sonora.

— Como o teu louco pensamento expandes  
Filho — a ventura não é só dos grandes  
Porque, olha, o mar também é grande e... chora!

## TRISTE

Vai-se extinguindo a viva labareda  
Que te abrasava o coração ridente...  
Passas magoada pela rua e a gente  
Um conversas funerais segreda.

Não tens no olhar o sangue qu'embebeda,  
Foram-se as rosas do viver contente...  
Segues, agora, pobre flor — somente  
Da sepultura a essencial vereda.

E vem chegando o tenebroso inverno...  
Mas nesse mal devorador e eterno,  
Teu organismo já não mais resiste

Às punhaladas da estação de gelo...  
E acabará como eu nem sei dizê-lo,  
Triste, bem triste, pesarosa, triste!

## AOS MORTOS

Oh! não é bom rir-se de um morto — brusca  
Pois deve ser a sensação que aumenta  
Desoladora, vagarosa, lenta  
Da negra morte tétrica velhusca...

Tudo que em vida, como um sol, corusca,  
Que nos aquece, que nos acalenta,  
Tudo que a dor e a lágrima afugenta,  
O olhar da morte nos apaga e ofusca...

Nunca se deve desprezar os mortos...  
Nos regelados e sombrios portos,  
Onde a matéria se transforma e urge

Exuberar na planturosa leiva,  
Vivem os mortos no vigor da seiva,  
Porque dão vida ao que da vida surge!...

## LUAR

Pelas esferas, nuvens peregrinas,  
Brandas de toques, encaracoladas,  
Passam de longe, tímidas, nevadas,  
Cruzando o azul sereno das colinas.

Sombras da tarde, sombras vespertinas  
Como escumilhas leves, delicadas,  
Caem da serra oblonga nas quebradas,  
Vão penumbrando as coisas cristalinas.

Rasga o silêncio a nota chã, plangente,  
Da Ave-Maria, — e então, nervosamente,  
Nuns inefáveis, espontâneos jorros

Esbate o luar, de forma admirável,  
Claro, bondoso, elétrico, saudável,  
Na curvilínea compridão dos mortos.

## MOCIDADE

Ah! esta mocidade! — Quem é moço  
Sente vibrar a febre enlouquecida  
Das ilusões, da crença mais florida  
Na muscular artéria de Colosso...

Das incertezas nunca mede o poço...  
Asas abertas — na amplidão da vida,  
Páramo a dentro — de cabeça erguida,  
Vê do futuro o mais alegre esboço...

Chega a velhice, a neve das idades  
E quem foi moço, volve, com saudades,  
Do azul passado, o fúlgido compêndio...

Ai! esta mocidade palpitante,  
Lembra um inseto de ouro, rutilante,  
Em derredor das chamas de um incêndio!

## SONETO

Vão-se de todo os pardacentos nimbos...  
Chovem da luz as nítidas faíscas  
E no esplendor de irradiações mouriscas,  
Abrem-se as flores em gentis corimbos.

Muito mais lestras do que amigos fimbros,  
Do Azul cortando as bordaduras priscas,  
Pombas do mato esvoaçando, ariscas,  
Do céu se perdem nos profundos limbos.

A natureza pulsa como a forja...  
Pássaros vibram no clarim da gorja,  
As retumbantes, fortes clarinadas.

A grande artéria dos assombros pula...  
E do oxigênio, a força que regula  
Enche os pulmões a largas baforadas.

## CEGA

Parece-me que a luz imaculada  
Que vem do teu olhar, todo doçuras,  
Não verte no meu ser aquelas puras  
Delícias de outra era já passada.

Eu creio que essa pálpebra adorada  
Não mais um flóreo empíreo de venturas  
Descobre-me — na noite de amarguras,  
De dúvidas intérminas cortada.

Não olhas como olhavas, rindo, outrora,  
Não abres a pupila, como a aurora  
Nascendo, abre, feliz, radiosa e calma.

A sombra, nos teus olhos, funda, existe!...  
Tu'alma deve ser bem negra e triste  
Se os olhos são, decerto, o espelho d'alma.

(A) ERMIDA

Lá onde a calma e a placidez existe,  
Sobre as colinas que o vergel encobre,  
Aquela ermida como está tão pobre,  
Aquela ermida como está tão triste.

A minha musa, sem falar, assiste,  
Do meio-dia ante o aspecto nobre,  
O vago, estranho e murmurante dobre  
Daquela ermida que aos trovões resiste

E às gargalhadas funéreas, sombrias  
Dos crus invernos e das ventanias,  
Do temporal desolador e forte.

Daquela triste esbranquiçada ermida,  
Que me recorda, me parece a vida  
Jogada às magoas e ilusões da sorte.

#### ÁGUA-FORTE

Do firmamento azul e curvilíneo  
Cai, fecundando as trêmulas raízes  
Dos laranjais, dos pâmpanos, das lises,  
A luz do sol procriador, sanguíneo.

Pelo caminho agreste e retilíneo,  
Da tarde aos brandos, triunfais matizes,  
A criançada, a chusma dos felizes,  
Esse de auroras perfumado escrínio,

Volta da escola, rindo muito, aos saltos,  
Trepando, em bulha, aos árvoredos altos  
Enquanto o sol desce os outeiros longos...

Vai dentre alados madrigais risonhos,  
Do abecedário juvenil dos sonhos,  
A soletrar os principais ditongos.

#### ALMA QUE CHORA

*A João Saldanha*

Em vão do Cristo os olhos dulçurosos

Onde há o sol do bem e da verdade,  
Cheios da luz eterna de saudade,  
Como dois mansos corações piedosos,

Em vão do Cristo os olhos lacrimosos  
E aquela doce e pura suavidade  
Do seu semblante, casto, de bondade,  
Cor do luar dos sonhos venturosos,

Servem de exemplo à dor escruciante  
Que te apunhala e fere a cada instante,  
A punhaladas ríspidas, austeras!

Viste partir a tua irmã, ai, viste,  
Como num céu enevoadado e triste  
O bando azul das fúlgidas quimeras...

#### **CHUVA DE OURO**

A Rainha desceu do Capitólio  
Agora mesmo — vede-lhe o regaço...  
Como tem flores, como traz o braço  
Farto de jóias, como pisa o sólio

Triunfantemente, numa unção, num óleo  
Mais santo e doce que essa luz do espaço...  
E como desce com bravura de aço...  
Pois se a Rainha, como um rico espólio,

O seu brioso coração foi dando  
Aos pobrezinhos, que inda estão gozando  
Bênçãos mais puras qu'os clarões diurnos,

Por certo que há de vir descendo a escada  
Do Capitólio da virtude — olhada  
Pelos albergues infantis, noturnos!

#### **PRIMAVERA A FORA**

Escute, excelentíssima: — Que aragens  
Traz do arvoredo a fresca romaria;  
Como este sol é rubro de alegria,

Que tons de luz nas límpidas paisagens.

Pois beba este ar e goze estas viagens  
Das brancas aves, sinta esta harmonia  
Da natureza e deste alegre dia  
Que resplandece e ri-se nas ervagens.

Deixe lá fora estrangular-se o mundo...  
Encare o céu e veja este fecundo  
Chão que produz e que germina as flores.

Vamos, senhora, o braço à primavera,  
E numa doce música sincera,  
Cante a balada eterna dos amores...

#### 25 DE MARÇO

*Em Pernambuco para o Ceará*

A província do Ceará, sendo berço de Alencar e  
Francisco Nascimento — o dragão do mar — é  
consequentemente a mãe da literatura e a mãe da  
humanidade.

Bem como uma cabeça inteiramente nua  
De sonhos e pensar, de arroubos e de luzes,  
O sol de surpresa esconde-se, recua,  
Na órbita traçada — de fogo dos obuses.

Da enérgica batalha estóica do Direito  
Desaba a escravatura — a lei cujos fossos  
Se ergue a consciência — e a onda em mil destroços  
Resvala e tomba e cai o branco preconceito.

E o Novo Continente, ao largo e grande esforço  
De gerações de heróis — presentes pelo dorso  
À rubra luz da glória — enquanto voa e zumbe

O inseto do terror, a treva que amortalha,  
As lágrimas do Rei e os bravos da canalha,  
O velho escravagismo estéril que sucumbe.

(Recife, 1885)

### NINHO ABANDONADO

*À distinta família Simas, pela morte de seu chefe,  
o Ilmo. Sr. João da Silva Simas*

O vosso lar harmônico e tranqüilo  
Era um ninho de luz e de esperanças  
Que como abelhas iriadas, mansas,  
Nos vossos corações tinham asilo.

Havia lá por dentro tanta crença  
E tanto amor puríssimo, cantando,  
Que parecia um largo sol faiscando  
Por majestosa catedral imensa.

Agora o ninho está desamparado!  
Sumiu-se dele o pássaro adorado,  
O mais ideal dos pássaros do ninho.

Não se ouve mais a música sonora  
Da sua voz — dentro do ninho, agora,  
Paira a saudade como um bom carinho.

### CRENÇA

Filha do céu, a pura crença é isto  
Que eu vejo em ti, na vastidão das cousas,  
Nessa mudez castíssima das lousas,  
No belo rosto sonhador do Cristo.

A crença é tudo quanto tenho visto  
Nos olhos teus, quando a cabeça pousas  
Sobre o meu colo e que dizer não ousas  
Todo esse amor que eu venço e que conquisto.

A crença é ter os peregrinos olhos  
Abertos sempre aos ríspidos escolhos;  
Tê-los à frente de qualquer farol

E conservá-los, simplesmente acesos  
Como dois fochos — engastados, presos  
Nas radiações prismáticas do sol!

**CRISTO E A ADÚLTERA**  
*Grupo de Bernardelli*

Sente-se a extrema comoção do artista  
No grupo ideal de plácida candura,  
Nesse esplendor tão fino da escultura  
Para onde a luz de todo o olhar enrista.

Que campo, ali, de rútila conquista  
Deve rasgar, do mármore na alvura,  
O estatuário — que amplidão segura  
Tem — de alma e braço, de razão e vista!

Vê-se a mulher que implora, ajoelhada,  
A mais serena compaixão sagrada  
De um Cristo feito a largos tons gloriosos.

De um Nazareno compassivo e terno,  
D'olhos que lembram, cheios de falerno,  
Dois inefáveis corações piedosos!

**ÊXTASE DE MÁRMORE**  
*À grande atriz Apolônia*

O mármore profundo e cinzelado  
De uma estátua viril, deliciosa;  
Essa pedra que geme, anseia e goza  
Num misticismo altíssimo e calado;

Essa pedra imortal — campo rasgado  
A comoção mais íntima e nervosa  
Da alma do artista, de um frescor de rosa,  
Feita do azul de um céu muito azulado;

Se te visse o clarão que pelos ombros  
Teus, rola, cai, nos múltiplos assombros  
Da Arte sonora, plena de harmonia;

O mármore feliz que é muito artista  
Também — como tu és — à tua vista  
De humildade e ciúme, coraria!

## INVERNO

Amanheceu — no topo da colina  
Um céu de madrepérola se arqueia  
Limpo, lavado, reluzindo — ondeia  
O perfume da selva esmeraldina.

Uma luz virginal e cristalina,  
Como de um rio a transbordante cheia,  
Alaga as terras culturais e arrega  
De pingos d'ouro os verdes da campina.

Um sol pagão, de um louro gema d'ovo,  
Já tão antigo e quase sempre novo,  
Surge na frígida estação do inverno.

— Chilreiam muito em árvores frondosas  
Pássaros — fulge o orvalho pelas rosas  
Como o vigor no espírito moderno.

## FALANDO AO CÉU

Falas ao Céu, Amor! Em vão tu falas!  
Mas o Céu, esse é velho, esse é velhinho,  
Todo ele é branco, faz lembrar o linho  
Dos leitos alvos onde tu te embalas.

A alma do Céu é como velhas salas  
Sem ar, sem luz, como lares sem vinho,  
Sem água e pão, sem fogo e sem carinho,  
Sem as mais toscas, as mais simples galas.

Sempre surdo, hoje o céu é mudo, é cego...  
Jamais o coração ao céu entrego,  
Eu que tão cego vou por entre abrolhos.

Mas se o queres tornar jovem e louro  
Dá-lhe o bordão do teu amor um pouco,  
Fala e vista, com a vida dos teus olhos...

## GLORIOSA

*A Araújo Figueredo*

Pomba! dos céus me dizes que vieste,  
Toda c'roadada de astros e de rosas,  
Mas há regiões mais que essas luminosas.  
Não, tu não vens da região celeste

Há um outro esplendor em tua veste,  
Uma outra luz nas tranças primorosas,  
Outra harmonia em teu olhar — maviosas  
Cousas em ti que tu nunca tiveste.

Não, tu não vens das célicas planuras,  
Do Éden que ri e canta nas alturas  
Como essa voz que dos teus lábios tomba.

Vens de mais longe, vens doutras paragens,  
Vens doutros céus de místicas celagens,  
Sim, vens de sóis e das auroras, pomba.

## O CHALÉ

É um chalé luzido e aristocrático,  
De fulgurantes, ricos arabescos,  
Janelas livres para os ares frescos,  
Galante, raro, encantador, simpático.

O sol que vibra em rubro tom prismático,  
No resplendor dos luxos principescos,  
Dá-lhe uns alegres tiques romanescos,  
Um colorido ideal silforimático.

Há um jardim de rosas singulares,  
Lírios joviais e rosas não vulgares,  
Branças e azuis e roxas purpúreas.

E a luz do luar caindo em brilhos vagos,  
Na placidez de adormecidos lagos  
Abre esquisitas radiações sulfúreas.

## DELÍRIO DO SOM

O Boabdil mais doce que um carinho,  
O teu piano ebúrneo soluçava,  
E cada nota, amor, que ele vibrava,  
Era-me n'alma um sol desfeito em vinho.

Me parecia a música do arminho,  
O perfume do lírio que cantava,  
A estrela-d'alva que nos céus entoava  
Uma canção dulcíssima baixinho.

Incomparável, teu piano — e eu cria  
Ver-te no espaço, em fluidos de harmonia,  
Bela, serena, vaporosa e nua;

Como as visões olímpicas do Reno,  
Cantando ao ar um delicioso treno  
Vago e dolente, com uns tons de lua.

## ILUSÕES MORTAS

*A Virgílio Várzea*

Os meus amores vão-se mar em fora,  
E vão-se mar em fora os meus amores,  
A murchar, a murchar, como essas flores  
Sem mais orvalho e a doce luz da aurora.

E os meus amores não virão agora,  
Não baterão as asas multicores,  
Como aves mansas — dentre os esplendores  
Do meu prazer, do meu prazer de outrora.

Tudo emigrou, rasgando a esfera branca  
Das ilusões, — tudo em revoada franca  
Partiu — deixando um bem-estar saudoso

No fundo ideal de toda a minha vida,  
Qual numa taça a gota indefinida  
De um bom licor antigo e saboroso.

### O SONHO DO ASTRÓLOGO

As fulgurosas, rútilas estrelas  
Como mundos de mundos seculares,  
Formando uns arquipélagos, uns mares  
De luz — como eu deslumbro o olhar ao vê-las.

Ah! se como eu sei compreendê-las,  
Sentir-lhes os seus filtros salutareos,  
Pudesse, da amplidão fria dos ares  
Arrancá-las, na mão sempre trazê-las;

Que vagalhões de assombros palpitantes  
Não me viriam perpassar, faiscantes,  
Dentro do ser, nuns doutros murmúrios.

Eu saberia muito mais a causa  
Da evolução que nunca teve pausa,  
Que é uma audácia transbordando em rios.

### CRISTO

Cristo morreu, ó tristes criaturas,  
Era matéria como vós, morreu;  
E quando à noite sepulcral desceu  
Gelou com ele o oceano das ternuras.

Nunca outro sol de irradiações mais puras  
Subiu tão alto e tanto resplendeu,  
Nunca ninguém tão firme combateu  
Da humanidade todas as torturas.

Morreu, que se ele, o Deus, ressuscitasse,  
Limpa de sangue e lágrimas a face,  
Os seus olhos tranqüilos, virginais,

Dons inefáveis, corações piedosos,  
Tinham de abrir-se muito dolorosos,  
Também chorando quando vós chorais!

### FRUTAS DE MAIO

Maio chegou — alegre e transparente,  
Cheio de brilho e música nos ares,  
De cristalinos risos salutares,  
Frio, porém, ó gota alvinitente.

Corre um fluido suave e odorescente  
Das laranjeiras, como dos altares  
O incenso — e, como a gaze azul dos mares,  
Leve — há por tudo um beijo, docemente.

Isto bem cedo, de manhã — adiante  
Pela tarde um sol calmo, agonizante,  
Põe no horizonte resplendentes franjas.

Há carinhos, da luz em cada raio,  
Filha — e eu que adoro este frescor de maio  
Muito, mas muito — trago-te laranjas.

#### ETERNO SONHO

*Quelle est donc cette femme?  
Je ne comprendra pas.  
Félix Arvers*

Talvez alguém estes meus versos lendo  
Não entenda que amor neles palpita,  
Nem que saudade trágica, infinita  
Por dentro deles sempre está vivendo.

Talvez que ela não fique percebendo  
A paixão que me enleva e que me agita,  
Como de uma alma dolorosa, aflita  
Que um sentimento vai desfalecendo.

E talvez que ela ao ler-me, com piedade,  
Diga, a sorrir, num pouco de amizade,  
Boa, gentil e carinhosa e franca:

— Ah! bem conheço o teu afeto triste...  
E se em minha alma o mesmo não existe,  
É que tens essa cor e é que eu sou branca!

## IMPASSÍVEL

Teu coração de mármore não ama  
Nem um dia sequer, nem um só dia.  
Essa inclemente natureza fria  
Jamais na luz dos astros se derrama.

Mares e céus, a imensidade clama  
Por esse olhar d'estrelas e harmonia,  
Sem uma névoa de melancolia,  
Do amor nas pompas e na viva chama.

A Imensidade nunca mais quer vê-lo,  
Indiferente às comoções, de gelo  
Ao mar, ao sol, aos roseirais de aromas.

Ama com o teu olhar, que a tudo encantas,  
Ou sê antes de pedra, como as santas,  
Mudas e tristes dentro das redomas.

## SONETOS

Do som, da luz entre os joviais duetos,  
Como uma chusma alada de gaivotas,  
Vindos das largas amplidões remotas,  
Batem as asas todos os sonetos.

Vão — por estradas, por difíceis rotas,  
Quatorze versos — entre dois quartetos  
E duas belas e luzidas frotas  
Rijas, seguras, de mais dois tercetos.

Com a brunida lâmina da rima,  
Vão céus radiosos, horizontes acima,  
Pelas paragens límpidas, gentis,

Atravessando o campo das quimeras,  
Aberto ao sol das flóreas primaveras,  
Todo estrelado de áureos colibris.

*TO SLEEP, TO DREAM*

Dormir, sonhar — o poeta inglês o disse...  
Ah! Mas se a gente nunca mais sonhasse  
Ah! Mas se a gente nunca mais dormisse  
E as ilusões não mais acalentasse?

E o que importava que o futuro risse  
De um visionário que tal cousa ideasse;  
Se não seria o único que abrisse  
Uma exceção da vida humana à face?...

Se os imortais filósofos modernos  
Que derrubaram todos os infernos,  
Que destruíram toda a teogonia.

Orientando a triste humanidade,  
Deixaram, mais e mais, a piedade  
Inteiraente desolada e fria?

#### **VISÃO MEDIEVA**

Quando em outras remotas primaveras,  
Na Idade Média, sob fuscas tetos,  
Dois amantes passavam, mil aspectos  
Tinham aquelas medievais quimeras.

Nas armaduras rígidas e austeras,  
Na aérea perspectiva dos objetos  
Andavam sonhos e visões, diletos  
Segredos mortos nas extintas eras.

O fantasma do amor pelos castelos  
Mudo vagava entre os luars belos,  
Dos corredores nas paredes frias.

Não raro se escutava um som de passos,  
Rumor de beijos, frêmito de abraços  
Pelas caladas, fundas galerias.

#### **RECORDAÇÃO**

Foi por aqui, sob estes arvoredos,  
Sob este doce e plácido horizonte,

Perto da clara e pequenina fonte  
Que murmura lá baixo os seus segredos...

Recordo bem todos os cantos ledos  
Da passarada — e lembro-me da ponte  
Por sobre a qual via-se além, defronte,  
O mar azul batendo nos penedos.

Sinto a impressão ainda da paisagem,  
Do trêmulo [...] da folhagem,  
Das culturas rurais, do sítio agreste.

A luz do dia vinha então morrendo...  
Foi por aqui que eu pude ficar crendo  
O quanto pode o teu olhar celeste.

#### **ROMA PAGÃ**

Na antiga Roma, quando a saturnal fremente  
Exerceu sobre tudo o báquico domínio,  
Não era raro ver nos gozos do triclínio  
A nudez feminina imperiosa e quente.

O corpo de alabastro, olímpico e fulgente,  
Lascivamente nu, correto e retilíneo,  
Num doce tom de cor, esplêndido e sangüíneo,  
Tinha o assombro da carne e a forma da serpente.

A luz atravessava em frocos d'oiro e rosa  
Pela fresca epiderme, ebúrnea e cetinosa,  
Macia, da maciez dulcíssima de arminhos.

Menos raro, porém, do que a nudez romana  
Era ver borbulhar, em férvida espadana  
A púrpura do sangue e a púrpura dos vinhos.

#### **ESPIRITUALISMO**

Ontem, à tarde, alguns trabalhadores,  
Habitantes de além, de sobre a serra,  
Cavavam, revolviam toda a terra,  
Do sol entre os metálicos fulgores.

Cada um deles ali tinha os ardores  
De febre de lutar, a luz que encerra  
Toda a nobreza do trabalho e — que erra  
Só na cabeça dos conspiradores,

Desses obscuros revolucionários  
Do bem fecundo e cultural das leivas  
Que são da Vida os maternais sacrários.

E pareceu-me que do chão estuante  
Vi porejar um bálsamo de seivas  
Geradoras de um mundo mais pensante.

#### ALMA ANTIGA

Põe a tua alma francamente aberta  
Ao sol que pelos páramos faísca,  
Que o sol para a tua alma velha e prisca  
Deve de ser como um clarim de alerta.

Desperta, pois, por entre o sol, desperta  
Como de um ninho a pomba quente e arisca  
À luz da aurora que dos altos risca  
De listrões d'ouro a vastidão deserta.

Vai por abril em flores gorjeando  
Como pássaro êxul as canções leves  
Que os ventos vão nas árvores deixando.

E tira da tua alma, ó doce amiga,  
Almas serenas, puras como a neve,  
Almas mais novas que a tua alma antiga!

#### A PARTIDA

Partimos muito cedo — A madrugada  
Clara, serena, vaporosa e fresca,  
Tinha as nuances de mulher tudesca  
De fina carne esplêndida e rosada.

Seguimos sempre afora pela estrada

Franca, poeirenta, alegre e pitoresca,  
Dentre o frescor e a luz madrigalesca  
Da natureza aos poucos acordada.

Depois, no fim, lá de algum tempo — quando  
Chegamos nós ao termo da viagem,  
Ambos joviais, a rir, cantarolando,

Da mesma parte do levante, de onde  
Saímos, pois, faiscava na paisagem  
O sol, radioso e altivo como um conde.

#### CANÇÃO DE ABRIL

Vejo-te, enfim, alegre e satisfeita.  
Ora bem, ora bem! — Vamos embora  
Por estes campos e rosais afora  
De onde a tribo das aves nos espreita.

Deixa que eu faça a matinal colheita  
Dos teus sonhos azuis em cada aurora,  
Agora que este abril nos canta, agora,  
A florida canção que nos deleita.

Solta essa fulva cabeleira de ouro  
E vem, subjuga com teu busto louro  
O sol que os mundos vai radiando e abrindo.

E verás, ao raiar dessa beleza,  
Nesse esplendor da virgem natureza,  
Astros e flores palpitando e rindo.

#### O MAR

Que nostalgia vem das tuas vagas,  
Ó velho mar, ó lutador Oceano!  
Tu de saudades íntimas alagas  
O mais profundo coração humano.

Sim! Do teu choro enorme e soberano,  
Do teu gemer nas desoladas plagas  
Sai o [...] que é, rude sultão ufano,

Que abre nos peitos verdadeiras chagas.

Ó mar! ó mar! embora esse eletrismo,  
Tu tens em ti o gérmen do lirismo,  
És um poeta lírico demais.

E eu para rir com humor das tuas  
Nevroses colossais, bastam-me as luas  
Quando fazem luzir os seus metais...

### [BRANCAS APARIÇÕES, VISÕES RENANAS]

Branças Aparições, Visões renanas,  
Imagens dos Ascetas peregrinos,  
Hinos nevoentos, neblinosos hinos  
Das brumosas igrejas luteranas.

Vago mistério das regiões indianas,  
Sonhos do Azul dos astros cristalinos,  
Coros de Arcanjos, claros sons divinos  
Dos Arcanjos, nas tiorbas soberanas.

Tudo ressurge na minh'alma e vaga  
Num fluido ideal que me arrebatava e alaga,  
No abandono mais lânguido mais lasso...

Quando lá nos sacrários do Cruzeiro  
A lua rasga o trêmulo nevoeiro,  
Magoada de vigílias e cansaço...

### GUERRA JUNQUEIRO

Quando ele do Universo o largo supedâneo  
Galgou como os clarões — quebrando o que não serve,  
Fazendo que explodissem os astros de seu crânio,  
As gemas da razão e os músculos da verve;

Quando ele esfuziou nos páramos as trompas,  
As trompas marciais — as liras do estupendo,  
Pejadas de prodígios, assombros e de pompas,  
Crescendo em projeções, crescendo e recrescendo;

Quando ele retesou os nervos e as artérias  
Do verso orbicular — rasgando das misérias  
O ventre do Ideal na forte hematênese.

Clamando — é minha a luz, que o século propague-a,  
Quando ele avassalou os píncaros da águia  
E o sol do Equador vibrou-lhe aquelas teses!

(DIVERSAS MÉTRICAS)

AWAY!

*A meu distinto amigo e talentoso jovem  
José Arthur Boiteux*

*O livro, esse audaz guerreiro,  
Que conquista o mundo inteiro,  
Sem nunca ter Waterloo!...  
Castro Alves*

Avante, sempre, nessa luz serena,  
Empunha a pena, sem temor, com fé!...  
Eleva às turbas as idéias d'ouro,  
Que um tesouro tua frente é!...

Eia, caminha nessa senda nobre,  
Na pátria pobre, no teu berço aqui!...  
Prossegue altivo, sem parar, constante,  
Faz-te gigante, diz depois — Venci!...

Ala-te à glória num voar titânio,  
Burila o crânio de fulgor sem fim!...  
E entre o livro d'imortais perfumes  
Calca os ciúmes d'imbecil Caim!

Imita os grandes, incansáveis vultos  
Que lá sepultos no pó negro estão!...  
Anda, romeiro dos vergéis divinos,  
Mergulha em hinos a gentil razão!

Estás na quadra radiante e linda,  
É cedo ainda para enfim descer!  
És jovem... pensas... és portanto um bravo  
Ser ignavo... é sucumbir... morrer!

Vamos, caminha, mesmo embora exangue  
Da frente o sangue vá rolar-te aos pés!  
Agita a alma qual febris as vagas,  
Que dessas chagas brotarão lauréis!

Além do livro, colossal, enorme,  
Que nunca dorme perscrutando os céus!.  
Acima dele supernal, potente  
Está somente, tão-somente Deus!

Vai! ... vai rasgando, percorrendo os ares,  
Novos palmares, meu gentil condor!  
Depois de teres pedestal seguro  
Lá do futuro te erguerás senhor!...

Qual Ney ousado que, ao vibrar da lança,  
Nutre esperança de ganhar, vencer,  
Assim co'a idéia vai lutar, trabalha,  
Vence a batalha do dinal saber.

Eia que sempre na Brasília história  
De alta glória colherás o jus!...  
O livro augusto do porvir descerra,  
Sê desta terra precursor da luz!!!

## POESIA

*C'est la musique la poesie de l'âme;  
et la gloire est Dieu, ce sont les  
deux choses les plus charmantes, les  
plus belles, les plus grandes de la vie!*  
*Do Autor*

Da música escutando preclaras harmonias  
Vendo em cada lábio brilhar ledos sorrisos  
Vendo luz e flores e tanto entusiasmo  
Julguei-me transportado ao célico Paraíso!

Foi sonho na verdade — mas hoje realizado  
Vos dá, distintos sócios, venturas mais de mil,  
A vós que à frente tendo Penedo, grande, forte,  
Subis, alistridente, qual ave mais gazil!

E quando executais as vossas belas peças  
As notas quais gemidos vagam n'ampidão

Parece que o infinito derrama sobre vós  
Centelhas sublimadas só d'inspiração!

Da arte de Mozart vós sois grandes romeiros  
Lutais como nas vagas o triste palinuro,  
Os olhos tendes fitos na glória que dá brilho  
No livro tricolor e ovante do futuro!

Hoje que os sorrisos assomam em vossos lábios  
Que da “Guarani” alçais áureo pendão,  
Eu humilde e fraco — com flores inodoras  
Somente aqui vos venho fazer uma ovação!

Quando há só coragem, força, intrepidez  
Quando se alimenta no peito divo ardor,  
O homem não recua, caminha p'ro progresso  
Co'a frente sempre erguida, sem ter menor temor,

Sem ter algum trabalho jamais s'alcança trono  
Sem ter valor e força jamais se tem lauréis  
P'ra vossa grande glória, além do grã futuro  
Deus já tem erectos milhares de dosséis!

Mas dentre vós vulto sereno se destaca  
Qual Rodes portentoso, imenso, verdadeiro  
Que nunca recuou sequer um só momento  
Que sempre em trabalhar foi pronto companheiro!

É este vosso sócio, digno diretor  
Que forte não pensou jamais em recuar!  
É José Gonçalves — águia valorosa  
A quem, altivamente, eu ousou aqui louvar!

Vencendo mil tropeços, altiva os derribando  
A bela “Guarani” se mostra triunfante,  
Foi como esses heróis — na mão sustenta o gládio  
— O gládio da vitória serena e radiante!

Portanto erguei ridente a frente ao infinito!  
Erguei ó grandes bravos a frente toda luz!  
Eia, a senda é bela, sublime, é grandiosa  
Avante pois ness'arte, avante, avante, sus!

E agora concluindo palavras pobrezinhas  
Que eu pronunciar humilde vim aqui,  
Saúdo fervoroso — do imo de minh'alma  
A essa tão gentil, simpática “Guarani”!

## SAUDAÇÃO

Qual o que não exulta ao ler uma epopéia!  
Qual o que a ver dor não lhe estremece o crânio,  
Em confusões cruéis?!  
Qual o que tem fresca, sublime, pronta a idéia,  
E do altar da caridade no supedâneo,  
Não deixa alguns lauréis?!

*Do Autor*

Ontem, grande desgraça  
Que o povo se abraça  
D'Itajaí em geral!  
Ontem, o cetro divino  
Que se tornando ferino  
Tudo esmaga afinal!

Ontem, prantos e dor. . .  
Grandes gritos d'horror...  
A fatal confusão!  
Ontem, lampas perdidas  
De centenas de vidas,  
Que nas águas lá vão!

Ontem, negras as vagas,  
Os belos céus, essas plagas,  
— Onde existe o Senhor!  
Ontem, — fatalidade!  
A pobrezinha cidade  
Toda envolta em negror!

Hoje, oh! Deus sempiterno!  
— O teu gládio superno  
De bonança a irradiar,  
Veio ao povo esmagado  
Ao tredo peso do fado  
Fazer do caos ressurgir!

Hoje, o íris brilhante  
Lá nos céus, radiante,  
Já se faz divulgar!  
E todo o povo prostrado  
Te agradece arroubado  
Mas ainda a chorar!

.....

E corações caridosos  
Farão a dar pressurosos  
Os seus globos gentis!  
Dai! é doce a esmola!  
Ela aos pobres consola,  
Torna-os ledos, gazis!

A miséria chorava  
Em delírio bradava  
Por um pouco de pão!  
E eles foram dizendo  
— Ide, pois vos mantendo,  
Aqui tendes a mão!

.....  
E vós — lá no tablado,  
O mor rasgo, elevado,  
De fazer acabais!  
É um rasgo de glória  
De brilhante memória  
Pros vindouros anais!

Vós fazeis do cenário  
Um dinal santuário  
Trabalhando p'ra pobres!  
Mostrais bem que nas almas  
Possuís celsas palmas  
De ações muito nobres!

P'ra louvar amadores,  
Tantas lutas, labores,  
Tanta excelsa virtude!  
Ah! me falta uma lira  
Que um poema desfira...  
Ai! me falta alaúde!

Só Deus pode dar louros  
De mil glórias, tesouros,  
Como vós mereceis!  
Pois que feitos tão divos,  
Tão imensos, altivos  
Só d'heróis ou de reis!

Amadores briosos!  
Vós sois tão valorosos  
Qual os bravos na guerra!  
Sois os nautas valentes  
Socorrendo ridentes  
Quem cá gema na terra!

Amor, Deus, Caridade  
— É a sublime trindade  
Radiante de Luz!  
Donde vós, amadores,  
Lá colheis os fulgores,  
De mil graças a flux!

(Desterro, 14 nov. 1880)

### A IMPRENSA

A Imprensa é brilhante como  
o meteoro, sublime como os  
arrebóis do cerúleo infinito!

*Do Autor*

A lâmpada gigantesca  
Das glórias do porvir,  
Turíbulo majestoso  
No mundo a irradiar,  
É a imprensa tesouro  
E c'roa de verde louro  
À frente do escritor!  
É centelha sublimada  
Que vem do céu arrojada  
À treva dando fulgor!

— O homem nasceu pequeno  
Mas com as letras cresceu  
Foi como o vulto de Rodes  
Que lá tão alto s'ergueu!  
Foi preciso — estudando  
Co'a própria idéia lutando  
Mergulhar-se na luz!  
Foi preciso ter glória,  
Brilhante, leda memória,  
Colher renomes a flux!

Foi preciso mil lutas  
Mil labores insanos  
P'ra descobrir nesses mundos  
Da diva luz os arcanos!  
Foi preciso que um bravo  
Não mostrando-se ignavo

Mas inspirado por Deus!  
A pedra bruta talhasse  
E a luz então derramasse  
Qual seiva santa dos Céus!

Foi preciso os séculos  
Ainda um pouco nas trevas  
Erguessem as fronteiras bem alto  
E devastassem mil selvas!  
Foi preciso que o mundo  
Sentisse abalo profundo  
Ao desvendar-se o saber!  
Foi preciso que os entes  
Ou se erguessem potentes  
Ou tombassem a morrer!

Mas não! — o homem ergueu-se,  
Quase, quase com Deus  
Tirou a fronte da treva  
E só pregou-a nos Céus!  
Viu o futuro de louros  
E quis colher os tesouros  
Que dão renome sem fim!  
Sonhou, sonhou co' a vitória  
E o gládio teve da glória  
Qual o grão Bernardim!

O homem, gênio sublime,  
Caminha, com seu bordão  
Até achar o brilhante  
A luz, a luz da razão!  
Tropeça um pouco, se tomba  
Ergue-se, voa qual pomba  
E indo a luz descobrir,  
Busca ouvir no infinito  
Do eco ao longe este grito:  
Trabalha para o porvir!

Quando os povos modernos,  
Sentirem no coração  
Uma ardente centelha  
Que caia lá d'amplidão!  
Deixarão esses vícios,  
Insanos, negros, fictícios  
Que dão só noite ao viver!  
E irão curvados a ela  
Depor-lhe verde capela  
Farão então por crescer!

Camões, Milton, Abreu,  
Já da vida sem lampas,  
Erguei-vos crânios altivos  
Espedaçai essas campas!  
Dizei — se o homem caminha  
Se na treva definha  
A quem se deve louvar?!...  
S'as letras seguem ovantes  
Dizei ó nobres gigantes  
A quem se ergue alçar?!...

E Guttemberg esse herói,  
Essa vergôntea dinal,  
Que co'escopro na destra!  
Foi das letras fanal!  
Ao descobrir a imprensa  
Essa epopéia imensa  
Para toda a nação,  
Com glória ingente sonhava  
Na luz por certo nadava  
Já tinha os louros na mão!

(Desterro, 21 nov. 1880)

#### VERSOS

Admirai Carrara, Canova, Rafael,  
Murillo, Mozart e Verdi e tereis  
as sublimes, mais que sublimes,  
as divinas encarnações da arte!

*Do Autor*

Bravo, prole bendita  
Pois à glória infinita  
O lutar vos conduz!  
É assim — trabalhando  
Sempre e sempre estudando  
Que se alcança mais luz!

Contemplai estas flores  
Estes tantos labores  
Contemplai o painel!  
Repetindo orgulhosos  
Estes feitos briosos

São dum belo pincel!

Eia, jovens, avante!  
Ser artista é brilhante,  
Trabalhar é uma lei!  
Não são só os c'roados  
Que merecem em brados  
Ter as honras de rei!

O artista qu'è pobre  
É tão rico, é tão nobre  
Qual potente César!  
E a glória bem cedo  
Lhe murmura o segredo  
— És artista — és sem par!

Não temais os pampeiros  
Sois gentis brasileiros  
Deveis pois progredir!  
Quem vos traça na história  
Vossa augusta memória  
É um deus — o Porvir!

Levantai-vos potentes  
Altanados, ingentes  
E fazei-vos Criseus!  
Só quem pode vergar-vos  
E pensar obumbrar-vos  
Mais ninguém — é só Deus!

Não fiquéis ignavos  
Que o futuro dá bravos  
Vos dizendo — estudaí!  
Sois humanos — portanto  
Se há de trevas um manto  
Apressai-vos, rasgai!

Nossa pátria querida  
Necessita mais vida,  
Necessita crescer!  
É preciso contudo  
Que tenhais como escudo  
Quem vos mostra o saber!

E de obreiros altivos,  
Que sereis redivivos  
Que sereis imortais,  
Achareis vossos nomes

Vossos grandes renomes  
Nas mansões divinais!

Perdoai-me estas flores  
Que tão murchas, sem cores  
Nada podem valer!  
São ofertas sinceras  
Arrancadas deveras  
Para vir vos trazer!

Palinuros — à frente  
Esse trilho é ridente  
Dás-vos honra, louvor!  
Quem o braço vos guia  
Nunca, nunca entibia —  
— É artista... e pintor!

É a vós a quem falo  
E se hoje eu não calo  
Estas vãs expressões!  
É que a louca alegria  
Em minh'alma irradia  
Com fulgentes clarões!

O trabalho enobrece  
Glorifica, engrandece  
Aos artistas quais vós!  
Que zombando da sorte  
Têm a tela por norte  
Os pincéis por faróis!

Eia! nessa carreira  
Qual a nau sobranceira  
Indo o mar a fender!  
Quando há negros abrolhos,  
Mil cachopos, escolhos  
É mais belo o vencer!

Se o lutar é dos grandes  
Que são gêmeos dos Andes  
Que não sabem tombar!  
Colhereis uma glória  
Mais suprema memória,  
Trabalhando, a lutar!

Deus, o Deus sublimado  
Disse ao homem num brado,  
Da sidérea mansão!

— Vai depressa arrimar-te  
Aos arcanos da arte,  
Que terás um bordão!

Onde há braços d'artista  
É seu ponto de vista  
Decepar escarcéus!  
E seu gládio seguro  
Vai cavar o futuro  
Vai rasgar negros véus!

E lá quando os vindouros  
Vos c'roarem de louros  
Vos erguerem dossel!  
Bradarão altaneiros:  
— Exultai brasileiros,  
Ressurgiu Rafael!

Não temais os insanos,  
Insensatos humanos  
Bajulantes e maus!  
Trabalhai muito embora!  
Há de vir uma aurora  
P'ra arrancá-los do caos!

.....  
*Away*, estudantes  
Sois vergôntes pujantes  
A lauréis tendes jus!  
Caminhai com coragem,  
Qu'esta é a romagem  
Dos apóstolos da luz!!!...

#### **AO DECÊNIO DE CASTRO ALVES**

*Quem sempre vence é o porvir!*

No espadanar das espumas  
Que vão à praia saltar!  
Nos ecos das tempestades  
Da bela aurora ao raiar,  
Um brado enorme, profundo,  
Que faz tremer todo o mundo  
Se deixa logo sentir!  
É como o brado solene,  
Ingente, celso, perene,

É como o brado: — Porvir!

Pergunta a onda: — Quem é?...

Responde o brado: — Sou eu!

Eu sou a Fama, que venho

C'roar o vate, o Criseu!

Dormi, meu Deus, por dez anos

E da natura os arcanos

Não posso todos saber!

Mas como ouviu louvores

De glória, gritos, clamores,

Também vim louros trazer.

Fatalidade! — Desgraça!

Fatalidade, meu Deus!

Passou-se um gênio tão cedo,

Sumiu-se um astro nos céus!

As catadupas d'idéias,

De pensamento epopéias

Rolaram todas no chão!

Saindo a alma pra glória

Bradou pra pátria — vitória!

Já sou de vultos irmão!

Foi Deus que disse: — Poeta,

Vem decantar a meus pés.

Na eternidade há mais luz,

Dão mais valor ao que és.

Se lá na terra tens louros,

Receberás cá tesouros

De muitas glórias até!

Terás a lira adorada

C'o divo plectro afinado

De Dante, Tasso e Garret!

Então na terra sentiu-se

Um grande acorde final!

O belo vate brasílio

Pendeu a fronte imortal!

O negro espaço rasgou-se

E aquele gênio internou-se

Na sempiterna mansão.

A sua fronte brilhava

E o áureo livro apertava

Sereno e ledado na mão...

E o mundo então sobre os eixos

Ouviu-se logo rodar!

É que ele mesmo estremece  
A ver um vulto tombar.  
É que na queda dos entes  
Que são na vida potentes,  
Que têm nas veias ardor,  
Há cataclismos medonhos  
Que só sentimos em sonhos  
Mas que nos causam terror!...

E o coração s'estortega  
E s'entibia a razão!  
No peito o sangue enregela  
E logo a história diz: — Não!  
Não chore a pátria esse filho,  
Se procurou outro trilho  
Também mais glórias me deu!  
E quando os séculos passarem  
Se hão de tristes curvarem  
Enquanto alegre só eu?...

Oh! Basta! Basta! Silêncio!  
Repousa, vate, nos Céus!  
Que muito além dos espaços  
Os cantos subam dos teus!  
Se nesta vida d'enganos  
Não são bastante os humanos  
Pra te render ovações!  
Perdoa os fracos, ó gênio,  
Que pra cantar teu decênio  
Somente Elmano ou Camões!

#### **ENTRE LUZ E SOMBRA**

*Ao dia 7 de Setembro*

*Libertas Lux Dei!!...*

Surge enfim o grande astro  
Que se chama Liberdade!...  
Dos sec'los na imensidade  
Eterno perdurará!...  
Como as dúlias matutinas  
Que reboam nas colinas,  
Nas selvas esmeraldinas  
Em honra ao celso Tupá!...

Eram só cinéreas nuvens  
Os brasílios horizontes!  
Curvadas todas as fronte  
Caminhavam no descrer! —  
As brisas nem murmuravam...  
Os bosques nem soluçavam...  
Os peitos nem se arroubavam...  
— Estava tudo a morrer!...

De repente, o sol formoso  
Vai as nuvens esgarçando.  
As almas vão palpitando,  
Cintilam magos clarões!...  
E o Índio fraco, indolente  
Fazendo esforço potente  
Dos pulsos quebra a corrente,  
Biparte os acres grilhões!...

Por terra tomba gemendo  
O vão, atroz servilismo...  
Rui a dobrez no abismo...  
Eis a verdade de pé!...  
Enfim!... exclama o silvedo  
Enfim!... lá diz quase a medo  
Selvagem, nu Aimoré!...

Assim, Brasília coorte,  
Falange excelsa de obreiros,  
Soberbos, almos luzeiros  
De nossa gleba gentil,  
Quebrai os elos d'escravos  
Que vivem tristes, ignavos,  
Formando delas uns bravos  
— P'ra glória mais do Brasil!...

Lançai a luz nesses crânios  
Que vão nas trevas tombando  
E ide assim preparando  
Uns homens mais p'ro porvir!  
Fazei dos pobres aflitos  
Sem crenças, lares, proscritos,  
Uns entes puros, benditos  
Que saibam ver e sentir!...

Do carro azul do progresso  
Fazei girar essa mola!  
Prendei-os sim, — mas à escola  
Matai-os sim, — mas na luz!

E então tereis trabalhado  
O negro abismo sondado  
E em nossos ombros levado  
Ao seu destino essa cruz!!...

Fazei do gládio alavanca  
E tudo ireis derribando;  
Dormi, co'a pátria sonhando  
E tudo a flux se erguerá!  
E a funda treva cobarde  
Sentindo homérico alarde,  
Embora mesmo que tarde  
Curvada assim fugirá!...

Enfim!... os vales soluçam  
Enfim!... os mares rebramam  
Enfim!... os prados exclamam  
Já somos livre nação!!...  
Quebrou-se a estátua de gesso...  
Enfim!... — mas não... estremeço,  
Vacilo... caio, emudeço...  
Enfim de tudo inda não!!...

#### SETE DE SETEMBRO

Liberdade! Independência!...  
Eis os brados grandiosos  
Que quais raios luminosos  
Fulguraram lá nos céus!...  
Eis a mágica — Odisséia  
Que duns lábios rebentando,  
Foi o povo transformando,  
Foi rompendo os negros véus!...

As colinas, prados, montes,  
As florestas seculares  
— Os sertões, os próprios mares  
Exultaram com fervor!  
E os brados retumbaram  
Pela lúcida devesa,  
Pela virgem natureza  
Com homérico clangor!...

Qual artista consumado,  
Qual um velho estatuário

Do Brasil no azul sacrário,  
Essa data vos traçou,  
— O triunfo mais pujante,  
A eleita das idéias,  
A maior das epopéias  
— Q'inda igual não se gerou!...

Mas embora, meus senhores  
Se festeje a Liberdade,  
A gentil Fraternidade  
Não raiou de todo, não!...  
E a pátria dos Andradas  
Dos — Abreu, Gonçalves Dias  
Inda vê nuvens sombrias,  
Vê no céu fatal bulcão!...

Muito embora Rio Branco,  
Esse cérebro profundo  
Que passou por entre o mundo,  
Do Brasil como um Tupá!...  
Muito embora em catadupas  
Derramasse o verbo augusto,  
Da nação no enorme busto  
Inda a mancha existe, há!...

É preciso com esforço,  
Colossal, estranho, ingente,  
Ir o cancro, de repente  
Esmagar que nos corrói!...  
É preciso que essa Deusa,  
A excelsa Liberdade,  
Raie enfim na Imensidade  
Mais altiva como sói!...

Sai da larva a borboleta  
Com as asas auriazuis  
E um disco vai — de luz  
A deixar onde passou!  
No entanto o grande berço  
Das façanhas de Cabrito  
Inda espera um novo grito  
Como o — Basta — de Waterloo!...

Eu bem sei que Guttemberg  
Que esse Fulton primoroso  
Faust, Kepler grandioso  
Trabalharam té vencer!  
Mas embora tropeçassem

Acurando os seus eventos,  
Tinham sempre tais portentos  
A vontade por poder!...

Eia! sim! — p'ra Liberdade  
Irrompei qual verbo eterno,  
Como o — Fiat — superno  
Pelos ares a rolar!  
Eia! sim! — que nossa pátria  
Só precisa — mas de bravos...  
E em prol desses escravos  
Seu dever é trabalhar!...

Somos filhos dessa gleba  
Majestosa aonde o gênio  
Como o astro do proscênio  
Solta as asas, mui febril!  
Dos selvagens Tiaraiús  
E dos brônzeos Guaicurus...  
Somos filhos do Brasil!...

Esperemos, tudo embora!...  
Pois que a sã locomotiva,  
Do progresso imagem viva  
Não se fez a um sopro vão!  
Aguardemos o momento  
Das mais altas epopéias,  
Quando o gládio das idéias  
Empunhar toda a nação!...

Esperemos mais um pouco  
Q'inda há almas brasileiras  
Que se lembrarão, sobranceiras,  
Que é preciso progredir!...  
Inda há peitos valerosos  
Que combatem descobertos  
Por florestas, por desertos,  
Mas c'os olhos no porvir!...

Inda há lúcidas falanges  
Lutadores denodados  
Que se erguem transportados  
Burilando a sã razão!...  
Inda há quem se recorde  
Do Egrégio Tiradentes  
Que do sangue as gotas quentes  
Derramou pela nação!...

Já nas margens do Ipiranga  
Patrióticos acentos  
Vão alados como os ventos  
Pelos páramos azuis!!...  
Vamos! Vamos! — eia! exulta,  
Jovem pátria dos renomes...  
— Vibra a lira, Carlos Gomes!  
Bocaiúva, espalha luz!!...

### TRÊS PENSAMENTOS

Nascestes no Brasil — filha d' América,  
Tu sabes conservar nas débeis veias  
No lúcido pulmão  
O sangue efervescente e purpurino  
A força de subir ao céu da história.  
Às lutas da razão!...

Nascestes no Brasil — em meio às plagas  
Da grande natureza mais pujante  
E cheia de arrebol!...  
E sabes obumbrar os astros fulvos  
E lanças raios mil por toda a parte,  
Soberba como o sol!...

Nascestes no Brasil e o eco ovante  
Das glórias sublimadas que tu colhes  
Por este céu azul,  
Vem fêrvido, viril e acentuado  
Assaz repercutir com mais verdade  
Aqui... aqui no sul!...

### SEMPRE

Se é certo que o amor é um bem profundo  
Se é certo que o amor é um sol ardente,  
Eu hei de amar-te sempre neste mundo  
E sempre, sempre, sempre — eternamente.

## BEIJOS

Nesta Tebaida infinita  
Da vida, na sombra oculto,  
Eu gosto de olhar o vulto  
De uma criança bonita.

Porque afinal as crianças,  
Como eu deslumbro-me ao vê-las,  
Cintilam como as estrelas,  
Florescem como esperanças.

Dentro de mim se projeta  
A luz cambiante dos prismas  
E batem asas as cismas  
Qual passarada irrequieta.

E batem asas e rufam,  
Pelas artísticas plagas,  
As auras que as grandes vagas  
Dos fundos mares insuflam.

E digo, ó mães, se uma aurora  
Fosse a minh'alma sincera,  
Os clarões todos eu dera  
A uma criança que chora.

Porque se a luz fortalece  
Arbustos e as andorinhas,  
Também por certo às criancinhas  
Conforta, avigora, aquece.

E eu que aplaudo e que rimo  
Tudo isso que à luz se regre,  
Na vibração mais alegre  
As criancinhas estimo.

Portanto, assim, sem refolhos  
Beijando a Olga, beijando  
Meus sonhos vão, irradiando,  
Se derramar em seus olhos!

## SER PÁSSARO

Ah! Ser pássaro! ter toda a amplidão dos ares

Para as asas abrir, ruflantes e nervosas,  
Dos parques através e dos moitais de rosas,  
Nos floridos jardins, nas hortas e pomares.

Ser pássaro, cantar, subir, voar na altura,  
Pelos bosques sem fim, perder-se nas florestas,  
Das folhagens do campo em meio da espessura,  
Das auroras de abril nas cristalinas festas.

Tecer no tronco seco ou no tronco viçoso  
O quente lar do amor, o carinhoso ninho,  
De onde sairá mais tarde o pipilar mavioso  
De um outro mais gentil e meigo passarinho.

Não temer o verão e não temer o inverno  
Para tudo alcançar na leve subsistência,  
No contínuo lidar, no labutar eterno,  
Que é talvez da alegria a mais feliz essência.

Viver, enfim, de luz e aromas delicados,  
Nascido dentre a luz, gerado dentre aromas,  
Sonorizando o azul, sonorizando os prados  
E dormindo da flor sob as cheirosas comas.

Voar, voar, voar, voar eternamente,  
Extinguir-se a voar, no matinal gorjeio,  
É ser pássaro, é ter em cada asa fremente  
Um sol para aquecer o frio de algum seio.

### SAUDAÇÃO

*Ao Liceu de Artes e Ofícios*

Como esta luz é serena,  
Como esta luz é sincera;  
Como eu vejo a primavera  
Num lápis e numa pena.

Que prismas de luz ardente,  
Que prismas de luz suave;  
Como eu sinto um canto de ave  
Em cada boca inocente.

Sim! Que o estudo é como a aurora  
Que nos entra pela casa,  
Num vivo fulgor de brasa,

Vibrante, alegre, sonora.

Ele rasga a treva espessa,  
Num só momento — cantando;  
Vai estrelas semeando  
Em cada tenra cabeça.

Tira os crânios do letargo  
Da ignorância — pois entra  
Como um sol e se concentra  
Num esplendor muito largo.

Quem, ó Arte imaculada,  
Medisse o ser da criança,  
Pela alma de uma esperança  
Pela alma de uma alvorada.

Quem aos páramos subindo,  
Eternamente pudesse,  
Dos astros a loura messe  
Arrancar — depois abrindo

Os peitos das criancinhas  
Jogá-los dentro e beijá-las  
Cheias de pompa e das galas  
Que a luz concede às rainhas!...

Pois que a treva entre fulgores,  
É como, dentre ataúdes,  
Rebentar como virtudes,  
As mais simpáticas flores.

Ah! Ninguém sabe, por certo,  
Quanto é bom, quanto é saudável,  
Sentir a crença adorável  
Como um clarão sempre aberto.

Ver os germens do futuro  
No campo eterno da escola,  
Brilhando como a corola  
De um lírio cândido e puro.

Ver morrer — como uns invernos  
Da vida, os velhos colossos  
E ver erguerem-se os moços  
Como verões sempiternos.

Mães, ó mães tão extremosas,

Dos vossos ventres fecundos  
Saem todos esses mundos  
Das idéias fulgurosas.

Tudo isso quanto há escrito  
De pensamento e crenças  
Saiu das fontes imensas  
De um grande amor infinito.

E desde a escrita à leitura  
E desde um livro a uma carta,  
A bondade sempre farta  
Das mães — esplende e fulgura.

Bom dia ao mestre que é guia  
Das belas crianças louras!  
Bom dia às mães porvindouras,  
À mocidade — Bom dia!

#### **GUSLA DA SAUDADE**

*A Santos Lostada pela morte do seu velho pai*

Nunca mais, nunca mais esses teus olhos  
Palpitarão nos olhos seus honestos  
Nem hão de vê-lo em ânsias por escolhos.

Ele morreu, morreu — e os mais funestos  
Lutos da dor feriram como abrolhos  
Teu lar e os teus — serenos e modestos.

Que incalculável explosão de prantos  
Não inundou as almas preciosas  
Dos teus irmãos, da tua mãe — uns santos

Que peregrinam nestas lacrimosas  
Sendas da vida, em mágoas, sem encantos  
Como sem luz e sem orvalho as rosas.

Ah! formidável lei cruel da vida,  
Lei da matéria, da mudez das lousas,  
Da eterna noite atroz, indefinida;

Tens o segredo intérmino das cousas,  
E nessa dura e tenebrosa lida,  
Oh! nem sequer um dia só repousas.

Quem sabe, ó morte, ó lúgubre, quem sabe  
O teu poder fatal, desapiedado  
Onde se oculta e se resume e cabe.

Pois nem que o céu puríssimo, azulado  
Cair aos pedaços, tombe e se desabe  
Na profundez do abismo ilimitado

E a crença humana espavorida, em gritos,  
Palpando o nada, esquelada, gemendo,  
Rasgue a amplidão de estranhos infinitos,

Nunca da morte saberão o horrendo  
Mistério rijo e surdo dos granitos  
Os corações que vivem combatendo?!...

Não! A Ciência penetrou, o estudo  
Do pensador, abriu mais horizontes  
Nesse problema silencioso e mudo.

O pensamento constelou as fronteiras,  
Deu à razão o mais brunido escudo  
E construiu as luminosas pontes

De onde se vai, com grande olhar, seguro,  
Atravessar as regiões sonoras  
Dos Ideais que irrompem do Futuro;

E sem contar dos séculos as horas,  
E sem temer as mil visões do Escuro,  
Alegremente ao fresco das auroras.

Mas entretanto, ó meu amigo, escuta,  
Toda a saudade, a grande nostalgia  
Nos deixa frios, mortos para a luta.  
Porque, olha, a morte é sempre uma agonia!

#### SMORZANDO

O véu da tarde cai pelas quebradas  
Das serras altaneiras;  
As aves condoreiras  
Rompem da mata em místicas risadas  
O largo espaço intérmino cindindo.

A livre natureza,  
Humildemente, pura, vai caindo,  
Caindo de joelhos  
Como esse denso véu  
Cai na viril e rútila grandeza  
Do sol que desce em borbotões vermelhos  
Como uma mancha tropical no céu.

E vibra a Ave-Maria  
Como um soluço, estranho, indefinido;  
Talvez como um gemido  
Dentre a escalvada e agreste serra.

E desce e desce e desce  
De toda a imensidade  
A salutar carícia de uma prece,  
O eflúvio da saudade  
Que alaga o nosso peito heroicamente  
Como o luar de um treno  
Mavioso e emoliente,  
Mais doce que o sorrir do Nazareno.

#### VERSOS À INFÂNCIA

Nos roseirais, ao vir da madrugada,  
Desabrocham no val todas as rosas,  
Nos galhos cheios de uma luz doirada,  
Meigas e frescas, rubras, perfumosas,  
Nos roseirais, ao vir da madrugada.

Como em bocas cheirosas e vermelhas  
Pousam beijos de amor e de ventura,  
O mel lhe sugam todas as abelhas  
Pousando em cima da corola pura  
Como em bocas cheirosas e vermelhas.

Desde os campos, o bosque, até aos montes  
Tudo renasce num jardim de flores;  
E pelo azul do céu, nos horizontes,  
Há os mais vivos, raros esplendores,  
Desde os campos, o bosque, até aos montes.

Pelos ninhos sonoros, delicados,  
Cantam e trinam muitos passarinhos

Nos altos arvoredos enflorados,  
À margem verdejante dos caminhos,  
Pelos ninhos sonoros, delicados.

As borboletas brancas e amarelas,  
Azuis, cor de ouro, cor de prata e brasa,  
Leves, ligeiras, tênues e singelas,  
Abrem a fina talagarça da asa,  
As borboletas brancas e amarelas.

Tudo no val acorda de desejos  
À musica dos cantos mais risonhos;  
E as aves soltas, peregrinos beijos,  
Dizem, cantando, que através de sonhos  
Tudo no val acorda de desejos.

## *II*

Na alma da infância, tal e qual roseiras,  
Abrem festões de límpida fragrância  
Os sonhos e as quimeras passageiras  
Que são mais próprias do vergel da infância,  
Na alma da infância, tal e qual roseiras.

O pequenino coração ditoso  
Canta canções de uma ave pequenina;  
E é um encanto ver assim radioso  
No peito de uma cândida menina  
O pequenino coração ditoso.

A existência de sol das criancinhas  
Lembra um pomar de frutas bem serenas,  
Por onde os colibris e as andorinhas  
Gozam amores sacudindo as penas,  
A existência de sol das criancinhas.

Não sei dizer se adore mais crianças  
Ou mais também as flores de um arbusto;  
Nessas tão puras, castas semelhanças  
Eu, para ser bem carinhoso e justo,  
Não sei dizer se adore mais crianças.

(Desterro)

**TRISTE**

Em junho, que é mês do frio,  
Perdes todo o colorido,  
Tens um tom vago e sombrio  
De dor, de mágoa e gemido.

Não sei que tristeza é essa  
De tão doloroso cunho  
Que perdes a cor depressa  
Assim que vem vindo junho.

Ficas branca e desmaiada,  
Lembrando a lua serena,  
Fraca, pálida e gelada,  
Como frágil açucena.

Vão-se-te as rosas da face  
Emurhecendo e sumindo  
Num crepúsculo vivace  
De tudo o que estás sentindo.

Ai! no entanto pelos prados  
Onde os dias resplandecem  
Risonhas como noivados  
Em junho as rosas florescem...

(Desterro)

#### **FONTE DE AMOR**

Trago-a à tua presença  
Para que vejas a imensa  
Mágoa atroz que a devorou.

E saibas, ó flor das flores,  
Que a fonte dos seus amores  
Eternamente secou.

Foste à fonte buscar água  
E tinha secado a fonte.  
Aí, flor azul do monte,  
Tiveste a primeira mágoa.

Porém se uma alma na frágua  
Das dores sem horizonte  
Queres ver, sentir defronte

Dos olhos, manda que eu trago-a.

### CASTELÃ

Bela e mais encantadora  
Do que todas as belezas,  
Graça leve de pastora  
Que canta pelas devesas.

Enleios de passarinho  
E brilhos de primavera,  
Com magnetismos de vinho  
No olhar azul de quimera.

Feita de um jorro sadio  
De auroras purpureadas  
Carne mais fresca que um rio  
De frescas águas prateadas.

Tudo é frio e tudo é raso  
Para dizer-te a capricho  
Que és magnólia para um vaso,  
Que és arcanjo para um nicho.

És um mito da Alemanha  
Vivendo em montanha alpestre,  
No castelo da montanha,  
Como ardente flor silvestre.

E tens as pomas à farta  
Polposas, cheias de aromas.  
És assim a loura Marta  
Com abundância de pomas.

Esse príncipe que te ama,  
Cismando, trágico e grave,  
Quando o luar se derrama  
Cuida ouvir-te os vôos de ave.

Ele vive, airoso e belo,  
Como se vive num sonho,  
No seu nevoento castelo  
Junto de um lago tristonho.

E através do pó flutuante

Do luar saudoso e vago  
Julga que és a garça errante  
Das águas verdes do lago.

### O SOL E O CORAÇÃO

Sol, coração do Espaço que flamejas,  
O coração é qual tu, sol de utopias...  
Mas, coração, dize-me: — Que desejas?...

Foram-se já todas as alegrias,  
Ó Sol! E tu, coração, que ainda adejas,  
Que fazes sobre as mortas fantasias?!...

Podes brilhar, ó Sol, vivo e fulgente!  
E tu, coração, que me iludiste,  
Também podes bater, inutilmente.

Crença, Ilusão, Amor, já nada existe,  
Não mais levarás sobre a corrente  
Da tenebrosa dúvida mais triste.

Longe, mui longe, em regiões caladas,  
Emudecidos pelo Esquecimento,  
Estão hoje esses sonhos de alvoradas.

Foram-se, há muito, soltos pelo vento  
Entre as grandes ruínas derrocadas  
Do meu amargo e pobre pensamento,

Entre as profundas, tétricas ruínas  
Em que o doce fantasma desses sonhos  
Atravessou em lágrimas divinas.

Fantasma ideal, de cânticos risonhos  
Que da vida encontrei pelas colinas  
E hoje vaga entre bulcões medonhos!

Fantasma que eu amei, visão errante  
Que sempre junto a mim vivia perto,  
Por mais longe que eu fosse e mais distante.

Visão que era como a água do deserto  
Para o meu coração sempre anelante,  
Sequioso de amor e sempre aberto...

Ó pobre coração, em vão te agitas,  
Em vão tu bates, coração estreito,  
Tal qual tu, Sol, nos páramos crepitas.

Nada mais, para mim, de satisfeito  
Brilha com o Sol nas plagas infinitas,  
Como não canta o coração no peito...

Podes, enfim, sumir-te nos Espaços  
Sol! E tu, coração, sempre batendo,  
Quebrar da terra os “Transitórios Laços”  
Eternamente desaparecendo!...

## (CAMBIANTES — SONETOS E OUTROS VERSOS)

### RISADAS

*Às criaturas alegres*

Fantasia, ó fantasia, tropo ardente  
Da aurora alegre undiflavando as bandas  
Do adamascado e rúbido oriente,  
Ó fantasia, águia das asas pandas.

Tu que os clarins do sonho mais fulgente  
Das Julietas, feres, nas varandas,  
Ó fantasia dos Romeus, ó crente,  
Por que países meridionais tu andas?!

Vem das esferas, entre os sons que vibras.  
Vem, que desejo emocionar as fibras,  
Quero sentir como este sangue impulsas.

Noiva do sol que os sóis preclaros gozas  
Para rimar umas canções de rosas,  
Como risadas de cristal, avulsas...

**AVE! MARIA...**

Ave! Maria das Estrelas, Ave!  
Cheia de graça do luar, Maria!  
Harmonia de cântico suave,  
Das harpas celestiais branda harmonia...

Nuvem d'incensos através da nave  
Quando o templo de pompas irradia  
E em prantos o órgão vai plangendo grave  
A profunda e gemente litania...

Seja bendito o fruto do teu ventre,  
Jesus, mais belo dentre os astros e entre  
As mulheres judaicas mais amado...

Ó Luz! Eucaristia da beleza,  
Chama sagrada no Evangelho acesa,  
Maravilha do Amor e do Pecado!

#### **RIR!**

Rir! Não parece ao século presente  
Que o rir traduza, sempre, uma alegria...  
Rir! Mas não rir como essa pobre gente  
Que ri sem arte e sem filosofia.

Rir! Mas com o rir atroz, o rir tremente,  
Com que André Gil eternamente ria.  
Rir! Mas com o rir demolidor e quente  
Duma profunda e trágica ironia.

Antes chorar! Mais fácil nos parece.  
Porque o chorar nos ilumina e nos aquece  
Nesta noite gelada do existir.

Antes chorar que rir de modo triste...  
Pois que o difícil do rir bem consiste  
Só em saber como Henri Heine rir!...

#### **ASPIRAÇÃO**

Quisera ser a serpe astuciosa  
Que te dá medo e faz-te pesadelos  
Para esconder-me, ó flor luxuriosa,

Na floresta ideal dos teus cabelos.

Quisera ser a serpe venenosa  
Para enroscar-me em múltiplos novelos,  
Para saltar-te aos seios cor-de-rosa.  
E bajulá-los e depois mordê-los.

Talvez que o sangue impuro e rutilante  
Do teu divino corpo de bacante,  
Sangue febril como um licor do Reno

Completamente se purificasse  
Pois que um veneno orgânico e vorace  
Para ser morto é bom outro veneno.

#### **SENSIBILIDADE**

Como os audazes, ruivos argonautas,  
Intrépidos, viris e corajosos  
Que voltam dos orientes fantasiosos,  
Dos países de Núbios e Aranautas.

Como esses bravos, que por naus incautas,  
Regressam dos oceanos borrascosos,  
Indo encontrar nos lares harmoniosos  
De luz, vinho e alegria as mesas lautas.

Tal o meu coração, quando aparece  
A tua imagem, canta e resplandece,  
Sem lutas, sem paixões, livre de abrolhos.

A meu pesar, louco de ver-te, louco,  
As lágrimas me correm pouco a pouco,  
Como o champanhe virginal dos olhos...

#### **GLÓRIAS ANTIGAS**

Rubras como gauleses arruivados,  
Voltam da guerra as hostes triunfantes,  
Trazem nas lanças d' aço lampejantes,  
Os louros das batalhas pendurados.

Os escudos e arneses dos soldados  
Rutilam como lascas de diamantes  
E na armadura os músculos vibrantes,  
Rijos, palpitam, batem nervurados.

Dentre estandartes, flâmulas de cores,  
Trazem dos olhos rufos de tambores,  
Ruídos de alegria estranha e louca.

Chegam por fim, à pátria vitoriosa...  
E então, da ardente glória belicosa,  
Há um grito vermelho em cada boca!

### **MAGNÓLIA DOS TRÓPICOS**

*A Araújo Figueredo*

Com as rosas e o luar, os sonhos e as neblinas,  
Ó magnólia de luz, cotovia dos mares,  
Formaram-te talvez os brancos nenúfares  
Da tua carne ideal, de correções felinas.

O teu colo pagão de virgens curvas finas  
É o mais imaculado e flóreo dos altares,  
Donde eu vejo elevar-se eternamente aos ares  
Viáticos de amor e preces diamantinas.

Abre, pois, para mim os teus braços de seda  
E do verso através a límpida alameda  
Onde há frescura e sombra e sol e murmurejo;

Vem! com a asa de um beijo a boca palpitando,  
No alvoroço febril de um pássaro cantando,  
Vem dar-me a extrema-unção do teu amor num beijo.

### **SUPREMO ANSEIO**

Esta profunda e intérmina esperança  
Na qual eu tenho o espírito seguro,  
A tão profunda imensidade avança  
Como é profunda a idéia do futuro.

Abre-se em mim esse clarão, mais puro

Que o céu preclaro em matinal bonança;  
Esse clarão, em que eu melhor fulguro,  
Em que esta vida uma outra vida alcança.

Sim! Inda espero que no fim da estrada  
Desta existência de ilusões cravada  
Eu veja sempre refulgir bem perto

Esse clarão esplendoroso e louro  
Do amor de mãe — que é como um fruto de ouro,  
Da alma de um filho no eternal deserto.

#### NERAH

*Inspirado no elegante conto de Virgílio Várzea*

*A Vítor Lobato*

Nerah não brinca mais, não dança mais. — E agora  
Que vão-se aproximar os tempos invernosos,  
Nerah traz uns receios tímidos, nervosos,  
De quem teme mudar-se em noite, sendo aurora.

Seus sonhos de cristal, translúcidos, antigos  
Se vão embora, embora à vinda dos invernos,  
Seguindo em debandada os úmidos galernos —  
— Lembrando um roto bando informe de mendigos.

Não canta o sabiá que triste na gaiola,  
Parece, com o olhar, pedir-lhe a casta esmola  
De um riso — aquela flor que esvai-se, branca e fria.

Em tudo a fina seta aguda de aflições!  
Na própria atmosfera um caos de interjeições!  
Em tudo uma mortalha, em tudo uma agonia.

#### AMOR

Nas largas mutações perpétuas do universo  
O amor é sempre o vinho enérgico, irritante...  
Um lago de luar nervoso e palpitante...  
Um sol dentro de tudo altivamente imerso.

Não há para o amor ridículos preâmbulos,

Nem mesmo as convenções as mais superiores;  
E vamos pela vida assim como os noctâmbulos  
À fresca exalação salúbrica das flores.

E somos uns completos, célebres artistas  
Na obra racional do amor — na heroicidade,  
Com essa intrepidez dos sábios transformistas.

Cumprimos uma lei que a seiva nos dirige  
E amamos com vigor e com vitalidade,  
A cor, os tons, a luz que a natureza exige!...

#### FILETES

*A J. L.*

De cravos, de rosas,  
De lírios, perfumes,  
De beijos, ciúmes,  
De coisas formosas;

De cantos suaves  
De músicas, vinhos  
De aromas, arminhos  
Dos trinos das aves;

Das cismas radiadas,  
De esperanças aladas  
Por vagos escombros,

São feitos, são feitos  
Teus olhos perfeitos,  
Repletos de assombros.

#### FILETES

*I*

Ó pérola nitente,  
Ó pérola do amor,  
Ó imã redolente  
Das pétalas da flor;

Ó lágrima sutil,

Ó lágrima ideal,  
Do côncavo de anil  
Caída no cristal

Do lago transparente,  
Harmoniosamente,  
Aos flocos do luar...

Tu és como as essências,  
Conheces as ciências  
Ocultas... de matar!

*II*

Cintila a estrela-d'alva  
Bem como o olhar do crente!  
Perpassa no ambiente  
O fresco olor da malva.

Um *tic* de lirismo,  
Simpático e harmônico,  
Derrama no sinfônico  
Riacho — um misticismo.

Há músicas supremas,  
Um mundo de problemas  
Nos montes seculares.

E como um lírio roxo,  
A alma em canto frouxo  
Emigra para os ares.

(Desterro)

**ARTE**

Como eu vibro este verso, esgrimo e torço,  
Tu, Artista sereno, esgrime e torce;  
Emprega apenas um pequeno esforço  
Mas sem que a Estrofe a pura idéia force.

Para que surja claramente o verso,  
Livre organismo que palpita e vibra,  
É mister um sistema altivo e terso  
De nervos, sangue e músculos, e fibra.

Que o verso parta e gire — como a flecha  
Que d’alto do ar, aves, além, derruba;  
E como os leões, ruja feroz na brecha  
Da Estrofe, alvoroçando a cauda e a juba.

Para que tenhas toda a envergadura  
De asa e o teu verso, de ampla cimitarra  
Turca, apresente a lâmina segura,  
Poeta, é mister, como os leões, ter garra.

Essa bravura atlética e leonina  
Só podem ter artistas deslumbrados:  
Que souberam sorver pela retina  
A luz eterna dos glorificados.

Busca palavras límpidas e castas,  
Novas e raras, de clarões radiosos,  
Dentre as ondas mais pródigas, mais vastas  
Dos sentimentos mais maravilhosos.

Busca também palavras velhas, busca,  
Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário  
E então verás que cada qual corusca  
Com dobrado fulgor extraordinário.

Que as frases velhas são como as espadas  
Cheias de nódoa, de ferrugem, velhas  
Mas que assim mesmo estando enferrujadas  
Tu, grande Artista, as brunes e as espelhas.

Faz dos teus pensamentos argonautas  
Rasgando as largas amplidões marinhas,  
Soprando, à lua, peregrinas flautas,  
Louros pagãos sob o dossel das vinhas.

Assim, pois, saberás tudo o que sabe  
Quem anda por alturas mais serenas  
E aprenderás então como é que cabe  
A Natureza numa estrofe apenas.

Assim terás o culto pela Forma,  
Culto que prende os belos gregos da Arte  
E levará no teu ginete, a norma  
Dessa transformação, por toda a parte.

Enche de estranhas vibrações sonoras  
A tua Estrofe, majestosamente...  
Põe nela todo o incêndio das auroras

Para torná-la emocional e ardente.

Derrama luz e cânticos e poemas  
No verso e torna-o musical e doce  
Como se o coração, nessas supremas  
Estrofes, puro e diluído fosse.

Que as águias nobres do teu verve esvoacem  
Alto, no Azul, por entre os sóis e as galas,  
Cantem sonoras e cantando passem  
Dos Anjos brancos através das alas...

E canta o amor, o sol, o mar e as rosas,  
E da mulher a graça diamantina  
E das altas colheitas luminosas  
A lua, Juno branca e peregrine.

Vibra toda essa luz que do ar transborda  
Toda essa luz nos versos vai vibrando  
E na harpa do teu Sonho, corda a corda,  
Deixa que as Ilusões passem cantando.

Na alma do artista, alma que trina e arrulha  
Que adora e anseia, que deseja e que ama  
Gera-se muita vez uma fagulha  
Que se transforma numa grande chama.

Faz estrofes assim! E após na chama  
Do amor, de fecundá-las e acendê-las,  
Derrama em cima lágrimas, derrama,  
Como as eflorescências das Estrelas...

#### ARTE [variação]

Como eu vibro este verso, esgrimo e torço,  
Tu, ó poeta moderno, esgrime e torce;  
Emprega apenas um pequeno esforço  
Mas sem que nada a pura idéia force.

Para que saia vigoroso o verso,  
Como organismo que palpita e vibra,  
É mister um sistema altivo e terso  
De nervos, sangue e músculos e fibra.

Que o verso parta e gire como a flecha  
Que do alto do ar, aves, além, derruba  
E como um leão ruja feroz na brecha  
Da estrofe, alvoroçando a cauda e a juba.

Para que tenhas toda a envergadura  
De asa, o teu verso, como a cimitarra  
Turca apresente a lâmina segura,  
Poeta, é mister como um leão, ter garra.

Essa bravura atlética e leonina  
Só podem ter artistas deslumbrados  
Que sorvem com lábios e retina  
A luz do amor que os fez iluminados.

Nem é preciso, poeta, que te esbofes  
Para ferir um verso que fuzile;  
Põe a alma e muitas almas nas estrofes  
E deixa, enfim, que o verso tamborile.

Busca palavras límpidas e novas,  
Resplandecentes como sóis radiosos  
E sentirás como te surgem trovas  
Belas de madrigais deliciosos.

Busca também palavras velhas, busca,  
Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário  
E então verás que cada qual corusca,  
Com dobrado fulgor extraordinário.

Que as frases velhas são como as espadas  
Cheias de nódoas de ferrugem, velhas,  
Mas que assim mesmo estando enferrujadas  
Tu, grande artista, as brunes e as espelhas.

Que toda a vida e sensação de estilo  
Está na frase, quando se coloca,  
Antiga ou nova, mas trazendo aquilo  
Que soa como um tímpano que toca.

Como o escultor que apenas faz de um bloco  
A estátua — com supremo e nobre afinco  
Estuda a natureza num só foco:  
A prata, o bronze, o cobre, o ferro, o zinco.

Estuda dos rubis, estuda do ouro  
E dos corais, da pérola e safira,  
Todo esse íris febril radiante e louro

Que é a centelha de sol em toda a lira.

Estuda todos os metais, estuda,  
Desce à matéria prodigiosa e vasta,  
Estuda nela a natureza muda,  
Os veios de cristal da origem casta.

Estuda toda a intensa natureza  
Feita de aromas, de canções e de asas  
E sente a luz da cor e da beleza  
Rir, flamejar e arder, iriar em brasas.

Faz dos teus pensamentos argonautas  
Rasgando as largas amplidões marinhas,  
Soprando, à lua, peregrinas flautas,  
Como os pagãos sob o dossel das vinhas.

Assim, pois, saberás tudo o que sabe  
Quem anda por alturas mais serenas  
E aprenderás então como é que cabe  
A natureza numa estrofe apenas.

Assim terás o culto pela forma,  
Culto que prende os belos gregos da arte  
E levarás no teu ginete, a norma  
Dessa transformação por toda a parte.

Enche de alegres vibrações sonoras  
A tua idéia pródiga e valente,  
Põe nela todo o incêndio das auroras  
Para torná-la emocional e ardente.

Derrama luz e cânticos e poemas  
No verso e fá-lo musical e doce  
Como se o coração, nessas supremas  
Estrofes, puro e diluído fosse.

Que a abelha de ouro do teu verso esvoace,  
Fulja como um fuzil numa borrasca;  
Que o verso quando é bom por qualquer face  
Lembra um fruto saudável desde a casca.

Com arte, forma, cor, tudo isso em jogo,  
Engrinaldado e rútilo de crenças,  
O sonho cresce — o pássaro de fogo  
Que habita as altas regiões imensas.

E canta o amor, o sol, o mar e o vinho,

As esperanças e o luar e os beijos  
E o corpo da mulher — esse carinho —  
Canta melhor, vibra com mais desejo.

Canta-lhe a sinfonia dos olhares  
A cálida magnólia austral das pomas,  
E quando então tudo isso enfim cantares  
Em tudo põe a fluidez de aromas.

Vibra toda essa luz que do ar transborda  
Como todo o ar nos seres vai vibrando  
E da harpa do teu sonho, corda a corda,  
Deixa que as ilusões passem cantando.

Na alma do artista, alma que trina e arrulha,  
Que adora e anseia, que deseja e ama,  
Gera-se muita vez uma fagulha  
Que explode e se abre numa grande chama.

Pois essa chama que a fagulha gera,  
Que enche e que acende o espírito de força,  
Sobe pela alma como primavera  
De rosas sobe por coluna torsa.

Faz estrofes assim, de asas de rima,  
Depois de fecundá-las e acendê-las  
De amor, de luz — põe lágrimas em cima,  
Como as eflorescências das estrelas.

## O DUQUE

Quando o duque voltava da caçada  
Alegre, num clarim d' aço vibrante  
De alacridade moça e evigorada  
Dum ruidoso e trêfego estudante.

Quando ele vinha com seu ar bizarro  
De atravessar os vales e as colinas,  
Sadio aspecto fresco como um jarro  
Cheio de leite às horas matutinas.

Em toda a aristocrática varanda  
Alta e vistosa, ampla, aberta em janelas,  
Ele vibrava, de uma e outra banda,  
Canções de amor, nostálgicas e belas.

Do salão nobre entre tapeçarias  
De *Gobelins*, riquíssimas e raras,  
Iam vibrando aladas harmonias  
Da sua voz, esplêndidas e claras.

Todas as fluidas, leves, calmas, frescas  
Manhãs azuis, serenas e formosas,  
Loura mulher das regiões tudescas  
O seu bom dia era mandar-lhe rosas.

Floria, é certo, em grande amor, floria  
Gerado pelo eflúvio dessas flores,  
Pois quando o duque não as recebia  
Era o mais infeliz dos caçadores.

Tão doce amor lembrava aquelas lendas  
Dos medievais castelos esquecidos,  
Quando visões de nuvens e de rendas  
Apareciam nos balcões floridos.

A caça, a caça, eternamente a caça!  
Quanto melhor, mais fácil não lhe fora  
A conquista das aves do que a graça  
De conquistar essa beleza loura!

Para possuí-la como noiva amada,  
Aceso há muito nas paixões insanas,  
Arrostaria a caça mais ousada  
Dos javalis nas selvas africanas.

E sempre as lindas rosas matutinas  
Vinham-no perfumar todos os dias,  
Quando saltava aos vales e às colinas,  
Bizarro e são, dentre as tapeçarias.

Tempos passaram sobre tais amores!  
Mas depois de casado fez surpresa  
Saber que o duque, o rei dos caçadores,  
Não tinha o mesmo amor pela duquesa.

## A ESPADA

### I

Cavalheiros, os tempos já passados,

De pajens, de canzés, de fidalguia,  
De castelos, de reinos brasonados.

Ar cortesão de graça e fantasia  
Através dos olhares e dos beijos  
— No silêncio de cada galeria...

Foi nesse bravo tempo dos lampejos  
De espadas, de punhais e de couraças  
Por combater frementes de desejos.

No tempo dos floreios e das caças  
Dos assaltos alegres e bizarros  
Como as sonoras vibrações das taças.

Em que as almas airosas como jarros,  
Cheios de vinho espumante e ardente  
Eram de glória vencedores carros!

Foi no tempo fidalgo e refulgente,  
Quando o heroísmo fantasioso amava  
A linha e a chama de luzida gente,

Que esta cena galharda se passava,  
Quando um donzel partia para guerra  
Como a nobreza do solar mandava.

O pai, um tronco transudando a terra,  
Forte e viril, presença de profeta  
Que no seu flanco a valentia encerra.

Barbas serenas de bondoso asceta  
Em cuja alvura doce e veneranda  
Vê-se a vontade e a intrepidez completa.

Fronte banhada de meiguice branda  
A que o dever e os ríspidos conselhos  
Dão sempre a austeridade que age e manda.

Lembra um ocaso de clarões vermelhos,  
Musgoso, triste, desolado muro,  
Por onde o luar abre fulgor d'espelhos.

E esse semblante que parece duro,  
Áspero e torvo, trouxe-o dos combates,  
Do torvelinho do nevoeiro escuro.

Dos pelouros sangüíneos escarlates,

De fogo aberto em turbilhões, vorazes,  
Dos impulsivos, bélicos rebates.

Mas, bem olhadas, as feições audazes  
Desse velho patriarca destemido  
Tinha a suavidade dos lilases.

Nos olhos, um passado consumido  
Entre aventuras e colóquios belos  
Como que faz um verdadeiro ruído...

Sente-se neles noites de castelos  
Gozadas em amores dadivosos,  
Em madrigais, em íntimos desvelos.

Cavalgadas, torneios donairosos,  
Sonho feliz de rica mocidade,  
Requintes ideais, cavalheirosos.

Tudo se sente na tranquilidade  
Desse deus varonil da força antiga  
Feito com o rijo bloco da Verdade.

Tudo se sente nessa paz amiga  
Que as crenças do passado às outras crenças  
Vagas, futuras, para sempre liga.

Tudo se sente vir das névoas densas  
E da ridente e cândida meiguice  
Das suas barbas límpidas e imensas.

Sim! tudo da quase criancice  
Que dão aos homens esses tons nevoentos  
Da enregelada e trêmula velhice.

Porém, reatando aéreos pensamentos...  
Começemos na cena detalhada  
Que já das eras se espalhou nos ventos.

É nada mais que a história duma espada,  
História curta, mas interessante  
Duma espelhante lâmina timbrada.

Não é pelo aço ou lâmina espelhante  
Que irei contar, pois são comuns os aços,  
Mas pelo nobre e original rompante.

Pelo ardimento que os primeiros braços

Que a maneiram com pujança e brio  
Nela gravaram, com profundos traços.

*II*

O velho, em pé, atlético e sombrio  
Diante do filho armado cavaleiro,  
No aspecto dum leão ruivo e bravio.

Fala-lhe claro, d'alto e sobranceiro,  
Numa solene e enérgica atitude  
De quem nos prélios sempre foi primeiro.

O filho, grave o escuta e atende a rude  
Lhanez estóica de palavra augusta  
Que dos lábios lhe sai, com tal saúde.

Calmo, sem se mover, firme a robusta  
Figura solarenga do estoicismo,  
O velho disse esta nobreza justa:

"Aqui tens esta espada que o heroísmo  
Dos teus avós honrou nessas campanhas,  
Com o mais ousado, intrépido civismo.

Freme ainda hoje em convulsões estranhas,  
Palpita e anseia dentro da bainha  
Sonhando a luta, as implacáveis sanhas.

Tu, para a teres, como eu sempre a tinha,  
Num triunfo imortal, quase divino,  
De gládio que o valor maior continha;

É necessário um grande ardor leonino,  
Que sejas bem idólatra do nome  
Que fez de mim o extremo paladino.

A ferrugem, tu vês, o aço consome...  
Porém, neste aço que ainda aqui fulgura,  
Se houver ferrugem, tira-a com o renome.

Aqui tens, pois, a lâmina segura,  
Alma e brasão da nossa velha casa  
Coberta de ovações, famosa e pura".

Calou-se um instante, como a ave que a asa  
Fechou no voar, já quase que abatida,  
Caindo exausta junto à moita rasa.

O filho, mudo e respeitoso, erguida  
A valente cabeça leal de moço,  
Formoso estava, porejando vida.

E enquanto o velho, impávido colosso,  
Calara-se num momento, emocionado  
Ficara o filho em íntimo alvoroço.

Mas de repente, como iluminado  
Por um clarão de glórias já extintas,  
Tornou o velho, aos poucos transformado:

"Podes partir! Porém nunca desmintas  
Nas pelejas o dom da nossa fama,  
Por menos força que no peito sintas.

Como um clarim, por toda a parte aclama  
O vigor deste ferro e do teu pulso  
No combate que ruja, ulule e brama."

E cada vez mais pálido e convulso,  
Mais nervoso e febril e mais altivo  
Bradou ainda, num tremendo impulso:

"Se tu, que és da minh'alma o exemplo vivo,  
Meu filho, tens de ser como um cobarde,  
Como um vilão abjeto e repulsivo;

Não faças mais de fidalguia alarde,  
Pega esta espada, meu Afonso, pega  
E quebra-a de uma vez, que não é tarde.

Pois em lugar de fazer dela entrega  
Aos sequiosos, feros inimigos  
Antes a quebre a cólera mais cega.

Ei-la, aqui tens, a leoa dos perigos,  
Que como outrora em minha mão lampeja  
Da bravura e da fama nos abrigos.

Se não a tens de honrar nessa peleja  
Escuta bem, ó meu amado filho,  
Quebra-a, e o teu nome nem manchado seja.

Como eu faria noutra idade e brilho,  
Com outras energias musculares,  
Segue-me tu no denodado trilho."

E assim falando, em gestos singulares,  
E agigantado corpo retesando  
E um tom sinistro esparso nos olhares;

A cabeça nos ares agitando  
Numa alucinação, — enorme ereto,  
Como heróica visão, deblaterando...

Fitando bem o filho predileto,  
Como se de repente lhe brotasse  
A força hercúlea dum poder secreto.

O velho, qual um templo que abalasse,  
A mão crispada, lívida e nervosa,  
Com todo o esforço a lhe afluir na face,  
Partiu no joelho a espada vitoriosa.

#### DESMORONAMENTO

Dentro do coração, no côncavo do peito  
Choro a grande ilusão do amor, desfalecida,  
Dentre o gozo feliz, nostálgico da vida;  
Já exangue, afinal, já morto, já desfeito.

Por visões que adorei num vago tempo incerto  
Não sei por que razão avivo agora as mágoas,  
Num pranto doloroso e triste, como as águas  
Do mar grosso a bater sobre o costão deserto.

Tu, ó doce visão de perfumosas tranças,  
Todo o meu puro e terno sentimento invades  
E eu não sei o que fiz das minhas esperanças  
Que de longe que vão parecem mais saudades.

Tudo o que houve em meu ser de compaixão e crença  
Para sempre secou, secou já como um rio;  
Para sempre também subi ao escombros frio  
Da dúvida mortal, avassalante, imensa.

Para sempre me achei sem bússola e sem rumo  
No fundo de regiões estranhas e afastadas...  
As almas que eu amei, vi mudas e apagadas,  
Vi tudo se sumir numa espiral de fumo.

Bem depressa fiquei como um ermo remoto

Como torvo areal sem plantas e sem fontes,  
Donde apenas se vê rasgar a terra o broto  
Do cardo retorcido e áspero dos montes.

Muitas vezes, porém, como entre os arvoredos  
Onde juntas, no val, todas as aves cantam  
No meio do rumor, de sombras e segredos,  
Sinto dentro de mim que uns sonhos se levantam.

Borboleteio, a rir, por entre os sons e as flores,  
Como um pássaro azul de uma plumagem linda  
E canto alegremente a canção dos amores,  
Que este peito viril sabe cantar ainda.

Lembro então corações que já me abandonaram,  
Que eu senti palpitar, por sobre o meu pulsando,  
Que vão hoje através das afeições chorando,  
Que sofreram comigo e que comigo amaram.

Entretanto a minh'alma em vôo largo e ufano,  
De repente triunfal, de súbito gloriosa,  
Tem a pompa de sol, vermelha e luminosa,  
Da púrpura esvoaçante e aberta de um romano.

E esse fulgor, que vem dos meus sonhos dispersos  
Na névoa do passado, errantes e dolentes;  
Dá-me ardidos corcéis fogosos e frementes  
Para atrelar, jungir ao carro destes versos.

Claramente recorro e penso nas estradas  
Que percorri, que andei às ilusões, sozinho,  
Vendo que todo o amor das virginais amadas,  
Tinha a mesma fatal embriaguez do vinho.

Quantos entes febris, que o amor embriaga e ofusca  
Assim, durante a vida, ansiosamente exaustos,  
Não encontram, talvez, dessas visões em busca,  
As Margaridas vãs dos ilusórios Faustos!

#### CLARÕES APAGADOS

Flor de planta aromática, sinistra,  
Nascida nas inóspitas geleiras,  
Célebre flor que o meu Ideal registra,  
Trepadeira das raras trepadeiras.

Serpe nervosa entre as nervosas serpes,  
Carnívora bromélia da luxúria  
De gozo tetaniza como as herpes  
Da tua boca a polpa atra e purpúrea.

O teu amor, que lembra vinhos de Hebe  
E essa áspera feição do abeto fusco,  
Como um réptil que salta numa sebe,  
Saltou-me ao peito, impetuoso e brusco.

Eu ia por estranhos descampados,  
Por extensos desertos impassíveis,  
Na trágica visão dos naufragados  
Perdidos entre os temporais terríveis.

Sem rumo certo, num sombrio inferno,  
Sozinho, sobre a desolada areia  
Arrastando a existência, de onde, eterno  
Um sapo coxa e um rouxinol gorjeia.

Quando tu de repente, então surgiste  
Beleza das belezas redentoras,  
Tendo essa meiga formosura triste  
Das formosas e flébeis pecadoras.

Fosse talvez uma tremenda insânia  
Tão alta erguer o meu amor, tão alto;  
Mas este coração frio, da Ucrânia,  
Anelava galgar o céu de um salto.

E fui, galguei, subi, voei na altura,  
Além dos verdes píncaros do monte,  
Donde resplende a tua formosura  
No clarão das estrelas do horizonte.

Foi o mesmo que se eu num templo entrasse  
E aí num formidável sacrilégio,  
As angélicas vestes arrancasse  
Das santas de áureo diadema régio.

Como um leão sem juba e garra, preso,  
Na indiferença, já morreu comigo  
Todo esse amor profundamente aceso  
Na ideal constelação de um sonho antigo.

Apenas pelo Saara imorredouro  
Do longínquo passado, ergue, altaneira,

Majestosa folhagem no sol d'ouro,  
Dessas recordações a alta palmeira...

**ASAS PERDIDAS**  
*A Carlos Jansen Júnior*

Afora, pelo azul indefinido e largo,  
Passam asas sutis, pelo éter, longe, afora,  
Como que a demandar outra mais doce aurora  
Que a desta vida atroz, toda veneno amargo.

Não as asas assim, bem longe, pela curva,  
No Vago, na Amplidão, perdidas pelos ares  
Até virem caindo os véus crepusculares,  
Toda a angústia do Ocaso, emocional e turva.

E diante dessa dor das tardes que esmaecem  
As asas, pelo Azul, em vôos desgarrados  
Como a oração final dos tristes naufragados,  
Longinquamente, além, tênues desaparecem

Cai então de uma vez a sombra dos Segredos...  
E na serena paz das noites adormidas,  
Entre o fundo chorar dos calmos arvoredos,  
Ninguém verá jamais essas asas perdidas.

E as asas o que são no firmamento errantes,  
Perdidas pelo Tempo, esparsas pelas Eras,  
Senão os sonhos vãos, Mundos alucinantes  
Cheios do resplendor das flóreas primaveras?!

Por isso, eu quando o Azul repleto de asas vejo,  
Muito alto, céu acima, os páramos rasgando,  
Toda a minh'alma oscila e treme num desejo  
Em busca das regiões da Dúvida, chorando!

**ANJO GABRIEL**

Na calma irradiação das noites estreladas  
Alto e claro aparece, alto, aparece, claro,  
Alvo, claro, no luar das estrelas prateadas,  
No triunfal esplendor celestemente raro.

O seu busto de Excelso, a sua graça fina,  
A linha de harpa ideal do seu perfil augusto,  
Estremecem de luz, de uma luz peregrina,  
Do secreto fulgor de um sentimento justo.

Serenidade e glória e paz do Paraíso  
Flutuam-lhe na face alvorecida e doce  
E quando ele sorri é como se o sorriso  
Claros astros semear por todo o espaço fosse.

Leve, loura, .radial, a soberba cabeça  
Eleva-se da flor do níveo colo louro  
E não há outro sol que tanto resplandeça  
Como o sol virginal dessa cabeça de ouro.

As mãos esculturais, de ebúrnea transparência,  
De divina feitura e de divino encanto,  
Lembram flores sutis de sonhadora essência  
Da etérea languidez e de etéreo quebranto.

Das madeixas reais largo deslumbramento  
Num flavo jorro cai, com sagrado abandono...  
E sai do Anjo o quer que é de vago e de nevoento  
Que lembra o despertar sonâmbulo de um sono...

De alto a baixo, do Azul, desfilando das brumas,  
Abre todo ele em flor como nevado lírio,  
Belo, branco, eteral, do candor das espumas,  
Banhado nos clarões e cânticos do Empíreo.

Maravilhoso e nobre ergue no braço ovante  
Um gládio singular que rútilo cintila...  
Enquanto o seu olhar de mágico diamante  
Aflora em plenilúnio através da pupila.

Que o seu olhar, então, esse, recorda tudo  
O quanto há de tranqüilo e luminoso e casto.  
Maio de ouro a florir meigos céus de veludo  
E a neve a cintilar sobre o monte mais vasto.

Do puro albor astral das asas majestosas,  
Desprendem-se no Azul mistérios de harmonia...  
Entre as angelicais suavidades radiosas  
Parece o Anjo Gabriel o alto Enviado do Dia!

Na chama virginal de tão rara beleza  
Brilha a força de um Deus e a mística doçura...

E sai das seduções de tamanha pureza  
Toda a melancolia errante da ternura.

Do suntuoso agitar das delicadas vestes  
Tecidas de jasmims, de rosas, de açucenas,  
Vem o aroma cristão dos aromas celestes,  
Todas as imortais emanações serenas...

Transfigurado, excelso, agigantado, imenso,  
Na candidez hostial das formas impecáveis,  
Fica parado no ar, levemente suspenso  
De raios siderais, de fluidos inefáveis.

Mas quando o seu perfil nas amplidões floresce  
E das asas se lhe ouve a música sonora  
Quando ele agita o gládio e as madeixas, parece  
Que vai noctambular pelo Infinito afora.

E alto, branco, de pé, destacado no Espaço,  
Eleito das Regiões de estranhas Primaveras,  
Traça, com o gládio no ar, alevantando o braço,  
Uma cruz de Perdão na mudez das Esferas!

#### **O CEGO DO HARMONIUM**

Esse cego do *harmonium* me atormenta  
E atormentando me seduz, fascina.  
A minh'alma para ele vai sedenta  
Por falar com a sua alma peregrina.

O seu cantar nostálgico adormenta  
Como um luar de mórbida neblina.  
O *harmonium* geme certa queixa lenta,  
Certa esquisita e lânguida surdina.

Os seus olhos parecem dois desejos  
Mortos em flor, dois luminosos beijos  
Fanados, apagados, esquecidos...

Ah! eu não sei o sentimento vário  
Que prende-me a esse cego solitário,  
De olhos aflitos como vãos gemidos!

## OCASOS

Morrem no Azul saudades infinitas,  
Mistérios e segredos inefáveis...  
Ah! Vagas ilusões imponderáveis,  
Esperanças acerbas e benditas.

Ânsias das horas místicas e aflitas,  
De horas amargas das intermináveis  
Cogitações e agruras insondáveis  
De febres tredas, trágicas, malditas.

Cogitações de horas de assombro e espanto  
Quando das almas num relevo santo  
Fulgem de outrora os sonhos apagados.

E os braços brancos e tentaculosos  
Da Morte, frios, álgidos, nervosos,  
Abrem-se pare mim torporizados.

## NAUFRÁGIOS

### *I*

O mar! O mar! Quem nunca viajasse...  
Quem nunca dentre dúvidas sentisse  
O coração e ai, nunca embarcasse.  
Oh! quem do mar as cóleras punisse!

Ora o mar é sereno, é calmo, é manso,  
As vagas são melódicos arpejos  
Dando à embarcação leve balanço,  
Como um afago maternal de beijos.

Ora o mar franco, livre e transparente,  
Tão tranquilo que está, tão brando, rindo,  
Que até parece, que até cuida a gente  
Que os corações podem boiar, dormindo.

Ora ferve, rebenta, estoura, estala,  
Rude, feroz, em convulsões, profundo,  
Abrindo a corpos pavorosa vala  
E mundos de agonia num só mundo!

## *II*

Filho! Filho! Adeus, querido,  
Vou viajar para além,  
Sejas de Deus protegido...  
Que sempre me queiras bem.

Vou deixar-te nesta terra,  
Entregue aos destinos teus;  
Filho, o que este adeus encerra  
Só o pode saber Deus.

Levo as crenças em pedaços,  
Como pedaços de céus.  
Vou ver mar, vou ver espaços  
Ver temporais, escarcéus.

Filho amado, vou deixar-te  
Cá na terra, pelo mar;  
Porem, crê, de qualquer parte,  
Crê, meu filho, hei de voltar.

## *III*

Adeus, noiva, vou-me embora,  
Vou-me com Deus, é preciso.  
Que colhas em cada aurora  
Muita messe de sorriso.

Sou soldado, o meu destino  
É viver bem longe, é certo,  
Longe do canto divino  
Da tua voz, sol aberto.

Custa bem esta partida  
A mim que entanto sou forte.  
Ninguém sabe o que é a vida  
Para quem vive da morte.

Da morte, sim, pomba amada;  
Que as minhas crenças já mortas  
Tu, com essa alma estrelada  
Sem tu sequer me confortas.

Perdi pai, perdi carinhos  
De mãe, de irmãos e de todos.  
Eu sou como a flor de espinhos  
Nascida por entre lodos.

Tu vieste, ó noiva, apenas,

Como um íris de esperanças,  
Dar-me alvoradas serenas,  
Encher-me de confianças.

Só em ti confio, espero  
Com ardor, com fé veemente,  
Pomba de luz que eu venero,  
Doce vésper do oriente.

Adeus, pois chegou a hora,  
Vou-me com Deus, minha filha;  
Não chores, que o mar não chora:  
— Olha, vê que canta e brilha.

*IV*

Adeus, esposa extremosa,  
Vou-me, não sei para quando  
Voltar — minh'alma saudosa  
Por meus filhos vai chorando.

Ficam-te eles no entretanto  
Pra tirarem-te os pesares,  
Para enxugarem-te o pranto  
Que há de ser maior que os mares.

Maior que os mares, não minto,  
Não exagero tão pouco,  
Porque ai, só tu e só eu sinto  
O nosso amor como é louco.

Vou-me às viagens, aos dias  
Passados entre horizontes  
E mares e ventanias  
Sem arvoredos, sem montes.

Os dias de céus eternos  
E de mar ilimitado,  
Com tempo de atroz infernos  
Com tempo de sol doirado.

Adeus! Cá dentro do peito  
Há dois corações unidos;  
Sobre um — o mar tem direito,  
Sobre outro — os filhos queridos.

*V*

Eis as canções e adeuses de saudade  
Que as desgraçadas almas palpitantes

Soluçam na sombria imensidade  
Desta vida de angústias lacerantes.

Ao mar! Ao mar! Frescas aragens puras  
Aflam nas ondas maviosamente.  
Que balada de plácidas venturas,  
Que sinfonias, que gemer dolente!

Os céus abertos, claros, luminosos  
Lembram a candidez branda das virgens.  
Vítreos ares, magníficos, radiosos  
Onde o sol arde em férvidas vertigens.

Lindíssimos painéis, bela paisagem  
Abre na vista do viajante o ouro  
Da luz que salta como uma homenagem  
De oriental, esplêndido tesouro.

Vai bem, vai muito bem, mesmo, o navio.  
As vagas desenrolam-se de leve.  
Parece um berço por de sobre um rio  
Manso, prateado, espúmeo, cor de neve.

Vive-se a bordo como em terra. — As vagas  
Nunca foram tão doces e tão meigas,  
Como em desertas, viridentes plagas  
É doce e meigo o mole chão das veigas.

Viver assim, na realidade, é gozo  
Que até parece não haver na terra!  
Tão belo é o mar, tão calmo e bonançoso,  
Tal confiança nos semblantes erra!

Vogando assim a embarcação, quem pensa  
Ir acordado afora pela Vida?!  
Tudo é um sonho de esperança imensa  
Um bom sonho de aurora indefinida.

## VI

Súbito os ares enchem-se de noite  
E grita e zune, zargunchando o vento  
Que esbraveja, morde com rijo açoite  
O mar que espuma e empola num momento.

Não estrugem os raios pela treva  
Não há trovões bravios rebentando  
Como canhões que estouram, — mas se eleva  
Do oceano um vendaval que vai urrando

Com fúrias e com cóleras enormes  
Como potros sanhudos relinchando  
Em pinotes e berros desconformes.

Caiu talvez no mar o etéreo espaço,  
Toda a cúpula azul tombou, quem sabe?  
Céus! há lutas ali, de braço a braço.  
Horror! Crível será que o mundo acabe?

Ninguém calcula o que será tudo isso...  
Mas os ventos elétricos, largados  
Nas amplidões do mar antes submisso,  
Rugindo vão como desesperados.

Deus, ó meu Deus, todas as bocas gritam,  
E se afervora mais e mais a crença.  
Mas, onde os astros muita vez palpitam  
No céu, há noite cada vez mais densa.

Ah! que mudez de túmulo nos ares.  
Nada responde, oh! nada então responde;  
Mas onde está o grande Deus dos mares  
E da terra, onde está, aonde, aonde?

Tudo está mudo — a natureza inteira,  
Tudo emudece e não responde nada;  
E só os vendavais têm a maneira  
De responder dando uma gargalhada.

Gargalhada de lágrimas atrozes,  
De lágrimas de morte e de agonia  
Que abafa e extingue na garganta as vozes,  
Gera a coragem que é a luz do dia.

O valentes e rudes marinheiros  
Vindos da pátria para pátria nova,  
Que sepultais amores verdadeiros  
Do tão profundo coração na cova;

Ó viajantes de longe, de países  
Onde a vida cintila e canta alerta  
Como um turbilhão de aves felizes  
Numa campina de rosais, deserta;

Ó vós todos que vindes lá do oceano,  
Entre as mais bruscas e hórridas tormentas.  
Lá do mar alto, à vela, a todo o pano,  
Com as almas ansiosas e sedentas

De chegar cedo ao porto desejado,  
Calculai, calculai o quanto é triste  
Ver dar à praia um pobre desgraçado  
Em cuja carne a podridão existe!

À praia! À praia! Dai à praia, morto,  
Rejeitado por ondas convulsivas,  
Indo encontrar na sepultura o porto,  
Deixando ao mundo as ilusões mais vivas.

O eterno amor de mãe, de filho, esposa,  
Tanta fé, tanto riso de alegria,  
Tanta coisa dourada, ai tanta coisa  
Que ao recordar toda a nossa alma esfria.

Morrer no mar, os nervos contraídos,  
Numa asfixia atroz, cerrando os dentes,  
Num abismo de dores e gemidos,  
De maldições e de uivos de descrentes;

Morrer no mar, sem o farol amigo,  
Esse farol que os náufragos anima,  
Fora de proteção, fora de abrigo,  
Sem sequer uma luz no espaço, em cima;

Morrer no mar, sem astros no infinito,  
Na solidão das águas, fria, imensa,  
Enquanto a treva dura de granito,  
Ri-se de tudo, com indiferença;

Morrer no mar, só e desamparado  
E num terror que não acaba nunca,  
Vendo rasgar o corpo enregelado  
O desespero como garra adunca.

É horrível! Bem sei! Mas ai daqueles  
Que morrem mesmo assim lá no mar fundo  
Sem ter alguém que ao menos neste mundo  
Derrame uma só lágrima por eles!

(Desterro)

## (POESIAS PARA UM LIVRO DERRADEIRO)

### VIOLINOS

Pelas bizarras, góticas janelas  
De um templo medieval o sol ondula:  
Nunca os vitrais viram visões mais belas  
Quando, no ocaso, o sol os doura e oscula...

Doces, multicores aquarelas  
Sobre um saudoso céu que além se azula...  
Calma, serena, divinal, entre elas,  
A pomba ideal dos Ângelus arrula...

Rezam de joelhos anjos de mãos postas  
Através dos vitrais, e nas encostas  
Dos montes sobe a claridade ondeando...

É a lua de Deus, que as curvas meigas  
Foi ondular pelos vergéis e veigas  
Magnólias e lírios desfolhando...

### NA FONTE

Bem ao lado da gruta a fonte corre  
Trepidamente, as águas encrespando,  
Em murmúrios crebros, levantando  
Uns chamalotes prateados — morre

No monte o sol que a luz no oceano escorre  
E ainda eu vejo, as sombras afrontando,  
Uma mulher que lava, mesmo quando  
O sol mais rubro, mais vermelho jorre.

— É num sítio afastado, um sítio ermo...  
Pássaros cortam vastidões sem termo,  
Borboletas azuis roçam nas águas.

— E a mulher lava, enrubescida a face;  
Lava, cantando, como se lavasse  
As suas tristes e profundas mágoas.

## [A FONTE DE ÁGUAS CRISTALINA CORRE]

A fonte de águas cristalinas corre  
Chamalotes de prata levantando,  
E através de arvoredos murmurando,  
Entre arvoredos murmurando morre...

No ocaso, o sol, a luz no oceano escorre  
E sempre vejo, as sombras afrontando,  
Uma mulher que canta e ri, lavando,  
Mesmo que o sol muito abrasado jorre.

É verde o campo, deleitável e ermo.  
Pássaros cortam vastidões sem termo,  
Borboletas azuis roçam nas águas.

E cantando, a mulher, a rir a face,  
Lava cantando como se lavasse  
As suas grandes e profundas mágoas.

## PLENILÚNIO

Vês este céu tão límpido e constelado  
E este luar que em fúlgida cascata,  
Cai, rola, cai, nuns borbotões de prata...  
Vês este céu de mármore azulado...

Vês este campo intérmino, encharcado  
Da luz que a lua aos páramos desata...  
Vês este véu que branco se dilata  
Pelo verdor do campo iluminado...

Vês estes rios, tão fosforescentes,  
Cheios duns tons, duns prismas reluzentes,  
Vês estes rios cheios de ardentias...

Vês esta mole e transparente gaze...  
Pois é, como isso me parecem quase  
Iguais, assim, às nossas alegrias!

## MANHÃ

Alta alvorada. — Os últimos nevoeiros  
A luz que nasce levemente espalha;  
Move-se o bosque, a selva que farfalha  
Cheia da vida dos clarões primeiros.

Da passarada os vôos condoreiros,  
Os cantos e o ar que as árvores ramalha  
Lembram combate, estrídula batalha  
De elementos contrários e altaneiros.

Vozes, trinados, vibrações, rumores  
Crescem, vão se fundindo aos esplendores  
Da luz que jorra de invisível taça.

E como um rei num galeão do Oriente  
O sol põe-se a tocar bizarramente  
Fanfarras marciais, trompas de caça.

## HÓSTIAS

*A Emílio de Menezes*

Nos arminhos das nuvens do infinito  
Vamos noivar por entre os esplendores,  
Como aves soltas em vergéis de flores,  
Ou penitentes de um estranho rito.

Que seja nosso amor — sidério mito! —  
O límpido turíbulo das dores,  
Derramando o incenso dos amores  
Por sobre o humano coração aflito.

Como num templo, numa clara igreja,  
Que o sonho nupcial gozado seja,  
Que eu durma e sonhe nos teus níveos flancos.

Contigo aos astros fúlgidos alado,  
Que sejam hóstias para o meu noivado  
As flores virgens dos teus seios brancos!

## BOCA IMORTAL

Abre a boca mordaz num riso convulsivo  
Ó fera sensual, luxuriosa fera!  
Que essa boca nervosa, em riso de pantera,  
Quando ri para mim lembra um capro lascivo.

Teu olhar dá-me febre e dá-me um brusco e vivo  
Tremor às carnes, que eu, se ele em mim reverbera,  
Fico aceso no horror da paixão que ele gera,  
Inflamada, fatal, dum sangue rubro e ativo.

Mas a boca produz tais sensações de morte,  
O teu riso, afinal, é tão profundo e forte  
E tem de tanta dor tantas negras raízes;

Rigolboche do tom, ó flor pompadouresca!  
Que és, para mim, no mundo, a trágica e dantesca  
Imperatriz da Dor, entre as imperatrizes!

## PSICOLOGIA HUMANA

*A Santos Lostada*

Por trás de uns vidros d'óculos opacos  
Muita vez um leão e um tigre rugem,  
E como um surdo temporal estrugem  
Os ódios dos covardes e dos fracos.

Partir pudesses, ó poeta, em cacos,  
Vidros que ocultam almas de ferrugem,  
Que espumam de ira, tenebrosas magem,  
Magem como de dentro de uns buracos.

Que essas sombrias, dúbias almas foscas  
Que parecem, no entanto, como moscas,  
Inofensivas, babam como as lesmas.

Mas tu, em vão, tais vidros partirias,  
Pois que no mundo, eternamente, as frias  
Almas humanas serão sempre as mesmas!

## OS MORTOS

Ao menos junto dos mortos pode a gente  
Crer e esperar n'alguma suavidade:  
Crer no doce consolo da saudade  
E esperar do descanso eternamente.

Junto aos mortos, por certo, a fé ardente  
Não perde a sua viva claridade;  
Cantam as aves do céu na intimidade  
Do coração o mais indiferente.

Os mortos dão-nos paz imensa à vida,  
Dão a lembrança vaga, indefinida  
Dos seus feitos gentis, nobres, altivos.

Nas lutas vãs do tenebroso mundo  
Os mortos são ainda o bem profundo  
Que nos faz esquecer o horror dos vivos.

## VERÔNICA

Não a face do Cristo, a macilenta  
Face do Cristo, a dolorosa face...  
O martírio da Cruz passou fugace  
E este Martírio, esta Paixão é lenta.

Um vivo sangue a face te ensangüenta,  
Mais vivo que se o Deus o derramasse;  
Porque esta vã paixão, para que passe,  
É mister dos Titãs a luta incruenta.

Se tu, Visão da Luz, Visão sagrada  
Queres ser a Verônica sonhada,  
Consoladora dessa dor sombria

Impressa ficará no teu sudário  
Não a face do Cristo do Calvário  
Mas a face convulsa da Agonia!

## SÍMILES

Pedro traiu a fé do Apostolado.  
Madalena chorou de arrependida;  
E nessa mágoa triste e indefinida  
Havia ainda uns laivos de pecado.

Tudo que a Bíblia tinha decretado,  
Tudo o que a lenda humilde e dolorida  
De Jesus Cristo apregoou na vida,  
Cumriu-se à risca, foi executado.

O filho-Deus da cândida Maria,  
Da flor de Jericó, na cruz sombria  
Os seus dias amáveis terminou.

Pedro traiu a fé dos companheiros.  
Madalena chorou sob os olmeiros  
Jesus Cristo sofreu e... perdoou.

(Desterro)

#### EXILADA

Bela viajante dos países frios  
Não te seduzam nunca estes aspectos  
Destas paisagens tropicais. Secretos,  
Os teus receios devem ser sombrios.

És branca e és loura e tens os amavios  
Os incógnitos filtros prediletos  
Que podem produzir ondas de afetos  
Nos mais sensíveis corações doentios.

Loura Visão, Ofélia desmaiada,  
Deixa esta febre de ouro, a febre ansiada  
Que nos venenos deste sol consiste.

Emigra destes cálidos países,  
Foge de amargas, fundas cicatrizes,  
Das alucinações de um vinho triste...

#### A FREIRA MORTA

Muda, espectral, entrando as arcarias  
Da cripta onde ela jaz eternamente  
No austero claustro silencioso — a gente  
Desce com as impressões das cinzas frias...

Pelas negras abóbadas sombrias  
Donde pende uma lâmpada fulgente,  
Por entre a frouxa luz triste e dormente  
Sobem do claustro as sacras sinfonias.

Uma paz de sepulcro após se estende...  
E no luar da lâmpada que pende  
Brilham clarões de amores condenados...

Como que vem do túmulo da morta  
Um gemido de dor que os ares corta,  
Atravessando os mármorees sagrados!

(Desterro)

#### CLARO E ESCURO

Dentro — os cristais dos tempos fulgurantes,  
Músicas, pompas, fartos esplendores,  
Luzes, radiando em prismas multicores,  
Jarras formosas, lustres coruscantes,

Púrpuras ricas, galas flamejantes,  
Cintilações e cânticos e flores;  
Promiscuamente férvidos odores,  
Mórbidos, quentes, finos, penetrantes,

Por entre o incenso, em límpida cascata,  
Dos siderais turíbulos de prata,  
Das sedas raras das mulheres nobres;

Clara explosão fantástica de aurora,  
Deslumbramentos, nos altares! — Fora,  
Uma falange intérmina de pobres.

#### HORAS DE SOMBRA

Horas de sombra, de silêncio amigo  
Quando há em tudo o encanto da humildade  
E que o anjo branco e belo da saudade  
Roga por nós o seu perfil antigo.

Horas que o coração não vê perigo  
De gozar, de sentir com liberdade...  
Horas da asa imortal da Eternidade  
Aberta sobre tumular jazigo.

Horas da compaixão e da clemência,  
Dos segredos sagrados da existência,  
De sombras de perdão sempre benditas.

Horas fecundas, de mistério casto,  
Quando dos céus desce, profundo e vasto,  
O repouso das almas infinitas.

#### **ALELUIA! ALELUIA!**

Dentre um cortejo de harpas e alaúdes  
Ó Arcanjo sereno, Arcanjo níveo,  
Baixas-te à terra, ao mundanal convívio...  
Pois que a terra te ajude, e tu me ajudes.

Que tu me alentes nas batalhas rudes,  
Que me tragas a flor de um doce alívio  
Aos báratros, às brenhas, ao declívio  
Deste caminho de ânsias e ataúdes...

Já que desceste das regiões celestes,  
Nesse clarão flamívomo das vestes,  
Através dos troféus da Eternidade,

Traz-me a Luz, traz-me a Paz, traz-me a Esperança  
Para a minh'alma que de angústias cansa,  
Errando pelos claustros da Saudade!

#### **ROSA NEGRA**

Nervosa Flor, carnívora, suprema,  
Flor dos sonhos da Morte, Flor sombria,

Nos labirintos da tu'alma fria  
Deixa que eu sofra, me debata e gema.

Do Dante o atroz, o tenebroso lema  
Do Inferno à porta em trágica ironia,  
Eu vejo, com terrível agonia,  
Sobre o teu coração, torvo problema.

Flor do delírio, flor do sangue estuoso  
Que explode, porejando, caudaloso,  
Das volúpias da carne nos gemidos.

Rosa negra da treva, Flor do nada,  
Dá-me essa boca acídula, rasgada,  
Que vale mais que os corações proibidos!

#### VOZINHA

Velha, velhinha, da doçura boa  
De uma pomba nevada, etérea, mansa.  
Alma que se ilumina e se balança  
Dentre as redes da Fé que nos perdoa.

Cabeça branca de serena leoa,  
Carinho, amor, meiguice que não cansa,  
Coração nobre sempre como a lança  
Que não vergue, não fira e que não doa.

Olhos e voz de castidades vivas,  
Pão ázimo das Páscoas afetivas,  
Simples, tranqüila, dadivosa, franca.

Morreu tal qual vivera, mansamente,  
Na alvura doce de uma luz algente,  
Como que morta de uma morte branca.

#### NO EGITO

Sob os ardentes sóis do fulvo Egito  
De areia estuosa, de candente argila,  
Dos sonhos da alma o turbilhão desfila,  
Abre as asas no páramo infinito.

O Egito é sempre o antigo, o velho rito  
Onde um mistério singular se asila  
E onde, talvez mais calma, mais tranqüila  
A alma descansa do sofrer prescrito.

Sobre as ruínas d'ouro do passado,  
No céu cavo, remoto, ermo e sagrado,  
Torva morte espectral pairou ufana...

E no aspecto de tudo em torno, em tudo,  
Árido, pétreo, silencioso, mudo,  
Parece morta a própria dor humana!

### **REPOUSO**

A cabeça pendida docemente  
Em sonhos, sonha o sonhador inquieto,  
Repousa e nesse repousar discreto  
É sempre o sonho o seu bordão clemente.

Cego desta Prisão impenitente  
Da Terra e cego do profundo Afeto,  
O sonho é sempre o seu bordão secreto,  
O seu guia divino e refulgente.

Nem no repouso encontra a paz que espera,  
Para lhe adormecer toda a quimera,  
Os círculos fatais do seu Inferno.

Entre a calma aparente, a estranha calma,  
O seu repouso é sempre a febre d'alma,  
O seu repouso é sonho, e sonho eterno.

### ***REQUIESCAT...***

Grande, grande Ilusão morta no espaço,  
Perdida nos abismos da memória,  
Dorme tranqüila no esplendor da glória,  
Longe das amarguras do cansaço...

Ilusão, Flor do sol, do morno e lasso

Sonho da noite tropical e flórea,  
Quando as visões da névoa transitória  
Penetram na alma, num lascivo abraço...

Ó Ilusão! Estranha caravana  
De águias, soberbas, de cabeça ufana,  
De asas abertas no clarão do Oriente.

Não me persiga o teu mistério enorme!  
Pelas saudades que me aterram, dorme,  
Dorme nos astros infinitamente...

#### DOCE ABISMO

Coração, coração! a suavidade,  
Toda a doçura do teu nome santo  
É como um cálix de falerno e pranto,  
De sangue, de luar e de saudade.

Como um beijo de mágoa e de ansiedade,  
Como um terno crepúsculo d'encanto,  
Como uma sombra de celeste manto,  
Um soluço subindo à Eternidade.

Como um sudário de Jesus magoado,  
Lividamente morto, desolado,  
Nas auréolas das flores da amargura.

Coração, coração! onda chorosa,  
Sinfonia gemente, dolorosa,  
Acerba e melancólica doçura.

#### HARPAS ETERNAS

Hordas de Anjos titânicos e altivos,  
Serenos, colossais, flamipotentes,  
De grandes asas vívidas, frementes,  
De formas e de aspectos expressivos.

Passam, nos sóis da Glória redivivos,  
Vibrando as de ouro e de Marfim dolentes,  
Finas harpas celestes, refulgentes,

Da luz nos altos resplendores vivos.  
E as harpas enchem todo o imenso espaço  
De um cântico pagão, lascivo, lasso,  
Original, pecaminoso e brando...  
E fica no ar, eterna, perpetuada  
A lânguida harmonia delicada  
Das harpas, todo o espaço avassalando.

### **DUPLA VIA-LÁCTEA**

Sonhei! Sempre sonhar! No ar ondulavam  
Os vultos vagos, vaporosos, lentos,  
As formas alvas, os perfis nevoentos  
Dos Anjos que no Espaço desfilavam.  
E alas voavam de Anjos brancos, voavam  
Por entre hosanas e chamejamentos...  
Claros sussurros de celestes ventos  
Dos Anjos longas vestes agitavam.  
E tu, já livre dos terrestres lodos,  
Vestida do esplendor dos astros todos,  
Nas auréolas dos céus engrinaldada  
Dentre as zonas de luz flamo-radiante,  
Na cruz da Via-Láctea palpitante  
Apareceste então crucificada!

### **TITÃS NEGROS**

Hirtas de Dor, nos áridos desertos,  
Formidáveis fantasmas das Legendas,  
Marcham além, sinistras e tremendas,  
As caravanas, dentre os céus abertos...  
Negros e nus, negros Titãs, cobertos  
Das bocas vis, das chagas vis e horrendas,  
Marcham, caminham por estranhas sendas,  
Passos vagos, sonâmbulos, incertos...

Passos incertos e os olhares tredos,  
Na convulsão de trágicos segredos,  
De agonias mortais, febres vorazes...

Têm o aspecto fatal das feras bravas  
E o rir pungente das legiões escravas,  
De dantescos e torvos Satanases!...

### **ENTRE CHAMAS...**

Sonhei que de astros no Infinito presa  
Vagavas, brandamente adormecida,  
Nas chamas siderais resplandecida,  
A carne, em chamas, no Infinito, acesa...

E eu pasmava de encanto e de surpresa  
Vendo a constelação indefinida  
Da tua carne flamejando vida,  
Dentre os íris radiantes da beleza...

E o teu corpo, nas chamas palpitando,  
Os astros em redor maravilhando,  
Por entre a auréola dos clarões cantava...

Então, de sonho em sonho, absorto, mudo,  
Eu senti alastrar, vibrar por tudo  
Toda a infinita sensação da lava!...

### **O ANJO DA REDENÇÃO**

Soberbo, branco, etereamente puro,  
Na mão de neve um grande facho aceso,  
Nas nevroses astrais dos sóis surpreso,  
Das trevas deslumbrando o caos escuro.

Portas de bronze e pedra, o horrendo muro  
Da masmorra mortal onde estás preso  
Desce, penetra o Arcanjo branco, ileso  
Do ódio bifronte, torto, torvo e duro.

Maravilhas nos olhos e prodígios  
Nos olhos, chega dos azuis litígios,

Desce à tua caverna de bandido.

E sereno, agitando o estranho facho,  
Põe-te aos pés e à cabeça, de alto a baixo,  
Auréolas imortais de Redimido!

### **SALVE! RAINHA!...**

*Ó sempre virgem Maria,  
concebida sem pecado original,  
desde o primeiro instante do teu ser...*

Mãe de Misericórdia, sem pecado  
Original, desde o primeiro instante!  
Salve! Rainha da Mansão radiante,  
Virgem do Firmamento constelado...

Teu coração de espadas lacerado,  
Sangrando sangue e fel martirizante,  
Escute a minha Dor, a torturante,  
A Dor do meu soluço eternizado.

A minha Dor, a minha Dor suprema,  
A Dor estranha que me prende, algema  
Neste Vale de lágrimas profundo...

Salve! Rainha! por quem brado e clamo  
E brado e brado e com angústia chamo,  
Chamo, através das convulsões do mundo!...

### **MENDIGOS**

Mendigos! Ah! são mendigos  
Que voltam de vãos caminhos,  
Que atravessaram perigos,  
Urzes, pântanos, espinhos.

Que chegam desiludidos  
Das portas a que bateram:  
Humanos, grandes gemidos  
Que nos tempos se perderam.

Que voltam como partiram,  
Com mais amargor na volta  
E mais sonhos que se abriram  
Das estrelas na recolta.

Mendigos ricos no entanto,  
Das pompas da natureza  
E das auréolas do Encanto,  
Os vinhos da sua mesa.

Mendigos que o sol, apenas,  
Torna nababos felizes,  
Torna um pouco mais serenas  
As convulsas cicatrizes.

Mendigos que acham requinte  
Na fumaça de um cachimbo,  
Deixando que labirinte  
O sonho em tão leve nimbo.

Mendigos da luz da aurora  
Cantando celestemente,  
Fresca, límpida, sonora,  
Pelas fanfarras do Oriente.

Mendigos de áureas estradas,  
De sonâmbulas veredas,  
De riquezas encantadas,  
Sem pedrarias e sedas.

Mendigos d'estranho aspecto  
E sempiterna vigília,  
Filhos nômades, sem teto,  
De milenária Família.

Mendigos que erram eternos  
Sem fadigas e sem sono,  
Sob o augúrio dos Infernos,  
Das Ilusões sobre o trono.

Mendigos de plaga nova,  
De novas terras e mares,  
Divinizados na cova  
Como as hóstias nos altares.

Mendigos da grande esmola  
Da luz das estrelas nobres,  
Que fulge e dos altos rola,

Entre as suas mãos tão pobres!

Mendigos de céus remotos,  
De sóis dos mais velhos ouros;  
Com a sua fé e os seus votos  
E os seus secretos tesouros.

Mendigos de olhar severo,  
Boca murcha, meio amarga...  
Tendo um vago reverbero  
De sonhos na frente larga.

Mendigos de ínvias florestas  
E de bosques fabulosos,  
De melancólicas sestas  
Nos crepúsculos brumosos.

Mendigos da Eternidade,  
Tremendo dos sóis, dos frios,  
Nas mortalhas da Saudade  
Amortalhados sombrios.

Mendigos dos Infinitos,  
Das Esferas inefáveis,  
Noctambulando malditos  
Nos rumos imponderáveis.

Mendigos de fome e sede  
De água e pão de outros mundos,  
Embalados pela rede  
Dos Idealismos profundos.

Mendigos do azul Mistério,  
Cuja alma — nívea sereia —  
Fica saciada no aéreo  
Pão branco da lua cheia!

**[QUANDO EU PARTIR]**

**ou**

**[ESFUMINHAMENTO]**

Quando eu partir, que eterna e que infinita  
Há de crescer-me a dor de tu ficares;  
Quanto pesar e mesmo que pesares,  
Que comoção dentro desta alma aflita.

Por nossa vida toda sol, bonita,  
Que sentimento, grande como os mares,  
Que sombra e luto pelos teus olhares  
Onde o carinho mais feliz palpita...

Nesse teu rosto da maior bondade  
Quanta saudade mais, que atroz saudade...  
Quanta tristeza por nós ambos, quanta,

Quando eu tiver já de uma vez partido,  
Ó meu amor, ó meu muito querido  
Amor, meu bem, meu tudo, ó minha santa!

**SEMPRE E... SEMPRE**

*A M. B. Augusto Varela*

*Sempre se amando, sempre se querendo.*  
*Paiva*

*Oliveira*

De longe ou perto, juntas, separadas,  
Olhando sempre os mesmos horizontes,  
Presas, unidas nossas duas fontes  
Gêmeas, ardentes, novas, inspiradas;

Vendo cair as lágrimas prateadas,  
Sentindo o coro harmônico das fontes,  
Sempre fitando a cúspide dos montes  
E o rosicler das frescas alvoradas;

Sempre embebendo os límpidos olhares  
Na claridão dos humildes luars,  
No loiro sol das crenças se embebendo,

Vão nossas almas brancas e floridas  
Pelo futuro azul das nossas vidas,  
Sempre se amando, sempre se querendo.

**O ÓRGÃO**

Um largo e lento vento dormente

Taciturnas lágrimas sonâmbulas, sinfônicas

Um esquecimento amargo

Uma sombria clausura de almas

Suspirando e gemendo solitárias harmonias

Vago luar de esquecimento e prece,  
Dessa melancolia que anda errando  
No mar e nas estrelas ondulando,  
Pela minh'alma etereamente desce.

Na minh'alma, dos Sonhos anoitece  
O Sentimento que ando transformando  
Em hóstia de ouro

Sombra e silêncio

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**POEMAS HUMORÍSTICOS E IRÔNICOS DE CRUZ E SOUSA**  
*CRUZ E SOUSA*

**PARANAGUADAS**

Que importa que tu fales  
Que importa que tu files  
Que importa que não cales,  
Que importa que tu fales  
Que importa que te rales,  
Que importa-me essa bÍlis  
Que importa que tu fales  
Que importa que tu files.

**QUESTÃO BROCARDO**

— Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe —  
A cacholeta no chefe —  
— Pife, pufe, pafe, pefe  
Estoure como um tabefe  
E o ventre de raiva entufe —  
— Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe!

**SEMPRE**

Se é certo que o amor é um bem profundo  
Se é certo que o amor é um sol ardente,

Eu hei de amar-te sempre neste mundo  
E sempre, sempre, sempre — eternamente.

### BEIJOS

Nesta Tebaida infinita  
Da vida, na sombra oculto,  
Eu gosto de olhar o vulto  
De uma criança bonita.

Porque afinal as crianças,  
Como eu deslumbro-me ao vê-las,  
Cintilam como as estrelas,  
Florescem como esperanças.

Dentro de mim se projeta  
A luz cambiante dos prismas  
E batem asas as cismas  
Qual passarada irrequieta.

E batem asas e ruflam,  
Pelas artísticas plagas,  
As auras que as grandes vagas  
Dos fundos mares insuflam.

E digo, ó mães, se uma aurora  
Fosse a minh'alma sincera,  
Os clarões todos eu dera  
A uma criança que chora.

Porque se a luz fortalece  
Arbustos e as andorinhas,  
Também por certo às criancinhas  
Conforta, avigora, aquece.

E eu que aplaudo e que rimo  
Tudo isso que à luz se regre,  
Na vibração mais alegre  
As criancinhas estimo.

Portanto, assim, sem refolhos  
Beijando a Olga, beijando  
Meus sonhos vão, irradiando,  
Se derramar em seus olhos!

### QUESTÃO BROCARDO

Triolé fura essa pança  
Do Delegado — és um russo,  
Revolução n'esta dança...  
Triolé fura essa pança,  
Fura, fura como a lança  
Ou como no boi um chuço;  
Triolé fura essa panca  
Do Delegado — és um russo.

### [PINTO, PINTA — PONTA À PONTA]

Pinto, pinta — ponta à ponta  
Tanta ponta, Pinto pinta  
Que pinta se pinta a pinta  
Pinto — pinta — ponta à ponta.  
Pinto é ponto mas não ponta  
Mas se pinta por um pinto  
E já que o Pinto se pinta  
Eu pinto-lhe a pinta ao Pinto.

### PIRUETAS

Finou-se um tal inglês  
Gastrônomo e patife  
Que tanto — de uma vez  
Comeu, comeu e esparramou-se em bife;  
Que um dia de jejum,  
Pela pança rotunda e quixotesca,  
Teve um parto... comum,  
Um feto original... de carne fresca.

### AS DEVOTAS

*I*

Enquanto o sino bimbalha,  
Bimbalha, bimbalha e tine,  
Lançai do olhar a migalha  
— Enquanto o sino bimbalha —  
    À raça que se amortalha  
No horror que não se define...  
Enquanto o sino bimbalha  
Bimbalha, bimbalha e tine.

*II*

Perto da Igreja a senzala,  
O Cristo junto aos escravos  
E, pois, deveis visitá-la,  
Perto da Igreja, a senzala  
E procurar transformá-la  
Da luz às palmas, aos bravos!...  
Perto da Igreja a senzala,  
O Cristo junto aos escravos.

*III*

E tão-somente por isto  
Enquanto o sino bimbalha,  
Bem antes de terdes visto  
— E tão-somente por isto —  
Todo o martírio do Cristo,  
O vosso amor que lhes valha,  
E tão-somente por isto,  
Enquanto o sino bimbalha.

**[DE CLAQUE, CASACA E LUVA]**

De claque, casaca e luva,  
De luva, casaca e claque  
Ao *rendezvous* da viúva,  
De claque, casaca e luva,  
Tu vais — arrostas a chuva  
No *macadam* — plaque, plaque...  
De claque, casaca e luva,  
De luva, casaca e claque.

**[MEUS ESPLÊNDIDOS DESEJOS]**

Meus esplêndidos desejos  
Emigram, como beijos,  
Pelo azul espaço, em curvas,  
Rasgando essas brumas turvas;  
Pelo sol das primaveras,  
Batendo as asas brancas,  
Como, batem, quimeras...  
.....  
Voai, andorinhas francas!

**[NUNCA SE CALA O CALLADO]**

Nunca se cala o Callado  
E sempre o Callado, fala  
Callado que não se cala,  
Nunca se cala o Callado,  
Callado sem ser calado,  
Callado que é tão falado...  
Nunca se cala o Callado  
E sempre o Callado, fala.

**[ESTOURE COMO O CHAMPAGNE]**

Estoure como o *champagne*  
O triolé — pule e salte  
E como os gatos arranhe,  
Estoure como o *champagne*  
E a cara dos erros lanhe  
E como o sol nunca falte...  
Estoure como o *champagne*  
O triolé — pule e salte.

**[PARECE UM CÉU ESTRELADO]**

Parece um céu estrelado  
Esta vida de nós dois  
Depois d'aquele passado...  
Parece um céu estrelado

Largo, puro, undiflavado  
Depois do pesar, depois,  
Parece um céu estrelado  
Esta vida de nós dois.

**[LEVANTEM ESTA BANDEIRA]**

Levantem esta bandeira  
Da posição de farrapo;  
Da terra azul brasileira  
Levantem esta bandeira  
Que sente o horror da esterqueira  
Da escravidão — negro sapo.  
Levantem esta bandeira  
Da posição de farrapo.

**OLHARES**

Teus traquinantes olhinhos  
Continhas, Ziza, parecem;  
Zigzagam sempre, tontinhos  
Teus traquinantes olhinhos;  
Tão pretos, tão redondinhos  
Olhinhos que me embevecem,  
Teus traquinantes olhinhos  
Continhas, Ziza, parecem.

**[NAS EXPLOSÕES DE BONS RISOS]**

Nas explosões de bons risos  
Os triolés petulantes  
Chocalhem, tinam, precisos  
Nas explosões de bons risos,  
Tilintem como mil guisos  
Sonoros, raros, vibrantes  
Nas explosões de bons risos,  
Os triolés petulantes.

## [PRESO AO TRAPÉZIO DA RIMA]

Preso ao trapézio da rima  
Triolé — pega estes zotes  
E dá-lhes de baixo acima  
Preso ao trapézio da rima  
Na mais artística esgrima  
D'estouros e piparotes,  
Preso, ao trapézio da rima  
Triolé — pega estes zotes.

### GRITO DE GUERRA

*Aos senhores que libertam escravos*

Bem! A palavra dentro em vós escrita  
Em colossais e rubros caracteres,  
É valorosa, pródiga, infinita,  
Tem proporções de claros rosicleres.

Como uma chuva olímpica de estrelas  
Todas as vidas livres, fulguosas,  
Resplandecendo, — vós tereis de vê-las  
Rolar, rolar nas vastidões gloriosas.

Basta do escravo, ao suplicante rogo,  
Subindo acima das etéreas gazas,  
Do sol da idéia no escaldante fogo,  
Queimar, queimar as rutilantes asas.

Queimar nas chamas luminosas, francas  
Embora o grito da matéria apague-as;  
Porque afinal as consciências brancas  
São imponentes como as grandes águias.

Basta na forja, no arsenal da idéia,  
Fundir a idéia que mais bela achardes,  
Como uma enorme e fúlgida Odisséia  
Da humanidade aos imortais alardes.

Quem como vós principiou na festa  
Da liberdade vitoriosa e grande,  
Há de sentir no coração a orquestra  
Do amor que como um bom luar se expande.

Vamos! São horas de rasgar das fronteiras  
Os véus sangrentos das fatais desgraças  
E encher da luz dos vastos horizontes  
Todos os tristes corações das raças...

A mocidade é uma falena de ouro,  
Dela é que irrompe o sol do bem mais puro:  
Vamos! Erguei vosso ideal tão louro  
Para remir o universal futuro...

O pensamento é como o mar — rebenta,  
Ferve, combate — herculeamente enorme  
E como o mar na maior febre aumenta,  
Trabalha, luta com furor — não dorme.

Abri portanto a agigantada leiva,  
Quebrando a fundo os espectrais embargos,  
Pois que entrareis, numa explosão de seiva,  
Muito melhor nos panteões mais largos.

Vão desfilando como azuis coortes  
De aves alegres nas esferas calmas,  
Na atmosfera espiritual dos fortes,  
Os aguerridos batalhões das almas.

Quem vai da sombra para a luz partindo  
Quanta amargura foi talvez deixando  
Pelas estradas da existência — rindo  
Fora — mas dentro, que ilusões chorando.

Da treva o escuro e aprofundado abismo  
Enchei, fartai de essenciais auroras,  
E o americano e fértil organismo  
De retumbantes vibrações sonoras.

Fecundos germens racionais produzam  
Nessas cabeças, claridões de maios...  
Cruzem-se em vós — como também se cruzam  
Raios e raios na amplidão dos raios.

Os britadores sociais e rudes  
Da luz vital às bélicas trombetas,  
Hão de formar de todas as virtudes  
As seculares, brônzeas picaretas.

Para que o mal nos antros se contorça  
Ante o pensar que o sangue vos abala,

Para subir — é necessário — é força  
Descer primeiro a noite da senzala.

**[DA LUA AOS RAIOS PRATEADOS]**

Da Lua aos raios prateados  
Que no horizonte se espargem,  
Como fulguram os prados  
Da lua aos raios prateados,  
Há vagos silfos alados  
Do rio azul pela margem  
Da lua aos raios prateados  
Que no horizonte se espargem.

**[TEUS OLHOS BELOS POR DENTRO]**

Teus olhos belos por dentro  
De grandes colorações,  
Parecem ter pelo centro  
Teus olhos belos por dentro  
A luz vital onde eu entro  
E saio imerso em clarões...  
Teus olhos belos, por dentro  
De grandes colorações.

**[TEUS OLHOS — ESSES CARINHOS]**

Teus olhos — esses carinhos,  
Esse casal de ilusões  
Tão doces como os arminhos,  
Teus olhos — esses carinhos  
Parecem ser os dois ninhos  
Das minhas consolações,  
Teus olhos — esses carinhos  
Esse casal de ilusões!...

**[ENQUANTO ESTE SANGUE FERVE]**

Enquanto este sangue ferve  
Com força, com toda a força,  
Palpite a fibra da verve  
Enquanto este sangue ferve  
Esmague-se o que não serve  
Na treva o Mal se contorça,  
Enquanto este sangue ferve,  
Com força, com toda a força.

**[MERECE O BOM DO VIDAL]**

Merece o bom do Vidal  
Que é mesmo um Joca de truz,  
Ter também com o seu Fiscal,  
Merece o bom do Vidal  
Um banquete bambual,  
De cem milhões de bambus  
Merece o bom do Vidal  
Que é mesmo um Joca de truz!

**[QUANDO ELA ESTÁ DE COLETE]**

Quando ela está de colete,  
Espartilhada, irradiante  
Vestida de azul-ferrete  
Quando ela está de colete  
Em mim cruzando o florete  
Do seu olhar — que elegante  
Quando ela está de colete,  
Espartilhada, irradiante.

**[SE ESTALA A ESTROFE DE FOGO]**

Se estala a estrofe de fogo,  
Se explode a estrofe do Bem,  
Como o verbo demagogo  
Se estala a estrofe de fogo,

Não ceda o espírito ao rogo  
Do Mal que os erros contêm,  
Se estala a estrofe de fogo,  
Se explode a estrofe do Bem!

### **[EMBORA EU NÃO TENHA LOUROS]**

Embora eu não tenha louros  
Como esses grandes heróis  
E nem da idéia os tesouros,  
Embora eu não tenha louros,  
Talvez nos tempos vindouros  
Traduza o poema dos sóis,  
Embora eu não tenha louros  
Como esses grandes heróis.

### **[AOS RELÂMPAGOS SULFÚREOS]**

Aos relâmpagos sulfúreos  
Na esfera zigue-zagando  
Como esses pobres tugúrios,  
Aos relâmpagos sulfúreos  
Se douram, brilham purpúreos  
Fulguram de quando em quando,  
Aos relâmpagos sulfúreos  
Na esfera zigue-zagando.

### **[À SOMBRA ESPESSA DE UM ÁLAMO]**

À sombra espessa de um álamo  
Quando nasceu-me a paixão,  
Crescendo aos beijos do tálamo  
À sombra espessa de um álamo  
Que de harpas senti, que cálamo  
Por dentro do coração  
À sombra espessa de um álamo  
Quando nasceu-me a paixão.

**[QUANDO ESTÁS DE LAÇAROTES]**

Quando estás de laçarotes  
E de plissês e fichus,  
De rendas e de decotes,  
Quando estás de laçarotes,  
Toilette de chamalotes,  
Quanto esplendor, quanta luz,  
Quando estás de laçarotes  
E de plissês e fichus.

**[DA IDÉIA NOS MARES JÔNIOS]**

Da idéia nos mares jônios  
A barca das tuas cismas  
Soprada por bons favônios  
Da idéia nos mares jônios,  
Vai livre dos maus demônios,  
Batida da luz dos prismas,  
Da idéia nos mares jônios  
A barca das tuas cismas.

**[ASSOMBRO DE ASSOMBROS]**

Como um assombro de assombros  
A rapariga — um rainúnculo,  
Da serra pelos escombros  
Como um assombro de assombros,  
Quando vê de enxada aos ombros  
O noivo — lembra um carbúnculo,  
Como um assombro de assombros  
A rapariga — um rainúnculo.

**[COMO FORTES GARGALHADAS]**

Como fortes gargalhadas  
Por um templo de cristal,

Sonoramente vibradas,  
Como fortes gargalhadas,  
Sinto idéias baralhadas  
N'um frágil descomunal  
Como fortes gargalhadas  
Por um templo de cristal.

#### "DIATRIBE"

Dois zoilos mui completos deste mundo,  
Dois zoilos há terríveis e zelosos,  
Que estando sem fazer, mui ociosos  
Só tratam dum falar nauseabundo.

Eu sei mui bem seus nomes — não confundo  
Com esses bem sensatos, talentosos,  
Com esses lidadores mui briosos  
Que têm estudo imenso e bem profundo!

Mas ah! pra que tempo hei-de gastar  
Com quem só vive imerso na caligem  
D'inveja torpe e vil a esbravejar!

Isto, meus amigos, é impigem  
Que quanto se procura mais coçar  
Tanto e tanto mais só dá prurigem!

#### [DA BRUMA PELOS PAÍSES]

Da bruma pelos países  
Pelos países da bruma,  
Longe dos astros felizes,  
Da bruma pelos países,  
Tu vais perdendo os matizes  
Da luz e da glória em suma,  
Da bruma pelos países,  
Pelos países da bruma.

## ESCRAVOCRATAS

Oh! Trânsfugas do bem que sob o manto régio  
Manhosos, agachados — bem como um crocodilo,  
Viveis sensualmente à *luz* dum privilégio  
Na *pose* bestial dum cágado tranqüilo.

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas  
Ardentes do olhar — formando uma vergasta  
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,  
E vibro-vos à espinha — enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso, extraordinário —  
Da branca consciência — o rútilo sacrário  
No tímpano do ouvido — audaz me não soar.

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,  
Vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico,  
Castrar-vos como um touro — ouvindo-vos urrar!

## DA SENZALA...

De dentro da senzala escura e lamacenta  
Aonde o infeliz  
De lágrimas em fel, de ódio se alimenta  
Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada  
Alegre e sem rancor;  
Porém que foi aos poucos sendo transformada  
Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala  
Aonde o crime é rei, e a dor — crânios abala  
Em ímpeto ferino;

Não pode sair, não,  
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...  
e sim, um assassino!

## DILEMA

*Ao cons. Luís Álvares dos Santos*

Vai-se acentuando,  
Senhores da justiça — heróis da humanidade,  
O verbo tricolor da confraternidade...  
E quando, em breve, quando

Raiar o grande dia  
Dos largos arrebóis — batendo o preconceito...  
O dia da razão, da luz e do direito  
— Solene trilogia —

Quando a escravatura  
Surgir da negra treva — em ondas singulares  
De luz serena e pura;

Quando um poder novo  
Nas almas derramar os místicos luares,  
Então seremos povo!

## À REVOLTA

*A Cassiano César*

O século é de revolta — do alto transformismo,  
De Darwin, de Littré, de Spencer, de Laffite —  
Quem fala, quem dá leis é o rubro niilismo  
Que traz como divisa a bala-dinamite!...

Se é força, se é preciso erguer-se um evangelho,  
Mais reto, que instrua — estético — mais novo  
Esmaguem-se do trono os dogmas de um Velho  
E lance-se outro sangue aos músculos do povo!...

O vício azinhavrado e os cérebros raquíticos,  
É pô-los ao olhar dos sérios analíticos,  
Na ampla, social e esplêndida vitrine!...

À frente!... — Trabalhar à luz da idéia nova!...  
— Pois bem! Seja a idéia, quem lance o vício à cova,  
— Pois bem! — Seja a idéia, quem gere e quem fulmine!...

### ESCÁRNIO PERFUMADO

Quando no enleio  
De receber umas notícias tuas,  
Vou-me ao correio,  
Que é lá no fim da mais cruel das ruas,

Vendo tão fartas,  
D'uma fartura que ninguém colige,  
As mãos dos outros, de jornais e cartas  
E as minhas, nuas — isso dói, me aflige...

E em tom de mofa,  
Julgo que tudo me escarnece, apoda,  
Ri, me apostrofa,

Pois fico só e cabisbaixo, inerme,  
A noite andar-me na cabeça, em roda,  
Mais humilhado que um mendigo, um verme...

### DECADENTES

Richepin, Rollinat! gritos sangrentos  
Da carne alvoroçada de desejos,  
Mosto de risos, lágrimas e beijos,  
Estertores de abutres famulentos.

Desesperado frêmito dos ventos,  
De harpas, sutis, fantásticos harpejos,  
Clarins de guerra, e cânticos e adejos  
De aves — todos os vivos elementos.

Tudo flameja e nas estrofes canta,  
Estruge, zune, em borbotões levanta  
Noites, luares, fulgurantes dias.

Mas nessa ideal temperatura forte  
Tudo isso é triste como a flor da morte  
Que brota dentro das caveiras frias...

### DOENTE

As unhas perigosas da bronquite  
Nas tuas carnes sensuais e moles  
Não deixarão que o teu amor palpíte  
Nem que os olhares pelos astros roles.

É fatal a moléstia. Só permite  
Que te acabes por fim e que te estioles,  
Sem que em teu peito o coração se agite,  
Sem que te animes, sem que te consoles.

Vai se extinguindo a polpa dessas faces...  
Mas se ainda hoje em mim acreditasses,  
Como no tempo virginal de outrora,

Tu curar-te-ias com pequeno esforço  
Das serranias através do dorso,  
Pela saúde dos vergéis afora.

#### CRIANÇAS NEGRAS

Em cada verso um coração pulsando,  
Sóis flamejando em cada verso, e a rima  
Cheia de pássaros azuis cantando,  
Desenrolada como um céu por cima.

Trompas sonoras de tritões marinhos  
Das ondas glaucas na amplidão sopradas  
E a rumorosa música dos ninhos  
Nos damascos reais das alvoradas.

Fulvos leões do altivo pensamento  
Galgando da era a soberana rocha,  
No espaço o outro leão do sol sangrento  
Que como um cardo em fogo desabrocha.

A canção de cristal dos grandes rios  
Sonorizando os florestais profundos,  
A terra com seus cânticos sombrios,  
O firmamento gerador de mundos.

Tudo, como panóplia sempre cheia  
Das espadas dos aços rutilantes,  
Eu quisera trazer preso à cadeia  
De serenas estrofes triunfantes.

Preso à cadeia das estrofes que amam,  
Que choram lágrimas de amor por tudo,  
Que, como estrelas, vagas se derramam  
Num sentimento doloroso e mudo.

Preso à cadeia das estrofes quentes  
Como uma forja em labareda acesa,  
Para cantar as épicas, frementes  
Tragédias colossais da Natureza.

Para cantar a angústia das crianças!  
Não das crianças de cor de oiro e rosa,  
Mas dessas que o vergel das esperanças  
Viram secar, na idade luminosa.

Das crianças que vêm da negra noite,  
Dum leite de venenos e de treva,  
Dentre os dantescos círculos do açoite,  
Filhas malditas da desgraça de Eva.

E que ouvem pelos séculos afora  
O carrilhão da morte que regela,  
A ironia das aves rindo a aurora  
E a boca aberta em uivos da procela.

Das crianças vergôntes dos escravos  
Desamparadas, sobre o caos, à toa  
E a cujo pranto, de mil peitos bravos,  
A harpa das emoções palpita e soa.

Ó bronze feito carne e nervos, dentro  
Do peito, como em jaulas soberanas,  
Ó coração! és o supremo centro  
Das avalanches das paixões humanas.

Como um clarim a gargalhada vibra,  
Vibra também eternamente o pranto  
E dentre o riso e o pranto te equilibras  
De forma tal que a tudo dás encanto.

És tu que à piedade vens descendo.  
Como quem desce do alto das estrelas  
E a púrpura do amor vais estendendo  
Sobre as crianças, para protegê-las.

És tu que cresces como o oceano, e cresces  
Até encher a curva dos espaços  
E que lá, coração, lá resplandeces

E todo te abres em maternos braços.

Te abres em largos braços protetores,  
Em braços de carinho que as amparam,  
A elas, crianças, tenebrosas flores,  
Tórridas urzes que petrificaram.

As pequeninas, tristes criaturas  
Ei-las, caminham por desertos vagos,  
Sob o agulhão de todas as torturas,  
Na sede atroz de todos os afagos.

Vai, coração! na imensa cordilheira  
Da Dor, florindo como um loiro fruto  
Partindo toda a horrível gargalheira  
Da chorosa falange cor do luto.

As crianças negras, vermes da matéria,  
Colhidas do suplício a estranha rede,  
Arranca-as do presídio da miséria  
E com teu sangue mata-lhes a sede!

#### VELHO VENTO

Velho vento vagabundo!  
No teu rosar sonolento  
Leva ao longe este lamento,  
Além do escárnio do mundo.

Tu que erras dos campanários  
Nas grandes torres tristonhas  
E és o fantasma que sonhas  
Pelos bosques solitários.

Tu que vens lá de tão longe  
Com o teu bordão das jornadas  
Rezando pelas estradas  
Sombrias rezas de monge.

Tu que soltas pesadelos  
Nos campos e nas florestas  
E fazes, por noites mestas,  
Arrepiar os cabelos.

Tu que contas velhas lendas

Nas harpas da tempestade,  
Viajas na Imensidade,  
Caminhas todas as sendas.

Tu que sabes mil segredos,  
Mistérios negros, atrozes  
E formas as dúbias vozes  
Dos soturnos arvoredos.

Que tornas o mar sanhudo,  
Implacável, formidando,  
As brutas trompas soprando  
Sob um céu trevoso e mudo.

Que penetras velhas portas,  
Atravessando por frinchas...  
E sopras, zargunchas, guinchas  
Nas ermas aldeias mortas.

Que ao luar, pelos engenhos,  
Nos miseráveis casebres  
Espalhas frios e febres  
Com teus aspectos ferrenhos.

Que soluças nos zimbórios  
Os teus felinos queixumes,  
Uivando nos altos cumes  
Dos montes verdes e flóreos.

Que te desprendes no espaço  
Perdido no estranho rumo  
Por entre visões de fumo,  
Das estrelas no regaço.

Que de Réquiens e surdinas  
E de hieróglifos secretos  
Enches os lagos quietos  
Revestidos de neblinas.

Que ruges, brames, trovejas  
Ó velho vândalo amargo,  
No sonâmbulo letargo  
De um mocho rondando igrejas.

Que falas também baixinho  
Lá da origem do mistério,  
Trazendo o augúrio sidéreo  
E certa voz de carinho...

Que nas ruas mais escusas,  
Por tardes de nuvens feias,  
Como um ébrio cambaleias  
Rosnando pragas confusas.

Que és o boêmio maldito,  
O renegado boêmio,  
Em tudo o turvo irmão gêmeo  
Do sonhador Infinito.

Que és como louco das praças  
Nos seus gritos delirantes  
Clamando a pulmões possantes  
Todo o Inferno das desgraças.

Que lembras dragões convulsos,  
Bufantes, aéreos, soltos,  
Noctambulando revoltos  
Mordendo as caudas e os pulsos.

Ó velho vento saudoso,  
Velho vento compassivo,  
Ó ser vulcânico e vivo,  
Taciturno e tormentoso!

Alma de ânsias e de brados,  
Consolador companheiro  
Sinistro deus forasteiro  
D'espacos ilimitados!

Tu que andas, além, perdido,  
Tateando na esfera imensa  
Como um cego de nascença  
Nos desertos esquecido...

Que gozas toda a paragem,  
Toda a região mais diversa,  
Levando sempre dispersa  
A tua queixa selvagem.

Que no trágico abandono,  
No tédio das grandes horas  
Desoladamente choras,  
Sem fadigas e sem sono.

Que lembras nos teus clamores,  
Nas fúrias negras, dantescas,

Torturas medievalescas  
Dos ímpios inquisidores.

Que és sempre a ronda das casas,  
A gemente sentinela  
Que tudo desgrenha e gela  
Com o torvo rumor das asas.

Que pareces hordas e hordas  
De hirsutos, intonsos bardos  
Vibrando cânticos tardos  
Por liras de cem mil cordas.

Ó vento lânguido e vago,  
Ó fantasista das brumas,  
Sopro equóreo das espumas,  
Ó dá-me o teu grande afago!

Que a tua sombra me envolva  
Que o teu vulto me console  
E o meu Sentimento role  
E nos astros se dissolva...

Que eu me liberte das ânsias  
De ansiedades me liberte,  
Pairando no espasmo inerte  
Das mais longínquas distâncias.

Eu quero perder-me a fundo  
No teu segredo nevoento,  
Ó velho e velado vento,  
Velho vento vagabundo!

#### **SAPO HUMANO**

*A Emiliano Pernetá*

Oh sapo! eu vou cantar tuas misérias, sapo,  
Vou tirar, nesse lodo onde habitas de rastros,  
Umhas vivas canções do teu nojento papo,  
Da crosta esverdeada umas centelhas de astros.

E canções de tal forma e tais e tais centelhas,  
Que todas possam ir, miraculosamente,  
Transformadas, pelo ar, em rútilas abelhas  
Com o íris voador de cada asa fulgente.

Que tu, tredo animal, tu, triste sapo hediondo,  
Não és o vil, o torpe, o irracional, que a lama  
Em camadas envolve o atro ventre redondo,  
Dos tempos imortais nessa fecunda chama.

Não és o sapo histrião de imundas esterqueiras,  
O sombrio Caim nos lamaçais errantes,  
O *clown* gargalhador das charnecas rasteiras,  
Que ri-se para o sol com riso ironizante.

Não és o sapo atroz, coaxador, visguento,  
Que rouco ruge e raiva à noite os seus horrores,  
E para o constelado e mudo firmamento  
Faz ecoar os mais surdos e ásperos tambores.

Mas és o sapo humano, esse asqueroso e feio,  
Nascido de roldão na lúgubre miséria  
E que do mundo vão no pavoroso seio  
Lembra o negro sarcasmo enorme da Matéria.

Mas és o sapo humano, o sapo mais abjeto  
Do crime aterrador, do tenebroso vício,  
Mas que ainda possuis o brilho de um afeto  
Que te livra, talvez, do eterno precipício.

Por ora na tua alma a noite cruel, cerrada,  
Não caiu de uma vez, como terrível fora;  
Nela ainda há clarões de límpida alvorada,  
Um prenúncio feliz de aurora redentora.

Ainda tens coração que pulsa no teu peito  
Por uns filhos gentis, ingênuos, pequeninos,  
Que são o grande amor, o sentimento eleito  
Vencendo esses fatais instintos assassinos.

Tu semelhas de um charco a superfície nua  
E vítrea, que no campo, aos ares, adormece,  
Que se em cheio lhe bate a luz do sol, da lua,  
Para a vasta amplidão cintila e resplandece.

Pois no teu organismo, assim sinistro e torvo,  
Repleto de vibrações do vício — essas crianças,  
Sorriem virginais, oh! solitário corvo,  
Com sorrisos de luzes e barcarolas mansas.

O amor que regenera os ínfimos bandidos,  
Não reduziu, enfim, tu'alma a ignóbil trapo.

E eis por que, num viver de pântano e gemidos,  
Cantam dentro de ti aves e estrelas, sapo!

### MARCHE AUX FLAMBEAUX

#### *I*

Rompe na aurora o sol que a terra esbofeteia  
Com látegos de chama, iriando o pó e a areia,  
Iriando os vegetais de ricas pedrarias,  
Dos rubis e cristais das ourivesarias;  
Aurora acesa em cor de púrpura de cravos  
Opulentos, febris, ensanguinados, bravos;  
De ritmos leves de harpa e frêmitos e beijos  
Que são da natureza os trêmulos arpejos;  
Aurora que sorri, que traz pomposamente  
Todo o raro esplendor da luz resplandecente,  
Das paisagens louçãs no fúlgido matiz  
O aroma a derramar da meiga flor de lis.  
Na alegria dos tons os pássaros cantando  
Vão as asas abrindo, entre os clarões rufando,  
Asas emocionais, que assim dentre clarões  
Palpitam num fervor de alados corações.

E no luxo oriental de etéreo Grão-Mogol  
Como um Baco feliz rubro flameja o sol.

#### *II*

Filósofos titãs, filósofos insanos  
Que destes turbilhões, que destes oceanos  
De lutas e paixões, de sonho e pensamentos  
Espalhastes no mundo aos clamorosos ventos  
A Ciência fatal, talvez como um veneno,  
Que os tempos abalou no caminhar sereno;  
Filósofos titãs, que os séculos austeros  
No flanco da Matéria abris, graves, severos,  
Sobre o escombros da fé, da crença e da esperança,  
Da civilização o trilho que hoje alcança  
No seu aço viril as regiões supremas,  
Traçado em novas leis, doutrinas e problemas;  
Vós que sois no Saber os monges da existência  
E só acreditais na força da Ciência,  
Que da morte sabeis os filtros invisíveis,  
Narcóticos, sutis, incógnitos, terríveis,  
Não sabeis, entretanto, apóstolos sombrios,  
Como à luz da Ciência os homens estão frios,

Como tudo ficou num doloroso caos  
E os seres que eram bons, rudes, egoístas, maus.  
Em vão! em vão! em vão! os vossos largos crânios  
Lutaram pelo Bem dos Bens contemporâneos!  
Tudo está corrompido e até mais imperfeito...  
Não há um lírio são a florescer num peito,  
De piedade, de amor e de misericórdia...  
Se brota uma virtude o ascoso vício morde-a,  
Envilece, corrompe e abate essa virtude  
Com o cinismo revel dum epigrama rude...  
E até muita alma vil, feroz, patibular,  
Impunemente sobe ao mais sagrado altar.

Por isso vão passar perante a turbamulta  
Como abrupta avalanche, enorme catapulta,  
Numa *marche aux flambeaux*, os famulentos vícios  
Que cavaram no globo horrendos precipícios,  
Os vícios imortais, que infestam tribos, greis,  
Povos e gerações, seitas, templos e reis  
E que são como a lava obscura da cratera  
Que subterraneamente em tudo se invetera.

Com toda intrepidez hercúlea de acrobata  
Vou sobre eles soltar, gloriosa, intemerata,  
A sátira que tem esporas de galhardo  
Cavaleiro ideal que joga a lança e o dardo.  
Vou com esse altanado e muscular esforço  
De quem galga triunfal o soberano dorso,  
A crista vigorosa, ativa, sobranceira,  
Da mais agigantada e vasta cordilheira.

### III

Lobos, tigres, chacais, camelos, elefantes,  
Hipopótamos, ursos e rinocerontes,  
Leopardos e leões, panteras acirrantes,  
Hienas do furor, membrudos mastodontes,  
Tredas feras do mal, soturnos dromedários,  
Serpentes colossais que rastejais na treva,  
Monstros, monstros cruéis, medonhos, sangüinários,  
Cuja pata esmagante a presa aos antros leva;  
Ó ventrudos judeus, opíparos, obesos,  
De consciência obtusa, ignóbil e caolha  
Que no mundo passais grotescamente tesos  
Com honras de entremez e grandezas de rolha;  
Gafentos histriões, ridículos da moda,  
Que fingis entender Berlim, Londres, Paris,  
Mas nos altos salões, por entre a fina roda,  
Meteis sordidamente o dedo no nariz;

Brasonados truões, inúteis como eunuco,  
Que as pompas ostentais de aurífero nababo  
Mas apenas valeis como um limão sem suco,  
Tendes rabo no corpo e dentro d'alma rabo;  
Nobres de papelão, milionários vândalos  
De ventre confortado e rosto rubicundo,  
Que no torvo cancã, no cancã dos escândalos  
Sois o horrendo espantalho, a ignomínia do mundo;  
Ó deuses do milhão, ó deuses da barriga,  
Que sentindo a agulhada intensa da luxúria  
Buscais a mais em flor e linda rapariga  
Para então vos faltar na luxuriante fúria;  
Gamenhos de *toilette* e convicções de lama  
Onde tudo afinal se atola e se chafurda,  
Que do clube e do *sport* sintetizais a fama  
Mas tendes para o Bem a fibra sempre surda;  
Palhaços, *clowns* senis, hediondos borrachos  
Que aos trambolhões urrais afora no universo,  
Desdenhando de tudo e até rindo dos fachos,  
Do clarão do saber em toda a parte imerso;  
Almas negras, servis, d'ergástulos caóticos,  
Gerado no paul das lúgubres voragens,  
Do crime nos bulhões, nos vícios mais despóticos  
Aos quais tanto rendeis eternas homenagens,  
Manequins, charlatães, devassos do bom-tom,  
Que viveis nas Babéis das grandes capitais  
Apodrecendo sempre infamemente com  
O cancro do dinheiro as forças virginais;  
Mascarados tafuis de gordos ventres de ouro,  
Ó bonzos do deboche e cínicos esgares,  
Que sois o único sol esterlinado e louro  
Das parvas multidões, das multidões alvares;  
Fidalgos de barril, sicofantas, malandros  
Do templo e do bordel, da crápula de harém  
Que ao puro mar do Ideal, com torpes escafandros,  
Arrancais, p'ra vender, a pérola do Bem;  
Ó trânsfugas, ladrões que difamais a terra,  
Que tudo poluís, do próprio lodo à flor,  
À serena humildade, intrepidez da guerra.  
Aos beijos maternais, ao nupcial amor;  
Espíritos de treva, espíritos de barro  
Que enegreceis de horror o sangue das papoulas  
E das ostentações vos aclamais no carro,  
Cobertos de cetins, arminho e lantejoulas;  
Que se vem de repente o Nada sepulcral  
Nunca deixais, sequer, no tétrico leilão,  
No leilão da memória, estranho, universal,  
Nem um som a vibrar do estéril coração!

Dentre feras brutais de ríspidos penhascos  
E a torrente caudal de rijos versos francos  
E a zombaria e o riso e as sátiras e os chascos,  
Nesta *marche aux flambeaux* ides passar, aos trancos!  
Do mundo os naturais, zoológicos museus  
Despejem para fora as pavorosas massas,  
Para virem reunir-se aos tábidos judeus  
Irromper e seguir e desfilar nas praças.  
Que a cada mata, a entranha, o seio virgem se abra  
Jorrando tigres, leões, panteras do seu centro  
E na dança infernal, estrupida, macabra,  
Siga a *marche aux flambeaux* pelo universo a dentro.

Gargalhadas abri a rubra flor sangrenta  
Da humanidade vã na amargurada boca,  
Vai agora passar a marcha truculenta  
Sob o espingardear duma ironia louca.  
E desfila e desfila em becos e vielas  
E torna a desfilar por vielas e por becos,  
Às risadas da turba, estultas e amarelas  
Que têm o áspero som de gonzos perros, secos...  
E desfila e desfila, estrídula e execranda,  
Das praças na amplidão, rugindo em mar desfila,  
Enquanto além dardeja, heróica e formidanda,  
A metralha do sol que rútilo fuzila...  
E mastodontes vão de braço dado a sérios  
Burgueses que já são bem bons comendadores  
E marqueses de truz, com ares de mistérios,  
De lunetas gentis e aspectos sonhadores  
Dão o braço fidalgo e airoso das nobrezas  
Aos ursos boreais, enquanto os conselheiros,  
Os condes, os barões, os duques e as altezas  
Lá vão de braço dado aos lobos carniceiros.  
E nessa singular, atroz promiscuidade,  
Animais e truões de catadura suína,  
Gordalhudos heróis da infâmia e da maldade,  
Vendidos da honradez, velhacos de batina  
Bobos, cães, imbecis, humanos crocodilos  
E déspotas, jograis, todos os miseráveis  
De todas as feições e todos os estilos,  
Uns aos outros lá vão jungidos, formidáveis!...  
Mas a *marche aux flambeaux* derrama um pesadelo,  
A agonia dum tigre, em sonhos, sobre um ventre,  
Agonia mortal que envolve tudo em gelo...  
E desfila e desfila entre sarcasmos e entre  
As sátiras-fuzis, relampejando açoite,  
Por essa imensa aurora, estranhamente imensa  
Por um sol que angustia e que não tem da noite

Para a Miséria a sombra atenuante e densa.

Os vícios, as paixões, os crimes, ódios e erros,  
Na marcha, de roldão, caminham fraternais  
Com bandidos, vilões, burgueses rombos, perros  
E focas e mastins, macacos e chacais.  
Aos sobressaltos vão como visões, fantasmas  
Bichos de toda a casta, anões de chapéu alto,  
Deixando em convulsão todas as almas pasmas  
E o globo num tremendo e fundo sobressalto.  
E nas praças, ao sol, confundem-se os bramidos,  
Os uivos com a expressão humana misturados,  
Através do sussurro e bruscos alaridos  
Das chacotas bestiais, dos risos trovejados.  
E segue e segue e segue, afora, légua a légua  
Essa *marche aux flambeaux*, ciclópica, estupenda  
Caminha atravessando um longo sol sem trégua,  
Um dia secular, um dia de legenda;  
Caminha atravessando um sol de foco aberto,  
Por um dia fatal, interminável, mudo,  
O dia do remorso, aterrador, incerto  
Que em todo o coração crava um punhal agudo.  
Mas eu quero assim mesmo, eu quero-vos assim,  
Em marcha tropical, à crua e ardente luz  
Que vos seja uma febre indômita, sem fim,  
Um cautério de fogo a vos queimar o pus  
Venéreo da Moral, carbonizando-o até  
Para que nunca mais se sinta dele a origem  
Nem volte, como sempre, então, a ser o que é,  
Deixando-vos no mundo inteiramente virgem;  
Eu quero-vos assim, de fochos apagados,  
Apagados, ao alto, os joviais *flambeaux*,  
Que os tereis de acender nos campos ignorados  
Que de sóis de Vingança a Eternidade arou.

E depois de vagar às sátiras de todos,  
Na evidência da luz, numa perpétua aurora;  
De caminhar ao sol, por tremedais, por lodos,  
No tédio do sarcasmo, o tédio que a devora,  
Essa Marcha afinal penetrará aos urros,  
Titânica, sinistra e bêbada, irrisória,  
Num caos de pontapés, coices, vaias e murros,  
Na eterna bacanal ridícula da História.

## **O Livro Derradeiro, de Cruz e Sousa**

### **Fonte:**

Cruz e Sousa, Poesia Completa, org. de Zahidé Muzart, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística  
<<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **O LIVRO DERRADEIRO Cruz e Sousa**

### ÍNDICE

#### CAMBIANTES

SUPREMO ANSEIO  
APÓS O NOIVADO  
DORMINDO...  
NERAH  
AMOR  
ESCRAVOCRATAS  
DA SENZALA...  
DILEMA  
À REVOLTA  
ESCÁRNIO PERFUMADO  
FILETES

#### OUTROS SONETOS

SONETO  
SONETO  
SONETO  
SONETO, "DIATRIBE"  
SONETO  
SONETO  
SONETO  
SONETO

SONETO  
NA MAZURKA  
O FINAL DO GUARANI  
IDÉIA-MÃE  
O SEU BONÉ  
SONETO  
OISEAUX DE PASSAGE  
COLAR DE PÉROLAS  
SATANISMO  
METAMORFOSE  
AURÉOLA EQUATORIAL  
[ANDA-ME A ALMA]  
[QUANDO EU PARTIR]  
SEMPRE E... SEMPRE  
NOIVA E TRISTE  
MÃE E FILHO  
NATUREZA  
SURDINAS  
IRRADIAÇÕES  
AMBOS  
PLENILÚNIO  
OS DOIS  
TRISTE  
CELESTE  
[ ESTAS RISADAS]  
AOS MORTOS  
LUAR  
MOCIDADE  
SONETO  
NA FONTE  
[SONETO]  
CEGA  
ERMIDA  
ÁGUA-FORTE  
ALMA QUE CHORA  
CHUVA DE OURO  
PRIMAVERA A FORA  
25 DE MARÇO  
NINHO ABANDONADO  
CRENÇA  
CRISTO E A ADÚLTERA  
ÊXTASE DE MÁRMORE  
INVERNO  
FALANDO AO CÉU  
GLORIOSA  
O CHALÉ  
DELÍRIO DO SOM  
ILUSÕES MORTAS  
O SONHO DO ASTRÓLOGO  
CRISTO  
FRUTAS DE MAIO  
ETERNO SONHO  
RISADAS  
AVE! MARIA...  
IMPASSÍVEL  
VERÔNICA

SÍMILES  
EXILADA  
SONETOS  
DECADENTES  
OLAVO BILAC  
DOENTE  
DOENTE [variação]  
LIRIAL  
TO SLEEP, TO DREAM  
NO CAMPO  
FRUTAS E FLORES  
VISÃO MEDIEVA  
RECORDAÇÃO  
ROMA PAGÃ  
ESPIRITUALISMO  
PLANGÊNCIA DA TARDE  
ALMA ANTIGA  
VANDA  
ÊXTASE  
LUAR  
CELESTE  
A PARTIDA  
CANÇÃO DE ABRIL  
O MAR  
MANHÃ  
RIR!  
IDEAL COMUM  
ASPIRAÇÃO  
SENSIBILIDADE  
GLÓRIAS ANTIGAS  
PÁSSARO MARINHO  
A FREIRA MORTA  
CLARO E ESCURO  
MAGNÓLIA DOS TRÓPICOS  
HÓSTIAS  
BOCA IMORTAL  
PSICOLOGIA HUMANA  
OS MORTOS  
FLORIPES  
O CEGO DO HARMONIUM  
HORAS DE SOMBRA  
ALELUIA! ALELUIA!  
ROSA NEGRA  
VOZINHA  
NO EGITO  
OCASOS  
REPOUSO  
REQUIESCAT...  
DOCE ABISMO  
HARPAS ETERNAS  
DUPLA VIA-LÁCTEA  
TITÃS NEGROS  
ENTRE CHAMAS...  
O ANJO DA REDENÇÃO  
SALVE! RAINHA!...  
[SONETO]

VIOLINOS  
GUERRA JUNQUEIRO

CAMPESINAS

AO AR LIVRE  
NOS CAMPOS  
A BORBOLETA AZUL  
RENASCIMENTO  
ABELHAS  
BESOUROS...  
PAPOULA  
CAMPESINAS  
NA VILA  
OS RISONHOS

DISPERSAS

AVANTE  
AWAY!  
POESIA  
SAUDAÇÃO  
A IMPRENSA  
VERSOS  
AO DECÊNIO DE CASTRO ALVES  
ENTRE LUZ E SOMBRA  
SETE DE SETEMBRO  
TRÊS PENSAMENTOS  
PARANAGUADAS  
QUESTÃO BROCARDO  
SEMPRE  
BEIJOS  
QUESTÃO BROCARDO  
[Pinto, pinta -- ponta à ponta ]  
PIRUETAS  
AS DEVOTAS  
[De claque, casaca e luva, ]  
[MEUS ESPLÊNDIDOS...]  
[Nunca se cala o Callado]  
[Estoure como o champagne]  
[Parece um céu estrelado]  
[Levantem esta bandeira]  
OLHARES  
[Nas explosões de bons risos]  
[Triolé -- pega estes zotes ]  
GRITO DE GUERRA  
[Da Lua aos raios prateados]  
[Teus olhos belos por dentro]  
ADALZIZA  
[TEUS OLHOS]  
SER PÁSSARO  
O BOTÃO DE ROSA

[Ó Adalziza dos sonhos;]  
[Enquanto este sangue ferve]  
[Como um cisne, est' alma frisa]  
[Merece o bom do Vidal]  
[Zulmira dos meus amores,]  
[Deixai que a minh'alma escassa]  
[Quando ela está de colete,]  
[Ó cintilante Quiquia,]  
[Olhos pretos, sonhadores]  
[Se estala a estrofe de fogo,]  
AMOR!!...  
[Ó Flora, ó ninfa das rosas,]  
[Morena dos olhos pretos]  
[Embora eu não tenha louros]  
[Ó Alzira, Alzira, Alzira,]  
[Aos relâmpagos sulfúreos]  
[À sombra espessa de um álamo]  
ROSA  
[Quando estás de laçarotes]  
[Da idéia nos mares jônios]  
[-- Como um assombro de assombros]  
[-- Como fortes gargalhadas]  
[Da bruma pelos países]  
SAUDAÇÃO  
FRÊMITOS  
GUSLA DA SAUDADE  
SMORZANDO  
GIULIETTA DIONESI  
FILETES  
VERSOS À INFÂNCIA  
TRISTE  
FONTE DE AMOR  
NAUFRÁGIOS  
CASTELÃ  
ARTE  
ARTE [variação]  
O DUQUE  
A ESPADA  
O SOL E O CORAÇÃO  
SAPO HUMANO  
DIANTE DO MAR  
BRUMOSA  
SGANARELO  
DESMORONAMENTO  
CLARÕES APAGADOS  
MENDIGOS  
ASAS PERDIDAS  
ANJO GABRIEL  
CRIANÇAS NEGRAS  
VELHO VENTO  
MARCHE AUX FLAMBEAUX  
O ÓRGÃO

JULIETA DOS SANTOS

A IDÉIA AO INFINITO

SONETO

SONETO

SONETO

SONETO

SONETO

SONETO

SONETO

SONETO

JULIETA DOS SANTOS

CAMBIANTES

Índice

SUPREMO ANSEIO

Esta profunda e intérmina esperança  
Na qual eu tenho o espírito seguro,  
A tão profunda imensidade avança  
Como é profunda a idéia do futuro.

Abre-se em mim esse clarão, mais puro  
Que o céu preclaro em matinal bonança:  
Esse clarão, em que eu melhor fulguro,  
Em que esta vida uma outra vida alcança.

Sim! Inda espero que no fim da estrada  
Desta existência de ilusões cravada  
Eu veja sempre refulgir bem perto

Esse clarão esplendoroso e louro  
Do amor de mãe -- que é como um fruto de ouro,  
Da alma de um filho no eternal deserto.

Índice

APÓS O NOIVADO

Em flácido divã ela resvala  
Na alcova -- bem feliz, alegremente,  
E o fresco penteador alvinitente,  
De nardo e benjoim o aroma exala.

E o noivo todo amor, assim lhe fala,  
Por entre vibrações do olhar ardente:

Pertences-me afinal, pomba dormente  
Parece que a razão de gozo, estala.

Mas eis -- corre-se então nívea cortina:  
E a plácida, a ideal, a branca lua  
Derrama nos vergéis a luz divina...

Depois... Oh! Musa audaz, ousada, e nua,  
Não rompas esse véu de gaze fina  
Que encerra um madrigal -- Vamos... recua!...

Índice

DORMINDO...

Pálida, bela, escultural, clorótica  
Sobre o divã suavíssimo deitada,  
Ela lembrava -- a pálpebra cerrada --  
Uma ilusão esplendida de ótica.

A peregrina carnação das formas,  
-- o sensual e límpido contorno,  
Tinham esse quê de avérrico e de morno,  
Davam a Zola as mais corretas normas!...

Ela dormia como a Vênus casta  
E a negra coma aveludada e basta  
Lhe resvalava sobre o doce flanco...

Enquanto o luar -- pela janela aberta --  
-- como uma vaga exclamação -- incerta  
Entrava a flux -- cascadeado -- branco!!...

Índice

NERAH

(Inspirado no elegante conto de Virgílio Várzea)  
A Vítor Lobato

Nerah não brinca mais, não dança mais. -- E agora  
Que vão-se aproximar os tempos invernosos,  
Nerah traz uns receios tímidos, nervosos,  
De quem teme mudar-se em noite, sendo aurora.

Seus sonhos de cristal, translúcidos, antigos  
Se vão embora, embora à vinda dos invernos,  
Seguindo em debandada os úmidos galernos --  
-- lembrando um roto bando informe de mendigos.

Não canta o sabiá que triste na gaiola,  
Parece, com o olhar, pedir-lhe a casta esmola  
De um riso -- aquela flor que esvai-se, branca e fria.

Em tudo a fina seta aguda de aflições!  
Na própria atmosfera um caos de interjeições!  
Em tudo uma mortalha, em tudo uma agonia.

Índice

## AMOR

Nas largas mutações perpétuas do universo  
O amor é sempre o vinho enérgico, irritante...  
Um lago de luar nervoso e palpitante...  
Um sol dentro de tudo altivamente imerso.

Não há para o amor ridículos preâmbulos,  
Nem mesmo as convenções as mais superiores;  
E vamos pela vida assim como os noctâmbulos  
à fresca exalação salúbrica das flores...

E somos uns completos, célebres artistas  
Na obra racional do amor -- na heroicidade,  
Com essa intrepidez dos sábios transformistas.

Cumprimos uma lei que a seiva nos dirige  
E amamos com vigor e com vitalidade,  
A cor, os tons, a luz que a natureza exige!...

Índice

## ESCRAVOCRATAS

Oh! trânsfugas do bem que sob o manto régio  
Manhosos, agachados -- bem como um crocodilo,  
Viveis sensualmente à luz dum privilégio  
Na pose bestial dum cágado tranqüilo.

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas  
Ardentes do olhar -- formando uma vergasta  
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,  
E vibro-vos a espinha -- enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso, extraordinário --  
Da branca consciência -- o rútilo sacrário  
No tímpano do ouvido -- audaz me não soar.

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,  
Vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico,  
Castrar-vos como um touro -- ouvindo-vos urrar!

Índice

## DA SENZALA...

De dentro da senzala escura e lamacenta  
Aonde o infeliz  
De lágrimas em fel, de ódio se alimenta  
Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada  
Alegre e sem rancor,  
Porém que foi aos poucos sendo transformada  
Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala  
Aonde o crime é rei, e a dor -- crânios abala  
Em ímpeto ferino;

Não pode sair, não,  
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...  
e sim um assassino!

## Índice

### DILEMA

Ao cons. Luís Alvares dos santos

Vai-se acentuando,  
Senhores da justiça -- heróis da humanidade,  
O verbo tricolor da confraternidade...  
E quando, em breve, quando

Raiar o grande dia  
Dos largos arrebóis -- batendo o preconceito...  
O dia da razão, da luz e do direito  
-- solene trilogia --

Quando a escravatura  
Surgir da negra treva -- em ondas singulares  
De luz serena e pura;

Quando um poder novo  
Nas almas derramar os místicos luars,  
Então seremos povo!

## Índice

### À REVOLTA

A Cassiano César

O século é de revolta -- do alto transformismo,  
De Darwin, de Littré, de Spencer, de Laffite --  
Quem fala, quem dá leis é o rubro niilismo

Que traz como divisa a bala-dinamite!...

Se é força, se é preciso erguer-se um evangelho,  
Mais reto, que instrua -- estético -- mais novo  
Esmaguem-se do trono os dogmas de um Velho  
E lance-se outro sangue aos músculos do povo!...

O vício azinhavrado e os cérebros raquíticos,  
É pô-los ao olhar dos sérios analíticos,  
Na ampla, social e esplêndida vitrine!...

À frente!... -- Trabalhar a luz da idéia nova!...  
-- Pois bem! Seja a idéia, quem lance o vício à cova,  
-- Pois bem! -- Seja a idéia, quem gere e quem fulmine!...

Índice

### ESCÁRNIO PERFUMADO

Quando no enleio  
De receber umas notícias tuas,  
Vou-me ao correio,  
Que é lá no fim da mais cruel das ruas,

Vendo tão fartas,  
D'uma fartura que ninguém colige,  
As mãos dos outros, de jornais e cartas  
E as minhas, nuas -- isso dói, me aflige...

E em tom de mofa,  
Julgo que tudo me escarnece, apoda,  
Ri, me apostrofa,

Pois fico só e cabisbaixo, inerme,  
A noite andar-me na cabeça, em roda,  
Mais humilhado que um mendigo, um verme...

Índice

### FILETES

A J. L.

De cravos, de rosas,  
De lírios, perfumes,  
De beijos, ciúmes,  
De coisas formosas;

De cantos suaves  
De músicas, vinhos  
De aromas, arminhos  
Dos trinos das aves;

Das cismas radiadas,  
De esperanças aladas  
Por vagos escombros,

São feitos, são feitos  
Teus olhos perfeitos,  
Repletos de assombros.

Índice

## OUTROS SONETOS

Índice

### SONETO

(Oferecido e dedicado ao Ilmo. Sr. M. Bernardino A. Varela pelo autor.)

Vir bonus dicendi peritus laudandum est.

Senhor de nobre alma, tão  
D'entre os sábios conhecido,  
De pais excelsos nascido,  
Aceitai a minha canção.

Probo pai, bom cidadão,  
Sois dos seres melhor ser  
Por saber tão profundo ter,  
Sois ilustre qual Catão.

Recebei esta prova mesquinha  
De penhor e de oração,  
Produto da pena minha.

Perdoai, mui digno varão,  
Se na mente eu pobre tinha  
Cometer-vos indiscrição.

Índice

### SONETO

"Minha vida é um montão de ruínas em árido deserto  
Um abismo de ais e de suspiros".

Da mundana lida, eis que cansado,  
Co'a lira toda espedaçada,  
A alma de suspiros retalhada,  
Cumpre o infeliz seu triste fado.

Ai! que viver mais desgraçado!...  
Que sorte tão crua e desazada!...

Quem assim tem a vida amargurada  
Antes já morrer, ser sepultado.

Só eu triste padeço feras dores,  
Imensas e de fel, sem terem fim,  
Envolto no véu dos dissabores.

Oh! Cristo eu não sei se só a mim  
Deste essa vida d'amargores,  
Pois que é demais sofrer-se assim!

Índice

SONETO

(24 dez. 1880)

Dieu a fait la mer, les oiseaux, les cieux,  
Toute la nature enfin; mais les hommes  
ont découvert les sciences, les arts et les  
lettres qui les élèvent jusqu'à même Dieu.

De Mayseder gentil o vulto ingente  
De Corelli, de Spohr e de Nardini,  
De Ole Bull supernal, de Veracini  
Inspirados por Deus c'o plectro ardente;

Dessa lira febril, áurea, potente  
Do artista sem par, de Paganini;  
De Viotti dinal, do herói Tardini,  
De Lafont, de Baillot, Eck e Laurenti:

Sois rival feliz! e nesse crânio  
Há em jorros, oh céus! extravasando  
O ardor musical, o ardor titâneo...

Já bem cedo, veloz, ides galgando  
Lá da glória os degraus, o supedâneo  
Sobre um trono de luz rindo e cantando.

Índice

SONETO,

"DIATRIBE"

Dois zoilos mui completos deste mundo,  
Dois zoilos há terríveis e zelosos,  
Que estando sem fazer, mui ociosos  
Só tratam dum falar nauseabundo.

Eu sei mui bem seus nomes -- não confundo  
Com esses bem sensatos, talentosos,  
Com esses lidadores mui briosos  
Que têm estudo imenso e bem profundo!

Mas ah! pra que tempo hei-de gastar  
Com quem só vive imerso na caligem  
D'inveja torpe e vil a esbravejar!

Isto, meus amigos, é impigem  
Que quanto se procura mais coçar  
Tanto e tanto mais só dá prurigem!

Índice

#### SONETO

Por ocasião dos festejos em homenagem ao sexagésimo primeiro aniversário natalício do eloqüentíssimo tribuno sagrado, Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva.

Há vultos tamanhos que não  
Cabendo no globo, vão quedos  
Mas solenes, refugiar-se na campa.  
D'aí embuçam-se n'um manto infinito  
De glórias?...

Minh'alma está agora penetrando  
Lá na etérea plaga, cristalina!  
Que música meu Deus febril, divina  
Nos páramos azuis vai retumbando!

Além, d'áureo dossel se está rasgando  
Custosa, de primor, esmeraldina  
Diáfana, sutil, longa cortina  
Enquanto céus se vão duplando!

Em grande pedestal marmorizado  
De Paiva se divisa o busto enorme  
Soberbo como o sol, de luz croado

De um lado o porvir -- Antheu disforme  
Dos lábios faz soltar pujante brado  
Hosanas! não morreu! apenas dorme.

Índice

#### SONETO

Por ocasião da comemoração do sexagésimo primeiro aniversário natalício do ilustre pregador catarinense Joaquim Comes d'Oliveira Paiva.

Rompeu-se o denso véu do atroz marasmo  
E como por fatal, negro hebetismo  
De antro sepulcral, de fundo abismo  
O povo ressurgiu com entusiasmo!

O Zoilo mazorral se queda pasmo  
Supõe quimera ser, ser cataclismo  
Roga, já por dobrez, por ceticismo  
De néscio, vil truão solta o sarcasmo.

Perdão, Filho da Luz, minh'alma exora,  
Porém, a pátria diz, somente agora  
Os grilhões biparti de atroz moleza!

E ele, o nosso herói já redivivo  
De pé, sem se curvar, sereno, altivo  
Co'as raias do porvir mede a grandeza!

## Índice

### SONETO

(5 dez. 1882)

Embeberam-me a pena em fel!  
Antônio (Mendes Leal)

Deixai que deste álbum na folha delicada  
Eu venha difundir meus rudes pensamentos  
Deixai que as pobres rimas, uns nadas poeirentos  
Eu possa transudar da mente entrenublada!...

Deixai que de minh'alma na fibra espedaçada  
Eu busque inda vibrar uns cantos tardos, lentos!...  
Bem cedo os vendavais, aspérrimos, cruentos  
Ai! Tudo arrojarão à campa amargurada!

Porém qu'importa isso! dos mares desta vida  
Nos pávidos, estranhos, enormes escarcéus  
Se alguma coisa val, és tu, ó luz querida!...

Rasguemos do porvir os áditos, os véus!...  
Riamos sem cessar, embora em dor sentida!...  
Também as nuvens negras conglobam-se nos céus!

## Índice

### SONETO

(28 nov. 1882)

A mocidade é a alavanca do templo da ciência, no futuro; só ela tem o direito de ser a força motriz dos fenômenos intelectuais das grandes revoluções do pensamento.  
(Do Autor)

Alçando o livro colossal ardente  
Traças no crânio um sulco luminoso,  
E vais seguindo o remontar garboso  
Do sol fagueiro lá no espaço ingente!

Ergues a fronte juvenil potente  
Já como herói ou lutador famoso  
E c'uma forma de pensar honroso  
Fazes-te esperança da brasileira gente!

Seis vezes astro de maior grandeza  
Enfim lá surges nos exames belos  
Enfim triunfas na brilhante empresa!

Seis vezes quebras da ignorância os elos,  
Seis vezes vives com mais sã firmeza,  
Gemem seis vezes a louvar-te os prelos!...

Índice

## SONETO

Chegou enfim, e o desembarque dela  
Causou-me logo uma impressão divina!  
É meiga, pura como sã bonina,  
Nos olhos vivos doce luz revela!

É graciosa, sacudida e bela,  
Não tem os gestos de qualquer menina:  
Parece um gênio que seduz, fascina,  
Tão atraente, singular é ela!

Chegou, enfim! eu murmurei contente!  
Fez-se em minh'alma purpurina aurora,  
O entusiasmo me brotou fervente!

Vimos-lhe apenas a construção sonora,  
Vimos a larva, nada mais, somente  
Falta-nos ver a borboleta agora!

Índice

## NA MAZURKA

Morava num palácio -- estranha Babilônia  
De arcadas colossais, de impávidos zimbórios,  
Alcovas de damasco e torreões marmóreos,  
Volutas primorais de arquitetura jônia.

Assim, quando surgia em meio aos peristilos  
Descendo, qual mulher de Séfora, vaidosa,  
Envolta em ouropéis, em sedas, luxuosa,  
Cercam-na do belo os místicos sigilos!

E quando nos saraus, assim como um rainúnculo,  
O lábio lhe tremia e o olhar, vivo carbúnculo,  
Vibrava nos salões, como uma adaga turca,

Ou como o sol em cheio e rubro sobre o Bósforo,  
-- nos crânios os Homens sentiam ter mais fósforo...  
Ao vê-la escultural no passo da Mazurka...

## Índice

### O FINAL DO GUARANI (Santos, 15 jul. 1883)

Ceci -- é a virgem loira das brancas harmonias,  
A doce-flor-azul dos sonhos cor de rosa,  
Peri -- o índio ousado das bruscas fantasias,  
O tigre dos sertões -- de alma luminosa.

Amam-se com o amor indômito e latente  
Que nunca foi traçado nem pode ser descrito.  
Com esse amor selvagem que anda no infinito.  
E brinca nos juncais, -- ao lado da serpente.

Porém... no lance extremo, o lance pavoroso,  
Assim por entre a morte e os tons de um puro gozo,  
Dos leques da palmeira a note musical...

Vão ambos a sorrir, às águas arrojados,  
Mansos como a luz, tranqüilos, enlaçados  
E perdem-se na noite serena do ideal!...

## Índice

### IDÉIA-MÃE

Laborare  
Dignus est operarius mercede sua.  
(Af. Lat.)

Ergueis ousadamente o templo das idéias  
Assim como uns heróis, por sobre os vossos ombros  
E ides através de um negro mar d'escombros,  
Traçando pelo ar as loiras epopéias.

A luz tem para vós os filtros magnéticos  
Que andam pela flor e brincam pela estrela.  
E vós amais a luz, gostais sempre de vê-la  
Em amplo cintilar -- nuns êxtases patéticos.

É esse o aspirar do séc'lo que deslumbra,  
Que rasga da ciência a tétrica penumbra  
E gera Vítor Hugo, Haeckel e Littré.

É esse o grande -- Fiat -- que rola no infinito!...  
É esse o palpitar, homérico e bendito,  
De todo o ser que vive, estuda, pensa e lê!...

## Índice

### O SEU BONÉ

(Corte, out. 1883)

A atriz Adelina Castro

É um boné ideal, de feltros e de plumas,  
Que ela usa agora, assim como um turbante  
Turco, aveludado, doce como algumas  
Nuvens matinais que rolam no levante.

Lembro quando ao vê-lo a rubra marselhesa,  
Lembro sensações e cousas de prodígio  
E penso que ele tem a máscula grandeza  
Desse sedutor, vital barrete frígido!...

Às vezes meu olhar medindo-lhe o contorno  
E a flácida plumagem que serve-lhe d'adorno,  
-- satânico, voraz, esplêndido de fé!

Exclama num idílio cândido e singelo,  
Por entre as convulsões artísticas do Belo; --  
Oh! tem coração e alma, esse boné!...

## Índice

### SONETO

(Desterro, 13 jan. 1883)

A Moreira de Vasconcelos

Na luta dos impossíveis,  
do espírito e da matéria,  
tu és a águia sidérea  
dos pensamentos terríveis!  
(Do Autor)

É um pensar flamejador, dardânico  
Uma explosão de rápidas idéias,  
Que como um mar de estranhas odisséias  
Saem-lhe do crânio escultural, titânico!...

Parece haver um cataclismo enorme  
Lá dentro, em ânsia, a rebentar, fremente!...  
Parece haver a convulsão potente,  
Dos rubros astros num fragor disforme!...

Hão de ruir na transfusão dos mundos  
Os monumentos colossais profundos,  
As cousas vãs da brasileira história!

Mas o seu vulto, sobre a luz alçado,

Oh! há de erguer-se de arrebóis c'roado,  
Como Atalaia nos umbrais da glória!!...

Índice

#### OISEAUX DE PASSAGE

Les rêves, les grands rêves que moi toujours adore,  
Les rêves couleur rose, les rêves éclatants;  
Ainsi que les colombes un autre ciel cherchants  
J'ai vu les ailes ouvertes, si belles que l'aurore.

Autour de la nature, autour de la profonde  
Et merveilleuse mère des fleurs, des harmonies,  
Les rêves éblouissants, remplis d'amour et vie,  
Trouvaient de l'espoir le plus doré des mondes.

Hélas!... -- mais maintenant, par des chagrins, secrets,  
L'amour, les étoiles et tout ce qu'il nous est  
Chéri -- le beau soleil, la lune et les nuages;

Tout fut plongé d'abord' plongé dans le mystère,  
Avec de mon coeur la douce lumière,  
Les rêves de mon âme -- uns\* oiseaux de passage!...

\* sic.

Índice

#### COLAR DE PÉROLAS

Ao feliz consórcio dos estimáveis colegas, D. Jesuína Leal e Francisco de Castro.

A F'licidade é um colar de pérolas,  
Pérolas caras, de valor pujante,  
Belas estrofes de Petrarca e Dante  
Mais cintilantes que as manhãs mais cérulas.

Para que enfim esse colar bendito,  
Perdure sempre, inteiramente egrégio,  
Como uma tela do pintor Correggio,  
Sem resvalar no lodaçal maldito:

Faz-se preciso umas paixões bem retas,  
Cheias de uns tons de muito sol -- completas...  
Faz-se preciso que do amor na febre,

Nos grandes lances de vigor preclaro,  
Desse colar esplendoroso e raro,  
Nem uma pérola, uma só se quebre!...

Índice

## SATANISMO

Não me olhes assim, branca Arethusa,  
Peregrina inspiração dos meus cantares;  
Não me deixes a razão vagar confusa  
Ao relâmpago ideal de teus olhares.

Não me olhes, oh! não, porquanto eu penso  
Envolvido no luar das minhas cismas,  
Que o olhar que me dardejas -- doido, imenso  
Tem a rápida explosão dos aneurismas.

Não me olhes. Oh! não, que o próprio inferno  
Problemático, fatal, cálido, eterno,  
Nos teus olhos, mulher, se foi cravar!...

Não me olhes, oh! não, que m'entolece  
Tanta luz, tanto sol -- e até parece  
Que tens músicas cruéis dentro do olhar!...

## Índice

### METAMORFOSE

A Carlos Ferreira

O sol em fogo pelo ocaso explode  
Nesse estertor, que os crânios assoberba.  
Vivo, o clarão, nuns frocos exacerba  
Dos ideais a original nevrose.

Da natureza os anafis mouriscos  
Ante o cariz da atmosfera muda,  
Soam queixosos, numa nota aguda,  
Da luz que esvai-se aos derradeiros discos.

O pensamento que flameja e luta  
Nos ares rasga aprofundado sulco...  
A sombra desce nos lisins da gruta;

E a lua nova -- a peregrina Onfale,  
Como em um plaustro luminoso, hiulco,  
Surge através dos pinheirais do vale.

## Índice

### AURÉOLA EQUATORIAL

A Teodoreto Souto

Fundi em bronze a estrofe augusta dos prodígios,  
Poetas do Equador, artísticos Barnaves;

Que o facho -- Abolição -- rasgando as nuvens graves  
De raios e bulções -- triunfa nos litígios!

-- O rei Mamoud, o Sol, vibrou p'raquelas bandas  
do Norte -- a grande luz -- elétrico, explodindo,  
Assim como quem vai, intrépido, subindo  
À luz da idade nova -- em claras propagandas.

-- Os pássaros titãs nos seus conciliábulos,  
-- Chilreiam, vão cantando em místicos vocábulos,  
Alargam-se os pulmões nevrálgicos das zonas;

Abri alas, abri! -- Que em túnica de assombros,  
Irá passar por vós, com a Liberdade aos ombros,  
Como um colosso enorme o impávido Amazonas!

Índice

[ANDA-ME A ALMA]

Anda-me a alma inteira de tal sorte,  
Meus gozos, meu pesar, nos dela unidos  
Que os dela são também os meus sentidos,  
Que o meu é também dela o mesmo norte.

Unidos corpo a corpo -- um elo forte  
Nos prende eternamente -- e nos ouvidos  
Sentimos sons iguais. Vemos floridos  
Os sons do porvir, em azul coorte...

O mesmo diapasão musicaliza  
Os seres de nos dois -- um sol irisa  
Os nossos corações -- dá luz, constela...

Anda esta vida, espiritualizada  
Por este amor -- anda-me assim -- ligada  
A minha sombra com a sombra dela.

Índice

[QUANDO EU PARTIR]

Quando eu partir, que eterna e que infinita  
Há de crescer-me a dor de tu ficares;  
Quanto pesar e mesmo que pesares,  
Que comoção dentro desta alma aflita.

Por nossa vida toda sol, bonita,  
Que sentimento, grande como os mares,  
Que sombra e luto pelos teus olhares  
Onde o carinho mais feliz palpita...

Nesse teu rosto da maior bondade  
Quanta saudade mais, que atroz saudade...  
Quanta tristeza por nós ambos, quanta,

Quando eu tiver já de uma vez partido,  
Ó meu amor, ó meu muito querido  
Amor, meu bem, meu tudo, ó minha santa!

## Índice

### SEMPRE E... SEMPRE

A M. B. Augusto Varela  
Sempre se amando, sempre se querendo.  
(Oliveira Paiva)

De longe ou perto, juntas, separadas,  
Olhando sempre os mesmos horizontes,  
Presas, unidas nossas duas fontes  
Gêmeas, ardentes, novas, inspiradas;

Vendo cair as lágrimas prateadas,  
Sentindo o coro harmônico das fontes,  
Sempre fitando a cúspide dos montes  
E o rosicler das frescas alvoradas;

Sempre embebendo os límpidos olhares  
Na claridão dos humildes luares,  
No loiro sol das crenças se embebendo,

Vão nossas almas brancas e floridas  
Pelo futuro azul das nossas vidas,  
Sempre se amando, sempre se querendo.

## Índice

### NOIVA E TRISTE

Rola da luz do céu, solta e desfralda  
Sobre ti mesma o pavilhão das crenças,  
Constele o teu olhar essas imensas  
Vagas do amor que no teu peito escalda.

A primorosa e límpida grinalda  
Há de enflorar-te as amplidões extensas  
Do teu pesar -- há de rasgar-te as densas  
Sombras -- o véu sobre a luzente espalda...

Inda não ri esse teu lábio rubro  
Hoje -- inda n'alma, nesse azul delubro  
Não fulge o brilho que as paixões enastra;

Mas, amanhã, no sorridor noivado,

A vida triste por que tens passado,  
De madressilvas e jasmins se alastra.

Índice

## MÃE E FILHO

Às mães desamparadas

Jesus, meu filho, o encanto das crianças,  
Quando na cruz, de angustia espedaçado,  
Em sangue casto e límpido banhado,  
Manso, tão manso como as pombas mansas;

Embora as duras e afiadas lanças  
Com que os judeus, tinham, de lado a lado,  
Seu coração puríssimo varado,  
Inda no olhar raiavam-lhe esperanças.

Por isso, ó filho, ó meu amor -- se a esmola  
De algum conforto essencial não rola  
Por nós -- é forca conduzir a cruz!...

Mas, volta ó filho, pesaroso e triste.  
Se a nossa vida só na dor consiste,  
Ah! minha mãe, por que morreu Jesus?...

Índice

## NATUREZA

Aos Poetas

Tudo por ti resplende e se constela,  
Tudo por ti, suavíssimo, flameja;  
És o pulmão da racional peleja,  
Sempre viril, consoladora e bela.

Teu coração de pérolas se estrela,  
E o bom falerno dás a quem deseja  
Vigor, saúde a crença que floreja,  
Que as expansões do cérebro revela.

Toda essa luz que bebe-se de um hausto  
Nos livros são, todo esse enorme fausto  
Vem das verduras brandas que reluzem!

Esse da idéia esplêndido eletrismo,  
O forte, o grande, audaz psicologismo,  
Os organismos naturais produzem...

Índice

## SURDINAS

Às raparigas tristes

Vais partir, vais partir que eu bem te vejo  
Na branca face os gélidos suores,  
Vais procurar as musicas melhores  
Do sol, da glória e do celeste beijo.

Dentro de ti harpas do desejo  
Não vibram mais -- embora que tu chores --  
Nem pelas tuas aflições maiores  
Se escuta um vago e enfraquecido arpejo...

Bem! vais partir, vais demandar esferas  
Amplas de luz, feitas de primaveras,  
Paisagens novas e amplidão florida...

Mas ao chegar-te a lágrima infinita,  
Lembra-te ainda, ó pálida bonita  
De que houve alguém que te adorou na vida.

Índice

## IRRADIAÇÕES

Às crianças

Qual da amplidão fantástica e serena  
À luz vermelha e rútila da aurora  
Cai, gota a gota, o orvalho que avigora  
A imaculada e cândida açucena.

Como na cruz, da triste Madalena  
Aos pés de Cristo, a lágrima sonora  
Caia, rolou, qual bálsamo que irrorra  
A negra mágoa, a indefinida pena...

Caia por vós, esplêndidas crianças  
Bando feliz de castas esperanças,  
Sonhos da estrela no infinito imersas;

Caia por vós, as músicas formosas,  
Como um dilúvio matinal de rosas,  
Todo o luar benéfico dos versos!

Índice

AMBOS

Vão pela estrada, à margem dos caminhos  
Arenosos, compridos, salutareis,  
Por onde, a noite, os límpidos luas  
Dão às verduras leves tons de arminhos.

Nuvenis alegres como os alvos linhos  
Cortam a doce compridão dos ares,  
Dentre as canções e os tropos singulares  
Dos inefáveis, meigos passarinhos.

Do céu feliz na branda curvidade,  
A luz expande a inteira alacridade,  
O mais supremo e encantador afago.

E com o olhar vibrante de desejos  
Vão decifrando os trêmulos arpejos,  
E as reticências que produz o vago.

Índice

## PLENILÚNIO

Vês este céu tão límpido e constelado  
E este luar que em fúlgida cascata,  
Cai, rola, cai, nuns borbotões de prata...  
Vês este céu de mármore azulado...

Vês este campo intérmino, encharcado  
Da luz que a lua aos páramos desata...  
Vês este véu que branco se dilata  
Pelo verdor do campo iluminado...

Vês estes rios, tão fosforescentes,  
Cheios duns tons, duns prismas reluzentes,  
Vês estes rios cheios de ardentias...

Vês esta mole e transparente gaze...  
Pois é, como isso me parecem quase  
Iguais, assim, às nossas alegrias!

Índice

## OS DOIS

Aos pobres

-- Minha mãe, minha mãe, quanta grandeza  
Nesses plácidos, quanta majestade;  
Como essa gente há de viver, como há de  
Ser grande sempre na feliz riqueza.

Nem uma lágrima sequer -- e à mesa  
D'entre as baixelas, d'entre a imensidade

Da prata e do ouro -- a azul felicidade  
Dos bons manjares de ótima surpresa.

Nem um instante os olhos rasos d'água,  
Nem a ligeira oscilação da mágoa  
Na vida farta de prazer, sonora.

-- Como o teu louco pensamento expandes  
Filho -- a ventura não é só dos grandes  
Porque, olha, o mar também é grande e... chore!

Índice

TRISTE

Vai-se extinguindo a viva labareda  
Que te abrasava o coração ridente...  
Passas magoada pela rua e a gente  
Um converses funerais segreda.

Não tens no olhar o sangue q'embebeda,  
Foram-se as rosas do viver contente...  
Segues, agora, pobre flor -- somente  
Da sepultura a essencial vereda.

E vem chegando o tenebroso inverno...  
Mas nesse mal devorador e eterno,  
Teu organismo já não mais resiste

Às punhaladas da estação de gelo...  
E acabará como eu nem sei dizê-lo,  
Triste, bem triste, pesarosa, triste!

Índice

CELESTE

Aos corações ideais

Lembra-me ainda -- ao lado de um repuxo,  
Pela brancura de um luar de agosto,  
O teu maninho, um loiro pequerrucho  
Brincava, rindo, te afagando o rosto...

Lembra-me ainda -- as sombras do sol posto,  
Numa saleta sem brasões de luxo,  
De alguns bordados de fineza e gosto  
Delineavas o gentil debuxo...

E o gás que forte e cintilante ardia,  
Te iluminava, te alagava... ria...  
Da luz ficavas no imponente abrigo.

E agora... deixa que ao cair da noite,  
Esta lembrança dentro de mim se acoite,  
Como a andorinha no telhado amigo!

Índice

[ ESTAS RISADAS ]

Estas risadas límpidas e frescas  
Que Pan trauteia em cálamos maviosos  
Nesta amplidão dos campos verdurosos,  
Nestas paisagens flóreas, pitorescas;

Toda esta pompa e gala principescas  
Destas searas, destes altanosos  
Montes e várzeas, prados vigorosos,  
Louros -- talvez como as visões tudescas;

Este luxuoso e rico paramento,  
Feito de luz e de deslumbramento  
-- Do grande altar da natureza imensa.

Aguarda o poeta sacerdote augusto,  
Para cantar no seu missal robusto,  
A nova Missa da razão que pensa...

Índice

AOS MORTOS

Oh! não é bom rir-se de um morto -- brusca  
Pois deve ser a sensação que aumenta  
Desoladora, vagarosa, lenta  
Da negra morte tétrica velhusca...

Tudo que em vida, como um sol, corusca,  
Que nos aquece, que nos acalenta,  
Tudo que a dor e a lágrima afugenta,  
O olhar da morte nos apaga e ofusca...

Nunca se deve desprezar os mortos...  
Nos regelados e sombrios portos,  
Onde a matéria se transforma e urge

Exuberar na planturosa leiva,  
Vivem os mortos no vigor da seiva,  
Porque dão vida ao que da vida surge!...

Índice

## LUAR

Pelas esferas, nuvens peregrinas,  
Brandas de toques, encaracoladas,  
Passam de longe, tímidas, nevadas,  
Cruzando o azul sereno das colinas.

Sombras da tarde, sombras vespertinas  
Como escumilhas leves, delicadas,  
Caem da serra oblonga nas quebradas,  
Vão penumbrando as coisas cristalinas.

Rasga o silêncio a nota chã, plangente,  
Da Ave-Maria, -- e então, nervosamente,  
Nuns inefáveis, espontâneos jorros

Esbate o luar, de forma admirável,  
Claro, bondoso, elétrico, saudável,  
Na curvilínea compridão dos mortos.

## Índice

## MOCIDADE

Ah! esta mocidade! -- Quem é moço  
Sente vibrar a febre enlouquecida  
Das ilusões, da crença mais florida  
Na muscular artéria de Colosso...

Das incertezas nunca mede o poço...  
Asas abertas -- na amplidão da vida,  
Páramo a dentro -- de cabeça erguida,  
Vê do futuro o mais alegre esboço...

Chega a velhice, a neve das idades  
E quem foi moço, volve, com saudades,  
Do azul passado, o fulgido compêndio...

Ai! esta mocidade palpitante,  
Lembra um inseto de ouro, rutilante,  
Em derredor das chamas de um incêndio!

## Índice

## SONETO

Vão-se de todo os pardacentos nimbos...  
Chovem da luz as nítidas faíscas  
E no esplendor de irradiações mouriscas,  
Abrem-se as flores em gentis corimbos.

Muito mais lestras do que amigos fimbos,

Do Azul cortando as bordaduras priscas,  
Pombas do mato esvoaçando, ariscas,  
Do céu se perdem nos profundos limbos.

A natureza pulsa como a forja...  
Pássaros vibram no clarim da gorja,  
As retumbantes, fortes clarinadas.

A grande artéria dos assombros pula...  
E do oxigênio, a força que regula  
Enche os pulmões a largas baforadas.

Índice

NA FONTE

Bem ao lado da gruta a fonte corre  
Trepidamente, as águas encrespando,  
Em murmúrios crebos, levantando  
Uns chamalotes prateados -- morre

No monte o sol que a luz no oceano escorre  
E ainda eu vejo, as sombras afrontando,  
Uma mulher que lava, mesmo quando  
O sol mais rubro, mais vermelho jorre.

-- É num sítio afastado, um sítio ermo...  
Pássaros cortam vastidões sem termo,  
Borboletas azuis roçam nas águas.

-- E a mulher lava, enrubescida a face;  
Lava, cantando, como se lavasse  
As suas tristes e profundas mágoas.

Índice

[SONETO]

A fonte de águas cristalinas corre  
Chamalotes de prata levantando,  
E através de arvoredos murmurando,  
Entre arvoredos murmurando morre...

No ocaso, o sol, a luz no oceano escorre  
E sempre vejo, as sombras afrontando,  
Uma mulher que canta e ri, lavando,  
Mesmo que o sol muito abrasado jorre.

É verde o campo, deleitável e ermo.  
Pássaros cortam vastidões sem termo,  
Borboletas azuis roçam nas águas.

E cantando, a mulher, a rir a face,  
Lava cantando como se lavasse  
As suas grandes e profundas mágoas.

Índice

CEGA

Parece-me que a luz imaculada  
Que vem do teu olhar, todo doçuras,  
Não verte no meu ser aquelas puras  
Delícias de outra era já passada.

Eu creio que essa pálpebra adorada  
Não mais um flóreo empíreo de venturas  
Descobre-me -- na noite de amarguras,  
De dúvidas interminas cortada.

Não olhas como olhavas, rindo, outrora,  
Não abres a pupila, como a aurora  
Nascendo, abre, feliz, radiosa e calma.

A sombra, nos teus olhos, funda, existe!...  
Tu'alma deve ser bem negra e triste  
Se os olhos são, decerto, o espelho d'alma.

Índice

ERMIDA

Lá onde a calma e a placidez existe,  
Sobre as colinas que o vergel encobre,  
Aquela ermida como está tão pobre,  
Aquela ermida como está tão triste.

A minha musa, sem falar, assiste,  
Do meio-dia ante o aspecto nobre,  
O vago, estranho e murmurante dobre  
Daquela ermida que aos trovões resiste

E as gargalhadas funéreas, sombrias,  
Dos crus invernos e das ventanias,  
Do temporal desolador e forte.

Daquela triste esbranquiçada ermida,  
Que me recorda, me parece a vida  
Jogada às magoas e ilusões da sorte.

Índice

## ÁGUA-FORTE

Do firmamento azul e curvilíneo  
Cai, fecundando as trêmulas raízes  
Dos laranjais, dos pâmpanos, das lizes,  
A luz do sol procriador, sanguíneo.

Pelo caminho agreste e retilíneo,  
Da tarde aos brandos, triunfais matizes,  
A criançada, a chusma dos felizes,  
Esse de auroras perfumado escrínio,

Volta da escola, rindo muito, aos saltos,  
Trepando, em bulha, aos árvoredos altos  
Enquanto o sol desce os outeiros longos...

Vai dentre alados madrigais risonhos,  
Do abecedário juvenil dos sonhos,  
A soletrar os principais ditongos.

## Índice

### ALMA QUE CHORA

A João Saldanha

Em vão do Cristo aos olhos dulçurosos  
Onde há o sol do bem e da verdade,  
Cheios da luz eterna de saudade,  
Como dois mansos corações piedosos,

Em vão do Cristo os olhos lacrimosos  
E aquela doce e pura suavidade  
Do seu semblante, casto, de bondade,  
Cor do luar dos sonhos venturosos,

Servem de exemplo a dor escruciente  
Que te apunhala e fere a cada instante,  
A punhaladas ríspidas, austeras!

Viste partir a tua irmã, se, viste,  
Como num céu enévoado e triste  
O bando azul das fúlgidas quimeras...

## Índice

### CHUVA DE OURO

A Rainha desceu do Capitólio  
Agora mesmo -- vede-lhe o regaço...  
Como tem flores, como traz o braço  
Farto de jóias, como pisa o sólio

Triunfantemente, numa unção, num óleo  
Mais santo e doce que essa luz do espaço...  
E como desce com bravura de aço...  
Pois se a Rainha, como um rico espólio,

O seu brioso coração foi dando  
Aos pobrezinhos, que inda estão gozando  
Bênçãos mais puras qu'os clarões diurnos,

Por certo que há de vir descendo a escada  
Do Capitólio da virtude -- olhada  
Pelos Albergues infantis, noturnos!

Índice

#### PRIMAVERA A FORA

Escute, excelentíssima: -- Que aragens  
Traz do árvoredo a fresca romaria;  
Como este sol é rubro de alegria,  
Que tons de luz nas límpidas paisagens.

Pois beba este ar e goze estas viagens  
Das brancas aves, sinta esta harmonia  
Da natureza e deste alegre dia  
Que resplandece e ri-se nas ervagens.

Deixe lá fora estrangular-se o mundo...  
Encare o céu e veja este fecundo  
Chão que produz e que germina as flores.

Vamos, senhora, o braço à primavera,  
E numa doce música sincera,  
Cante a balada eterna dos amores...

Índice

#### 25 DE MARÇO

(Recife, 1885)

Em Pernambuco para o Ceará

Bem como uma cabeça inteiramente nua  
De sonhos e pensar, de arroubos e de luzes,  
O sol de surpresa esconde-se, recua,  
Na órbita traçada -- de fogo dos obuses.

Da enérgica batalha estoica do Direito  
Desaba a escravatura -- a lei cujos fossos  
Se ergue a consciência -- e a onda em mil destroços  
Resvala e tomba e cai o branco preconceito.

E o Novo Continente, ao largo e grande esforço

De gerações de heróis -- presentes pelo dorso  
À rubra luz da glória -- enquanto voa e zumbe.

O inseto do terror, a treva que amortalha,  
As lágrimas do Rei e os bravos da canalha,  
O velho escravagismo estéril que sucumbe.

## Índice

### NINHO ABANDONADO

À distinta família Simas, pela morte de seu chefe,  
o Ilmo. Sr. João da Silva Simas.

O vosso lar harmônico e tranqüilo  
Era um ninho de luz e de esperanças  
Que como abelhas iriadas, mansas,  
Nos vossos corações tinham asilo.

Havia lá por dentro tanta crença  
E tanto amor puríssimo, cantando,  
Que parecia um largo sol faiscando  
Por majestosa catedral imensa.

Agora o ninho está desamparado!  
Sumiu-se dele o pássaro adorado,  
O mais ideal dos pássaros do ninho.

Não se ouve mais a música sonora  
Da sua voz -- dentro do ninho, agora,  
Paira a saudade como um bom carinho.

## Índice

### CRENÇA

Filha do céu, a pura crença é isto  
Que eu vejo em ti, na vastidão das cousas,  
Nessa mudez castíssima das lousas,  
No belo rosto sonhador do Cristo.

A crença é tudo quanto tenho visto  
Nos olhos teus, quando a cabeça pousas  
Sobre o meu colo e que dizer não ousas  
Todo esse amor que eu venço e que conquisto.

A crença é ter os peregrinos olhos  
Abertos sempre aos ríspidos escolhos;  
Tê-los à frente de qualquer farol

E conservá-los, simplesmente acesos  
Como dois fochos -- engastados, presos  
Nas radiações prismáticas do sol!

## Índice

### CRISTO E A ADÚLTERA

(Grupo de Bernardelli)

Sente-se a extrema comoção do artista  
No grupo ideal de plácida candura,  
Nesse esplendor tão fino da escultura  
Para onde a luz de todo o olhar enrasta.

Que campo, ali, de rútila conquista  
Deve rasgar, do mármore na alvura,  
O estatuário -- que amplidão segura  
Tem -- de alma e braço, de razão e vista!

Vê-se a mulher que implora, ajoelhada,  
A mais serena compaixão sagrada  
De um Cristo feito a largos tons gloriosos.

De um Nazareno compassivo e terno,  
D'olhos que lembram, cheios de falerno,  
Dois infáveis corações piedosos!

## Índice

### ÊXTASE DE MÁRMORE

À grande atriz Apolônia.

O mármore profundo e cinzelado  
De uma estátua viril, deliciosa;  
Essa pedra que geme, anseia e goza  
Num misticismo altíssimo e calado;

Essa pedra imortal -- campo rasgado  
A comoção mais íntima e nervosa  
Da alma do artista, de um frescor de rosa,  
Feita do azul de um céu muito azulado;

Se te visse o clarão que pelos ombros  
Teus, rola, cai, nos múltiplos assombros  
Da Arte sonora, plena de harmonia;

O mármore feliz que é muito artista  
Também -- como tu és -- à tua vista  
De humildade e ciúme, coraria!

## Índice

### INVERNO

Amanheceu -- no topo da colina  
Um céu de madrepérola se arqueia  
Limpo, lavado, reluzindo -- ondeia  
O perfume da selva esmeraldina.

Uma luz virginal e cristalina,  
Como de um rio a transbordante cheia,  
Alaga as terras culturais e arreia  
De pingos d'ouro os verdes da campina.

Um sol pagão, de um louro gema d'ovo,  
Já tão antigo e quase sempre novo  
Surge na frígida estação do inverno.

-- Chilreiam muito em árvores frondosas  
Pássaros -- fulge o orvalho pelas rosas  
Como o vigor no espírito moderno.

Índice

#### FALANDO AO CÉU

Falas ao Céu, Amor! Em vão tu falas!  
Mas o céu, esse é velho, esse é velhinho,  
Todo ele é branco, faz lembrar o linho  
Dos leitos alvos onde tu te embalas.

A alma do céu é como velhas salas  
Sem ar, sem luz, como lares sem vinho  
Sem água e pão, sem fogo e sem carinho,  
Sem as mais toscas, as mais simples galas.

Sempre surdo, hoje o céu é mudo, é cego...  
Jamais o coração ao céu entrego,  
Eu que tão cego vou por entre abrolhos.

Mas se queres tornar jovem e louro  
Dá-lhe o bordão do teu amor um pouco  
Fala e vista, com a vida dos teus olhos...

Índice

#### GLORIOSA

A Araújo Figueredo

Pomba! dos céus me dizes que vieste,  
Toda c'roadada de astros e de rosas,  
Mas há regiões mais que essas luminosas.  
Não, tu não vens da região celeste

Há um outro esplendor em tua veste,

Uma outra luz nas tranças primorosas,  
Outra harmonia em teu olhar -- maviosas  
Cousas em tí que tu nunca tiveste.

Não, tu não vens das célicas planuras,  
Do Éden que ri e canta nas alturas  
Como essa voz que dos teus lábios tomba.

Vens de mais longe, vens doutras paragens,  
Vens doutros céus de místicas celagens,  
Sim, vens de sóis e das auroras, pomba.

Índice

### O CHALÉ

É um chalé luzido e aristocrático,  
De fulgurantes, ricos arabescos,  
Janelas livres para os ares frescos,  
Galante, raro, encantador, simpático.

O sol que vibra em rubro tom prismático,  
No resplendor dos luxos principescos,  
Dá-lhe uns alegres tiques romanescos,  
Um colorido ideal silforimático.

Há um jardim de rosas singulares,  
Lírios joviais e rosas não vulgares,  
Brancas e azuis e roxas purpúreas.

E a luz do luar caindo em brilhos vagos,  
Na placidez de adormecidos lagos  
Abre esquisitas radiações sulfúreas.

Índice

### DELÍRIO DO SOM

O Boabdil mais doce que um carinho,  
O teu piano ebúrneo soluçava,  
E cada nota, amor, que ele vibrava,  
Era-me n'alma um sol desfeito em vinho.

Me parecia a música do arminho,  
O perfume do lírio que cantava,  
A estrela-d'alva que nos céus entoava  
Uma canção dulcíssima baixinho.

Incomparável, teu piano -- e eu cria  
Ver-te no espaço, em fluidos de harmonia,  
Bela, serena, vaporosa e nua;

Como as visões olímpicas do Reno,  
Cantando ao ar um delicioso treno  
Vago e dolente, com uns tons de lua.

Índice

## ILUSÕES MORTAS A Virgílio Várzea

Os meus amores vão-se mar em fora,  
E vão-se mar em fora os meus amores,  
A murchar, a murchar, como essas flores  
Sem mais orvalho e a doce luz da aurora.

E os meus amores não virão agora,  
Não baterão as asas multicores,  
Como as aves mansas -- dentre os esplendores  
Do meu prazer, do meu prazer de outrora.

Tudo emigrou, rasgando a esfera branca  
Das ilusões, -- tudo em revoada franca  
Partiu -- deixando um bem-estar saudoso

No fundo ideal de toda a minha vida,  
Qual numa taça a gota indefinida  
De um bom licor antigo e saboroso.

Índice

## O SONHO DO ASTRÓLOGO

As fulguosas, rútilas estrelas  
Como mundos de mundos seculares,  
Formando uns arquipélagos, uns mares  
De luz -- como eu deslumbro o olhar ao vê-las.

Ah! se como eu sei compreendê-las,  
Sentir-lhes os seus filtros salutaras,  
Pudesse, da amplidão fria dos ares  
Arrancá-las, na mão sempre trazê-las;

Que vagalhões de assombros palpitantes  
Não me viriam perpassar, faiscentes,  
Dentro do ser, nuns doutros murúrios.

Eu saberia muito mais a causa  
Da evolução que nunca teve pausa,  
Que é uma audácia transbordando em rios.

Índice

## CRISTO

Cristo morreu, ó tristes criaturas,  
Era matéria como vós, morreu;  
E quando a noite sepulcral desceu  
Gelou com ele o oceano das ternuras.

Nunca outro sol de irradiações mais puras  
Subiu tão alto e tanto resplendeu,  
Nunca ninguém tão firme combateu  
Da humanidade todas as torturas.

Morreu, que se ele, o Deus, ressuscitasse,  
Limpa de sangue e lágrimas a face,  
Os seus olhos tranqüilos, virginais,

Dons inefáveis, corações piedosos,  
Tinham de abrir-se muito dolorosos,  
Também chorando quando vós chorais!

## Índice

## FRUTAS DE MAIO

Maio chegou -- alegre e transparente  
Cheio de brilho e música nos ares,  
De cristalinos risos salutareos,  
Frio, porém, ó gota alvinitente.

Corre um fluido suave e odorescente  
Das laranjeiras, como dos altares  
O incenso -- e, como a gaze azul dos mares,  
Leve -- há por tudo um beijo, docemente.

Isto bem cedo, de manhã -- adiante  
Pela tarde um sol calmo, agonizante,  
Põe no horizonte resplendentes franjas.

Há carinhos, da luz em cada raio,  
Filha -- e eu que adoro este frescor de maio  
Muito, mas muito -- trago-te laranjas.

## Índice

## ETERNO SONHO

Quelle est donc cette femme?  
Je ne comprendrai pas.  
Félix Arvers

Talvez alguém estes meus versos lendo  
Não entenda que amor neles palpita,

Nem que saudade trágica, infinita  
Por dentro dele sempre está vivendo.

Talvez que ela não fique percebendo  
A paixão que me enleva e que me agita,  
Como de uma alma dolorosa, aflita  
Que um sentimento vai desfalecendo.

E talvez que ela ao ler-me, com piedade,  
Diga, a sorrir, num pouco de amizade,  
Boa, gentil e carinhosa e franca:

-- Ah! bem conheço o teu afeto triste...  
E se em minha alma o mesmo não existe,  
É que tens essa cor e é que eu sou branca!

### Índice

#### RISADAS

Às criaturas alegres

Fantasia, ó fantasia, tropo ardente  
Da aurora alegre undiflavando as bandas  
Do adamascado e rúbido oriente,  
Ó fantasia, águia das asas pandas.

Tu que os clarins do sonho mais fulgente  
Das Julietas, feres, nas varandas,  
Ó fantasia dos Romeus, ó crente,  
Por que países meridionais tu andas?!

Vem das esferas, entre os sons que vibras.  
Vem, que desejo emocionar as fibras,  
Quero sentir como este sangue impulsas.

Noiva do sol que os sóis preclaros gozas  
Para rimar umas canções de rosas,  
Como risadas de cristal, avulsas...

### Índice

#### AVE! MARIA...

Ave! Maria das Estrelas, Ave!  
Cheia de graça do luar, Maria!  
Harmonia de cântico suave,  
Das harpas celestiais branda harmonia...

Nuvem d'incensos através da nave  
Quando o templo de pompas irradia  
E em prantos o órgão vai plangendo grave  
A profunda e gemente litania...

Seja bendito o fruto do teu ventre,  
Jesus, mais belo dentre os astros e entre  
As mulheres judaicas mais amado...

Ó Luz! Eucaristia da beleza,  
Chama sagrada no Evangelho acesa,  
Maravilha do Amor e do Pecado!

Índice

## IMPASSÍVEL

Teu coração de mármore não ama  
Nem um dia sequer, nem um só dia.  
Essa inclemente natureza fria  
Jamais na luz dos astros se derrama.

Mares e céus, a imensidade clama  
Por esse olhar d'estrelas e harmonia,  
Sem uma névoa de melancolia,  
Do amor nas pompas e na vida chama.

A Imensidade nunca mais quer vê-lo,  
Indiferente às comoções, de gelo  
Ao mar, ao sol, aos roseirais de aromas.

Ama com o teu olhar, que a tudo encantas,  
Ou se antes de pedra, como as santas,  
Mudas e tristes dentro das redomas.

Índice

## VERÔNICA

Não a face do Cristo, a macilenta  
Face do Cristo, a dolorosa face...  
O martírio da Cruz passou fugace  
E este Martírio, esta Paixão é lenta.

Um vivo sangue a face te ensangüenta,  
Mais vivo que se o Deus o derramasse;  
Porque esta vã paixão, para que passe,  
É mister dos Titãs a luta incruenta.

Se tu, Visão da Luz, Visão sagrada  
Queres ser a Verônica sonhada,  
Consoladora dessa dor sombria

Impressa ficara no teu sudário  
Não a face do Cristo do Calvário  
Mas a face convulsa da Agonia!

## Índice

### SÍMILES (Desterro)

Pedro traiu a fé do Apostolado.  
Madalena chorou de arrependida;  
E nessa mágoa triste e indefinida  
Havia ainda uns laivos de pecado.

Tudo que a Bíblia tinha decretado,  
Tudo o que a lenda humilde e dolorida  
De Jesus Cristo apregoou na vida,  
Cumpriu-se à risca, foi executado.

O filho-Deus da cândida Maria,  
Da flor de Jericó, na cruz sombria  
Os seus dias amáveis terminou.

Pedro traiu a fé dos companheiros.  
Madalena chorou sob os olmeiros  
Jesus Cristo sofreu e... perdoou.

## Índice

### EXILADA

Bela viajante dos países frios  
Não te seduzam nunca estes aspectos  
Destas paisagens tropicais -- secretos,  
-- Os teus receios devem ser sombrios.

És branca e és loura e tens os amavios  
Os incógnitos filtros prediletos  
Que podem produzir ondas de afetos  
Nos mais sensíveis corações doentios.

Loura Visão, Ofélia desmaiada,  
Deixa esta febre de ouro, a febre ansiada  
Que nos venenos deste sol consiste.

Emigra destes cálidos países,  
Foge de amargas, fundas cicatrizes,  
Das alucinações de um vinho triste...

## Índice

### SONETOS

Do som, da luz entre os joviais duetos,  
Como uma chusma alada de gaiivotas,  
Vindos das largas amplidões remotas,  
Batem as asas todos os sonetos.

Vão -- por estradas, por difíceis rotas,  
Quatorze versos -- entre dois quartetos  
E duas belas e luzidas frotas  
Rijas, seguras, de mais dois tercetos.

Com a brunida lâmina da lima,  
Vão céus radiosos, horizontes acima,  
Pelas paragens límpidas, gentis,

Atravessando o campo das quimeras,  
Aberto ao sol das flóreas primaveras,  
Todo estrelado de áureos colibris.

Índice

## DECADENTES

Richepin, Rollinat! gritos sangrentos  
Da carne alvoroçada de desejos,  
Mosto de risos, lágrimas e beijos,  
Estertores de abutres famulentos.

Desesperado frêmito dos ventos,  
De harpas, sutis, fantásticos harpejos,  
Clarins de guerra, e cânticos e adejos  
De aves -- todos os vivos elementos.

Tudo flameja e nas estrofes canta,  
Estruge, zune, em borbotões levanta  
Noites, luares, fulgurantes dias.

Mas nessa ideal temperatura forte  
Tudo isso é triste como a flor da morte  
Que brota dentro das caveiras frias...

Índice

## OLAVO BILAC

Vim afinal para o solar dos astros,  
De irradiações puríssimas e belas,  
Numa viagem de alterosos mastros,  
Numa viagem de saudosas velas...

Das alegrias nos febris enastros  
Que as almas prendem para percebê-las,  
Vim cantando e feliz, fugindo aos rastros

Da terra de onde vi e ouvi estrelas.

E por aqui, nas lúcidas paisagens,  
Vestido das mais fluidicas roupagens  
Tecido de ouro, nos clarões imersos...

Ando a gozar, entre lauréis e palmas,  
O que cantei na terra, junto às almas,  
Na eterna florescência dos meus versos.

Índice

DOENTE

As unhas perigosas da bronquite  
Nas tuas carnes sensuais e moles  
Não deixarão que o teu amor palpite  
Nem que os olhares pelos astros roles.

É fatal a moléstia. Só permite  
Que te acabes por fim e que te estioles.  
Sem que em teu peito o coração se agite,  
Sem que te animes, sem que te consoles.

Vai se extinguindo a polpa dessas faces...  
Mas se ainda hoje em mim acreditasses,  
Como no tempo virginal de outrora,

Tu curar-te-ias com pequeno esforço  
Das serranias através do dorso,  
Pela saúde dos vergéis afora.

Índice

DOENTE [variação]

As unhas perigosas da bronquite  
Nas tuas carnes flácidas e moles,  
Não deixarão que o teu amor palpite,  
Nem que os olhares pela esfera roles...

É fatal a moléstia -- só permite  
Que te acabes por fim, e que te estioles,  
Sem que em teu peito um coração se agite,  
Sem que te animes, sem que te consoles.

Vai-se extinguindo a polpa dessas faces!  
Mas se ainda hoje em mim acreditasses,  
Como no tempo musical de outrora,

Me seguirias com pequeno esforço,  
Das serranias através do dorso,

Pela saúde dos vergéis afora!

Índice

## LIRIAL

Vens com uns tons de searas,  
De prados enflorescidos  
E trazes os coloridos  
Das frescas auroras claras.

E tens as nuances raras  
Dos bons prazeres servidos  
Nos rostos enlourecidos  
Das parisienses preclaras.

Chapéu das finas elites,  
De roses e clematites,  
Chapéu Pierrette -- entre o sol

Passando, esbelta e rosada,  
Pareces uma encantada  
Canção azul do Tirol.

Índice

## TO SLEEP, TO DREAM

Dormir, sonhar -- o poeta inglês o disse...  
Ah! Mas se a gente nunca mais sonhasse  
Ah! Mas se a gente nunca mais dormisse  
E a ilusões não mais acalentasse?

E o que importava que o futuro risse  
De um visionário que tal cousa ideasse;  
Se não seria o único que abrisse  
Uma exceção da vida humana à face?...

Se os imortais filósofos modernos  
Que derrubaram todos os infernos,  
Que destruíram toda a teogonia.

Orientando a triste humanidade,  
Deixaram, mais e mais, a piedade  
Inteiramente desolada e fria?

Índice

## NO CAMPO

Acordo de manhã cedo  
Da luz aos doces carinhos:  
Que rosas pelos caminhos!  
Que rumor pelo árvoredo!

Para o azul radioso e ledó  
Sobe, de dentro dos ninhos,  
O canto dos passarinhos  
Cheio de amor e segredo.

Dentre moitas de verdura  
Voam as pombas nevadas,  
Imaculadas de alvura.

Pelas margens das estradas  
Que penetrante frescura  
Que femininas risadas!

Índice

## FRUTAS E FLORES

Laranjas e morangos -- quanto às frutas,  
Quanto às flores, porém, ah! quanto às flores,  
Trago-te d'ális rubras, d'essas cores  
Das brilhantes auroras impolutas.

Venho de ouvir as misteriosas lutas  
Do mar chorando lágrimas de amores;  
Isto é, venho de estar entre os verdores  
De um sítio cheio de asperezas brutas,

Mas onde as almas -- pássaros que voam --  
Vivem sorrindo às músicas que ecoam  
Dos campos livres na rural pobreza.

Trago-te frutas, flores, só apenas,  
Porque não pude, irmã das açucenas,  
Trazer-te o mar e toda a natureza!

Índice

## VISÃO MEDIEVA

Quando em outras remotas primaveras,  
Na idade-média, sob fuscões tetos,  
Dois amantes passavam, mil aspectos  
Tinham aquelas medievais quimeras.

Nas armaduras rígidas e austeras,  
Na aérea perspectiva dos objetos  
Andavam sonhos e visões, diletos  
Segredos mortos nas extintas eras.

O fantasma do amor pelos castelos  
Mudo vagava entre os luars belos,  
Dos corredores nas paredes frias.

Não raro se escutava um som de passos,  
Rumor de beijos, frêmito de abraços  
Pelas caladas, fundas galerias.

Índice

## RECORDAÇÃO

Foi por aqui, sob estes árvoredos,  
Sob este doce e plácido horizonte,  
Perto da clara e pequenina fonte  
Que murmura lá baixo os seus segredos...

Recordo bem todos os cantos ledos  
Da passarada -- e lembro-me da ponte  
Por sobre a qual via-se além, de frente,  
O mar azul batendo nos penedos.

Sinto a impressão ainda da paisagem,  
Do trêmolo (...) \* da folhagem,  
Das culturas rurais, do sítio agreste.

A luz do dia vinha então morrendo...  
Foi por aqui que eu pude ficar crendo  
O quanto pode o teu olhar celeste.

\* Rasurado

Índice

## ROMA PAGÃ

Na antiga Roma, quando a saturnal fremente  
Exerceu sobre tudo o báquico domínio,  
Não era raro ver nos gozos do triclinio  
A nudez feminina imperiosa e quente.

O corpo de alabastro, olímpico e fulgente,  
Lascivamente nu, correto e retilínio,  
Num doce tom de cor, esplêndido e sangüíneo,  
Tinha o assombro da came e a forma da serpente.

A luz atravessava em frocos d'oiro e rosa  
Pela fresca epiderme, ebúrnea e setinosa,  
Macia, da maciez dulcíssima de arminhos.

Menos raro, porém, do que a nudez romana  
Era ver borbulhar, em férvida espadana  
A púrpura do sangue e a púrpura dos vinhos.

Índice

## ESPIRITUALISMO

Ontem, à tarde, alguns trabalhadores,  
Habitantes de além, de sobre a serra,  
Cavavam, revolviam toda a terra,  
Do sol entre os metálicos fulgores.

Cada um deles ali tinha os ardores  
De febre de lutar, a luz que encerra  
Toda a nobreza do trabalho e -- que erra  
Só na cabeça dos conspiradores,

Desses obscuros revolucionários  
Do bem fecundo e cultural das leivas  
Que são da Vida os maternais sacrários.

E pareceu-me que do chão estuante  
Vi porejar um bálsamo de seivas  
Geradoras de um mundo mais pensante.

Índice

## PLANGÊNCIA DA TARDE

Quando do campo as prófugas ovelhas  
Voltam a tarde, lépidas, balando  
Com elas o pastor volta cantando  
E fulge o ocaso em convulsões vermelhas.

Nos beirados das casas, sobre as telhas

Das andorinhas esvoaça o bando...  
E o mar, tranqüilo, fica cintilando  
Do sol que morre as últimas centelhas.

O azul dos montes vago na distância...  
No bosque, no ar, a cândida fragrância  
Dos aromas vitais que a tarde exala.

Às vezes, longe, solta, na esplanada,  
A ovelha errante, tonta e desgarrada,  
Perdida e triste pelos ermos bala ...

## Índice

### ALMA ANTIGA

Põe a tua alma francamente aberta  
Ao sol que pelos páramos faísca,  
Que o sol para a tua alma velha e prisca  
Deve de ser como um clarim de alerta.

Desperta, pois, por entre o sol, desperta  
Como de um ninho a pomba quente e arisca  
À luz da aurora que dos altos risca  
De listrões d'ouro a vastidão deserta.

Vai por abril em flores gorgendo  
Como pássaro exul as canções leves  
Que os ventos vão nas árvores deixando.

E tira da tua alma, ó doce amiga,  
Almas serenas, puras como a neve,  
Almas mais novas que a tua alma antiga!

## Índice

### VANDA

Vanda! Vanda do amor, formosa Vanda,  
Makuâma gentil, de aspecto triste,  
Deixe que o coração que tu poluiste  
Um dia, se abra e revivesça e expanda.

Nesse teu lábio sem calor onde anda  
A sombra vã de amores que sentiste  
Outrora, acende risos que não viste

Nunca e as tristezas para longe manda.

Esquece a dor, a lúbrica serpente  
Que, embora esmaguem-lhe a cabeça ardente,  
Agita sempre a cauda venenosa.

Deixa pousar na seara dos teus dias  
A caravana irial das alegrias  
Como as abelhas pousam numa rosa.

Índice

## ÊXTASE

Quando vens para mim, abrindo os braços  
Numa carícia lânguida e quebrada,  
Sinto o esplendor de cantos de alvorecida  
Na amorosa fremência dos teus passos.

Partindo os duros e terrestres laços,  
A alma tonta, em delírio, alvorecida,  
Sobe dos astros a radiosa escada  
Atravessando a curva dos espaços.

Vens, enquanto que eu, perplexo d'espanto,  
Mal te posso abraçar, gozar-te o encanto  
Dos seios, dentre esses rendados folhos.

Nem um beijo te dou! abstrato e mudo  
Diante de ti, sinto-te, absorto em tudo,  
Uns rumores de pássaros nos olhos.

Índice

## LUAR

Ao longo das louríssimas searas  
Caiu a noite taciturna e fria...  
Cessou no espaço a límpida harmonia  
Das infinitas perspectivas claras.

As estrelas no céu, puras e raras,  
Como um cristal que nítido radia,  
Abrem da noite na mudez sombria  
O cofre ideal de pedrarias caras.

Mas uma luz aos poucos vai subindo  
Como do largo mar ao firmamento -- abrindo  
Largo clarão em flocos d'escomilha.

Vai subindo, subindo o firmamento!  
E branca e doce e nívea, lento e lento,  
A lua cheia pelos campos brilha...

Índice

#### CELESTE

Vi-te crescer! tu eras a criança  
Mais linda, mais gentil, mais delicada:  
Tinhas no rosto as cores da alvorada  
E o sol disperso pela loira trança.

Asas tinhas também, as da esperança...  
E de tal sorte eras sutil e alada  
Que parecias ave arrebatada  
Na luz do Espaço onde a razão descansa!

Depois, então, fizeste-te menina,  
Visão de amor, puríssima, divina,  
Perante a qual ainda hoje me ajoelho.

Cresceste mais! És bela e moça agora...  
Mas eu, que acompanhei toda essa aurora,  
Sinto bem quanto estou ficando velho.

Índice

#### A PARTIDA

Partimos muito cedo -- A madrugada  
Clara, serena, vaporosa e fresca,  
Tinha as nuances de mulher tudesca  
De fina carne esplêndida e rosada.

Seguimos sempre afora pela estrada  
Franca, poeirenta, alegre e pitoresca,  
Dentre o frescor e a luz madrigalesca  
Da natureza aos poucos acordada.

Depois, no fim, lá de algum tempo -- quando  
Chegamos nós ao termo da viagem,

Ambos joviais, a rir, cantarolando,

Da mesma parte do levante, de onde  
Saímos, pois, faiscava na paisagem  
O sol, radioso e ativo como um conde.

Índice

### CANÇÃO DE ABRIL

Vejo-te, enfim, alegre e satisfeita.  
Ora bem, ora bem! -- Vamos embora  
Por estes campos e rosais afora  
De onde a tribo das aves nos espreita.

Deixa que eu faça a matinal colheita  
Dos teus sonhos azuis em cada aurora,  
Agora que este abril nos canta, agora,  
A florida canção que nos deleita.

Solta essa fulva cabeleira de ouro  
E vem, subjuga com teu busto louro  
O sol que os mundos vai radiando e abrindo.

E verás, ao raiar dessa beleza,  
Nesse esplendor da virgem natureza,  
Astros e flores palpitando e rindo.

Índice

### O MAR

Que nostalgia vem das tuas vagas,  
Ó velho mar, ó lutador Oceano!  
Tu de saudades íntimas alagas  
O mais profundo coração humano.

Sim! Do teu choro enorme e soberano,  
Do teu gemer nas desoladas plagas  
Sai o quer que é, rude sultão ufano,  
Que abre nos peitos verdadeiras chagas.

Ó mar! ó mar! embora esse eletrismo,  
Tu tens em ti o gérmen do lirismo,  
És um poeta lírico demais.

E eu para rir com humor das tuas  
Nevroses colossais, bastam-me as luas  
Quando fazem luzir os seus metais...

## Índice

### MANHÃ

Alta alvorada. -- Os últimos nevoeiros  
A luz que nasce levemente espalha;  
Move-se o bosque, a selva que farfalha  
Cheia da vida dos clarões primeiros.

Da passarada os vôos condoreiros,  
Os cantos e o ar que as árvores ramalha  
Lembram combate, estrídula batalha  
De elementos contrários e altaneiros.

Vozes, trinados, vibrações, rumores  
Crescem, vão se fundindo aos esplendores  
Da luz que jorra de invisível taça.

E como um rei num galeão do Oriente  
O sol põe-se a tocar bizarramente  
Fanfarras marciais, trompas de caça.

## Índice

### RIR!

Rir! Não parece ao século presente  
Que o rir traduza, sempre, uma alegria...  
Rir! Mas não rir como essa pobre gente  
Que ri sem arte e sem filosofia.

Rir! Mas com o rir atroz, o rir tremente,  
Com que André Gil eternamente ria.  
Rir! Mas com o rir demolidor e quente  
Duma profunda e trágica ironia.

Antes chorar! Mais fácil nos parece.  
Porque o chorar nos ilumina e nos aquece  
Nesta noite gelada do existir.

Antes chorar que rir de modo triste...  
Pois que o difícil do rir bem consiste

Só em saber como Henri Heine rir!...

Índice

#### IDEAL COMUM

(Soneto escrito em colaboração com Oscar Rosas).

Dos cheirosos, silvestres ananases  
De casca rubra e polpa acidulosa,  
Tens na carne fremente, volutuosa,  
Os aromas recônditos, vivazes.

Lembras lírios, papoulas e lilazes;  
A tua boca exala a trevo e a rosa,  
Resplande essa cabeça primorosa  
E o dia e a noite nos teus olhos trazes.

Astros, jardins, relâmpagos e luares  
Inundam-te os fantásticos cismares,  
Cheios de amor e estranhos calafrios;

E teus seios, olímpicos, morenos,  
Propinando-me trágicos venenos,  
São como em brumas, solitários rios.

Índice

#### ASPIRAÇÃO

Quisera ser a serpe astuciosa  
Que te dá medo e faz-te pesadelos  
Para esconder-me, ó flor luxuriosa,  
Na floresta ideal dos teus cabelos.

Quisera ser a serpe venenosa  
Para enroscar-me em múltiplos novelos,  
Para saltar-te aos seios cor-de-rosa.  
E bajulá-los e depois mordê-los.

Talvez que o sangue impuro e rutilante  
Do teu divino corpo de bacante,  
Sangue febril como um licor do Reno

Completamente se purificasse  
Pois que um veneno orgânico e vorace  
Para ser morto é bom outro veneno.

## Índice

### SENSIBILIDADE

Como os audazes, ruivos argonautas,  
Intrépidos, viris e corajosos  
Que voltam dos orientes fantasiosos,  
Dos países de Núbios e Aranautas.

Como esses bravos, que por naus incautas,  
Regressam dos oceanos borrascosos,  
Indo encontrar nos lares harmoniosos  
De luz, vinho e alegria as mesas lautas.

Tal o meu coração, quando aparece  
A tua imagem, canta e resplandece,  
Sem lutas, sem paixões, livre de abrolhos.

A meu pesar, louco de ver-te, louco,  
As lágrimas me correm pouco a pouco,  
Como o champanhe virginal dos olhos...

## Índice

### GLÓRIAS ANTIGAS

Rubras como gauleses arruivados,  
Voltam da guerra as hostes triunfantes,  
Trazem nas lanças d' aço lampejantes,  
Os louros das batalhas pendurados.

Os escudos e arneses dos soldados  
Rutilam como lascas de diamantes  
E na armadura os músculos vibrantes,  
Rijos, palpitam, batem nervurados.

Dentre estandartes, flâmulas de cores,  
Trazem dos olhos rufos de tambores,  
Ruídos de alegria estranha e louca.

Chegam por fim, à pátria vitoriosa...  
E então, da ardente glória belicosa,  
Há um grito vermelho em cada boca!

## Índice

### PÁSSARO MARINHO

Manhã de maio, rosas pelo prado,  
Gorjeios, pelas matas verdurosas  
E a luz cantando o idílio de um noivado  
Por entre as matas e por entre as rosas.

Uma toilette matinal que o alado  
Corpo te enflora em graças vaporosas,  
Mergulhas, como um pássaro rosado,  
Nas cristalinas águas murmurosas.

Dás o bom dia ao Mar nesse mergulho  
E das águas salgadas ao marulho  
Sais, no esplendor dos límpidos espaços.

Trazes na carne um reflorir de vinhas,  
Auroras, virgens músicas marinhas,  
Acres aromas de algas e sargaços!

## Índice

### A FREIRA MORTA

(Desterro)

Muda, espectral, entrando as arcarias  
Da cripta onde ela jaz eternamente  
No austero claustro silencioso -- a gente  
Desce com as impressões das cinzas frias...

Pelas negras abóbadas sombrias  
Donde pende uma lâmpada fulgente,  
Por entre a frouxa luz triste e dormente  
Sobem do claustro as sacras sinfonias.

Uma paz de sepulcro após se estende...  
E no luar da lâmpada que pende  
Brilham clarões de amores condenados...

Como que vem do túmulo da morta  
Um gemido de dor que os ares corta,  
Atravessando os mármore sagrados!

## Índice

### CLARO E ESCURO

Dentro -- os cristais dos tempos fulgurantes,  
Músicas, pompas, fartos esplendores,  
Luzes, radiando em prismas multicores,  
Jarras formosas, lustres coruscantes,

Púrpuras ricas, galas flamejantes,  
Cintilações e cânticos e flores;  
Promiscuamente fêrvidos odores,  
Mórbidos, quentes, finos, penetrantes.

Por entre o incenso, em límpida cascata,  
Dos siderais turíbulos de prata,  
Das sedas raras das mulheres nobres;

Clara explosão fantástica de aurora,  
Deslumbramentos, nos altares! -- Fora,  
Uma falange intérmina de pobres.

## Índice

### MAGNÓLIA DOS TRÓPICOS

A Araújo Figueredo

Com as rosas e o luar, os sonhos e as neblinas,  
Ó magnólia de luz, cotovia dos mares,  
Formaram-te talvez os brancos nenúfares  
Da tua carne ideal, de correções felinas.

O teu colo pagão de virgens curvas finas  
É o mais imaculado e flóreo dos altares,  
Donde eu vejo elevar-se eternamente aos ares  
Viáticos de amor e preces diamantinas.

Abre, pois, para mim os teus braços de seda  
E do verso através a límpida alameda  
Onde há frescura e sombra e sol e murmurejo;

Vem! com a asa de um beijo a boca palpitando,  
No alvoroço febril de um pássaro cantando,  
Vem dar-me a extrema-unção do teu amor num beijo.

## Índice

## HÓSTIAS

A Emílio de Menezes

Nos arminhos das nuvens do infinito  
Vamos noivar por entre os esplendores,  
Como aves soltas em vergéis de flores,  
Ou penitentes de um estranho rito.

Que seja nosso amor -- sidéreo mito! --  
O límpido turíbulo das dores,  
Derramando o incenso dos amores  
Por sobre o humano coração aflito.

Como num templo, numa clara igreja,  
Que o sonho nupcial gozado seja,  
Que eu durma e sonhe nos teus níveos flancos.

Contigo aos astros fúlgidos alado,  
Que sejam hóstias para o meu noivado  
As flores virgens dos teus seios brancos!

Índice

## BOCA IMORTAL

Abre a boca mordaz num riso convulsivo  
Ó fera sensual, luxuriosa fera!  
Que essa boca nervosa, em riso de pantera,  
Quando ri para mim lembra um capro lascivo.

Teu olhar dá-me febre e dá-me um brusco e vivo  
Tremor as carnes, que eu, se ele em mim reverbera,  
Fico aceso no horror da paixão que ele gera,  
Inflamada, fatal, dum sangue rubro e ativo.

Mas a boca produz tais sensações de morte,  
O teu riso, afinal, é tão profundo e forte  
E tem de tanta dor tantas negras raízes;

Rigolboche do tom, ó flor pompadouresca!  
Que és, para mim, no mundo, a trágica e dantesca  
Imperatriz da Dor, entre as imperatrizes!

Índice

## PSICOLOGIA HUMANA

A Santos Lostada

Por trás de uns vidros d'óculos opacos  
Muita vez um leão e um tigre rugem,  
E como um surdo temporal estrugem  
Os ódios dos covardes e dos fracos.

Partir pudesses, ó poeta, em cacos,  
Vidros que ocultam almas de ferrugem,  
Que espumam de ira, tenebrosas magem,  
Magem como de dentro de uns buracos.

Que essas sombrias, dúbias almas foscas  
Que parecem, no entanto, como moscas,  
Inofensivas, babam como as lesmas.

Mas tu, em vão, tais vidros partirias,  
Pois que no mundo, eternamente, as frias  
Almas humanas serão sempre as mesmas!

Índice

## OS MORTOS

Ao menos junto dos mortos pode a gente  
Crer e esperar n'alguma suavidade:  
Crer no doce consolo da saudade  
E esperar do descanso eternamente.

Junto aos mortos, por certo, a fé ardente  
Não perde a sua viva claridade;  
Cantam as aves do céu na intimidade  
Do coração o mais indiferente.

Os mortos dão-nos paz imensa à vida,  
Dão a lembrança vaga, indefinida  
Dos seus feitos gentis, nobres, altivos.

Nas lutas vãs do tenebroso mundo  
Os mortos são ainda o bem profundo  
Que nos faz esquecer o horror dos vivos.

Índice

## FLORIPES

Fazes lembrar as mouras dos castelos,  
As errantes visões abandonadas  
Que pelo alto das torres encantadas  
Suspiravam de trêmulos anelos.

Traços ligeiros, tímidos, singelos  
Acordam-te nas formas delicadas  
Saudades mortas de regiões sagradas,  
Carinhos, beijos, lágrimas, desvelos.

Um requinte de graça e fantasia  
Dá-te segredos de melancolia,  
Da Lua todo o lânguido abandono...

Desejos vagos, olvidadas queixas  
Vão morrer no calor dessas madeixas,  
Nas virgens flolescências do teu sono.

Índice

#### O CEGO DO HARMONIUM

Esse cego do harmonium me atormenta  
E atormentando me seduz, fascina.  
A minh'alma para ele vai sedenta  
Por falar com a sua alma peregrina.

O seu cantar nostálgico adormenta  
Como um luar de mórbida neblina.  
O harmonium geme certa queixa lenta,  
Certa esquisita e lânguida surdina.

Os seus olhos parecem dois desejos  
Mortos em flor, dois luminosos beijos  
Fanados, apagados, esquecidos...

Ah! eu não sei o sentimento vário  
Que prende-me a esse cego solitário,  
De olhos aflitos como vãos gemidos!

Índice

#### HORAS DE SOMBRA

Horas de sombra, de silêncio amigo  
Quando há em tudo o encanto da humildade  
E que o anjo branco e belo da saudade  
Roga por nós o seu perfil antigo.

Horas que o coração não vê perigo  
De gozar, de sentir com liberdade...  
Horas da asa imortal da Eternidade  
Aberta sobre tumular jazigo.

Horas da compaixão e da clemência,  
Dos segredos sagrados da existência,  
De sombras de perdão sempre benditas.

Horas fecundas, de mistério casto,  
Quando dos céus desce, profundo e vasto,  
O repouso das almas infinitas.

Índice

ALELUIA! ALELUIA!

Dentre um cortejo de harpas e alaúdes  
Ó Arcanjo sereno, Arcanjo níveo,  
Baixas-te à terra, ao mundanal convívio...  
Pois que a terra te ajude, e tu me ajudes.

Que tu me alentes nas batalhas rudes,  
Que me tragas a flor de um doce alívio  
Aos báratros, às brenhas, ao declívio  
Deste caminho de ânsias e ataúdes...

Já que desceste das regiões celestes,  
Nesse clarão flamívomo das vestes,  
Através dos troféus da Eternidade

Traz-me a Luz, traz-me a Paz, traz-me a Esperança  
Para a minh'alma que de angústias cansa,  
Errando pelos claustros da Saudade!

Índice

ROSA NEGRA

Nervosa Flor, carnívora, suprema,  
Flor dos sonhos da Morte, Flor sombria,  
Nos labirintos da tu'alma fria  
Deixa que eu sofra, me debata e gema.

Do Dante o atroz, o tenebroso lema  
Do Inferno a porta em trágica ironia,  
Eu vejo, com terrível agonia,

Sobre o teu coração, torvo problema.

Flor do delírio, flor do sangue estuoso  
Que explode, porejando, caudaloso,  
Das volúpias da carne nos gemidos.

Rosa negra da treva, Flor do nada,  
Dá-me essa boca acídula, rasgada,  
Que vale mais que os corações proibidos!

Índice

## VOZINHA

Velha, velhinha, da doçura boa  
De uma pomba nevada, etérea, mansa.  
Alma que se ilumina e se balança  
Dentre as redes da Fé que nos perdoa.

Cabeça branca de serena leoa,  
Carinho, amor, meiguice que não cansa,  
Coração nobre sempre como a lança  
Que não vergue, não fira e que não doa.

Olhos e voz de castidades vivas,  
Pão ázimo das Páscoas afetivas,  
Simples, tranqüila, dadivosa, franca.

Morreu tal qual vivera, mansamente,  
Na alvura doce de uma luz algente,  
Como que morta de uma morte branca.

Índice

## NO EGITO

Sob os ardentes sóis do fulvo Egito  
De areia estuosa, de candente argila,  
Dos sonhos da alma o turbilhão desfila,  
Abre as asas no páramo infinito.

O Egito é sempre o amigo, o velho rito  
Onde um mistério singular se asila  
E onde, talvez mais calma, mais tranqüila  
A alma descansa do sofrer prescrito.

Sobre as ruínas d'ouro do passado,  
No céu cavo, remoto, ermo e sagrado,

Torva morte espectral pairou ufana...

E no aspecto de tudo em torno, em tudo,  
Árido, pétreo, silencioso, mudo,  
Parece morta a própria dor humana!

Índice

## OCASOS

Morrem no Azul saudades infinitas  
Mistérios e segredos inefáveis...  
Ah! Vagas ilusões imponderáveis,  
Esperanças acerbas e benditas.

Ânsias das horas místicas e aflitas,  
De horas amargas das intermináveis  
Cogitações e agruras insondáveis  
De febres tredas, trágicas, malditas.

Cogitações de horas de assombro e espanto  
Quando das almas num relevo santo  
Fulgem de outrora os sonhos apagados.

E os braços brancos e tentaculosos  
Da Morte, frios, álgidos, nervosos,  
Abrem-se pare mim torporizados.

Índice

## REPOUSO

A cabeça pendida docemente  
Em sonhos, sonha o sonhador inquieto,  
Repousa e nesse repousar discreto  
É sempre o sonho o seu bordão clemente.

Cego desta Prisão impenitente  
Da Terra e cego do profundo Afeto,  
O sonho é sempre o seu bordão secreto  
O seu guia divino e refulgente.

Nem no repouso encontra a paz que espera,  
Para lhe adormecer toda a quimera,  
Os círculos fatais do seu Inferno.

Entre a calma aparente, a estranha calma,  
O seu repouso é sempre a febre d'alma,

O seu repouso é sonho, e sonho eterno.

Índice

### REQUIESCAT...

Grande, grande Ilusão morta no espaço,  
Perdida nos abismos da memória,  
Dorme tranqüila no esplendor da glória,  
Longe das amarguras do cansaço...

Ilusão, Flor do sol, do morno e lasso  
Sonho da noite tropical e flórea,  
Quando as visões da névoa transitória  
Penetram na alma, num lascivo abraço...

Ó Ilusão! Estranha caravana  
de águias, soberbas, de cabeça ufana,  
De asas abertas no clarão do Oriente.

Não me persiga o teu mistério enorme!  
Pelas saudades que me aterram, dorme,  
Dorme nos astros infinitamente...

Índice

### DOCE ABISMO

Coração, coração! a suavidade,  
Toda a doçura do teu nome santo  
É como um cálix de falerno e pranto,  
De sangue, de luar e de saudade.

Como um beijo de mágoa e de ansiedade,  
Como um terno crepúsculo d'encanto,  
Como uma sombra de celeste manto,  
Um soluço subindo a Eternidade.

Como um sudário de Jesus magoado,  
Lividamente morto, desolado,  
Nas auréolas das flores da amargura.

Coração, coração! onda chorosa,  
Sinfonia gemente, dolorosa,  
Acerba e melancólica doçura.

Índice

## HARPAS ETERNAS

Hordas de Anjos titânicos e altivos,  
Serenos, colossais, flamipotentes,  
De grandes asas vívidas, frementes,  
De formas e de aspectos expressivos.

Passam, nos sóis da Glória redivivos,  
Vibrando as de ouro e de Marfim dolentes,  
Finas harpas celestes, refulgentes,  
Da luz nos altos resplendores vivos

E as harpas enchem todo o imenso espaço  
De um cântico pagão, lascivo, lasso,  
Original, pecaminoso e brando...

E fica no ar, eterna, perpetuada  
A lânguida harmonia delicada  
Das harpas, todo o espaço avassalando.

Índice

## DUPLA VIA-LÁCTEA

Sonhei! Sempre sonhar! No ar ondulavam  
Os vultos vagos, vaporosos, lentos,  
As formas alvas, os perfis nevoentos  
Dos Anjos que no Espaço desfilavam.

E alas voavam de Anjos brancos, voavam  
Por entre hosanas e chamejamentos...  
Claros sussurros de celestes ventos  
Dos Anjos longas vestes agitavam.

E tu, já livre dos terrestres lodos,  
Vestida do esplendor dos astros todos,  
Nas auréolas dos céus engrinaldada

Dentre as zonas de luz flamo-radiante,  
Na cruz da Via-Láctea palpitante  
Apareceste então crucificada!

Índice

## TITÃS NEGROS

Hirtas de Dor, nos áridos desertos  
Formidáveis fantasmas das Legendas,  
Marcham além, sinistras e tremendas,  
As caravanas, dentre os céus abertos...

Negros e nus, negros Titãs, cobertos  
Das bocas vis das chagas vis e horrendas,  
Marcham, caminham por estranhas sendas,  
Passos vagos, sonâmbulos, incertos...

Passos incertos e os olhares tredos,  
Na convulsão de trágicos segredos,  
De agonias mortais, febres vorazes...

Têm o aspecto fatal das feras bravas  
E o rir pungente das legiões escravas,  
De dantescos e torvos Satanases!...

Índice

## ENTRE CHAMAS...

Sonhei que de astros no Infinito presa  
Vagavas, brandamente adormecida,  
Nas chamas siderais resplandecida,  
A carne, em chamas, no Infinito, acesa...

E eu pasmava de encanto e de surpresa  
Vendo a constelação indefinida  
Da tua carne flamejando vida,  
Dentre os íris radiantes da beleza...

E o teu corpo, nas chamas palpitando,  
Os astros em redor maravilhando,  
Por entre a auréola dos clarões cantava...

Então, de sonho em sonho, absorto, mudo,  
Eu senti alastrar, vibrar por tudo  
Toda a infinita sensação da lava!...

Índice

## O ANJO DA REDENÇÃO

Soberbo, branco, etereamente puro,  
Na mão de neve um grande facho aceso,

Nas nevroses astrais dos sóis surpreso,  
Das trevas deslumbrando o caos escuro.

Portas de bronze e pedra, o horrendo muro  
Da masmorra mortal onde estás preso  
Desce, penetra o Arcanjo branco, ileso  
Do ódio bifronte, torso, torvo e duro.

Maravilhas nos olhos e prodígios  
Nos olhos, chega dos azuis litígios  
Desce à tua caverna de bandido.

E sereno, agitando o estranho facho,  
Põe-te aos pés e a cabeça, de alto a baixo,  
Auréolas imortais de Redimido!

Índice

SALVE! RAINHA!...

Ó sempre virgem Maria, concebida  
sem pecado original, desde o  
primeiro instante do teu ser...

Mãe de Misericórdia, sem pecado  
Original, desde o primeiro instante!  
Salve! Rainha da Mansão radiante,  
Virgem do Firmamento constelado...

Teu coração de espadas lacerado,  
Sangrando sangue e fel martirizante,  
Escute a minha Dor, a torturante,  
A Dor do meu soluço eternizado.

A minha Dor, a minha Dor suprema,  
A Dor estranha que me prende, algema  
Neste Vale de lágrimas profundo...

Salve! Rainha! por quem brado e clamo  
E brado e brado e com angústia chamo,  
Chamo, através das convulsões do mundo!...

Índice

[SONETO]

Branças Aparições, Visões renanas,  
Imagens dos Ascetas peregrinos,

Hinos nevoentos, neblinosos hinos  
Das brumosas igrejas luteranas.

Vago mistério das regiões indianas,  
Sonhos do Azul dos astros cristalinos,  
Coros de Arcanjos, claros sons divinos  
Dos Arcanjos, nas tiorbas soberanas.

Tudo ressurge na minh'alma e vaga  
Num fluido ideal que me arrebatava e alaga,  
No abandono mais lânguido mais lasso...

Quando lá nos sacrários do Cruzeiro  
A lua rasga o trêmulo nevoeiro,  
Magoada de vigílias e cansaço...

Índice

## VIOLINOS

Pelas bizarras, góticas janelas  
De um tempo medieval o sol ondula:  
Nunca os vitrais viram visões mais belas  
Quando, no ocaso, o sol os doura e oscula...

Doces, multicores aquarelas  
Sobre um saudoso céu que além se azula...  
Calma, serena, divinal, entre eras,  
A pomba ideal dos Ângelus arrula...

Rezam de joelhos anjos de mãos postas  
Através dos vitrais, e nas encostas  
Dos montes sobe a claridade ondeando...

É a lua de Deus, que as curves meigas  
Foi ondular pelos vergéis e veigas  
Magnólias e lírios desfolhando...

Índice

## GUERRA JUNQUEIRO

Quando ele do Universo o largo supedâneo  
Galgou como os clarões -- quebrando o que não serve,  
Fazendo que explodissem os astros de seu crânio,  
As gemas da razão e os músculos da verve;

Quando ele esfuziou nos páramos as trompas,

As trompas marciais -- as líras do estupendo,  
Pejadas de prodígios, assombros e de pompas,  
Crescendo em proporções, crescendo e recrescendo;

Quando ele retesou os nervos e as artérias  
Do verso orbicular -- rasgando das misérias  
O ventre do Ideal na forte hematemesa.

Clamando -- é minha a luz, que o século propague-a,  
Quando ele avassalou os píncaros da águia  
E o sol do Equador vibrou-lhe aquelas teses!

Índice

## CAMPESINAS

AO AR LIVRE  
A Virgílio Várzea

Tu trazes agora o peito  
Como essas urnas sagradas,  
Repleto de gargalhadas,  
Sonoro, bom, satisfeito.

Por dentro cantam assombros  
E causas esplendorosas  
Como latadas de rosas  
Dos muros entre os escombros.

Quando o ideal nos alaga,  
Embora as lutas do mundo,  
Levanta-se um sol fecundo  
Do peito em cada uma chaga.

Voltou-se a seiva de outrora,  
De outro, mais forte e destro,  
Iluminado maestro,  
Das harmonias da aurora.

Fulgurem por isso as musas,  
As belas musas, por isso...  
Voltou-te o passado viço,  
Foram-se as mágoas, confusas.

Agora, quando eu dirijo  
Meus passos, à tua porta,  
Sinto-te um bem que conforta,  
Vejo-te alegre e mais riço.

Porque afinal pela vida  
Nem tudo se desmorona  
Quando se vaga na zona  
Da mocidade florida.

Gostas de ver pelos ramos  
Das verdes árvores novas,  
A chocalhar umas trovas,  
Coleiros e gaturamos.

Já podes bem comer frutas,  
Os teus simpáticos jambos,  
E ouvir alguns dítirambos  
Da natureza nas grutas.

Podes olhar as esferas,  
Com ar direito e seguro,  
De frente para o futuro,  
De lado para as quimeras.

Não tenhas cofres avaros  
De santos -- na luz te afoga,  
E a alma arremessa e joga  
Por esses páramos claros.

Reúne os sonhos dispersos  
Como andorinhas vivaces  
E o colorido das faces  
Ao coberto dos versos.

Como uns lábaros vermelhos,  
Contente como os lilazes,  
As crenças dos bons rapazes  
Tem prismas como os espelhos.

Índice

## NOS CAMPOS

Por entre campos de seara loura  
De alegre sol puríssimo batidos,  
Passam carros chiantes de lavoura  
E raparigas sãs, de coloridos  
Que a luz solar que as ilumina e doura  
Lembram pomares e jardins floridos,  
Por entre campos de seara loura.

A Natureza inteira reverdece  
Pelos montes e vales e colinas;  
E o luar que freme, anseia e resplandece,  
Movido por aragens vespertinas,  
Parece a alma dos tempos que floresce...

Enquanto que por prados e campinas  
A Natureza inteira reverdece.

A paz das coisas desce sobre tudo!  
E no verde sereno d'espessuras,  
No doce e meigo e cândido veludo,  
Tremem cintilações como armaduras  
Ou como o aço brunido dum escudo;  
Enquanto que das límpidas alturas  
A paz das coisas desce sobre tudo!

A casa, a rude tenda construída,  
Onde habitam as mães e as crianças  
Promiscuamente, nessa mesma vida  
De perfume lírial das esperanças,  
Como é feliz, dos astros aquecida!  
Aquecida do Amor nas asas mansas  
A casa, a rude tenda construída.

As bocas impolutas e cheirosas  
Das raparigas, pródigas belezas  
De finos lábios púrpuros de rosas,  
Abrem, cheias de angélicas purezas,  
As cristalinas fontes murmurosas  
De risos, refrescando em correntezas  
As bocas impolutas e cheirosas.

Da vida aurora rica do seu sangue  
Flameja a carne em báquicas vertigens!  
E quem tiver uma epiderme exangue  
Para ficar com essas faces virgens,  
Para não ser mais pálida nem languê,  
Tem de beber das cálidas origens  
Da viva aurora rica do seu sangue.

Lindas ceifeiras percorrendo searas  
Nos campos, ó bizarras raparigas,  
Pelas manhãs e pelas tardes claras  
Vós desfolhais sorrisos e cantigas  
Que deixam ver as pérolas mais raras  
Dos dentes brancos, frescos como estrigas...  
Lindas ceifeiras percorrendo searas!

Índice

#### A BORBOLETA AZUL

No alegre sol de então  
De uma manhã de amor,  
A borboleta solta no fulgor  
Da luz, lembrava um leve coração.

Ia e vinha e a voar  
Gentil e trêfega, azul,  
Sonoramente a percorrer pelo ar,  
Como um silfo tenuíssimo e taful.

Sobre os frescos rosais  
Pousava débil, sutil,  
Doirando tudo de um risonho abril  
Feito de beijos e de madrigais.

Que doce embriaguez  
O vôo assim seguir  
Da borboleta azul, correndo, a vir  
Do espaço pela Etérea candidez!

Fazendo, tal e qual,  
O mesmo giro assim,  
O mesmo vôo límpido, sem fim,  
Nos mundos virgens de qualquer ideal.

Ir como ela também  
Em busca das loucas  
E tropicais e fulgidas manhãs  
Cheias de colibris e sol, além...

Ir com ela na luz  
De mundos através,  
Sem abrolhos nas mãos, cardos nos pés,  
Ó alma, minha, que alegria a flux!...

No alegre sol de então  
De uma manhã de amor  
A borboleta solta no fulgor  
Da luz, lembrava um leve coração.

Índice

## RENASCIMENTO

Canta ao sol, como as cigarras  
A tua nova alegria.  
No Azul ressoam fanfarra  
Da grande vida sadia.

Alerta, um clarim de alerta  
Àquela antiga saúde:  
-- À clara janela aberta  
Para o mar salgado e rude.

Que volte, ruidosa, agora,  
Como um pássaro marinho,  
A tua saúde, a aurora

Do teu sangue, estranho vinho.

E como espiga madura  
Floresce outra vez a vida,  
Resplandece à formosura,  
Ó torre de ouro florida!

Quero-te em rosas festivas  
A polpa das carnes brancas.  
E rindo-te às forças vivas  
Com rubras risadas francas.

Formosa, soberba e nua,  
Nesse olhar que tudo abrange,  
Na fronte um diadema, em lua  
Num talhe curvo de alfanje;

Vem! o sol é teu amante!  
Ah! vem mergulhar nos braços  
Do flavo sultão radiante  
Do harém azul dos espaços.

Índice

## ABELHAS

Gotas de luz e perfume,  
Leves, ténues, delicadas,  
Acesas no doce lume  
De purpúreas alvoradas.

Pingos de ouro cristalinos  
Alados na esfera, ondeando,  
Dispersos por entre os hinos,  
Da natureza vibrando.

Sorrisos aéreos, soltos,  
Flavas asas radiantes,  
Que levam consigo envoltos  
Da aurora os sóis fecundantes.

Da aurora que a primavera  
Faz cantar, brota no peito  
E floresce em folhas de hera  
O coração satisfeito.

Essa aurora produtiva  
Do amor soberano e eterno,  
Que é nas almas força viva  
E nas abelhas falerno.

Nas doudejantes abelhas

Que dentre flores volitam  
E do sol entre as centelhas  
Resplendem, fulgem, palpitam.

Zumbem, fervem nas colméias  
E rumorejam no enxame  
Pelas flóridas aléias  
Onde um prado se derrame.

Assim mesmo pequeninas  
E quase invisíveis, quase,  
Com as suas asitas finas,  
De etérea de fluida gaze.

Ah! quanto são adoráveis  
Os favos que elas fabricam!  
Com que graças inefáveis  
Se geram, se multiplicam.

Nos afãs industriosos  
Que enlevo, que encanto vê-las  
Com seus corpos luminosos  
D'irriante brilho d'estrelas.

E nas ondas murmuradas  
Dos peregrinos adejos  
Vão dar ao lábio das rosas  
O mel doirado dos beijos.

Índice

BESOUROS...

Marche, marche, marche a verve!  
Bandeiras, clarins, tambores,  
Marchar!

A poncheira ideal, que ferve,  
Sons, aromas, chamas, cores!  
Cantar!

Que este diabo vem, saudoso,  
Das profundezas do arcano,  
Viver!

O vinho maravilhoso  
Da forma raro e renano,  
Beber!

Vem beber o vinho iriado,  
O Falerno, claro e quente,  
Haurir!

Num paladar requintado,  
Todo inflamado e fremente  
Sentir!

Que o sangue da verve vibre  
Raja, raja, raja, raja,  
Taful!

E a alma do sol se equilibre  
Para que mais sonhos haja  
No azul!...

Mas este diabo tão fino,  
Que de tudo dá o acorde  
Genial!

Este capróide genuíno,  
Verde, verde, morde, morde,  
Fatal.

Índice

PAPOU  
A Oscar Rosas

Assim loura és mais formosa  
Do que se fosses trigueira:  
Corpo de eflúvios de rosa  
Com esbeltez de palmeira.

Vestida de cor da aurora  
Leve dos fluidos da graça,  
És uma estrela sonora  
Que, em sonhos, pelo éter passe.

Resplandece em teu cabelo  
Um fulgor de sol dourado,  
Que só de senti-lo e vê-lo  
Fica tudo iluminado.

Do teu branco leque aberto  
Que lembra uma asa de garça,  
Aspiro um perfume incerto,  
Talvez a tua alma esparsa.

Num resplendor de madona  
E altivez de corça arisca  
Surges da luz entre a zona  
Com quebrantos de odalisca.

Que venha o duque normando

De castelos escoceses  
Com seu ar bizarro e brando  
Amar-te os olhos ingleses.

E entre aromas e frescores  
E revoadas de abelhas,  
Como num campo de flores  
Que esse olhar vibre centelhas.

Que cantem na tua boca  
As alegrias radiadas,  
Numa ideal rajada louca  
De vôos de passaradas.

Que como os astros no espaço,  
Teu encanto resplandeça...  
Com pelúcias no regaço  
E asas de ave na cabeça.

E que os teus dois seios puros  
Que o amor fecundando beija  
Fiquem cheios e maduros  
Com dois bicos de cereja.

Índice

## CAMPESINAS

I  
Camponesa, camponesa,  
Ah! quem contigo vivesse  
Dia e noite e amanhecesse  
Ao sol da tua beleza.

Quem livre, na natureza,  
Pelos campos se perdesse  
E apenas em ti só cresse  
E em nada mais, camponesa.

Quem contigo andasse à toa  
Nas margens duma lagoa,  
Por vergéis e por desertos,

Beijando-te o corpo airoso,  
Tão fresco e tão perfumoso,  
Cheirando a figos abertos.

## II

De cabelos desmanchados,  
Tu, teus olhos luminosos  
Recordam-me uns saborosos  
E raros frutos de prados.

Assim negros e quebrados,  
Profundos, grandes, formosos,  
Contêm fluidos vaporosos  
São como campos mondados.

Quando soltas os cabelos  
Repletos de pesadelos  
E de perfumes de ervagens;

Teus olhos, flor das violetas,  
Lembram certas uvas pretas  
Metidas entre folhagens.

## III

As papoulas da saúde  
Trouxeram-te um ar mais novo,  
Ó bela filha do povo,  
Rosa aberta de virtude.

Do campo viçoso e rude  
Regressas, como um renovo,  
E eu ao ver-te, os olhos movo  
De um modo que nunca pude.

Bravo ao campo e bravo a seara  
Que deram-te a pele clara  
São rubores de alvorada.

Que esses teus beijos agora  
Tenham sabores de amora  
E de romã estalada.

## IV

Através das romãzeiras  
E dos pomares floridos  
Ouvem-se as vezes ruídos  
E bater d'asas ligeiras.

São as aves forasteiras  
Que dos seus ninhos queridos  
Vêm dar ali os gemidos  
Das ilusões passageiras.

Vêm sonhar leves quimeras,  
Idílios de primaveras,  
Contar os risos e os males.

Vêm chorar um seio de ave

Perdida pela suave  
Carícia verde dos vales.

V

De manhã tu vais ao gado  
A cantar entre as giestas,  
Com tuas graças modestas,  
Correndo e saltando o Prado.

E a veiga e o rio e o valado  
Que todos dormem as sextas  
Acordam-se ante as honestas  
Canções desse peito amado.

As aves nos ares gozam,  
Entre abraços se desposam,  
No mais amoroso enlace.

E as abelhas matutinas  
Que regressam das boninas  
Voam, te em torno da face.

VI

As uvas pretas em- cachos  
Dão agora nas latadas...  
Que lindo tom de alvoradas  
Na vinha, junto aos riachos.

Este ano arados e sachos  
Deixaram terras lavradas,  
À espera das inflamadas  
Ondas do sol, como fachos.

Veio o sol e fecundou-as,  
Deu-lhes vigor, enseivou-as,  
Tornou-as férteis de amor.

Eis que as vinhas rebentaram  
E as uvas amaduraram,  
Sanguíneas, com sol na cor.

VII

Engrinaldada de rosas,  
Surge a manhã pitoresca...  
Que linda aquarela fresca  
Nas veigas deliciosas!

Que bom gosto e perfumosas  
Frutas traz, madrigalesca  
A rapariga tudescas  
Que vem das searas cheirosas!

Como os rios vão cantando,

Em sons de prata, ondulando,  
Abaixo pelos marnéis!

Que carícia nas verduras,  
Que vigor pelas culturas,  
Que de ouro pelos vergéis!

## VIII

Orgulho das raparigas,  
Encanto ideal dos rapazes,  
Acendes crenças vivazes  
Com tuas belas cantigas.

No louro ondear das espigas,  
Boca cheirosa a lilazes,  
Carne em polpa de ananases  
Lembras baladas antigas.

Tens uns tons enevoados  
De castelos apagados  
Nas eras medievais.

Falta-te o pajem na ameia  
Dedilhando, a lua cheia,  
O bandolim dos seus ais!

## IX

### NO CAMPO SANTO

Morreste no campo um dia,  
Como uma flor desprezada.  
Clareava a madrugada  
Azul, vaporosa e fria.

Sobre a agreste serraia,  
Numa ermida branqueada  
Por uma manhã doirada  
Um sino repercutia.

Teu caixão, de camponesas  
E camponeses seguido,  
Desceu abaixo às devesas.

Ganhou o atalho comprido  
De casas em correntezas  
E entrou num campo florido.

## Índice

## NA VILA

Nos ervaçais vibrou o sol agora,  
Nas fitas verdes dos canaviais...  
Como rompesse loura e fresca a aurora  
Agora o sol vibrou nos ervaçais.

Murmurejam de alegres os caminhos  
Que até parecem, límpidos, cantar  
Na música melódica dos ninhos  
Que vai nos ares se cristalizar.

Floresce tudo, em toda parte flores  
Neste maio feliz, e tão feliz  
Que as plantas exuberam de vigores  
Desde a profunda, pródiga raiz.

Noivam as aves junto dos riachos  
No seu alado alvorecer de amor;  
E o coqueiral, com os amarelos cachos,  
Pompeia de riquíssimo verdor.

Fluem na sombra meigas fontes claras  
Sob o frondente e vasto laranjal  
E para além magníficas searas  
Se estendem como um leito virginal.

Na serena paz vegetativa  
Faz docemente tudo adormecer  
Mas num sono de luz doirada e viva,  
Quase a dormência de quem vai morrer...

Ah! que o silêncio, a solidão dos ermos,  
Das agrestes paragens do sertão  
Se dão saúdes a espíritos enfermos  
Também supremas nostalgias dão!

A volúpia letal do meio-dia,  
Nas horas encalmadas, sob a luz,  
Dá duma campa a atroz melancolia  
Assinalada numa simples cruz.

Depois o campo na mudez da vila,  
Aquele eterna e soberana paz  
Da imensa vastidão sempre tranqüila  
Como que punge e que entristece mais!

Índice

OS RISONHOS

Pastores e camponesas

De rudes almas esquivas  
Passam entre as candidezas  
Das estrelas fugitivas.

Parece que nada os punge,  
Nada os punge e sobressalta.  
A lua que os campos unge  
No firmamento vai alta.

E eles passam sob a lua,  
De queixas desafogados,  
A cabeça livre e nua,  
Na florescência dos prados.

Seres meigos e singelos,  
Mulheres de lindo rosto,  
Lábios cálidos e belos,  
Do quente sabor do mosto.

Pastores de tez morena,  
Queimados ao sol adusto:  
Claridade bem serena  
No fundo do olhar bem justo.

Neles tudo é riso e festa,  
Neles tudo é festa e riso,  
Frescuras brandas de giesta  
E graças de Paraíso.

Simple, toscas e felizes,  
Sem ter um laivo de mágoa:  
Almas das verdes raízes,  
Limpidez de gota d'água.

Neles tudo é paz de aldeia  
E ri com os risos mais frescos...  
O céu inteiro gorjeia  
Idílios madrigalescos.

Seduzido por miragens  
Caminha o bando risonho  
Dessas virentes paragens,  
Levado na asa de um sonho.

Nele tudo ri sem ânsia  
E com doçura secreta;  
E como uma nova infância  
Cantantemente irrequieta.

Encantos de mocidade,  
Saúde, fulgor, vigores,  
Dão-lhe a doce suavidade  
Maravilhosa das flores.

Os corações, fluorescentes,  
Vão nesses peitos cantando

E rindo em festins ardentes  
E dentre os risos sonhando.

Ri na boca, ri nos olhos,  
Nas faces o bando, rindo  
O bom riso sem abrolhos,  
Que lembra um campo florindo.

Rindo em sonoras risadas,  
Rindo em frêmitos vivazes,  
Rindo em risos de alvoradas,  
Rindo em risos de lilazes.

Os campos entontecidos  
Nos vinhos da lua clara  
Ficam bizarros, garridos,  
De vitalidade rara.

As águas claras das fontes  
Vibram lânguidas sonatas  
E as nuvens vestem os montes  
Das visões mais timoratas.

Na copa dos árvoredos,  
Nas orvalhadas verduras  
Há sonâmbulos segredos  
E murmuradas ternuras.

E o bando festivo passa  
Rindo, alegre, casto e suave,  
Iluminado de graça,  
Mais leve que um vôo de ave.

Podeis rir, almas ditosas,  
Almas novas como frutos  
De vinhas miraculosas  
De pomares impolutos.

Podeis rir, almas eleitas  
Que os anjos percebem tanto  
Lá das esferas perfeitas  
Nas harmonias do Encanto.

Almas brancas, Páscoas leves,  
Alvos pães de áureos altares,  
De mais candidez que as neves  
E a madrugada nos mares.

Almas sem sombras ferozes  
Nem espasmos delirantes.  
Eco das bíblicas vozes,  
Caminhos reverdejantes.

O vosso riso é bendito,  
Os vossos sonhos são castos,  
O estrelamento infinito

De mundos claros e vastos.

Podeis rir, peitos ufanos,  
Belas almas feiticeiras,  
Vós tendes nos risos lhanos  
O trigo das vossas eiras.

A vossa vida é planície,  
Não tem declives funestos:  
Sois torres que a superfície  
Assenta nos dons modestos.

A nossa vida é bem rasa,  
Preso à terra o vosso esforço;  
Nem mesmo um frêmito de asa  
Vos faz agitar o dorso...

Sois como plantas vencidas  
Conquistadas pela terra,  
Dando à terra muitas vidas  
E tudo que a Vida encerra.

É do vosso sangue moço  
Que na terra se derrama,  
Que sobe o rubro alvoroço  
De ocasos de sóis em chama.

Manchas, ao certo, não tendes  
E nem trágico flagício,  
Almas isentas de duendes,  
Lavadas no Sacrifício.

Das pedras, nos vossos ombros,  
A rigidez não carrega.  
Em jardins tornam-se escombros  
E em luz a crença que é cega.

Desses perfis adoráveis,  
Na curva casta dos flancos  
Brotam viços inefáveis  
Dos florescimentos brancos.

Podeis rir! ó benfazeja  
Bondade de nobre essência,  
Deus vos chama e vos deseja  
Na estrelada florescência.

Um anjo vos acompanha  
Nessa estrada matutina  
E convosco a ideal montanha  
Sobe da graça divina.

O flagelo deste mundo,  
Nesses corações não pesa.  
Enquanto o Horror vai profundo  
Vossa alma tranqüila reza.

Contritos e de mãos postas,  
Humildemente de joelhos,  
O Demônio, pelas costas,  
Não vem vos dar maus conselhos.

Vós sois as sagradas reses  
Votadas ao azul Sacrário.  
Deus vos olha muitas vezes  
Com o seu olhar visionário.

Mas quando, como as estrelas,  
Adormecerdes um dia,  
Voando mais perto a vê-las  
Na Paragem fugidia.

Quando na excelsa Bonança  
Afinal adormecerdes,  
Nos olhos toda a esperança  
Levando dos prados verdes.

Quando lá fordes, subindo  
Para as límpidas Alturas,  
Profundamente dormindo,  
Em busca das almas puras.

Praza aos céus que nos caminhos  
Da eterna Glória, das palmas,  
Mais brancas que os claros linhos  
Possais encontrar as almas!

Índice

DISPERSAS

AVANTE

(17 set. 1880)

Ao distinto e talentoso jovem  
José Arthur Boiteux

.....

Avante, sempre nessa luz serena,  
Empunha a pena, sem temor, com fé!...  
Eleva as turbas as idéias d'ouro,  
Que um tesouro tua fronte é!...

Eia, caminha nessa senda nobre  
Na pátria pobre, no teu berço aqui!...

Prosegue altivo, sem parar, constante,  
Faz-te gigante, diz depois: Venci!...

Imita os grandes, incansáveis vultos  
Que lá sepultos no pó negro estão!...  
Anda, romeiro dos vergéis divinos,  
Mergulha em hinos a gentil razão!...

Eia, que sempre na brasileira história  
De alta glória colherás o jus!...  
O livro augusto do Porvir descerra,  
Sê desta terra o precursor da luz!...

## Índice

AWAY!

A meu distinto amigo e talentoso jovem José Arthur Boiteux

O livro, esse audaz guerreiro,  
Que conquista o mundo inteiro,  
Sem nunca ter Waterloo!...  
(Castro Alves)

Avante, sempre, nessa luz serena,  
Empunha a pena, sem temor, com fé!...  
Eleva as turbas as idéias d'ouro,  
Que um tesouro tua fronte é!...

Eia, caminha nessa senda nobre,  
Na pátria pobre, no teu berço aqui!...  
Prosegue altivo, sem parar, constante,  
Faz-te gigante, diz depois -- Venci!...

Ala-te à glória num voar titâneo,  
Burila o crânio de fulgor sem fim!...  
E entre o livro d'imortais perfumes  
Calca os ciúmes d'imbecil Caim!

Imita os grandes, incansáveis vultos  
Que lá sepultos no pó negro estão!...  
Anda, romeiro dos vergéis divinos,  
Mergulha em hinos a gentil razão!

Estás na quadra radiante e linda,  
É cedo ainda para enfim descreer!  
És jovem... pensas... és portanto um bravo  
Ser ignavo... é sucumbir... morrer!

Vamos, caminha, mesmo embora exangue  
Da frente o sangue vá rolar-te aos pés!  
Agita a alma qual febris as vagas,

Que dessas chagas brotarão lauréis!

Além do livro, colossal, enorme,  
Que nunca dorme perscrutando os céus!.  
Acima dele supernal, potente  
Está somente, tão-somente Deus!

Vai! ... vai rasgando, percorrendo os ares,  
Novos palmares, meu gentil condor!  
Depois de teres pedestal seguro  
Lá do futuro te erguerás senhor!...

Qual Ney ousado que, ao vibrar da lança,  
Nutre esperança de ganhar, vencer,  
Assim co'a idéia vai lutar, trabalha,  
Vence a batalha do dinal saber.

Eia que sempre na brasileira história  
De alta glória colherás o jus!...  
O livro augusto do porvir descerra,  
Sê desta terra precursor da luz!!!

Índice

## POESIA

C'est la musique la poesie de l'âme;  
et la gloire est Dieu, ce sont les  
deux choses les plus charmantes, les  
plus belles, les plus grandes de la vie!  
(Do Autor)

Da música escutando preclaras harmonias  
Vendo em cada lábio brilhar ledor sorriso  
Vendo luz e flores e tanto entusiasmo  
Julguei-me transportado ao célico Paraíso!

Foi sonho na verdade -- mas hoje realizado  
Vos dá, distintos sócios, venturas mais de mil,  
A vós que à frente tendo Penedo, grande, forte,  
Subis, alistridente, qual ave mais gasil!

E quando executais as vossas belas peças  
As notas quais gemidos vagam n'amplidão  
Parece que o infinito derrama sobre vós  
Centelhas sublimadas só d'inspiração!

Da arte de Mozart vós sois grandes romeiros  
Lutais como nas vagas o triste palinuro,  
Os olhos tendes fitos na glória que dá brilho  
No livro tricolor e ovante do futuro!

Hoje que os sorrisos assomam em vossos lábios  
Que da “Guarani” alçais áureo pendão,  
Eu humilde e fraco -- com flores inodoras  
Somente aqui vos venho fazer uma ovação!

Quando há só coragem, força, intrepidez  
Quando se alimenta no peito divo ardor,  
O homem não recua, caminha p’ro progresso  
Co’a frente sempre erguida, sem ter menor temor,

Sem ter algum trabalho jamais s’alcança trono  
Sem ter valor e força jamais se tem lauréis  
P’ra vossa grande glória, além do grã futuro  
Deus já tem erectos milhares de docéis!

Mas dentre vós vulto sereno se destaca  
Qual Rodes portentoso, imenso, verdadeiro  
Que nunca recuou sequer um só momento  
Que sempre em trabalhar foi pronto companheiro!

E este vosso sócio, digno diretor  
Que forte não pensou jamais em recuar!  
É José Gonçalves -- águia valorosa  
A quem, altivamente, eu ousou aqui louvar!

Vencendo mil tropeços, altiva os derribando  
A bela “Guarani” se mostra triunfante  
Foi como esses heróis -- na mão sustenta o gládio  
-- O gládio da vitória serena e radiante!

Portanto erguei ridente a frente ao infinito!  
Erguei ó grandes bravos a frente toda luz!  
Eis, a senda é bela, sublime, é grandiosa  
Avante pois ness’arte, avante, avante, sus!

E agora concluindo palavras pobrezinhas  
Que eu pronunciar humilde vim aqui,  
Saúdo fervoroso -- do imo de minh’alma  
A essa tão gentil, simpática “Guarani”!

Índice

SAUDAÇÃO  
(Desterro, 14 nov. 1880)

Qual o que não exulta ao ler uma epopéia!  
Qual o que a ver dor não lhe estremece o crânio,  
Em confusões cruéis?! Qual o que tem fresca, sublime, pronta a idéia,  
E do altar da caridade no supedâneo,  
Não deixa alguns lauréis?!

(Do Autor)

Ontem, grande desgraça  
Que o povo se abraça  
D'Itajaí em geral!  
Ontem, o cetro divino  
Que se tornando ferino  
Tudo esmaga afinal!

Ontem, prantos e dor. . .  
Grandes gritos d'horror...  
A fatal confusão!  
Ontem, lampas perdidas  
De centenas de vidas,  
Que nas águas lá vão!

Ontem, negras as vagas,  
Os belos céus, essas plagas,  
-- Onde existe o Senhor!  
Ontem, -- fatalidade!  
A pobrezinha cidade  
Toda envolta em negror!

Hoje, oh! Deus sempiterno!  
-- O teu gládio superno  
De bonança a irradiar,  
Veio ao povo esmagado  
Ao tredo peso do fado  
Fazer do caos ressurgir!

Hoje, o íris brilhante  
Lá nos céus, radiante,  
Já se faz divulgar!  
E todo o povo prostrado  
Te agradece arroubado  
Mas ainda a chorar!

E corações caridosos  
Farão a dar pressurosos  
Os seus globos gentis!  
Dai! é doce a esmola!  
Ela aos pobres consola,  
Torna-os ledos, gasis!

A miséria chorava  
Em delírio bradava  
Por um pouco de pão!  
E eles foram dizendo  
-- Ide, pois vos mantendo,  
Aqui tendes a mão!

E vós -- lá no tablado,  
O mor rasgo, elevado,  
De fazer acabais!  
E um rasgo de glória  
De brilhante memória

Pros vindouros anais!

Vós fazeis do cenário  
Um dinal santuário  
Trabalhando p'ra pobres!  
Mostrais bem que nas almas  
Possuís celsas palmas  
De ações muito nobres!

P'ra louvar amadores,  
Tantas lutas, labores,  
Tanta excelsa virtude!  
Ah! me falta uma lira  
Que um poema desfira...  
Ai! me falta alaúde!

Só Deus pode dar louros  
De mil glórias, tesouros,  
Como vós mereceis!  
Pois que feitos são divos,  
Tão imensos, altivos  
Só d'heróis ou de reis!

Amadores briosos!  
Vós sois tão valorosos  
Qual os bravos na guerra!  
Sois os nautas valentes  
Socorrendo ridentes  
Quem cá gema na terra!

Amor, Deus, Caridade  
-- E a sublime trindade  
Radiante de Luz!  
Donde vós, amadores,  
Lá colheis os fulgores,  
De mil graças a flux!

Índice

A IMPRENSA

(Desterro, 21 nov. 1880)

A Imprensa e brilhante como o meteoro,  
sublime como os arrebóis do cerúleo  
infinito!

(Do Autor)

A lâmpada gigantesca  
Das glórias do porvir,  
Turíbulo majestoso  
No mundo a irradiar,  
É a imprensa tesouro

E c'roa de verde louro  
A fronte do escritor!  
E centelha sublimada  
Que vem do céu arrojada  
A treva dando fulgor!

-- O homem nasceu pequeno  
Mas com as letras cresceu  
Foi como o vulto de Rodes  
Que lá tão alto s'ergueu!  
Foi preciso -- estudando  
Co'a própria idéia lutando  
Mergulhar-se na luz!  
Foi preciso ter glória,  
Brilhante, leda memória,  
Colher renomes a flux!

Foi preciso mil lutas  
Mil labores insanos  
P'ra descobrir nesses mundos  
Da diva luz os arcanos!  
Foi preciso que um bravo  
Não mostrando-se ignavo  
Mas inspirado por Deus!  
A pedra bruta talhasse  
E a luz então derramasse  
Qual seiva santa dos Céus!

Foi preciso os séculos  
Ainda um pouco nas trevas  
Erguessem as fronteiras bem alto  
E devastassem mil selvas!  
Foi preciso que o mundo  
Sentisse abalo profundo  
Ao desvendar-se o saber!  
Foi preciso que os entes  
Ou se erguessem potentes  
Ou tombassem a morrer!

Mas não! -- o homem ergueu-se,  
Quase, quase com Deus  
Tirou a fronte da treva  
E só pregou-a nos Céus!  
Viu o futuro de louros  
E quis colher os tesouros  
Que dão renome sem fim!  
Sonhou, sonhou co'a vitória  
E o gládio teve da glória  
Qual o grão Bernardim!

O homem, gênio sublime,  
Caminha, com seu bordão  
Até achar o brilhante  
A luz, a luz da razão!  
Tropeça um pouco, se tomba  
Ergue-se, voa qual pomba

E indo a luz descobrir,  
Busca ouvir no infinito  
Do eco ao longe este grito:  
Trabalha para o porvir!

Quando os povos modernos,  
Sentirem no coração  
Uma ardente centelha  
Que caia lá d'amplidão!  
Deixarão esses vícios,  
Insanos, negros, fictícios  
Que dão só noite ao viver!  
E irão curvados a ela  
Depor-lhe verde capela  
Farão então por crescer!

Camões, Milton, Abreu,  
Já da vida sem lampas,  
Erguei-vos crânios altivos  
Espedai essas campas!  
Dizei -- se o homem caminha  
Se na treva definha  
A quem se deve louvar?!...  
S'as letras seguem ovantes  
Dizei ó nobres gigantes  
A quem se ergue alçar?!...

E Guttemberg esse herói,  
Essa vergôntea dinal,  
Que co'escopro na destra!  
Foi das letras fanal!  
Ao descobrir a imprensa  
Essa epopéia imensa  
Para toda a nação,  
Com glória ingente sonhava  
Na luz por certo nadava  
Já tinha os louros na mão!

Índice

VERSOS  
(Desterro, 9 abr. 1881)

Admirai Carrara, Canova, Rafael,  
Murillo, Mozart e Verdi e tereis  
as sublimes, mais que sublimes,  
as divinas encarnações da arte!  
(Do Autor)

Bravo, prole bendita  
Pois à glória infinita

O lutar vos conduz!  
É assim -- trabalhando  
Sempre e sempre estudando  
Que se alcança mais luz!

Contemplai estas flores  
Estes tantos labores  
Contemplai o painel!  
Repetindo orgulhosos  
Estes feitos briosos  
São dum belo pincel!

Eia, jovens, avante!  
Ser artista é brilhante,  
Trabalhar é uma lei!  
Não são só os c'roados  
Que merecem em brados  
Ter as honras de rei!

O artista qu' é pobre  
É tão rico, é tão nobre  
Qual potente César!  
E a glória bem cedo  
Lhe murmura o segredo  
-- És artista -- és sem par!

Não temais os pampeiros  
Sois gentis brasileiros  
Deveis pois progredir!  
Quem vos traça na história  
Vossa augusta memória  
É um deus -- O Porvir!

Levantai-vos potentes  
Altanados, ingentes  
E fazei-vos Criseus!  
Só quem pode vergar-vos  
E pensar obumbrar-vos  
Mais ninguém -- é só Deus!

Não fiquéis ignavos  
Que o futuro dá bravos  
Vos dizendo -- estudai!  
Sois humanos -- portanto  
Se há de trevas um manto  
Apressai-vos, rasgai!

Nossa pátria querida  
Necessita mais vida,  
Necessita crescer!  
É preciso contudo  
Que tenhais como escudo  
Quem vos mostra o saber!

E de obreiros altivos,  
Que sereis redivivos

Que sereis imortais,  
Achareis vossos nomes  
Vossos grandes renomes  
Nas mansões divinais!

Perdoai-me estas flores  
Que tão murchas, sem cores  
Nada podem valer!  
São ofertas sinceras  
Arrancadas deveras  
Para vir vos trazer!

Palinuros -- à frente  
Esse trilho é ridente  
Dás-vos honra, louvor!  
Quem o braço vos guia  
Nunca, nunca entibia --  
-- É artista... e pintor!

É a vós a quem falo  
E se hoje eu não calo  
Estas vãs expressões!  
É que a louca alegria  
Em minh'alma irradia  
Com fulgentes clarões!

O trabalho enobrece  
Glorifica, engrandece  
Aos artistas quais vós!  
Que zombando da sorte  
Têm a tela por norte  
Os pincéis por faróis!

Eia! nessa carreira  
Qual a nau sobranceira  
Indo o mar a fender!  
Quando há negros abrolhos,  
Mil cachopos, escolhos  
É mais belo o vencer!

Se o lutar é dos grandes  
Que são gêmeos dos Andes  
Que não sabem tombar!  
Colhereis uma glória  
Mais suprema memória,  
Trabalhando, a lutar!

Deus, o Deus sublimado  
Disse ao homem num brado,  
Da sidérea mansão!  
-- Vai depressa arrimar-te  
Aos arcanos da arte,  
Que terás um bordão!

Onde há braços d'artista  
E seu ponto de vista

Decepar escarcéus!  
E seu gládio seguro  
Vai cavar o futuro  
Vai rasgar negros véus!

E lá quando os vindouros  
Vos c'roarem de louros  
Vos erguerem docel!  
Bradarão altaneiros:  
-- Exultai brasileiros,  
Ressurgiu Rafael!

Não temais os insanos,  
Insensatos humanos  
Bajulantes e maus!  
Trabalhai muito embora!  
Há de vir uma aurora  
P'ra arrancá-los do caos!

Away, estudantes  
Sois vergôntes pujantes  
A lauréis tendes jus!  
Caminhai com coragem,  
Qu'esta é a romagem  
Dos apóstolos da luz!!!...

Índice

AO DECÊNIO DE CASTRO ALVES  
Quem sempre vence e o porvir!

No espadanar das espumas  
Que vão à praia saltar!  
Nos ecos das tempestades  
Da bela aurora ao raiar,  
Um brado enorme, profundo,  
Que faz tremer todo o mundo  
Se deixa logo sentir!  
E como o brado solene,  
Ingente, celso, perene,  
É como o brado: -- Porvir!

Pergunta a onda: -- Quem é?...  
Responde o brado: -- Sou eu!  
Eu sou a Fama, que venho  
C'roar o vate, o Criseu!  
Dormi, meu Deus, por dez anos  
E da natura os arcanos  
Não posso todos saber!  
Mas como ouviisse louvores  
De glória, gritos, clamores,

Também vim louros trazer.

Fatalidade! -- Desgraça!  
Fatalidade, meu Deus!  
Passou-se um gênio tão cedo,  
Sumiu-se um astro nos céus!  
As catadupas d'idéias,  
De pensamento epopéias  
Rolaram todas no chão!  
Saindo a alma pra glória  
Bradou pra pátria -- vitória!  
Já sou de vultos irmão!

Foi Deus que disse: -- Poeta,  
Vem decantar a meus pés.  
Na eternidade há mais luz,  
Dão mais valor ao que és.  
Se lá na terra tens louros,  
Receberás cá tesouros  
De muitas glórias até!  
Terás a lira adorada  
C'o divo plectro afinado  
De Dante, Tasso e Garret!

Então na terra sentiu-se  
Um grande acorde final!  
O belo vate brasileiro  
Pendeu a fronte imortal!  
O negro espaço rasgou-se  
E aquele gênio internou-se  
Na sempiterna mansão.  
A sua fronte brilhava  
E o áureo livro apertava  
Serenos e ledos na mão...

E o mundo então sobre os eixos  
Ouviu-se logo rodar!  
É que ele mesmo estremece  
A ver um vulto tombar.  
É que na queda dos entes  
Que são na vida potentes,  
Que têm nas veias ardor,  
Há cataclismos medonhos  
Que só sentimos em sonhos  
Mas que nos causam terror!...

E o coração s'estortega  
E s'entibia a razão!  
No peito o sangue enregela  
E logo a história diz: -- Não!  
Não chore a pátria esse filho,  
Se procurou outro trilho  
Também mais glórias me deu!  
E quando os séculos passarem  
Se hão de tristes curvarem  
Enquanto alegre só eu?...

Oh! Basta! Basta! Silêncio!  
Repousa, vate, nos Céus!  
Que muito além dos espaços  
Os cantos subam dos teus!  
Se nesta vida d'enganos  
Não são bastante os humanos  
Pra te render ovações!  
Perdoa os fracos, ó gênio,  
Que pra cantar teu decênio  
Somente Elmano ou Camões!

Índice

#### ENTRE LUZ E SOMBRA

Ao dia 7 de Setembro  
Libertas Lux Dei!!...

Surge enfim o grande astro  
Que se chama Liberdade!...  
Dos sec'los na imensidade  
Eterno perdurará!...  
Como as dulias matutinas  
Que reboam nas colinas,  
Nas selvas esmeraldinas  
Em honra ao celso Tupá!...

Eram só cinéreas nuvens  
Os brasíleos horizontes!  
Curvadas todas as frentes  
Caminhavam no descrer! --  
As brisas nem murmuravam...  
Os bosques nem soluçavam...  
Os peitos nem se arroubavam...  
-- Estava tudo a morrer!...

De repente, o sol formoso  
Vai as nuvens esgarçando.  
As almas vão palpitando,  
Cintilam magos clarões!...  
E o Índio fraco, indolente  
Fazendo esforço potente  
Dos pulsos quebra a corrente,  
Biparte os acres grilhões!...

Por terra tomba gemendo  
O vão, atroz servilismo...  
Rui a dobrez no abismo...  
Eis a verdade de pé!...  
Enfim!... exclama o silvedo  
Enfim!... lá diz quase a medo

Selvagem, nu Aimoré!...

Assim, brasileira coorte,  
Falange excelsa de obreiros,  
Soberbos, almos luzeiros  
De nossa gleba gentil,  
Quebrai os elos d'escravos  
Que vivem tristes, ignavos,  
Formando delas uns bravos  
-- P'ra glória mais do Brasil!...

Lançai a luz nesses crânios  
Que vão nas trevas tombando  
E ide assim preparando  
Uns homens mais p'ro porvir!  
Fazei dos pobres aflitos  
Sem crenças, lares, proscritos,  
Uns entes puros, benditos  
Que saibam ver e sentir!...

Do carro azul do progresso  
Fazei girar essa mola!  
Prendei-os sim, -- mas à escola  
Matai-os sim, -- mas na luz!  
E então tereis trabalhado  
O negro abismo sondado  
E em nossos ombros levado  
Ao seu destino essa cruz!!...

Fazei do gládio alavanca  
E tudo ireis derribando;  
Dormi, co'a pátria sonhando  
E tudo a flux se erguerá!  
E a funda treva cobarde  
Sentindo homérico alarde,  
Embora mesmo que tarde  
Curvada assim fugirá!...

Enfim!... os vales soluçam  
Enfim!... os mares rebramam  
Enfim!... os prados exclamam  
Já somos livre nação!!...  
Quebrou-se a estátua de gesso...  
Enfim!... -- mas não... estremeço,  
Vacilo... caio, emudeço...  
Enfim de tudo inda não!!...

Índice

SETE DE SETEMBRO

Liberdade! Independência!...  
Eis os brados grandiosos  
Que quais raios luminosos  
Fulguraram lá nos céus!...  
Eis a mágica -- Odisséia  
Que duns lábios rebentando,  
Foi o povo transformando,  
Foi rompendo os negros véus!...

As colinas, prados, montes,  
As florestas seculares  
-- Os sertões, os próprios mares  
Exultaram com fervor!  
E os brados retumbaram  
Pela lúcida devesa,  
Pela virgem natureza  
Com homérico clangor!...

Qual artista consumado,  
Qual um velho estatuário  
Do Brasil no azul sacrário,  
Essa data vos traçou,  
-- O triunfo mais pujante,  
A eleita das idéias,  
A major das epopéias  
-- Q'inda igual não se gerou!...

Mas embora, meus senhores  
Se festeje a Liberdade,  
A gentil Fraternidade  
Não raiou de todo, não!...  
E a pátria dos Andradas  
Dos -- Abreu, Gonçalves Dias  
Inda vê nuvens sombrias,  
Vê no céu fatal bulcão!...

Muito embora Rio Branco,  
Esse cérebro profundo  
Que passou por entre o mundo,  
Do Brasil como um Tupã!...  
Muito embora em catadupas  
Derramasse o verbo augusto,  
Da nação no enorme busto  
Inda a mancha existe, há!...

É preciso com esforço,  
Colossal, estranho, ingente,  
Ir o cancro, de repente  
Esmagar que nos corrói!...  
É preciso que essa Deusa,  
A excelsa Liberdade,  
Raie enfim na Imensidade  
Mais ativa como sói!...

Sai da larva a borboleta  
Com as asas auriazuis

E um disco vai -- de luz  
A deixar onde passou!  
No entanto o grande berço  
Das façanhas de Cabrito  
Inda espera um novo grito  
Como o -- Basta -- de Waterloo!...

Eu bem sei que Guttemberg  
Que esse Fulton primoroso  
Faust, Kepler grandioso  
Trabalharam té vencer!  
Mas embora tropeçassem  
Acurando os seus eventos,  
Tinham sempre tais portentos  
A vontade por poder!...

Eia! sim! -- p'ra Liberdade  
Irrompei qual verbo eterno,  
Como o -- Fiat -- superno  
Pelos ares a rolar!  
Eia! sim! -- que nossa pátria  
Só precisa -- mas de bravos...  
E em prol desses escravos  
Seu dever é trabalhar!!...

Somos filhos dessa gleba  
Majestosa aonde o gênio  
Como o astro do proscênio  
Solta as asas, mui febril!  
Dos selvagens Tiaraiús  
E dos brônzeos Guaicurus...  
Somos filhos do Brasil!...

Esperemos, tudo embora!...  
Pois que a sã locomotiva,  
Do progresso imagem viva  
Não se fez a um sopro vão!  
Aguardemos o momento  
Das mais altas epopéias,  
Quando o gládio das idéias  
Empunhar toda a nação!...

Esperemos mais um pouco  
Q'inda há almas brasileiras  
Que se lembrarão, sobranceiras,  
Que é preciso progredir!...  
Inda há peitos valerosos  
Que combatem descobertos  
Por florestas, por desertos,  
Mas c'os olhos no porvir!...

Inda há lúcidas falanges  
Lutadores denodados  
Que se erguem transportados  
Burilando a sã razão!...  
Inda há quem se recorde

Do Egrégio Tiradentes  
Que do sangue as gotas quentes  
Derramou pela nação!!...

Já nas margens do Ipiranga  
Patrióticos acentos  
Vão alados como os ventos  
Pelos páramos azuis!!...  
Vamos! Vamos! -- eia! exulta,  
Jovem pátria dos renomes...  
-- Vibra a lira, Carlos Gomes!  
Bocaiúva, espalha luz!!...

Índice

### TRÊS PENSAMENTOS

Nasceste no Brasil -- filha d'América,  
Tu sabes conservar nas débeis veias  
No lúcido pulmão  
O sangue efervescente e purpurino  
A força de subir ao céu da história.  
As lutas da razão!...

Nasceste no Brasil -- em meio às plagas  
Da grande natureza mais pujante  
E cheia de arrebol!...  
E sabes obumbrar os astros fulvos  
E lanças raios mil por toda a parte,  
Soberba como o sol!...

Nasceste no Brasil e o eco ovante  
Das glórias sublimadas que tu colhes  
Por este céu azul,  
Vem fêrvido, viril e acentuado  
Assaz repercutir com mais verdade  
Aqui... aqui no sul!...

Índice

### PARANAGUADAS

Que importa que tu fales  
Que importa que tu files  
Que importa que não cales,

Que importa que tu fales  
Que importa que te rales,  
Que importa-me essa bilis  
Que importa que tu fales  
Que importa que tu files.

Índice

#### QUESTÃO BROCARDO

-- Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe --  
A cacholeta no chefe --  
-- Pife, pufe, pafe, pefe  
Estoure como um tabefe  
E o ventre de raiva entufe --  
-- Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe!

Índice

#### SEMPRE

Se é certo que o amor é um bem profundo  
Se é certo que o amor é um sol ardente,  
Eu hei de amar-te sempre neste mundo  
E sempre, sempre, sempre -- eternamente.

Índice

#### BEIJOS

Nesta Tebaida infinita  
Da vida, na sombra oculto,  
Eu gosto de olhar o vulto  
De uma criança bonita.

Porque afinal as crianças,  
Como eu deslumbro-me ao vê-las,  
Cintilam como as estrelas,  
Florescem como esperanças.

Dentro de mim se projeta  
A luz cambiante dos prismas

E batem asas as cismas  
Qual passarada irrequieta.

E batem asas e ruflam,  
Pelas artísticas plagas,  
As auras que as grandes vagas  
Dos fundos mares insuflam.

E digo, ó mães, se uma aurora  
Fosse a minh'alma sincera,  
Os clarões todos eu dera  
A uma criança que chora.

Porque se a luz fortalece  
Arbustos e as andorinhas,  
Também por certo às criancinhas  
Conforta, avigora, aquece.

E eu que aplaudo e que rimo  
Tudo isso que a luz se regre,  
Na vibração mais alegre  
As criancinhas estimo.

Portanto, assim, sem refolhos  
Beijando a Olga, beijando  
Meus sonhos vão, irradiando,  
Se derramar em seus olhos!

Índice

#### QUESTÃO BROCARDÓ

Triolé fura essa pança  
Do Delegado -- es um russo,  
Revolução n'esta dança...  
Triolé fura essa pança,  
Fura, fura como a lança  
Ou como no boi um chuço;  
Triolé fura essa panca  
Do Delegado -- és um russo.

Índice

---

Pinto, pinta -- ponta à ponta  
Tanta ponta, Pinto pinta  
Que pinta se pinta a pinta

Pinto -- pinta -- ponta à ponta.  
Pinto é ponto mas não ponta  
Mas se pinta por um pinto  
E já que o Pinto se pinta  
Eu pinto-lhe a pinta ao Pinto.

Índice

## PIRUETAS

Finou-se um tal inglês  
Gastrônomo e patife  
Que tanto -- de uma vez  
Comeu, comeu e esparramou-se em bife;  
Que um dia de jejum,  
Pela pança rotunda e quixotesca,  
Teve um parto... comum,  
Um feto original... de carne fresca.

Índice

## AS DEVOTAS

I  
Enquanto o sino bimbaha,  
Bimbaha, bimbaha e tine,  
Lançai do olhar a migalha  
-- Enquanto o sino bimbaha --  
À raça que se amortalha  
No horror que não se define...  
Enquanto o sino bimbaha  
Bimbaha, bimbaha e tine.

II  
Perto da Igreja a senzala,  
O Cristo junto aos escravos  
E, pois, deveis visitá-la,  
Perto da Igreja, a senzala  
E procurar transfarmá-la  
Da luz às palmas, aos bravos!...  
Perto da Igreja a senzala,  
O Cristo junto aos escravos.

III  
E tão-somente por isto  
Enquanto o sino bimbaha,

Bem antes de terdes visto  
-- E tão-somente por isto --  
Todo o martírio do Cristo,  
O vosso amor que lhes valha,  
E tão-somente por isto,  
Enquanto o sino bimbalha.

Índice

---

De claque, casaca e luva,  
De luva, casaca e claque  
Ao rendezvous da viúva,  
De claque, casaca e luva,  
Tu vais -- arrostas a chuva  
No macadam -- plaque, plaque...  
De claque, casaca e luva,  
De luva, casaca e claque.

Índice

[MEUS ESPLÊNDIDOS...]

Meus esplêndidos desejos  
Emigram, como beijos,  
Pelo azul espaço, em curvas,  
Rasgando essas brumas turvas;  
Pelo sol das primaveras,  
Batendo as asas brancas,  
Como, batem, quimeras...  
.....  
Voai, andorinhas francas!

Índice

---

Nunca se cala o Callado  
E sempre o Callado, fala  
Callado que não se cala,  
Nunca se cala o Callado,  
Callado sem ser calado,  
Callado que é tão falado...

Nunca se cala o Callado  
E sempre o Callado, fala.

Índice

---

Estoure como o champagne  
O triolé -- pule e salte  
E como os gatos arranhe,  
Estoure como o champagne  
E a cara dos erros lanhe  
E como o sol nunca falte...  
Estoure como o champagne  
O triolé -- pule e salte.

Índice

---

Parece um céu estrelado  
Esta vida de nós dois  
Depois d'aquela passado...  
Parece um céu estrelado  
Largo, puro, undiflavado  
Depois do pesar, depois,  
Parece um céu estrelado  
Esta vida de nós dois.

Índice

---

Levantem esta bandeira  
Da posição de farrapo;  
Da terra azul brasileira  
Levantem esta bandeira  
Que sente o horror da esterqueira  
Da escravidão -- negro sapo.  
Levantem esta bandeira  
Da posição de farrapo.

Índice

## OLHARES

Teus traquinantes olhinhos  
Continhas, Ziza, parecem;  
Zigzagam sempre, tontinhos  
Teus traquinantes olhinhos;  
Tão pretos, tão redondinhos  
Olhinhos que me embevecem,  
Teus traquinantes olhinhos  
Continhas, Ziza, parecem.

### Índice

---

Nas explosões de bons risos  
Os triolés petulantes  
Chocalhem, tinam, precisos  
Nas explosões de bons risos,  
Tilintem como mil guisos  
Sonoros, raros, vibrantes  
Nas explosões de bons risos,  
Os triolés petulantes.

### Índice

---

Triolé -- pega estes zotes  
E dá-lhes de baixo acima  
Preso ao trapézio da rima  
Na mais artística esgrima  
D'estouros e piparotes,  
Preso, ao trapézio da rima  
Triolé -- pega estes zotes.

### Índice

## GRITO DE GUERRA

Aos senhores que libertam escravos

Bem! A palavra dentro em vós escrita  
Em colossais e rubros caracteres,  
É valorosa, pródiga, infinita,  
Tem proporções de claros rosicleres.

Como uma chuva olímpica de estrelas  
Todas as vidas livres, fulgurosas,  
Resplandecendo, -- vós tereis de vê-las  
Rolar, rolar nas vastidões gloriosas.

Basta do escravo, ao suplicante rogo,  
Subindo acima das etéreas gazas,  
Do sol da idéia no escaldante fogo,  
Queimar, queimar as rutilantes asas.

Queimar nas chamas luminosas, francas  
Embora o grito da matéria apague-as;  
Porque afinal as consciências brancas  
São imponentes como as grandes águias.

Basta na forja, no arsenal da idéia,  
Fundir a idéia que mais bela achardes,  
Como uma enorme e fulgida Odisséia  
Da humanidade aos imortais alardes.

Quem como vós principiou na festa  
Da liberdade vitoriosa e grande,  
Há de sentir no coração a orquestra  
Do amor que como um bom luar se expande.

Vamos! São horas de rasgar das frentes  
Os véus sangrentos das fatais desgraças  
E encher da luz dos vastos horizontes  
Todos os tristes corações das raças...

A mocidade é uma falena de ouro,  
Dela é que irrompe o sol do bem mais puro:  
Vamos! Erguei vosso ideal tão louro  
Para remir o universal futuro...

O pensamento é como o mar -- rebenta,  
Ferve, combate -- herculeamente enorme  
E como o mar na maior febre aumenta,  
Trabalha, luta com furor -- não dorme.

Abri portanto a agigantada leiva,  
Quebrando a fundo os espectrais embargos,  
Pois que entrareis, numa explosão de seiva,  
Muito melhor nos panteões mais largos.

Vão desfilando como azuis coortes  
De aves alegres nas esferas calmas,  
Na atmosfera espiritual dos fortes,  
Os aguerridos batalhões das almas.

Quem vai da sombra para a luz partindo  
Quanta amargura foi talvez deixando  
Pelas estradas da existência -- rindo  
Fora -- mas dentro, que ilusões chorando.

Da treva o escuro e aprofundado abismo  
Enchei, fartai de essenciais auroras,  
E o americano e fértil organismo  
De retumbantes vibrações sonoras.

Fecundos germens racionais produzam  
Nessas cabeças, claridões de maios...  
Cruzem-se em vós -- como também se cruzam  
Raios e raios na amplidão dos raios.

Os britadores sociais e rudes  
Da luz vital às bélicas trombetas,  
Hão de formar de todas as virtudes  
As seculares, brônzeas picaretas.

Para que o mal nos antros se contorça  
Ante o pensar que o sangue vos abala,  
Para subir -- é necessário -- é força  
Descer primeiro a noite da senzala.

Índice

---

Da Lua aos raios prateados  
Que no horizonte se espargem,  
Como fulguram os prados  
Da lua aos raios prateados,  
Há vagos silfos alados  
Do rio azul pela margem  
Da lua aos raios prateados  
Que no horizonte se espargem.

Índice

---

Teus olhos belos por dentro  
De grandes colorações,  
Parecem ter pelo centro  
Teus olhos belos por dentro  
A luz vital onde eu entro  
E saio imerso em clarões...  
Teus olhos belos, por dentro

De grandes colorações.

Índice

#### ADALZIZA

Tens um olhar cintilante,  
Tens uma voz dulçurosa,  
Tens um pisar fascinante,  
Tens um olhar cintilante  
Cheio de raios, faiscante  
Ó criatura formosa,  
Tens um olhar cintilante,  
Tens uma voz dulçurosa!...

Índice

#### [TEUS OLHOS]

Teus olhos -- esses carinhos,  
Esse casal de ilusões  
Tão doces como os arminhos,  
Teus olhos -- esses carinhos  
Parecem ser os dois ninhos  
Das minhas consolações,  
Teus olhos -- esses carinhos  
Esse casal de ilusões!...

Índice

#### SER PÁSSARO

Ah! Ser pássaro! ter toda a amplidão dos ares  
Para as asas abrir, ruflantes e nervosas,  
Dos parques através e dos moitais de rosas,  
Nos floridos jardins, nas hortas e pomares.

Ser pássaro, cantar, subir, voar na altura,  
Pelos bosques sem fim, perder-se nas florestas,  
Das folhagens do campo em meio da espessura,  
Das auroras de abril nas cristalinas festas.

Tecer no tronco seco ou no tronco viçoso  
O quente lar do amor, o carinhoso ninho,

De onde sairá mais tarde o pipilar mavioso  
De um outro mais gentil e meigo passarinho.

Não temer o verão e não temer o inverno  
Para tudo alcançar na leve subsistência,  
No contínuo lidar, no labutar eterno,  
Que é talvez da alegria a mais feliz essência.

Viver, enfim, de luz e aromas delicados  
Nascido dentre a luz, gerado dentre aromas,  
Sonorizando o azul, sonorizando os prados  
E dormindo da flor sob as cheirosas comas.

Voar, voar, voar, voar eternamente,  
Extinguir-se a voar, no matinal gorjeio,  
E ser pássaro, é ter em cada asa fremente  
Um sol para aquecer o frio de algum seio.

## Índice

### O BOTÃO DE ROSA

A uma atriz

O campo abra o seio às expansões frementes  
Das árvores senis, dos galhos viridentes.

Caía a tarde fresca  
Loira, gentil, vivaz como a canção tudesca.  
A iluminada esfera  
Calma, profunda, azul como um sonhar de virgem,  
Dava um brilho-cetim às verdes folhas d'hera.  
No ar uma harmonia avigorada e casta,  
No crânio uma vertigem  
Duma idéia viril, duma eloquência vasta.

Tardes formosíssimas,  
Ó grande livro aberto aos geniais artistas,  
Como tanto alargais as crenças panteístas,  
Como tanto esplendeis e como sois riquíssimas.

Quanta vitalidade indefinida, quanta,  
Na pequenina planta,  
No doce verde-mar dos trêmulos arbustos,  
Que misticismo, justos,  
Bebia a alma inteira ao devassar o arcano  
Das árvores titãs, das árvores fecundas  
Que tinham, como o oceano,  
Febris palpitações intérminas, profundas.

Esplêndidas paisagens  
Opunhas o largo campo às vistas deslumbradas.  
As múrmuras ramagens,

À luz serena e terna, à luz do sol -- que espadas  
De fogo arremessava, em frêmitos nervosos,  
Pelo côncavo azul dos céus esplendorosos,  
Tinham falas de amor, segredos vacilantes  
Finos como os brilhantes.

A música das aves  
Cortava o éter calmo, em notas multiformes,  
Límpidas e graves  
Que estouravam no ar em convulsões enormes.  
Aqui e além um rio  
Serpejava na sombra, em meio de um rochedo  
Áspero e sombrio.  
O olhar perscrutador, o grande olhar, sem medo  
E o espírito mudo,  
Como um herói gigante avassalavam tudo...

Nuns madrigais risonhos  
Abria-se o país fantástico dos sonhos.  
Alavam-se os aromas  
Leais, inexauríveis  
Das largas e invisíveis  
Selváticas redomas.

A seiva rebentava  
Em ondas -- irrompia  
Na doce e maviosa e plácida alegria  
De uma ave que cantava,  
Dos belos roseirais  
Que ostentavam a flux as rosas virginais.

E as jubilosas franças  
Dos árvoredos altos,  
Rígidos, atléticos,  
Derramavam no campo uns fluidos magnéticos  
Dumas vontades mansas.

A doce alacridade ia explosindo aos saltos.  
E toda a natureza  
Robusta de saúde e estrênuo de grandeza  
Libérrima e vital,  
Erguia-se pujante, audaz e redentora,  
No gérmen material da força criadora,  
Dentre a vida selvagem mística, animal...

Dos roseirais preciosos  
Nos renques primorosos,  
Numa linda roseira abria castamente,  
Como um sonho de luz numa cabeça ardente,  
O mais belo, o mais puro entre os botões de rosa.  
Tinha essa cor formosa,  
Tinha essa cor da aurora,  
Quando ensangüentada em rubro a vastidão sonora

Era um botão feliz  
Sorrindo para o Azul, zombando da matéria.

Tinha o leve quebranto e a maciez etérea  
Que uma estrofe não diz.  
Das pétalas macias,  
Das pétalas sanguíneas,  
Doces como harmonias  
Brandas e velutíneas  
Uns perfumes sutis se espiralavam, raros,  
Pela mansão do Bem, pelos espaços claros.  
Perfumes excelentes,  
Perfumes dos melhores,  
Perfumes bons de incógnitos Orientes.

Matéria, não deploras  
O viver natural dos vegetais alegres;  
Eles são mais ditosos  
Que os nababos e reis nos seus coxins pomposos;  
E por mais que tu regres  
Ó matéria fatal, a tua vida inteira,  
No rigor da higiene;  
E por mais que a maneira  
Do teu grande existir, desse existir -- perene  
De ironias e pasmos,  
Explosões de sarcasmos  
Tu completes, matéria -- ó humanidade ousada --  
Com a ciência altanada;  
E por mais que no século,  
Tu mergulhes a idéia, o prodigioso espéculo,  
Será sempre maior e exuberante e forte,  
Ó matéria fatal,  
Essa vida tão rica  
Que se corporifica  
Na valente coorte  
Do poder vegetal.

Era um botão feliz,  
Cuja roseira, impávida,  
Ébria de aromas bons, ébria de orgulhos -- ávida  
De completa fragrância,  
Palpitava com ânsia  
Desde a própria raiz.

E entanto o sol tombara e triunfantemente  
Como um supremo Rubens,  
Jorrando à curvidade etérea do poente,  
O ouro e o escarlate, aprimorando as nuvens,  
Numa distribuição simpática de cores,  
De tintas e de luzes  
De galas e fulgores  
Rubros como o estourar dos fervidos obuses.

O cérebro em nevrose,  
No pasmo que precede a augusta apoteose  
De uma excelsa visão perfeitamente bela,  
De uma excelsa visão em límpidos dóceis,  
Exaltava o acabado artístico da Tela  
E o gosto dos pincéis.

Caíam da amplidão em névoas singulares  
Os pálidos crepúsculos.  
Os fúlgidos altares  
Do homem primitivo -- a relva, o prado, o campo  
Onde ele ia buscar a força de uma crença  
Que então lhe iluminasse a alma escura e densa  
Morriam de clarões -- os poderosos músculos  
Da fértil mãe de tudo -- a natureza ingente --  
Deixavam de bater. -- O olhar do pirilampo  
Oscilava, tremia -- azul, fosforescente.

As sombras vinham, vinham  
Lembrando um batalhão d'espectros que caminham  
E a casta nitidez sintética das cousas  
Tomava a proporção das funerárias lousas.

Completara-se então o mais extraordinário,  
O mais extravagante  
Dos fenômenos todos:  
A noite. -- Enfim descera a treva do Calvário,  
A treva que envolveu o Cristo agonizante.

Coaxavam negras rãs nos charcos e nos lodos.  
A abóbada espaçosa, a física amplitude,  
Mostrava a profundez da angústia de ataúde  
De um operário pobre,  
Quando se escuta o dobre  
Amplíssimo e funéreo,  
Sinistro e compassado,  
Rolar pela mansão gloriosa do mistério,  
Assim com um soluço aflito, estrangulado.

Devia ser, devia  
Por uma noite assim,  
Como esta noite igual,  
Que derramou Maria  
A lágrima da dor, -- que o célebre Caim  
Sentiu do crânio as convulsões do Mal.

Mas o botão de rosa,  
Traído pelo estranho zéfiro da sorte,  
Rolou como uma cisma  
Intensa e luminosa  
Ardente e jovial em que a razão se abisma  
E foi cair, cair no pélago da morte,  
Em um dos mais raivosos,  
Em um dos mais atrozes  
Rios impetuosos,  
Cheios de surdas vozes,  
Sozinho, em desamparo, assim como um proscrito,  
Em meio à placidez  
Dos astros no infinito  
E a mesma irracional e fúnebre mudez.

Depois e além de tudo,  
Além do grave aspecto inteiramente mudo,  
Ao tempo que morria  
O cândido botão -- em um dos tantos galhos  
Virentes da roseira -- alegre no ar se abria  
Um outro que ostentava as pétalas sedosas,  
As pétalas graciosas de cores deliciosas,  
De cores ideais.

As auras musicais  
Passavam-lhe de leve,  
Nos tímidos rumores,  
De um ósculo mais breve

E dentre a exposição das delicadas flores,  
Das rosas -- o botão  
Aberto ultimamente as cúpulas austeras,  
As plagas da esperança, a irmã das primaveras,  
Pendido um quase nada, esbelto na roseira,  
Mostrava aquela unção,  
A ínclita maneira  
De quem se glorifica  
Subindo ao céu azul da majestade pura,  
Da eterna exuberância,  
Da fonte sempre rica,  
Da esplêndida fartura  
Da luz imaculada -- a egrégia substância  
Que faz das almas claras  
Pela fecundidade olímpica do amor,  
Magníficas searas,  
De onde se difunde a vida sempiterna,  
A vida essencial, a lei que nos governa,  
A idéia varonil do poeta sonhador.

A arte especialmente, esse prodígio, atriz,  
Como o botão de rosa  
Tão meigo e tão feliz,  
Pode ser arrojada e brutalmente, ao pego,  
Na treva silenciosa,  
Onde o espírito vai, atordoado e cego,  
Cair, entre soluços,  
Como um colosso ideal tombado ao chão de bruços,  
Ou pode equilibrar-se em admirável base  
Estética e profunda,  
Assim, bem como o outro, a mais radiosa altura.

Deves sondá-la bem nesta segunda fase.  
Precisas para isso uma alma mais fecunda.  
Precisas de sentir a artística loucura.

Índice

---

Ó Adalziza dos sonhos;  
Estrela dos firmamentos  
Dos meus cantares risonhos  
Ó Adalziza dos sonhos  
Rasga esses véus enfadonhos  
Dos teus louros pensamentos,  
Ó Adalziza dos sonhos,  
Estrela dos firmamentos.

Índice

---

Enquanto este sangue ferve  
Com força, com toda a força,  
Palpita a fibra da verve  
Enquanto este sangue ferve  
Esmague-se o que não serve  
Na treva o Mal se contorça,  
Enquanto este sangue ferve,  
Com força, com toda a força.

Índice

---

Como um cisne, est'alma frisa  
O mar de luz de teus olhos,  
Ó simpática Adalziza  
Como um cisne, est'alma frisa,  
Vagueia, paira, desliza  
Sem naufragar nos escolhos  
Como um cisne, est'alma frisa  
O mar de luz de teus olhos.

Índice

---

Merece o bom do Vidal  
Que é mesmo um Joca de truz,  
Ter também com o seu Fiscal,  
Merece o bom do Vidal  
Um banquete bambual,  
De cem milhões de bambus  
Merece o bom do Vidal

Que é mesmo um Joca de truz!

Índice

---

Zulmira dos meus amores,  
Zulmira das minhas cismas,  
Resplandece como as flores,  
Zulmira dos meus amores  
Abre os olhos sedutores  
Nos quais a minh'alma abismas,  
Zulmira dos meus amores,  
Zulmira das minhas cismas.

Índice

---

Deixai que a minh'alma escassa  
De luz -- aos astros emigre  
Como gaivota que passa  
Deixai que a minh'alma escassa  
De amor -- na plúmbea desgraça  
De atrozes garras de tigre,  
Deixai que a minh'alma escassa  
De luz -- aos astros emigre.

Índice

---

Quando ela está de colete,  
Espartilhada, irradiante  
Vestida de azul-ferrete  
Quando ela está de colete  
Em mim cruzando o florete  
Do seu olhar -- que elegante  
Quando ela está de colete,  
Espartilhada, irradiante.

Índice

---

Ó cintilante Quiquia,  
Menina dos meus olhares,  
Flor azul da simpatia,  
Ó cintilante Quiquia,  
Rasga este céu da alegria  
Dos meus risonhos cantares,  
Ó cintilante Quiquia,  
Menina dos meus olhares.

Índice

---

Olhos pretos, sonhadores  
Ó celeste Carolina,  
Como são esmagadores  
Olhos pretos sonhadores,  
Como vibram dos amores  
A noss'alma cristalina,  
Olhos pretos, sonhadores,  
Ó celeste Carolina.

Índice

---

Se estala a estrofe de fogo,  
Se explode a estrofe do Bem,  
Como o verbo demagogo  
Se estala a estrofe de fogo,  
Não ceda o espírito ao rogo  
Do Mal que os erros contêm,  
Se estala a estrofe de fogo,  
Se explode a estrofe do Bem!

Índice

AMOR!!...  
Oferecido à Ilma. Sra. D. Pêdra  
como prova de imensa amizade e profundo amor  
que lhe consagra.  
O Autor.

Amor, meu anjo, é sagrada chama  
Que o peito inflama na voraz paixão,

Amo-te muito eu t'ó juro ainda  
Deidade linda que não tem senão!

Virgem formosa, d'encantos bela,  
Gentil donzela, meu amor é teu.  
Vou consagrar-te mil afetos tantos  
Puros e santos qual também Romeu!

Flor entre as flores, a mais linda, altiva  
Qual sensitiva, só tu és, ó sim.  
Esses teus olhos sedutores, belos  
De mil anelos, me pedirão a mim.

Anjo, meu anjo, eu te adoro e amo.  
Por ti eu chamo nas horas de dor.  
Sem ti eu soffro; um sequer instante  
De ti perante só me dás valor.

Meu peito em ânsias só por ti suspira  
Como da lira a vibrante voz!  
Te vendo eu rio e senão gemendo  
Vou padecendo saudade atroz!

Amor ardente de meu coração  
Santa paixão em todo peito forte  
Eu hei de amar-te até mesmo a vida  
Deixar, querida, e abraçar a morte!

Índice

---

Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Ó frescura dos morangos,  
Abre as pupilas radiosas,  
Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Dá-me as estrelas formosas  
Do olhar repleto de tangos,  
Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Ó frescura dos morangos.

Índice

---

Morena dos olhos pretos  
Dos olhos pretos, morena,  
Escuta os vagos duetos  
Morena dos olhos pretos,

Faremos ambos, tercetos,  
Com esta esfera serena,  
Morena dos olhos pretos,  
Dos olhos pretos, morena.

Índice

---

Embora eu não tenha louros  
Como esses grandes heróis  
E nem da idéia os tesouros,  
Embora eu não tenha louros,  
Talvez nos tempos vindouros  
Traduza o poema dos sóis,  
Embora eu não tenha louros  
Como esses grandes heróis.

Índice

---

Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
Estrela resplandecente,  
Resplandecente safira,  
Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
As vibrações desta lira,  
Acorda do sono ardente,  
Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
Estrela resplandecente.

Índice

---

Aos relâmpagos sulfúreos  
Na esfera zigue-zagando  
Como esses pobres tugúrios,  
Aos relâmpagos sulfúreos  
Se douram, brilham purpúreos  
Fulguram de quando em quando,  
Aos relâmpagos sulfúreos  
Na esfera zigue-zagando.

Índice

---

À sombra espessa de um álamo  
Quando nasceu-me a paixão,  
Crescendo aos beijos do tálamo  
À sombra espessa de um álamo  
Que de harpas senti, que cálamos  
Por dentro do coração  
A sombra espessa de um álamo  
Quando nasceu-me a paixão.

## Índice

### ROSA

a A. Moreira de Vasconcelos

Et, rose, elle a vécu ce que vivent les roses,  
l'espace d'un matin.  
(Malherbe)

Rosa -- chamava-se a estrela  
Daquelas flóreas paragens;  
Era escutá-la e era vê-la  
Metida em brancas roupagens

Todas de pregas e tufos,  
De laçarotes e rendas,  
Ou mesmo ouvir-lhe os arrufos  
Ou surpreender-lhe as contendas

Nas lindas tardes radiadas  
Por cores de silforamas  
E sentir logo, inspiradas  
Do amor, as fêrvidas chamadas.

Ela era um beijo fundido  
Ao cintilar de uma aurora,  
Um sonho eterno espargido  
Nos belos sonhos de Flora.

E tinha uns longes sublimes  
De grande força lasciva,  
A transudar, como uns crimes  
Do sangue, da carne altiva.

Contava tudo... mas tanto,  
Em turbilhões, em cascata,  
Que recordava esse canto  
Uma garganta de prata.

E quando os poetas, rapazes,  
A viam passar, vibrante,  
Mostrando as curvas audazes,  
Do corpo todo radiante,

Diziam de entre os primores  
De estrofes mais dulçurosas:  
-- Tu és a gêmea das flores,  
Das rosas, perfeitas rosas.

Convulsionado e sem regra  
O coração nos palpita;  
Andas alegre e se alegre  
A gente quando te fita.

Tens umas coisas estranhas  
Nas refrações da pureza...  
Umas finuras tamanhas...  
Uma sutil gentileza...

Ficas rosada se um tico  
Alguém te diz, de mais franco...  
Mas como fica tão rico,  
Tão belo o rubro no branco,

Nesse grácil e tão claro,  
Seren e cândido rosto  
Que é mesmo um céu puro e raro  
Das alvoradas de agosto.

Depressa cobre-te o pejo  
A face nova e adorada,  
De sorte que sem desejo  
És -- Rosa e ficas rosada.

Dos risos colhes a messe  
E és doce como o conforto,  
És casta como uma prece  
Gemida ao lado de um morto.

Para que a dor não te obumbre  
A glória de flores junca  
Tua vida e, por isso, nunca  
Nas mágoas terás vislumbre.

Permita o bom sol que inunda  
De luz os bosques -- permita  
Que sejas sempre fecunda  
De gozo e sempre bonita.

Agora, quando alguém passa  
Por onde a estrela morava,  
Olhando pela vidraça  
Bem junto da qual bordava,

Repara um silêncio triste

Na sala -- em crepes envolta,  
Onde parece que existe  
Profunda lágrima solta.

E sente por dentro d'alma  
Aquela angústia que esmaga  
Bem como em noites sem calma  
A vaga esmaga outra vaga.

Apenas as flores lindas  
Que vendo Rosa morriam  
Com brejeirices infindas  
De invejas que renasciam,

Sem mais inúteis ciúmes,  
Abrem os frescos pistilos,  
Jogando aos céus, em perfumes,  
Os seus melhores sigilos.

No entanto a luz soberana  
Do amor desfilam as rimas  
Dos poetas -- como um hosana  
A quem já goza outros climas.

Rosa -- chama-se a estrela  
Daquelas flóreas paragens;  
Era escutá-la e era vê-la  
Metida em brancas roupagens,

Para exclamar: -- Dentro dela  
Existe a fibra gloriosa...  
Ninguém viu coisa mais bela  
Nem Rosa... tão bela rosa!...

Índice

---

Quando estás de laçarotes  
E de plissês e fichus,  
De rendas e de decotes,  
Quando estás de laçarotes,  
Toilette de chamalotes,  
Quanto esplendor, quanta luz,  
Quando estás de laçarotes  
E de plissês e fichus.

Índice

---

Da idéia nos mares jônios  
A barca das tuas cismas  
Soprada por bons favônios  
Da idéia nos mares jônios,  
Vai livre dos maus demônios,  
Batida da luz dos prismas,  
Da idéia nos mares jônios  
A barca das tuas cismas.

Índice

---

-- Como um assombro de assombros  
A rapariga -- um rainúnculo,  
Da serra pelos escombros  
Como um assombro de assombros,  
Quando vê de enxada aos ombros  
O noivo -- lembra um carbúnculo,  
Como um assombro de assombros  
A rapariga -- um rainúnculo.

Índice

---

-- Como fortes gargalhadas  
Por um templo de cristal,  
Sonoramente vibradas,  
Como fortes gargalhadas,  
Sinto idéias baralhadas  
N'um frágil descomunal  
Como fortes gargalhadas  
Por um templo de cristal.

Índice

---

Da bruma pelos países  
Pelos países da bruma,  
Longe dos astros felizes,  
Da bruma pelos países,  
Tu vais perdendo os matizes  
Da luz e da glória em suma,  
Da bruma pelos países,

Pelos países da bruma.

Índice

## SAUDAÇÃO

Ao Liceu de Artes e Ofícios

Como esta luz é serena,  
Como esta luz é sincera;  
Como eu vejo a primavera  
Num lápis e numa pena.

Que prismas de luz ardente,  
Que prismas de luz suave;  
Como eu sinto um canto de ave  
Em cada boca inocente.

Sim! Que o estudo é como a aurora  
Que nos entra pela casa,  
Num vivo fulgor de brasa,  
Vibrante, alegre, sonora.

Ele rasga a treva espessa,  
Num só momento -- cantando;  
Vai estrelas semeando  
Em cada tenra cabeça.

Tira os crânios do letargo  
Da ignorância -- pois entra  
Como um sol e se concentra  
Num esplendor muito largo.

Quem, ó Arte imaculada,  
Medisse o ser da criança,  
Pela alma de uma esperança  
Pela alma de uma alvorada.

Quem aos páramos subindo,  
Eternamente pudesse,  
Dos astros a loura messe  
Arrancar -- depois abrindo

Os peitos das criancinhas  
Jogá-los dentro e beijá-las  
Cheias de pompa e das galas  
Que a luz concede às rainhas!...

Pois que a treva entre fulgores,  
É como, dentre ataúdes,  
Rebentar como virtudes,  
As mais simpáticas flores.

Ah! Ninguém sabe, por certo,

Quanto é bom, quanto é saudável,  
Sentir a crença adorável  
Como um clarão sempre aberto.

Ver os germens do futuro  
No campo eterno da escola  
Brilhando como a corola  
De um lírio cândido e puro.

Ver morrer -- como uns invernos  
Da vida, os velhos colossos  
E ver erguerem-se os moços  
Como verões sempiternos.

Mães, ó mães tão estremosas,  
Dos vossos ventres fecundos  
Saem todos esses mundos  
Das idéias fulgurosas.

Tudo isso quanto há escrito  
De pensamento e crenças  
Saiu das fontes imensas  
De um grande amor infinito.

E desde a escrita a leitura  
E desde um livro a uma carta,  
A bondade sempre farta  
Das mães -- esplende e fulgura.

Bom dia ao mestre que é guia  
Das belas crianças louras!  
Bom dia às mães porvindouras,  
À mocidade -- Bom dia!

Índice

## FRÊMITOS

I

Ó pombas luminosas  
Que passais neste mundo eternamente  
Só a cantar os madrigais de rosas,  
Atravessados de um luar veemente,  
Inundados de estrelas e esplendores,  
De carinhos, de bênçãos e de amores.

II

Ó virgens peregrinas,  
De meigo olhar banhado de esperanças,  
Que perfumais com lírios e boninas  
A aurora de cristal das louras tranças,  
Que atravessais constantemente a vida

Do sol eterno, da visão florida.

III

Amadas e felizes  
Gêmeas da luz das frescas alvoradas,  
Vós que trazeis nas almas as raízes  
Do que é são, do que é puro -- ó vós amadas  
Prendas gentis do paternal tesouro,  
Iriados corações de fluidos de ouro.

IV

É para vós que eu quero  
Engrinaldar de tropos e de rimas,  
Num doce verso artístico e sincero,  
Esgrimir com belíssimas esgrimas  
A estrofe e dar-lhe os golpes mais seguros  
Para que brilhe como uns astros puros.

V

É só a vós, apenas,  
Que eu me dirijo, límpidas auroras,  
Que pelas tardes plácidas, serenas,  
Passais, galantes como ingênuas Floras,  
Coroadas de flor de laranjeira,  
Noivas, sorrindo à mocidade inteira.

VI

Porque é de vós que deve,  
De vós que o sonho eterno dulcifica,  
Partir o lume quando cai a neve,  
Surgir a crença poderosa e rica.  
Porque afinal, o que se chama crença,  
Senão o amor e a caridade imensa?

VII

Os tristes e os pequenos  
Em quem descansam brandamente os olhos,  
Esses humildes, rotos Nazarenos  
Que vivem, morrem suportando abrolhos,  
Senão nos grandes entes piedosos  
Que dão-lhes força aos transes dolorosos?

VIII

Oh, sim que a força eterna  
Parte dos corpos rijos da saúde,  
Perante a lei da vida que governa,  
O nobre, o rei, o proletário rude;  
Parte dos seres fartos de carinhos  
Como de paz e de alegria os ninhos.

IX

Eu peço para todos  
E peço a vós que sois as fortalezas  
Da esperança, da fé -- a vós que os lodos  
Da miséria, do vício, das baixezas,  
Não denegriam essas consciências

Castas e brancas como as inocências.

X

Nem se esperar devia  
Que eu tentasse bater a outras portas,  
Quando vós sois o exemplo de Maria;  
Não andais mudas, regeladas, mortas  
Pela noite voraz da sepultura  
E escutareis os dramas da amargura.

XI

Não julgueis que eu vos peça,  
Uma alvorada feita de um sorriso;  
A minh'alma garante e vos confessa  
Que se crê nas mansões do Paraíso,  
É porque vós reinais por sobre a terra  
E o Paraíso dentro em vós se encerra.

XII

A vós, a vós compete  
A glória do dever -- porque assim como  
A luz do sol na lua se reflete,  
Também das aflições no duro assomo,  
Da pobreza refletem-se nas almas,  
Vossas imagens, como auroras calmas.

XIII

Portanto, a mocidade  
Vossa, terá de ser de hoje em diante,  
Enquanto a esmagadora atrocidade  
Da peste -- nos vorar d'istante a instante,  
Quem se há-de encarregar desta manobra  
Do galeão da vida que sossobra.

XIV

E para isso, ó rainhas  
Da juventude -- tendes as quermesses  
Que dão bons frutos assim como as vinhas;  
As matinées de cânticos e preces,  
Os cintilantes, pródigos bazares  
Onde a luz salta extravasando em mares.

XV

Enquanto a mim, na arena  
Da heroicidade humana que consola,  
Oh, faz-me bem a vibração da pena,  
Pelo amor, pelo afago, pela esmola,  
Como um radiante e fulgido estilhaço  
De sol febril no mármore do Espaço!

GUSLA DA SAUDADE

A Santos Lostada  
pela morte do seu velho pai.

Nunca mais, nunca mais esses teus olhos  
Palpitarão nos olhos seus honestos  
Nem hão de vê-lo em ânsias por escolhos.

Ele morreu, morreu -- e os mais funestos  
Lutos da dor feriram como abrolhos  
Teu lar e os teus -- serenos e modestos.

Que incalculável explosão de prantos  
Não inundou as almas preciosas  
Dos teus irmãos, da tua mãe -- uns santos

Que peregrinam nestas lacrimosas  
Sendas da vida, em mágoas, sem encantos  
Como sem luz e sem orvalho as rosas.

Ah! formidável lei cruel da vida,  
Lei da matéria, da mudez das lousas,  
Da eterna noite atroz, indefinida;

Tens o segredo intérmino das cousas,  
E nessa dura e tenebrosa lida,  
Oh! nem sequer um dia só repousas.

Quem sabe, ó morte, ó lúgubre, quem sabe  
O teu poder fatal, desapiedado  
Onde se oculta e se resume e cabe.

Pois nem que o céu puríssimo, azulado  
Cair aos pedaços, tombe e se desabe  
Na profundez do abismo ilimitado

E a crença humana espavorida, em gritos,  
Palpando o nada, esquelética, gemendo  
Rasgue a amplidão de estranhos infinitos,

Nunca da morte saberão o horrendo  
Mistério rijo e surdo dos granitos  
Os corações que vivem combatendo?!...

Não! A Ciência penetrou, o estudo  
Do pensador, abriu mais horizontes  
Nesse problema silencioso e mudo.

O pensamento constelou as fronteiras,  
Deu a razão o mais brunido escudo  
E construiu as luminosas pontes

De onde se vai, com grande olhar, seguro,  
Atravessar as regiões sonoras  
Dos Ideais que irrompem do Futuro;

E sem contar dos séculos as horas,  
E sem temer as mil visões do Escuro,  
Alegremente ao fresco das auroras.

Mas entretanto, ó meu amigo, escuta,  
Toda a saudade, a grande nostalgia  
Nos deixa frios, mortos para a luta.  
Porque, olha, a morte é sempre uma agonia!

Índice

#### SMORZANDO

O véu da tarde cai pelas quebradas  
Das serras altaneiras;  
As aves condoreiras  
Rompem da mata em místicas risadas  
O largo espaço intérmino cindindo.

A livre natureza,  
Humildemente, pura, vai caindo,  
Caindo de joelhos  
Como esse denso véu  
Cai na viril e rútila grandeza  
Do sol que desce em borbotões vermelhos  
Como uma mancha tropical no céu.

E vibra a Ave-Maria  
Como um soluço, estranho, indefinido;  
Talvez como um gemido  
Dentre a escavada e agreste serra.

E desce e desce e desce  
De toda a imensidade  
A salutar carícia de uma prece,  
O eflúvio da saudade  
Que alaga o nosso peito heroicamente  
Como o luar de um treno  
Mavioso e emoliente,  
Mais doce que o sorrir do Nazareno.

Índice

#### GIULIETTA DIONESI

(Desterro)  
Ao seu violino

Ah! Giulietta! Os sons do teu violino  
Choram, suspiram, rugem como o leão

Lembram sonoro rio cristalino  
E tem soluços como um coração.

Ó da harmonia divinal sereia!  
Rosas e estrelas e canções de ninhos  
Nas cordas do violino que gorjeia  
Passam cantando como os passarinhos.

Não sei que estranho espírito sereno  
Para a harmonia essa alma te inspirou  
Que dentro dum violino tão pequeno  
A música do espaço concentrou!

Ah! peregrina do país do sonho  
Flor luminosa de região sonora,  
No teu suave coração risonho  
Vibram triunfantes os clarins da aurora.

Tudo dentro de ti gorjeia e trina,  
Como trina e gorjeia o rouxinol  
Nas paisagens silvestres da campina,  
Aos esplendores siderais do sol.

Quem não há de chorar e rir não há de  
De amor, de saudade e de esperança,  
De assombro, vendo que na tenra idade  
Já és tão grande, sendo uma criança?!

Os astros do cerúleo firmamento,  
As meigas flores, o infinito mar  
Que digam como tu nesse instrumento  
Sabes sorrir e sabes soluçar...

Domadora feliz do som profundo,  
Deusa imortal de ignotas harmonias,  
Vai triunfar nas vastidões do mundo,  
Da glória nas eternas sinfonias.

Índice

FILETES  
(Desterro)

I  
Ó pérola nitente,  
Ó pérola do amor,  
Ó imã redolente  
Das pétalas da flor;

Ó lágrima sutil,  
Ó lágrima ideal,

Do côncavo de anil  
Caída no cristal

Do lago transparente,  
Harmoniosamente,  
Aos flocos do luar...

Tu és como as essências,  
Conheces as ciências  
Ocultas... de matar!

II  
Cintila a estrela-d'alva  
Bem como o olhar do crente!  
Perpassa no ambiente  
O fresco olor da malva.

Um tic de lirismo,  
Simpático e harmônico,  
Derrama no sinfônico  
Riacho -- um misticismo.

Há músicas supremas,  
Um mundo de problemas  
Nos montes seculares.

E como um lírio roxo,  
A alma em canto frouxo  
Emigra para os ares.

Índice

## VERSOS À INFÂNCIA (Desterro)

Nos roseirais, ao vir da madrugada,  
Desabrocham no val todas as rosas,  
Nos galhos cheios de uma luz doirada,  
Meigas e frescas, rubras, perfumosas,  
Nos roseirais, ao vir da madrugada.

Como em bocas cheirosas e vermelhas  
Pousam beijos de amor e de ventura,  
O mel lhe sugam todas as abelhas  
Pousando em cima da corola pura  
Como em bocas cheirosas e vermelhas.

Desde os campos, o bosque, até aos montes  
Tudo renasce num jardim de flores;  
E pelo azul do céu, nos horizontes,  
Há os mais vivos, raros esplendores,

Desde os campos, o bosque, até aos montes.

Pelos ninhos sonoros, delicados,  
Cantam e trinam muitos passarinhos  
Nos altos arvoredos enflorados,  
A margem verdejante dos calminhos,  
Pelos ninhos sonoros, delicados.

As borboletas brancas e amarelas,  
Azuis, cor de ouro, cor de prata e brasa,  
Leves, ligeiras, tênues e singelas,  
Abrem a fine talagarça da asa,  
As borboletas brancas e amarelas.

Tudo no val acorda de desejos  
À musica dos cantos mais risonhos;  
E as aves soltas, peregrinos beijos,  
Dizem, cantando, que através de sonhos  
Tudo no val acorda de desejos.

II

Na alma da infância, tal e qual roseiras,  
Abrem festões de límpida fragrância  
Os sonhos e as quimeras passageiras  
Que são mais próprias do vergel da infância,  
Na alma da infância, tal e qual roseiras.

O pequenino coração ditoso  
Canta canções de uma ave pequenina;  
E é um encanto ver assim radioso  
No peito de uma cândida menina  
O pequenino coração ditoso.

A existência de sol das criancinhas  
Lembra um pomar de frutas bem serenas,  
Por onde os colibris e as andorinhas  
Gozam amores sacudindo as penas,  
A existência de sol das criancinhas.

Não sei dizer se adore mais crianças  
Ou mais também as flores de um arbusto;  
Nessas tão puras, castas semelhanças  
Eu, para ser bem carinhoso e justo,  
Não sei dizer se adore mais crianças.

Índice

TRISTE  
(Desterro)

Em junho, que é mês do frio,

Perdes todo o colorido,  
Tens um tom vago e sombrio  
De dor, de mágoa e gemido.

Não sei que tristeza é essa  
De tão doloroso cunho  
Que perdes a cor depressa  
Assim que vem vindo junho.

Ficas branca e desmaiada,  
Lembrando a lua serena,  
Fraca, pálida e gelada,  
Como frágil açucena.

Vão-se-te as rosas da face  
Emurhecendo e sumindo  
Num crepúsculo vivace  
De tudo o que estas sentindo.

Ai! no entanto pelos prados  
Onde os dias resplandecem  
Risonhas como noivados  
Em junho as rosas florescem...

Índice

#### FONTE DE AMOR

Trago-a à tua presença  
Para que vejas a imensa  
Mágoa atroz que a devorou.

E saibas, ó flor das flores,  
Que a fonte dos seus amores  
Eternamente secou.

Foste à fonte buscar água  
E tinha secado a fonte.  
Aí, flor azul do monte,  
Tiveste a primeira mágoa.

Porém se uma alma na frágua  
Das dores sem horizonte  
Queres ver, sentir defronte  
Dos olhos, manda que eu trago-a.

Índice

## NAUFRÁGIOS (Desterro)

### I

O Mar! O mar! Quem nunca viajasse...  
Quem nunca dentre dúvidas sentisse  
O coração e ai, nunca embarcasse...  
Oh! quem do mar as cóleras punisse!

Ora o mar e sereno, e calmo, e manso,  
As vagas são melódicos arpejos  
Dando à embarcação leve balanço,  
Como um afago maternal de beijos.

Ora o mar franco, livre e transparente,  
Tão tranqüilo que está, tão brando, rindo,  
Que até parece, que até cuida a gente  
Que os corações podem boiar, dormindo.

Ora ferve, rebenta, estoura, estala,  
Rude, feroz, em convulsões; profundo,  
Abrindo a corpos pavorosa vala  
E mundos de agonia num só mundo!

### II

Filho! Filho! Adeus, querido,  
Vou viajar para além,  
Sejas de Deus protegido...  
Que sempre me queiras bem.

Vou deixar-te nesta terra,  
Entregue aos destinos teus;  
Filho, o que este adeus encerra  
Só o pode saber Deus.

Levo as crenças em pedaços,  
Como pedaços de céus.  
Vou ver mar, vou ver espaços  
Ver temporais, escarcéus.

Filho amado, vou deixar-te  
Cá na terra, pelo mar;  
Porem, crê, de qualquer parte,  
Crê, meu filho, hei de voltar.

### III

Adeus, noiva, vou-me embora,  
Vou-me com Deus, é preciso.  
Que colhas em cada aurora  
Muita messe de sorriso.

Sou soldado, o meu destino  
É viver bem longe, é certo,  
Longe do canto divino

Da tua voz, sol aberto.

Custa bem esta partida  
A mim que entanto sou forte.  
Ninguém sabe o que é a vida  
Para quem vive da morte.

Da morte, sim, pomba amada;  
Que as minhas crenças já mortas  
Tu, com essa alma estrelada  
Sem tu sequer me confortas.

Perdi pai, perdi carinhos  
De mãe, de irmãos e de todos.  
Eu sou como a flor de espinhos  
Nascida por entre lodos.

Tu vieste, ó noiva, apenas,  
Como um íris de esperanças,  
Dar-me alvoradas serenas,  
Encher-me de confianças.

Só em ti confio, espero  
Com ardor, com fé veemente,  
Pomba de luz que eu venero,  
Doce vésper do oriente.

Adeus, pois chegou a hora,  
Vou-me com Deus, minha filha;  
Não chores, que o mar não chora:  
-- Olha, vê que canta e brilha.

IV

Adeus, esposa estremosa,  
Vou-me, não sei para quando  
Voltar -- minh'alma saudosa  
Por meus filhos vai chorando.

Ficam-te eles no entretanto  
Pra tirarem-te os pesares,  
Para enxugarem-te o pranto  
Que há de ser maior que os mares.

Maior que os mares, não minto,  
Não exagero tão pouco,  
Porque aí, só tu e só eu sinto  
O nosso amor como é louco.

Vou-me às viagens, aos dias  
Passados entre horizontes  
E mares e ventanias  
Sem arvoredos, sem montes.

Os dias de céus eternos  
E de mar ilimitado,  
Com tempo de atroz infernos

Com tempo de sol doirado.

Adeus! Cá dentro do peito  
Há dois corações unidos;  
Sobre um o mar tem direito,  
Sobre outro -- os filhos queridos.

V

Eis as canções e adeuses de saudade  
Que as desgraçadas almas palpitantes  
Soluçam na sombria imensidade  
Desta vida de angústias lacerantes.

Ao mar! Ao mar! Frescas aragens puras  
Aflam nas ondas maviosamente.  
Que balada de plácidas venturas,  
Que sinfonias, que gemer dolente!

Os céus abertos, claros, luminosos  
Lembram a candidez branda das virgens.  
Vítreatos ares, magníficos, radiosos  
Onde o sol arde em férvidas vertigens.

Lindíssimos painéis, bela paisagem  
Abre na vista do viajante o ouro  
Da luz que salta como uma homenagem  
De oriental, esplêndido tesouro.

Vai bem, vai muito bem, mesmo, o navio.  
As vagas desenrolam-se de leve.  
Parece um berço por de sobre um rio  
Manso, prateado, espúmeo, cor de neve.

Vive-se a bordo como em terra. -- As vagas  
Nunca foram tão doces e tão meigas,  
Como em desertas, viridentes plagas  
É doce e meigo o mole chão das veigas.

Viver assim, na realidade, é gozo  
Que até parece não haver na terra!  
Tão belo é o mar, tão calmo e bonançoso,  
Tal confiança nos semblantes erra!

Vogando assim a embarcação, quem pensa  
Ir acordado afora pela Vida?!  
Tudo é um sonho de esperança imensa  
Um bom sonho de aurora indefinida.

VI

Súbito os ares enchem-se de noite  
E grita e zune, zargunchando o vento  
Que esbraveja, morde com rijo acoite  
O mar que espuma e empola num momento.

Não estrugem os raios pela treva  
Não ha trovões bravios rebentando

Como canhões que estouram, -- mas se eleva  
Do oceano um vendaval que vai urrando

Com fúrias e com cóleras enormes  
Como potros sanhudos relinchando  
Em pinotes e berros desconformes.

Caiu talvez no mar o etéreo espaço,  
Toda a cúpula azul tombou, quem sabe?  
Céus! há lutas ali, de braço a braço.  
Horror! Crível sera que o mundo acabe?

Ninguém calcula o que será tudo isso...  
Mas os ventos elétricos, largados  
Nas amplidões do mar antes submisso,  
Rugindo vão como desesperados.

Deus, ó meu Deus, todas as bocas gritam,  
E se afervora mais e mais a crença.  
Mas, onde os astros muita vez palpitam  
No céu, há noite cada vez mais densa.

Ah! que mudez de tûmulo nos ares.  
Nada responde, oh! nada então responde;  
Mas onde está o grande Deus dos mares  
E da terra, onde está, aonde, aonde?

Tudo está mudo -- a natureza inteira,  
Tudo emudece e não responde nada;  
E só os vendavais têm a maneira  
De responder dando uma gargalhada.

Gargalhada de lágrimas atrozes,  
De lágrimas de morte e de agonia  
Que abafa e extingue na garganta as vozes,  
Gera a coragem que e a luz do dia.

O valentes e rudes marinheiros  
Vindos da pátria para pátria nova,  
Que sepultais amores verdadeiros  
Do tão profundo coração na cova;

Ó viajantes de longe, de países  
Onde a vida cintila e canta alerta  
Como um turbilhão de aves felizes  
Numa campina de rosais, deserta;

Ó vós todos que vindes lá do oceano,  
Entre as mais bruscas e hórridas tormentas.  
Lá do mar, alto, a vela, a todo o pano,  
Com as almas ansiosas e sedentas,

De chegar cedo ao porto desejado,  
Calculai, calculai o quanto é triste  
Ver dar à praia um pobre desgraçado  
Em cuja carne a podridão existe!

À praia! À praia! Dai à praia, morto,  
Rejeitado por ondas convulsivas,  
Indo encontrar na sepultura o porto,  
Deixando ao mundo as ilusões mais vivas.

O eterno amor de mãe, de filho, esposa,  
Tanta fé, tanto riso de alegria,  
Tanta coisa dourada, ai tanta coisa  
Que ao recordar toda a nossa alma esfria.

Morrer no mar, os nervos contraídos,  
Numa asfixia atroz, cerrando os dentes,  
Num abismo de cores e gemidos,  
De maldições e de uivos de descrentes;

Morrer no mar, sem o farol amigo,  
Esse farol que os náufragos anima,  
Fora de proteção, fora de abrigo,  
Sem sequer uma luz no espaço, em cima;

Morrer no mar, sem astros no infinito,  
Na solidão das águas, fria, imensa,  
Enquanto a treva aura de granito,  
Ri-se de tudo, com indiferença;

Morrer no mar, só e desamparado  
E num terror que não acaba nunca,  
Vendo rasgar o corpo enregelado  
O desespero como garra adunca.

É horrível! Bem sei! Mas ai daqueles  
Que morrem mesmo assim lá no mar fundo  
Sem ter alguém que ao menos neste mundo  
Derrame uma só lágrima por eles!

Índice

## CASTELÃ

Bela e mais encantadora  
Do que todas as belezas,  
Graça leve de pastora  
Que canta pelas devesas.

Enleios de passarinho  
E brilhos de primavera,  
Com magnetismos de vinho  
No olhar azul de quimera.

Feita de um jorro sadio

De auroras purpureadas  
Carne mais fresca que um rio  
De frescas águas prateadas.

Tudo é frio e tudo é raso  
Para dizer-te a capricho  
Que és magnólia para um vaso,  
Que és arcanjo para um nicho.

És um mito da Alemanha  
Vivendo em montanha alpestre,  
No castelo da montanha,  
Como ardente flor silvestre.

E tens as pomas à farta  
Polposas, cheias de aromas.  
És assim a loura Marta  
Com abundância de pomas.

Esse príncipe que te ama,  
Cismando, trágico e grave,  
quando o luar se derrama  
Cuida ouvir-te os vãos de ave.

Ele vive, airoso e belo,  
Como se vive num sonho,  
No seu nevoento castelo  
Junto de um lago tristonho.

E através do pó flutuante  
Do luar saudoso e vago  
Julga que és a garça errante  
Das águas verdes do lago.

Índice

## ARTE

Como eu vibro este verso, esgrimo e torço,  
Tu, Artista sereno, esgrime e torce;  
Emprega apenas um pequeno esforço  
Mas sem que a Estrofe a pura idéia force.

Para que surja claramente o verso,  
Livre organismo que palpita e vibra,  
É mister um sistema altivo e terso  
De nervos, sangue e músculos, e fibra.

Que o verso parta e gire -- como a flecha  
Que d'alto do ar, aves, além, derruba;  
E como os leões, ruja feroz na brecha

Da Estrofe, alvoroçando a cauda e a juba.

Para que tenhas toda a envergadura  
De asa e o teu verso, de ampla cimitarra  
Turca, apresente a lâmina segura,  
Poeta, é mister, como os leões, ter garra.

Essa bravura atlética e leonina  
Só podem ter artistas deslumbrado:  
Que souberam sorver pela retina  
A luz eterna dos glorificados.

Busca palavras límpidas e castas,  
Novas e raras, de clarões radiosos,  
Dentre as ondas mais pródigas, mais vastas  
Dos sentimentos mais maravilhosos.

Busca também palavras velhas, busca,  
Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário  
E então verás que cada qual corusca  
Com dobrado fulgor extraordinário.nódoa

Que as frases velhas são como as espadas  
Cheias de nódoa, de ferrugem, velhas  
Mas que assim mesmo estando enferrujadas  
Tu, grande Artista, as brunes e as espelhas.

Faz dos teus pensamentos argonautas  
Rasgando as largas amplidões marinhas,  
Soprando, à lua, peregrinas flautas,  
Louros pagãos sob o dossel das vinhas.

Assim, pois, saberás tudo o que sabe  
Quem anda por alturas mais serenas  
E aprenderás então como é que cabe  
A Natureza numa estrofe apenas.

Assim terás o culto pela Forma,  
Culto que prende os belos gregos da Arte  
E levará no teu ginete, a norma  
Dessa transformação, por toda a parse.

Enche de estranhas vibrações sonoras  
A tua Estrofe, majestosamente...  
Põe nela todo o incêndio das auroras  
Para torná-la emocional e ardente.

Derrama luz e cânticos e poemas  
No verso e torna-o musical e doce  
Como se o coração, nessas supremas  
Estrofes, puro e diluído fosse.

Que as águias nobres do teu verve esvoacem  
Alto, no Azul, por entre os sóis e as galas,  
Cantem sonoras e cantando passem  
Dos Anjos brancos através das alas...

E canta o amor, o sol, o mar e as rosas,  
E da mulher a graça diamantina  
E das altas colheitas luminosas  
A lua, Juno branca e peregrine.

Vibra toda essa luz que do ar transborda  
Toda essa luz nos versos vai vibrando  
E na harpa do teu Sonho, corda a corda,  
Deixa que as Ilusões passem cantando.

Na alma do artista, alma que trina e arrulha  
Que adora e anseia, que deseja e que ama  
Gera-se muita vez uma fagulha  
Que se transforma numa grande chama.

Faz estrofes assim! E após na chama  
Do amor, de fecundá-las e acendê-las,  
Derrama em cima lágrimas, derrama,  
Como as eflorescências das Estrelas...

## Índice

### ARTE [variação]

Como eu vibro este verso, esgrimo e torço,  
Tu, o poeta moderno, esgrime e torce;  
Emprega apenas um pequeno esforço,  
Mas sem que nada a pura idéia force.

Para que saia vigoroso o verso,  
Como organismo que palpita e vibra,  
É mister um sistema altivo e terso  
De nervos, sangue e músculos e fibra.

Que o verso parta e gire como a flecha  
Que do alto do ar, aves, além, derruba  
E como um leão ruja feroz na brecha  
Da estrofe, alvoroçando a cauda e a juba.

Para que tenhas toda a envergadura  
De asa, o teu verso, como a cimitarra  
Turca apresente a lâmina segura,  
Poeta, é mister como um leão, ter garra.

Essa bravura atlética e leonina  
Só podem ter artistas deslumbrados  
Que sorveram com lábios e retina  
A luz do amor que os fez iluminados.

Nem é preciso, poeta, que te esbofes

Para ferir um verso que fuzile;  
Põe a alma e muitas almas nas estrofes  
E deixa, enfim, que o verve tamborile.

Busca palavras límpidas e novas,  
Resplandecentes como sóis radiosos  
E sentirás como te surgem trovas  
Belas de madrigais deliciosos.

Busca também palavras velhas, busca,  
Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário  
E então verás que cada qual corusca,  
Com dobrado fulgor extraordinário nódoas

Que as frases velhas são como as espadas  
Cheias de nódoas de ferrugem, velhas,  
Mas que assim mesmo estando enferrujadas  
Tu, grande artista, as brunes e as espelhas.

Que toda a vida e sensação de estilo  
Está na frase, quando se coloca,  
Antiga ou nova, mas trazendo aquilo  
Que soa como um tímpano que toca.

Como o escultor que apenas fez de um bloco  
A estátua -- com supremo e nobre afinco  
Estuda a natureza num só foco:  
A prata, o bronze, o cobre, o ferro, o zinco.

Estuda dos rubins, estuda do ouro  
E dos corais, da pérola e safira,  
Todo esse íris febril radiante e louro  
Que e a centelha de sol em toda a lira.

Estuda todos os metais, estuda,  
Desce a matéria prodigiosa e vasta,  
Estuda nela a natureza muda,  
Os veios de cristal da origem casta.

Estuda toda a intensa natureza  
Feita de aromas, de canções e de asas  
E sente a luz da cor e da beleza  
Rir, flamejar e arder, iriar em brasas.

Faz dos teus pensamentos argonautas  
Rasgando as largas amplidões marinhas  
Soprando, a lua, peregrinas flautas,  
Como os pagãos sob o dossel das vinhas.

Assim, pois, saberás tudo o que sabe  
Quem anda por alturas mais serenas  
E aprenderás então como é que cabe  
A natureza numa estrofe apenas.

Assim terás o culto pela forma,  
Culto que prende os belos gregos da arte

E levarás no teu ginete, a norma  
Dessa transformação por toda a parte.

Enche de alegres vibrações sonoras  
A tua idéia pródiga e valente,  
Põe nela todo o incêndio das auroras  
Para torná-la emocional e ardente.

Derrama luz e cânticos e poemas  
No verso e fá-lo musical e doce  
Como se o coração, nessas supremas  
Estrofes, puro e diluído fosse.

Que a abelha de ouro do teu verso esvoace,  
Fulja como um fuzil numa borrasca.  
Que o verso quando é bom por qualquer face  
Lembra um fruto saudável desde a casca.

Com arte, forma, cor, tudo isso em jogo,  
Engrinaldado e rútilo de crenças  
O sonho cresce -- o pássaro de fogo  
Que habita as altas regiões imensas.

E canta o amor, o sol, o mar e o vinho,  
As esperanças e o luar e os beijos  
E o corpo da mulher -- esse carinho --  
Canta melhor, vibra com mais desejo.

Canta-lhe a sinfonia dos olhares  
A cálida magnólia austral das pomas,  
E quando então tudo isso enfim cantares  
Em tudo põe a fluidez de aromas.

Vibra toda essa luz que do ar transborda  
Como todo o ar nos seres vai vibrando  
E da harpa do teu sonho, corda a corda,  
Deixa que as ilusões passem cantando.

Na alma do artista, alma que trina e arrulha,  
Que adora e anseia, que deseja e ama,  
Gera-se muita vez uma fagulha  
Que explode e se abre numa grande chama.

Pois essa chama que a fagulha gera,  
Que enche e que acende o espírito de força,  
Sobe pela alma como primavera  
De rosas sobe por coluna torsa.

Faz estrofes assim, de asas de rima,  
Depois de fecundá-las e acendê-las  
De amor, de luz -- põe lágrimas em cima,  
Como as eflorescências das estrelas.

Índice

## O DUQUE

Quando o duque voltava da caçada  
Alegre num clarim d' aço vibrante  
De alacridade moça e evigorada  
Dum ruidoso e trêfego estudante.

Quando ele vinha com seu ar bizarro  
De atravessar os vales e as colinas,  
Sadio aspecto fresco como um jarro  
Cheio de leite às horas matutinas.

Em toda a aristocrática varanda  
Alta e vistosa, ampla, aberta em janelas,  
Ele vibrava, de uma e outra banda,  
Cancões de amor, nostálgicas e belas.

Do salão nobre entre tapeçarias  
De Gobelins, riquíssimas e raras,  
Iam vibrando aladas harmonias  
Da sua voz, esplêndidas e claras.

Todas as fluidas, leves, calmas, frescas  
Manhãs azuis, serenas e formosas,  
Loura mulher das regiões tudescas  
O seu bom dia era mandar-lhe roses.

Floria, é certo, em grande amor, floria  
Gerado pelo eflúvio dessas flores,  
Pois quando o duque não as recebia  
Era o mais infeliz dos caçadores.

Tão doce amor lembrava aquelas lendas  
Dos medievais castelos esquecidos,  
Quando visões de nuvens e de rendas  
Apareciam nos balcões floridos.

A caça, a caça, eternamente a caça!  
Quanto melhor, mais fácil não lhe fora  
A conquista das aves do que a graça  
De conquistar essa beleza loura!

Para possuí-la como noiva amada,  
Aceso há muito nas paixões insanas,  
Arrostaria a caça mais ousada  
Dos javalis nas selvas africanas.

E sempre as lindas rosas matutinas  
Vinham-no perfumar todos os dias,  
Quando saltava aos vales e as colinas,  
Bizarro e são, dentre as tapeçarias.

Tempos passaram sobre tais amores!  
Mas depois de casado fez surpresa  
Saber que o duque, o rei dos caçadores,  
Não tinha o mesmo amor pela duquesa.

## Índice

### A ESPADA

#### I

Cavalheiros, os tempos já passados,  
De pajens, de canzés, de fidalguia,  
De castelos, de reinos brasonados.

Ar cortesão de graça e fantasia  
Através dos olhares e dos beijos  
-- No silêncio de cada galeria...

Foi nesse bravo tempo dos lampejos  
De espadas, de punhais e de couraças  
Por combater frementes de desejos.

No tempo dos floreios e das caças  
Dos assaltos alegres e bizarros  
Como as sonoras vibrações das taças.

Em que as almas airosas como jarros,  
Cheios de vinho espumante e ardente  
Eram de glória vencedores carros!

Foi no tempo fidalgo e refulgente,  
Quando o heroísmo fantasioso amava  
A linha e a chama de luzida gente,

Que esta cena galharda se passava,  
Quando um donzel partia para guerra  
Como a nobreza do solar mandava.

O pai, um tronco transudando a terra,  
Forte e viril, presença de profeta  
Que no seu flanco a valentia encerra.

Barbas serenas de bondoso asceta  
Em cuja alvura doce e veneranda  
Vê-se a vontade e a intrepidez completa.

Fronte banhada de meiguice branda  
A que o dever e os rispídos conselhos  
Dão sempre a austeridade que age e manda.

Lembra um ocaso de clarões vermelhos,

Musgoso, triste, desolado muro,  
Por onde o luar abre fulgor d'espelhos.

E esse semblante que parece duro,  
Áspero e torvo, trouxe-o dos combates,  
Do torvelinho do nevoeiro escuro.

Dos pelouros sanguíneos escarlates,  
De fogo aberto em turbilhões, vorazes,  
Dos impulsivos, bélicos rebates.

Mas, bem olhadas, as feições audazes  
Desse velho patriarca destemido  
Tinha a suavidade dos lilazes.

Nos olhos, um passado consumido  
Entre aventuras e colóquios belos  
Como que faz um verdadeiro ruído...

Sente-se neles noites de castelos  
Gozadas em amores dádivosos,  
Em madrigais, em íntimos desvelos.

Cavalgadas, torneios donairosos,  
Sonho feliz de rica mocidade,  
Requintes ideais, cavalheirosos.

Tudo se sente na tranqüilidade  
Desse deus varonil da força antiga  
Feito com o rijo bloco da Verdade.

Tudo se sente nessa paz amiga  
Que as crenças do passado às outras crenças  
Vagas, futuras, para sempre liga.

Tudo se sente vir das névoas densas  
E da ridente e cândida meiguice  
Das suas barbas límpidas e imensas.

Sim! tudo da quase criancice  
Que dão aos homens esses tons nevoentos  
Da enregelada e trêmula velhice.

Porém, reatando aéreos pensamentos...  
Começamos na cena detalhada  
Que já das eras se espalhou nos ventos.

É nada mais que a história duma espada,  
História curta, mas interessante  
Duma espelhante lâmina timbrada.

Não é pelo aço ou lâmina espelhante  
Que irei contar, pois são comuns os aços,  
Mas pelo nobre e original rompante.

Pelo ardimento que os primeiros braços

Que a manejaram com pujança e brio  
Nela gravaram, com profundos traços.

II

O velho, em pé, atlético e sombrio  
Diante do filho armado cavaleiro,  
No aspecto dum leão ruivo e bravo.

Fala-lhe claro, d'alto e sobranceiro,  
Numa solene e enérgica atitude  
De quem nos prélios sempre foi primeiro.

O filho, grave o escuta e atende a rude  
Lhanez estóica de palavra augusta  
Que dos lábios lhe sai, com tal saúde.

Calmo, sem se mover, firme a robusta  
Figura solarenga do estoicismo,  
O velho disse esta nobreza justa:

"Aqui tens esta espada que o heroísmo  
Dos teus avós honrou nessas campanhas,  
Com o mais ousado, intrépido civismo.

Freme ainda hoje em convulsões estranhas,  
Palpita e anseia dentro da bainha  
Sonhando a luta, as implacáveis sanhas.

Tu, para a teres, como eu sempre a tinha,  
Num triunfo imortal, quase divino,  
De gládio que o valor maior continha;

É necessário um grande ardor leonino,  
Que sejas bem idólatra do nome  
Que fez de mim o extremo paladino.

A ferrugem, tu vês, o aço consome...  
Porém, neste aço que ainda aqui fulgura,  
Se houver ferrugem, tira-a com o renome.

Aqui tens, pois, a lâmina segura,  
Alma e brasão da nossa velha casa  
Coberta de ovações, famosa e pura".

Calou-se um instante, como a ave que a asa  
Fechou no voar, já quase que abatida,  
Caindo exausta junto a moita rasa.

O filho, mudo e respeitoso, erguida  
A valente cabeça leal de moço,  
Formoso estava, porejando vida.

E enquanto o velho, impávido colosso,  
Calara-se num momento, emocionado  
Ficara o filho em íntimo alvoroço.

Mas de repente, como iluminado  
Por um clarão de glórias já extintas,  
Tornou o velho, aos poucos transformado:

"Podes partir! Porém nunca desmintas  
Nas peijas o dom da nossa fama,  
Por menos força que no peito sintas.

Como um clarim, por toda a parte aclama  
O vigor deste ferro e do teu pulso  
No combate que ruja, ulule e brama,'.

E cada vez mais pálido e convulso,  
Mais nervoso e febril e mais altivo  
Bradou ainda, num tremendo impulso:

"Se tu, que és da minh'alma o exemplo vivo,  
Meu filho, tens de ser como um cobarde,  
Como um vilão abjeto e repulsivo;

Não faças mais de fidalguia alarde,  
Pega esta espada, meu Afonso, pega  
E quebra-a de uma vez, que não é tarde.

Pois em lugar de fazer dela entrega  
Aos sequiosos, feros inimigos  
Antes a quebre a cólera mais cega.

Ei-la, aqui tens, a leoa dos perigos,  
Que como outrora em minha mão lampeja  
Da bravura e da fama nos abrigos.

Se não a tens de honrar nessa peleja  
Escuta bem, ó meu amado filho,  
Quebra-a, e o teu nome nem manchado seja.

Como eu faria noutra idade e brilho,  
Com outras energias musculares,  
Segue-me tu no denodado trilho,.,.

E assim falando, em gestos singulares,  
E agigantado corpo retesando  
E um tom sinistro esparso nos olhares;

A cabeça nos ares agitando  
Numa alucinação, -- enorme ereto,  
Como heróica visão, deblaterando...

Fitando bem o filho predileto,  
Como se de repente lhe brotasse  
A força hercúlea dum poder secreto.

O velho, qual um templo que abalasse,  
A mão crispada, lívida e nervosa,  
Com todo o esforço a lhe afluir na face,  
Partiu no joelho a espada vitoriosa.

## Índice

### O SOL E O CORAÇÃO

Sol, coração do Espaço que flamejas,  
O coração é qual tu, sol de utopias...  
Mas, coração, dize-me: -- Que desejas?...

Foram-se já todas as alegrias,  
Ó Sol! E tu, coração, que ainda adejas,  
Que fazes sobre as mortas fantasias?!...

Podes brilhar, ó Sol, vivo e fulgente!  
E tu, coração, que me iludiste,  
Também podes bater, inutilmente.

Crença, Ilusão, Amor, já nada existe,  
Não mais levarás sobre a corrente  
Da tenebrosa dúvida mais triste.

Longe, mui longe, em regiões caladas,  
Emudecidos pelo Esquecimento,  
Estão hoje esses sonhos de alvoradas.

Foram-se, há muito, soltos pelo vento  
Entre as grandes ruínas derrocadas  
Do meu amargo e pobre pensamento,

Entre as profundas, tétricas ruínas  
Em que o doce fantasma desses sonhos  
Atravessou em lágrimas divinas.

Fantasma ideal, de cânticos risonhos  
Que da vida encontrei pelas colinas  
E hoje vaga entre bulcões medonhos!

Fantasma que eu amei, visão errante  
Que sempre junto a mim vivia perto,  
Por mais longe que eu fosse e mais distante.

Visão que era como a água do deserto  
Para o meu coração sempre anelante,  
Sequioso de amor e sempre aberto...

Ó pobre coração, em vão te agitas,  
Em vão tu bates, coração estreito,  
Tal qual tu, Sol, nos páramos crepitas.

Nada mais, para mim, de satisfeito  
Brilha com o Sol nas plagas infinitas,

Como não canta o coração no peito...

Podes, enfim, sumir-te nos Espaços  
Sol! E tu, coração, sempre batendo,  
Quebrar da terra os "Transitórios Laços,,  
Eternamente desaparecendo!...

Índice

SAPO HUMANO  
A Emiliano Perneta

Oh sapo! eu vou cantar tuas misérias, sapo,  
Vou tirar, nesse lodo onde habitas de rastros,  
Umhas vivas canções do teu nojento papo,  
Da crosta esverdeada umas centelhas de astros.

E canções de tal forma e tais e tais centelhas,  
Que todas possam ir, miraculosamente,  
Transformadas, pelo ar, em rútilas abelhas  
Com o íris voador de cada asa fulgente.

Que tu, tredo animal, tu, triste sapo hediondo,  
Não és o vil, o torpe, o irracional, que a lama  
Em camadas envolve o atro ventre redondo,  
Dos tempos imortais nessa fecunda chama.

Não és o sapo histrião de imundas esterqueiras,  
O sombrio Caim nos lamaçais errantes,  
O clown gargalhador das charnecas rasteiras,  
Que ri-se para o sol com riso ironizante.

Não és o sapo atroz, coaxador, visguento,  
Que rouco ruge e raiva a noite os seus horrores,  
E para o constelado e mudo firmamento  
Faz ecoar os mais surdos e ásperos tambores.

Mas és o sapo humano, esse asqueroso e feio,  
Nascido de roldão na lúgubre miséria  
E que do mundo vão no pavoroso seio  
Lembra o negro sarcasmo enorme da Matéria.

Mas és o sapo humano, o sapo mais abjeto  
Do crime aterrador, do tenebroso vício  
Mas que ainda possuis o brilho de um afeto  
Que te livra, talvez, do eterno precipício.

Por ora na tua alma a noite cruel, cerrada,  
Não caiu de uma vez, como terrível fora.  
Nela ainda há clarões de límpida alvorada,  
Um prenúncio feliz de aurora redentora.

Ainda tens coração que pulsa no teu peito  
Por uns filhos gentis, ingênuos, pequeninos,  
Que são o grande amor, o sentimento eleito  
Vencendo esses fatais instintos assassinos.

Tu semelhas de um charco a superfície nua  
E vítrea, que no campo, aos ares, adormece,  
Que se em cheio lhe bate a luz do sol, da lua,  
Para a vasta amplidão cintila e resplandece.

Pois no teu organismo, assim sinistro e torvo,  
Repleto de vibrações do vício -- essas crianças,  
Sorriem virginais, oh! solitário corvo,  
Com sorrisos de luzes e barcarolas mansas.

O amor que regenera os ínfimos bandidos,  
Não reduziu, enfim, tu'alma a ignóbil trapo.  
E eis por que, num viver de pântano e gemidos,  
Cantam dentro de ti aves e estrelas, sapo!

#### DIANTE DO MAR

Para matar o letargo  
Da vida, e o profundo tédio,  
Fui, em busca de remédio,  
Ao cais arejado e largo.

E vi o mar formidando,  
Cheio de mastros e velas,  
Ocultos clarins vibrando  
Pela boca das procelas.

Vi tropéis e tropéis bruscos  
De ondas revoltas e crespas  
Com rijos ferrões de vespas  
Ferreteando os ares fuscas.

Vi os límpidos navios  
Jogados do mar incerto  
Como seres erradios  
Por inóspito deserto.

Vi tudo nublado, tudo,  
Céus e mares e horizontes;  
E sobre a linha dos montes  
Cair o silêncio mudo.

E eu lembrei-me quando a aurora  
Sobre aquelas esverdeadas  
Águas jorrava sonora  
A luz em puras golfadas.

Lembrei-me desses supremos  
Dias acres de alegria  
Na vaga loura e macia  
As leves palmas dos remos.

Do resplendor das viagens  
Num encanto matutino  
A doçura das aragens,  
Por sobre o mar cristalino.

A bicar as doces ilhas  
De pedra, musgos e flores,  
Cheias de ervas e frescores  
E naturais maravilhas.

Que ela a tudo perfumasse  
Como um rosal que floresce  
Que tudo que nela houvesse  
Resplandecesse e cantasse.

Ou ver na frente das casas,  
Dos vales e das colinas  
Os pombos batendo as asas,  
Entre festões de boninas.

Ir a pesca alegre e fresca  
Por suavíssimos luares,  
Numa lua pitoresca,  
Em cima dos salsos mares.

Quando flexível canoa  
Vai deixando um vivo rastro,  
Fundo, aberto, feito de astro,  
Na vaga que brilha e soa.

Quando na margem campestre  
De rios indefinidos  
Sente-se o aroma silvestre  
Dos aloendros floridos.

Lembrei-me até das regatas  
Numa hora deliciosa  
De manhã cheirando a rosa,  
Toda de fúlgidas pratas.

D'embarcar, como um fidalgo,  
Para aventuras de caça,  
Em companhia do galgo  
Que é das caçadas a graça.

Ir d'espingarda e d'estilo,  
Por madrugadas serenas,  
Sem males, sem dor, sem penas,  
Peito bizarro e tranqüilo.

Bater as aves no mato

Por entre arvoredos graves,  
Ou da beira de um regato  
Ver saltar em bando as aves.

E da ventura nos jorros  
Voltar da caça repleto  
Vendo ao longe o rubro teto  
Da casa e o verde dos morros.

Ou então ir como um duque  
Nas praias de mais beleza  
Gozar na choça de estuque  
Uns olhos de camponesa.

Sentir do equóreo elemento,  
Sobre as serras verdejantes,  
Rufantes e sussurrantes  
As ventarolas do vento.

Deixar o espírito, avaro  
De vida, saúde e força  
Disparar -- alada corça --  
Pelo azul radioso, claro.

Assim, talvez que o Nirvana  
Do tédio e letargo imenso  
Não fosse uma dor humana,  
Dentre um nevoeiro tão denso.

## Índice

### BRUMOSA

Inglesa! Por toda a parte  
Onde vás, chamam-te inglesa  
E cobrem de pompas de arte  
A pompa dessa beleza.

Mas tu, num soberbo encanto  
De nevada e fria rosa,  
Ó meu pálido amaranto!  
Não és inglesa, és brumosa.

A tua carne alvorece  
Em lactescências de opala,  
Brilha, fulge e resplandece  
E um fino aroma trescala.

És a límpida camélia  
Nos jardins reais plantada  
Ou essa lânguida Ofélia

Melancólica e nevada.

O teu corpo imaculado,  
Flor de místicas origens,  
Parece um luar velado  
E lembra florestas virgens.

Com o teu amor ilumina  
A minh'alma envolta em crepe,  
Ó vaporosa neblina,  
Ó branca e gelada estepe!

Índice

## SGANARELO

Esse que eu agora rimo  
É viscoso como a lesma  
Pegajosa sobre o limo,  
Sinistro como aventesma.

Feia coisa, enorme bicho,  
Pavoroso mastodonte  
Feito do horror a capricho,  
Com cornos rijos na frente.

Todo o ventre se lhe estufa  
De obesidade lasciva,  
Se fala a voz urra e bufa  
Lembrando a locomotiva.

Na terrível carantonha  
Retorcida, escalavrada,  
Lhe estruge, às vezes medonha,  
Formidável gargalhada.

E a luz do sol, que corusca,  
Nas praças, à luz do dia,  
A sua presença brusca,  
Tem uma ardente ironia.

A língua rubra e convulsa  
Sai-lhe da boca em espasmo,  
Enquanto no olhar lhe pulsa  
A blasfêmia do sarcasmo.

Capra figura profunda,  
Atroz e amedrontadora,  
Que larga entranha fecunda  
Foi a tua geradora?!

Que aborto de ventre estranho  
Pode gerar esse aborto  
Assim feroz e tamanho,  
Peludo, estroçado e torto?

De que idades tão antigas,  
Pré-históricas vieste?  
Mais hostil do que as urtigas,  
Mais nefando de que a peste!

Trazes a pata esmagante,  
A pata do bronze trazes;  
Que é no espírito diamante  
E que é nas almas lilazes.

Possuis o sangue da verve  
Resplandecente, infinita,  
Que ruga, palpita e ferve  
E canta e soluça e grita.

Vens como imagem da Morte,  
Da Morte hedionda e nefasta,  
Das iras ao vento forte,  
Do desespero a vergasta.

Desmancha-te em cabriolas  
De doido polichinelo,  
Que os teus membros lembrem molas  
Como um palhaço amarelo.

Faz nos músculos esgrimas,  
Pula trapézios e barras  
E salta saltando estas rimas  
Que vão saltando bizarras.

Acrobata da miséria  
Estica os nervos, estica  
E ri, ri tu da matéria  
Da gente fidalga e rica.

És medonho?! isso que importa?  
Ri! mas ri alto na praça,  
Se a desgraça não foi morta,  
Ah! deixem rir a desgraça!

Satanás sujo e potrudo  
Nas cambalhotas te inspire.  
Eia! vá! desdém por tudo,  
Por tudo, e o tempo que gire!

Faz que o século se agite  
De eternas risadas grossas  
E como com dinamite  
Arromba o mundo com troças.

Fura o estúrdio Sancho Pança

Com estocadas de riso  
E mete-o também na dança  
Dos saltos, se for preciso.

Destrói tudo, vai, desaba,  
De tudo faz estilhaços  
E a golpes de riso acaba  
Os erros córneos e crassos.

Fura os ventres mais rotundos  
Com agulhões de chacota  
E manda ao Mestre dos mundos  
Um exemplar da risota.

Na tal luxúria gorducha,  
Na velha e calva luxúria  
Rebente risos em ducha,  
Com toda a sátira e fúria.

Ri! até que se transforme,  
O rebelado do inferno!  
O riso num facho enorme  
Aceso no sol moderno!

Índice

## DESMORONAMENTO

Dentro do coração, no côncavo do peito  
Choro a grande ilusão do amor, desfalecida,  
Dentre o gozo feliz, nostálgico da vida;  
Já exangue, afinal, já morto, já desfeito.

Por visões que adorei num vago tempo incerto  
Não sei por que razão avivo agora as mágoas,  
Num pranto doloroso e triste, como as águas  
Do mar grosso a bater sobre o costão deserto.

Tu, ó doce visão de perfumosas tranças,  
Todo o meu puro e terno sentimento invades  
E eu não sei o que fiz das minhas esperanças  
Que de longe que vão parecem mais saudades.

Tudo o que houve em meu ser de compaixão e crença  
Para sempre secou, secou já como um rio;  
Para sempre também subi ao escombros frio  
Da dúvida mortal, avassalante, imensa.

Para sempre me achei sem bússola e sem rumo  
No fundo de regiões estranhas e afastadas...  
As almas que eu amei, vi mudas e apagadas,

Vi tudo se sumir numa espiral de fumo.

Bem depressa fiquei como um ermo remoto  
Como torvo areal sem plantas e sem fontes,  
Donde apenas se vê rasgar a terra o broto  
Do cardo retorcido e áspero dos montes.

Muitas vezes, porém, como entre os arvoredos  
Onde juntas, no val, todas as aves cantam  
No meio do rumor, de sombras e segredos,  
Sinto dentro de mim que uns sonhos se levantam.

Borboleteio, a rir, por entre os sons e as flores,  
Como um pássaro azul de uma plumagem linda  
E canto alegremente a canção dos amores,  
Que este peito viril sabe cantar ainda.

Lembro então corações que já me abandonaram,  
Que eu senti palpitar, por sobre o meu pulsando,  
Que vão hoje através das afeições chorando,  
Que sofreram comigo e que comigo amaram.

Entretanto a minh'alma em vôo largo e ufano,  
De repente triunfal, de súbito gloriosa,  
Tem a pompa de sol, vermelha e luminosa,  
Da púrpura esvoaçante e aberta de um romano.

E esse fulgor, que vem dos meus sonhos dispersos  
Na névoa do passado, errantes e dolentes;  
Dá-me áridos corcéis fogosos e frementes  
Para atrelar, jungir ao carro destes versos.

Claramente recorde e penso nas estradas  
Que percorri, que andei às ilusões, sozinho,  
Vendo que todo o amor das virginais amadas,  
Tinha a mesma fatal embriaguez do vinho.

Quantos entes febris, que o amor embriaga e ofusca  
Assim, durante a vida, ansiosamente exaustos,  
Não encontram, talvez, dessas visões em busca,  
As Margaridas vãs dos ilusórios Faustos!

Índice

## CLARÕES APAGADOS

Flor de planta aromática, sinistra,  
Nascida nas inóspitas geleiras,  
Célebre flor que o meu Ideal registra,  
Trepadeira das raras trepadeiras.

Serpe nervosa entre as nervosas serpes,  
Carnívora bromélia da luxúria  
De gozo tetaniza como as herpes  
Da tua boca a polpa atra e purpúrea.

O teu amor, que lembra vinhos de Hebe  
E essa áspera feição do abeto fusco,  
Como um réptil que salta numa sebe,  
Saltou-me ao peito, impetuoso e brusco.

Eu ia por estranhos descampados,  
Por extensos desertos impassíveis,  
Na trágica visão dos naufragados  
Perdidos entre os temporais terríveis.

Sem rumo certo, num sombrio inferno,  
Sozinho, sobre a desolada areia  
Arrastando a existência, de onde, eterno  
Um sapo coxa e um rouxinol gorjeia.

Quando tu de repente, então surgiste  
Beleza das belezas redentoras,  
Tendo essa meiga formosura triste  
Das formosas e flébeis pecadoras.

Fosse talvez uma tremenda insânia  
Tão alta erguer o meu amor, tão alto;  
Mas este coração frio, da Ucrânia,  
Anelava galgar o céu de um salto.

E fui, galguei, subi, voei na altura,  
Além dos verdes píncaros do monte,  
Donde resplende a tua formosura  
No clarão das estrelas do horizonte.

Foi o mesmo que se eu num templo entrasse  
E aí num formidável sacrilégio,  
As angélicas vestes arrancasse  
Das santas de áureo diadema régio.

Como um leão sem juba e garra, preso,  
Na indiferença, já morreu comigo  
Todo esse amor profundamente aceso  
Na ideal constelação de um sonho antigo.

Apenas pelo saara imorredouro  
Do longínquo passado, ergue, altaneira,  
Majestosa folhagem no sol d'ouro,  
Dessas recordações a alta palmeira...

Índice

## MENDIGOS

Mendigos! Ah! são mendigos  
Que voltam de vãos caminhos,  
Que atravessaram perigos,  
Urzes, pântanos, espinhos.

Que chegam desiludidos  
Das portas a que bateram;  
Humanos, grandes gemidos  
Que nos tempos se perderam.

Que voltam como partiram,  
Com mais amargor na volta  
E mais sonhos que se abriram  
Das estrelas na recolta.

Mendigos ricas no entanto,  
Das pompas da natureza  
E das auréolas do Encanto,  
Os vinhos da sua mesa.

Mendigos que o sol, apenas,  
Torna nababos felizes,  
Torna um pouco mais serenas  
As convulsas cicatrizes.

Mendigos que acham requinte  
Na fumaça de um cachimbo,  
Deixando que labirinte  
O sonho em tão leve nimbo.

Mendigos da luz da aurora  
Cantando celestemente,  
Fresca, límpida, sonora,  
Pelas fanfarras do Oriente.

Mendigos de áureas estradas,  
De sonâmbulas veredas,  
De riquezas encantadas,  
Sem pedrarias e sedas.

Mendigos d'estranho aspecto  
E sempiterna vigília,  
Filhos nômade, sem teto,  
De milenária Família.

Mendigos que erram eternos  
Sem fadigas e sem sono,  
Sob o augúrio dos Infernos,  
Das Ilusões sobre o trono.

Mendigos de plaga nova,  
De novas terras e mares,  
Divinizados na cova

Como as hóstias nos altares.

Mendigos da grande esmola  
Da luz das estrelas nobres,  
Que fulge e dos altos rola,  
Entre as suas mãos tão pobres!

Mendigos de céus remotos,  
De sóis dos mais velhos ouros;  
Com a sua fé e os seus votos  
E os seus secretos tesouros.

Mendigos de olhar severo,  
Boca murcha, meio amarga...  
Tendo um vago reverbero  
De sonhos na frente larga.

Mendigos de ínvias florestas  
E de bosques fabulosos,  
De melancólicas sestas  
Nos crepúsculos brumosos.

Mendigos da Eternidade,  
Tremendo dos sóis, dos frios,  
Nas mortalhas da Saudade  
Amortalhados sombrios.

Mendigos dos Infinitos,  
Das Esferas inefáveis,  
Noctambulando malditos  
Nos rumos imponderáveis.

Mendigos de fome e sede  
De água e pão de outros mundos,  
Embalados pela rede  
Dos Idealismos profundos.

Mendigos do azul Mistério,  
Cuja alma -- nivea sereia --  
Fica saciada no aéreo  
Pão branco da lua cheia!

Índice

ASAS PERDIDAS  
A Carlos Jansen Júnior

Afora, pelo azul indefinido e largo,  
Passam asas sutis, pelo éter, longe, afora,  
Como que a demandar outra mais doce aurora  
Que a desta vida atroz, toda veneno amargo.

Não as asas assim, bem longe, pela curva,  
No vago, na amplidão, perdidas pelos ares  
Até virem caindo os véus crepusculares,  
Toda a anústia do acaso, emocional e turva.

E diante dessa dor das tardes que esmaecem  
As asas, pelo espaço, em vôos desgarrados  
Como a oração final dos tristes naufragados,  
Longinquamente, além, tênues desaparecem

Cai então de uma vez a sombra dos segredos.  
E na serena paz das noites adormidas,  
Entre o fundo chorar dos calmos arvoredos,  
Ninguém verá jamais essas asas perdidas.

E as asas o que são no firmamento errantes,  
Perdidas pelos tempos, esparsas pelas eras  
Senão os sonhos vãos, mundos alucinantes  
Cheios do resplendor das flóreas primaveras?!

Por isso, eu quando o Azul repleto de asas vejo  
Muito alto, céu acima, os páramos rasgando,  
Toda a minh'alma oscila e treme num desejo  
Em busca das regiões da dúvida, chorando!

Índice

## ANJO GABRIEL

Na calma irradiação das noites estreladas  
Alto e claro aparece, alto, aparece, claro,  
Alvo, claro, no luar das estrelas prateadas,  
No triunfal esplendor celestemente raro.

O seu busto de Excelso, a sua graça fina,  
A linha de harpa ideal do seu perfil augusto,  
Estremecem de luz, de uma luz peregrina,  
Do secreto fulgor de um sentimento justo.

Serenidade e glória e paz do Paraíso  
Flutuam-lhe na face alvorecida e doce  
E quando ele sorri é como se o sorriso  
Claros astros semear por todo o espaço fosse.

Leve, loura, radial, a soberba cabeça  
Eleva-se da flor do niveo colo louro  
E não há outro sol que tanto resplandeça  
Como o sol virginal dessa cabeça de ouro.

As mãos esculturais, de ebúrnea transparência,

De divina feitura e de divino encanto,  
Lembram flores sutis de sonhadora essência  
Da etérea languidez e de etéreo quebranto.

Das madeixas reais largo deslumbramento  
Num flavo jorro cai, com sagrado abandono...  
E sai do Anjo o quer que é de vago e de nevoento  
Que lembra o despertar sonâmbulo de um sono...

De alto a baixo, do Azul, desfilando das brumas,  
Abre todo ele em flor como nevado lírio,  
Belo, branco, etereal, do candor das espumas,  
Banhado nos clarões e cânticos do Empíreo.

Maravilhoso e nobre ergue no braço ovante  
Um gládio singular que rútilo cintila...  
Enquanto o seu olhar de mágico diamante  
Aflora em plenilúnio através da pupila.

Que o seu olhar, então, esse, recorda tudo  
O quanto há de tranqüilo e luminoso e casto.  
Maio de ouro a florir meigos céus de veludo  
E a neve a cintilar sobre o monte mais vasto.

Do puro albor astral das asas majestosas  
Desprendem-se no Azul mistérios de harmonia...  
Entre as angelicais suavidades radiosas  
Parece o Anjo Gabriel o alto Enviado do Dia!

Na chama virginal de tão rara beleza  
Brilha a força de um Deus e a mística doçura...  
E sai das seduções de tamanha pureza  
Toda a melancolia errante da ternura.

Do suntuoso agitar das delicadas vestes  
Tecidas de jasmims, de rosas, de açucenas,  
Vem o aroma cristão dos aromas celestes  
Todas as imortais emanações serenas...

Transfigurado, excelso, agigantado, imenso,  
Na candidez hostial das formas impecáveis,  
Fica parado no ar, levemente suspenso  
De raios siderais, de fluidos inefáveis.

Mas quando o seu perfil nas amplidões floresce  
E das asas se lhe ouve a música sonora  
Quando ele agita o gládio e as madeixas, parece  
Que vai noctambular pelo Infinito afora.

E alto, branco, de pé, destacado no Espaço,  
Eleito das Regiões de estranhas Primaveras,  
Traça, com o gládio no ar, alevantando o braco,  
Uma cruz de Perdão na mudez das Esferas!

## Índice

### CRIANÇAS NEGRAS

Em cada verso um coração pulsando,  
Sóis flamejando em cada verso, e a rima  
Cheia de pássaros azuis cantando  
Desenrolada como um céu por cima.

Trompas sonoras de tritões marinhos  
Das ondas glaucas na amplidão sopradas  
E a rumorosa musica dos ninhos  
Nos damascos reais das alvoradas.

Fulvos leões do altivo pensamento  
Galgando da era a soberana rocha,  
No espaço o outro leão do sol sangrento  
Que como um cardo em fogo desabrocha.

A canção de cristal dos grandes rios  
Sonorizando os florestais profundos,  
A terra com seus cânticos sombrios,  
O firmamento gerador de mundos.

Tudo, como panóplia sempre cheia  
Das espadas dos aços rutilantes,  
Eu quisera trazer preso à cadeia  
De serenas estrofes triunfantes.

Preso à cadeia das estrofes que amam,  
Que choram lágrimas de amor por tudo,  
Que, como estrelas, vagas se derramam  
Num sentimento doloroso e mudo.

Preso à cadeia das estrofes-quentes  
Como uma forja em labareda acesa,  
Para cantar as épicas, frementes  
Tragédias colossais da Natureza.

Para cantar a angústia das crianças!  
Não das crianças de cor de oiro e rosa,  
Mas dessas que o vergel das esperanças  
Viram secar, na idade luminosa.

Das crianças que vêm da negra noite,  
Dum leite de venenos e de treva,  
Dentre os dantescos círculos do açoite,  
Filhas malditas da desgraça de Eva.

E que ouvem pelos séculos afora  
O carrilhão da morte que regela,  
A ironia das aves rindo a aurora  
E a boca aberta em uivos da procela.

Das crianças vergôntes dos escravos  
Desamparadas, sobre o caos, à toa  
E a cujo pranto, de mil peitos bravos,  
A harpa das emoções palpita e soa.

Ó bronze feito carne e nervos, dentro  
Do peito, como em jaulas soberanas,  
Ó coração! és o supremo centro  
Das avalanches das paixões humanas.

Como um clarim a gargalhada vibras,  
Vibras também eternamente o pranto  
E dentre o riso e o pranto te equilibras  
De forma tal que a tudo dás encanto.

És tu que à piedade vens descendo.  
Como quem desce do alto das estrelas  
E a púrpura do amor vais estendendo  
Sobre as crianças, para protegê-las.

És tu que cresces como o oceano, e cresces  
Até encher a curva dos espaços  
E que lá, coração, lá resplandeces  
E todo te abres em maternos braços.

Te abres em largos braços protetores,  
Em braços de carinho que as amparam,  
A elas, crianças, tenebrosas flores,  
Tórridas urzes que petrificaram.

As pequeninas, tristes criaturas  
Ei-las, caminham por desertos vagos,  
Sob o agulhão de todas as torturas,  
Na sede atroz de todos os afagos.

Vai, coração! na imensa cordilheira  
Da Dor, florindo como um loiro fruto  
Partindo toda a horrível gargalheira  
Da chorosa falange cor do luto.

As crianças negras, vermes da matéria,  
Colhidas do suplício a estranha rede,  
Arranca-as do presídio da miséria  
E com teu sangue mata-lhes a sede!

Índice

VELHO VENTO

Velho vento vagabundo!

No teu rosnar sonolento  
Leva ao longe este lamento,  
Além do escárnio do mundo.

Tu que erras dos campanários  
Nas grandes torres tristonhas  
E és o fantasma que sonhas  
Pelos bosques solitários.

Tu que vens lá de tão longe  
Com o teu bordão das jornadas  
Rezando pelas estradas  
Sombrias rezas de monge.

Tu que soltas pesadelos  
Nos campos e nas florestas  
E fazes, por noites mestas,  
Arrepiar os cabelos.

Tu que contas velhas lendas  
Nas harpas da tempestade,  
Viajas na Imensidade,  
Caminhas todas as sendas.

Tu que sabes mil segredos,  
Mistérios negros, atrozes  
E formas as dúbias vozes  
Dos soturnos arvoredos.

Que tornas o mar sanhudo,  
Implacável, formidando,  
As brutas trompas soprando  
Sob um céu trevoso e mudo.

Que penetras velhas portas,  
Atravessando por frinchas...  
E sopras, zargunchas, guinchas  
Nas ermas aldeias mortas.

Que ao luar, pelos engenhos,  
Nos miseráveis casebres  
Espalhas frios e febres  
Com teus aspectos ferrenhos.

Que soluças nos zimbórios  
Os teus felinos queixumes,  
Uivando nos altos cumes  
Dos montes verdes e flóreos.

Que te desprendes no espaço  
Perdido no estranho rumo  
Por entre visões de fumo,  
Das estrelas no regaço.

Que de Réquiens e surdinas  
E de hieróglifos secretos

Enches os lagos quietos  
Revestidos de neblinas.

Que ruges, brames, trovejas  
Ó velho vândalo amargo,  
No sonâmbulo letargo  
De um mocho rondando igrejas.

Que falas também baixinho  
Lá da origem do mistério,  
Trazendo o augúrio sidéreo  
E certa voz de carinho...

Que nas ruas mais escusa,  
Por tardes de nuvens feias,  
Como um ébrio cambaleias  
Rosnando pragas confusas.

Que és o boêmio maldito,  
O renegado boêmio,  
Em tudo o turvo irmão gêmeo  
Do sonhador Infinito.

Que és como louco das praças  
Nos seus gritos delirantes  
Clamando a pulmões possantes  
Todo o Inferno das desgraças.

Que lembras dragões convulsos,  
Bufantes, aéreos, soltos,  
Noctambulando revoltos  
Mordendo as caudas e os pulsos.

Ó velho vento saudoso,  
Velho vento compassivo,  
Ó ser vulcânico e vivo,  
Taciturno e tormentoso!

Alma de ânsias e de brados,  
Consolador companheiro  
Sinistro deus forasteiro  
D'espacos ilimitados!

Tu que andas, além, perdido,  
Tateando na esfera imensa  
Como um cego de nascença  
Nos desertos esquecido...

Que gozas toda a paragem,  
Toda a região mais diversa,  
Levando sempre dispersa  
A tua queixa selvagem.

Que no trágico abandono,  
No tédio das grandes horas  
Desoladamente choras,

Sem fadigas e sem sono.

Que lembras nos teus clamores,  
Nas fúrias negras, dantescas,  
Torturas medievalescas  
Dos ímpios inquisidores.

Que és sempre a ronda das casas,  
A gemente sentinela  
Que tudo desgrenha e gela  
Com o torvo rumor das asas.

Que pareces hordas e hordas  
De hirsutos, intonsos bardos  
Vibrando cânticos tardos  
Por liras de cem mil cordas.

Ó vento languido e vago,  
Ó fantasista das brumas,  
Sopro equóreo das espumas,  
Ó dá-me o teu grande afago!

Que a tua sombra me envolva  
Que o teu vulto me console  
E o meu Sentimento role  
E nos astros se dissolva...

Que eu me liberte das ânsias  
De ansiedades me liberte,  
Pairando no espasmo inerte  
Das mais longínquas distâncias.

Eu quero perder-me a fundo  
No teu segredo nevoento,  
Ó velho e velado vento,  
Velho vento vagabundo!

Índice

MARCHE AUX FLAMBEAUX

I  
Rompe na aurora o sol que a terra esbofeteia  
Com látegos de chama, iriando o pó e a areia,  
Iriando os vegetais de ricas pedrarias,  
Dos rubis e cristais das ourivesarias;  
Aurora acesa em cor de púrpura de cravos  
Opulentos, febris, ensanguinados, bravos;  
De ritmos leves de harpa e frêmitos e beijos  
Que são da natureza os trêmulos arpejos;

Aurora que sorri, que traz pomposamente  
Todo o raro esplendor da luz resplandecente,  
Das paisagens loucas no fúlgido matiz  
O aroma a derramar da meiga flor de liz.

Na alegria dos tons os pássaros cantando  
Vão as asas abrindo, entre os clarões ruflando,  
Asas emocionais, que assim dentre clarões  
Palpitam num fervor de alados corações.

E no luxo oriental de etéreo Grão-Mogol  
Como um Baco feliz rubro flameja o sol.

## II

Filósofos titãs, filósofos insanos  
Que destes turbilhões, que destes oceanos  
De lutas e paixões, de sonho e pensamentos  
Espalhásteis no mundo aos clamorosos ventos  
A Ciência fatal, talvez como um veneno,  
Que os tempos abalou no caminhar sereno;  
Filósofos titãs, que os séculos austeros  
No flanco da Matéria abris, graves, severos,  
Sobre o escombros da fé, da crença e da esperança,  
Da civilização o trilho que hoje alcança  
No seu aço viril as regiões supremas,  
Traçado em novas leis, doutrinas e problemas;  
Vós que sois no Saber os monges da existência  
E só acreditais na força da Ciência,  
Que da morte sabeis os filtros invisíveis,  
Narcóticos, sutis, incógnitos, terríveis,  
Não sabeis, entretanto, apóstolos sombrios,  
Como a luz da Ciência os homens estão frios,  
Como o tudo ficou num doloroso caos  
E os seres que eram bons, rudes, egoístas, maus.

Em vão! em vão! em vão! os vossos largos crânios  
Lutaram pelo Bem dos Bens contemporâneos!  
Tudo está corrompido e até mais imperfeito...  
Não há um lírio são a florescer num peito,  
De piedade, de amor e de misericórdia...  
Se brota uma virtude o ascoso vício morde-a,  
Envilece, corrompe e abate essa virtude  
Com o cinismo revel dum epigrama rude...  
E até muita alma vil, feroz, patibular,  
Impunemente sobe ao mais sagrado altar.

Por isso vão passar perante a turbamulta  
Como abrupta avalanche, enorme catapulta,  
Numa marche aux flambeaux, os famulentos vícios  
Que cavaram no globo horrendos precipícios,  
Os vícios imortais, que infestam tribos, greis,  
Povos e gerações, seitas, templos e reis  
E que são como a lava obscura da cratera  
Que subterraneamente em tudo se invetera.

Com toda intrepidez hercúlea de acrobata

Vou sobre eles soltar, gloriosa, intemerata,  
A sátira que tem esporas de galhardo  
Cavaleiro ideal que joga a lança e o dardo.  
Vou com esse altanado e muscular esforço  
De quem galga triunfal o soberano dorso,  
A crista vigorosa, altiva, sobranceira,  
Da mais agigantada e vasta cordilheira.

### III

Lobos, tigres, chacais, camelos, elefantes,  
Hipopótamos, ursos e rinocerontes,  
Leopardos e leões, panteras acirrantes,  
Hienas do furor, membrudos mastodontes  
Tredas feras do mal, soturnos dromedários,  
Serpentes colossais que rastejais na treva,  
Monstros, monstros cruéis, medonhos, sangüinários,  
Cuja pata esmagante a presa aos antros leva;  
Ó ventrudos judeus, opíparos, obesos,  
De consciência obtusa, ignóbil e caolha  
Que no mundo passais grotescamente tesos  
Com honras de entremez e grandezas de rolha.  
Gafentos histriões, ridículos da moda,  
Que fingis entender Berlim, Londres, Paris,  
Mas nos altos salões, por entre a fina roda,  
Meteis sordidamente o dedo no nariz;  
Brasonados truões, inúteis como eunuco,  
Que as pompas ostentais de aurífero nababo  
Mas apenas valeis como um limão sem suco,  
Tendes rabo no corpo e dentro d'alma rabo;  
Nobres de papelão, milionários vândalos  
De ventre confortado e rosto rubicundo,  
Que no torvo cancã no cancã dos escândalos  
Sois o horrendo espantalho, a ignominia do mundo;  
Ó deuses do milhão, ó deuses da barriga,  
Que sentindo a aguilhada intensa da luxúria  
Buscais a mais em flor e linda rapariga  
Para então vos fartar na luxuriante fúria;  
Gamenhos de toilette e convicções de lama  
Onde tudo afinal se atola e se chafurda,  
Que do clube e do esporte sintetizais a fama  
Mas tendes para o Bem a fibra sempre surda;  
Palhaços, clowns senis, hediondos borrachos  
Que aos trambolhões urrais afora no universo,  
Desdenhando de tudo e até rindo dos fachos,  
Do clarão do saber em toda a parte imerso;  
Almas negras, servis, d'ergastulos caóticos,  
Gerado no paul das lúgubres voragens,  
Do crime nos bulções, nos vícios mais despóticos  
Aos quais tanto rendeis eternas homenagens,  
Manequins, charlatães, devassos do bom-tom,  
Que viveis nas Babéis das grandes capitais  
Apodrecendo sempre infamemente com  
O cancro do dinheiro as forcas virginais;  
Mascarados tafuis de gordos ventres de ouro,  
Ó bonzos do deboche e cínicos esgares,  
Que sois o único sol esterlinado e louro

Das parvas multidões, das multidões alvares;  
Fidalgos de barril, sicofantas, malandros  
Do templo e do bordel, da crápula de harém  
Que ao puro mar do Ideal, com torpes escafandros,  
Arrancais, p'ra vender, a pérola do Bem;  
Ó trânsfugas, ladrões que difamais a terra,  
Que tudo poluís, do próprio lodo a flor,  
A serena humildade, - intrepidez da guerra.  
Aos beijos maternais, ao nupcial amor;  
Espíritos de treva, espíritos de barro  
Que enegreceis de horror o sangue das papoulas  
E das ostentações vos aclamais no carro,  
Cobertos de cetins, arminho e lantejoulas;  
Que se vem de repente o Nada sepulcral  
Nunca deixais, sequer, no tétrico leilão,  
No leilão da memória, estranho, universal,  
Nem um som a vibrar do estéril coração!  
Dentre feras brutais de ríspidos penhascos  
E a torrente caudal de rijos versos francos  
E a zombaria e o riso e as sátiras e os chascos,  
Nesta marche aux flambeaux ides passar, aos trancos  
Do mundo os naturais, zoológicos museus  
Despejem pare fora as pavorosas massas,  
Para virem reunir-se aos tábidos judeus  
Irromper e seguir e desfilar nas praças.  
Que a cada mate, a entranha, o seio virgem se abra  
Jorrando tigres, leões, panteras do seu centro  
E na dança infernal, estrupida, macabra,  
Siga a marche aux flambeaux pelo universo a dentro.

Gargalhadas abri a rubra flor sangrenta  
Da humanidade vã na amargurada boca  
Vai agora passar a marcha truculenta  
Sob o espingardear duma ironia louca.  
E desfila e desfila em becos e vielas  
E torna a desfilar por vielas e por becos  
às risadas da turba, estultas e amarelas  
Que tem o áspero som de gonzos perros, secos...  
E desfila e desfila, estrídula e execranda,  
Das praças na amplidão, rugindo em mar desfila,  
Enquanto além dardeja, heróica e formidanda,  
A metralha do sol que rútilo fuzila...  
E mastodontes vão de braço dado a sérios  
Burgueses que já são bem bons comendadores  
E marqueses de truz, com ares de mistérios  
De lunetas gentis e aspectos sonhadores  
Dão o braco fidalgo e airoso das nobrezas  
Aos ursos boreais, enquanto os conselheiros  
Os condes, os barões, os duques e as altezas  
Lá vão de braço dado aos lobos carniceiros.  
E nessa singular, atroz promiscuidade,  
Animais e truões de catadura suína  
Gordalhudos heróis da infâmia e da maldade,  
Vendidos da honradez, velhacos de batina  
Bobos, cães, imbecis, humanos crocodilos  
E déspotas, jograis, todos os miseráveis

De todas as feições e todos os estilos,  
Uns aos outros lá vão jungidos, formidáveis!...  
Mas a marche aux flambeaux derrama um pesadelo,  
A agonia dum tigre, em sonhos, sobre um ventre,  
Agonia mortal que envolve tudo em gelo...  
E desfila e desfila entre sarcasmos e entre  
As sátiras-fuzis, relampejando açoite,  
Por essa imensa aurora, estranhamente imensa  
Por um sol que angustia e que não tem da noite  
Para a Miséria a sombra atenuante e densa.

Os vícios, as paixões, os crimes, ódios e erros,  
Na marcha, de roldão, caminham fraternais  
Com bandidos, vilões, burgueses rombos, perros  
E focas e mastins, macacos e chacais.  
Aos sobressaltos vão como visões, fantasmas  
Bichos de toda a casta, anões de chapéu alto,  
Deixando em convulsão todas as almas pasmas  
E o globo num tremendo e fundo sobressalto.  
E nas praças, ao sol, confundem-se os bramidos,  
Os uivos com a expressão humana misturados,  
Através do sussurro e bruscos alaridos  
Das chacotas bestiais, dos risos trovejados.  
E segue e segue e segue, afora, légua a légua  
Essa marche aux flambeaux, ciclópica, estupenda  
Caminha atravessando um longo sol sem trégua,  
Um dia secular, um dia de legenda;  
Caminha atravessando um sol de foco aberto,  
Por um dia fatal, interminável, mudo,  
O dia do remorso, aterrador, incerto  
Que em todo o coração crava um punhal agudo.  
Mas eu quero assim mesmo, eu quero-vos assim,  
Em marcha tropical, à crua e ardente luz  
Que vos seja uma febre indômita, sem fim,  
Um cautério de fogo a vos queimar o pus  
Venéreo da Moral, carbonizando-o até  
Para que nunca mais se sinta dele a origem  
Nem volte, como sempre, então, a ser o que é,  
Deixando-vos no mundo inteiramente virgem;  
Eu quero-vos assim, de fachos apagados,  
Apagados, ao alto, os joviais flambeaux,  
Que os tereis de acender nos campos ignorados  
Que de sóis de Vingança a Eternidade arou.

E depois de vagar às sátiras de todos,  
Na evidência da luz, numa perpetua aurora;  
De caminhar ao sol, por tremedais, por lodos,  
No tédio do sarcasmo, o tédio que a devora,  
Essa Marcha afinal penetrará aos urros,  
Titânica, sinistra e bêbada, irrisória,  
Num caos de pontapés, coices, vaias e murros,  
Na eterna bacanal ridícula da História.

O ÓRGÃO

Um largo e lento vento dormente  
Taciturnas lágrimas sonambulas, sinfônicas  
Um esquecimento amargo  
Uma sombria clausura de almas  
Suspirando e gemendo solitárias harmonias  
Vago luar de esquecimento e prece,  
Dessa melancolia que anda errando  
No mar e nas estrelas ondulando,  
Pela minh'alma etereamente desce.

Na minh'alma, dos Sonhos anoitece  
O Sentimento que ando transformando  
Em hóstia de ouro

Sombra e silêncio

Índice

JULIETA DOS SANTOS

Índice

A IDÉIA AO INFINITO  
À distinta e laureada atrizinha  
Julieta dos Santos

"...A fama de teu nome,  
a inveja não consome, o tempo não destrói!...  
(Dr. Symphronio)

Era uma coluna de artistas!...  
Ao lado Tasso  
Medindo as múltiplas conquistas  
Co'as amplidões do espaço!...  
Seguia-se João Caetano  
Embuçado da glória no divinal arcano!...  
Depois Joaquim Augusto  
Altivo, sobranceiro, erguido o nobre busto.  
Depois Rachel, Favart,  
Fargueil, a espadanar  
Nas cristações homéricas da arte,  
Constelações azuis por toda a parte!  
E em suave ondulação os astros  
Vão de rastros

Roubar mais luz às rúbidas auroras!...  
Quais precursoras  
Do mais ingente e mago dos assombros,  
Do orbe imenso nos calcáreos ombros,  
Rola um dilúvio, um grande mar de estrelas  
Que lançam chispas cambiantes, belas!...  
Há um estranho amalgamar de cousas  
Como os segredos funerais das lousas  
Ou o reventar de artérias  
-- Ou o esgarçar de brumas,  
Negras, cinérias  
-- Ou o referver de espumas,  
Nas longas praias  
Alvinitentes, mádidas, sem raias.  
Do brônzeo espaço,  
Das fibras d'aço  
Como que desloca-se um pedaço  
Que vai ruir com trépido sarcasmo  
Nas obumbradas regiões do pasmo...  
-- O Invisível  
Geme uma música, lânguida, saudosa,  
Que vai sumir-se na entranha silenciosa  
Do impassível!  
-- O Imutável  
-- O Insondável  
La vão cair no seio do incriado.  
E o bosque irado  
A soletrar uns cânticos titânios  
Lança nos crânios  
Aluvião de auras epopéias  
Tétricas idéias!...  
E o pensamento embrenha-se nos mares  
E vê colares  
De níveas pérolas, límpidas, nitentes  
E vê luzentes  
Conchas e búzios e corais, -- ondinas  
Que peregrinas  
Aspásias são de lúcida beleza,  
De moles formas, desnudadas, brancas  
Sendo a primesa  
Dessas paragens hiemais e francas!...  
-- Ou quais Phrynés  
A quem aos pés  
O mundo em ânsias, reverente adora  
E chore e chora!!...

.....  
Mas a idéia o pensamento insano  
As asas bate em busca de outro arcano,  
E o manto rasga do horizonte eterno  
Vai ao superno  
Ao Criador, ao Menestrel dos mundos!  
E n'uns arroubos, rábidos, profundos  
Em luta infinda  
-- Oh! quer ainda  
Quer escalar o templo do impossível,  
Bem como um raio abrasador, terrível!...

Quer se fartar de maravilhas loucas,  
Quer ver as bocas  
Dos colossais Antheus da eternidade!...  
Quer se fartar de luz e divindade  
E de saber,  
Depois jazer  
Nas invisíveis cobras do insondável,  
Bem como um verme, mísero, imprestável!...  
-- Ou quer ousado  
Descortinar os crimes do passado  
E apalpar as gerações dos Gracos  
Dos Espartanos  
E dos Troianos  
E dos Romanos,  
Dos Sarracenos  
E dos Helenos,

E esbarrar nesse montão de ossos  
Por esses fossos  
Tredos, medonhos, sepulcrais e frios  
Onde sombrios  
Andam espíritos de pavor, errantes  
E vacilantes  
Como a luzinha das argêntas lampas,  
Lentos e lentos através das campas!...

.....  
Mas a idéia, o pensamento audaz  
Quer ainda mais!...  
Quer do ribombo do trovão pujante  
Já n'um esforço adamastório, tredo  
Embora a medo,  
-- O atroz segredo  
Com que ele faz a terra palpitante!...  
E quer dos ventos  
Dos elementos  
Quer do mistério a solução! -- Nas trevas  
Hórridas, sevas,  
A gargalhada  
Ríspida, negra irônica, pesada,  
Estruge enfim, da morte legendária,  
E a idéia vária  
Ainda n'isso ousando penetrar,  
Tenta sondar!...  
E em vão, em vão  
A mergulhar-se em tanta confusão  
Não mais compreende  
-- O que saber pretende!...  
Assim, oh! gênio,  
Na ofuscadora auréola do proscênio  
Não sei se és astro, se és Esfinge ou mito,  
Se do infinito  
Possuis o encanto, os esplendores grandes,  
Ou se dos Andes  
Águia tu és, ou és condor divino,  
-- Ou és cometa de cuja cauda enorme  
É multiforme

Só lágrimas de prata  
Ou mesmo se desata  
Um vagalhão de palmas, diamantino!!...  
Minh'alma oscila e até na frente sinto  
Medonho labirinto,  
Estúpida babel,  
E vou cair, revel  
No pélogo sem fim dos nadas materiais!...  
E como os racionais  
Eu fico a ruminar ainda umas idéias  
De erguer-te, o novo Talma  
Um trono singular, mas feito de -- Odisséias  
De brancas alvoradas,  
Olímpicas, nevadas,  
Dos êxtases magnéticos, nervosos de minh'alma!

## Índice

### SONETO

-- Os Trópicos pulando as palmas batem...  
Em pé nas ondas -- O Equador dá vivas!...

Ao estrídulo solene dos bravos! das platéias,  
Prosegues altaneira, oh! ídolo da arte!...  
-- O sol pára o curso p'ra bem de admirar-te  
-- O sol, o grande sol, o misto das idéias.

A velha natureza escreve-te odisséias...  
A estrela, a nívea concha, o arbusto... em toda a parte  
Retumba a doce orquestra que ousa proclamar-te  
Assombro do ideal, em duplas melopéias!

Perpassam vagos sons na harpa do mistério  
Lá, quando no proscênio te ergues imperando  
-- Oh! Íbis magistral do mundo azul -- sidério!

Então da imensidade, audaz vem reboando  
De palmas o tufão, veloz, febril, aéreo  
Que cai dentro das almas e as vai arrebatando!...

## Índice

### SONETO

Dizem que a arte é a clâmide de idéia  
A peregrina irradiação celeste,

E d'isso a prova singular já deste  
Sorvendo d'ela a divinal sabéia!.

Da “Georgeta” na feliz estréia,  
Asseverar-nos ainda mais vieste  
Que és um gênio, que te vás de preste  
Tornando o assombro de qualquer platéia!...

Sinto uns transportes fervorosos, ledos  
Quando nas cenas de sutis enredos  
Fulgem-te os olhos co'a expressão dos astros!...

E as turbas mudas, impassíveis, calmas  
Sentem mil mundos lhes crescer nas almas...  
Vão-te seguindo os luminosos rastros!...

## Índice

### SONETO

Um dia Guttemberg c'o a alma aos céus suspensa,  
Pegou do escopro ingente e pôs-se a trabalhar!  
E fez do velho mundo um rútilo alcançar  
Ao mágico clangor de sua idéia imensa!

Rolou por todo o globo a luz da sacra imprensa!  
Ruiu o despotismo no pó, a esbravejar...  
Uniram-se n'um lago, o céu, a terra, o mar...  
Rasgou-se o manto atroz da horrível treva densa!...

Ergueram-se mil povos ao som das melopéias,  
Das grandes cavatinas olímpicas da arte!  
Raiou o novo sol das fúlgidas idéias!...

Porém, quem lance luz maior por toda a parte  
És tu, sublime atriz, ó misto de epopéias  
Que sabes no tablado subir, endeusar-te!...

## Índice

### SONETO

É delicada, suave, vaporosa,  
A grande atriz, a singular feitura...  
É linda e alva como a neve pura,  
Débil, franzina, divinal, nervosa!...

E d'entre os lábios setinais, de rosa  
Libram-se pérolas de nitente alvura...  
E doce aroma de sutil frescura  
Sai-lhe da leve compleição mimosa!...

Quando aparece no febril proscênio  
Bem como os mitos do passado, ingentes,  
Bem como um astro majestoso, helênio...

Sente-se n'alma as atrações potentes  
Que só se operam ao fulgor do gênio,  
As rubras chispas ideais, ferventes!...

Índice

#### SONETO

Imaginai um misto de alvoradas  
Assim com uns vagos longes de falena,  
Ou mesmo uns quês suaves de açucena  
C'os magos prantos bons das madrugada!...

Imaginai mil cousas encantadas...  
O tímido dulçor da tarde amena,  
As esquisitas graças de uma Helena,  
As vaporosas noites estreladas...

Que encontrareis então em Julieta  
O tipo são, fiel da Georgeta  
Nos dois brilhantes, primorosos atos!...

E sentireis um fluido magnético  
Trêmulo, nervoso, mórbido, patético,  
Bem como a voz dos langues psicattos!...

Índice

#### SONETO

Parece que nasceste, oh! pálida divina,  
Para seres o farol, a luz das puras almas!...  
Parece que ao estridor, ao frêmito das palmas  
Exalças-te feliz a plaga cristalina!...

Parece que se partem, angélica Bambina,

As campas glaciais dos Tassos e dos Talmas,  
Lá quando no tablado as turbas sempre calmas  
Transmutas em vulcão, em raio que fulmina!...

E quando majestosa, em lance sublimado  
Dardejas do olhar, olímpico, sagrado  
Mil chispas ideais, titânicas, ardentes!...

Então sente-se n'alma o trêmulo nervoso  
Que deve ter o mar, fantástico, espumoso  
Nos grossos vagalhões, indômitos, frementes!!...

Índice

#### SONETO

Quando apareces, fica-se impassível  
E mudo e quedo, trêmulo, gelado!...  
Quer-se ficar com atenção, calado,  
Quer-se falar sem mesmo ser possível!.

Anda-se c'o a alma n'um estado horrível  
O coração completamente ervado!...  
Quer-se dar palmas, mas sem ser notado,  
Quer-se gritar, n'uma explosão temível!...

Sobe-se e desce-se ao país das fadas,  
Vaga-se co'as nuvens das mansões douradas  
Sob um esforço colossal, titânico!...

E as idéias galopando voam...  
Então lá dentro sem parar, ressoam  
As indomáveis convulsões do crânio!!...

Índice

#### SONETO

Lágrimas da aurora, poemas cristalinos  
Que rebentais das cobras do mistério!  
Aves azuis do manto auri-sidério...  
Raios de luz, fantásticos, divinos!...

Astros diáfanos, brandos, opalmos,  
Branças cecens do Paraíso etéreo,  
Canto da tarde, límpido, aéreo,

Harpa ideal, dos encantados hinos!...

Brisas suaves, virações amenas,  
Lírios do vale, roseirais do lago,  
Bandos errantes de sutis falenas!...

Vinde do arcano n'um potente afago  
Louvar o Gênio das mansões serenas,  
Esse Prodígio singular e mago!!...

Índice

JULIETA DOS SANTOS

Tu passas rutilante em toda a parse  
Oh! sol de nossa pátria, oh! sol da arte!...  
(Virgílio Várzea)

Quando eu te vi pela primeira vez no palco  
Avassalando as almas,  
N'um referver de palmas,  
Cheia de vida e cândido lirismo!  
Senti na mente uns divinais tremores...  
E louco e louco,  
A pouco e pouco  
Vi rebentar o inferno cataclismo!...

Mil pensamentos galoparam, céleres  
Por minha frente  
E do horizonte  
Quis arrancar os astros diamantinos,  
Para arrojá-los a teus pés mimosos  
E arrebatado,  
Fanatizado  
Por entre um mar de cintilantes hinos!...

Esse teu busto, a genial cabeça  
Tão bem talhada  
E burilada  
Com o escopro límpido da arte,  
Tem umas puras fulgurações suaves  
E a tu'alma  
Ardente ou calma  
Os corações arrasta por toda a parte!...

A encarnação tu és das maravilhas,  
A doce aurora,  
Branda e sonora  
Das teatrais e lucidas idéias!...  
Tens no olhar o filtro que arrebatava  
E és profética  
E magnética,

Possuis na voz o som das melopéias!...

És a escolhida pare as grandes lutes  
Esplendorosas  
E majestosas!...  
E sobre os débeis, delicados ombros,  
Bem como Homero a sua lira d'ouro,  
Resplandecente,  
Trazes pendente  
O Infinito enorme dos assombros!...

Quando apareces tudo ri e chore,  
Se endeusa, agita,  
Como que palpita  
N'uma explosão de férvidos louvores!  
E o potestado mais febril da terra  
Gagueja um bravo,  
E faz-se escravo  
O mais severo e nobre dos senhores!...

A Dejaset, uma Favart, Rachel,  
O João Caetano  
Como um arcano  
Imperscrutável, hórrido, terrível!...  
Quebram as louças sepulcrais e frias  
E te louvando  
Vão reinando...  
Dizem que é sonho, é mito, é impossível!

Oh! tu nasceste para suplantar, JULIETA  
Os grandes mundos,  
Os mais profundos  
D'ess'arte bela, magistral, divina!...  
E esse olhar tão expressivo e terno  
Já eletriza  
E cauteriza...  
É como um raio que a corações fulmina!...

Que sol é este, vão bradando os pólos,  
Tão sobranceiro,  
Que o brasileiro  
O vasto império confundindo está?!...  
Venham teólogos, venham sábios... todos  
Venham troianos,  
Venham germanos,  
Venham os vultos da Caldéia, lá!...

Oh! resolvi o mais atroz problema,  
Fundo mistério,  
Alto, sidério  
Do gênio altivo na criança, ali!...  
Vamos, natura, rasga o véu dos medos,  
Dizei ó mares,  
Falai luares,  
Sombras dos bosques, respondei-me aqui!...

Astros da noite, tempestades, ventos  
Erguei as vozes,  
Falai velozes  
N'um som estranho, n'um clangor audaz!...  
E respondi-me e explicai ao orbe  
Se essa menina,  
Que nos fascina  
É um fenômeno ou outro tanto mais!...

Tudo emudece na natura imensa  
E desde os Andes,  
Dos cedros grandes  
Ao verme, à pedra, às amplidões do mar!...  
Tudo se oculta na invisível raia  
No espaço a bruma,  
No mar a espuma  
Vão-se esgarçando também, a se ocultar!...

Tudo emudece na natura imensa  
Quando na cena  
Surges serena  
Como a visão das noites infantis!  
Dos olhos vivos dos que são teus adeptos  
Bem como prata  
Eis se desata  
A aluvião de lágrimas febris!...

É que tu tens esse poder superno  
Real, sublime  
Que até ao crime  
Faz arrastar o mísero mortal!  
É que tu és a embrionária horrível,  
Mística, ingente  
Que de repente  
Fazes de um ser estúpido animal!...

Tudo emudece na natura imensa  
Desde nos campos  
Os pirilampos  
Até as grimpas colossais do céu!...  
Tudo emudece e até eu JULIETA,  
Já delirante  
Vou vacilante  
Cair-te aos pés como um servil, um réu!...

Índice